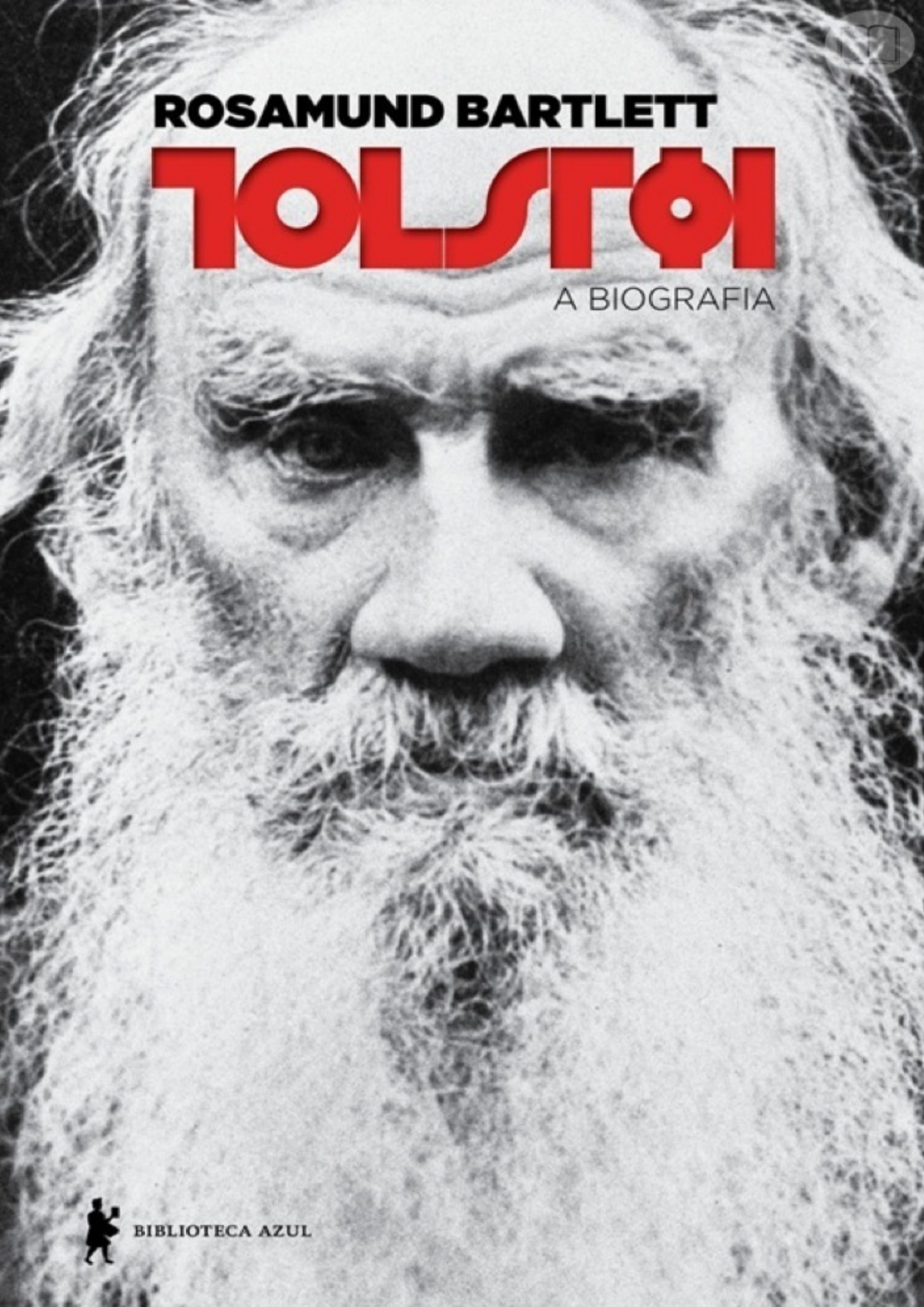


A high-contrast, black and white close-up portrait of Leo Tolstoy. He has a long, white beard and mustache, and his hair is also white and slightly disheveled. His eyes are deep-set and looking directly at the camera. The lighting is dramatic, with strong highlights on his beard and forehead, and deep shadows in his eyes and under his nose.

ROSAMUND BARTLETT

TOLSTOI

A BIOGRAFIA



BIBLIOTECA AZUL

CRONOLOGIA

- 1828 – Nasce em Iásnaia Poliana, província de Tula
- 1830 – Morte da mãe de Tolstói
- 1837 – O pai morre pouco depois da mudança da família para Moscou
- 1841 – Tolstói e os quatro irmãos se mudam para Kazan
- 1844 – Tolstói ingressa na Universidade de Kazan
- 1847 – Começa a escrever seus diários; retorna a Iásnaia Poliana sem concluir a graduação e toma posse de sua herança
- 1851 – Viaja para o Cáucaso na companhia do irmão, Nikolai, e alista-se no exército
- 1852 – Publica *Infância*
- 1854 – Recebe a patente de alferes e se transfere para Bucarest, depois para a Crimeia
- 1855 – “Sebastópolis em dezembro” é saudado com entusiasmo e confere a Tolstói a condição de celebridade nacional; chega a São Petersburgo e conhece pessoalmente Turguêniev e outros escritores
- 1856 – Morte do irmão Dmítri; dá baixa do exército
- 1857 – Primeira viagem à Europa Ocidental
- 1859 – Abre uma escola para os filhos dos camponeses em Iásnaia Poliana
- 1860 – Segunda visita à Europa Ocidental, para estudar pedagogia; morte do irmão, Nikolai
- 1861 – É nomeado juiz de paz depois da emancipação dos servos; abre mais escolas e funda uma revista educacional
- 1862 – Incursão da polícia secreta em Iásnaia Poliana enquanto Tolstói está em Samara; casa-se com Sófia Behrs
- 1863 – Começa a escrever *Guerra e paz* (publicado em 1869); nascimento do primeiro filho, Serguei
- 1871 – Compra uma propriedade na província de Samara
- 1872 – Publica sua *Cartilha* e reabre, por um curto período, a escola de Iásnaia Poliana

- 1873 – Começa a escrever *Anna Kariênina* (publicado em 1877)
- 1875 – Publicação da *Nova cartilha*
- 1877 – Torna-se devoto — visita o Mosteiro Optina Pustin
- 1878 – Reconciliação com Turguêniev; encontros com sectários em Samara
- 1879 – Renuncia à fé ortodoxa
- 1880 – *Confissão* (circula em cópias *samizdat* em 1882)
- 1882 – Apela ao tsar implorando clemência para os assassinos de Alexandre II
- Junção e tradução dos quatro *Evangelhos*
 - A família se muda para Moscou, onde passa os meses de inverno
- 1882 – *Crítica da teologia dogmática* (publicado em 1891)
- *Em que acredito* (circula em *samizdat* em 1884)
- 1883 – Conhece Vladímir Tchertkóv; *Evangelho resumido* publicado na França
- 1885 – Sônia assume a publicação dos primeiros textos de ficção de Tolstói
- Primeira tradução para o inglês de *Uma confissão* e *Em que acredito*
- 1886 – *Então, o que devemos fazer?*; *A morte de Ivan Ilitch*; *O poder das trevas*
- Primeiras traduções inglesas de *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*
- 1887 – *Sobre a vida* (primeira publicação em francês em 1889)
- 1888 – Nasce o último filho de Tolstói, Ivan
- Nasce o primeiro neto de Tolstói (filho de Ilia e Sônia)
- 1889 – *A sonata a Kreutzzer* circula imediatamente em *samizdat*
- A irmã de Tolstói, Macha, torna-se freira
- 1890 – Após audiência com o tsar Alexandre III, Sônia obtém permissão para publicar *A sonata a Kreutzzer*; Tolstói é anatematizado
- 1891 – Renuncia aos direitos autorais sobre suas obras e divide suas posses e propriedades entre a esposa e os filhos. A essa altura, já se tornou vegetariano e abstêmio e abandonou o hábito de fumar e caçar
- 1892 – Campanha de assistência humanitária às vítimas da fome na província de Riazan
- 1893 – *O reino de Deus está em vós* é imediatamente publicado em tradução
- 1894 – Morte do primeiro “mártir” tolstoísta; primeiros encontros com os *Dukhobors*
- 1895 – Morte de Ivan Tolstói, pouco antes de completar sete anos; Tolstói começa a praticar ciclismo
- 1896 – A primeira colônia tolstoísta é fundada na Inglaterra
- 1897 – Tchertkóv parte para o exílio na Inglaterra; funda uma editora para

publicar textos de Tolstói

1898 – *O que é arte?*

1899 – *Ressurreição* (os royalties do romance custeiam a emigração dos *Dukhobors* para o Canadá)

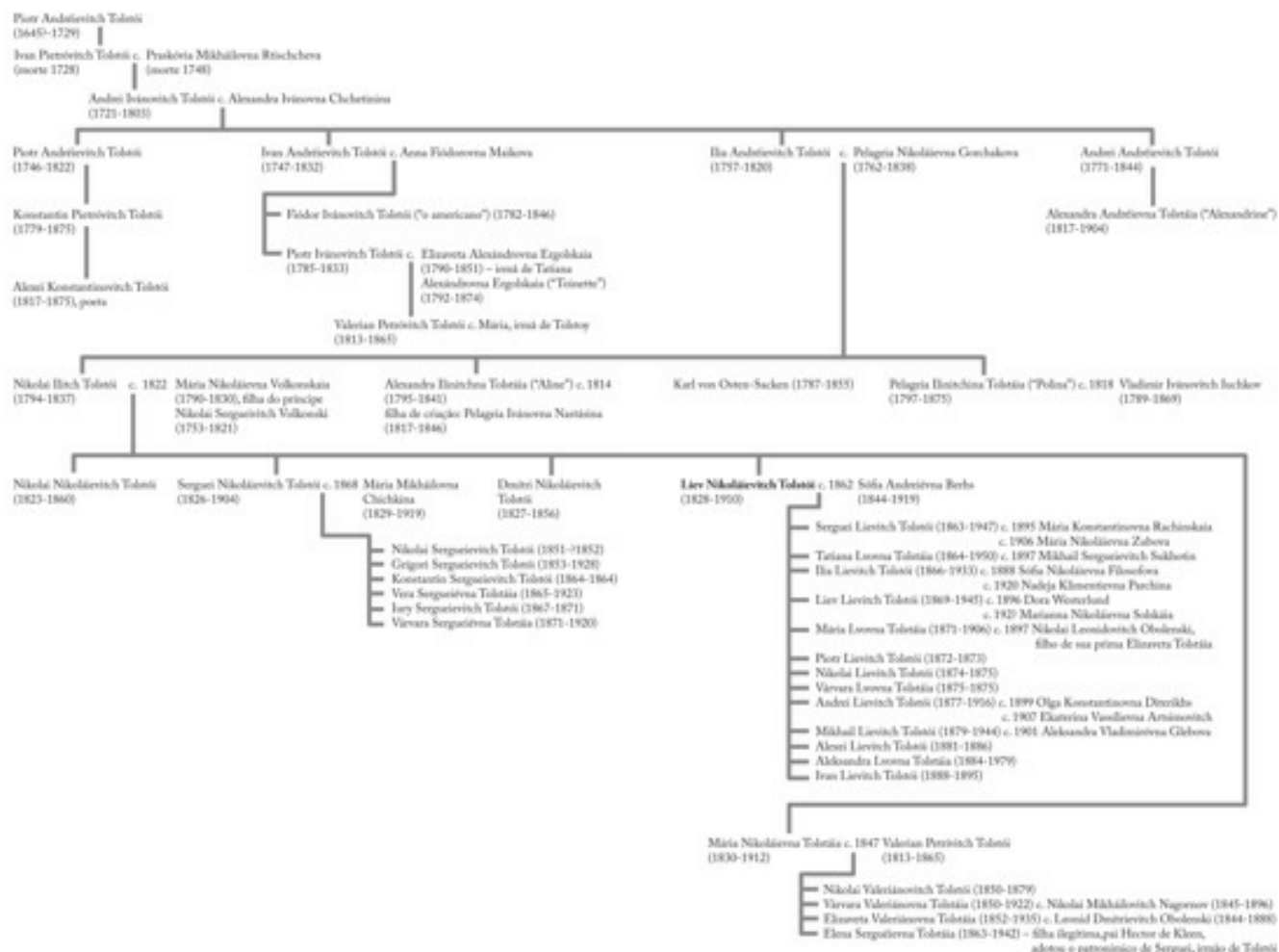
1901 – Excomunhão

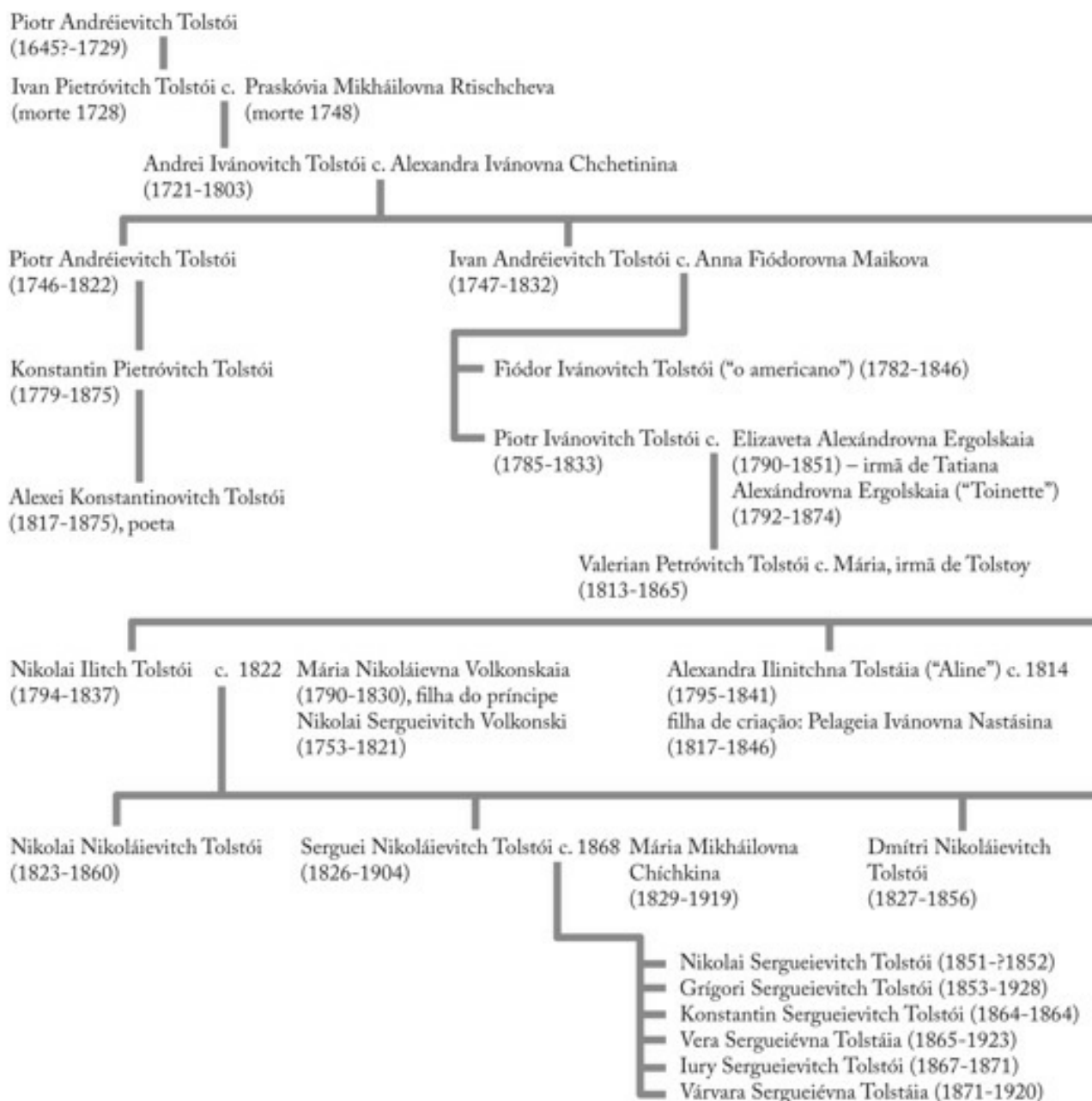
1902 – Recupera-se de uma grave doença na Crimeia

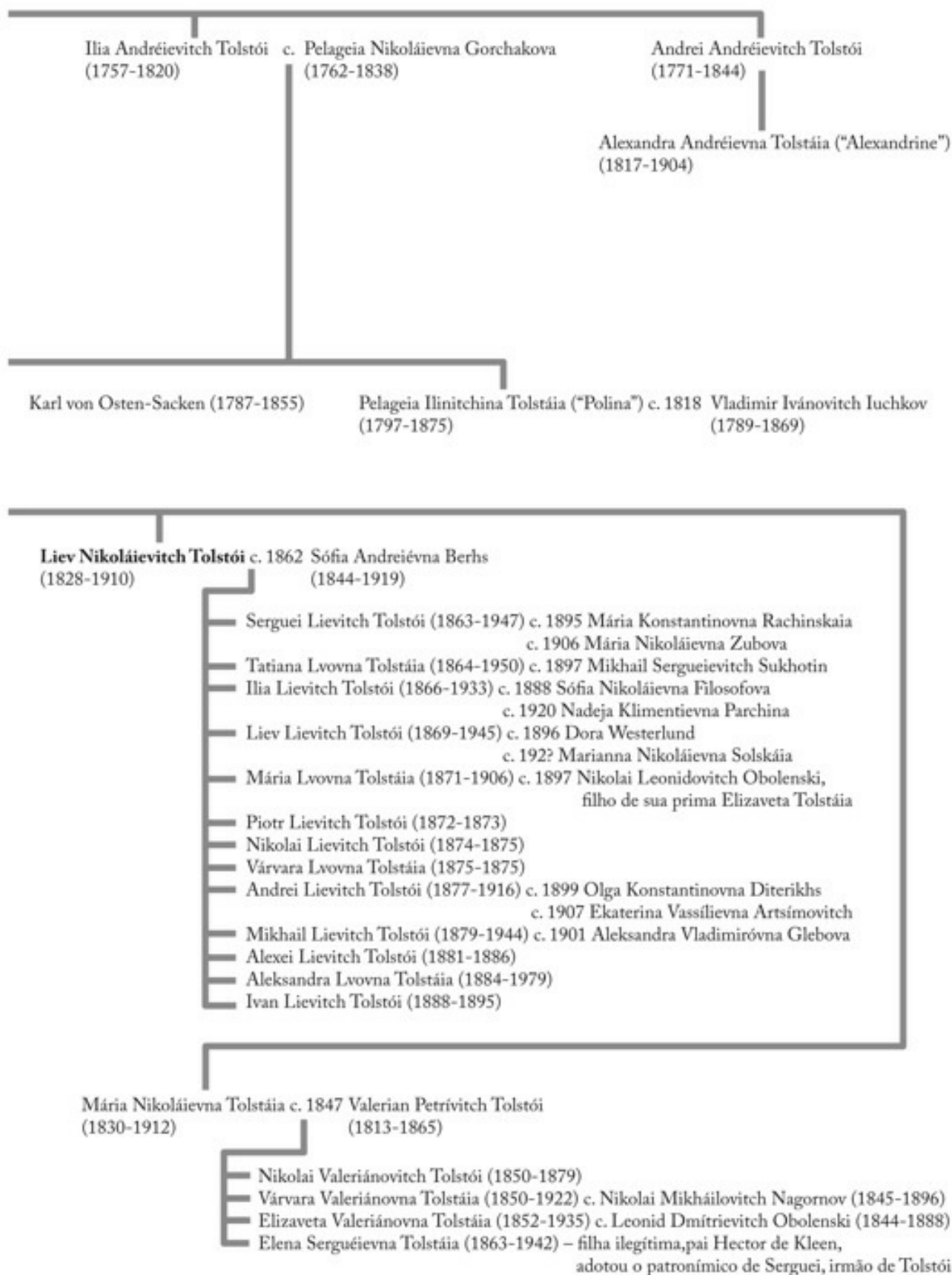
1904 – Tchertkóv recebe autorização para retornar do exílio

1908 – *Não posso me calar!*

1910 – Morre na estação ferroviária de Astápovo

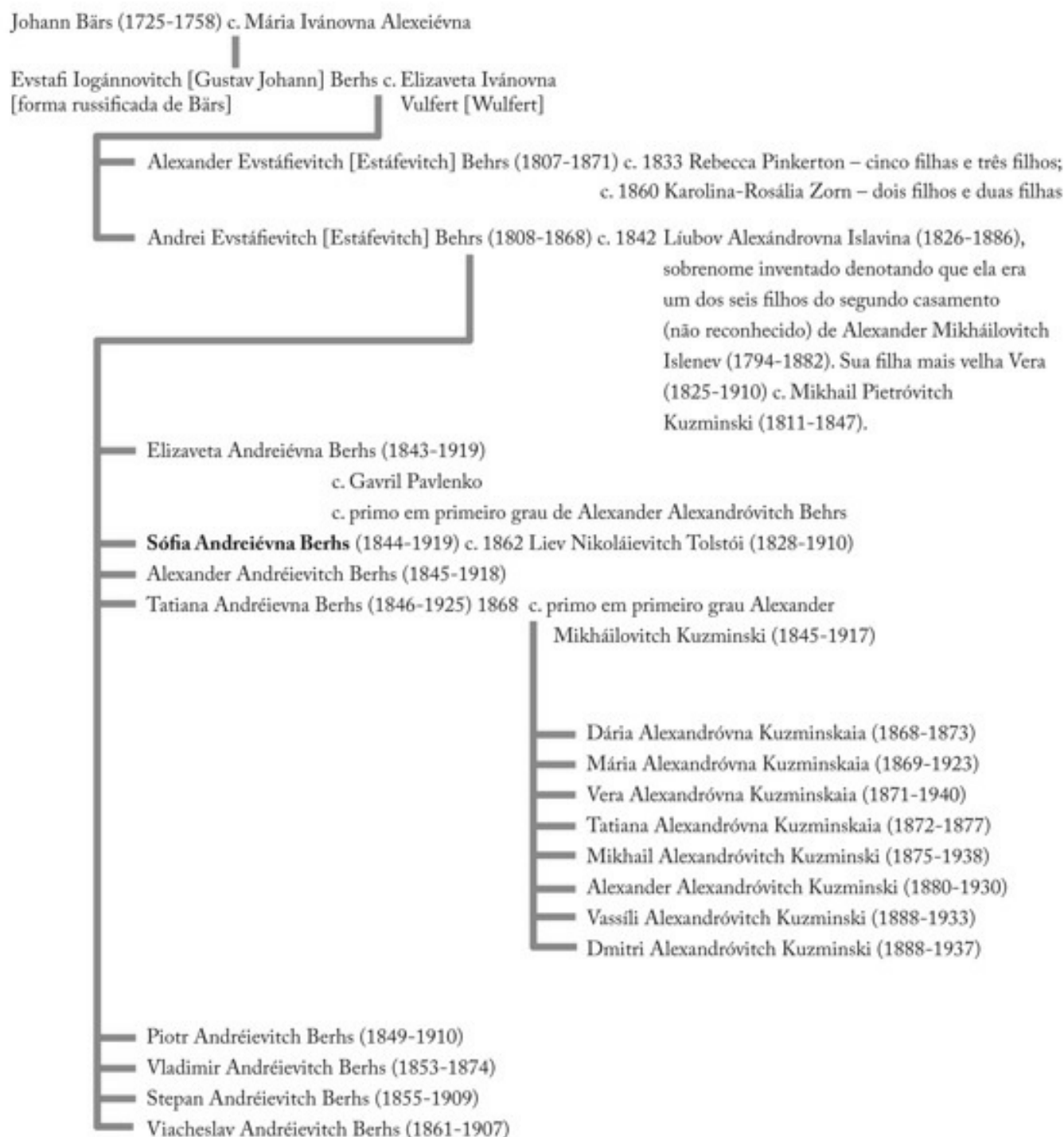






ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA TOLSTÓI

Nota: as árvores genealógicas das famílias Tolstói e Berhs aqui reproduzidas não são exaustivas, e visam principalmente esclarecer a origem familiar e a cronologia dos antepassados e descendentes de Tolstói e sua esposa Sónia.



ARVÓRE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BERHS

O Império Russo durante o reinado de Nicolau II





INTRODUÇÃO

EM JANEIRO DE 1895, no auge do rigor do inverno russo, Liev Nikoláievitch Tolstói saiu de Moscou para passar alguns dias na propriedade rural de velhos amigos. Ele acabara de ter outra acalorada rusga com a esposa por causa da publicação de uma nova narrativa, estava se sentindo sufocado na cidade e queria espairar vestindo seu velho casaco de couro e seu chapéu de pele e fazendo longas caminhadas em meio à brisa límpida e gelada, bem longe das pessoas e do meio urbano. Seus anfitriões tinham se dado ao trabalho de mandar limpar as trilhas da fazenda, mas Tolstói não gostava de andar em veredas bem cuidadas e demarcadas. Mesmo já quase septuagenário, ele preferia as longas marchas no ermo, e por isso invariavelmente se aventurava além da cerca do jardim e andava a passos largos na neve funda, na primeira direção a que seus olhos o levassem. Certa noite, os mais jovens da casa dos anfitriões tiveram a ideia de seguir as pegadas de Tolstói, mas tiveram de desistir, ao constatar que era muito grande a distância entre os buracos deixados na neve macia pelas botas de feltro do escritor.

Entre os contemporâneos de Tolstói, era bastante comum a sensação de não serem capazes de acompanhá-lo, uma vez que ele deixava pegadas gigantes em todas as áreas de sua vida. Depois de contrair enormes dívidas de jogo na juventude, época em que concebeu ideais ambiciosos e fracassou na tentativa de viver à altura deles, Tolstói passou a escrever romances extremamente longos e gerou mais de dez filhos. Quando saía para cavalgar com os filhos homens, eles mal conseguiam acompanhá-lo. Depois, veio a tornar-se o líder moral da nação, e um dos homens mais famosos e influentes do mundo. A tendência para o monumental e para a grande escala sempre foi uma característica marcadamente russa, desde os tempos de Ivan, o Terrível, que ergueu um vasto império multiétnico conquistando três canados mongóis no século xvi. Pedro, o Grande, consolidou a tradição elevando o espaço à principal qualidade distintiva de sua nova capital, São Petersburgo, que brotou em tempo recorde em meio aos pântanos finlandeses. Quando Catarina, a Grande, morreu no final do século

xviii, a Rússia tinha se tornado também tremendamente rica. Seus aristocratas podiam dar-se ao luxo de construir palácios suntuosos e reunir extravagantes coleções de arte, bem mais imponentes do que seus congêneres ocidentais, com quem seu estilo de vida rivalizava em ostentação. Mas a pobreza russa também era colossal, perpetuada por um desumano sistema de castas em que uma ínfima minoria da nobreza ocidentalizada regia uma população de servos agrilhoados obrigados a viver em condições degradantes. Tolstói era a um só tempo o produto dessa cultura e talvez sua expressão mais distinta.

Muitas pessoas que conheceram Tolstói notaram sua hipersensibilidade. Ele era como uma flor de girassol em sua aguda receptividade às mais ínfimas gradações da experiência física e emocional, e é sua inigualável capacidade de observar e articular em obra criativa esses detalhes do comportamento humano que faz com que sua prosa seja tão envolvente. A consciência de seus personagens é ao mesmo tempo particular e universal. Tolstói também era hipersensível em outro aspecto, pois em diferentes períodos de sua vida ele personificou uma miríade de arquétipos russos, do “nobre arrependido” ao “santo louco”. Somente a Rússia poderia ter produzido um escritor como Tolstói, mas somente Tolstói pode ser equiparado ao mesmo tempo tanto a um tsar quanto a um camponês. Desde que nasceu, no seio de uma família aristocrática nos idílicos arredores de Iásnaia Poliana, seu lar ancestral, ao dia em que de lá saiu pela última vez aos 82 anos de idade, Tolstói viveu uma vida profundamente russa. Ele começou a ser identificado com seu país logo depois de publicar o épico nacional *Guerra e paz*, ainda aos 34 anos de idade. Mais tarde, foi comparado a Ilia Muromets, o mais famoso *bogatyr* russo — um guerreiro medieval semimítico, que nasceu paralítico e até os 33 anos de idade não conseguia sequer se mover, mas depois realizaria grandes façanhas defendendo o reino. Ilia Muromets é o tradicional símbolo de força física e espiritual da Rússia. Aos olhos de muitos de seus admiradores estrangeiros, Tolstói também é sinônimo de Rússia. “Ele é parte tão integral da Rússia, tão representativo do caráter russo e tão profético do desenvolvimento russo quanto o próprio Krêmlin”, escreveu Sir Henry Norman, político liberal inglês, pouco depois de visitar Tolstói em 1901. Já para o escritor austríaco Stefan Zweig, Tolstói não tinha “um rosto próprio; ele possui a face do povo russo, porque nele a Rússia toda vive e respira”.

Tolstói viveu uma vida russa, e viveu muito mais vidas do que a maioria dos russos, revelando tanto o “dionisismo natural” quanto o “ascetismo cristão” que

o filósofo Nikolai Berdiaev define como as características do povo russo. Antes de mais nada, Tolstói viveu a vida de sua classe privilegiada, foi educado com refinamento por tutores estrangeiros e tinha inúmeros servos à disposição. Tornou-se um abastado proprietário de terras aos dezenove anos, e imediatamente começou a dar mostras da tendência russa ao exagero, dissipando sua herança com cantores ciganos e jogatina. Vilarejos inteiros — e depois sua casa — foram vendidos para saldar suas dívidas. Tolstói também fez jus à reputação de latifundiário depravado, tirando proveito de sua posição para abusar das servas, e depois assumiu outra das identidades clássicas do nobre russo: tornou-se oficial do exército. Para a maior parte de seus camaradas militares, o passo seguinte seria a aposentadoria e o recolhimento em alguma propriedade rural, mas Tolstói tornou-se escritor — o mais promissor jovem autor de sua geração. Nesse momento, começou a dar sinais de anarquismo latente: não quis pertencer a nenhuma fraternidade literária em particular e, em virtude de suas ideias excêntricas e de sua natureza combativa, não demorou muito para se indispor com a maioria de seus colegas de ofício. Turguêniev desapontou Tolstói por não levar a escrita tão a sério quanto ele e por ser excessivamente submisso à Europa Ocidental. A obra criativa de Turguêniev tinha ligação tão estreita com a Rússia quanto a de Tolstói, mas o autor de *Pais e filhos* vivia em Paris. Tolstói viajou duas vezes ao exterior, mas estava enraizado de corpo e alma na Rússia.

À medida que foi amadurecendo sob a influência dos escritores e filósofos que moldaram suas ideias, Tolstói inevitavelmente tornou-se membro da *intelligentsia*, a classe inerentemente russa de pessoas unidas por sua educação e sua postura geralmente crítica com relação ao governo. Além disso, a profunda culpa que ele agora sentia em relação ao campesinato russo fez dele um nobre arrependido, envergonhado por sua cumplicidade na imoral instituição da servidão. Como os populistas, Tolstói começou a ver os camponeses como a melhor das classes sociais da Rússia e o futuro do país, e quando a servidão foi por fim abolida ele se lançou à tarefa de ensinar as crianças camponesas a ler e a escrever. Mas era um homem de temperamento mercurial, e um ano depois abandonou sua rede de escolas informais para se casar e constituir família. A estabilidade emocional propiciada por sua devotada esposa Sófia (Sônia) Berhs deu a ele condições de se tornar o Homero da Rússia: *Guerra e paz* foi escrito no período mais feliz de sua vida.

A consciência hiperativa de Tolstói não permitiu que ele seguisse o caminho

de grande romancista, e na metade da década de 1870 o autor de *Guerra e paz* retomou o trabalho educacional. Dessa vez ele desenvolveu seu próprio sistema de alfabetização e compôs cartilhas e livros de leitura para ensinar crianças russas de todas as classes sociais a ler e a escrever. Tolstói aprendeu grego antigo sozinho, depois escreveu suas próprias traduções simplificadas das fábulas de Esopo, bem como historietas de lavra própria, uma compilação de contos sobre *bogatyr*s russos e passagens de leituras sacras. A escola de Iásnaia Poliana foi reaberta, e alguns dos filhos mais velhos de Tolstói atuavam como professores. Durante esse período, mais do que em qualquer outra época de sua vida, Tolstói foi um pai dedicado, e levou a família para passar pouco ortodoxas férias de verão numa propriedade recém-adquirida na estepe de Samara, entre *bachkires*^[1] e cavalos. Ele se deleitava com aquele estilo de vida tosco e primitivo, sentimento que não era compartilhado por sua esposa.

Na segunda metade da década de 1870, tudo começou a se desenredar. Em 1873, ano em que começou a escrever *Anna Kariênina*, Tolstói falou abertamente pela primeira vez em nome do campesinato pobre e fez um apelo de âmbito nacional, pedindo ajuda em face da penúria e da fome iminentes. *Anna Kariênina*, ambientado na Rússia de seu tempo, reflete a busca de respostas empreendida pelo próprio Tolstói diante da depressão, da crise espiritual, do temor da morte e das ideias suicidas. Inicialmente, Tolstói encontrou consolo e sentido na fé religiosa e tornou-se um dos milhões de peregrinos que cruzavam a Rússia a caminho dos monastérios santos. Como muitos outros de seus colegas intelectuais, Tolstói foi atraído para os eremitas do Mosteiro Optina Pustin — monges que haviam se afastado da hierarquia eclesiástica ressuscitando as tradições ascéticas dos primeiros Pais da Igreja, e que eram reverenciados por sua sabedoria espiritual. Contudo, descobriu que a maior sabedoria estava nos camponeses, e da segunda vez que foi a Optina Pustin, por lá caminhou usando roupas de camponês e sapatos de palha, como um *strannik* (“errante”, “peregrino”). Os membros da seita dos *stranniks* passavam a vida peregrinando a pé de um mosteiro a outro, vivendo de esmolas. O espírito nômade está entranhado na Rússia, e com o passar do tempo Tolstói passou a desejar ardentemente juntar-se a eles. Ele já começara havia muito a usar roupas de camponês, mas logo quis também abdicar de seu dinheiro e distribuir suas propriedades.

Da extrema devoção, Tolstói passou ao extremo niilismo. No fim da década

de 1870, ele começou a ver a luz, e sua jornada espiritual ganhou a forma de um livro de grande fôlego chamado *Confissão*. O escritor empreendeu também uma investigação crítica da teologia ortodoxa russa e realizou uma “nova e aperfeiçoada” tradução dos quatro Evangelhos. Ao longo da década de 1880, Tolstói tornou-se um apóstolo da doutrina cristã que resultou de sua revisão profunda e completa das fontes originais; ao mesmo tempo, sua fé recém-descoberta o incitava a se manifestar contra a imoralidade que ele agora via em todas as instituições estatais, da monarquia para baixo. A vida doméstica de Tolstói agora ficara bastante tensa, particularmente depois que ele renunciou aos direitos autorais de todos os seus textos novos e distribuiu entre a família todas as suas propriedades. Entre as diversas seitas não oficiais que proliferavam por toda a Rússia, e cujos seguidores eram em sua maioria camponeses, Tolstói encontrou espíritos afins ao seu e, gradualmente, tornou-se ele próprio o líder de uma nova seita, cujos seguidores, contudo, eram em sua maioria gente como o próprio Tolstói: membros da pequena nobreza com peso na consciência. Esses “tolstoístas” às vezes competiam entre si para ver quem levava a vida moralmente mais pura, abrindo mão de dinheiro e propriedades, ganhando o pão com o suor do próprio rosto e tratando todas as pessoas como “irmãos”. Foi assim que, em certo verão, um tolstoísta mais fervoroso chegou a abrir mão de sua túnica, chapéu e sapatos de palha, feliz por não ser mais escravo de seus bens materiais.

No final da década de 1890, Tolstói já era o homem mais famoso da Rússia, celebrado por diversos tratados e panfletos — escritos em tom contundente e explosivo — que formulavam suas ideias e opiniões sobre o cristianismo, a Igreja Ortodoxa e o governo russo, textos que eram lidos com avidez ainda maior justamente por terem sido censurados e proibidos: circulavam largamente no esquema de *samizdat*.^[2] Foi quando Tolstói encabeçou uma campanha de ajuda humanitária, durante a grande fome de 1892, que sua posição como a maior autoridade moral russa tornou-se incontestável. O resultado foi o afluxo constante de uma multidão de visitantes diante de sua porta em Moscou, muitos deles querendo simplesmente apertar sua mão. Entre eles, estava um jovem de 23 anos, Sierguiêi Diaghilev, que um dia apareceu — com característica afronta, acompanhado de seu primo — e imediatamente notou a incongruência entre os trajes camponeses de Tolstói e suas “maneiras cavalheirescas de falar e de se portar”. Tolstói tinha ido para casa descansar alguns dias, depois de um período

trabalhando numa campanha de auxílio humanitário emergencial contra a fome na província de Riazan, e falou com os jovens e sofisticados estetas de São Petersburgo sobre sopões comunitários. Dhialigev compartilhou com a mãe as impressões que teve do escritor:

Quando saímos à rua, nossas primeiras palavras foram exclamações: “Mas ele é um santo, é mesmo um santo!”. Ficamos tão comovidos que quase fomos às lágrimas. Havia algo de tão inexprimivelmente sincero, tocante e sagrado na pessoa do grande homem. É engraçado que mesmo muito tempo depois ainda podíamos sentir o cheiro da barba, que tínhamos tocado quando o abraçamos.

Em suas últimas décadas de vida, Tolstói recebia milhares de visitantes e tinha a reputação de quase nunca se recusar a receber quem quer que fosse. Não demorou muito para que ficasse conhecido como o “Ancião de Iásnaia Poliana”.

Ao longo da vida, Tolstói recebeu mais de cinquenta mil cartas, das quais nove mil vieram do exterior. Com a ajuda da eminência parda do movimento tolstoísta, Vladimir Tchértkov, que se incumbia de recrutar secretários e secretárias, Tolstói se esforçava ao máximo para responder ao maior número possível de cartas (há 8.500 cartas impressas em suas *Obras completas*, e deve ter havido muitas mais). Herdeiro de uma proeminente família nobre, Tchértkov tornou-se amigo de confiança de Tolstói e supervisionou a edição de seus textos tardios. A família de Tolstói invariavelmente sentia-se negligenciada. Sua esposa, Sônia, assumia o fardo das responsabilidades domésticas e da administração da propriedade, ocupando-se, quase como mãe solteira, da educação dos oito filhos, alguns dos quais bastante indisciplinados. Ela também se encarregava da árdua tarefa de publicar os textos antigos do marido, o que garantia à família alguma renda, mesmo que essa lucrativa iniciativa fizesse Tolstói sofrer. Não era fácil ser membro da família Tolstói. Em 1892, Sônia escreveu ao marido: “Tânia disse a alguém em Moscou, ‘Estou tão cansada de ser filha de um pai famoso’. E eu estou cansada de ser a esposa de um marido famoso, posso assegurar”.

A fama de Tolstói aumentou ainda mais quando ele publicou seu último romance, *Ressurreição*, iniciado anos antes, e cujos direitos encaminhou para ajudar os *dukhobors* [\[3\]](#) — membros de uma seita religiosa cristã cujas ideias o escritor admirava — a emigrarem para o Canadá, onde lhes foi oferecida uma região despovoada em que poderiam professar suas crenças livremente, sem a perseguição do governo. Exasperada com a virulenta sátira que Tolstói faz de uma missa em um dos capítulos do romance, a Igreja Ortodoxa Russa por fim o

excomungou, e assim Tolstói se juntou à ilustre galeria de apóstatas russos — rebeldes como Stenka Razin e Emelian Pugachev. Em virtude de sua fama, Tolstói tinha condições de fazer o que pouquíssimas outras pessoas na Rússia podiam: expressar abertamente suas opiniões. O governo era impotente para detê-lo, pois caso o célebre escritor fosse preso ou exilado haveria um escândalo internacional. Tolstói se aproveitava da situação comportando-se como um “santo louco”, o que lhe permitia falar francamente com o tsar sobre o fracasso do soberano no papel de líder da nação. Era disseminada a noção de que Tolstói era o “verdadeiro” tsar.

Ao longo de seus 82 anos, Tolstói viveu muitas vidas, mas no rol de arquétipos russos há algumas exceções dignas de nota. Ele nutria uma longa aversão, por exemplo, pelos comerciantes, que formavam uma classe à parte na sociedade russa, e um desprezo igualmente aristocrático pelos *chinovnik*, representantes da burocracia imperial, e pelos *raznochinets*, os membros “de classes mistas” da *intelligentsia* que vinham de origens sociais mais baixas e eram via de regra “ocidentalistas” radicais, ávidos pela luta por reformas sociais. Tolstói tampouco era um “Oblómov” — o mais famoso personagem de Ivan Gontcharóv, que, apático, demora vários capítulos simplesmente para sair da cama. A despeito de todos os seus esforços, Tolstói jamais conseguiu adquirir a primordial virtude russa da humildade, que Oblómov manifesta sem esforço algum. Embora não seja russa, há ainda outra vida que poderíamos acrescentar à lista: Tolstói é visto quase como um checheno honorário. O pequeno Museu Tolstói em Starogladkovskaia, base militar onde Tolstói esteve aquartelado na década de 1850, foi o único museu em território checheno a não fechar durante a guerra mais recente com a Rússia, ao passo que o Museu Nacional, em Grózni, foi profanado. A estátua de Tolstói em frente ao museu também permaneceu intacta.

Tolstói é admirado pelos chechenos por ter feito amizade com eles durante sua temporada no Cáucaso (fato bastante incomum em se tratando de oficiais russos, que tendiam a tratar os nativos com desprezo), e por ter escrito sobre eles com tintas favoráveis. De acordo com o trineto de Tolstói, Vladimir Ilitch, que em 1994 se tornou diretor do Museu Iásnaia Poliana, “O povo checheno julga que Tolstói escreveu com veracidade sobre os eventos lá ocorridos e sobre o caráter dos povos montanhese, sua luta pela independência e pela liberdade e sobre suas particularidades religiosas e étnicas”. Salavdi Zagibov, que em 2008

sucedeu seu pai no cargo de diretor do Museu Tolstói, em Starogladkovskaia, também notou semelhanças entre as doutrinas pacifistas de Tolstói e do líder sufi do século XIX, Kunta Hadji, pastor checheno. O Museu de Starogladkovskaia foi reaberto em dezembro de 2009, depois de reformas custeadas pela fundação pessoal de Ramzan Kadirov, presidente da Chechênia.

Ainda que seja universalmente considerado um dos maiores escritores do mundo, Tolstói continua sendo uma figura contraditória e polêmica. Seu casamento já estava em grave crise quando conheceu Vladimir Tchértkov, mas foi sua submissão ao dedicado amigo que fez com que uma situação que já era péssima se deteriorasse definitivamente no seu último ano de vida. Por causa da influência de Tchértkov sobre o espólio de Tolstói, de início a versão que Vladimir tinha dos eventos prevaleceu sobre as vozes dissidentes, levando a melhor especialmente com relação à visão da viúva do escritor, a quem Tchértkov tinha substituído nas afeições. A publicação, em 2006, de uma coleção de artigos acadêmicos dedicados à memória de Sônia, e, em 2010, da primeira biografia russa de Sófia Tolstáia dão testemunho das profundas mudanças de atitude que prontamente se seguiram ao colapso da União Soviética.

Sônia pode ser perdoada por ter ficado paranoica e histérica no último ano de vida do marido. E, em grande medida, ela pode ser perdoada porque seu marido a tratava muito mal, a julgar por todos os relatos. Os pontos fortes de Tolstói eram também suas fraquezas, e sua atitude com relação ao sexo feminino em geral não é nada admirável. Sônia não aderiu ao vegetarianismo, como fizeram Tolstói e as filhas do casal, e tampouco queria abrir mão de seu dinheiro e doar suas propriedades; ela queria apenas manter o estilo de vida confortável a que estava acostumada. Sônia era uma mulher talentosa que, de maneira abnegada, deixou de lado todos os interesses que poderia ter cultivado para continuar dando à luz os filhos que o marido queria e para ajudá-lo como uma espécie de copista e secretária particular. Por muitos e muitos anos, ela auxiliou e cuidou de um homem cujo ego o cegava para as necessidades de sua própria família; era injusto da parte de Tolstói esperar que ela o seguisse mansamente em sua busca de uma vida mais ascética e espiritualmente iluminada pelo simples fato de que ele decidira que era hora de mudar. Contudo, ela também tinha defeitos, e sua rigidez a impediu de ver que podia ser tão controladora quanto Tchértkov.

Tolstói teve seu quinhão de detratores. Um dos mais eloquentes e

espirituosos é Alexander Boot, admirador do Tolstói artista, mas também autor de críticas ácidas e destrutivas sobre o Tolstói pensador:

Ele desejava ser mais que um romancista, ainda que genial. Ele desejava ser mais do que um profeta ou vidente, embora isso pudesse ter sido um bom começo. Ele queria ser Deus [...]. Ele queria corrigir os erros de Deus por ter permitido que o mundo se tornasse imperfeito e pecaminoso. Ele, conde Tolstói [...] estava determinado a usurpar o emprego de Deus. Mas o emprego já tinha dono, e a deidade teimou em se manter agarrada ao cargo. Por isso, Tolstói declarou guerra contra Deus e lutou com todos os meios de que dispunha. Infelizmente, embora tenha tentado diversas estratégias de ataque, todas camufladas sob o disfarce da verborragia pseudocristã, Tolstói acabou perdendo. Como vingança, de fato negou Deus, o Pai, ignorou Deus, o Filho, e rejeitou Deus, o Espírito Santo. Era inadmissível que alguém pudesse derrotar Tolstói e sair impune.

Boot reconhece o enorme impacto de Tolstói em movimentos da Era Moderna, tais como o vegetarianismo, o anticapitalismo e a defesa dos direitos dos animais, e seus argumentos são convincentes, embora também seja preciso levar em conta o fato de que a filosofia da não violência preconizada por Tolstói foi reverenciada por Gandhi, Wittgenstein e Martin Luther King. Ademais, ver Tolstói principalmente como artista e pensador é negligenciar seu trabalho humanitário.

Além de suas grandes obras ficcionais, talvez o maior legado de Tolstói tenha sido seu impacto na vida russa durante sua vida. Mesmo que não tivesse deixado uma obra literária, Tolstói poderia ser louvado por sua tentativa de melhorar os níveis de alfabetização em um país em que, no final do século XIX, uma porcentagem ínfima da população sabia ler e escrever; por promover ações humanitárias para atenuar o desastre nacional que era a fome; e por ter a coragem de falar algumas verdades sobre um regime corrupto, complacente e insensível à pobreza de seus súditos. Inúmeras pessoas se aproximavam de Tolstói com reservas, mas se convenciam de sua sinceridade. Alguns dos filhos de Tolstói se esforçaram para fazer o contrário daquilo que seu pai praticava, mas suas filhas eram devotadas a ele. E há algo de tocante em seu incansável gosto pela vida, por mais obstinadas que fossem suas ideias.

A maior tarefa com que se depara um biógrafo de Tolstói é o desafio de compreender um homem que foi verdadeiramente sobre-humano. E foi uma tarefa a que o próprio Tolstói se lançou desde o momento em que começou a escrever diários, no final da adolescência, hábito que jamais abandonou, especialmente em seus últimos anos de vida. Tolstói nunca parou de tentar

entender a si mesmo em sua escrita, fosse por meio da esfera pública de seus personagens ficcionais, fosse na esfera semiprivada das anotações em seus diários. De fato, como sugeriu a estudiosa Irina Paperno, ele parece ter desejado amplificar a extraordinária façanha levada a cabo em sua ficção — a de articular processos latentes e ostensivamente psicológicos — ao “se transformar em livro” em seus diários. Se a tentativa de abarcar e descrever a evolução de sua consciência era um projeto fadado ao fracasso, como tantos sonhos utópicos russos, a própria infinitude da empreitada é, todavia, uma reafirmação da humanidade de Tolstói.

A tarefa de mapear a jornada artística e intelectual de Tolstói se mostrou um empreendimento colossal também para os maiores especialistas russos no autor de *Anna Kariênina*. É sintomático que o portentoso catatau biográfico de vários volumes que seu antigo secretário Nikolai Gusev iniciou na década de 1950 seja modestamente intitulado *Materials for a Biography* [Subsídios para uma biografia]. Gusev morreu aos 85 anos de idade, em 1967, sem concluir a obra, e sua pupila Lídia Gromova-Opulskaia assumiu o bastão. Embora tenha acrescentado dois volumes aos quatro de Gusev, ela também morreu antes de completar a empreitada, deixando ainda por escrever os últimos dezoito anos de vida de Tolstói (antes de falecer em 2003, a eminente acadêmica lançou a edição definitiva da obra completa reunida de Tolstói, em cem volumes). Embora sejam escassas as fontes sobre os primeiros anos de vida de Tolstói, o que eventualmente obriga o pesquisador a confiar nas memórias por vezes erráticas e incompletas do escritor, compiladas já na velhice, a abundância de fontes acerca dos últimos anos cria problemas de outra ordem para o biógrafo. A fama de Tolstói era tão grande que muitos episódios de sua “hagiografia” foram registrados e estabelecidos não somente enquanto ele ainda estava vivo, mas relativamente jovem: a primeira biografia foi publicada — em alemão — quando Tolstói tinha pouco mais de sessenta anos. Os inumeráveis clichês atrelados à *vita* de Tolstói — “o grande escritor da terra Russa”, o “Ancião de Iásnaia Poliana” — também podem intimidar o pesquisador, bem como as muitas contradições com que se debatia sua personalidade. A vida de Tolstói é rica e fascinante, mas também profundamente mitificada, inclusive por ele mesmo.

Nos primeiros anos de casamento, enquanto estava escrevendo *Guerra e paz*, Tolstói insistia em ter sua jovem esposa por perto, e por isso Sônia invariavelmente se enrodilhava aos pés do marido no tapete de pele de urso —

um troféu de caça — junto à sua mesa de trabalho. Mais tarde, ele passou a trabalhar em reclusão, mas, ao longo dos muitos anos em que foram marido e mulher, os Tolstói liam os diários um do outro, o que significa que suas confissões jamais podiam ser realmente privadas. No caso de Sônia, foi nas cartas que escreveu à irmã Tânia que se expressou de forma mais sincera e espontânea; a escrita de seu diário era marcadamente insegura e artificial. Já para Tolstói, sempre ligado de maneira profunda à sua terra e aos que nela trabalhavam, havia desde o início aquela ânsia bastante russa de unidade, até o ponto em que as fronteiras entre o público e o privado por fim se embaralhavam. Tolstói levou uma vida russa.

ANCESTRAIS: OS TOLSTÓI E OS VOLKONSKI

A extraordinária beleza da primavera no campo este ano despertaria os mortos. A cálida brisa noturna fazendo as folhas jovens farfalhar nas árvores, o luar e as sombras, os rouxinóis voando acima, abaixo, ao longe e à mão, os sapos a distância, o silêncio e o ar perfumado e aromático — tudo isso acontecendo de súbito, não à hora habitual, é muito estranho e bom. Ainda há, pela manhã, a brincadeira de luz e sombras na grama alta e já verde-escura junto às bétulas na avenida, bem como os miosótis e as espessas urtigas, e tudo — em especial o balanço das bétulas na avenida — é exatamente igual ao que era no momento em que reparei pela primeira vez e comecei a amar essa beleza, sessenta anos atrás.

Carta a Sófia Tolstáia, Iásnaia Poliana, 3 de maio de 1897

“POR NASCIMENTO, educação e maneiras, papai era um verdadeiro aristocrata. Apesar do blusão de lavrador que ele invariavelmente usava, apesar de seu completo desprezo por todos os preconceitos da nobreza, ele era um cavalheiro, e continuou sendo até o fim de seus dias.” Assim um dos filhos de Tolstói, Ilia, resumiu aquela que talvez seja a maior das contradições na personalidade de um homem cuja vida toda foi repleta delas. Durante a maior parte de sua vida, Tolstói jamais questionou seu status de *barin* (proprietário de terras), e sentia orgulho de sua ascendência nobre. Ele continuou se comportando como um aristocrata muito depois de ter abdicado de seu título e começado a usar roupas de camponês, porque estava no seu sangue. “Embora usasse trajes de camponês, ele não tinha nem o aspecto nem as maneiras de um camponês. Nenhum mujique [camponês russo] tinha aqueles olhos penetrantes ou seu ar de superioridade”, escreveu o economista James Mavor ao refletir sobre seu encontro com o escritor de 71 anos de idade em 1899. Fosse por conta das palavras de alguém que via um camponês tostado de sol caminhando por uma estrada rural e notava que havia nele algo “em desacordo com suas vestes”, conforme comentou sua tradutora

norte-americana Isabel Hapgood, fosse pela maneira como Tolstói invariavelmente usava a forma polida de tratamento quando falava com as pessoas, o fato é que em sua conduta e seu porte sempre se manteve algo de desafiadoramente aristocrático.

Tolstói certamente compartilhava com sua família a profunda reverência pelos ancestrais. O escritor adorava os mitos em torno deles, e a sensação de que a eles estava vinculado ao longo das sucessivas gerações. De acordo com um especialista russo, o autor de *Anna Kariênina* estava inclusive convencido de que “existia antes de ter nascido, de que era o produto de todos os ancestrais que viveram muito antes dele”. Essa sensação de fazer parte de um *continuum* era sem dúvida profundamente importante para um escritor cuja vida estava ligada de maneira tão arraigada à história de seu país. Tolstói adorava também o fato de que o passado de sua família era uma lembrança constante no ambiente físico de Iásnaia Poliana, a propriedade rural onde passou a maior parte da vida, e que, segundo comentaria seu filho Lev, ele considerava “uma parte orgânica de si mesmo”. O adorado lar de Tolstói pertencia à família havia muitas gerações; ali ele nasceu e passou a primeira infância rodeado de retratos de família, móveis e relíquias de seus antepassados, e Iásnaia Poliana foi o único lugar em que se dizia realmente feliz. Nada mais adequado, portanto, que ele mesmo se tornasse parte orgânica de Iásnaia Poliana, sepultado em um bosque na fazenda. “Para mim é difícil imaginar a Rússia e minha atitude em relação à Rússia sem Iásnaia Poliana”, observou Tolstói em 1858, no início de um ensaio que planejava escrever sobre o verão anterior, que passara na fazenda. Ele explicou que sem Iásnaia Poliana até seria capaz de entender certas leis gerais sobre a Rússia, mas não a amaria com tamanha paixão, e que essa era a única forma de amor pela pátria que ele conhecia.

O culto de Tolstói por seus ancestrais, além de ter sido um emblema de orgulho, fundamental para seu próprio senso de identidade, também forneceu a inspiração para seus grandes romances. Seu duradouro interesse pela geração da Revolta Dezembrista de 1825, por exemplo, que serviu de inspiração para *Guerra e paz*, foi em parte estimulado por seu parentesco distante com Serguei Volkonski, um dos líderes da insurreição e herói da guerra contra Napoleão. Tolstói chegou a conhecer Volkonski pessoalmente em Florença, em 1860. Depois de ter sido anistiado por Alexandre II, Volkonski retornara havia pouco de seu exílio de trinta anos na Sibéria, e a essa altura já era idoso. Três anos depois,

quando Tolstói começou a escrever *Guerra e paz*, seus ancestrais tornaram-se os protótipos indispensáveis de muitos dos personagens centrais do romance, razão pela qual vale a pena retroceder várias gerações nosso estudo sobre a vida de Tolstói.

Em sua ficção, Tolstói tinha compromisso com a verdade, mas por alguma razão jamais submeteu sua história familiar à mesma aguda análise racional que aplicava à maior parte das outras coisas. Assim, até a velhice, continuou acreditando que sua família descendia de um imigrante alemão de nome Dick. Entre os livros de sua biblioteca, havia quatro volumes traçando a genealogia das mais importantes famílias aristocráticas russas, e Tolstói acreditava no que estava escrito — que seu primeiro ancestral chegara à Rússia na Idade Média, e que seu sobrenome era simplesmente uma tradução de *dick*, que em alemão significa “gordo”. Era isso que Tolstói dizia a visitantes estrangeiros curiosos sobre suas origens familiares, e que foi reproduzido em suas primeiras biografias. Evgeni Soloviov, por exemplo (cuja biografia era vendida por 25 copeques em 1894, quando Tolstói tinha 84 anos), explica que *tolsty* — a palavra em russo para “gordo” (com acento tônico na primeira sílaba) dera origem a *Tolstye* — “os Tolstói”. De *Tolstye* derivara então a palavra Tolstói, com acento tônico na segunda sílaba.

Não existe nenhuma evidência que sugira que esse suposto imigrante alemão, fundador da dinastia Tolstói, tenha de fato existido, nem de que na velha Moscóvia fosse prática aceita e corrente traduzir para o russo os sobrenomes estrangeiros. Contudo, na família Tolstói a crença em sua origem germânica fincou raízes profundas. Na década de 1840, “Der Dicke” era o epíteto com que supostamente Nicolau I se referia a um de seus generais, o conde Piotr Alexándrovitch Tolstói, parente distante de Liev Nikoláievitch, que serviu como embaixador em Paris nos anos cruciais que antecederam a invasão napoleônica. Talvez o tsar, ele próprio um germanófilo, tivesse a intenção de fazer um elogio à família Tolstói ao aludir à sua origem germânica. Mas talvez a explicação seja simplesmente o fato de que o venerável conde era bastante corpulento.

Em outra lenda que corria na família, teria sido um alemão chamado Indros o suposto fundador da dinastia Tolstói. De acordo com anais de genealogia russa que remontam ao século xvii, em 1352 o tal Indros emigrou do Sacro Império Romano-Germânico, acompanhado dos dois filhos e de três mil homens, fixou residência em Chernigov, mudou seu nome para Leonti e se converteu à

ortodoxia russa. Contudo, Nikolai Gusev, ex-secretário de Tolstói, se perguntava, e com razão, como esse senhor feudal e sua enorme comitiva teriam conseguido percorrer sãos e salvos milhares de quilômetros e atravessar diversos Estados geralmente em guerra entre si. Em primeiro lugar, por que tentariam fazer tamanha jornada, e por que escolher como destino a politicamente insignificante Chermigov? Há também o fato inconveniente de que em meados do século XIV a peste bubônica assolava a Rússia, bem como o restante da Europa, o que estava longe de ser um incentivo aos espíritos pioneiros. O neto de Tolstói, Serguei Mikháilovitch, também partidário do singularmente resistente mito familiar das origens germânicas, complicou ainda mais a questão ao sugerir que Indros era na verdade um conde flamengo chamado Henri de Mons, que partiu para a Rússia depois de uma malograda expedição ao Chipre. Contudo, parece pelo menos provável que os Tolstói possam atribuir sua linhagem ao lendário bisneto desse progenitor, Andrei Kharinótovitch, que levou a família para Moscou no início do século XV e cujo corpanzil granjeou-lhe o apelido que com o tempo originaria o ilustre sobrenome da família.

Em 1682, quando o antigo sistema hierárquico feudal foi abolido, as famílias nobres se apressaram em registrar sua genealogia junto ao Estado, de modo a legitimar sua reivindicação do status de nobreza. Outro fato que lança dúvidas sobre a teoria de que os Tolstói descendiam de imigrantes germânicos é que praticamente todas as famílias que registraram sua genealogia alegavam ancestralidade estrangeira (em sua maior parte espúrias), na esperança de melhorar sua reputação junto ao tsar. Entre os seis signatários que submeteram os primórdios da história da família Tolstói ao Registro Heráldico Russo em Moscou, em 1686, estava o funcionário da corte Piotr Andréievitch, que décadas depois se tornaria o primeiro conde Tolstói. Piotr foi um indivíduo excepcional, e o primeiro Tolstói a entrar para os livros de história; tinha um evidente talento criativo e, provavelmente, foi o inventor das lendas sobre seus primeiros ancestrais, o que permite concluir que a aptidão da família para a escrita de ficção também remonta a vários séculos.

Piotr Andréievitch Tolstói (1645-1729) teve uma vida extraordinária. Homem de imensa energia e mente brilhante, também era conhecido como traidor, já que rapidamente mudou de lado e declarou fidelidade a Pedro, o Grande, pouco depois de o primeiro imperador russo roubar o poder de sua meia-irmã Sófia, em 1689. Piotr jogava suas cartas com habilidade. Em 1697, aos 52

anos de idade e já avô, tinha demonstrado suficiente lealdade para ser enviado pelo tsar Pedro para a Itália com o propósito de estudar navegação e construção naval, juntamente com muitos filhos de famílias nobres. Um deles era seu quase contemporâneo Bóris Pietróvitch Cheremetev, que ocupava posição social bastante superior e viajava com uma enorme comitiva, incluindo um escriba. Piotr Tolstói, em contraste, estava acompanhado apenas de um soldado e um servo e escrevia seu próprio diário, o que propicia um relato bem mais interessante e informativo da vida italiana vista por olhos russos.

Durante o período de um ano e quatro meses que passou longe de casa, Piotr Andréievitch percorreu a Itália de cabo a rabo, de Veneza a Bari, e pôde estudar com algum detalhe a vida e os costumes sociais italianos. Uma vez que viera da “Divina Mãe Moscou”, onde a cultura secular era escassa, não surpreende que em boa parte do seu diário as atenções sejam voltadas para a Igreja. Entretanto, Piotr Andréievitch retornou a Moscou erudito e sem barba, e a visão de um cristão ortodoxo russo imberbe provavelmente deve ter chocado muitos de seus contemporâneos (a fundação de São Petersburgo ainda demoraria alguns anos). Piotr Tolstói foi um dos primeiros russos a usar roupas ocidentais nos últimos anos da velha Moscóvia. Anos antes de Pedro, o Grande, dar início à importação por atacado da cultura ocidental, ele ostentava um impressionante conhecimento das letras europeias, bem como maneiras requintadas e afetadas.

Em 1701, vendo em Piotr Andréievitch um brilhante potencial diplomático, Pedro nomeou-o o primeiro embaixador russo em Constantinopla. Era tarefa das mais difíceis ter a esperança de melhorar as relações com a *Sublime Porta*, como era conhecido o governo otomano, e que somente no reinado de Pedro, o Grande, tinha travado três guerras contra a Rússia. Piotr Tolstói passou os últimos anos de sua missão diplomática definhando na Fortaleza Iiedikule (“Sete Torres”) — a masmorra onde os embaixadores cujos países estavam em guerra com o Império Otomano eram tradicionalmente encarcerados. Mas Tolstói era um homem inquieto, que tinha a necessidade constante de se dedicar a alguma tarefa. Antes ou depois de o sultão Ahmed II declarar guerra em 1710, ele recorreu a seus conhecimentos de latim, que tinha adquirido em sua temporada italiana, para produzir a primeira tradução para o russo das *Metamorfoses* de Ovídio.

Quando Piotr Tolstói retornou à Rússia em 1714, Pedro, o Grande, tinha não apenas fundado São Petersburgo, mas fizera da cidade a nova capital. Tolstói

acompanhou o tsar em algumas viagens ao exterior, e em 1717 foi incumbido da mais delicada e complexa das missões. Ele devia ir a Nápoles e persuadir Aleksiei, o filho errante de Pedro e herdeiro do trono, a voltar para a Rússia. Hostil às reformas do pai, Aleksiei buscara refúgio em Viena com seu cunhado, o imperador Carlos VI, que, de modo a evitar uma crise diplomática, abrigara o filho do tsar a salvo em Nápoles. Piotr Andréievitch teve de recorrer a meios nefastos e a toda sorte de mentiras, trapanças, ardis e informações falsas, mas sua missão foi bem-sucedida. Assim que voltou para a Rússia, o *tsarevitch* (“filho do tsar”), Aleksiei, foi imediatamente levado à masmorra da Fortaleza de São Pedro e São Paulo, onde foi submetido a interrogatórios por crime de traição. Morreu pouco depois.

Piotr também participou dos interrogatórios. Ele não era muito benquisto pela população russa em geral, mas foi recompensado com regalias pelo agradecido tsar, que o condecorou, nomeou-o senador e deu a ele vastas porções de terra. Quando ganhou o título de conde — em 1724, no dia da coroação da esposa de Pedro, Catarina I, como imperatriz, um ano antes da morte do tsar —, Piotr era um dos homens mais poderosos da Rússia. Mas suas maquinações para assegurar que Isabel, filha de Catarina, a sucedesse no trono seriam o motivo de sua ruína. Após a morte de Catarina, em 1727, o rival de Tolstói, Menchikov, mandou prendê-lo na Fortaleza de São Pedro e São Paulo. Aos 82 anos de idade, Piotr foi condenado à morte e imediatamente privado de seu título, suas condecorações e suas terras. Antes da execução, a sentença foi comutada para o exílio na prisão do Monastério de Solovetski, localizado numa ilha do Círculo Ártico. Como era condizente com sua posição, na jornada de trinta dias até chegar à prisão, Piotr foi escoltado por cem homens, primeiro por terra até o porto de Arkhangelsk, e depois através das águas congelantes do Mar Branco. Ali Tolstói ficou em confinamento solitário, proibido de receber e enviar correspondências, e só tinha permissão para sair, agrilhado, para o serviço religioso.

O Monastério de Solovetski fora fundado no século XV por dois monges bastante industriais que consideravam a vida em um claustro comum fácil demais. Eles buscaram um lugar em que pudessem levar a vida na mais absoluta privação física, emulando os ascetas do deserto dos primeiros tempos do cristianismo, e o encontraram em “Solovki”, as remotas ilhas Solovetski, onde, no auge do inverno, não há luz do sol. A devoção e a religiosidade dos

fundadores do monastério contrastavam completamente com a brutalidade de Ivan, o Terrível, que não viu nada de estranho em instalar uma prisão nas terras sagradas do mosteiro. Com seu clima impiedoso, era um lugar particularmente desolado para o cumprimento de uma sentença. O filho de Piotr Andréievitch, que acompanhara o pai no exílio, morreu no mesmo ano em que lá chegaram. Oito meses depois, Piotr também estava morto.

Um século e meio depois, no final da década de 1870, seu descendente Liev Tolstói ficou fascinado por esse capítulo de sua história familiar enquanto planejava um romance ambientado na época de Pedro, o Grande. Em carta à sua amiga e parente Alexandra Andréievna Tolstáia, de junho de 1879, quando tomava notas sobre o caso no arquivo do Ministério da Justiça em Moscou, Tolstói declarou que o exílio de Piotr e Ivan era o “episódio mais sombrio” da vida de seus ancestrais. Para ele, a época de Pedro era “o princípio de tudo”, e o destino de Piotr Andréievitch o interessava tanto que pensou seriamente em visitar o local de seu exílio naquele verão, na esperança de descobrir mais sobre o antepassado. A essa altura, o monastério já se tornara um dos lugares mais sagrados da Rússia (atraía vinte mil peregrinos todo ano), mas, em meados de 1870, ainda não era um local de fácil acesso. Tolstói ouviu mais histórias sobre Solovki. Um contador de histórias do norte da Rússia contou-lhe a popular lenda dos “Três eremitas”.

Em 1886, como parte de seu projeto de fornecer leitura de boa qualidade para as massas, Tolstói reescreveu a história para publicação em um jornal popular de grande circulação. É uma obra tipicamente subversiva e condizente com as ideias que começara a desenvolver à época. A história trata de eventos que ocorrem durante uma jornada ao monastério em uma das balsas que saem de Arkhangelsk levando peregrinos às ilhas. Curioso para conhecer três “homens santos” que vivem ali, um arcebispo pede para que o capitão o desembarque em uma das ilhas. Para sua consternação, ele constata que o cristianismo discreto e simples e a devoção pouco convencional que os ermitões praticam têm mais virtudes santas do que o dogma da Igreja que tenta inculcar neles. O arcebispo fica humilhado pelo encontro com os anciãos. Por causa dessas ideias provocadoras, Tolstói passou a ser visto como uma ameaça ao governo russo. Ele estava tão determinado a desmascarar a hipocrisia e as mentiras, a seu ver entranhadas na estrutura do sistema tsarista, que certamente esperava emular seu ancestral Piotr Andréievitch, mas o governo se recusava a permitir que se

tornasse um mártir. Certa vez, Alexandre III fez um comentário que ficou famoso: “Tolstói quer que eu o mande para o exílio em Solovki, mas não vou dar a ele tamanha publicidade”. Depois da Revolução de 1917, Solovki tornou-se um dos mais famigerados campos de concentração da União Soviética, e é irônico que alguns dos seguidores de Tolstói lá tenham ido parar em 1930 simplesmente por se recusarem a abrir mão de suas crenças sobre a não resistência à violência e a abolição da propriedade privada.

Em seu longo casamento com Sófia Andréievna Berhs, o autor de *Guerra e paz* teve quatorze filhos, mas Liev Nikoláievitch não foi o primeiro Tolstói a gerar uma prole tão numerosa. Ivan, o filho mais velho de Piotr Andréievitch, teve cinco filhos e cinco filhas antes de morrer, em 1728, na prisão de Solovetski aos 43 anos de idade; seu segundo filho foi Andrei Ivánovitch (1721-1803), bisavô de Tolstói, do qual não se sabe muita coisa além do fato de ter sido apelidado “Ninho Grande” por ter tido 23 filhos, dos quais doze não atingiram a maioridade. Uma tia de Tolstói contou-lhe que Andrei Ivánovitch se casara tão jovem que uma vez irrompeu em lágrimas quando sua igualmente jovem esposa Alexandra saiu à noite para ir a um baile sem se despedir dele.

Em 1741, Isabel, a filha de Catarina I, finalmente tornou-se imperatriz, como Piotr tinha esperado, e em determinado momento de seu reinado ela devolveu uma das propriedades da família Tolstói à viúva de Ivan Pietróvitch. Em 1760, as demais propriedades e o título de Piotr Andréievitch foram por fim restituídos. Nesse período, teria sido criado o brasão da família Tolstói, um escudo sustentado por dois cães borzóis, que significa lealdade e rapidez. O escudo, dividido em sete segmentos, traz no centro uma espada dourada e uma flecha prateada atravessando uma chave dourada, símbolo da longa história da família. No canto superior esquerdo aparece a metade da águia imperial russa, e a seu lado, sobre um fundo prateado, uma cruz de santo André, com que Piotr fora agraciado em 1722. Na extremidade inferior direita, as sete torres encimadas por luas em quarto crescente relembram o encarceramento de Piotr Andréievitch na Fortaleza Iedikule em Constantinopla e seu papel na vitória russa contra os turcos.

Andrei Ivánovitch Tolstói, que se tornou conde aos 39 anos de idade, era um leal servidor do Estado e também um homem bastante astuto em assuntos fiscais, pois quando morreu, em 1803, a fortuna da família tinha começado a prosperar. Entretanto, por força dos modos devassos e libertinos do avô de Tolstói, Ilia

Andréievitch (1757-1820), não demorou muito para que a família se visse novamente empobrecida. Ilia Andréievitch seguiu a carreira convencional da nobreza russa daquele tempo: o exército. Depois de se reformar aos trinta anos, Ilia se casou, e muito bem: ele e a esposa Pelageia Nikoláievna (1762-1838) tinham à disposição não apenas uma mansão em Moscou, mas também extensas propriedades na província de Tula. Os dois optaram por fixar residência na fazenda Poliana, com 2.225 hectares de extensão, centenas de servos, um aviário e pomares. O casal vivia em alto estilo: em sua mesa sempre havia esturjão fresco, que vinha do Mar Branco via Arkhangelsk, ostras importadas da Holanda, aspargos e abacaxis cultivados nas enormes estufas construídas em suas próprias terras. De acordo com uma lenda da família, o conde despachava sua roupa de cama para ser lavada em Amsterdã. Tolstói descreve a vida de seus avós como uma sucessão de “festas, teatros, bailes, jantares e viagens”.

Ilia Andréievitch era hospitaleiro e generoso, mas não tinha uma educação muito refinada: em 1813, quando se separou pela primeira vez, em vinte anos, da esposa, escreveu-lhe uma carta salpicada de erros de ortografia e praticamente desprovida de pontuação. Um breve trecho pode ser traduzido assim: “Tristi muito tristi minha querida amiga condessa Pelageia Nikoláievna por parabenizá-la no dia de seu onomástico pela primeira vez na minha vida mas o quisipódifazer querida do meu coração é inevitável me submeter à razão”. Pelageia, por sua vez, falava francês melhor que russo, e sua educação se limitava a isso, a julgar pelo que escreveu seu neto, que contrariou a tradição familiar adquirindo 22 mil volumes para sua biblioteca pessoal.

Ao longo de sua carreira de escritor, Tolstói pilhou a história de sua família à cata de material criativo que pudesse usar no desenvolvimento de personagens ficcionais, e não é difícil ver traços de Ilia Andréievitch e Pelageia Nikoláievna por trás das figuras do conde Rostov e da condessa Rostova de *Guerra e paz*. Tolstói chegou a usar o nome de seu avô nas primeiras versões do manuscrito, referindo-se a ele como “generoso e estúpido”. Suas anotações posteriores para o personagem do conde Ilia Rostov também correspondem muito de perto a Ilia Andréievitch, que também era membro do Clube Inglês de Moscou. O relato do suntuoso banquete oferecido pelo conde Rostov em *Guerra e paz* é baseado em fontes que descrevem o jantar para trezentos convidados oferecido por Ilia Andréievitch em 1806 em homenagem à derrota imposta a Napoleão pelas tropas do general Piotr Bagration em Schönggraben. Ilia Andréievitch certamente era

uma figura carismática e quase sobre-humana. De acordo com o que Tolstói registrou, a propensão de seu avô para apostar altas somas em jogos de cartas — uíste e arrenegada — sem ter condições de pagar, sua pronta disposição para dar dinheiro ao primeiro que pedisse empréstimos e seu estilo de vida extravagante fizeram por fim com que se afundasse em dívidas e, em 1815, fosse obrigado a arranjar um emprego.

O vício nas cartas e consequentemente as dívidas continuaram durante os indistintos cinco anos em que Ilia Andréievitch atuou como governador de Kazan, e uma sucessão de péssimos negócios ajudou a aumentar ainda mais suas dívidas, que em 1819 chegavam a quinhentos mil rublos. Em fevereiro de 1820, Ilia foi demitido do cargo sob acusações de corrupção (o que provavelmente foi uma cilada, pois, ao que parece, sua esposa é quem recebia, em sigilo, propinas). Ilia Andréievitch jamais se recuperou do revés e morreu um mês depois. Tolstói herdou do avô o gosto pela jogatina e o hábito de apostar e perder altas somas, vícios que felizmente conseguiu refrear por ocasião de seu casamento.

O pai de Tolstói, Nikolai Ilitch, nascido em 1794, era o mais velho dos quatro filhos de Ilia Andréievitch e Pelageia Nikoláievna e bastante diferente. Ao examinar suas desanimadoras perspectivas financeiras, Ilia constatou que o filho teria de trabalhar para viver, e por isso inscreveu Nikolai no serviço público quando o menino tinha apenas seis anos de idade. Quando completou dezesseis anos, Nikolai recebeu automaticamente o posto de escrivão colegiado, função que o colocava no degrau mais baixo na hierarquia do funcionalismo público. Em conformidade com seu temperamento cordial, Ilia não aplicava castigos físicos aos filhos, o que era bastante incomum, já que naquela época mesmo as crianças da família imperial estavam sujeitas a punições corporais. De resto, o pai de Tolstói teve uma educação bastante convencional para um nobre russo do início do século XIX. Aos quinze anos, passou a ganhar dinheiro da tia Afanasi Pétrov, para atuar como seu serviçal pessoal, e no ano seguinte foi presenteado pelos pais com uma camponesa para sua “saúde”, segundo o eufemismo então usado. Isso resultou no nascimento de Michenka, o irmão ilegítimo de Tolstói, que foi preparado para trabalhar no serviço postal, mas “se desencaminhou”. Mais tarde, Tolstói definiria como desconcertante o encontro com seu irmão mais velho assolado pela pobreza, e que era muito mais parecido com o pai do que qualquer um dos filhos legítimos de Nikolai. Tolstói também teria um filho ilegítimo, que os filhos do escritor também julgavam ser o mais parecido com ele.

Quando Napoleão invadiu a Rússia, em 1812, Nikolai Ilitch Tolstói naturalmente se transferiu do funcionalismo público para o exército, e lutou com distinção até cair prisioneiro dos franceses. Quando retornou a São Petersburgo, em 1814, foi transferido para a prestigiosa e dispendiosa Guarda da Cavalaria, regimento em que não pôde servir por muito tempo. Depois disso, foi levado a renunciar ao posto e à sua patente, em decorrência de sua desilusão com a vida militar, da saúde debilitada e da incerta situação financeira do pai. Uma vez que funcionários públicos não podiam ser presos por dívidas, Nikolai foi obrigado a arranjar um emprego, o que se tornou particularmente necessário depois que a morte do pai, em 1820, fez dele o único mantenedor de sua mãe hedonista e mimada, da irmã e de uma prima, ambas solteiras. Depois de pagar todas as dívidas, a família só dispunha de recursos para alugar um minúsculo apartamento em Moscou. Quando Tolstói descreve a situação em que fica Nikolai Rostov após a morte do velho conde em *Guerra e paz*, está essencialmente contando a história de seu pai, que em 1821 assumiu um cargo bastante modesto na burocracia militar moscovita. A solução mágica para o pai de Tolstói, bem como para Nikolai Rostov, era uma noiva rica. No romance, ela aparece como a princesa Mária Bolkonskaia; na vida real, era a princesa Mária Volkonskaia. Foi por meio de Mária Volkonskaia que a família de Nikolai Ilitch travou contato com Iásnaia Poliana, a propriedade rural que seria indelevelmente associada ao nome de Tolstói.

Os protocolos de nobreza familiar significavam muito para Tolstói. O episódio da segunda parte de *Anna Kariênina* em que Liévin, nobre da Rússia antiga, zomba de aristocratas novos-ricos como Vrónski, desprovidos de berço e educação e incapazes de aludir a três ou quatro gerações, em larga medida expressa seu próprio esnobismo. Também bastante revelador é o desprezo de Liévin pelos comerciantes com quem tem de lidar — a classe média emergente. O aristocrático Tolstói também não tinha tempo para comerciantes, e o fato de que invariavelmente escolhia nobres ou camponeses como heróis de seus romances diz muito acerca de seus preconceitos — a seu ver, o campesinato era a “melhor classe” da Rússia. Comparados aos Volkonski, que descendiam do lendário colonizador escandinavo Riurik (ou Rúrik ou Rurik), fundador da Rússia no século IX, os Tolstói não passavam de novos-ricos. Os ancestrais maternos de Tolstói vinham de algumas das mais respeitadas e ilustres famílias russas, mas, a bem da verdade, sua linhagem paterna não era tão antiga quando comparada a

algumas das famílias mais importantes da Europa Ocidental. Por ser um Tolstói, ostentava a condição de conde, mas esse era um título importado da Alemanha por Pedro, o Grande, como parte de seu programa de europeização. Ademais, esses títulos, que eram uma recompensa por serviços prestados, mantinham seus nomes alemães, *Graf* e *Baron*. Por causa da tradição russa segundo a qual todos os filhos, e não apenas os primogênitos, herdavam o título da família, em pouco tempo centenas de condes e barões se misturavam aos príncipes e princesas da velha Rússia.

As origens familiares da mãe de Tolstói, a princesa Mária Volkonskaia, remontam pelo menos ao século XIII, quando um de seus ancestrais mais remotos esteve envolvido em alterações com senhores mongóis do velho Rus. Um século depois, a família adotou o sobrenome Volkonski, por causa do rio Volkona, na área próxima a Kaluga e Tula, onde tinham terras. Em 1763, quando deu baixa no exército, o bisavô materno de Tolstói, o major Sierguiêi Volkonski, comprou uma parte de Iásnaia Poliana, ao sul de Tula. Mais tarde, comprou as partes de outros cinco proprietários. Iásnaia Poliana, que significa “clara clareira” ou “clareira límpida”, recebeu este nome por uma razão bastante específica. No século XVI, quando o Estado moscovita precisou rechaçar ataques de invasores nômades como os tártaros da Crimeia, beneficiou-se de uma série de fortificações naturais ao longo de sua fronteira meridional, na forma de florestas e rios. As áreas vulneráveis da fronteira ganharam o reforço de árvores cortadas de modo a formar uma sólida barricada, conhecida como *zaseka*. A Kozlova Zaseka (homenagem a um líder militar chamado Kozlov) se estendia por milhares de quilômetros, com clareiras em vários pontos, onde ficavam os portões e estradas de acesso. Iásnaia Poliana ficava em uma dessas clareiras. Originalmente, Iásnaia Poliana era chamada de “Yasennaya Polyana”, por causa dos freixos (*yaseni*) ali plantados.

O avô materno de Tolstói, Nikolai Sergueievitch Volkonski (1753-1821) herdou Iasnáia Poliana em 1784; em 1799, ao se aposentar do exército, foi o responsável por transformar a propriedade, originalmente um pedaço de terra bastante comum, em uma bela fazenda de esmeradas paisagens, com lagos, jardins, veredas e uma imponente mansão senhorial. Nikolai Volkonski havia sido capitão da guarda do séquito de Catarina, a Grande, quando ela se encontrou com o imperador José II em Moguilev em 1780, e lutou nas duas bem-sucedidas guerras russo-turcas durante o reinado da monarca. Depois de atuar por um breve

período como embaixador russo em Berlim, acompanhou a vitoriosa soberana em sua triunfante visita à Crimeia em 1787, foi promovido a brigadeiro e depois a general. Em 1794, subitamente recebeu licença compulsória de dois anos. De acordo com a lenda da família Volskonki, o motivo teria sido sua recusa em se casar com Varvára von Engelgardt, sobrinha e amante do príncipe Potemkin, o grande favorito de Catarina. A brilhante carreira de Nikolai teve uma súbita interrupção, e foi uma espécie de exílio assumir o cargo de governador militar da distante Arkhangelsk. Tolstói admirava imensamente a irascibilidade do avô e adorava reproduzir em seus escritos memorialísticos a suposta reação de Nikolai ao plano de Potemkin (“Por que razão ele pensa que vou me casar com aquela put...?”). Era uma história que Tolstói se deleitava em contar aos seus convidados e chegou a censurar dois biógrafos por omiti-la nas primeiras versões de seus textos. A verdade, como sempre, era bem mais prosaica. Potemkin morrera em 1791, e Volkonski só foi transferido para Arkhangelsk em 1798. A essa altura, Catarina já tinha sido sucedida no trono por seu filho Paulo I. Em algum momento do final da década de 1780 (as informações são escassas), Nikolai Sergueievitch parece ter se casado com a princesa Iekatierina Trubetskaia (1749-1792), em um matrimônio de conveniência. Sua esposa morreu aos 43 anos de idade, deixando uma filha de dois anos, Mária Nikoláievna, a mãe de Tolstói.

O temperamento notoriamente difícil de Paulo I e suas constantes queixas e censuras por fim levaram Volkonski, em 1799, a pedir afastamento definitivo do exército e a se retirar para sua propriedade. Ele jamais voltou a se casar. Recolhido, dedicou as duas últimas décadas de vida à educação de sua amada filha Mária e à criação do idílico ambiente de Iásnaia Poliana, que por sua vez seria fundamental para a criatividade do neto. Ali, Volkonski deixou um lembrete da função militar que exerceu no extremo norte: construiu um chalé de verão às margens do rio Volkona, junto a Iásnaia Poliana e o chamou de “Grumant”, à época o nome russo para Spitsbergen. Volkonski fora governador de Arkhangelsk, o porto de passagem para o Ártico, e também de Spitsbergen, que originalmente tinha sido descoberta por pescadores e caçadores das cercanias de Arkhangelsk. Em torno do chalé de Volkonski surgiu e cresceu um vilarejo também chamado Grumant; porém, os camponeses locais, para quem o nome tinha sonoridade estranha demais, rebatizaram o lugar Ugriumi (“lúgubre”, “sombrio”). Quando menino, Tolstói costumava pescar no lago da área.

O início do século XIX marcou a era de ouro das propriedades rurais russas, e Nikolai Volkonski não foi o único a colocar em prática o desejo de se afastar do mundo oficial associado a São Petersburgo e à corte e de voltar para a natureza. Os aristocratas russos vinham redescobrando suas raízes desde a década de 1760, quando a nobreza começou a progressivamente se libertar do serviço público compulsório que Pedro, o Grande, tinha introduzido a fim de levar a cabo seu ambicioso programa de reforma e europeização. Com vastas porções de terras agora em mãos privadas, casas senhoriais começaram a surgir por toda a área rural da Rússia — algumas eram imponentes mansões clássicas, outras, edificações mais modestas, de madeira; a casa em que Tolstói nasceu ficava entre um e outro tipo. Iásnaia Poliana não era exatamente uma *tabula rasa* quando Nikolai Volkonski lá fixou residência permanente. No início do século XVIII, guiados pela moda das linhas retas e da precisão geométrica então em voga que caracterizavam a nova cidade de São Petersburgo, os donos anteriores tinham estabelecido a parte principal da propriedade em sua extremidade leste, e haviam construído duas fileiras de residências de madeira e um jardim formal com limoeiros. Mandaram abrir também uma comprida aleia em linha reta que ia da casa principal à entrada da propriedade, próxima à estrada principal para Tula.

Volkonski tinha planos grandiosos para Iásnaia Poliana, mas primeiro precisava encontrar um arquiteto, e o trabalho mais importante de construção só teve início após 1810. Ele decidiu que a casa principal devia ficar no ponto mais elevado da propriedade, voltada para o sudeste, e seria flanqueada por duas alas idênticas de dois andares, cada uma contendo dez cômodos. As alas foram construídas primeiro e estavam ligadas à casa principal por deques de madeira. Volkonski só conseguiu concluir o primeiro andar da mansão senhorial. O segundo andar, construído com madeira para poupar gastos, foi acrescentado pelo pai de Tolstói em 1824. Era uma casa ao estilo imperial tão apreciado na Rússia no início do século XIX, com 32 quartos e a fachada ornada por um pórtico central de oito colunas.

Com o tempo, outros dezenove prédios foram erguidos no terreno, alguns de alvenaria, caso do depósito de gelo e do celeiro, mas a maior parte de madeira. As novas construções somaram-se a uma edificação de proporções clássicas já existente e que tinha sido usada para abrigar uma pequena fábrica de tapetes. Mais tarde, essa parte serviu de acomodação dos servos da família e ficou conhecida como “Casa Volkonski”. Nikolai Sergueievitch se manteve ocupado.

Além da casa principal, ergueu estábulos, uma cocheira, mais acomodações para os servos, uma casa de banhos e um quiosque. Construiu também dois laranjais, ligados por uma galeria, onde cultivava frutas exóticas como melões e pêssegos. Essa galeria (destruída por um incêndio em 1867) era o refúgio favorito de Tolstói na infância. A julgar por uma passagem evocativa de um de seus primeiros livros, *Juventude*, nas noites de verão ele gostava de dormir na galeria, de onde podia ver as luzes da casa principal se apagando lentamente, ouvir os sons noturnos e sentir-se parte da natureza.

Aparentemente, Nikolai Sergueievitch tinha um senso estético bastante refinado. Em suas memórias, Tolstói registra que aquilo que o avô tinha construído era “não apenas sólido e confortável, mas extremamente elegante”. Volkonski também empregou seu bom gosto e discernimento no projeto paisagístico da propriedade. Em primeiro lugar, cercou de valados todo o perímetro, depois instalou portões de ferro na entrada principal, posicionada entre duas grandes torres brancas arredondadas. As torres eram ocas, para que os vigias pudessem se abrigar dentro delas quando o rigor do clima exigisse. Naquela época, como agora, os portões se abriam para uma aleia bordejada por bétulas, que se estende até a mansão e é suficientemente larga para ser percorrida por uma *troika*^[4] ou um coche de quatro cavalos. Era a famosa “Preshpekt”, e uma entrada similar é mencionada em *Guerra e paz* na descrição da propriedade dos Bolkonski, que tem muitas semelhanças com Iásnaia Poliana.

Volkonski colocou um gramado defronte à casa principal, que delimitou por duas trilhas paralelas à aleia principal, com limoeiros podados em estilo francês. As veredas transversais que o atravessam — “em forma de estrela”, no dizer de Tolstói — criaram as formas de cunhas que deram ao parque seu nome. Em pouco tempo, o canto dos rouxinóis e papa-figos que gostavam de se apinhar nos galhos das frondosas árvores plantadas no parque foi amplificado pela música tocada pelos servos de Volkonski, especialmente treinados para essa finalidade. De acordo com Tolstói, Volkonski desprezava a caça, mas amava as plantas, as flores e a música e mantinha uma pequena orquestra para sua diversão e a da filha. As ambições artísticas de Volkonski eram bastante modestas se comparadas às do príncipe Sheremetev, que mantinha uma companhia de cantores, dançarinos e músicos e encenava representações teatrais das últimas novidades da ópera francesa, ou às do príncipe Narichkin, que tinha servos em número suficiente para formar uma banda de sopro de quarenta integrantes em que cada

um tocava apenas uma nota. Contudo, entre os proprietários de terras russos era prática comum educar os servos mais talentosos para que tocassem para eles. Um dia, muito tempo depois da morte do avô, Tolstói encontrou no bosque bancos de madeira e suportes para partituras dispostos em volta de um enorme elmo: era ali que Volkonski gostava de caminhar de manhãzinha com o acompanhamento de música *en plein air*. Assim que ele saía do bosque, a orquestra silenciava e os servos-músicos retomavam suas atividades cotidianas, como o cultivo do jardim ou a alimentação dos porcos. Nas primeiras versões de *Guerra e paz*, Tolstói descreve oito servos, usando perucas e rodeados de lilases e rosas, afinando seus instrumentos às sete da manhã, prontos para inundar o ambiente com uma sinfonia de Haydn assim que recebessem a notícia de que seu senhor havia acordado.

Conforme o século XIX avançava, a paixão dos aristocratas russos pela regularidade dos jardins formais ao estilo Luís XIV foi sendo sobrepujada por um entusiasmo pelo paisagismo inglês, “mais natural”. Nikolai Sergueievitch compartilhava esse entusiasmo. Seu projeto seguinte foi criar um “parque inglês” bem mais selvagem, na superfície em declive da parte inferior da propriedade, junto às torres da entrada. Volkonski criou também uma cascata de lagos, em cujas margens foram plantadas roseiras. Tolstói gostava de caminhar nessa parte de Iásnaia Poliana porque era ali que sua mãe mais gostava de passar seu tempo. Foi em memória dela que em 1898 ele restaurou o pequeno gazebo sobre estacas, de onde ela costumava olhar o movimento da estrada. Mais tarde, era ali que se sentava para esperar o retorno do marido. A própria Mária Volkonskaia plantou os álamos prateados na margem do Lago do Meio, e os arbustos e abetos mais abaixo. Do outro lado das torres de entrada ficava o Lago Grande, metade do qual era tradicionalmente cedida para uso dos camponeses locais.

Em Iásnaia Poliana faltava um elemento tradicional da paisagem típica das propriedades rurais russas: uma igreja. Possivelmente isso se explica pelo fato de que Nikolai Sergueievitch acreditava que sua família podia contar com a igreja que havia na estrada lá perto, e para onde suas cinzas seriam transferidas em 1928. Contudo, estudioso de Voltaire e filho de sua época, o mais provável é que ele simplesmente não tinha interesse em construir uma igreja. Isso não o impedia de ter em sua biblioteca dezenas de livros de teologia, sem mencionar uma edição em 22 volumes da Bíblia, acompanhados de exegese, que dividiam espaço nas prateleiras com nomes como Virgílio, Racine, Montaigne, Rousseau, Homero e

Plutarco, para mencionar apenas alguns dos autores coligidos por Nikolai Sergueievitch. Também havia muitos livros que ele comprava para a educação de sua filha.

A propriedade rural russa era muitas coisas — base familiar, arena de apresentações artísticas, refúgio campestre —, mas também um centro de produção agrícola. Como tal, reforçou os aspectos patriarcais que impediam a modernização do país, uma vez que o idílio bucólico só era possível graças aos camponeses que mantinham o funcionamento da propriedade. Em termos de riqueza de recursos humanos, ou seja, servos, Volkonski era um aristocrata de posição mediana, pois possuía apenas 159 “almas” em Iásnaia Poliana, mas fazia parte da maioria. Na Rússia do início do século XIX, apenas 3% dos quase novecentos mil membros da nobreza tinham mais de quinhentos servos. Todavia, tratava-se de mão de obra livre, e os camponeses passavam maus bocados, particularmente depois de 1762, quando a nobreza foi “emancipada” e se libertou da obrigatoriedade do serviço público. Os servos tiveram de esperar mais cem anos para serem emancipados, em 1861. Até então não podiam ser donos de suas próprias terras, não podiam se casar sem a permissão de seu dono, que tinha o direito de submetê-los a castigos corporais ou de mandá-los para o exílio na Sibéria.

Havia proprietários de terras que abusavam de seus poderes ilimitados e lidavam com seus servos com crueldade inimaginável. Nikolai Volkonski não era um deles. Como outros aristocratas do meio rural russo, tratava Iásnaia Poliana como seu reino particular, mas ao que tudo indica era apenas suavemente despótico. Podia até obrigar seus servos a fazerem as vezes de guardadores de porcos, mas não os espancava. Pode até ter tido uma sucessão de filhos com sua serva Alexandra, que depois enviava para o orfanato, mas não mantinha um harém, como faziam tantos outros aristocratas. A relação de Volkonski com os servos merece grande destaque nas memórias de Tolstói sobre o avô, a quem claramente idolatrava. Tolstói recorda, por exemplo, como o avô construiu boas acomodações para os servos, e como fazia questão de garantir que não apenas se alimentassem e vestissem bem, mas também se divertissem. “Meu avô era tido como um senhor bastante rigoroso”, escreveu Tolstói, baseado em conversas com alguns dos camponeses mais velhos de Iásnaia Poliana, “mas jamais ouvi história alguma sobre comportamentos ou punições cruéis, o que era tão comum naquela época”. Ao mesmo tempo, admitia que de vez em quando o avô excedia os

limites. Em outro momento de suas memórias, Tolstói relembra o especial afeto de Nikolai Sergueievitch por Praskóvia Isáievna, a governanta, que representava o “misterioso mundo antigo” de Iásnaia Poliana. Se de fato — como afirma de maneira tão categórica em suas memórias — Tolstói baseou em Praskóvia a velha Natália Savichna de *Infância*, pode-se inferir que Praskóvia, que nesse período da vida ainda estava no meio da carreira, completando a transição de criada a governanta, foi banida por Volkonski de Iásnaia Poliana e teve de ir trabalhar em um estábulo de uma fazenda distante nas estepes. Seu crime tinha sido apaixonar-se por um dos criados de libré do príncipe Volkonski e ter pedido a Nikolai Sergueievitch permissão para se casar. Depois ficaria evidente que Praskóvia era insubstituível, e após seis meses ela foi trazida de volta e reinstalada em sua função anterior; ao que parece, ela caiu de joelhos aos pés do príncipe e implorou por perdão.

Mária Volkonskaia tinha sete anos de idade quando foi levada pelo pai para viver em Iásnaia Poliana, seu lar para o resto da vida. Até então ela mal conhecera o pai, que estivera ausente servindo o exército. Contudo, depois da aposentadoria e durante seus solitários anos de recolhimento, Volkonski dedicava à filha boa parte do tempo, com especial atenção à educação da menina. Quatro livros-textos escritos à mão por um escriba, contendo material de estudo para a ainda adolescente Mária, indicam quais eram as prioridades — e expectativas — do seu pai. Ela estudava matemática e astronomia (fiando-se em autoridades como Pitágoras, Platão, Ptolomeu e os antigos babilônios), formas de governo (incluindo despotismo, monarquia e democracia), filologia clássica (as cartas de Plínio, o Jovem, eram a principal fonte de referência) e agricultura. A mãe de Tolstói também tinha profundo interesse no mundo natural. Em 1821, aos 31 anos de idade, compilou uma detalhada “descrição do pomar” de Iásnaia Poliana, nomeando cada uma das dezesseis variedades de maçã ali cultivadas. Em outra ocasião, descreveu todas as variedades de plantas e flores que estavam florescendo em Iásnaia Poliana no mês de julho: papoulas, cravina-dos-poetas, cravo-de-defunto, rizomas e espora-dos-jardins.

Mária Nikoláievna tinha bom domínio de cinco línguas, incluindo a russa, que não era tão comum entre as mulheres das classes altas, para quem o francês era o primeiro idioma. Em suas memórias, Tolstói registra também que sua mãe era uma pianista talentosa, uma mulher com sensibilidade para as artes e uma contadora de histórias inata. Parece que suas histórias eram tão eloquentes e

envolventes que nos bailes os amigos preferiam ouvir suas narrativas a dançar. Ela chegou a escrever muitas dessas histórias, bem como poemas, odes e elegias. Uma das narrativas, incompleta, é intitulada “A Pamela Russa ou Não existem regras sem exceções”. Inspirada pelo famoso romance *Pamela* (1740), de Samuel Richardson, sobre uma criada cuja virtude é recompensada por um casamento com o filho de seu amante, a versão russa de Mária incorpora uma jovem serva a quem é concedida a liberdade antes de se casar com seu pretendente, o príncipe Razumin. O personagem de Razumin (cujo nome significa “razão”) é claramente um retrato mal disfarçado do pai. Ele é descrito como um homem de mente brilhante e espírito nobre, que impõe regras bastante severas, mas tem um coração bondoso, generoso e sensível. É um homem que sabe do próprio valor, exige dos subordinados respeito e obediência, e dos filhos, altos padrões morais. Considera-se superior aos outros e tem orgulho de seu nascimento em berço nobre. Retrato semelhante veio à tona quando Tolstói sentou-se para descrever o personagem do velho conde Bolkonski de *Guerra e paz*, embora haja certas diferenças fundamentais — assim como a princesa Mária Bolkonskaia, Mária Nikoláievna era uma filha dedicada, mas não vivia em estado de discórdia com o pai, até onde é possível apurar pelos diários e por outras fontes.

Sabe-se muito pouco sobre a infância e a adolescência de Mária, e quase nada sobre os primeiros anos de sua vida adulta. Quando a filha completou vinte anos, Nikolai Volkonski levou-a para uma temporada de seis semanas em São Petersburgo, de modo a apresentá-la à sociedade. Ela mantinha um diário em que registrou suas impressões sobre os túmulos dos Romanov na catedral de São Pedro e São Paulo, as pinturas de Rafael e Rubens nas galerias do Hermitage e o balé, mas de resto são escassas as informações sobre sua vida nesse período. Na capital, os Volkonski hospedaram-se na casa da — recém-viúva — princesa Varvára Golitsina, de cuja família Nikolai Sergueievitch Volkonski ficara bastante amigo. Houve troca de retratos, e Mária Nikoláievna foi prometida em casamento para um dos dez filhos dos Golitsin, que, contudo, morreu de febre antes que se realizasse o matrimônio. Tolstói acreditava que a mãe padecera de uma profunda sensação de perda com a morte do noivo. (Supostamente o noivo se chamava Liev, de quem Tolstói teria recebido o nome, mas trata-se de mais um lenda da família, pois não existiu nenhum Liev Golitsin).

O segundo vínculo emocional mais importante da mãe de Tolstói parece ter sido com sua aia francesa Louise Henissienne, que viveu em Iásnaia Poliana de

1819 a 1822. Mária Nikoláievna já tinha demonstrado um desejo de justiça social incomum para seu tempo ao escrever um conto sobre uma serva que ganha a liberdade, e também fez amizade com uma jovem serva camponesa de Iásnaia Poliana. Logo após a morte do pai, em 1821, ela causou escândalo em Moscou ao vender uma de suas propriedades e depositar os lucros em nome de Louise Henissiënne. Depois, a “velha e feia”, com “sobrancelhas pesadas”, conforme as línguas maledicentes se referiam em cartas a Mária Nikoláievna, suscitou escândalo ainda maior ao tomar providências para que seu primo Mikhail Volkonski se casasse com Marie, irmã de sua dama de companhia francesa. No ano seguinte, ela quase doou a Marie sua propriedade de Oriol, mas no fim optou por doar ao marido dela 75 mil rublos. Os parentes de Mária Nikoláievna achavam chocante esse comportamento obstinado e voluntarioso. Contudo, seu filho caçula Liev o teria aprovado com todo entusiasmo. No devido tempo, ele próprio acabaria doando todas as suas terras e abrindo mão de seus bens.

Tolstói passou a vida inteira fascinado por pensamentos sobre a mãe de quem ele não se lembrava, quase feliz pelo fato de que nenhum retrato dela sobrevivera, o que lhe permitia concentrar-se em sua “imagem espiritual”. Sua velha criada Tatiana Filippovna lhe disse que a mãe era calma, controlada e reservada, mas também facilmente irritável. Ele acalentava a ideia de que ela corava e derramava lágrimas antes de conseguir dizer uma palavra rude, embora não acreditasse que ela sequer conhecesse palavras rudes. E estava convencido de que seu irmão mais velho Nikolai provavelmente herdara as melhores qualidades da mãe — a relutância em julgar as pessoas e um extremo recato. Aos 32 anos de idade, Mária Nikoláievna provavelmente achava que jamais se casaria, mas então foi apresentada por familiares a Nikolai Tolstói, quatro anos mais novo e parente distante (a bisavó dela era tia-avó dele). Ela era rica; ele estava precisando de dinheiro. Não estavam apaixonados um pelo outro, mas se casaram em junho de 1822.

INFÂNCIA ARISTOCRÁTICA

Embora mal se lembrasse da mãe, Liévin mantinha um verdadeiro culto sagrado da sua memória.

Anna Kariênina, Primeira Parte, Capítulo 27

JÁ NO FIM DA VIDA, quando os visitantes de Iásnaia Poliana perguntavam a Tolstói onde exatamente ele tinha nascido, o escritor às vezes apontava para a parte mais alta de um enorme lariço em meio a um arvoredor junto da casa. Ele não estava sofrendo de demência, tampouco tinha nascido na copa de uma árvore, mas indicava com precisão a antiga localização do quarto da mãe, no primeiro andar da casa guarnecida de colunas construída pelo avô Nikolai Volkonski, onde passara a primeira infância. Apesar de ter sido o período mais feliz de sua vida e a despeito de sua reverência fetichista por seus antepassados, particularmente pelo avô materno, Tolstói vendeu sua casa ancestral em 1854, para saldar dívidas de jogo. A casa principal não desapareceu completamente: o comprador, um latifundiário vizinho, desmontou a mansão tijolo por tijolo e depois a reergueu em sua propriedade, a cerca de 32 quilômetros estrada abaixo. Quando Tolstói voltou em definitivo para Iásnaia Poliana, no final da década de 1850, mudou-se para uma das alas que Volkonski construíra em ambos os lados da casa e plantou bordos e lariços no espaço vazio entre as duas. Décadas depois, os filhos de Tolstói acalentaram o desejo de devolver a casa do pai à sua localização original, entre as duas alas. Foi um plano impulsivo que no fim deu em nada; contudo, em 1897, aos 69 anos, Tolstói foi ver a casa mais uma vez, o que suscitou nele um jorro de lembranças. Caminhando entre os cômodos deteriorados, estacou, de repente, em um dos quartos. “Foi aqui que eu nasci”,

anunciou, pensando na mãe e nos dias felizes da primeira infância.

Tolstói não se lembrava da mãe, que morreu antes de ele completar dois anos, mas sua imagem idealizada foi uma presença constante ao longo de toda a vida do escritor, até os últimos anos. Tolstói admitiu abertamente a um de seus primeiros biógrafos que, literalmente, cultuava a mãe, e mesmo idoso pensava nela durante suas solitárias caminhadas matinais em Iásnaia Poliana. Nas memórias que escreveu já septuagenário, confessa que, quando era mais jovem, costumava invariavelmente rezar para que a alma da mãe o ajudasse nos momentos de tentação. Mesmo aos oitenta anos, Tolstói era incapaz de falar da mãe sem chorar. No fim da vida, quando estava particularmente melancólico, ainda sentia um intenso desejo de se deitar em posição fetal e ser confortado pela mãe, que para ele representava a “imagem suprema do puro amor”.

Quando Tolstói nasceu, em 1828, Iásnaia Poliana estava ficando bastante cheia. Enquanto o pai dela estava vivo, Mária Nikoláievna levou uma vida solitária e reclusa. Contudo, depois do casamento com Nikolai Tolstói, em 1822, o marido trouxe a reboque vários parentes para morar com o casal. Além de sua veneranda mãe, Pelageia Nikoláievna, então com sessenta anos, vieram a irmã caçula Alexandra Ilinitchina (“Aline”), de 27 anos, portanto cinco anos mais nova que Mária Nikoláievna — Aline veio acompanhada de uma pupila, Páchenka, então com cinco anos de idade — e também uma tia distante, “Toinette”, Tatiana Alexándrovna Ergolskaia (pronuncia-se “Iorgelskaia”), de trinta anos de idade, cujo pai era primo da avó de Tolstói. Todas essas mulheres seriam figuras importantes na vida de Tolstói, em especial a tia Toinette, que permaneceu em Iásnaia Poliana depois que ele herdou a propriedade. Ela, que representava um precioso elo com os pais que Tolstói perdera ainda muito jovem, morreu quando o escritor tinha pouco mais de quarenta anos. Três outros membros da família fixaram residência em Iásnaia Poliana antes do nascimento de Tolstói: seus irmãos mais velhos Nikolai, Serguei e Dmítri, nascidos em 1823, 1826 e 1827, respectivamente.

Por ser o primogênito, Nikolai ocupava lugar especial nas afeições da mãe. Desejosa de inculcar no filho obediência e boas qualidades morais, ela passou a manter um detalhado diário de seu comportamento a partir dos quatro anos, e expressava desagrado ao menor sinal de covardia ou preguiça. Também deplorava manifestações de sentimentalismo — quando, por exemplo, Nikolai chorava ao ler histórias sobre passarinhos alvejados por tiros ou quando sentia medo de

besouros. Nikoláievna queria que o filho fosse corajoso, abnegado e patriota, e recompensava seu bom comportamento permitindo que ele usasse um sabre. Também desestimulava a vaidade. Turguêniev, de quem Nikolai ficaria amigo anos depois, comentou que, de fato, ao contrário do irmão mais novo Liev, a Nikolai faltava a vaidade necessária a qualquer aspirante a escritor.

Quando nasceu, em 28 de agosto de 1828,^[5] Liev, caçula de quatro irmãos, substituiu Nikolai como o centro das atenções e o mais importante objeto dos afetos da mãe, de acordo com a tia Toinette. O apelido carinhoso com que a mãe o chamava era “*mon petit Benjamin*”, mas seu nome de batismo era Liev, forma russa para Leão. Ao contrário do pai, Mária Nikoláievna era profundamente religiosa e pensava com cuidado nos nomes dos filhos. Após o nascimento do quinto (e último) rebento, ela encomendou um pequeno ícone com as imagens dos cinco homônimos dos filhos, e são Leão aparece no canto inferior direito. O nome cristão de Tolstói parece ter sido bem escolhido: ele compartilhava com o santo homônimo do século V, Leão I ou são Leão Magno (um dos dois únicos sumos pontífices aclamados com o título de Magno ou “o Grande”), não apenas o berço nobre, mas uma impressionante coragem. O Papa Leão ficou conhecido por ter saído dos portões de Roma para enfrentar Átila, o Huno, a quem dissuadiu de invadir a Europa. Enquanto esteve no exército, Tolstói combateu com bravura e, durante uma caçada, atracou-se com um urso. Ele também tinha em comum com seu homônimo ilustre a distinção literária: são Leão criou um influente estilo de prosa chamado de *cursus leonicus*.

Na hora de escolher o nome para seu último filho, Mária Nikoláievna talvez também tivesse em mente são Leão de Catânia, santo celebrado exclusivamente na Igreja Ortodoxa e com quem Liev parece ter tido ainda mais em comum. Este são Leão é muitas vezes confundido com outro santo homônimo, mas parece ter sido uma figura bem mais conhecida no folclore russo. Sabia-se muito bem, por exemplo, que não se devia observar estrelas cadentes no dia de são Leão — os camponeses associavam *Lev katanskii* ao verbo *katat*, que significa “passar”, “ir embora”. São Leão de Catânia foi um bispo nascido no seio de uma família nobre de Ravena, que renunciou a suas origens abastadas para dedicar a vida à pregação cristã e aos pobres. Ficou conhecido por sua bondade para com peregrinos e mendigos. A vida de Tolstói seguiu rumo semelhante, e, assim como o bispo Leão, o escritor entrou em rota de colisão com seu governo. Se são Leão foi perseguido pelas autoridades eclesiásticas do Império Bizantino por sua

veemente oposição à destruição de imagens santas durante a polêmica iconoclasta no século VIII, Tolstói era o flagelo do Império Russo, por ser ele próprio um iconoclasta e não respeitar nenhum tipo de autoridade, incluindo a Igreja Ortodoxa. Curiosamente, no fim da vida, tanto são Leão de Catânia como Liev Tolstói enfrentaram a oposição de apóstatas chamados Heliodoros (Iliodor, em russo), causadores de grandes escândalos. O adversário de são Leão tentou seduzir os cristãos recorrendo ao ocultismo, ao passo que o renegado monge russo Iliodor via Tolstói como o demônio em forma humana e somente mais tarde se arrependeu. É curioso que Tolstói tenha começado a escrever uma história chamada “Padre Iliodor” em 1909, bem no fim da vida, exatamente quando o monge Iliodor causava seus maiores escândalos.

Tolstói nasceu em 1828, no vigésimo oitavo dia do oitavo mês do ano, e 28 passou a ser seu número da sorte. Já adulto, tornou-se tão supersticioso que, em 1863, deu ordens para que a esposa esperasse até a meia-noite para que seu filho Serguei pudesse nascer nas primeiras horas do dia 28 de junho. Ele também ficou feliz ao descobrir que o número 28 era particularmente significativo na matemática como o segundo número “perfeito” (é também um dos sete “números mágicos” da física). Ele abria livros de poesia na página 28 e dava corda no relógio 28 vezes. Chegou inclusive a entremear o número 28 na sua prosa de ficção: é um número simbolicamente importante em seu último romance, *Ressurreição*, que termina no capítulo 28 da terceira parte. Antes de tomar qualquer decisão, Tolstói atirava uma moeda sobre o assoalho de Iásnaia Poliana e via bons ou maus presságios dependendo do número par ou ímpar de vezes que ela girava sobre os tacos de madeira. Também não foi por coincidência que, já no fim da vida, Tolstói saiu de Iásnaia Poliana pela última vez num dia 28 de outubro (ele morreu aos 82 anos). Provavelmente herdou da avó Pelageia Nikoláievna sua natureza supersticiosa, mas é um traço de personalidade surpreendente em alguém que se orgulhava tanto da própria racionalidade.

Tolstói também tinha superstições com objetos, tais como o velho sofá de couro em que nascera. Feito por um dos servos do príncipe Volkonski, o sofá era ritualmente tirado do estúdio de Nikolai Ilitch e carregado escada acima para o quarto de Mária Nikoláievna para o nascimento de cada um dos cinco filhos do casal. Nele também nasceram onze dos filhos do próprio Tolstói, sem mencionar dois de seus netos (depois de cinco filhos natimortos, Tânia, a filha mais velha de Tolstói, deu à luz a neta favorita do escritor, também chamada Tânia, em 1905).

Além da mesa de trabalho, o sofá era uma peça permanente da mobília em cada um dos quatro cômodos que Tolstói usou como estúdio em Iásnaia Poliana em diferentes períodos da vida, e o sofá também aparece em seus romances. Um sofá bastante parecido é tirado do estúdio do príncipe Andrêi para o nascimento de seu filho em *Guerra e paz*, e, em uma das primeiras versões de *Anna Kariênina*, o sofá também é mencionado como peça de herança de Liévin, com função semelhante.

Uma das primeiras lembranças de Tolstói era a de estar firmemente enrolado em fraldas de pano, ainda bebê, incapaz de esticar os braços. “Sinto a injustiça e a crueldade, não das pessoas, que sentem pena de mim, mas do destino, e pena de mim mesmo”, escreveu na autobiografia que iniciou aos cinquenta anos de idade. Ele não podia jurar que essa lembrança — a complexidade e as contradições de seus sentimentos, e não os gritos e o sofrimento — não era, na verdade, um compósito de muitas impressões, mas tinha a convicção de que essa era, de fato, “a primeira e mais forte impressão” de sua vida. Tolstói também dizia lembrar-se (o que é bastante improvável) de seu “corpo minúsculo” sendo banhado em uma banheira de madeira por sua ama de leite Avdotia Nikifórovna, camponesa contratada do vilarejo. Suas lembranças seguintes remontam aos quatros anos de idade, deitado em um berço ao lado da irmã mais nova Mária. A essa altura sua mãe já tinha morrido. Só nos resta lamentar que *Minha vida*, título provisório desse relato memorialístico, tenha sido abandonado logo após as primeiras e intensas páginas de suas recordações mais remotas. O mesmo acontece com as memórias que ele iniciou mais de um quarto de século depois e que descreviam sua primeira infância.

Mária Nikoláievna morreu em 1830, depois do nascimento de sua única filha, também chamada Mária. Estava casada havia oito anos, e tinha levado uma vida bastante discreta em Iásnaia Poliana. A julgar pelo relato de Tolstói em suas memórias, foi, contudo, uma época tranquila e feliz. Ela ocupava seus dias cuidando da família e as noites lendo em voz alta para a sogra. O único membro da família que ela não via muito era o marido, sempre às voltas com infundáveis sessões de tribunal por conta dos desastrosos negócios do pai, e por isso quase sempre ausente. A situação não era nada fácil para Mária, que passava horas sentada no gazebo, afastado da propriedade, encarando a estrada enquanto aguardava o retorno do marido, que por sua vez era obrigado a escrever à esposa cartas assegurando que não a tinha esquecido. “Minha doce amiga”, ele escreveu

em junho de 1824, “a senhora termina sua última carta pedindo-me que não a esqueça; deve estar enlouquecendo: acaso posso me esquecer do que constitui a parte mais nobre de mim mesmo?” (“*Ma douce amie, tu finis ta dernière lettre avec une recommandation de non pas t’oublier; tu deviens folle: puis-je oublier ce qui fait la partie la plus élevé de moi même...*”). Mesmo quando estava em casa, Nikolai Ilitch invariavelmente saía para caçar ou, de acordo com uma versão obscena, para perseguir em segredo outras mulheres. Depois da morte da esposa, certamente teve um envolvimento romântico com uma vizinha, mas de acordo com a opinião geral Nikolai Ilitch era um marido atencioso e depois de viúvo tornou-se um pai zeloso e dedicado aos cinco filhos.

Tolstói se lembrava bem do pai, embora Nikolai também tenha morrido jovem. O pai foi de longe a pessoa mais importante de sua vida durante os primeiros anos, e mais tarde o próprio Tolstói reconheceria que só depois da morte de Nikolai percebeu o quanto amava o pai. Tolstói o descreve como homem de altura mediana, corpo bem desenvolvido, feições agradáveis e complexão rósea e saudável, mas cujo olhar era sempre tristonho. As crianças Tolstói adoravam o pai, que contava histórias engraçadas e fazia desenhos encantadores para elas. Parece evidente que era um homem carismático em muitos sentidos, e, como afirmou mais tarde, o que Tolstói mais adorava e admirava no pai era seu espírito independente e uma clara percepção de sua própria dignidade.

Nikolai Ilitch era um homem bondoso, e certamente mais leniente com os servos do que o senhor anterior de Iásnaia Poliana, o príncipe Volkonski. Ele raramente recorria a punições corporais, ao contrário de muitos sádicos nobres russos da época. Nikolai Ilitch era um leitor voraz: aumentou substancialmente a biblioteca que o filho caçula herdaria comprando grandes quantidades de clássicos franceses e obras sobre história natural. Tolstói soube mais tarde pelas tias que o pai jamais comprava livros novos até ter lido os que já possuía, mas o escritor duvidava que o pai, de fato, chegasse a enfrentar todos aqueles tomos franceses sobre a história das Cruzadas. Nikolai Ilitch também tinha talento artístico e produziu muitas e refinadas aquarelas de idílicas paisagens rurais e bicos de pena, incluindo um desenho, de traços sensíveis, de um corajoso cavaleiro *bachkir* em trajes nativos, munido de arco e flecha.

Tolstói recordava com carinho do pai contando piadas à mesa do jantar e das ocasiões em que recebia permissão para sentar-se ao lado dele no lendário sofá de

couro em seu estúdio, enquanto Nikolai fumava seu cachimbo. Certo dia, Nikolai ficou particularmente impressionado com o *páthos* com que seu filho caçula lia em voz alta um poema de Púchkin, “Para o mar”, que o menino havia decorado. O poema fora escrito em 1824, quando Púchkin estava regressando do sul da Rússia após seu período de exílio; quando o menino Tolstói recitou os versos, uma década depois, faltavam poucos anos para o fatídico duelo que mataria o jovem poeta em 1837. O oceano foi provavelmente o único elemento que jamais atraiu Tolstói. Ele passou a maior parte da vida no interior da Rússia, longe da água salgada, razão pela qual talvez não tenha se identificado, quando adulto, com os sentimentos de Púchkin na última estrofe do poema, em que o poeta fala de carregar os rochedos e angras do mar e o som de suas ondas para “dentro da floresta e o ermo silente” da Rússia. Porém, como que para compensar, ao longo da vida Tolstói verteu um oceano de lágrimas salgadas, pois se comovia facilmente com a música ou com histórias de sofrimento. A sensibilidade emocional que o pai notou nele atestava que Tolstói era extremamente suscetível ao choro: não foi por outro motivo que um de seus apelidos de infância era Liova-Riova — “Liova, o uivador” ou “o pequeno Liev, o lamurioso”.

Quando menino, Tolstói gostava de ver o pai vestido com elegância, envergando sobrecasaca e calças justas e preparando-se para incursões à cidade, mas as lembranças mais nítidas que tinha do pai estavam relacionadas à caça. Nikolai adorava caçar com armas de fogo — a cavalo, acompanhado de cães — e tinha especial afeição por dois servos, os irmãos Petrucha e Matiucha, que via de regra o acompanhavam. Como muitos de sua classe, Nikolai Tolstói considerava que a caça só perdia para a guerra como arena para a demonstração de bravura e coragem, e por isso desde a mais tenra idade Tolstói e seus irmãos tiveram aulas de caça. Nikolai Ilitch julgava importante que os filhos comesçassem a aprender o quanto antes a ser homens de verdade, e todos eles ganharam pôneis. Mesmo idoso, Tolstói lembrava com prazer de suas caminhadas com o pai pela grama alta das campinas, enquanto seus adorados filhotes de borzóis corriam em volta deles. O próprio Tolstói acabaria se tornando um caçador apaixonado (as cenas de caça em *Guerra e paz* estão entre as mais belas e ternas passagens do romance) e levou bastante tempo para renunciar a uma atividade que claramente se contrapunha aos princípios morais e religiosos que ele acabou adotando após sua crise espiritual. Todavia, jamais abandonaria o lombo dos cavalos, e seu amor por esses animais pode ser visto tanto no requintado detalhismo com que descreve o

cavalo Frou-Frou em *Anna Kariênina* como no extraordinário conto “Kholstomér — a história de um cavalo”, escrito entre 1860 e 1863 (reescrito em 1885) e narrado do ponto de vista de um cavalo.

Se as lembranças mais nítidas do pai estavam relacionadas à caça, nas mais carinhosas o via sentado ao lado de sua avó no sofá, ajudando-a a dispor as cartas para o jogo de paciência, enquanto ela, de quando em quando, fungava rapé de uma caixinha de ouro. As tias de Tolstói ocupavam as poltronas próximas, uma delas lendo em voz alta, ao passo que em outra cadeira o borzói favorito do pai, Milka, dormia enrodilhado ou fitava com seus belos olhos negros as pessoas ali reunidas (a cadela aparece como ela mesma em *Guerra e paz*). Em suas memórias, Tolstói recorda uma noite em especial, quando o pai interrompeu a leitura de uma das tias e apontou para o espelho pendurado na parede. Tikhon, o servo, podia ser visto entrando na ponta dos pés do estúdio do pai e surrupiando furtivamente tabaco de sua bolsinha de couro. O pai de Tolstói achou a cena muito engraçada.

Nikolai Ilitch teve uma vida movimentada e trabalhou com afinco para restaurar a fortuna da família. Certamente demonstrou mais discernimento para os negócios do que o pai, e deixou para os filhos um legado bem maior do que o dote de sua falecida esposa. Em 1832 ele era dono de 793 servos e oitocentas servas, incluindo 219 “almas” em Iásnaia Poliana e nos vilarejos das cercanias. Ficou particularmente feliz de reaver Nikolskoie-Viazemskoie, uma das propriedades da mãe, que tinha sido hipotecada e que Tolstói acabaria herdando após a morte do irmão Nikolai, em 1837. O pai de Tolstói conseguiu comprar também Pirogovo, vasta propriedade não muito distante de Iásnaia Poliana, que incluía 472 servos e mais tarde foi herdada por dois irmãos de Tolstói, Serguei e Mária.

Quando estava em casa em Iásnaia Poliana, o pai de Tolstói mantinha-se totalmente ocupado cuidando da administração da propriedade, que ele continuou a gerir conforme as linhas patriarcais estabelecidas pelo príncipe Volkonski. Agora que sua família era numerosa, a tarefa mais urgente de Nikolai era terminar a construção da residência principal. Assim, gastou mais alguns milhares de rublos para erguer um segundo e bem mais modesto andar de carvalho sobre o elegante térreo. No centro do novo pavimento, ficavam cômodos com assoalho de parquet e pé-direito alto, ao passo que nos cômodos laterais havia um mezanino. Terminada a obra, finalmente, havia espaço para

Nikolai Ilitch e os cinco filhos, sua mãe, as duas irmãs e a pupila da mãe, Páchenka, Fiódor Ivánovitch, o tutor dos filhos, e os mais recentes agregados da casa, Evdokia (Dunechka) Témíacheva, a sardenta filha ilegítima de um senhor de terras vizinho, sua amante e serva, e a babá da menina, a alta e idosa Evpraksia. Quando chegou a Iásnaia Poliana, em 1833, Dunechka tinha cinco anos (a mesma idade de Tolstói) e foi criada com o resto da família como parte dos intrincados arranjos da negociação para a compra de Pirogovo. Mais tarde, Tolstói a descreveu como uma menina franca e delicada, não muito inteligente e extremamente chorona, mas que se dava muito bem com toda a família.

Em sua primeira infância, Tolstói jamais ficava sozinho. Entre os adultos que viviam em Iásnaia Poliana, sua avó e as duas tias foram figuras importantes em seus primeiros anos de vida. Pelageia Nikoláievna, sua *babuchka* (vovó) tinha levado uma vida luxuosa, de que não estava disposta a abrir mão, a despeito das dificuldades financeiras da família. Depois de ter sido mimada pelo pai, pelo marido e por fim pelo filho, ela tornou-se uma velha tirânica e inconstante. Em deferência à sua idade, todos na casa se desdobravam para agradá-la, e ela não poupava esforços para atormentar sua criada, Agáfia Mikháilovna, que tolerava os maus-tratos porque sentia orgulho de ser chamada de “dama de companhia”. Agáfia criou os próprios filhos em Iásnaia Poliana e para sempre continuou sendo uma pessoa muito querida na casa de Tolstói. Em suas memórias o escritor observa, em tom bem-humorado, que a criada deve ter absorvido um pouco do temperamento da avó, pois com o passar dos anos ela também foi ficando cada vez mais exigente e cheia de caprichos.

Tolstói se lembrava bem da avó, que jamais se interessou muito por Mária Nikoláievna nem dela foi muito próxima, por considerá-la indigna do filho que ela idolatrava, mas era bastante afeiçãoada aos netos, que achava muito divertidos. Tolstói conservou poucas lembranças da avó remontando a seus primeiros anos de vida, mas são imagens bastante nítidas. A primeira lembrança diz respeito às bolhas de sabão que a avó fazia ao se lavar pela manhã. Ele e os irmãos achavam a cena tão fascinante que às vezes eram levados ao quarto da avó apenas para assistir ao espetáculo de suas abluções. Na memória de Tolstói ficou eternamente impressa a imagem da avó usando blusa e saia branca, com os braços brancos e o rosto branco e brilhante. Ele próprio ganhou o apelido de “Lievka, a Bolha”, pois quando menino era bem gordinho.

Tolstói lembrava-se também de uma excursão mágica num dia quente, em

que a família foi para o bosque colher avelãs. A avó foi transportada num cabriolé puxado não por cavalos, mas pelos servos do pai, Petrucha e Mariucha, que abaixavam os galhos para que ela pudesse colher as nozes. Mais tarde a mesma carruagem amarela seria usada para os passeios de verão até a pequena casa de madeira com venezianas construída por Serguei Volkonski em Grumant, onde havia uma vista pitoresca: de um lado, o rio Voronka serpenteando entre os prados; do outro, florestas. Nas imediações havia um pomar com uma nascente, fonte de água fresca usada pela família Tolstói; grandes quantidades de água eram transportadas diariamente para Iásnaia Poliana. Havia também uma lagoa funda repleta de tencas, bremas, carpas, percas e esturjões, onde os meninos e seu tutor podiam pescar. A *babuchka* Pelageia Nikoláievna, que não sentia grande entusiasmo pela ideia de se distrair na companhia da vaqueira Matriona e seu vestido esfarrapado, não se juntava aos netos nessas viagens, mas as crianças adoravam as tardes que passavam com Matriona, sua filha e as crianças camponesas, ocasiões em que se regalavam com nacos de pão preto e de leite tirado diretamente da vaca. Elas gostavam de se ver cercadas pelas vacas e galinhas e pelo bando de cães do vilarejo que se reuniam em volta de Bertha, a *setter* do tutor.

As lembranças mais intensas que Tolstói guardava da avó estavam relacionadas à alegria de passar a noite no quarto da *babuchka* na companhia de Liev Stiepanitch, o contador de histórias cego. Na Rússia pré-emancipação, servos contadores de histórias, que eram negociados pela nobreza como peças de mobília, eram bastante comuns. Liev tinha sido comprado para Pelageia Nikoláievna por seu falecido marido, e por isso fora trazido para Iásnaia Poliana no seu séquito de servos. Ele era totalmente cego, tinha uma memória excepcional e era capaz de se lembrar de qualquer história, desde que tivesse sido lida para ele algumas vezes, palavra por palavra.

Na lembrança de Tolstói, o cego Liev vivia em algum lugar da casa principal, mas só aparecia à noite, quando subia as escadas para o quarto da avó e se preparava para a história da noite. Usando uma comprida sobrecasaca azul com mangas bufantes, Liev sentava-se no peitoril baixo da janela, e enquanto aguardava Pelageia Nikoláievna, alguém trazia seu jantar. Uma vez que Liev era cego, a avó de Tolstói despia-se na frente dele sem o menor receio e, depois, junto a algum dos netos, acomodava-se confortavelmente na cama para ouvir a narrativa da noite. Tolstói lembrava-se com exatidão do momento em que a vela

era apagada no quarto da avó, deixando apenas a luz bruxuleante de uma pequena lamparina ardendo sob os ícones em um canto. Ele via o perfil indistinto da avó deitada e coberta na cama sobre uma pilha de travesseiros — novamente uma visão totalmente branca, dessa vez com um gorro na cabeça. A um comando dela, a voz baixa e serena de Liev começava a desfiar alguma história fascinante — Tolstói lembrava-se em especial do cego narrando um dos contos das *Mil e uma noites*. O pequeno Liev ouvia, mas seus olhos estavam fixos na sombra trêmula do perfil da avó na parede.

A tia Aline não podia ser mais diferente da mãe, Nikoláievna, que mesmo idosa continuava a se comportar como a grande dama que fora outrora. Refinada e graciosa, com olhos azuis sonhadores e pele clara, Aline adorava ler e tocar harpa. Fazia grande sucesso na alta sociedade de São Petersburgo, e, em 1814, aos dezenove anos de idade, casou-se com Karl von Osten-Sacken, filho do embaixador saxônio na Rússia, o que à época foi tido como um matrimônio brilhante. O jovem casal retirou-se para a propriedade da família no Báltico, mas depois de um ano o marido de Aline começou a dar sinais de graves distúrbios mentais. Tolstói narra, em suas memórias, o horripilante episódio em que o demente conde von Osten-Sacken atirou à queima-roupa na esposa grávida, antes de sua internação definitiva em um manicômio.

Aline se recuperou (muitos anos depois ela mostrou ao sobrinho a cicatriz da bala), mas a experiência traumática deixou marcas duradouras. Ela voltou para São Peterburgo, mas deu à luz um filho natimorto. Temendo o efeito que isso teria sobre ela, a família tomou providências para substituir a criança morta pela filha recém-nascida de uma serva, esposa de um cozinheiro da corte. Era Páchenka, Pelageia Ivánovna Nastásina, que a tia Aline criou como sua própria filha. Tolstói reproduz essa história na segunda parte de *Anna Kariênina*: em um *spa* alemão, Kitty faz amizade com Varenka, moça russa cujo passado é extraordinariamente semelhante ao seu. Páchenka era cerca de dez anos mais velha que Tolstói, e vivia doente (morreria de tuberculose). Nem Tolstói, que a descreveu como “pálida, quieta e meiga”, nem seus irmãos parecem ter sentido que ela era de fato sua prima, mas Páchenka aparece na lista que ele compilou em suas memórias com os nomes das pessoas que mais havia amado em sua infância.

Quando Tolstói nasceu, Aline tinha 33 anos e a essa altura já se tornara uma mulher excepcionalmente devota. A decisão que mais tarde Tolstói tomaria, de dedicar seu dinheiro e sua energia para ajudar os outros, pode ter sido em parte

motivada pelo fato de ter crescido com uma tia que praticava os princípios cristãos que ele pregaria. Aline não apenas passava seu tempo rezando, jejuando, lendo vidas dos santos e visitando mosteiros, mas, como a princesa *Mária de Guerra e paz*, buscava a companhia de monges, freiras, peregrinos, mendigos e loucos santos. Algumas dessas pessoas visitavam Iásnaia Poliana, mas outras virtualmente viviam na propriedade, incluindo Mária Gerásimovna, uma louca santa que passara a juventude peregrinando pela Rússia vestida com roupas de homem, à maneira de Ivan, o Tolo, conhecido personagem dos contos de fadas russos. Quando a mãe de Tolstói estava prestes a dar à luz pela quinta vez, pediu a Mária Gerásimovna que rezasse para que ela finalmente tivesse uma menina. Assim que nasceu Macha, irmã de Tolstói, Mária Gerásimovna tornou-se madrinha da menina e presença constante na casa da família. A fé ingênua e comovente do jardineiro Akim fazia com que os Tolstói o vissem quase como outro louco santo morando em Iásnaia Poliana. As crianças o flagravam rezando no quiosque entre os dois pomares. Akim conversava em voz alta com Deus, “seu curandeiro”, como se a divindade estivesse de pé bem à sua frente.

Prenunciando o caminho que mais tarde Tolstói trilharia, Aline distribuía sistematicamente seu dinheiro aos pobres, mantinha a mais simples das dietas e não dava a menor atenção à aparência exterior, a ponto de ficar com o aspecto extremamente desleixado e desganhado; em suas memórias, Tolstói fica claramente aflito ao ter de comentar sobre o mau cheiro que a tia exalava. Ao mesmo tempo, recorda a expressão radiante e a gargalhada agradável de Aline. A lembrança pueril da tia tão generosa com todas as pessoas, de qualquer origem ou classe social, penetrou fundo na consciência de Tolstói. Talvez Aline tenha tido um impacto muito maior no temperamento do sobrinho do que ele próprio imaginava.

Aline foi uma pessoa importante na vida de Tolstói, mas ele não era tão próximo dela quanto de sua tia Toinette, órfã que fora criada pelos avós do escritor. Tolstói supunha que quando jovem ela devia ter sido bastante atraente, com sua massa negra de cabelos encaracolados presos com firmeza por uma grossa fita, olhos de ágata e expressão animada. O menino Tolstói jamais parou para ponderar se ela era bonita ou não, mas simplesmente adorava tudo nela — os olhos, o sorriso, as mãos finas, a personalidade acalorada. Toinette falava francês melhor do que russo, era excelente pianista e, como a tia Aline, tratava todas as pessoas com bondade, inclusive os servos. De acordo com os textos

memorialísticos de Tolstói, ela jamais discutia questões de justiça social, e aceitava a existência da servidão como um fato da vida, mas o escritor enfatiza que ela usava sua posição elevada somente para ajudar as pessoas. Toinette também se opunha com firmeza às punições corporais aos servos. De fato, ao longo dos trinta anos em que conviveu com ela, Tolstói não se lembrava de a ter ouvido pronunciar uma única palavra ríspida. Ela era uma pessoa enérgica e abnegada, mas seu principal traço de personalidade era o amor. Sua vida inteira havia sido de amor, escreveu Tolstói, mas por uma única pessoa — o pai do escritor. Apesar de desejar o contrário, Tolstói sabia que ela o amava e a seus irmãos apenas por causa do pai, e o afeto que Toinette sentia por todos era consequência natural do amor que nutria por Nikolai Ilitch.

Toinette era dois anos mais velha que Nikolai Ilitch, com quem fora criada e a quem continuou devotada; mas, como a Sônia de *Guerra e paz*, ela saiu de cena para que ele pudesse encontrar uma noiva com dote maior, e assim ter alguma esperança de quitar as astronômicas dívidas do pai. De maneira igualmente abnegada, depois que Nikolai Ilitch se casou, Toinette tornou-se uma boa amiga de Mária Nikoláievna. Seis anos depois da morte da esposa, talvez por temores suscitados por problemas de saúde, Nikolai propôs casamento a Toinette, mas ela recusou, aparentemente porque não queria arruinar o que Tolstói descreve como suas relações “puras e poéticas” com a família. Ela nunca falou dessa proposta, mas aceitou o segundo pedido de Nikolai: tornar-se mãe de seus filhos e jamais abandoná-los. Em suas memórias, Tolstói declara que foi sua tia Toinette quem lhe ensinou o “prazer espiritual” do amor. Ela jamais deu ao menino instruções e lições sobre a vida, nunca recomendou a leitura de literatura moralmente edificante, tampouco discorria sobre religião ou como rezar. Não foram as palavras, mas “o ser inteiro” de Toinette que infectou de amor o menino. A vida moral e espiritual da tia era algo completamente interiorizado, e que se manifestava pela maneira absolutamente humilde, calma e serena como vivia. Tolstói a considerava uma das maiores influências de sua vida.

Tolstói pode ser perdoado por não se lembrar de todas as pessoas de sua primeira infância. Sua família era tão numerosa e havia tantos dependentes e agregados, sem mencionar o sem-número de servos que também tinham de ser acomodados, que no início da década de 1830 Iásnaia Poliana devia ser um lugar abarrotado. Em suas memórias, ele recorda outra pessoa que passou a integrar a família em algum momento de sua infância — uma menina chamada Liubov

Serguéievna, mais uma filha ilegítima que fora acolhida por piedade. Como Páchenka e Dunechka, ela não teve vida fácil, mas os Tolstói fizeram de tudo por ela, chegando inclusive a tentar (sem sucesso) arranjar seu casamento com Fiódor Ivánovitch, o tutor alemão das crianças. Fiódor Ivánovitch foi outra pessoa que parece ter tido presença constante na infância de Tolstói. Ele chegou a Iásnaia Poliana no verão de 1829, para tomar conta de Nikolai, então com seis anos de idade.

Tutores estrangeiros eram uma obsessão da nobreza russa, particularmente na primeira metade do século XIX, antes da abolição do estatuto servil. Os filhos das famílias aristocráticas não frequentavam escolas, o que de fato era impraticável, uma vez que muitas delas viviam em propriedades rurais remotas. Em vez disso, tutores e governantas estrangeiros eram importados, especialmente da França, Inglaterra e Alemanha, e em seu novo lar ocupavam uma posição intermediária entre os patrões e os criados domésticos, posição por vezes complicada e incômoda. Era o que acontecia na casa da família Tolstói. Fiódor Ivánovitch era o nome russo que os Tolstói deram a Friedrich Rössel quando ele começou a trabalhar em Iásnaia Poliana. Tolstói não diz muita coisa sobre Fiódor em suas memórias, mas aponta para o fato de que seu retrato do tutor alemão Karl Ivánovitch em *Infância* era bastante fiel ao modelo em foi inspirado (e certa vez, em uma carta, Tolstói chegou a referir-se a Fiódor Ivánovitch como Karl Ivánovitch). O tutor era um homem bastante decente e bondoso, amado pelas crianças, a quem era bastante dedicado, mas era um tanto ingênuo e não muito culto. As crianças aprenderam a falar muito bem o alemão — mas com um perceptível sotaque saxônio.

É óbvio que as outras pessoas importantes da vida de Tolstói em seus primeiros anos de vida eram os criados — babás, mordomos, pajens, cozinheiros, despenseiros, cocheiros —, figuras presentes em qualquer casa da nobreza russa durante os anos da servidão. Alguns criados viviam na casa principal, outros nos arredores da propriedade. O bebê Liev ficou aos cuidados primeiro da velha Ánuchka, que tinha sido a babá de seu irmão Nikolai. Ele se lembrava de que ela tinha olhos muito pretos e um único dente, e as crianças da família ficaram ao mesmo tempo encantadas e apavoradas quando souberam que ela tinha cem anos de idade. Para Tolstói, a velha Anna Ivánovna e a respeitável governanta Praskóvia Isáievna tinham uma aura especial, por terem trabalhado para seu avô, Nikolai Volkonski. Praskóvia Isáievna seria imortalizada em *Infância*. Mais tarde

o escritor declarou que o retrato era bastante fiel ao modelo que lhe servira de inspiração.

Pequena e de pele morena, Tatiana Filíppovna assumiu o lugar de Ánuchka e passou a ser a babá das crianças. Ela retornou a Iásnaia Poliana depois de ajudar a cuidar das filhas da irmã de Tolstói e mais tarde ajudou também a tomar conta do primogênito do escritor, Serguei. Anos depois ela morreria em Iásnaia Poliana, no mesmo quarto em que o já idoso Tolstói escrevia suas memórias. Tolstói descreve Tatiana como uma alma simples, completamente devotada à família de seus senhores e continuamente explorada por seus próprios parentes: seu marido imprestável e seu filho inútil viam nela uma fonte de dinheiro fácil. O irmão de Tatiana, Nikolai Filípovitch, trabalhava como cocheiro em Iásnaia Poliana e também era uma figura amada e respeitada pelas crianças, que gostavam do agradável cheiro de esterco que ele exalava e de sua voz suave e melodiosa.

Todo proprietário de terras russo tinha seus servos favoritos, e Tolstói comentou que isso era particularmente verdadeiro para pessoas como seu pai, apaixonado por caça. Por causa do tratamento preferencial que Nikolai Ilitch dispensava aos irmãos Petrucha e Matiucha, que eram inestimáveis no campo e serviam juntos à mesa, os dois não eram muito populares entre os servos, pois os presentes que recebiam e os privilégios que tinham despertavam o ressentimento e a inveja. Como era comum nesses casos, quando ganharam a liberdade, os irmãos não lidaram muito bem com a súbita mudança e depois que deixaram de estar sujeitos a um senhor jamais pareceram satisfeitos com sua nova situação. Nenhum dos dois se casou. Em menino, Tolstói os admirava como homens fortes, bonitos e sempre impecavelmente vestidos.

Além de Petrucha e Matiucha, o pequeno Tikhon (que tinha olhos acinzentados e, às escondidas, roubava tabaco de Nikolai Ilitch) servia à mesa da família, mas era bastante diferente. Tinha sido flautista na orquestra de Nikolai Volkonski, e sua segunda incumbência era varrer toda manhã os salões de recepção da casa; terminada a tarefa, ele se sentava no salão da frente e se punha a cerzir meias. Era um comico inato e fazia muito sucesso entre as crianças da família, pois tinha o hábito de se postar atrás do pai ou da avó e fazer caretas. Assim que o adulto se virava para olhar ele imediatamente ficava imóvel, o prato ou bandeja erguido junto ao peito. Vassíli Trúbetskoi, despenseiro de sorriso perverso, também era lembrado com afeição. Gostava de todas as crianças: os meninos adoravam quando ele os punha em uma bandeja e zanzava com eles pela

despensa. Tolstói escreveu que aos seis anos de idade ficou atordoado ao receber a notícia de que Vassíli fora nomeado para administrar uma propriedade herdada pela família. Mais tarde, Tolstói afirmou que naquele Natal experimentou pela primeira vez a angústia de ter de enfrentar a mudança, no momento em que Vassíli, depois de ficar sabendo da promoção, foi beijar as crianças no ombro.

O Natal era uma época em que as crianças da família Tolstói tradicionalmente se misturavam aos servos na propriedade. Estendendo-se por doze dias até a Epifania, o Iuletide na Rússia era um período particularmente alegre, em que as regras da vida cotidiana normal eram temporariamente suspensas e homens e mulheres mascarados e vestindo trajes coloridos e bizarros saíam para frenéticos passeios de *troika* ou iam a pé de casa em casa cantando hinos de Natal. Em troca, ganhavam comida e bebida. Também era costume os servos visitarem seus senhores. Todo Natal, cerca de trinta camponeses pertencentes à família Tolstói chegavam à casa principal vestindo fantasias (havia sempre um urso e um bode) ou roupas do sexo oposto. As crianças Tolstói também se enfeitavam e, com a ajuda de uma rolha queimada, desenhavam bigodes pretos umas nas outras. O velho Grígori, ex-violinista da orquestra de servos de Nikolai Volkonski, fazia sua visita anual a Iásnaia Poliana para acompanhar a música e os cantos. Lembranças felizes dessas festividades, que seriam mantidas pelos filhos de Tolstói, mais tarde inspiraram a encantadora cena de *Guerra e paz* em que certa noite os jovens Rostov, Natasha, Sônia e Nikolai se vestem com aprumo e vão de trenó visitar seus vizinhos.

Foka Démidich, o mordomo da família, tinha tocado o segundo violino na orquestra, mas na década de 1830, época em que Tolstói era criança, se limitava a anunciar — vestindo uma sobrecasaca azul e com o máximo de cerimônia possível — que o almoço das duas da tarde estava servido. A bem da verdade, a família Tolstói vivia com austeridade se comparada a muitas famílias nobres — à exceção de um par de espelhos de moldura folheada a ouro, algumas poltronas Voltaire e mesas de mármore, a casa era decorada de maneira bastante espartana; a mobília e as roupas de mesa eram fabricadas por seus próprios carpinteiros e tecelões. Mas em outros aspectos as velhas tradições patriarcais da aristocracia russa eram zelosamente mantidas. Em suas memórias Tolstói comenta com orgulho que o pai não teve de se submeter à indignidade de se tornar funcionário público no governo de Nicolau I, e o escritor de fato não conseguia se lembrar de sequer ter visto, durante sua infância e juventude, um funcionário público.

Tolstói era o primeiro a reconhecer que sua primeira infância foi idílica e privilegiada. Como tantas propriedades rurais russas do período, Iásnaia Poliana era um reino quase autossuficiente, com sua própria população de servos para arar os campos, ordenhar as vacas, cortar madeira, tecer tapetes, remendar sapatos, cuidar dos cavalos, criar cães de caça, desbastar caminhos, cuidar das contas da casa, preparar refeições, buscar água e lavar a roupa suja. Era também um mundo completo, de que Tolstói jamais precisava sair. Iásnaia Poliana propiciava um ambiente protegido em que ele podia crescer cercado por parentes e por uma numerosa segunda família de servos. Era também uma escola de elite em que ele iniciou sua educação com um tutor particular, e um enorme parque de diversões, cujos bosques, lagos e veredas sinuosas prometiam infindáveis e empolgantes aventuras. Por fim, era uma paisagem fisicamente linda de avenidas margeadas de árvores, jardins elegantes e lagos tranquilos. Tolstói viveu nesse paraíso rural os primeiros oito anos de sua vida; de fato, durante esse período a jornada mais importante que ele fez foi quando, aos cinco ou seis anos, desceu as escadas, saindo do quarto das crianças menores para juntar-se a seus irmãos mais velhos e ficar sob os cuidados do tutor alemão.

Existem alguns preciosos relatos em terceira pessoa acerca do menino Tolstói, mas mesmo nessas escassas fontes chama a atenção o número de travessuras. Em uma carta que Aline escreveu a Toinette quando Liev tinha cerca de seis anos, por exemplo, ela fez questão de dizer que já fazia algum tempo que o “pequeno Liev” fora dispensado da mesa de jantar, sugerindo que isso até então tinha sido um fato frequente. Desde a mais tenra idade todos notaram também a “originalidade” de Tolstói: seus parentes se lembravam de ter achado muito engraçada a ocasião em que o menino teve a ideia de entrar na sala de visitas e fazer uma mesura para todos os presentes: só que de costas, jogando a cabeça para trás em vez de se inclinar, e dando uma pancadinha nos calcanhares.

Já perto do fim da vida, quando decidiu escrever suas memórias, Tolstói se recusou a relatar todas as suas felizes lembranças de infância, primeiro porque eram “infindáveis” e também porque temia que seria impossível transmitir adequadamente a outras pessoas as recordações que ele estimava tanto e que para ele eram tão importantes. Lembrava-se de poucos eventos específicos de sua primeira infância, além das idas e vindas do pai e das excitantes histórias que ele contava acerca das aventuras que encontrava nas expedições e caçadas. Tolstói

se lembrava de apenas três ocasiões que realmente haviam deixado nele uma forte impressão, mas duas delas são intrigantes. Uma foi quando da visita de um dos primos da mãe, um dos príncipes Volkonski, um cavaleiro hussardo. Liev ainda era muito pequeno, e o homem colocou-o sentado em seu joelho. Tolstói escreve que a experiência de se sentir preso e apertado impeliu-o a tentar se soltar enquanto o jovem oficial entabulava conversa com os outros adultos. Isso fez com que o hussardo o apertasse com mais força. A sensação de prisão, de não estar livre, escreve Tolstói, deixou-o tão exasperado que ele começou a berrar e a tentar escapar. Tolstói passaria a vida afirmando sua independência e resistindo a todas as tentativas de se sujeitar a regras ou agir em conformidade com o padrão geral.

A outra impressão digna de nota, deixada por um parente que também visitou Iásnaia Poliana, “o famoso americano”, conde Fiódor Ivánovitch Tolstói, seu tio, era bem mais positiva, e está relacionada ao que Tolstói definiu como o principal traço característico de sua família: *dikost*. Essa é uma palavra com muitos significados na língua russa. *Dikost* significa literalmente “estado selvagem” ou “selvageria”, mas também qualifica indivíduos antissociais ou tímidos. Em outros contextos, pode significar estranheza, excentricidade ou absurdo. Quando aplicava o termo a membros de sua família, Tolstói gostava de definir *dikost* como paixão e ousadia, ardor e veemência. Em seu livro, não se trata de um substantivo com conotações negativas. Para ele, a palavra denotava originalidade e independência de pensamento, bem como a propensão para fazer o contrário do que fazem todas as outras pessoas. O Tolstói adulto certamente nadou contra a corrente em quase tudo que fez, e chegou inclusive a usar a palavra *dikost* para descrever as ideias radicais que desejava aplicar à educação, quando lançou seu boletim pedagógico em 1862. Tolstói via o *dikost* não apenas em muitos de seus ancestrais ilustres, mas também em alguns de seus parentes contemporâneos — mesmo em sua afetada e bem comportada prima distante, Alexandra Andréievna, que era espirituosa, mas não obstante uma comedida dama de companhia na corte imperial. “Você tem o *dikost* tolstoiano que todos nós temos”, escreveu ele em carta a Alexandra em 1865. “Não foi por outro motivo que Fiódor Ivánovitch tatuou o corpo.” De fato, Fiódor Ivánovitch Tolstói era o mais desenfreado de todos os Tolstói: quando jovem, em visita a uma ilha polinésia no Pacífico Sul, decidiu imitar os nativos cobrindo o corpo de tatuagens. Por sua vez, Alexandra Andréievna chamava seu parente mais jovem

Liev Nikoláievitch de “leão rugidor” — em russo a palavra *Liev* nomeia a constelação zodiacal e o felino.

Tolstói também cobriu de *dikost* um de seus personagens mais autobiográficos. “Todos vocês, os Liévini, são *diky*”, diz o sofisticado *bon vivant* Stiepan (Stiva) Oblónski a seu amigo — socialmente canhestro, mas que buscava ardorosamente a verdade do sentido da vida — Konstantin Liévin em *Anna Kariênina*. “Vocês sempre fazem o que ninguém mais faz.” É exatamente assim que Tolstói era visto por seus contemporâneos. Em 1868, Eugene Schuyler, recém-nomeado cônsul norte-americano em Moscou, foi desencorajado (mas não dissuadido) de conhecer pessoalmente Tolstói por uma anfitriã que o caracterizou como “bastante tímido e bastante indômito”. Se foi do ancestral Piotr Andréievitch que Tolstói herdou sua capacidade de erudição, provavelmente foi de Fiódor Ivánovitch, o imoderado Tolstói que mandou tatuar o corpo inteiro, que o escritor herdou o espírito independente e a força física. O jovem Liev não precisava de histórias de fadas, já que havia em sua família um parente cuja história de vida parecia um romance de aventuras — mais tarde seu próprio filho Serguei ficaria tão fascinado que, em 1926, publicaria uma biografia curta de Fiódor Tolstói.

Desde muito cedo Fiódor Tolstói (1782-1846) ganhou a reputação de ter um temperamento turbulento; travou seu primeiro duelo aos dezessete anos, logo depois de receber a patente de oficial na Guarda de Preobrazhenski, regimento de elite de São Petersburgo. Em 1803, quatro anos depois, escapou da rigidez da vida militar ao conseguir, contra todas as expectativas, uma posição na chalupa de três mastros de fabricação britânica *Nadezhda*, cuja missão era completar, com um navio gêmeo, o *Neva*, a primeira expedição russa de circum-navegação. Depois de paradas em Copenhague, Falmouth e nas Ilhas Canárias, o navio seguiu viagem para o Cabo Horn e de lá para as Ilhas Marquesas, no Pacífico Sul, onde Fiódor fez as famosas tatuagens. A essa altura, o capitão Adam von Krusenstern já estava totalmente farto do jovem oficial. Ao contrário do naturalista, do astrônomo, do pintor e do médico a bordo, Fiódor Ivánovitch não tinha muito o que fazer e por isso se distraía e se divertia provocando discussões com a tripulação, pelo puro prazer de brigar, e colocando em prática ultrajantes brincadeiras e traquinagens, como soltar um orangotango (ou seria um bugio?) dentro da cabine do capitão. Certo dia ele embebedou o padre do navio e, usando cera para lacrar cartas e documentos, amarrou a barba do sacerdote ao deque.

Quando o *Nazdezhda* chegou à península de Kamchatka (ou Camecháteca), na região oriental do Império Russo, antes de seguir viagem para o Japão, o capitão Krusenstern ordenou que Tolstói abandonasse a embarcação.

A vida de Fiódor Tolstói acabou envolta em tantas lendas e fofocas lascivas que é difícil determinar a veracidade das muitas histórias que circulavam sobre ele, ou mesmo dos fatos do seu desembarque do *Nadezhda*. Uma das versões conta que ele foi abandonado nas Ilhas Aleutas, no Pacífico Norte, entre Kamchatka e o Alasca, na companhia de um bugio (ou será um orangotango?); mais tarde, faminto, teria sido obrigado a comer o símio. A biografia de Fiódor Ivánovitch publicada por Serguei Tolstói em 1926 refuta essa história. Serguei relata que certa vez, em visita a uma das já idosas filhas de Fiódor em Moscou, em 1872, teve os cabelos puxados por um macaco; ela sempre teve macacos como animais de estimação, para honrar a memória do macaco original do pai. Em seu livro, Serguei conclui que Fiódor Ivánovitch foi, sim, obrigado a desembarcar e que certamente passou algum tempo com as tribos nativas da Ilha Sitka, no sul do Alasca, que então fazia parte da colônia chamada “América Russa”. Foi assim que adquiriu seu apelido de “Tolstói, o americano”.

Em agosto de 1805, dois anos depois de deixar São Petersburgo, Fiódor Tolstói retornou à capital russa, atravessando a Sibéria por via terrestre. Foi imediatamente preso e enviado para cumprir pena de três anos em uma remota fortaleza na atual Savonlinna, 240 quilômetros ao norte de São Petersburgo. Depois de arriscar a vida na guerra contra a Finlândia (a Finlândia foi formalmente anexada pela Rússia em 1809), Tolstói recebeu permissão para ser reintegrado à Guarda de Preobrazhenski, mas suas nefastas façanhas o levaram a mais duelos, e em 1811 ele foi dispensado do exército. Contudo, seu espírito fanfarrão levou-o a se alistar como voluntário quando Napoleão invadiu a Rússia, e graças à sua bravura durante a Batalha de Borodino, na qual foi ferido, acabou sendo reintegrado às forças armadas e condecorado. Não surpreende que Tolstói tivesse Fiódor Ivánovitch em mente ao escrever *Guerra e paz*. O parente propiciou ao escritor a inspiração inicial do personagem do desesperado e libertino Dolokhov, que com ele compartilha o nome e o patronímico, bem como a paixão pelas cartas.

Em conformidade com o *dikost* tolstoiano, Fiódor Ivánovitch continuou cheio de surpresas depois de finalmente se aposentar e se recolher a Moscou em 1812. Ele abandonou os duelos e a jogatina e se aquietou. Em 1821, casou-se

com uma cantora cigana — por causa disso foi imediatamente relegado pela sociedade moscovita ao ostracismo —, com quem teve doze filhos, mas apenas uma chegou à idade adulta. Tolstói conheceu a viúva (Avdotia) e a filha (Praskóvia) de Fiódor em Moscou nas décadas de 1840 e 1850. Na velhice, Fiódor Tolstói tornou-se um homem profundamente devoto, e muita gente pedia para ver suas tatuagens; depois de tirar o enorme ícone de santo Espiridião, santo padroeiro da família Tolstói, que usava em volta do pescoço, exibia o pássaro de cores brilhantes no meio do peito, rodeado de motivos azuis e vermelhos, e as serpentes nos braços.

Fiódor Ivánovitch teve uma vida pitoresca, e é evidente que foi muito significativo para Tolstói ter conhecido quando menino seu famoso ancestral. Em suas memórias, Tolstói declara haver muita coisa que ele gostaria de dizer sobre aquele homem “atraente, extraordinário e sem lei”, cujo rosto bonito e bronzeado com espessas suíças até perto das laterais da boca deixaram nele uma impressão extraordinariamente poderosa. No início da década de 1830, quando visitou Iásnaia Poliana, Fiódor Ivánovitch já tinha mais de cinquenta anos, e seu temperamento abrandara; mesmo assim, ainda era um homem excêntrico e mostrou dois lenços bordados de cambraia que, segundo alegou, curariam magneticamente as dores de dente do irmão mais velho de Tolstói, Serguei.

Quando Fiódor Ivánovitch visitou Iásnaia Poliana, Tolstói tinha cerca de sete anos. Seu mais antigo manuscrito remanescente data desse período. As duas páginas hoje preservadas em seu arquivo eram sua contribuição para um diário coproduzido pelos irmãos:

DIVERSÕES INFANTIS

Seção um

HISTÓRIA NATURAL

Escrito pelo C[onde] L.[iev] N. To[lstói]: 1835

1. A águia

A águia é o rei das aves. Dizem que um menino começou a provocá-la, e ela ficou furiosa com ele e bicou-o até a morte.

2. O falcão

O falcão é uma ave muito útil, pois captura gazelas. A gazela é um animal que corre muito rápido, tanto que os cães não conseguem alcançá-la; o falcão ataca com uma arremetida e a mata.

3. *A coruja*

A coruja é uma ave muito forte, e não pode ver a luz do sol. Uma coruja-águia também é uma coruja. A única diferença está nos penachos.

4. *O papagaio*

O papagaio é um pássaro muito bonito, tem o bico curvo como um gancho, e pode aprender a falar.

5. *O pavão*

O pavão também é bonito, tem manchas azuis, e sua cauda é maior do que o corpo.

6. *O beija-flor*

O beija-flor é uma ave bem pequeninha, tem bico dourado e pode ser branco.

7. *O galo*

O galo é uma bela ave, sua cauda colorida pende para baixo, o papo é vermelho, azul e de todas as cores, e sua barbeta é vermelha. Quando o galo-indiano canta, abaixa a cauda e o papo, que é vermelho, preto e de todas as cores, incha. A cauda do galo-indiano é diferente, o galo indiano tem uma cauda frouxa.

Não sabemos muito mais sobre “Diversões infantis”, tampouco sobre outros projetos literários dos irmãos Tolstói durante a década de 1839. Quando escreveu suas memórias, Tolstói tinha poucas lembranças nítidas de seus irmãos, que foram seus primeiros amigos de recreação, mas de um evento ele se lembrou a vida inteira, pois era uma das mais importantes e estimadas de todas as suas recordações. Quanto tinha cerca de cinco anos de idade, seu querido irmão mais velho Nikolai, então com onze anos, anunciou que o segredo da felicidade humana estava escrito em um graveto verde enterrado numa ravina na floresta, a uma curta caminhada da casa. Quando o segredo fosse revelado, ele disse aos irmãos, as pessoas não apenas seriam felizes, mas também deixariam de adoecer e nunca mais haveria miséria e ódio. Todos se tornariam “irmãos formigas” (*muraveinye bratya*). Tolstói explica em suas memórias que Nikolai devia ter lido alguma coisa sobre os Irmãos Moravianos ou Morávios (*moravskie bratya*).

Por ser o mais velho, Nikolai era reverenciado pelos irmãos, que se dirigiam a ele usando a forma polida *vy* (em vez de *ty*). O pequeno Liev era quem mais admirava Nikolai, que nas memórias do escritor é descrito como “um menino extraordinário, com uma aguda sensibilidade artística, uma imaginação vibrante e um senso moral extremamente desenvolvido; uma pessoa boa e afável, sem ser presunçosa”. Os meninos Tolstói ficavam encantados pelos complexos jogos e rituais elaborados por Nikolai, que um dia prometeu levá-los à mítica “montanha Fanfaronov”, desde que eles seguissem ao pé da letra as exigências que ele determinava, incluindo ficar parado num canto tentando não pensar em um urso branco e passar um ano inteiro sem ver um coelho branco. Os meninos também

brincavam de “irmãos formiga” amontoando-se em uma toca feita com duas cadeiras, algumas caixas e xales. Já adulto, Tolstói continuou acreditando fervorosamente na possibilidade do ideal dos “irmãos formiga”, mas agora em maior escala, de modo a abarcar a humanidade inteira. Em memória ao irmão Nikolai e às suas aspirações de amor e bondade, que o próprio Tolstói tinha tentado emular, já no fim da vida o escritor pediu para ser enterrado junto ao lugar em que o graveto verde supostamente estaria, e isso de fato aconteceu em novembro de 1910.

Estranhamente, o impulso religioso que inspirou Tolstói na década de 1880 não era tão distante do ímpeto que movia os Irmãos Moravianos. A Igreja Moraviana, que ainda hoje continua a florescer, remonta à rebelião contra o catolicismo romano iniciada por João Hus no final do século XIV, mais de cem anos antes de Lutero e da Reforma Protestante. Hus e seus seguidores checos baseados na Morávia e na Boêmia, cuja população eslava tinha sido a primeira a ser convertida à Ortodoxia Oriental pelos missionários bizantinos São Cirilo e São Metódio no século IX. Os “hussitas” queriam restabelecer aquelas tradições, bem como rejeitar a prática contemporânea das indulgências ministradas pela Igreja Católica, à qual as populações locais tinham sido convertidas à força quando passaram a ser súditas do Império Austríaco. A ideia de salvação pessoal baseada na relação individual com Deus era e ainda é elemento fundamental na doutrina da Igreja Moraviana, e séculos depois Tolstói pregaria algo semelhante, quando se rebelou contra o que a seu ver era um excesso de dependência da Igreja Ortodoxa do ritual e da superstição. Os primeiros protestantes da Boêmia e da Morávia foram inevitavelmente perseguidos durante a Contrarreforma, e nos anos seguintes sua igreja acabou relegada à clandestinidade. Muitos de seus seguidores acabaram emigrando para partes da Europa mais tolerantes ao luteranismo, com cujas doutrinas tinham muito em comum.

É intrigante que Tolstói também tenha algo em comum com o fundador da renascida Igreja Moraviana, o excêntrico conde Nikolaus Ludwig Von Zinzendorf, cujo ardoroso engajamento a serviço dos pobres levou-o a autorizar um grupo de irmãos a formarem uma comunidade em suas terras na década de 1720. Zinzendorf acabou deixando seu cargo junto à corte real saxônia em Dresden e renunciou a seu título e a seu estilo de vida aristocrático a fim de levar uma vida simples e dedicar-se ao serviço de Deus. Ele deu unidade ao novo vilarejo fundado pelos imigrantes, que adotaram um “Acordo Fraterno”, e teve

papel crucial na transformação espiritual que levou os irmãos a se amarem uns aos outros. Tolstói, é claro, jamais acreditou que estava iniciando uma nova igreja e também prescindiu de todos os sacramentos. Mas seu apelo às ideias ecumênicas de solidariedade e sua pregação a favor dos méritos de uma vida simples e de caridade alinharam seu pensamento aos ideais da Irmandade Moraviana. Ademais, como “irmão formiga” pioneiro, ele certamente teria aprovado o lema morávio: “Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, liberdade; em todas as coisas, amor”.

ORFANDADE

Eu o parabeneço, meu querido Liova, e também ao seu irmão e a sua irmã, desejo a vocês boa saúde e diligência nos estudos, de modo que jamais causem desgostos à querida titia Tatiana Alexándrovna, que trabalha tanto por nós. Mitia e Liova, outro dia saímos para dar um belo passeio, fomos até as Colinas do Pardal, e lá tomamos chá. Como o tempo está tão bom, imagino que vocês estavam em Grumant. Espero que se divirtam muito. Meu amor para a querida Macha...

Carta de Nikolai Tolstói a Liev, Dmítri e Macha Tolstói, enviada de Moscou para Iásnaia Poliana, por ocasião do aniversário de dez anos de Liev, em agosto de 1838

JÁ SEPTUAGENÁRIO, Tolstói escreveu que o “período inocente, alegre e poético” de sua vida durou até seus catorze anos de idade. Contudo, somente os primeiros sete anos foram serenos e livres de preocupações. Nos outros sete, Tolstói perdeu o pai, a avó e a tia, foi temporariamente separado dos irmãos mais velhos, e sua família mudou de endereço três vezes. O último abalo resultou em um deslocamento para várias centenas de quilômetros de casa. Em sentido estrito, o declínio da parte mais idílica da infância de Tolstói começou com o primeiro desses deslocamentos, quando os tranquilos arredores de Iásnaia Poliana foram trocados pelo mundo novo e intimidador da metropolitana Moscou. Esse período — e os anos imediatamente seguintes — estão entre os menos conhecidos de uma biografia abundantemente documentada. Com poucas exceções, as memórias de Tolstói são essencialmente interrompidas quando a família vai embora de Iásnaia Poliana. Ainda que seja uma obra de ficção, sua trilogia *Infância*, *Adolescência* e *Juventude* é também uma maravilhosa fonte de detalhes sobre os primeiros anos de Tolstói, uma vez que está claramente enraizada em sua própria experiência.

O pai de Tolstói mudou-se com a família para Moscou em janeiro de 1837,

em nome da educação dos filhos mais velhos. Liev tinha apenas oito anos de idade, mas seu irmão mais velho, Nikolai, estava com catorze e já se preparava para ingressar na universidade. A mudança foi um tremendo empreendimento, uma vez que a família era numerosa, consistindo dos cinco filhos, dois apadrinhados, duas tias, Nikolai Ilitch e sua mãe, acompanhados de um regimento completo de trinta servos. A jornada rumo ao norte, em uma caravana de sete carruagens, mais um trenó fechado especial para a avó Pelageia Nikoláievna, durou dois dias. Para que a idosa se sentisse segura, ela foi acompanhada por dois servos, obrigados a viajar a pé ao lado do veículo e enfrentando temperaturas congelantes ao longo de todo o trajeto. As crianças se revezavam com o pai. Quando finalmente entraram em Moscou, Liev teve a sorte de estar ao lado dele, que ia apontando as igrejas e edifícios proeminentes entrevistados pelas janelas da carruagem.

Chegando pelo sul, os Tolstói teriam passado pelo pitoresco bairro dos mercadores, o Zamoskvorechie (“Além do rio Moscou”) e, assim, a primeira coisa que teriam visto era uma profusão de igrejas com cúpulas em formato de cebola. Os mercadores eram tradicionalmente a parcela mais devota da população russa, e o Zamoskvorechie tinha a maior concentração de igrejas de Moscou, que à época já era conhecida pela profusão de tais edifícios. Nikolai Ilitch alugara uma bela casa afastada da rua, com mezanino e um espaçoso pátio, e depois de passar pelo Zamoskvorechie a caravana da família Tolstói teria seguido para o oeste e chegado a uma tranquila área residencial junto ao rio Moscou. Foi para essa parte de Moscou que Tolstói regressou com sua própria família na década de 1880.

Na velhice, Tolstói tinha apenas lembranças vagas desses primeiros meses na antiga capital. A cidade, já plenamente recuperada dos traumáticos eventos de 1821, passava por um intenso período de reconstrução, e o novo cenário urbano deve ter sido arrebatador para um menino que, acostumado ao ambiente rural, se viu em meio a edifícios e gente desconhecida e deixou de ser o centro das atenções. O irmão Nikolai estava ocupado preparando-se para a universidade, e as crianças raramente viam o pai, que tinha contratado doze tutores (incluindo um professor de dança) para entreter os filhos, a um custo de 83 mil rublos. Enquanto isso, Nikolai Ilitch estava envolvido em um processo judicial relacionado à propriedade de Pirogovo, a ele vendida por Alexander Témiahev, o homem que lhe tinha implorado que criasse sua filha ilegítima Dunechka. Logo

após a assinatura do contrato, Témíachev foi acometido de paralisia, e seus parentes quiseram anular o negócio. Por sua vez, Nikolai Ilitch se considerava o legítimo proprietário. A saúde de Nikolai estava fragilizada desde o duro período que ele passara no exército, durante e após a invasão napoleônica. Também contribuíra para sua debilidade física e emocional o fardo de assumir as responsabilidades pela família depois da falência, demissão e morte do pai. Além disso, o pai de Tolstói tinha tendência ao alcoolismo. Em 1836, em carta a um amigo, ele informa que estava sob rigorosa dieta e tomando medicamentos, pois tinha tossido grande quantidade de sangue.

Em junho, poucos meses depois de ter chegado a Moscou, Nikolai Ilitch foi obrigado a retornar com urgência para Tula a fim de tentar lidar com a crise deflagrada pela compra de Pirogovo. Levando consigo apenas os fiéis servos Petrucha e Matiucha, ele percorreu o trajeto na metade do tempo que sua família levava meses antes, e a viagem deteriorou ainda mais sua saúde. Na noite seguinte, poucos dias antes de seu aniversário de 53 anos, enquanto caminhava por uma rua de Tula, Nikolai sofreu uma grave hemorragia pulmonar e um derrame, e morreu no mesmo dia. Circularam rumores de que ele tinha sido envenenado pelos servos, já que aparentemente todo o seu dinheiro havia sido roubado, mas Tolstói nunca esteve inclinado a acreditar nessa versão.

A morte inesperada de Nikolai foi, compreensivelmente, um tremendo choque para a família. Sua irmã Aline e seu filho mais velho Nikolai viajaram de Moscou para enterrá-lo ao lado da mãe Mária Nikoláievna no cemitério do vilarejo próximo a Iásnaia Poliana. Para o pequeno Liev, a morte do pai foi o evento mais significativo de sua infância, e por muito tempo o menino alimentou a expectativa de vê-lo nas ruas de Moscou. A *babuchka* Pelageia Nikoláievna, que morria de amores pelo filho, jamais se recuperou, e a perda também afetou profundamente a irmã Aline; porém, talvez ninguém tenha sofrido mais do que a prima distante Toinette, para quem ele tinha sido o centro do mundo.

Agora Aline se tornara a guardiã dos cinco jovens Tolstói, e contou com a ajuda de um dos amigos de seu falecido irmão, Serguei Iázikov, dono de uma propriedade na província de Tula. Iázikov era também o padrinho de Liev, mas desde o início seu envolvimento foi mínimo, e com o tempo diminuiu ainda mais. Além de assumir a responsabilidade pela educação das crianças, Aline tinha de se ocupar com as dificuldades de tarefas práticas como vender gado e organizar as colheitas, já que agora estava encarregada de administrar a considerável renda

proveniente das cinco diferentes propriedades que as crianças Tolstói tinham herdado. Cada uma delas vinha com uma fazenda, e cada fazenda tinha uma complicada contabilidade; os números precisavam ser cuidadosamente verificados, o que obrigava Aline a lidar com uma infinidade de contadores, administradores e procuradores, muitas vezes truculentos e desonestos. Aline também se viu às voltas com a responsabilidade de zelar pelo bem-estar da multidão de centenas de servos pertencentes à família Tolstói. Afinal de contas, era graças à labuta deles que a família podia manter um estilo de vida confortável. No fim ficou claro que, para tamanha empreitada, uma pessoa tão ingênua, alheada e desapegada como Aline era, para dizer o mínimo, pouco qualificada, uma vez que seus maiores interesses eram, em suma, espirituais e não materiais. Graça a hábeis e intrincadas manobras, Nikolai Ilitch possibilitou que a família vivesse em Moscou no mesmo estilo confortável a que estava acostumada no campo, mas, por ocasião de sua morte, a situação financeira dos Tolstói se encontrava em dificuldades. Aline só via dívidas por toda parte, e havia ainda o processo legal pendente, que se arrastaria por vários anos até ser decidido em favor da família Tolstói.

Nos meses quentes de verão que se seguiram à morte do pai, Tolstói e os outros herdeiros ficaram em Moscou — em circunstâncias normais teriam retornado a Iásnaia Poliana. Aline teve a sorte de contar com o auxílio da tia Toinette para cuidar das crianças. Foi Toinette, por exemplo, quem levou os jovens Tolstói para assistir pela primeira vez ao balé Bolshoi, no outono do mesmo ano. Eles ocuparam um camarote, e já idoso Tolstói recordaria que naquele dia não percebeu de imediato que em vez de olhar em linha reta, para os camarotes do outro lado, devia olhar para baixo, para o palco. Até mesmo a temível avó agora tomara para si a incumbência de ajudar a criar os netos. Prospère Saint-Thomas foi contratado como tutor francês dos meninos mais velhos, e três dias após a morte do filho Pelageia Nikoláievna decidiu convidar um francês de Grenoble para assumir a função de preceptor residente de seus netos, substituindo o alemão Fiódor Ivánovitch, que apesar de bondoso e adorável não era muito competente e acabou sendo preterido e rebaixado de posto. Fascinada por tudo que era francês, Pelageia Nikoláievna imaginava que Saint-Thomas seria a autoridade masculina de que as crianças precisavam. Magro, pequenino e louro, o francês certamente era dinâmico, mas Tolstói tinha restrições à atitude presunçosa e ao excesso de vaidade do tutor, e tampouco se

impressionou muito com seus grandiloquentes floreios retóricos. Saint-Thomas era também um severo disciplinador, que obrigava seus pupilos a implorar perdão, de joelhos, por qualquer travessura ou falha de comportamento, por mínimas que fossem. O pior momento de todos se deu quando trancou Liev e ameaçou puni-lo com uma vara. Em termos de importância ou representatividade, é claro que o incidente não está no mesmo nível da morte do pai, mas mesmo assim deixou uma profunda impressão em Tolstói — tanto que mesmo depois de sessenta anos o escritor registrou em seu diário a humilhação e o sofrimento de ouvir as risadas e a alegria ruidosa da família enquanto ele estava trancafiado “na prisão”. Em suas memórias, Tolstói chega ao ponto de localizar precisamente nesse episódio de provação a origem de seu duradouro horror à violência. É sintomático que Tolstói tenha insistido em dar importância a esse incidente e escrever sobre ele. Em 1908, em uma frase que ficaria célebre, Lênin diria que a grande marca distintiva da ficção tolstoiana é a capacidade de “arrancar máscaras”, e parece que aos nove anos de idade o menino Tolstói já era capaz de ver através da fachada atraente e enganosa do pretensioso tutor francês. Embora tenha sido exatamente nesse momento que começou a tomar gosto pelos estudos; a sua já obstinada e teimosa natureza fez com que Tolstói se ressentisse por ter de se submeter à autoridade de uma pessoa que ele não respeitava. Mais tarde, ele veria como uma ferida no amor-próprio a ideia de se sujeitar a qualquer tipo de autoridade.

A relação conflituosa de Tolstói com Saint-Thomas talvez tenha começado pela percepção, em algum nível, de que ele possuía um intelecto superior ao de seu preceptor, mas sua agudeza mental nem sempre podia ser percebida, e certamente não no dia em que ele tentou voar. É mais provável que tenha sido o *dikost* tolstoiano que instigou o menino a subir ao mezanino usado para as aulas e se lançar pela janela. Mais tarde, ele diria que queria apenas fazer algo extraordinário e surpreender todo mundo. Contudo, uma vez que todos estavam à mesa, se perguntando qual seria o paradeiro do pequeno Liev, continuaram sem tomar conhecimento da singular façanha — até que a misteriosa ausência do caçula foi solucionada pelo cozinheiro, que tinha visto o menino se estatelar no chão após o mergulho pela janela da cozinha. No fim ficou claro que Tolstói tinha sido abençoado com uma sólida compleição física. Ficou inconsciente por alguns minutos, sofreu uma leve concussão, mas depois de dormir por dezoito horas ininterruptas acordou plenamente restabelecido.

Pouco antes do primeiro aniversário da morte de Nikolai Ilitch, em maio de 1838, a *babuchka* morreu aos 66 anos, depois de padecer de uma longa e dolorosa doença. Foi uma morte que Tolstói acompanhou bem de perto. Junto com os irmãos, passou pela experiência de beijar a mão branca e inerte que jazia sobre a montanha de lençóis brancos da cama alta da avó e se despedir antes mesmo que ela desse o último suspiro. Também teve de enfrentar a visão do horrendo nariz em forma de gancho da avó no caixão aberto sobre a mesa antes do enterro e de vestir um traje de luto preto novo em folha. Incapaz de conceber qualquer mudança em seu outrora grandioso estilo de vida aristocrático, após a morte do filho Pelageia Nikoláievna tinha insistido em manter inalterados os extremamente formais e ritualizados hábitos da família à mesa, mas agora tudo havia desandado. Até mesmo a tia Aline, pouco dada à vida prática, podia ver que as contas não fechavam. Subtraído o dinheiro necessário para pagar os vários salários, propinas e dívidas, a renda das cinco propriedades da família mal cobria o aluguel da casa de Moscou e os salários de todos os tutores contratados, sem contar as várias outras despesas.

Decisões drásticas precisavam ser tomadas, o que resultou na separação da família: Aline continuou em Moscou com Saint-Thomas, sua pupila Páchenka e os dois meninos mais velhos. Eles se mudaram para um apartamento menor e bem mais barato, mas ficaram felizes de deixar para trás o casarão “que tinha visto tantas lágrimas”. Os dois meninos mais novos, sua irmã Macha e Dunechka voltaram com a tia Toinette e Fiódor Ivánovitch para Iásnaia Poliana.

Uma perda decorrente da necessidade de reduzir os gastos foi a do fiel cocheiro da família, Mitka Kopilov, que os Tolstói não tinham mais condições de manter. Sua força e agilidade, combinadas à sua estatura diminuta, também faziam dele um inestimável e insubstituível postilhão, encarregado de levar e trazer mensagens a cavalo. As recompensas por seus bons serviços e o orgulho que Mitka sentia por seu trabalho se refletiam nas camisas de seda e casacos de veludo que ele gostava de usar. Em Moscou havia muitos comerciantes dispostos a pagar um salário ao forte, hábil e sempre bem arrumado cocheiro, mas quando seu irmão foi convocado pelo exército em função do sistema de cotas então em vigor, Mitka foi forçado a voltar para Iásnaia Poliana e lá trabalhar como lavrador. O sistema de recrutamento para o serviço militar obrigatório sempre representou uma grande perda para as famílias camponesas, mesmo depois que o tempo de serviço foi reduzido para vinte anos, uma vez que durante esse período

os soldados da infantaria não podiam voltar para casa. Nesse caso, a situação foi particularmente difícil. Já idoso, o pai de Mitka precisava que ele retornasse para arar os campos, e poucos meses depois o afável e alegre cocheiro se viu obrigado a deixar Moscou e voltar a ser um camponês, usando andrajos e sapatos de palha. Como servo, ele não tinha escolha, e mais tarde Tolstói explicaria que a placidez com que Mitka aceitou sua sorte e a maneira humilde e resignada com que abriu mão do trabalho que ele amava pela pesada labuta agrícola tiveram uma influência tremenda em seus então incipientes sentimentos de afeição e respeito pelo campesinato russo.

Embora tenha gostado um pouco da experiência de viver em Moscou e da oportunidade de fazer novos amigos, Tolstói deve ter ficado aliviado quando, após a morte da avó, escapou de seu tutor e retornou a Iásnaia Poliana. Ele e Dmítri agora puderam visitar a nova propriedade de Pirogovo, onde havia um belo haras, e ambos foram presenteados com um pônei cada um. Somente depois de dois anos os irmãos todos voltariam a se reunir em Iásnaia Poliana, mas nesse ínterim começaram a trocar cartas. Nesse período, a correspondência entre eles não era exatamente empolgante. Uma semana depois que Dmítri e Liev tinham deixado Moscou, Serguei escreveu aos dois para dizer que tudo estava bem em sua nova casa e que o cacto estava prestes a florescer. Liev respondeu contando a Serguei e Nikolai sobre seu novo pônei. Às vezes Nikolai escrevia, às vezes as cartas eram escritas em francês e às vezes os irmãos mais velhos condescendiam em incluir a irmã Macha como destinatária. Ocasionalmente, Dunechka também era mencionada nas cartas, mas em março de 1839 ela se separou da família para estudar em um internato de Moscou e, pela primeira vez, Tolstói ficou mais próximo de Macha.

Em agosto de 1839 os filhos mais novos da família Tolstói empreenderam uma agradável viagem de volta a Moscou para visitar os irmãos e a tia. Era verão, agora Tolstói já estava com onze anos e era um menino curioso acerca de tudo; portanto, para ele a jornada foi uma grande aventura. A coisa mais emocionante, contudo, era a expectativa de ver o tsar lançar a pedra fundamental da catedral de Cristo Salvador. Era a igreja que, em 1812, Alexandre I tinha prometido construir para homenagear as tropas russas que haviam derrotado e expulsado de Moscou o exército de Napoleão e cujo intuito era “preservar a eterna memória do fervor e da lealdade inauditos em nome da Fé e da Pátria com os quais o povo russo se engrandeceu naqueles dias difíceis, e para marcar a nossa gratidão para com a

Providência de Deus, que salvou a Rússia da ruína que a ameaçava”. Em 1817, cinco anos após a expulsão de Napoleão, a pedra fundamental tinha sido lançada em uma pomposa cerimônia a que compareceram quatrocentos membros do clero ortodoxo, cinquenta mil oficiais da guarda, o tsar e sua família e centenas de milhares de seus leais súditos. Todavia, apesar da injeção de dezesseis milhões de rublos do Tesouro estatal e do trabalho de cerca de vinte mil servos especialmente recrutados para a empreitada, a construção não tinha saído conforme os planos. Inicialmente, a obra tinha sido interrompida sob a alegação de que os alicerces não eram suficientemente seguros. Na realidade, porém, o dinheiro foi desviado. A fraude suscitou um enorme escândalo, cuja prolongada duração serviu de inspiração para a clássica peça de Gógol *O inspetor geral*, sobre a corrupção no governo russo, encenada pela primeira vez em 1836.

Depois de assumir o trono em 1825, o tsar Nicolau I transferiu o local da catedral para as Colinas dos Pardais, o ponto mais alto de Moscou, junto ao rio e mais perto do Krêmlin. Também trocou a planta neoclássica original por um novo projeto russo-bizantino cujo modelo era a catedral de Santa Sofia, construída durante o período justiniano em Constantinopla, mais afeita a seu gosto e também à sua visão do Império Russo. A chegada de Nicolau I a Moscou para lançar a nova pedra fundamental em setembro de 1839 foi um evento nacional, e os Tolstói estavam lá para presenciar. Na condição de amigos de Aleksiei Miliutin, que chefiava a Comissão para a Construção da Catedral, a família pôde assistir à cerimônia das janelas da casa de Aleksiei, que ficava de frente para o canteiro de obras. Assim, os Tolstói tiveram uma visão panorâmica privilegiada e sensacional não apenas do tsar, mas também do regimento de elite da Guarda de Preobrazhenski, cujos oficiais, trajando seu uniforme de gala, tinham vindo de São Petersburgo com Nicolau I especialmente para tomar parte dos desfiles militares. Depois de uma liturgia reservada na catedral da Assunção no Krêmlin, o tsar conduziu uma procissão a pé até o local onde seria erguido o novo templo, seguido por veteranos de 1811, dignitários da igreja, vinte batalhões de infantaria e seis tropas de cavalaria, em uma marcha solene acompanhada por constantes salvas de canhões e o badalo dos sinos de todas as igrejas de Moscou. Assim, a grande vitória sobre Napoleão foi celebrada mais uma vez.

A construção do exterior da enorme catedral seria concluída 25 anos depois, e Tolstói, com sentimentos patrióticos ainda intactos, estaria a pleno vapor

escrevendo o monumental romance cujo pano de fundo é a invasão napoleônica da Rússia, que abarca os eventos de 1812. Contudo, em maio de 1883, quando a catedral foi por fim consagrada com grande pompa, depois de terminada a suntuosa decoração de seu interior, Tolstói não tinha o menor desejo de estar nem perto dali. De fato, agora o escritor estava a centenas de quilômetros de distância, bebendo leite de égua fermentado (*koumiss*) em sua fazenda nas estepes, e a essa altura já tinha renunciado à sua fé ortodoxa, a sua ficção e aos seus sentimentos patrióticos. Contudo, nesse período Tolstói vinha pensando naquela visita a Moscou em 1839, pois tinha onze anos de idade quando começou a questionar de maneira consciente sua fé. Na primeira página de *Confissão*, que tentou publicar em 1882, Tolstói descreve o estado de agitação quando Vladimir, filho de Aleksiei Miliutin, foi visitá-los num dia daquele outono e relatou ter descoberto que Deus não existia. Juntamente com a dor de ser trancado por seu tutor francês, esse evento deixou marcas profundas na memória de Tolstói.

Outras lembranças desse período da infância de Tolstói são escassas e esparsas, razão pela qual os incidentes isolados relembrados em suas memórias são ainda mais significativos. Foi somente após a morte do pai, por exemplo, que o jovem Tolstói viu de perto a punição corporal, que era ocasionalmente praticada em Iásnaia Poliana, onde o regime era em geral bem mais benevolente do que em outras propriedades de nobres. Um dia, voltando de uma caminhada na companhia de seu tutor, as crianças passaram pelo celeiro de debulha e encontraram Aleksiei Ilin, o obeso administrador da fazenda, seguido pelo auxiliar de cocheiro da família, Kuzma, cuja expressão enlutada os deixou assustados e impressionados. Ao ser indagado sobre para onde estavam indo, Andrei respondeu calmamente que estava levando Kuzma para o celeiro a fim de açoitá-lo. “Não posso descrever a terrível sensação que aquelas palavras e a visão do bondoso Kuzma produziram em mim”, escreveu Tolstói em suas memórias, apontando para o fato de que Kuzma era um homem casado, e não mais uma criança. Naquela noite, quando ficou sabendo do episódio, a tia Toinette repreendeu ríspidamente as crianças por não terem impedido Andrei, embora elas não soubessem que tinham o poder de intervir. Toinette abominava as punições físicas, e além de não permitir que os Tolstói recebessem castigos corporais, fazia de tudo ao seu alcance, sempre que podia, para impedir que os filhos dos servos recebessem esse tipo de pena. Tolstói voltaria a fazer menção ao episódio em um

incendiário artigo intitulado “Vergonhoso”, escrito em 1895, em que, com palavras violentas, dispara contra o fato de que os camponeses tinham de se submeter a humilhantes punições físicas por qualquer pequena falha de comportamento ou conduta indesejada.

Tolstói jamais se esqueceu do dia em que o tutor francês ameaçou espancá-lo, mas o rancor que sentia em relação a ele evaporou, particularmente depois que Saint-Thomas enviou-lhe uma carta elogiosa e encorajadora acerca de um tocante poema de gratidão que o menino tinha escrito por ocasião do dia do onomástico da tia Aline, em janeiro de 1840, quando todos os Tolstói se reuniram em Iásnaia Poliana. A família ficara tão comovida que a tia Aline levou consigo para Moscou uma cópia, a fim de mostrá-la a Saint-Thomas, que embora fosse um disciplinador sabia reconhecer sinais de talento. Naquele verão as relações amigáveis foram firmadas com mais solidez ainda quando Saint-Thomas visitou Iásnaia Poliana pela primeira vez e foi caçar com os meninos. Seu veredito sobre Liev foi o de que o menino era *un petit Molière*.

Entretanto, Liev continuava resistindo à obrigação de ter de decorar, de maneira mecânica, todas as lições, fossem as aulas dadas pelo seminarista contratado para ensinar os meninos em Iásnaia Poliana, fossem os ensinamentos do velho Fiódor Ivánovitch Rössel, demitido em 1840 por causa de suas bebedeiras. Com Adam Fiódorovitch Meyer, alemão que o substituiu, as coisas foram ainda piores, e no fim Fiódor teve permissão para retornar a Iásnaia Poliana, onde permaneceu, vivendo como pensionista, até meados da década de 1840. Tolstói não era o mais diligente dos pupilos, situação que não se alterou durante sua adolescência, mas claramente gostava de ler, atividade que não implicava a submissão a nenhum tipo de autoridade coercitiva. Muitos anos depois, já sexagenário, Tolstói revelou os livros que mais o impressionaram na infância. Em primeiro lugar, citou os livros que causaram nele “grande” impressão: *As mil e uma noites*, cujas histórias já tinha ouvido da boca do contador de histórias cego da avó, e o poema “Napoleão”, escrito por Púchkin em 1821 e que suscitou nele um interesse que mais tarde daria resultados literários espetaculares. E havia ainda o conto “A galinha preta ou os moradores subterrâneos”, de Anton Pogorelski, que causou impressão “muito grande” em Tolstói, em parte talvez porque quando menino ele também criou galinhas e pintinhos de estimação.

Escrito em 1829 para um garoto de doze anos — Aliocha Tolstói, sobrinho

de Pogorelski e primo distante de Tolstói, que mais tarde também se tornaria um escritor famoso —, o conto fala de um menino (também chamado Aliocha), que um dia salva sua galinha favorita, impedindo que ela acabasse servida no jantar. Acontece que a galinha é membro de um reino subterrâneo secreto e habitado por criaturas diminutas, cujo rei recompensa Aliocha com um grão de milho mágico que lhe dá o poder de ser o melhor aluno da classe sem estudar. Um dia, contudo, as coisas começam a dar errado, e Aliocha perde seus poderes. No fim redescobre o poder da humildade e do trabalho árduo. Além de seu caráter fantasioso, essa história clássica incorpora certos detalhes biográficos e foi a primeira obra da literatura russa para e sobre crianças. Pogorelski (1787-1836) era reconhecidamente um escritor menor, mas, mesmo assim, não é exata a arraigada ideia de que as primeiras obras publicadas de Tolstói, a trilogia autobiográfica *Infância, Adolescência e Juventude*, foram as pioneiras na literatura russa a ter uma criança como personagem central. O próprio Tolstói jamais se esqueceu de “A galinha preta”, e mais tarde ele próprio passaria a escrever historietas simples para um público amplo, também combinando doses de fantasia e moralidade. Uma vez que na época havia poucos textos literários infantis, em particular para as crianças camponesas, Tolstói buscou também preencher essa lacuna. Dentre as 629 obras que produziu há contos, fábulas, lendas e esquetes.

Entre os livros que em 1891 Tolstói cita como os que causaram nele impressão “enorme” estão a história bíblica de José, contos de fadas russos e os relatos épicos populares (*bylini*) sobre os heróis semi-históricos e lendários (*bogatyr*s) da velha Rus. Tolstói menciona três nomes em particular: Dobrinia Nikítitch, um boiardo [\[6\]](#)* de Kiev, diplomata e matador de dragões; Aliocha Popovitch, que era filho de sacerdote e usava a astúcia para derrotar seus inimigos; e Ilia de Murom ou Ilia Muromets, o maior herói de todos, que ainda hoje é a mais poderosa personificação literária do povo russo. Dizem que até os 33 anos de idade Ilia, que era filho de um camponês, vivia deitado junto ao fogão de tijolos de sua casa, incapaz de se mover ou de sentir as mãos e os pés. Um dia recebe a visita de mendigos anciãos que ali chegam pedindo água. De maneira miraculosa, os mendigos lhe dão força, e depois disso Ilia monta em seu cavalo e sai realizando feitos extraordinários, derrotando sozinho exércitos inteiros e sempre extraindo da terra russa seus poderes sobre-humanos. Ilia era um guerreiro que combinava força e humildade, paciência, perseverança e vigor; não tinha a intenção de matar, mas defendia apaixonadamente sua nação. Ilia de

Murom é o único *bogatyr* que se tornou santo da Igreja Ortodoxa Russa; asceta que se recusou a se casar, sempre foi símbolo do poder espiritual.

O único russo comparável ao poderoso Ilia de Muromets foi Tolstói, que era igualmente devotado à sua terra natal e que chega ao ponto de ser identificado com a Rússia, tanto por russos como por estrangeiros (repetido à exaustão, o refrão “quando você lê os livros de Tolstói é impossível não sentir neles a alma russa” já se tornou um lugar-comum). Tolstói tinha 35 anos quando “aprendeu a andar”, por assim dizer, e começou a escrever *Guerra e paz*, seu próprio épico, uma das mais extensas e mais extraordinárias obras de ficção já escritas (e que ele nunca considerou um romance no sentido convencional). Tolstói era célebre por sua força física e seu vigor, e quando serviu no exército russo era capaz de passar horas a fio montado no cavalo, lutando com bravura. Tinha enorme riqueza e uma família numerosa, e mais tarde abriu mão de tudo para viver de maneira humilde e trabalhar em nome do campesinato, combatendo todo tipo de injustiça e

se tornando um dos mais influentes líderes espirituais da Rússia — chegou inclusive a pregar a castidade. Invariavelmente Tolstói era retratado em desenhos, ilustrações, pinturas e cartuns como um gigante em meio aos pigmeus da literatura russa contemporânea, ou como um colosso fisicamente bastante superior aos seus colegas escritores — em uma paródia da famosa tela (de 1898) de Vasnetsov dos três *bogatyrs*, um caricaturista chegou a desenhar Tolstói como Ilia de Murom montado em seu potente corcel (Korolenko faz o papel de Dobrinia Nikítitch e Tchekhov é Aliocha Popovitch). Não surpreende que muitos visitantes que peregrinavam a Iásnaia Poliana esperando encontrar um gigante ficassem desconcertados ao constatar que Tolstói era um homem consideravelmente baixinho.

Depois da morte do pai e da avó, em 1837 e 1838, respectivamente, os jovens Tolstói levaram anos para fixar residência, e a família teve de enfrentar outro grande revés. Em agosto de 1841, no aniversário de treze anos de Liev, sua devota tia Aline morreu após uma prolongada temporada no mosteiro de Optina Pustin. Sua já debilitada saúde foi minada de vez pelo rigoroso jejum imposto pelos religiosos ortodoxos. A tia de Tolstói tinha sido atraída pela profunda sabedoria dos anciãos de Optina. Depois da morte de Aline a guarda dos três sobrinhos e da sobrinha Macha, que legalmente ainda eram menores de idade (somente Nikolai, o mais velho, tinha completado dezoito anos), passou para sua

irmã mais nova Pelageia, que tinha o mesmo nome da mãe, mas em família era chamada de Polina. Os jovens Tolstói mal conheciam essa outra tia, pois após a morte de Pelageia Nikoláievna ela tinha permanecido em Kazan. Em 1818, aos vinte anos de idade, Polina se casara com Vladimir Ivánovitch Iuchkov, coronel hussardo reformado. Em nome dos irmãos e da irmã, Nikolai Tolstói escreveu, em francês bastante polido, uma carta a Vladimir Iuchkov:

Nós todos — eu, meus irmãos e minha irmã — pedimos à nossa tia que não nos desampare em nosso luto e que se torne nossa guardiã. O senhor precisa imaginar, tio, o horror da nossa situação. Por favor, tio, não nos rejeite, pedimos em nome de Deus e da falecida [Tia Aline]. O senhor e a tia são nossos únicos esteios no mundo.

Uma vez que no passado o marido de Polina tinha nutrido sentimentos românticos por Toinette, motivo pelo qual ela ainda guardava rancor, a tia decidiu que os filhos do irmão deveriam se mudar para Kazan. Para Toinette teria sido mais natural continuar *in loco parentis*, mas por ser uma parente distante foi obrigada a acatar as vontades de Polina. Nenhuma das crianças queria ir, tampouco queriam deixar a companhia de sua adorada tia Toinette, que foi morar com a irmã Elizaveta. Em novembro de 1841, os Tolstói começaram mais uma vez a fazer as malas.

JUVENTUDE

Li tudo de Rousseau, todos os vinte volumes, incluindo o Dicionário de música. Mais do que admirá-lo, eu o idolatrava. Quando tinha quinze anos de idade eu usava no peito um medalhão com um retrato dele em vez de um crucifixo. Tenho tanta intimidade com muitas de suas páginas que é como se eu mesmo as tivesse escrito.

Tolstói, em conversa com Paul Boyer, 1901

A MUDANÇA PARA Kazan significou o fim da inocência de Tolstói. Aos catorze anos ele perdeu a virgindade, e mais tarde definiria os vinte anos seguintes como um período de “uma grosseira vida dissoluta a serviço da ambição, da vaidade e, acima de tudo, da luxúria”. Os cinco anos e meio que Tolstói passou em Kazan certamente não foram os mais felizes da sua vida, e poucas lembranças desse período são afetuosas. Contudo, foi durante sua adolescência que ele ingressou na intensa autoanálise que culminaria na elaboração de suas primeiras obras-primas ficcionais. Desde o início, Tolstói conduziu essa autoanálise no papel, na página em branco. Aos dezoito anos, pouco antes de deixar Kazan para regressar a Iásnaia Poliana, começou a escrever um diário. Foi com as primeiras anotações no diário, em março de 1847, que teve início sua turbulenta jornada criativa, e não com a conclusão de sua primeira obra ficcional em 1851 ou com a publicação de seu primeiro livro, um ano depois. O diário, que viria a se tornar a casa das máquinas de sua escrita e que ele manteve de maneira intermitente pelo resto da vida, foi ficando cada vez mais volumoso na sua última década de vida e totaliza quatorze volumes de suas *Obras completas*.

Assim como a mudança para Moscou em 1837, o deslocamento para Kazan foi uma tremenda empreitada, mesmo sem o acompanhamento de adultos. As

propriedades menores e mais remotas da família foram vendidas para saldar dívidas, e os pertences dos Tolstói foram carregados em várias barcas e seguiram uma lenta jornada até Kazan pelos rios Volga e Oka. É óbvio que entre os pertences da família havia um sem-número de servos, incluindo alfaiates, decoradores, carpinteiros e cozinheiros, de cujo trabalho dependeria o bem-estar dos Tolstói na nova casa. Os quatro irmãos e a irmã embarcaram depois e viajaram por terra, via Moscou, Nijni Novgorod e Cheboksari, capital da Chuváchia e um dos portos do Volga. Ao chegar a Kazan foram acomodados no piso térreo e nos mezaninos de uma casa no centro da cidade; seus senhorios ocupavam o andar superior. A residência não ficava longe do rio e de um dos mosteiros da cidade, mas as janelas davam para o presídio. Já os servos tinham acomodações separadas.

Kazan não era como outras cidades russas, o que deve ter ficado imediatamente evidente aos recém-chegados, pois saltava aos olhos o fato de que em muitas igrejas havia minaretes ao lado das cúpulas. Até 1552, Kazan tinha sido o centro de um poderoso canado tártaro que gradualmente adotara o islamismo como religião oficial. Depois que foi conquistada por Ivan, o Terrível (que celebrou sua primeira grande vitória sobre as antigas terras mongóis construindo a catedral de São Basílio, de aspecto oriental, na Praça Vermelha, em Moscou), a cidade foi povoada por russos, e daí por diante sua pequena população tártara passou a ser uma minoria perseguida. Em 1579, a milagrosa sobrevivência do venerado ícone de Nossa Senhora de Kazan, depois de um dos muitos incêndios que assolaram a cidade, é testemunho do vigor com que a nova política de russificação foi implementada nesse antigo reino islâmico. Por sua vez, o fato de que o comandante em chefe do exército russo Mikhail Suvorov, após a invasão napoleônica em 1812, tenha pedido ajuda a Nossa Senhora de Kazan comprova a alta estima de que esse ícone desfrutava. Por esse motivo, em 1813, Suvorov foi enterrado na catedral de Kazan em São Petersburgo; ali era guardada uma preciosa réplica do ícone original, e hoje o lugar se tornou o mais importante memorial comemorativo da vitória dos russos contra Napoleão na cidade.

Kazan nunca perdeu inteiramente seu caráter tártaro. Já no final do século XVIII, Catarina, a Grande, tinha permitido que mesquitas voltassem a ser construídas, e a universidade fundada na cidade em 1804 rapidamente se tornou um dos principais centros de estudos orientais. A própria fundação da

Universidade de Kazan, onde estudaram todos os meninos da família Tolstói, comprova a importância da cidade. Até o famoso estatuto de Alexandre I de 1804, as únicas universidades do Império Russo estavam localizadas em Moscou, Dorpat e Vilna; estas duas últimas ofereciam educação em alemão e estavam essencialmente voltadas para a elite de sua população germano-báltica. Em 1804, essas três instituições ganharam a companhia de duas novas universidades na Rússia Europeia (em São Petersburgo e na cidade ucraniana de Kharkov) e de uma terceira, no ambiente inconfundivelmente asiático de Kazan, a cerca de 1.200 quilômetros a sudeste de São Petersburgo. Também em Kazan foi fundado o primeiro liceu estatal fora de Moscou e São Petersburgo; porém, uma vez que a nobreza russa preferia educar em casa sua prole, o processo de instrução dos meninos Tolstói mais novos continuou a cargo de tutores mesmo depois da mudança para Kazan.

Kazan era uma cidade provinciana, mas, pelos padrões das típicas cidades de província russas da época, era excepcional, e sua universidade foi a principal razão para a mudança dos Tolstói para lá. Pouco depois da chegada da família, em novembro de 1841, Nikolai ingressou no segundo ano do curso de matemática, após ter sido reprovado na tentativa de se transferir para a turma do terceiro ano na Universidade de Moscou. Ele se graduou em 1844, depois se alistou no exército e foi transferido para o Cáucaso. Por sua vez, seus irmãos mais novos começaram a se preparar com os tutores para os exames de admissão. Serguei e Dmítri ingressaram na Universidade de Kazan em agosto de 1843 para estudar matemática, como Nikolai, e Liev entrou em 1844. Sua irmã Mária tinha uma preceptora alemã, por isso foi estudar no recém-fundado Instituto Rodionov para meninas em Kazan.

A julgar por todos os relatos, a tia Polina teve pouco impacto e quase nenhum envolvimento na educação dos Tolstói. Radicalmente diferente de sua reclusa e abstêmia falecida irmã Aline, Polina era arroz de festa, para quem bom gosto era tudo. De acordo com as reminiscências de seu sobrinho Liev, ela era uma mulher bondosa e devota, mas bastante frívola. Vaidosa, ficou claramente embevecida pela oportunidade de assumir o papel de salvadora dos órfãos Tolstói. Porém, vivia ocupada demais participando de festas e entretida nos círculos sociais para exercer qualquer tipo de autoridade moral sobre os meninos; assim, agora os Tolstói podiam viver de maneira desenfreada. O casamento de Polina era infeliz, seu marido dava constantes mostras de infidelidade, e ao que

tudo indica ela afogava suas mágoas em festas. O casal Iuchkov tinha a reputação de oferecer festanças em grande estilo, e se gabava de ter um dos melhores *chefs* da cidade. A principal contribuição de Polina na educação dos Tolstói foi dar a cada um dos sobrinhos seu próprio servo, na esperança de que com o tempo cada um deles se tornasse um criado leal e dedicado. Dmítri ganhou Vaniusha, a quem maltratava, de acordo com o irmão mais novo. Liev não se recordava de ter visto Dmítri efetivamente batendo em Vaniusha, mas guardava nítidas lembranças de ver o servo pedindo perdão, contritamente. Logo Dmítri mudou drasticamente de comportamento e se converteu em cristão fervoroso, embora jamais tenha perdido seu temperamento irascível.

Dmítri é uma figura obscura na vida de Tolstói — foi o primeiro dos irmãos a morrer, aos 29 anos, e não parece ter sido muito próximo dele —, mas ocupa lugar de destaque nas lembranças de Tolstói do período em que sua família viveu em Kazan. A bem da verdade, somente em Kazan começam de fato as lembranças de Tolstói sobre Dmítri. Ao contrário do irmão Liev, que era apenas um ano mais novo que ele e que confessadamente gostava de se arrumar e cuidar da aparência antes mesmo da mudança para Kazan, Dmítri jamais teve qualquer aspiração de ser *comme il faut*. Com raras exceções, era sério e reservado, especialmente depois que começou a frequentar com regularidade a igreja e observar todos os jejuns, como fizera a tia Aline antes dele. Caçula, Liev tinha a tendência de invejar todos os irmãos mais velhos, e o que invejava em “Mitenka” era a indiferença com relação às opiniões das outras pessoas sobre ele, traço de personalidade que Liev acreditava ter sido herdado da mãe. De fato, era apenas por causa de sua aparência desleixada que Mitenka chamava a atenção de seus irmãos, que, bem mais preocupados com a imagem, ficavam constrangidos por ele. Dmítri não tinha interesse em dança ou eventos sociais, tampouco passava muito tempo com a família, e se aferrava rigidamente ao uniforme escolar. Tolstói conservou uma imagem forte da figura alta e magra do irmão, seus olhos grandes, amendoados e tristes, e do tique nervoso que ele desenvolveu durante seu primeiro jejum sério e prolongado: ele dava uma sacudidela na cabeça, como se ela estivesse apertada demais. Tolstói se basearia fartamente neste e em outros aspectos da vida de Dmítri ao criar o personagem Nikolai, irmão de Liévin em *Anna Kariênina*.

Por serem netos do antigo governador de Kazan, os Tolstói recebiam convites para frequentar todas as melhores casas da cidade e se deleitavam na

convivência com a aristocracia local — todos, exceto Dmítri, que só fez uma amizade: um estudante pobre e maltrapilho que atendia pelo desafortunado nome de Poluboiarinov (que além de soar simplesmente canhestro, significa “meio nobre”). Dmítri preferia passar seu tempo na igreja. Em vez de frequentar a chique igreja da universidade, optava por uma anexa ao presídio defronte à casa da família, e na Páscoa é provável que passasse mais tempo ali do que em sua própria casa. Na Sexta-Feira Santa é costume que as passagens dos quatro Evangelhos referentes à Paixão de Cristo sejam lidas em voz alta, mas o padre dessa igreja era extremamente rígido e insistia que os quatro Evangelhos fossem lidos na íntegra. Uma vez que a Igreja Ortodoxa exige que seus paroquianos assistam de pé toda a cerimônia, a congregação passava um bom tempo de pé, o que provavelmente era visto com bons olhos por Dmítri, que tinha a tendência de se aplicar com fervor quase masoquista às coisas de que realmente gostava.

Ao recordar os anos vividos em Kazan, Tolstói prontamente reconheceu que na adolescência ele e seus irmãos eram “obtusos” demais para apreciar a invulgar pureza moral de seu irmão. Como seus amigos chiques de Kazan, eles “continuamente submetiam Dmítri ao ridículo”, relembra Tolstói em *Confissão*, e chegaram inclusive a apelidá-lo de Noé. Talvez a melhor evidência do extraordinário altruísmo de Dmítri tenha sido sua relação com Liubov Serguéievna, a filha ilegítima que fora acolhida por piedade pela família Tolstói. A tia Polina aceitou receber Liubov em Kazan, e as lembranças que Tolstói tinha dela datam dessa época. Não são lembranças nada afetuosas. Mais tarde ele escreveu que Liubov Serguéievna era uma “criatura estranha e patética”, que sofria de alguma doença que fazia seu rosto inchar como se tivesse sido picado por abelhas. Durante os meses de verão ela não se incomodava com as moscas que pousavam sobre seu rosto, tomando aparência ainda mais desagradável. Na recordação de Tolstói ela possuía uma única mecha de cabelos pretos, não tinha sobrancelhas e só a duras penas conseguia articular a fala. Liev também se lembrava de que ela sempre cheirava mal e ocupava um quarto sufocante e igualmente malcheiroso, cujas janelas jamais eram abertas. A julgar pela lembrança de Tolstói, Liubov Serguéievna era “não apenas lamentável, mas repulsiva”, e a maior parte da família não disfarçava sua repugnância. Dmítri, contudo, era gentil e se desdobrava para ouvi-la e conversar com Liubov e tornou-se amigo dela, sem demonstrar o menor sinal de que considerava sua atitude como um ato de filantropia. Indiferente às opiniões que sua família tinha

dele, fazia o que julgava ser a coisa certa. Seu comportamento compassivo tampouco foi passageiro. Dmítri continuou próximo de Liubov Serguéievna até a morte dela em agosto de 1844, quando ele concluiu o primeiro ano na universidade.

Como o pai, Dmítri tinha dons artísticos. Muitos anos antes, nas brincadeiras com os irmãos mais novos, Nikolai prometia que os desejos deles seriam realizados desde que cumprissem as condições que ele impunha. Serguei costumava declarar sua vontade de moldar cavalos e galinhas de cera, ao passo que Dmítri queria fazer grandes desenhos, como um artista. O Museu Tolstói de Moscou guarda em seus arquivos inúmeros desenhos a lápis de Dmítri, paisagens rurais impressionantes para um menino de dez anos (Liev, por sua vez, não conseguia se lembrar de quais eram seus desejos na meninice, exceto o de fazer pequenos desenhos).

Na crônica oficial da vida e da obra de Tolstói, não consta nenhum registro de eventos biográficos nos anos de 1842 e 1843. Contudo, um trabalho de investigação mais cuidadoso demonstra que depois que Tolstói completou catorze anos, em agosto de 1842, seus irmãos Nikolai e Serguei o levaram pela primeira vez a um bordel. Muitos e muitos anos mais tarde, sua esposa o repreendeu por causa de uma cena de sedução em seu último romance, *Ressurreição*, por acreditar que um velho (na ocasião ele estava com setenta anos) devia se envergonhar de escrever aquela “imundície”. Essa desagradável discussão induziu Tolstói a confessar a um amigo que, depois de consumir o “ato” pela primeira vez naquele fatídico dia em Kazan, ele ficou de pé ao lado da cama da mulher e chorou. Mais tarde, ficou tremendamente abalado quando um conhecido lhe disse que tinha sido noviço no Mosteiro dos Mártires de Cizicus, localizado nos arredores de Kazan. Tolstói respondeu calmamente que fora naquela parte da cidade que tinha tido sua “primeira queda”. Talvez o sentimento de culpa tenha sido intensificado por saber que o avô estava enterrado no cemitério do mosteiro, com outros dignitários (a única sepultura daquele período que sobreviveu até os dias de hoje).

Mais tarde Tolstói lamentou a ausência de orientação moral naqueles primeiros anos em Kazan. Em 1º de janeiro de 1900 ele segredou a seu diário que na juventude tinha feito uma série de coisas ruins motivado pelo desejo de imitar os irmãos mais velhos, que bebiam, fumavam e levavam uma vida dissoluta. É claro que Dmítri, que o irmão Nikolai definia como um rematado “excêntrico”,

não se incluía nessa conta; ele praticou abstinência total até os 25 anos, o que naqueles dias, de acordo com Tolstói, era uma grande raridade, especialmente no que dizia respeito às relações com as mulheres. Não era o caso de Serguei, o extremo oposto de Dmítri, e figura tremendamente influente no comportamento indócil de seu irmão caçula Liev. De todos os irmãos, Serguei era o mais bonito e talentoso, e se Tolstói amava e “respeitava” Nikolai, se tinha sentimentos de “camaradagem” para com Dmítri, reconhecidamente “admirava e imitava” Serguei. De fato, como em determinado momento ele mesmo escreveu em suas memórias, Tolstói *queria ser* Serguei. Serguei tinha a reputação de ser gregário e bem-humorado e de viver cantando. Enquanto Tolstói era dolorosamente tímido e acanhado, e seu temperamento extremamente sério afetava sua capacidade de apreciar com alegria a vida, Serguei era um extrovertido, cujo egoísmo fazia com que fosse indiferente às reações — favoráveis ou desfavoráveis — provocadas por seu comportamento e sua aparência. Por essa razão ele era ainda mais atraente aos olhos do irmão caçula. Tolstói começou a imitar Serguei ainda na primeira infância, primeiro criando diversos tipos de galinhas (galinhas-pintadas e com diferentes tipos de penacho) e depois desenhando-as. Durante a adolescência em Kazan, foi Serguei quem levou Tolstói para a libertinagem.

Em maio de 1844, aos dezesseis anos de idade, Tolstói escreveu ao reitor da Universidade de Kazan, Nikolai Lobáchevski (matemático famoso em virtude de suas descobertas relacionadas com as chamadas geometrias não euclidianas), solicitando permissão para prestar os exames de admissão. A carta de intenção de Tolstói inaugura os 25 volumes de correspondência em suas *Obras completas*. Como sempre, Liev quis ser diferente, e em vez de se candidatar a uma vaga no curso de matemática, como haviam feito seus irmãos, preferiu ingressar na faculdade de línguas orientais, cujas façanhas acadêmicas já eram renomadas. Foi uma manobra inteligente. Em 1828, ano em que Tolstói nasceu, o corpo docente da faculdade tinha professores de persa, árabe e turco, e quando se tornou aluno haviam sido acrescentadas cadeiras de mongol, mandarim, armênio e sânscrito. Graças ao ativo apoio de Lobáchevski, a qualidade do ensino de línguas orientais na Universidade de Kazan não tinha paralelo na Europa. A escolha de Tolstói atesta que ele estava pensando em sua futura carreira: a essa altura seu plano era ingressar no corpo diplomático (embora tenhamos em mente a direção que sua vida tomou, é difícil imaginar alguém menos adequado para atuar como um porta-voz da política imperial russa). Primeiro, porém, teve de passar por uma

série de exames. Tolstói teve desempenho excelente na prova de francês e foi bem nos testes de alemão, inglês, árabe e turco (ainda que mais tarde afirmasse não se lembrar dos últimos três). Também obteve bons resultados em matemática, lógica, literatura russa e estudos religiosos, que ele, como a maioria das pessoas de sua formação e origem social, não levava minimamente a sério. Bem mais tarde, na primeira versão de *Confissão*, Tolstói escreveu que todo o edifício da teologia ruiu assim que ele se interessou por filosofia, aos dezesseis anos de idade, e começou a ver que o catecismo era uma “mentira”. Tolstói foi muito mal na prova de latim — não conseguiu traduzir dois versos de uma ode de Horácio — e ainda pior em estatística e geografia. Seu domínio absoluto do francês não era acompanhado de qualquer tipo de familiaridade, ainda que básica, com o país de sua língua nativa. Seu desempenho em história também foi execrável. Mais tarde ele acrescentou o seguinte comentário ao manuscrito da biografia escrita por Pavel Biriukóv: “Eu não sabia nada”. Como resultado, foi obrigado a refazer estas duas últimas provas, o que o obrigou a passar o verão em Kazan e não em Iásnaia Poliana, onde assumidamente preferia estar. Porém, em setembro de 1844, pouco depois da formatura do irmão Nikolai, Liev foi aceito como aluno da universidade.

A carreira universitária de Tolstói não foi nada notável. Uma vez que jamais tinha frequentado uma instituição de ensino, no início foi uma novidade se misturar aos outros estudantes e conviver com eles nas salas de aula. Porém, em pouco tempo a novidade perdeu a graça, embora Tolstói tivesse a oportunidade de estudar com o eminente orientalista Mirza Kazem-Bek, professor cuja erudição era mundialmente renomada. Tolstói acabou sendo reprovado nos exames do fim do ano letivo, o que significava ter de refazer tudo. Em vez de encarar essa indignidade, decidiu se transferir para a menos conceituada faculdade de direito, mas é claro que teve de começar do zero, como calouro. Em carta à tia Toinette datada de agosto de 1845, pouco antes do início do ano letivo, ele justificou essa mudança de rumo argumentando que o direito era uma escolha bem mais prática tendo em vista sua aplicação na vida cotidiana (*“je trouve que l’application de cette science est plus facile et plus naturelle que toute autre à notre vie privée”*).

Se Tolstói não reagia bem às exigências impostas pelos professores da Universidade de Kazan, era porque queria ter o controle sobre seu próprio currículo educacional. Ele já tinha começado a ler muito por conta própria. Na

escassa documentação sobre seus anos em Kazan, aparecem ocasionais referências aos romances de que ele mais gostava, tais como *Os três mosqueteiros* e *O conde de Monte Cristo*, dois *best-sellers* contemporâneos de Alexandre Dumas que tinham acabado de ser publicados na França e também gozavam de grande popularidade na Rússia. Entretanto, um romance anterior de Dumas, *O professor de esgrima*, tinha sido banido do país pelo tsar Nicolau I, por descrever eventos da Revolta Dezembrista e o subsequente exílio siberiano dos líderes do movimento (Dumas também foi impedido de visitar o país, proibição que perdurou até 1858, no reinado de Alexandre II). O romance russo ainda estava engatinhando, mas um dia, quando Tolstói encontrou por acaso na casa de um amigo de Kazan um exemplar do romance em versos *Evguiéni Oniéguin*, de Púchkin, ficou tão encantado que passou a noite inteira lendo o livro e, ao terminar, começou imediatamente a ler pela segunda vez.

Mais tarde Tolstói elaborou uma lista dos livros que mais o impressionaram e influenciaram dos catorze aos vinte anos de idade. Entre as obras russas mais influentes incluíam-se *Evguiéni Oniéguin*; *O herói do nosso tempo*, de Lérmontov; *Almas mortas*, de Gógol; e *Notas de um caçador*, de Turguêniev. Entre os títulos estrangeiros encontramos *Os salteadores*, de Schiller; e *Uma viagem sentimental através da França e da Itália*, de Sterne. Outros que causaram “tremenda” impressão em Tolstói foram *David Copperfield*, de Dickens; o “Sermão da Montanha” do Evangelho de Mateus; e dois títulos de Rousseau: *Confissões* e *Emílio*. Às vezes Tolstói se confundia e era impreciso nas datas, e certamente é o caso aqui, já que *David Copperfield* só seria publicado em 1850. Mas é interessante ver a primeira aparição de Rousseau em seu horizonte literário.

O que mais empolgava o jovem Liev em seus anos de estudante era a filosofia, e é provável que nenhum outro pensador tenha exercido maior influência sobre Tolstói do que Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Essa duradoura influência, que se estendeu ao longo de toda a vida do escritor russo, pode ser vista nas posteriores condenações de Tolstói à civilização pela corrupção do comportamento e distorção da verdadeira natureza humana (*Discours sur las sciences et les arts* — *Discurso sobre as ciências e as artes*, 1750; e *Discours sur l'origine de l'inegalité* — *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, 1755); em sua promoção de uma educação radical centrada na criança em um ambiente natural; em sua rejeição da religião organizada em favor de uma crença baseada na consciência pessoal (*Émile, ou De*

l'éducation — *Emílio, ou Da educação*, 1762); em sua exploração ficcional das relações conjugais e da vida familiar (*Julie, ou La Nouvelle Héloïse* — *Júlia, ou A nova Heloísa*, 1750); e em sua defesa de uma igualdade social mais ampla (*Du contrat social* — *Do contrato social*, 1762). Tolstói também imitou o exemplo de Rousseau em *Le Confessions* (*Confissões*, 1781-1788, de publicação póstuma) quando começou a escrever suas próprias obras autobiográficas, emulando a franqueza e o rigor da impiedosa autoanálise do pensador franco-suíço, sem mencionar a crença egocêntrica de que a verdade que descobriu sobre si mesmo tinha aplicação universal. Não é de admirar que Tolstói se visse em Rousseau, que também perdera a mãe ainda menino e trilhara diversos caminhos diferentes antes de encontrar seu ofício. As duas figuras têm em comum um gênio assombroso, a vaidade excessiva e arrogante, uma sinceridade nobre e obstinada, ainda que invariavelmente equivocada e enganosa, e uma lamentável falta de senso de humor — esta última característica é o único aspecto que por vezes faz com que o estudo da obra e da vida de Tolstói seja tarefa ligeiramente difícil e cansativa.

Tanto Tolstói como Rousseau eram homens sensíveis e extremamente emotivos, traços de personalidade que muitas vezes resultaram em relações turbulentas com seus contemporâneos. Ambos tinham em comum energia e ambição inesgotáveis, que os levou a atuar em diversas áreas de empenho intelectual e artístico, e o mais absoluto destemor em face da polêmica. Suas obras mais incisivas foram tidas como tão subversivas ao ponto de serem banidas pelas autoridades, e a despeito da devoção de ambos aos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, nem Rousseau nem Tolstói almejaram a revolução, tampouco acreditavam com muito entusiasmo na eficácia da atividade política. Rousseau morreu pouco antes da Revolução Francesa, e Tolstói pouco antes da Revolução Russa, eventos que ambos inspiraram e pelos quais levaram a culpa. Como escreveu Robert Wokler, o impacto de Rousseau em sua época foi maior do que o de qualquer outra pessoa do século XVIII:

Nenhum outro pensador do século XVIII contribuiu com textos tão valiosos numa gama tão ampla de temas e formas, nem escreveu com tamanha e tão constante paixão e eloquência. Nenhum outro conseguiu, tanto por meio da obra como da vida, instigar e perturbar de maneira tão profunda a imaginação pública. Praticamente sem rival em meio a figuras seminais do Iluminismo, submeteu à censura as principais correntes de pensamento do mundo que ele habitava, embora ao mesmo tempo determinasse a direção que elas deveriam seguir [...].

Pode-se dizer que Tolstói praticamente continuou do ponto em que Rousseau tinha parado, pois as afirmações acima também se aplicam ao seu prodigioso legado.

Depois de seu insípido primeiro ano na universidade, Tolstói passou o verão de 1845 em Iásnaia Poliana, dedicando-se intensamente à leitura e à reflexão. Ficou interessado pelas ideias éticas dos cínicos — filósofos gregos pré-cristãos que pregavam entre outras coisas as virtudes de uma vida sem posses materiais. Para a tia Toinette, seu sobrinho Liev agora tinha se transformado em uma “criatura incompreensível”, obcecada em sondar as profundezas da existência humana e que só ficava feliz quando encontrava alguém disposto a ouvir seus apaixonados discursos sobre suas próprias opiniões. Sem dúvida, a excentricidade inata de Tolstói tinha começado a se revelar de várias maneiras. Sob a influência de Rousseau e das ideias filosóficas de Diógenes, um dos cínicos mais importantes, ele tentou simplificar sua vida. No século IV a.C., Diógenes vivia como um mendigo nas ruas de Atenas, tendo optado por uma vida ascética e autossuficiente, descartando a ideia de casamento e de família e rejeitando as leis, instituições convencionais e valores sociais do que ele via como uma sociedade corrupta e hipócrita. Era famoso por dormir em uma pipa ou barril. Tolstói deu início à tentativa de simplificar sua própria vida. Além de abandonar o uso de meias, inventou uma roupa funcional, de peça única e abotoada por dentro, que servia tanto como traje diurno como uma mistura de pijama e roupa de cama. As senhoras de um grupo em visita a Iásnaia Poliana ficaram ligeiramente desconcertadas ao encontrá-lo usando aquela estranha vestimenta. A tia Toinette tampouco ficou inteiramente convencida por esse Diógenes russo; contudo, se estivesse viva durante as últimas décadas de vida de Tolstói, talvez mudasse de ideia.

Um dia, caminhando incógnito pela fazenda em seu traje utilitário, Tolstói entreouviu conversas de camponeses incautos. Foi assim que descobriu o quanto a nobreza era odiada pelos campônios e constatou pela primeira vez o pouco respeito que os camponeses tinham por seus senhores. Foi um choque ouvir de seus próprios servos esse tipo de sentimento. Mais chocante ainda era o desprezo que a classe dominante demonstrava com relação ao bem-estar dos servos, particularmente porque, via de regra, os camponeses tinham de salvar a pele dos senhores — literalmente, no caso de Tolstói. Num dia quente, em visita à propriedade dos Iuchkov às margens do Volga, Tolstói cismou de impressionar

algumas moças presentes entre os convidados, mergulhando de ponta-cabeça no lago junto a casa, de roupa e tudo, com a intenção de nadar até uma ilhota. Quase se afogou e teve de ser resgatado por camponesas que estavam ali perto juntando feno. Munidas de ancinho elas o içaram da água. A consciência social de Tolstói estava começando a despertar, mas ainda levaria muito tempo para renunciar a seus direitos aristocráticos inatos e se tornar plenamente um “nobre arrependido”.

Durante seus anos de estudante, Tolstói não media esforços na tentativa de causar boa impressão em seus contemporâneos e fazia o que fosse preciso para melhorar sua aparência. Jamais se mostrava satisfeito com seu visual, mas suas tentativas de ficar mais bonito nem sempre tinham resultados satisfatórios. Uma vez teve a ideia de aparar as sobrancelhas para que crescessem mais cerradas e quase acabou raspando tudo e ficando sem sobrancelha nenhuma. Tímido, inseguro e desprovido de autoconfiança, jamais conseguiu materializar nos salões de dança a figura espirituosa e elegante que existia em sua imaginação; era distraído e canhestro demais para imitar com sucesso seu alegre, cortês e agradável irmão Serguei. Apesar disso, gostava de fazer parte da nata da sociedade de Kazan; fez alguns bons amigos e com um deles chegou a compor uma valsa.

No verão de 1845, Tolstói tinha prometido à tia Toinette que no seu segundo ano na universidade estudaria com afinco e que nas horas vagas se aprofundaria em música, arte e línguas. “Não frequentarei a sociedade, de forma alguma”, jurou solenemente em carta (*“Je n’irai pas en société du tout”*). Entretanto, naquele ano compareceu a todos os eventos sociais mais prestigiosos, incluindo um pomposo baile de gala realizado em outubro de 1845 em homenagem à visita do genro de Nicolau I, Maximiliano, o duque de Leuchtenberg. E em janeiro de 1846 teve de passar alguns dias na detenção da universidade, porque faltava sistematicamente às aulas. Essa oscilação entre o austero estabelecimento de objetivos fantasistas e puritanos para uma vida futura de pureza e desprendimento — e a automortificação que daí se seguia na tentativa de alcançar essas metas — e a decisão de desfrutar, no presente, de uma vida social hedonista é o *leitmotiv* da primeira anotação que Tolstói fez em seu diário, iniciado, como se sabe, na clínica de doenças venéreas da universidade, em março de 1847. De fato, pode-se dizer que a batalha entre esses dois lados opostos da personalidade de Tolstói constituiu o principal tema de toda a sua

vida adulta e certamente teve papel fundamental em seus processos criativos. A posse simultânea desses dois impulsos conflitantes não era exclusividade de Tolstói, mas pode ser vista como a marca mais típica de um caráter intrinsecamente russo. Nikolai Berdiaev, filósofo, político e pensador religioso russo do início do século XX, também era dessa opinião, a ponto de escrever em seu livro *Origem e significado do comunismo russo*: “No russo típico dois elementos estão sempre em oposição — o paganismo natural primitivo da vasta e ilimitada Rússia e o ascetismo ortodoxo herdado de Bizâncio, a tentativa de alcançar o outro mundo”.

Em janeiro de 1847, aos dezoito anos de idade, Tolstói começou a compilar um “Diário de atividades cotidianas”, anotando do lado esquerdo da página uma rigorosa programação para cada dia, sob o cabeçalho “O futuro”. Ali ele anotava exatamente os horários a que se dedicaria aos trabalhos acadêmicos, a que horas almoçaria, estudaria inglês, caminharia ou jogaria xadrez. Do lado direito da página, sob o tópico “O passado”, registrava comentários sobre seu desempenho. Assim, nos dias bons, quando conseguia manter a autodisciplina, Tolstói escrevia que tinha obedecido sua rigorosa norma, ao passo que em outros era obrigado a admitir que não tinha feito “nada” ou “quase nada”, ou que tinha feito as coisas “com desleixo”, além de comentários como “li Gógol” e “dormi além da conta”. Esse diário durou até junho. Ao mesmo tempo Tolstói começou a compilar regras para desenvolver sua força de vontade, o que incluía acordar às cinco da manhã e nunca ir para a cama depois das dez da noite, permitindo-se duas horas para dormir durante o dia. Ele decidiu que se alimentaria com moderação e aboliria os doces, caminharia uma hora por dia, levaria a cabo tudo que prescrevia para si mesmo e visitaria o prostíbulo apenas duas vezes por mês. Na segunda fileira de regras ele prometeu que deixaria de lado os luxos e desprezaria toda opinião pública que não se baseasse na razão, e que amaria as pessoas a quem pudesse ser útil. As regras da terceira e última coluna determinavam que ele fizesse somente uma coisa de cada vez e não se permitisse voos de imaginação a menos que fossem necessários.

Em fevereiro de 1847 Tolstói sentiu a compulsão para elaborar um novo conjunto de regras, dessa vez mais gerais, acerca de sua relação com Deus, as outras pessoas e consigo mesmo, iniciativa que interrompeu antes mesmo de estabelecer exatamente quais eram essas regras. Em março, reiniciou sua lista de princípios, delineando 47 regras organizadas sob vinte tópicos. Tolstói se

instruiu, por exemplo, a nunca demonstrar suas emoções, a deixar de se importar com as opiniões de outras pessoas sobre ele e a fazer o bem de maneira discreta. Deu a si mesmo a ordem de se manter longe das mulheres, sufocar seus sentimentos de luxúria por meio do trabalho árduo e ajudar as pessoas menos afortunadas do que ele. Às vezes as regras de Tolstói lembram um pouco o espírito do célebre *Domostroi*, ou “Livro do Lar”, enfadonho e detalhadíssimo conjunto de severas regras para disciplinar a vida dos russos elaborado na devota época de Ivan, o Terrível, uma espécie de guia de economia doméstica, boas maneiras e salvação eterna em que lemos, por exemplo:

Um homem não pode ser curado se é insolente e devasso; se não é temente a Deus nem se sujeita à Sua vontade; se não obedece a lei cristã nem observa a tradição dos Pais da Igreja no que tange à oração, ao canto litúrgico e à leitura dos livros sagrados antes da comunhão; se não se preocupa em louvar a Deus; se come e bebe em excesso e se empanturra de comida e vinho quando isso não é adequado; se não respeita o sábado, a quarta e a sexta-feira, os dias santos, se não glorifica a Quaresma, a Quaresma da Mãe de Deus; se fornicava sem moderação em momentos impróprios [...].

É preciso dizer que nessa época Tolstói não dava a impressão de ser uma pessoa particularmente atraente; seu egocentrismo e sua santimônia prejudicavam um pouco suas valiosas aspirações e sua autodepreciação.

Em 17 de março, seis dias depois de dar entrada na clínica da universidade, onde recebeu tratamento para gonorreia, Tolstói começou a escrever um diário propriamente dito. Ele viu com bons olhos esse período de completa solidão, longe de servos, pois permitiu que percebesse que a vida dissoluta que a maior parte das pessoas de sua classe levava durante sua juventude era a consequência de uma “corrupção precoce da alma”. Ele estava falando de si mesmo, é claro. Ao condenar esse estilo de vida, contudo, Tolstói já reconhecia que era mais fácil ler dez tomos de filosofia do que colocar em prática um único princípio. No dia seguinte, na falta de algo melhor para fazer (ele passou quase um mês internado na clínica), Tolstói se lançou à tarefa de escrever um trabalho da faculdade: os segundanistas do curso de direito deviam comparar o *Nakaz* (*Instrução*) de Catarina, a Grande, cuja primeira versão fora redigida em 1765, e o *De l'esprit des lois* (*Do espírito das leis*, 1749), de Montesquieu. Embora não tenha conseguido terminar o trabalho, para sua grande surpresa Tolstói se viu absorto nas propostas de Catarina para a elaboração de um novo código de leis e acabou passando mais de uma semana debruçado sobre elas, dissecando-as minuciosamente nas páginas de seu diário. Tolstói critica a autocracia como um regime despótico, uma vez

que as leis não propiciam nenhum tipo de proteção em um Estado em que são aplicadas ao bel-prazer do soberano. E questiona a insistência de Catarina de que os poderes ilimitados autocráticos são, na verdade, limitados pela consciência do soberano, apontando que a afirmação de poderes ilimitados está baseada em uma ausência de consciência. Entretanto, havia um limite também para as tendências republicanas de Tolstói. Na condição de conde Tolstói, filho de uma ilustre família nobre, ele argumenta que a aristocracia, norteadada pela honra, é o baluarte essencial necessário para limitar os poderes do monarca. Os pontos de vista acerca das responsabilidades morais da aristocracia russa, que Tolstói esboça aqui, alcançariam sua expressão mais plena, é claro, em *Guerra e paz*. Uma vez que estava preocupado com o relacionamento entre proprietários de terras e camponeses, pouca coisa na análise que Tolstói faz do *Nakaz* de Catarina diz respeito à injustiça fundamental da servidão. Ele comenta que a servidão impedia o desenvolvimento do comércio, mas nunca afirma que a servidão devesse ser abolida, já que, como ele mais tarde registraria em suas memórias, a ideia simplesmente jamais sequer passava pela cabeça de ninguém de seu *milieu* na década de 1840.

Enquanto isso, em 11 de abril de 1857 o documento legal estabelecendo a divisão das propriedades da família Tolstói foi redigido, depois de muitos meses de negociações. Já no dia seguinte, Liev solicitou permissão para se desvincular da Universidade de Kazan, alegando razões “domésticas” e “de saúde”. O exame pormenorizado do *Nakaz* tinha suscitado nele o desejo de dar continuidade aos estudos de maneira independente, e agora ele julgava que a grade curricular da universidade atrapalharia seu intento. Além disso, Dmítri e Serguei estavam prestes a se formar, ao passo que Macha já tinha deixado Kazan e estava morando em Iásnaia Poliana. Pouco disposto a permanecer sozinho em Kazan e a cumprir exigências acadêmicas que ele considerava tediosas, Tolstói foi embora sem se formar, depois de concluir apenas dois anos de seu curso de direito.

Pela lei russa, as filhas tinham direito de herdar a oitava parte das propriedades de seus pais falecidos e uma décima quarta parte do restante do conjunto de bens. Mas os irmãos Tolstói tinham deliberado dividir igualmente o espólio com a irmã. Nikolai ficou com a propriedade de Nikolskoie, na província de Tula, além de 313 servos do sexo masculino (os únicos que valia a pena contar, segundo a tradição da época) e uma vasta porção de terras. Notório amante de cavalos, Serguei herdou a fazenda de Pirogovo, também na província

de Tula, juntamente com o haras e 316 servos homens. Mária recebeu terras no mesmo vilarejo, um moinho de farinha e uma elevada soma em dinheiro. Dmítri ficou com Cherbachevka, a propriedade da família na província de Kursk, e mais de trezentos servos. Por sua vez, Liev herdou Iasnáia Poliana e os vilarejos adjacentes, e cerca de trezentos servos. Para equilibrar tudo e compensar eventuais discrepâncias, quantias em dinheiro foram trocadas entre os irmãos. O documento legal foi assinado por todas as partes em 11 de julho de 1847 em Tula, e depois disso cada um partiu para suas respectivas novas propriedades rurais. Em novembro, Macha, que nos anos anteriores tinha vivido longe dos irmãos, casou-se com um primo distante, Valerian Pietróvitch, sobrinho de Fiódor Ivánovitch Tolstói, o famoso “americano” (e da tia Toinette). Ela estava com dezessete anos; ele, 34. Em agosto, Tolstói completou dezenove anos, e agora tinha a liberdade para fazer o que bem quisesse.

SENHOR DE TERRAS, VICIADO EM JOGO, OFICIAL, ESCRITOR

Regra. Chamar as coisas pelo nome.

Anotação no diário, 21 de fevereiro de 1851

TOLSTÓI TINHA PLANOS grandiosos para sua nova vida como membro da nobreza latifundiária. Ele queria usar seu tempo com sabedoria e para um propósito nobre e louvável; assim, em 17 de abril de 1847, Liev registrou em seu diário o que planejava fazer nos dois anos seguintes como proprietário de Iásnaia Poliana. Ele estudaria francês, alemão, inglês, italiano, russo e latim e adquiriria um “moderado grau de perfeição” em música e pintura. Ele se dedicaria a aprender história, geografia, estatística, matemática e ciências naturais, medicina teórica e prática e agricultura em todos os seus aspectos. Completaria seu programa de estudos em direito, para que pudesse realizar as provas e exames finais. Escreveria uma dissertação. Redigiria ensaios sobre todos os temas que ia estudar. E estabeleceria regras. Mas todas essas boas intenções deram em nada. Já no dia seguinte, de modo um tanto encabulado, admitiu a si mesmo que não era de fato capaz de satisfazer suas próprias expectativas, e então reduziu o escopo de suas ambições, decidindo que se limitaria a seguir uma regra de cada vez. O primeiro princípio que ele resolveu seguir era o de levar a cabo toda e qualquer tarefa que se propusesse a fazer — o problema é que sucumbiu logo diante do primeiro empecilho. Em 19 de abril ele admitiu em seu diário que acordara bem tarde e só decidiu o que faria às duas da tarde. Havia uma saída

fácil: em 20 de abril ele parou de escrever no diário. Há outros três apontamentos em junho, depois disso as anotações desapareceram por completo. Após o registro de 16 de junho, em que Tolstói repreende violentamente as mulheres por emascularem os homens e decide evitá-las o máximo possível, seguiu-se um silêncio de três anos.

O período entre junho de 1847 e outubro de 1848 é uma página quase que totalmente em branco na biografia de Tolstói: não existem sequer cartas que poderiam lançar luz sobre o que ele fazia quando não estava tentando obedecer suas regras. Supostamente ele se dedicou à faina agrícola em Iásnaia Poliana e descobriu que era um trabalho árduo. Tolstói não só jamais havia trabalhado na terra e nada sabia de agricultura, como tampouco tinha experiência em gerir os servos de que era dono. Quando seu irmão Dmítri escreveu-lhe em setembro de 1847 para perguntar se Tolstói tinha ficado entediado por ter de administrar a propriedade de Iásnaia Poliana, podemos supor que a resposta tenha sido afirmativa. Tolstói parece ter sido um jovem bastante inconstante nessa época. Certa indicação de sua volubilidade vem do fato de que no início do outono de 1847 ele aparentemente decidiu, em um súbito capricho, acompanhar seu futuro cunhado até a Sibéria e entrou na carruagem quando Valerian Pietróvitch já estava de saída — Tolstói só mudou de ideia ao constatar que não estava usando chapéu. No fim das contas, Valerian Pietróvitch partiu sozinho para encerrar seus negócios em Tobolsk, antes de se casar com a irmã de Tolstói, Mária.

Se os irmãos de Tolstói pareciam mais sossegados do que ele, era porque nenhum alimentava aspirações tão elevadas. De Mária, na condição de membro do sexo feminino da nobreza provinciana, a bem da verdade nada se esperava a não ser o decoro. Ela e Valerian fixaram residência em uma das propriedades dele, Pokróvskoe, na região de Tula, distante um dia de viagem de carruagem de Iásnaia Poliana, e logo passaram a se dedicar à vida familiar. Nikolai estava servindo no Cáucaso, tendo se alistado como voluntário no exército após deixar a universidade em 1844. Ele receberia sua patente de oficial dezoito meses depois, e passaria a integrar a 20ª Brigada de Artilharia, mas sua carreira militar estava longe de ser brilhante, acima de tudo porque lhe faltava ambição. O talentoso e vistoso Serguei também ingressaria no exército anos depois, e a expectativa era a de que se sobressaísse, mas sua carreira militar durou apenas um ano, devido à sua pouca disposição de se submeter à autoridade e sua falta de empenho e ambição. A fazenda de garanhões e os enormes canis de Pirogovo que ele herdou

eram suficientes para mantê-lo ocupado. Como Tolstói, Serguei era apaixonado pela caça — alvejou tantos lobos que acumulou uma quantidade de ossos suficiente para construir uma cerca bastante original ao longo de uma das aleias de sua propriedade. De resto, sua principal paixão na vida era uma cigana de Tula.

Dmítri tinha se refugiado em sua propriedade de Cherbachevka, na província de Kursk. Como a maioria de seus pares, não questionava a instituição da servidão, mas se sentia moralmente obrigado a demonstrar preocupação por seus servos. Também julgava que, na condição de nobre russo, era sua obrigação servir o exército, convicção que talvez fosse um resquício do reinado de Pedro, o Grande, quando o serviço militar vitalício foi imposto à pequena nobreza em troca dos privilégios do status aristocrático. A duração do serviço público compulsório foi sendo progressivamente reduzida ao longo do século XVIII, até tornar-se, sob o reinado de Catarina, a Grande, uma mera questão de honra; contudo, a ideia de servir as armas continuou sendo cara a jovens magnânimos como Dmítri Tolstói. Assim, ele partiu para São Petersburgo, onde ingenuamente apresentou-se a um dos mandarins do Ministério da Justiça e declarou que desejava ser útil. Contudo, uma vez que não conseguiu especificar o que exatamente queria fazer, foi despachado para copiar documentos da chancelaria e, em pouco tempo estava vivendo a vida de Akaki Akákievitch, o pobre funcionário do imortal conto “O capote” (1842), de Gógol. Nessa impiedosa sátira da burocracia de São Petersburgo, o humilde copista, homem que não dá a menor atenção a seu vestuário e usa roupas desbotadas e puídas, por fim é instigado a comprar um novo capote. Para economizar dinheiro a fim de pagar o alfaiate, ele pratica o mais extremo despojamento e passa a viver em meio a uma série de privações, mas seu capote é roubado logo no primeiro dia de uso. Dmítri também não dava a menor importância a suas roupas, e para ele a ideia de se vestir significava meramente cobrir o corpo, mas, de modo irônico, seu casaco era praticamente tudo que ele tinha. De acordo com as memórias de Tolstói, um dia seu irmão decidiu visitar um conhecido da família na esperança de que este o ajudasse a encontrar um emprego melhor. Quando chegou à *datcha* de Dmítri Obolenski e foi convidado a tirar o casaco e se juntar aos outros convidados, todos os presentes constataram, constrangidos, que ele não estava vestindo nada por baixo, pois decidira que era desnecessário usar uma camisa. Além do fato de que na verdade estava bem de vida, Dmítri distinguia-se de Akaki em outro

importante aspecto: ele rapidamente se desiluiu com a perspectiva de se tornar mais uma mera engrenagem anônima na vasta máquina burocrática de Nicolau I e logo bateu em retirada de volta para sua propriedade, enviando a Obolenski uma carta de despedida que deixou assustados seus irmãos Serguei e Tolstói (o que quer que Dmítri tenha escrito, Serguei disse a Tolstói que ao ler a carta suou em bicas, ficou com o rosto abrasado e começou a andar de um lado para o outro da sala, em excruciante embarço).

Naturalmente, “O capote” foi uma das obras-primas da literatura russa que Tolstói devorou na década de 1840, além de muitos outros textos de Gógol, incluindo o romance *Almas mortas*, publicado em 1842. Talvez porque não precisasse se obrigar a ler, a leitura era uma atividade de que Tolstói gostava muito, e foi fundamental para seu desenvolvimento intelectual e artístico nos anos imediatamente seguintes à sua mudança de Kazan para Iásnaia Poliana. Ele era um leitor voraz. Tolstói chegou à maioridade em um período bastante sombrio da história russa, algo de que ele só tomou consciência aos poucos. Nicolau I tinha iniciado seu reinado em 1825 sufocando a Revolta Dezembrista, e com o passar do tempo seu regime tornou-se cada vez mais reacionário e repressivo. Os visitantes estrangeiros ficavam chocados. Após visitar a Rússia em 1839, o marquês de Custine descreveu o país como um Estado policial regido por um déspota. A condenação que fez à nobreza russa como um bando de “fantoques tártaros” que confundiam esplendor com elegância e luxo com refinamento feriu suscetibilidades. Não surpreende o fato de que seu livro tenha sido banido assim que foi publicado, em 1843 (como também seria por Stálin no século XX, por causa de sua alarmante e acurada qualidade profética). Quando o espectro da revolução voltou a pairar novamente sobre a Europa no final da década de 1840, Nicolau respondeu exacerbando a censura; contudo, mesmo em meio a essa atmosfera sufocante, ou talvez por causa dela, a literatura conseguiu florescer. De fato, agora havia a expectativa de que os escritores exercessem liderança moral, além de propiciar entretenimento e prazer estético.

Ao final da década de 1840, muitas obras da literatura russa tinham deixado profunda impressão em Tolstói. *Evguiéni Oniéguin* (1833), de Púchkin, *O herói do nosso tempo* (1840), de Lérmontov, e *Almas mortas* (1842), de Gógol foram os primeiros “romances propriamente ditos” da Rússia, mas sua forma já era idiossincrática: *Evguiéni Oniéguin* é um romance em versos, *O herói do nosso tempo* é uma sucessão de histórias interligadas e *Almas mortas* tem como subtítulo “Um

poema”. Mais tarde, Tolstói manteria orgulhosamente a recusa russa de se sujeitar ao modelo europeu ao defender a forma *sui generis* de *Guerra e paz*, que ele insistia categoricamente não se tratar de um romance. Desde o início, Tolstói sentiu-se atraído mais pela prosa do que pela poesia, cuja “era de ouro”, em todo caso, dera lugar, no final da década de 1830, a uma era de ficção realista. Ele considerava “Taman”, uma das histórias de *O herói do nosso tempo*, o emblema e modelo da perfeição artística (opinião que mais tarde seria corroborada por Tchekhov.).

Novos e talentosos escritores surgiram na década de 1840 para assumir o lugar de Púchkin e Gógol, que tinham dominado a cena literária na década anterior, e o mais importante deles foi Turguêniev, que publicou o primeiro dos contos que compõem *Notas de um caçador* em 1847, ano em que novamente Tolstói fixou residência em Iásnaia Poliana. As histórias de Turguêniev sobre a vida rural contemporânea causaram furor, não tanto por sua forma, mas pelo tema, uma vez que foram os primeiros textos da literatura russa a tratar os camponeses como seres humanos complexos. Como homem de mentalidade liberal e ocidentalista que abominava a instituição da servidão, Turguêniev conscientemente passou a escrever uma ficção que dotava os camponeses de uma dignidade natural, e em que eram retratados como criaturas tão merecedoras de respeito e atenção artística quanto os nobres proprietários de terras a quem pertenciam. Sua crítica oblíqua à servidão era ainda mais poderosa por sua sutileza, pois obrigou seus leitores, incluindo o futuro Alexandre II, a encarar o mal que tinha engendrado um sistema tão iníquo. O constrangimento, a indignação e o desgosto que Turguêniev declarou sentir acerca de sua própria classe, a nobreza latifundiária, por fim o levaria a deixar a Rússia. Tolstói, ao contrário, ainda não pensava que a servidão deveria ser abolida. Nisso ele não destoava da maior parte de seus pares da nobreza proprietária de terras, e mais tarde Liev seria bem franco acerca do tema em suas memórias, afirmando que tratar os servos de maneira justa já era sinal de algum esclarecimento. Mas *Notas de um caçador*, coletânea de contos cuja importância política era equivalente a seu mérito artístico, fez Tolstói — que acabava de assumir sua herança como proprietário de terras e servos — parar para pensar.

Havia ainda inúmeros outros autores estrangeiros que estimularam a imaginação de Tolstói durante seus anos de formação. Ele se orgulhava de ter adquirido um domínio de inglês suficiente para ler no original autores como

Dickens (uma regra que ele parece ter conseguido seguir à risca). *David Copperfield* (1850) foi o romance de Dickens de que Tolstói mais gostou na juventude, mas também admirava imensamente *Uma viagem sentimental através da França e da Itália* (1768), de Laurence Sterne. Tanto Dickens quanto Sterne foram influências poderosas para Tolstói quando ele se aventurou pela primeira vez a escrever ficção. Contudo, ainda tinha um gosto bastante eclético e era capaz de apreciar tanto o épico *História da conquista do México* (1843), de William Prescott, quanto a peça *Os salteadores* (1781), de Schiller. Porém, seu autor favorito era mesmo Rousseau. Obras como *Confissões*, *Emílio* e *A nova Heloísa* foram instrumentais em sua educação moral. Exceto por alguns livros em sua lista de leituras, pouca coisa sabemos da vida de Tolstói no final da década de 1840, mas sabemos que levou sua adorada tia Toinette para morar de novo em Iásnaia Poliana. Durante algum tempo, a irmã de Toinette, Elizaveta, também viveu em Iásnaia Poliana, mas depois foi morar com o filho Valerian Pietróvitch e sua nova nora, Mária. O lugar de Elizaveta em Iásnaia Poliana foi ocupado permanentemente por Natália Pétrovna, viúva empobrecida que se tornou a companheira de Toinette (nenhuma propriedade rural russa era completa sem suas humildes e respeitosas *prizhivaltsy*, que sempre tinham uma aguda consciência de seu status de dependência). É difícil superestimar a importância que a tia Toinette teve para o Tolstói de vinte e poucos anos. Ela era seu porto seguro, a destinatária mais frequente de suas cartas quando ele viajava. Era ela quem o mantinha no prumo, e também foi ela quem o incentivou a escrever. Ela acreditava em seu talento.

Em outubro de 1848, subitamente, Tolstói fez as malas e se mudou para Moscou, a pretexto de se preparar para seus exames de direito, que ele por fim tinha resolvido prestar. Alugou o anexo de um edifício ocupado por alguns amigos na área de Arbat, não muito longe do lugar onde havia morado quando menino. Uma vez que desde a infância não visitava Moscou, estava empolgado de voltar à cidade, mas não chegou nem perto dos livros jurídicos. Em vez disso, sentiu-se seduzido pelas luzes brilhantes da cidade e mergulhou de cabeça na alta sociedade moscovita. Tolstói tinha vinte anos de idade, uma boa educação, era dono de uma linda propriedade rural, tinha um título e renda — em suma, era um “partidão”, um solteiro desejável, bem-vindo em todos os melhores salões da cidade. Tudo isso era muito lisonjeiro para o ego, embora a vaidade de Tolstói fosse refreada pela timidez e pelo constrangimento acerca de sua aparência física, o que fazia com que se sentisse pouco à vontade em meio à sociedade chique.

Sem a inconveniência de um emprego e sem a real obrigação de estudar, naquele inverno Tolstói levou uma vida completamente hedonista e dissoluta, e durante esse período desenvolveu uma paixão pelo jogo de cartas, ou melhor, pela jogatina. Essa paixão, que duraria mais de uma década, era um hábito caro e teria graves consequências pessoais.

Tolstói estava longe ser o primeiro nobre russo viciado em jogo — nesse quesito ele tinha alguns predecessores ilustres, inclusive em sua própria família. Talvez se possa atribuir a inconsequência profundamente entranhada dos apostadores russos — o que levava alguns estrangeiros em visita ao país a suporem que as apostas eram um passatempo nacional — à necessidade de afirmar certo grau de independência em meio a uma sociedade repressiva e rigidamente hierárquica, em que até mesmo a vida privada estava sujeita à vigilância estatal. Os escritores russos pareciam particularmente suscetíveis à jogatina, e muitos fizeram do jogo um tema de sua obra: Púchkin, autor da história fundamental sobre jogatina, “A dama de espadas” (1834), apostou sua própria poesia e acabou tendo de abrir mão de valiosos manuscritos. “O fatalista”, outro dos contos presentes em *O herói do nosso tempo*, de Lérmontov, é dedicado ao jogo da roleta russa, ao passo que os personagens principais da peça *Os jogadores*, de Gógol, são dois incorrigíveis trapaceiros viciados em cartas. Turguêniev cresceu às voltas com um pai viciado em jogo, e na propriedade de sua família havia uma sala que sua mãe chamava de “cassino”. Juntamente com Gógol, ele foi um raro exemplo de escritor russo capaz de resistir à sedução das mesas de aposta em cassinos alemães. O vício de Dostoiévski, autor da clássica novela *O jogador* (1867), era tão intenso que certa ocasião ele chegou a apostar tudo que possuía, e como resultado ficou apenas com a única camisa que vestia.

No caso de Tolstói, o vício em jogo certamente era mal de família. Se por um lado seu não muito brilhante avô paterno foi um dos mais incompetentes jogadores de todos os tempos, as histórias das ousadas proezas de seu famoso primo “americano” Fiódor Ivánovitch ainda circulavam em Moscou anos após a morte deste, em 1846. À compulsão de Tolstói pela jogatina somava-se a outra característica profundamente entranhada na alma das classes educadas russas: uma indiferença pelo dinheiro que beirava o desprezo. Em pouco tempo Tolstói contraiu uma vultosa dívida e passou a se sentir bastante insatisfeito consigo mesmo. Como escreveu para a tia Toinette em dezembro de 1848, sua vida de excessos o deixara cansado do mundo e da vida e ansioso para respirar mais uma

vez os ares do campo: “Fui completamente corrompido por este mundo social, tudo me aborrece terrivelmente neste momento, e estou sonhando de novo com a minha vida no campo, para onde espero retornar em breve (*“Je me suis tout à fait débauché dans cette vie du monde, à présent tout cela m’embête affreusement et jê rêve de nouveau à ma vie de campagne que je compte reprendre bientôt”*)”. Contudo, em vez de regressar a Iásnaia Poliana, Tolstói decidiu, num impulso caprichoso, ir a São Petersburgo, em janeiro de 1849, simplesmente porque alguns amigos estavam indo para lá.

O jovem e impressionável Tolstói jamais tinha estado na capital russa, cidade que era bem mais sofisticada e aristocrática do que a provinciana Moscou, e de imediato decidiu se estabelecer lá. Alugou um quarto no Hotel Napoleão, na esquina das ruas Malaya Morskaya e Vosnesensky (onde hoje em dia fica o Hotel Angleterre). Tivesse tido sorte, Tolstói teria ficado em um quarto defronte à maior igreja da Rússia — a construção da neoclássica catedral de Santo Isaac estava quase concluída. Assim que se instalou, Liev sentou-se e escreveu uma longa carta ao irmão Serguei, contando que São Petersburgo estava tendo um bom efeito sobre ele. Todo mundo vivia ocupado fazendo coisas, e a diligência das pessoas parecia tê-lo contagiado: finalmente estava planejando prestar seus exames de direito na universidade. Depois, continuava, tinha planos de arranjar um emprego no funcionalismo público. Se necessário, ele assegurava a Serguei, estava preparado para começar no ponto mais baixo da Tabela de Posição Social (também chamada de Tabela de Cargos ou Tabela de Graus) caso fosse reprovado nos exames. Nenhum membro da nobreza podia evitar a classificação hierárquica na tabela de catorze posições ou cargos que Pedro, o Grande, havia instituído originalmente em 1722 para a corte, o funcionalismo público e as forças armadas. Essa tabela de níveis levava a uma obsessão com o status oficial, que Gógol expôs ao ridículo de maneira magnífica no conto “O nariz” (1836). Tolstói ia mais longe e dizia ter plena consciência de que o irmão receberia com algum ceticismo suas garantias de que tinha mudado, afinal já ouvira a mesma história muitas vezes antes. Ele se apressou em dizer que dessa vez havia *realmente* mudado, de maneira diferente de suas prometidas e desmentidas mudanças anteriores, e que já não se tratava apenas de uma mera questão de boas intenções. Pela primeira vez, Tolstói declarou, ele tinha compreendido que não podia viver só de filosofia e precisava realizar atividades práticas. Porém, estava necessitado de algum dinheiro para quitar dívidas — 1200 rublos, para ser exato

—, e pediu a Serguei que vendesse uma floresta de bétulas em Iásnaia Poliana. Ao longo dos cinco anos seguintes, vender nacos de sua herança se tornaria uma atividade regular.

De fato, Serguei estava cético acerca das afirmações do irmão, e com razão. Ele se preocupava particularmente com a possibilidade de que Tolstói recommençasse a apostar em São Petersburgo, onde corria o risco de perder grandes somas para apostadores inescrupulosos. Nas cartas que enviou a Tolstói, reiteradas vezes Serguei implorou ao irmão que comesçasse a trabalhar e se mantivesse afastado das mesas de carteados. Nesse período, Serguei estava aflito pela falta de disciplina de Liev, bem como a do servo de Tolstói, Fiódor, que havia roubado dinheiro, penhorava colheres de prata e gastava em bebida cada centavo que recebia de seu senhor. A bem da verdade, nenhum dos irmãos Tolstói parecia estar lidando bem com o dinheiro que haviam herdado: o jardineiro de Dmítri tinha roubado sete mil rublos que ele tolamente deixara no escritório de sua propriedade em Cherbachevka, e o próprio Serguei estava gastando somas consideráveis na tentativa de cortejar Mária (Macha) Chíchkina, menina do famoso coro cigano de Tula, por quem estava loucamente apaixonado. Mas isso era uma ninharia comparado às recaídas de Liev. Em 1º de maio de 1849, Tolstói enviou a Serguei uma carta, que o instruiu a ler sozinho:

Serioja.

Imagino que você já esteja dizendo que *sou o sujeito mais cabeça oca do mundo* [apelido pelo qual Serguei chamava Tolstói], e estará dizendo a verdade. Deus bem sabe o que fiz! Parti sem motivo para São Petersburgo, lá não fiz coisa alguma que prestasse a não ser gastar uma dinheirama e me endividar. Uma estupidez. Uma inacreditável estupidez. Você não vai acreditar no quanto isso vem me atormentando. O principal são as dívidas que *eu tenho* de pagar, e *o mais rápido possível*, porque se não as pagar logo, além de dinheiro perderei minha reputação na nata da sociedade. Faça o seguinte, eu imploro: sem nada dizer às tias e a Andrei [Sobolev, o administrador da propriedade], venda [o vilarejo de Vorotinka] ou para Uvarov ou para Seleznev [...].

Desde que chegara a São Petersburgo Tolstói prestara dois exames de direito, depois ficou entediado e desistiu. Agora seu plano mais recente, e igualmente imaturo, era se integrar ao exército como voluntário.

Assim que chegou a São Petersburgo a notícia de que na França o rei Luís Filipe tinha sido deposto e havia sido proclamada uma república, um alarmado Nicolau I começara a mobilizar suas tropas. A partir da França, a Revolução de 1848 suscitou uma onda de insurreições por toda a Europa, e Nicolau I ficou

particularmente alarmado quando a revolução eclodiu em áreas do Império Habsburgo, tais como a Hungria (que fazia fronteira com a Rússia). Assim, o temido “Gendarme da Europa” aceitou com alegria o convite do governo austríaco para ajudar a restaurar a ordem na Hungria despachando quatro regimentos da infantaria e uma brigada de artilharia em maio de 1849, acima de tudo porque havia dois poloneses no comando das tropas húngaras, que estavam exiladas desde seu malogrado motim contra o jugo russo em 1831. Porém, o individualista e impulsivo Tolstói se mantinha alheio a preocupações políticas. Estava sonhando com a glória militar. Agora estava empenhado em se juntar às fileiras da Guarda da Cavalaria, e talvez receber sua patente de oficial antes de completar os dois anos regulamentares de serviço. Outro plano irrefletido, no qual Tolstói nunca parou para pensar detidamente.

Apenas uma semana depois, Tolstói escreveu novamente a Serguei, dessa vez para informá-lo de que na verdade não ingressaria no exército naquele momento, e tinha retomado seu plano anterior de prestar os exames de direito. Liev perguntava também sobre a possibilidade de Serguei ceder seu servo Alexei Petukov para que trabalhasse para ele, oferecendo-se para cuidar de sua família e pagar dez rublos por mês (soma que relativiza os milhares de rublos que ele às vezes perdia nas cartas). De maneira respeitosa, ao longo dos meses anteriores Serguei vinha se controlando e ajudando o irmão, e não se incomodou de dar conselhos agora, embora soubesse de antemão que não seriam seguidos. Mas exortou Tolstói a voltar para casa e colocar as coisas em ordem. “Você disse que coisas estúpidas só acontecem uma vez na vida de uma pessoa, e como seria bom se fosse realmente assim!”, ele escreveu, alertando-o de que corria o risco de desperdiçar todos os seus bens. Para a tia Toinette, diante de quem se sentia envergonhado, Tolstói escreveu que tinha abandonado a ideia anterior de trabalhar para o ministério das Relações Exteriores e estava planejando voltar e se preparar para seus exames em Iásnaia Poliana. Em algum momento do final de maio ou do início de junho de 1849, quando as famosas “noites brancas” da capital no norte do país estavam prestes a chegar ao ápice, ele iniciou sua viagem de volta para casa, primeiro para Moscou e de lá rumo a Iásnaia Poliana. Deixava para trás diversos credores, e ao longo dos anos seguintes suas dívidas não pagas atormentariam sua consciência.

Uma pessoa que naquele verão não viu as noites brancas foi um jovem escritor, tão talentoso quanto pobre: Fiódor Dostoiévski, que no ano anterior

tinha publicado o conto “Noites brancas” e agora estava definhando em uma cela de prisão onde mal penetrava a luz. Uma semana antes de Tolstói enviar ao irmão sua humilhante carta, a polícia secreta do tsar esteve no apartamento de Dostoiévski para prendê-lo. Em uma coincidência digna de suas posteriores obras-primas, Fiódor morava no prédio defronte ao Hotel Napoleão, logo do outro lado da rua. Dostoiévski era um dos 24 membros de um grupo da *intelligentsia* esquerdista chamado Círculo de Petrachévksi, empenhados em maior ou menor grau na luta em nome de liberdades políticas e de direitos civis e cujo crime era organizar reuniões nas noites de sexta-feira com o intuito de debater temas incendiários como o socialismo, a abolição da servidão e a censura. No clima sufocante e paranoico da Rússia de Nicolau I, a mera discussão de tais tópicos equivalia à conspiração, particularmente após as revoluções de 1848. Na última reunião do Círculo, em 15 de abril de 1849, alguém tinha lido a célebre carta a Gógol composta pelo crítico literário radical Vissarion Bielínski. Era um documento franco e destemido, escrito às vésperas da morte precoce de Bielínski, e em que o crítico fustigava o escritor por sua defesa aparentemente inerte do absolutismo russo e tudo que ele representava. Bielínski escrevera a carta na Alemanha em 1847, enquanto agonizava doente de tuberculose, e cópias manuscritas *samizdat* se alastraram feito um incêndio entre a *intelligentsia* progressista, depois de terem entrado clandestinamente na Rússia.

Dostoiévski e seus camaradas foram confinados na Fortaleza de São Pedro e São Paulo, a mesma famigerada e sombria prisão onde haviam sido trancafiados o filho de Pedro, o Grande, o ancestral de Tolstói, Piotr Andréievitch, e os Dezembristas. Enquanto Tolstói ainda flanava por São Petersburgo envergando ternos cortados pelo melhor alfaiate da cidade e jantando nos restaurantes mais finos (não é difícil adivinhar quem eram seus credores), Dostoiévski estava às voltas com pulgas, piolhos, baratas e ratos em uma cela escura e úmida. No final de 1849, foi agrilhado e teve a pena comutada para quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria. Os dois gigantes da literatura passariam a vida próximos um ao outro, mas jamais se encontrariam nem pessoal nem ideologicamente. Primeiro porque, para começo de conversa, Dostoiévski era socialmente inferior a Tolstói, e depois por ser seu principal rival. Acabaram adotando visões de mundo radicalmente diferentes.

Assim que retornou de São Petersburgo em junho de 1849, Tolstói levou para Iásnaia Poliana um pianista alemão, e passou boa parte do verão aprendendo

rudimentos musicais. Acabou sendo um bom investimento, pois a música tornou-se uma parte importante de sua vida. Quando não estava dando aulas a Tolstói, Rudolf, o pianista, se recolhia à estufa para compor ou participava de sessões musicais regadas a álcool com os velhos servos que tinham tocado na orquestra do conde Volkonski. Um desses músicos era o antigo segundo violinista Foka Demídich, que trabalhara como mordomo da família quando o pai de Tolstói ainda estava vivo. Naquele outono, Tolstói cooptou-o para fazer as vezes de professor da primeira escola que abriu em Iásnaia Poliana para os filhos dos camponeses — 23 crianças que recebiam aulas de aritmética e catecismo, além de aprender a ler e a escrever. Parece ter sido um experimento de curta duração, sobre o qual quase não existe documentação, mas é um dos primeiros sinais do despertar da consciência social de Tolstói. Ao longo das duas décadas seguintes, a educação popular se tornaria uma causa a que ele se afeiçoaria bastante.

Tolstói retomou seu diário por uma semana em junho de 1850, mas de resto foi mais um ano acerca do qual temos poucas informações além do fato de que ele não arredou pé de Iásnaia Poliana. Tolstói tornou-se um orgulhoso tio e padrinho em janeiro de 1850, quando sua irmã Macha deu à luz uma menina chamada Várvara (Vária). Não era o primeiro filho de Mária. Seu primogênito, Piotr, morrera logo após o nascimento em 1849, mas Vária sobreviveu (assim como Nikolai e Liza, nascidos em 1851 e 1852, respectivamente). Assim que Vária nasceu, Tolstói viajou imediatamente para Pokróvskoe a fim de acompanhar seu batizado (a propriedade ficava a cerca de oitenta quilômetros de Iásnaia Poliana, e essa parece ter sido a jornada mais longa que empreendeu até o fim do ano). Ao longo de 1850 Tolstói limitou-se a viajar para a vizinha Tula. No final de 1849, o escritor assumiu um modesto cargo como funcionário público no governo local de Tula (ocupando o ponto mais baixo da tabela de níveis sociais), mas era um trabalho bem pouco exigente, o que lhe propiciava uma boa desculpa para conviver com a nobreza local da cidade e travar relações com os ciganos.

Tolstói tinha suas beldades favoritas entre as jovens ciganas, mas o que mais o atraía na cultura cigana eram a música melancólica e excitante e as danças frenéticas. Os ciganos tinham aparecido no Império Russo no início do século XVIII. Alguns fixaram residência, outros continuaram levando uma vida seminômade, alojando-se com os camponeses durante os meses de inverno e ganhando a vida por meio do escambo de cavalos no verão. Desde sempre tinham o hábito de cantar canções russas como forma de ganhar dinheiro. O

primeiro coro cigano foi formado na década de 1770 pelo conde Orlov-Chesmenski, que levou alguns de seus servos ciganos da família de Ivan Sokolov para se apresentar em sua propriedade nos arredores de Moscou. Os ciganos ganharam a liberdade em 1807, mas sua reputação só começou a crescer após o término das Guerras Napoleônicas, e logo passaram a receber convites para apresentações de fim de noite em restaurantes e tavernas de Moscou. Não demorou para que comesçassem a pipocar corais ciganos também em outras cidades russas, o que foi o pontapé inicial de formidáveis dinastias de artistas que cantavam *a cappella* ou com o acompanhamento de violinos e do violão russo de sete cordas. Os coros ciganos caíram no gosto de ambas as pontas do espectro social — os comerciantes e a nobreza (particularmente oficiais do exército) — e preenchiavam uma lacuna. Naquela época, não havia músicos profissionais na Rússia, exceto pela presença de virtuosos estrangeiros, e a principal virtude dos coros ciganos estava no fato de que entoavam canções russas, salpicadas de elementos de suas próprias tradições, inconfundíveis e exóticas. Os ciganos não sofreram discriminação na Rússia — fato que talvez seja único —, pelo menos não das pessoas com quem conviviam. Os coros ciganos atingiram o auge da popularidade na década de 1840, e o de Tula era tido com um dos melhores do país. A namorada de Serguei, Mária (Macha) Chíchkina (ela própria pertencente a uma magnífica dinastia de músicos ciganos), era a melhor cantora do coro. Ouvir as apresentações de coros ciganos em Moscou e Níjni Novgorod certamente foi um dos pontos altos da viagem que o marquês de Custine empreendeu pela Rússia em 1839. Ele ficou impressionado com as diferenças entre os ciganos russos e os outros ciganos que tinha conhecido:

Sua canção frenética e apaixonada guarda alguma semelhança distante com os gitanos espanhóis. As melodias do norte são menos animadas, menos voluptuosas do que as da Andaluzia, mas produzem uma impressão mais profunda e pesarosa [...] era quase meia-noite, mas a casa ainda estava lotada de pessoas, de barulho e luz. Achei as mulheres muito bonitas; seus trajes, embora de aparência igual aos de outras mulheres russas, nelas adquirem um aspecto estrangeiro: em seus olhares furtivos há magia, suas feições e atitudes são graciosas, e ao mesmo tempo imponentes. Em suma, elas são parecidas com as sibilas de Michelangelo.

Os ciganos foram o primeiro impulso, a primeira inspiração que levou Tolstói a pensar em escrever literatura, e aparecem em uma de suas primeiras peças inacabadas de ficção, datada de 1853, em que um narrador claramente autobiográfico lamenta que a arte cigana já tivesse decaído. “Havia um tempo em

que as pessoas apreciavam a música cigana mais do que qualquer outro tipo; quando os ciganos cantavam as boas e velhas canções”, escreve o narrador, que em seguida assevera que a música cigana na Rússia era o único caminho “que possuímos para passar da música popular para a música séria”, sem esconder seu amor pela música cigana.

Tolstói combinava seu amor pelo cancionário popular russo a um entusiasmo genuinamente sério pelo repertório europeu clássico (particularmente Beethoven, com obras como os trios de piano, Op. 70), com que se familiarizou e que sabia tocar muito bem. Ele ainda estava firmemente decidido a levar adiante o absurdo padrão de vida que tinha estabelecido para si mesmo, mas a julgar pelas anotações em seu diário em junho de 1850, via de regra naquele verão Tolstói não conseguiu cumprir à risca sua rígida programação, que incluía nadar, supervisionar o trabalho dos servos, ler, escrever e tocar piano. Mesmo que se lamentasse nos dias em que não tocava as 24 escalas e arpejos em duas oitavas, Tolstói atingiu um respeitável nível de proficiência em termos de habilidade musical, e continuaria tocando piano até a velhice, às vezes em duetos com sua esposa Sônia ou sua irmã Macha.

Outra frustração de Tolstói no verão de 1850 era sua incapacidade de reprimir o desejo sexual que sentia pelas belas servas de sua propriedade. Como tantos outros proprietários de terras russos desse período, em sua juventude Tolstói abusou de seu “privilegio” de nobre dono de servos e exerceu com regularidade o *droit de seigneur* com as meninas camponesas. Em 19 de junho de 1850, confessou a seu diário que era incapaz de se controlar, e que para piorar as coisas a prática de seduzir as meninas tinha se tornado um hábito. Naquele verão Tolstói se sentiu particularmente atraído por Gacha Trubetskaia, serva de Toinette, que foi trabalhar para Macha e a acompanhou ao exterior em 1859. Mais tarde a consciência de Tolstói seria profundamente atormentada por seu comportamento abusivo. Na década de 1890, tentou expiar suas culpas ficcionalizando e condenando suas fraquezas e falhas morais por meio das experiências dos personagens centrais do conto “O diabo” e de seu último romance, *Ressurreição*. Em 1898, enquanto escrevia *Ressurreição*, Tolstói confessou a sua esposa Sônia que estava reciclando detalhes de sua própria vida. Sônia ficou duplamente enojada, pela imagem do marido se aproveitando de uma menina camponesa e pela recordação, já na velhice, de detalhes tão lascivos (fato que levou Tolstói a se confessar a um amigo acerca de sua primeira experiência

com uma prostituta). No final da vida, Tolstói confessou também que nutria sentimentos amorosos por Avdotia (Duniacha) Bánnikova, a filha do servo que fora seu primeiro tutor, Nikolai Dmítrievich. Mais tarde Duniacha se casou com um servo de Tolstói, Alexei Orekhov, e trabalhou como criada em Iásnaia Poliana, mas Liev afirmava categoricamente que jamais tinha encostado um dedo nela. Em termos gerais, o comportamento do jovem Tolstói era bastante predatório — nessa época passou a cultivar a paixão pela caça com cães borzóis.

Apesar de todas as suas boas intenções, no outono de 1850 Tolstói mais uma vez já tinha sucumbido à bebida e à jogatina, e passava cada vez mais tempo com os ciganos em Tula. Nesse período perdeu altas somas no carteadado: certa vez chegou a perder quatro mil rublos de uma única vez. Era urgente levar a cabo outra mudança de rotina, por isso, em dezembro de 1850, ele partiu mais uma vez para Moscou, onde sacou seu diário e começou a compilar regras. Algumas delas eram bem pouco realistas (“tocar piano quatro horas todos os dias”), algumas bastante práticas (“exercitar-me diariamente”, “falar o mínimo possível de mim mesmo”, “falar em alto e bom som”), outras eram idealistas (“manter distância das mulheres”), algumas eram esquisitas (“antes de ir a um baile, pensar e escrever bastante”), e havia também as simplesmente tolas (“não ler romances”). Tolstói também elaborou minuciosas regras a respeito do jogo de cartas — dessa vez pretendia jogar a sério, e só apostar dinheiro com pessoas mais ricas que ele. Naquele inverno, foi a diversos bailes (escrevera regras sobre a arte de dançar também), pois queria se misturar ao *haut monde* de Moscou e encontrar uma esposa. A bem da verdade, Tolstói demoraria um bom tempo para encontrar a pessoa certa e se casar, mas sua intensa vida social evidencia-se pelo fato de que estava por dentro das intrigas mais recentes, por isso podia enviar à tia Toinette longas cartas relatando todas as fofocas que ele ouvia ao percorrer os salões moscovitas — como o escândalo envolvendo provas que implicavam a aristocrática amante russa de Alexander Sukhovo-Kobylin no assassinato de sua rival francesa.

Toinette adorava e lia com enorme prazer as cartas que recebia de seu sobrinho favorito. Em 27 de janeiro de 1851, em uma de suas respostas a Tolstói, ela disse que ele escrevia de maneira tão atraente e tão natural que era como se estivesse ali, de pé diante dela, contando-lhe tudo pessoalmente.

Mas Toinette se preocupava com a falta de rumo e propósito na vida de Tolstói e seu inquietante hábito de apostar dinheiro. Em tom de reprimenda, ela fez

questão de lembrar que ele tinha voltado para se juntar à família no Natal, mas preferiu passar a noite jogando cartas em Tula em vez de ficar com o irmão Nikolai, que estava de volta “à Rússia”, como ele mesmo dizia, de licença do Cáucaso pela primeira vez em quase quatro anos. A tia Toinette também estava desesperada com Serguei (“Se ele tivesse um emprego com que se ocupar, não teria caído de amores por aquela menina cigana”) e esperava que Liev encontrasse um rumo na vida em vez de optar por um casamento de conveniência apenas para saldar suas dívidas. Ela suplicou a Tolstói que se ajuizasse. Era o que ele estava começando a fazer. Dolorosamente, já tinha se dado conta do vazio da sociedade de Moscou e começara a pensar seriamente em escrever ficção. Em dezembro de 1850, declarou em seu diário que queria escrever um conto sobre os ciganos.

Desde o início, sua capacidade de encarar seus próprios defeitos (nessa época, culpava-se pelo costume de olhar-se no espelho com desmedida frequência) seria fundamental para desenvolver seu poder de análise psicológica. Em 8 de março de 1851 ele começou a escrever um “Diário de Franklin”, em que pretendia monitorar seus lapsos morais. Em sua autobiografia *Mémoires de la vie privée*, publicada em Paris em 1791, Benjamin Franklin descrevera sua técnica de elaborar uma tabela de virtudes, marcando aquelas que não lograva demonstrar a cada dia. Talvez Tolstói tenha finalmente se encontrado, ou pode ser que a chegada da primavera simplesmente lhe trouxe renovada energia; o fato é que Tolstói passou a obedecer com rigor sua determinação de escrever todo dia no diário, convencido de que reconhecer suas falhas morais era metade da batalha para eliminá-las. Ele foi bem-sucedido no que dizia respeito a seguir à risca a prática de ginástica e as aulas de esgrima, mas seu comportamento quase sempre deixou a desejar; palavras como “preguiça”, “covardia”, “gula”, “falsa modéstia” e “autoengano” pontuam os registros em seu diário durante esses meses, como admoestação regular de sua falta de fibra moral.

À medida que começou a lidar pela primeira vez com ficção, Tolstói se tornou mais recluso, e também passou a dedicar mais tempo à leitura. No início do ano enfrentara Montesquieu; agora lia o recém-publicado *Histoire des Girondins* (*História dos Girondinos*, 1847), de Lamartine; *Paulo e Virgínia* (1787), de Bernardin de Saint-Pierre; *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Goethe; e *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy* (1759-1769), de Sterne. Durante a primavera de 1851 Tolstói tornou-se mais atento aos turbulentos processos intelectuais de

sua mente, mas também um observador mais vigilante da vida ao seu redor. O que Tolstói tinha em mente quando se debruçou sobre o primeiro rascunho de *Infância*, que viria a se tornar a sua primeira obra publicada, era um tipo original de *Bildungsroman* em quatro partes, a ser intitulado *Quatro épocas de desenvolvimento*. Sob a clara influência de *David Copperfield* e também de Sterne, entre muitas outras obras e autores, o objetivo de Tolstói era explorar as experiências psicológicas de um menino a caminho da vida adulta. Como acontece com quase todas as obras de ficção que publicou, Tolstói usou a própria vida como matéria-prima, aqui para evocar cenas particulares de dois dias da infância de seu personagem, Nikolenka. É importante reconhecer que sua própria vida era o meio e não o fim, mas, no dizer de Richard Gustafson, estudioso da obra tolstoiana, “essa distorção da experiência pessoal esconde apenas para revelar”, uma vez que a sinceridade e a verdade emocional sempre foram, em última análise, o objetivo essencial de Tolstói. *Infância* é enganosamente simples. Para que o livro funcionasse, Tolstói tinha de lançar mão de uma voz narrativa convincente, portanto um dos primeiros problemas que teve de contornar foi decidir se seu narrador seria um adulto, com o risco de que sua história ficasse parecida com um livro de memórias, ou fazer com que o próprio Nikolenka contasse a história de sua vida, o que implicava dilemas de outra ordem. As técnicas artísticas de Tolstói já eram sofisticadas. O fato de que naquela primavera ele escreveu a um amigo em São Petersburgo indagando-lhe se podia ajudar a negociar com o censor literário é um sinal de que Tolstói estava levando a sério a atividade de escritor.

Em março Nikolai foi visitar Tolstói em Moscou. Sua licença estava chegando ao fim, e ele sugeriu que o irmão o acompanhasse na jornada de volta ao Cáucaso. Tolstói aceitou imediatamente, e no início de abril deixou Moscou e retornou a Iásnaia Poliana. O Cáucaso propiciava a Tolstói a oportunidade de começar de novo, do zero. Era a chance de deixar para trás suas dívidas e seus maus hábitos e embarcar em uma vida de risco e aventura na mais perigosa fronteira do Império Russo. O famoso daguerreótipo tirado dos dois irmãos naquela primavera mostra o futuro escritor de rosto escanhado, sentado em postura tensa e vestindo roupas bastante surradas, as mãos apoiadas em uma bengala, encarando o observador com olhar fixo e penetrante, ao passo que Nikolai, mais relaxado e fleumático, está sentado ao seu lado vestindo uniforme do exército, descansando indiferentemente o cotovelo no espaldar da cadeira do

irmão. No final do mês, os irmãos estavam na estrada, decidindo seguir por uma pitoresca rota via Kazan para se reunir com a família e os amigos. Como criados pessoais eles levaram dois servos de Iásnaia Poliana, Alexei Orekhov e Ivan Suvorov (Aliocha e Vaniuchka).

Depois de uma agradável semana em Kazan, durante a qual Tolstói ficou completamente apaixonado pela acanhada e linda Zinaida Molostvova, os irmãos seguiram para o sul. Em 30 de maio, depois de uma semana gloriosa descendo de barco o rio Volga, de Saratov a Astrakhan, e mais uma semana viajando a cavalo, finalmente chegaram a Starogladkovskaia, na atual Chechênia. Naquela mesma noite, Tolstói sacou seu diário e escreveu “Como vim parar aqui? Não sei. E por que estou aqui? Também não sei”. No fim das contas, Starogladkovskaia seria sua base ao longo dos dois anos e meio seguintes, e o tempo que lá passou foi literalmente um período de formação. Quando deixou o Cáucaso, Tolstói era um oficial de carreira do exército imperial e um autor publicado. Ademais, a experiência em primeira mão da campanha militar no Cáucaso teria valor incalculável quando, anos depois, escreveu as cenas de batalha de *Guerra e paz*.

Foi Catarina, a Grande, quem tinha levado a Rússia ao Cáucaso, quando, num gesto de benevolência, foi ao auxílio dos cristãos ortodoxos em apuros no Reino da Geórgia. A bem da verdade, o que ela realmente queria era manter afastados a Pérsia e o Império Otomano, com o motivo ulterior de dar um passo adiante em seu “Projeto Grego”. Ela sonhava em derrotar os turcos e instalar um regente russo no trono de uma recém-restaurada Constantinopla cristã. Seu *annus mirabilis* foi 1783, quando ela não apenas conquistou a Crimeia mas assinou o Tratado de Georgievsk, que fez da Geórgia um protetorado da Rússia. A agressão por parte da ressurgente Pérsia acabou favorecendo a Rússia. Em 1795, o último ano do reinado de Catarina, a Rússia não ofereceu assistência quando os persas invadiram a capital da Geórgia, Tíflis, e Alexandre I então violou o Tratado de Georgievsk simplesmente anexando a Geórgia e abolindo sua monarquia. Como resultado das subsequentes guerras com o Império Otomano e a Pérsia ao longo da década seguinte, o Império Russo anexou a seus territórios outras pequenas nações caucasianas.

Em torno da fortaleza que havia sido erigida em 1784 no sopé das montanhas rapidamente surgiu e cresceu uma cidade que acabaria se tornando a principal base militar russa na área. Num arroubo de otimismo, a cidade foi chamada de Vladikavkaz (“regente do Cáucaso”), mas para conquistarem o

Cáucaso a mera construção da Rodovia Militar Georgiana entre Vladikavkaz e Tíflis seria insuficiente. Embora a maior parte dos georgianos tenha se rendido pacificamente ao Grande Tsar Branco — e mais tarde muitos de seus aristocratas teriam papel de destaque na guerra contra Napoleão —, muitos outros povos do norte do Cáucaso resistiram ferozmente à presença russa, em especial os chechenos e os avars no leste montanhoso (junto ao mar Cáspio) e os circassianos no oeste (junto ao mar Negro). A Rússia logo se viu enredada em uma prolongada guerra contra um obstinado movimento de resistência. O general Alexei Ermolov, o primeiro comandante em chefe nomeado para dirigir as operações no Cáucaso, era famoso por seus métodos brutais, mas os chechenos (que ele via como selvagens primitivos) invariavelmente eram mais espertos que ele e levavam a melhor, e por isso Ermolov acabou sendo substituído em 1827 por Ivan Páskevitch. Outras estratégias foram postas em prática pelos comandantes posteriores, até que por fim a guerra terminou no leste em 1859 e no oeste em 1864.

As experiências de Tolstói no Cáucaso se restringiram à Chechênia no teatro oriental da guerra; quando ele chegou, em 1851, a guerra tinha entrado em sua última década. Foi também o ano em que a Rússia obteve uma segunda vitória de pequenas proporções. Desde a década de 1830, as diferentes e incompatíveis tribos muçulmanas do norte do Cáucaso tinham se unido sob o líder avar Imam Shamil, que comandava os povos da Chechênia e do Daguestão. Shamil via o conflito contra os russos como uma guerra santa, mas nem sempre contou com o apoio irrestrito dos povos montanheses. Em 1851 ele se desentendeu com o comandante Khadji-Murat, companheiro avar que debandou para o lado russo. No ano seguinte, Khadji-Murat tentou se juntar novamente a Shamil, mas foi assassinado por tropas russas. Uma prova de que o envolvimento de Tolstói na prolongada luta com os caucasianos deixou nele uma profunda impressão é o fato de que, já no fim da vida, decidiu transformar em ficção essa litania de traições. *Khadji-Murat* foi escrito quando suas prioridades eram mais religiosas do que literárias, mas é uma de suas mais extraordinárias obras de ficção.

Antes de conhecer os avars ou os chechenos, Tolstói conheceu os cossacos. Starogladkovskaia era um dos cinco assentamentos cossacos que se estendiam por um raio de oitenta quilômetros ao longo da margem norte do rio Terek. Batizado em homenagem a Gladkov, um dos *atamans* locais, o povoado fora fundado em 1729 e entre sua população haviam sido arregimentados os cerca de

mil soldados cossacos que combateram na Guerra do Cáucaso. Eram descendentes dos cossacos da montanha (ou de Terek) originais do século XVI (*Grebenskie* ou *Terskie kazaki*), que tinham se fixado junto ao rio Terek — alguns deles tinham feito parte de unidades militares autônomas, outros tinham fugido da Rússia central a fim de escapar da servidão. O desejo dos cossacos de manter seu estilo de vida tradicional de independência e liberdade acabou levando-os a conflitos (muitas vezes sanguinolentos) com as autoridades tsaristas, particularmente durante o reinado de Catarina, a Grande. No final do século, os cossacos foram obrigados a aceitar uma posição de acomodação, por meio da qual receberam status especial e em troca desempenhavam o papel de guardas da fronteira ao longo dos limites do império, particularmente em sua ameaçada fronteira sul. Embora fossem súditos do Império Russo e geralmente cristãos, os cossacos de Terek tinham sua própria língua e eram muito parecidos com seus vizinhos chechenos do outro lado do rio, com quem tinham coexistido pacificamente por séculos. As mulheres usavam altos chapéus de pele e as mesmas túnicas compridas com fieiras de cartuchos de lado a lado no peito.

De início Tolstói ficou tremendamente desapontado com a paisagem bastante monótona onde o regimento de seu irmão estava instalado — só depois que começou a viajar no Cáucaso é que viu o magnífico cenário montanhoso que tinha inspirado muitos poetas russos. Contudo, é certo que o estilo de vida cossaco abriu-lhe os olhos. Era completamente diferente de tudo a que ele estava habituado na Rússia. Os homens cultuavam o machismo, deixavam o trabalho pesado para as esposas, mas as mulheres, longe de serem submissas, eram invariavelmente mais espertas e quase sempre bem mais bonitas que eles. Os cossacos tinham uma dignidade que resultava de séculos de independência e rebeldia (nenhum cossaco jamais tinha sido transformado em servo), e seu padrão de vida era bem mais alto do que o do mujique russo. Os cossacos também viviam mais perto da natureza. Tolstói usaria fartamente seu conhecimento dos cossacos de Terek como matéria de ficção. Em 1863, pouco antes de iniciar *Guerra e paz*, ele finalmente concluiu uma novela chamada *Os cossacos*, que tinha começado a escrever quando ainda estava vivendo no Cáucaso. Na condição de civil sem muito que fazer enquanto o irmão estava ausente, envolvido em manobras militares, Tolstói começou a travar amizade com os cossacos em Starogladkovskaia e aprendeu sua língua. Ficou especialmente próximo de Epifan (Epichka) Sekhin, um alto e velho cossaco com uma enorme barba,

aparentemente quase nonagenário, que se tornou seu primeiro senhorio e foi imortalizado com grande precisão como Erochka em *Os cossacos*. Epichka levava seu jovem amigo russo com ele em caçadas, ensinou-lhe a balalaica e o divertia contando histórias dos antigos cossacos.

A primeira experiência de Tolstói com os chechenos se deu um mês após sua chegada ao Cáucaso. Em junho, ele seguiu o regimento do irmão até a fortaleza em Sary Yurt, a cerca de cinquenta quilômetros de distância, e, como voluntário, tomou parte de uma incursão. Por acaso, o general Alexander Bariatinski, que comandava as operações no Cáucaso do Norte, estava presente, e Nikolai disse a seu irmão que o príncipe tinha ficado impressionado com o jovem voluntário. Lisonjeado pela atenção de um dos mais importantes soldados russos no Cáucaso (em 1856 o príncipe Bariatinski seria alçado ao posto de comandante em chefe do exército caucasiano e vice-rei na região), e incentivado pelo irmão, Tolstói decidiu se alistar. Primeiro, contudo, teve de obter uma carta do governo local de Tula exonerando-o do cargo que ainda era dele.

Enquanto isso, uma vez que tinha bastante tempo livre, Tolstói continuava se dedicando à leitura e escrevendo muito; agora estava trabalhando em sua segunda versão de *Infância*. E também jogava cartas com os oficiais russos. Em 13 de junho, perdeu 850 rublos de uma só vez, o que o levou a pedir ao cunhado que vendesse outro de seus vilarejos. Tolstói achava extremamente difícil renunciar à jogatina, mas pelo menos isso deu a ele a oportunidade de ensinar um checheno a contar. Nem todos os chechenos eram hostis. Ele fez amizade com um irritadiço jovem chamado Sado Miserbiiev, que quase sempre era trapaceado pelos oficiais com quem jogava. Tolstói tomou-o sob suas asas e foi recompensado com lealdade inabalável e uma espada chechena. Mais tarde ele seria salvo por seu devotado *kunak* (palavra caucasiana para amigo) depois de sofrer outra derrota acachapante no carteadado.

Naquele primeiro outono Tolstói começou a viajar para mais longe, incluindo a fortaleza de Groznáia (atual Grozny), um novo posto avançado construído em 1818 pelo general Alexei Ermolov. De nome medonho, a cidade de Gróznaia (que significa “ameaçadora”) era um dos diversos novos fortes que Ermolov construía e batizara com a intenção de aterrorizar os locais, tais como Vnezapnaia (“súbita”) e Burnaia (“tempestuosa”). Fora também Ermolov quem em 1817 tinha concluído diversas obras de melhoria na Rodovia Militar Georgiana, estrada de pouco mais de duzentos quilômetros que servia como

artéria vital para o deslocamento das tropas russas nas montanhas. Era a única rota transitável que atravessava a cordilheira caucasiana e uma das mais altas do mundo — mais alta do que a passagem de Simplon. Quando Púchkin registrou suas impressões da rodovia em seu *Jornada a Erzurum* (1829), a estrada ainda era extremamente perigosa: os viajantes eram obrigados a seguir um comboio de quinhentos soldados e um canhão, e às vezes só conseguiam percorrer dezesseis quilômetros por dia. Na época de Tolstói, essa viagem tinha se tornado mais rápida e mais segura. Ele a percorreu pela primeira vez na companhia do irmão, rumo a Tíflis, em outubro de 1851, e por fim foi recompensado com paisagens especulares e uma magnífica visão dos picos nevados, que, antes dele, Púchkin e Lérmontov tinham achado tão deslumbrantes.

O procedimento de demitir-se de seu cargo no funcionalismo público (o serviço cidadão, como era chamado) e alistar-se no exército acabou sendo lento e burocrático, e Tolstói foi obrigado a permanecer por mais de dois meses em Tíflis, onde perdeu dinheiro em partidas de bilhar e adoeceu. Durante esse período solitário, em que continuou trabalhando em seu manuscrito de *Infância* e tentou deixar de ser mulherengo, Tolstói escreveu cartas afetuosas e saudosas para a tia Toinette, que era sua correspondente regular. Liev relatou que estava muito feliz por poder voltar a tocar piano, a única coisa de que sentia falta em sua nova vida no acampamento militar de Starogladkovskaia (a essa altura, já sabendo que não voltaria tão cedo para casa, ele também tinha decidido dar o piano de cauda de Iásnaia Poliana para a irmã Macha). Tolstói também podia ouvir música na recém-inaugurada Casa de Ópera de Tíflis. Pelo teatro lírico, pelas ruas arborizadas da cidade e seu primeiro jornal em russo, Tolstói podia agradecer ao príncipe Mikhail Vorontsov. Comandante em chefe do exército caucasiano de 1844 a 1854, e primeiro vice-rei imperial da região, Vorontsov, educado na Grã-Bretanha, era um modernizador, que antes tinha transformado Odessa e agora trouxera para Tíflis suas avançadas ideias de planejamento urbano.

Após sua solicitação formal de ingresso no regimento de artilharia em que servia seu irmão, Tolstói precisou se submeter a um exame escrito. A aprovação granjeou-lhe o direito de se chamar cadete ou, para usar o termo russo, *yunker* (corruptela do alemão “Jung Herr”, a designação dos jovens suboficiais da nobreza). Em 3 de janeiro de 1852 Tolstói passou à patente de *Feierverker* (artilheiro), 4ª classe, na 20ª Brigada de Artilharia da 4ª Bateria do exército russo

— embora sua nomeação só tenha sido oficializada após a formalização de sua exoneração do governo de Tula. Duas semanas depois, ele estava de volta a Starogladkovskaia, mas partiu imediatamente para tomar parte de um mês de ataques contra os chechenos, pela primeira vez como soldado efetivo e em geral ao lado do irmão. Eram incursões intermináveis, intensas e extremamente perigosas, mas após décadas de uma bem-sucedida guerra de guerrilha dos chechenos e outras tribos montanhesas os russos estavam começando a levar a melhor e controlar a situação.

Para começo de conversa, a estratégia militar russa no Cáucaso fora elaborada tendo-se em mente um inimigo ao estilo de um exército europeu convencional. Contudo, não se tratava de um teatro de guerra comum. Os russos não estavam combatendo tropas numerosas munidas de baionetas em um planalto, mas pequenos e heterogêneos bandos de rebeldes em encostas montanhosas e arborizadas. Seus inimigos conheciam cada centímetro da terra e eram peritos na arte de se esconder. Por fim o exército russo mudou de tática. Sob o comando de Vorontsov, que era tão impiedoso quanto Ermolov, a nova estratégia passou a ser derrubar florestas e dizimar vilarejos de forma a solapar o sistema de defesa checheno. O estratagema começou a dar resultados. Tolstói aproveitou a oportunidade para provar seu valor em seus primeiros ataques contra os chechenos, e sua bravura deveria ter sido recompensada com uma Cruz de São Jorge, mas uma vez que seus papéis não tinham chegado de Tula, tecnicamente ele ainda era um voluntário e não um oficial qualificado para receber a comenda. Tolstói ficou profundamente decepcionado. Seus papéis chegariam no final de março.

Naquela primavera Tolstói participou de diversas expedições de roça da floresta, e no ano seguinte começaria a destilar suas experiências no conto “A derrubada do bosque”, mas sua prioridade era concluir *Infância*; assim que voltou a Starogladkovskaia, em março, começou a trabalhar na terceira e última versão do livro. Ironicamente, quando ingressou no exército Tolstói começou a se afastar de seus arruaceiros colegas oficiais, que interpretavam sua indiferença como sinal de arrogância. Nikolai ficava feliz de passar a noite inteira bebendo, ao contrário de Liev, que agora começara a dar preferência ao xadrez, à esgrima e à companhia de um livro. Suas obrigações no exército eram bastante leves. Em abril ele viajou um pouco mais para o leste, até Kizlyar, onde se consultou com um médico, pois sua saúde estava debilitada, e em maio empreendeu uma jornada

bem mais longa, dessa vez algumas centenas de quilômetros ao oeste, até Pyatigorsk, no sopé do Cáucaso do Norte, onde se submeteria a tratamento. Quando retornou a Starogladkovskaia em agosto, Tolstói não apenas havia concluído *Infância* mas já submetera o livro a um editor e recebera a notícia de que tinha sido aceito para publicação.

Pyatigorsk (“cinco montanhas”), assim chamada em virtude de se localizar no sopé dos cinco picos do monte Beshtau (nome turco para “cinco montanhas”), foi fundada como fortificação russa em 1780. Após a descoberta de suas fontes de água mineral, um decreto imperial determinou que ali fosse criada uma estação de cura; quando da visita de Tolstói, em 1852, a cidade já se transformara em um próspero e elegante *resort*, cuja decoração ficara a cargo de arquitetos italianos. Além da verdade, foi a estância hidromineral russa mais moderna e requintada do século XIX. Pyatigorsk também tinha sua cota de drama: Lérmontov foi baleado em um duelo junto ao cemitério da cidade em 1841, e ainda havia a ameaça concreta de ataques de saqueadores circassianos; de resto, a estância proporcionava tratamentos curativos bastante tranquilos. Tolstói já “conhecia” Pyatigorsk por ter lido *O herói do nosso tempo*, uma vez que a cidade serve de cenário para o mais longo dos contos do livro de Lérmontov. Depois de seguir o tratamento recomendado de seis semanas de banhos nas águas sulfurosas do *spa* médico de Pyatigorsk, Tolstói viajou para as fontes de Zheleznovodsk (“águas de ferro”), mais ao norte, para outras três semanas de tratamento.

Depois de alugar uma casinha nos arredores de Pyatigorsk, com jardim, colmeias e vista para o pico nevado do monte Elbrus, Tolstói arregaçou as mangas para trabalhar. Durante o tratamento ele leu bastante, particularmente Rousseau (autor que releu inúmeras vezes), mas também dedicou-se à escrita. Em 27 de maio pôs um ponto final no terceiro esboço de *Infância*, e quatro dias depois iniciou a versão definitiva. No início de julho, finalmente feliz com seu manuscrito, resolveu enviá-lo ao editor de *O Contemporâneo*, a mais prestigiosa revista literária russa, sem revelar sua identidade além das iniciais “L. N.”. O *Contemporâneo* era um periódico sediado em São Petersburgo fundado por Púchkin em 1836. Desde 1847 a revista era editada pelo poeta Nikolai Nekrásov, que consolidara a reputação do periódico como a casa da *intelligentsia* de mentalidade progressista e liberal, publicando a obra de importantes autores ocidentalistas como Herzen e Turguêniev e contando com a colaboração de críticos proeminentes como Vissarion Bielínski.

Em 29 de agosto, três semanas após seu retorno a Starogladkovskaia, Tolstói recebeu uma resposta de Nekrásov, informando-o de que tinha ficado impressionado com *Infância* e o publicaria na edição seguinte. Tolstói ficou muito feliz — até finalmente receber, no final de outubro, um exemplar da edição de setembro da revista. Enfureceu-se ao constatar que seu texto havia sido mutilado pelo censor e, além disso, agora se intitulava *Uma história da minha infância*. Uma vez que tinha decidido expressamente não escrever a história de *sua própria* infância, Tolstói protestou em uma inflamada carta que rascunhou para Nekrásov, mas que no fim (sabidamente) decidiu não enviar. Tolstói também ficou desanimado por não receber nenhum centavo. Precisando desesperadamente de dinheiro, ele não estava familiarizado com a prática dos periódicos literários russos de não pagar aos autores novatos por sua primeira publicação. Não teve outra opção a não ser aquiescer, e ao menos contava com o invejável consolo de ter um editor interessado em publicar outros textos de sua lavra. A primeira obra publicada de Tolstói teve uma recepção bastante calorosa. Os críticos apreciaram especialmente a análise psicológica que animava *Infância*. O público leitor russo também cobriu de elogios o misterioso, mas extremamente promissor, autor. Os familiares de Tolstói, que não tinham sido avisados de antemão, reagiram com agradável surpresa quando descobriram sua identidade.

Naquele outono Tolstói seguiu escrevendo. Estava cheio de novas ideias, e começou a pensar em pedir baixa do exército; o sucesso de *Infância* mostrou a ele onde estava seu futuro, e não era nas forças armadas. Tolstói começou a trabalhar em diversos projetos simultâneos. Em primeiro lugar, resolveu dar continuidade a *Infância* escrevendo *Adolescência*. Ao mesmo tempo, à medida que se envolvia cada vez mais com ideias religiosas, começou a conceber um romance sobre um proprietário de terras russo interessado em melhorar as condições de vida de seus camponeses. Por fim, tomou gosto pela ideia de publicar histórias sobre o Cáucaso. Esse foi o primeiro projeto a ser concluído. Tolstói já tinha começado a escrever contos inspirados em suas próprias experiências no exército, e no final de dezembro enviou a Nekrásov o manuscrito de “A incursão: história de um voluntário”. O conto foi publicado em março do ano seguinte, novamente com cortes determinados pelo censor. Com “A incursão”, Tolstói virou uma nova página na história da literatura russa sobre o Cáucaso. Graças a Púchkin e Lérmontov, os leitores estavam acostumados a uma visão romântica e mitificada do Cáucaso e sua gente. A história que Tolstói escreveu com base em sua

lembrança da primeira investida contra os chechenos que ele observara de perto no ano anterior tinha alta dose de realismo. Nas entrelinhas, era possível detectar uma incipiente posição antimilitarista.

A primavera de 1853 marcou ao mesmo tempo o ponto mais alto e o mais baixo do período que Tolstói passou no Cáucaso. Ele tomou parte de outros combates contra os rebeldes chechenos e foi elogiado por sua valentia. Depois de ser obrigado a abrir mão da Cruz de São Jorge, que tanto fizera por merecer, em favor de um velho soldado — de modo que este, como resultado, pudesse receber uma pensão decente —, foi promovido ao grau de alferes ou segundo-tenente, mas depois acabou sendo preso quando, absorto em uma partida de xadrez particularmente instigante, perdeu a revista das tropas. Sua promoção foi automaticamente cancelada (e ele teve de esperar até 1854 para ser reintegrado). Tolstói ficou amargamente desapontado por perder mais uma vez a Cruz de São Jorge, e houve ainda outras decepções. No outono do ano anterior, seu irmão Nikolai tinha decidido pedir baixa do exército, depois de oito anos de serviço. Em fevereiro de 1853, os papéis chegaram em ordem, permitindo que ele se reformasse na patente de capitão de Estado-maior. Tolstói, que já se sentia solitário no Cáucaso, sofreu imensamente com a ausência do irmão. Sua situação financeira também continuava precária. Em abril, seu cunhado vendeu outro vilarejo de sua propriedade para lhe enviar dinheiro, o que acarretou a perda de mais 140 hectares, além de 26 servos e suas respectivas famílias. Até mesmo sua produção literária sofreu: o conto que ele tinha começado a escrever, sobre um rapaz de Moscou que vai a um baile da alta sociedade e de lá segue para uma taverna a fim de ouvir os ciganos, foi subitamente abandonado e jamais retomado.

Uma vez que a fortuna ainda não havia sorrido para a carreira militar de Tolstói, de início ele tinha adiado a ideia de pedir baixa, por julgar que seria humilhante demais retornar à vida civil como cadete reformado. Contudo, no fim decidiu que pediria dispensa mesmo assim, e apresentou sua solicitação em 30 de maio de 1853. Mais uma vez não teve sorte. A Rússia tinha acabado de romper relações diplomáticas com a Turquia, e depois da invasão turca aos principados romenos da Moldávia e da Valáquia, em junho, nenhum oficial russo estava autorizado a ser dispensado ou licenciar-se. Em julho, Tolstói retornou a Starogladkovskaia, onde reencontrou o irmão Nikolai e também sua irmã Macha, a quem não via fazia dois anos. Acompanhada do marido, ela fora passar o verão

nas águas de Pyatigorsk. Não era um período particularmente feliz para Tolstói, que andava irritadiço e inquieto, e seu humor piorou ainda mais ao constatar que teria de vender a mansão principal de Iásnaia Poliana a fim de ajustar sua situação financeira, coisa que ele tinha jurado que só faria em último caso. Ele afogou suas mágoas na escrita. Além de iniciar o primeiro esboço do texto que viria a se tornar sua novela *Os cossacos* e seguir trabalhando na sequência de *Infância*, Tolstói também escreveu uma história completamente nova, que ele iniciou e concluiu em quatro dias. “As anotações do marcador” [“O conto do marcador”], o único texto que Tolstói enviou a Nekrásov naquele verão, está entre os seus contos mais acentuadamente autobiográficos. É uma narrativa desoladora sobre a desintegração moral de um jovem aristocrata, inspirada pelo desastre financeiro do próprio Tolstói em Tíflis, quando perdeu uma fortuna na jogatina. Nesse período, a leitura minuciosa das *Confissões* de Rousseau ajudou Tolstói a se manter na linha, e serviu como lembrete de que ele só poderia ser feliz realizando boas ações. Estava começando a desenvolver uma forte consciência social.

A essa altura Tolstói estava entediado com a vida regimentar no Cáucaso, insatisfeito consigo mesmo e ansioso por uma mudança de ares; assim, antes de retornar a Starogladkovskaia, em outubro ele requereu sua transferência para o serviço ativo na guerra contra a Turquia. Em janeiro de 1854, quando sua solicitação já havia sido aceita e ele fora finalmente promovido a oficial de carreira na patente de alferes, Tolstói decidiu viajar com seu novo regimento em Bucareste via Iásnaia Poliana, um desvio de mais de 960 quilômetros. Fevereiro foi um mês de êxtase para Tolstói. Ele ficou muito feliz ao rever Iásnaia Poliana e sua adorada tia Toinette. Foi visitar a irmã Macha em Pokróvskoe e o irmão Dmítri em Cherbachevka. Em Moscou os quatro irmãos Tolstói posaram para uma fotografia. Foi a última vez que se reuniram. A visita foi breve. Em 3 de março Tolstói partiu para se juntar a sua nova brigada de artilharia, viajando via Kursk, Poltava e Kishinov até finalmente chegar a Bucareste dez dias depois, pouco antes que a Grã-Bretanha e a França declarassem guerra à Rússia.

A Guerra da Crimeia eclodiu por causa do acesso a locais sagrados na Palestina, mas a bem da verdade teve como mote as ambições expansionistas da Rússia e a ameaça que elas representavam aos interesses britânicos. Após a anexação da Geórgia em 1801 e da Bessarábia em 1812, a Rússia conseguiu derrotar o Império Otomano em 1829, adquirindo assim mais poder e novos

territórios (incluindo parte da Armênia). Para os aliados, era apenas uma questão de tempo até que Nicolau chegasse ao Mediterrâneo. As hostilidades entre Turquia e Rússia tiveram início em outubro de 1853, e em sua maior parte se concentraram em torno da foz do Danúbio. Quando França e Grã-Bretanha se envolveram, em março de 1854, e a Rússia foi forçada a se retirar da Moldávia e da Valáquia, equivocadamente contando com o apoio austríaco (em retribuição por ter enviado tropas para esmagar a rebelião na Hungria em 1850), a península da Crimeia se converteu no principal teatro da guerra. Portanto, mais uma vez Tolstói não teve sorte, já que três meses após sua chegada a Bucareste a ação foi transferida para outro lugar.

Tolstói ficou agradavelmente surpreso pela elegância de Bucareste, e assim que chegou deleitou-se indo à ópera italiana e ao teatro francês. Tão logo se estabeleceu, deu continuidade a sua produção escrita. Concentrou as atenções no trabalho de revisão e conclusão de *Adolescência*, e no final de março foi despachado para uma missão de duas semanas em Oltenita, ao norte do Danúbio, local onde em novembro do ano anterior fora travada uma batalha contra os turcos. A seguir, atuou como adido do comandante da artilharia, o general Serzhputovksi, o que significou patrulhar diferentes partes da Moldávia, da Valáquia e de Bessarábia. Em maio, Tolstói viu de perto os últimos dias do cerco russo à fortaleza otomana de Silistra, situada na margem norte do Danúbio, na atual Bulgária. Para assegurar seu avanço, a Rússia precisava tomar Silistra, e um enorme contingente de soldados russos tinha sido deslocado para a área em abril, quando o cerco tivera início. Tolstói não participou diretamente do bombardeio da cidade, mas uma vez que estava trabalhando como ordenança, e para um superior sádico, em mais de uma ocasião acabou indo parar nas trincheiras e se viu exposto a risco efetivo de morte. Em carta à tia Toinette, ele descreveu o espetáculo estranhamente grandioso de ver pessoas se matando toda manhã e toda noite. Quando não estava retransmitindo ordens, Tolstói ficava aquartelado no acampamento russo, localizado nos jardins pertencentes ao governador de Silistra, Mustafá Paxá, que propiciavam uma vista formidável do Danúbio e da cidadela sitiada (particularmente durante os bombardeios noturnos). Foi estabelecida uma data limite em junho para o derradeiro ataque a Silistra, mas às duas da manhã, uma hora antes do início previsto do assalto, o marechal de campo Pachkevitch avisou que o tsar, sob pressão da Áustria, ordenara uma retirada. Tolstói, como toda a companhia no lado russo, ficou extremamente

decepcionado.

As tropas russas iniciaram sua retirada, e de início Tolstói retornou a Bucareste, levando consigo impressões positivas acerca dos búlgaros que havia conhecido em Silistra. Em Bucareste, uma carta enviada por Nekrásov no final de julho finalmente chegou às mãos de Tolstói. Nekrásov cobria de elogios os originais de *Adolescência*, o que deixou Tolstói bastante animado. O bom ânimo, porém, não impediu que, em agosto, acabasse perdendo outros três mil rublos no jogo. No início de setembro Tolstói voltou para a Rússia, e no caminho recebeu a notícia de que fora promovido a subtenente. O escritor ficou alojado no novo quartel-general do exército em Kishiniov, capital da Bessarábia, onde mais uma vez contava com bastante tempo livre para dedicar à leitura e à música: vivia em um agradável apartamento com piano. A essa altura estava lendo George Sand e *A cabana do Pai Tomás*, em tradução alemã. Também teve tempo para elaborar, com alguns colegas oficiais, uma proposta para um jornal semanal das forças armadas. Tolstói ficou tremendamente empolgado com esse projeto, e assim que teve a notícia de que seu cunhado vendera a casa de Iásnaia Poliana, escreveu pedindo-lhe que enviasse 1.500 rublos para levar adiante a ideia. Vendida por cinco mil rublos a um proprietário de terras local, a casa de Iásnaia Poliana tinha sido desmantelada e reconstruída na propriedade do comprador; com razão, o cunhado de Tolstói tinha receio de enviar o dinheiro. Enquanto isso, a proposta do semanário do exército foi levada a São Petersburgo para a apreciação de Nicolau.

Naquele outono a Rússia tinha sofrido pesadas baixas na guerra com as forças aliadas. Os aliados tinham vencido importantes batalhas em Alma, e em setembro de 1854 haviam deitado cerco a Sebastópol, a principal base naval russa no mar Negro. Enquanto os russos começaram a afundar alguns de seus próprios navios e a usar os canhões de outras embarcações para apoiar sua artilharia, os aliados construíam trincheiras e redutos de canhões no sul da cidade, e em meados de outubro estavam prontos para a batalha. No primeiro dia de bombardeio, 17 de setembro, um ataque britânico mandou para os ares o paiol no reduto de Malakoff, destruindo a munição russa e matando o almirante Kornilov, mas a artilharia russa também destruiu um paiol francês. Quatro dias antes, no final da Batalha de Balaclava, a Brigada Ligeira de Raglan havia desferido um ataque no “vale da morte”, e os russos encararam como uma vitória a captura de redutos britânicos. Entretanto, a Batalha de Inkerman, em 24 de

outubro, acabou com as esperanças russas e deixou claro que o restante da guerra seria travado em Sebastópol.

Nesse ínterim, em Kishiniov, dois grão-duques em visita à cidade eram homenageados com bailes, o que foi motivo de desgosto para Tolstói. Ele começou a solicitar sua transferência para Sebastópol. Em primeiro lugar porque queria ver de perto a ação, mas principalmente porque estava movido por sentimentos de patriotismo, em especial após saber que a 12^a Brigada de Artilharia, em que servira brevemente, havia tomado parte da Batalha de Balaclava. O quartel-general russo em São Petersburgo finalmente começara a despachar reforços para a Crimeia, e a chegada de Tolstói coincidiu com o momento em que também chegaram a 10^a e a 11^a divisões. No início de novembro, Tolstói estava em Odessa, e uma semana depois na Crimeia. Até podia ter chegado antes, mas após beijar uma bela ucraniana que saíra à janela em uma cidadezinha ao sul de Kherson, acabou passando a noite com a moça. Em Sebastópol, Tolstói foi incorporado à 3^a Bateria da 14^a Brigada Ligeira. Nesse momento, Liev não foi mobilizado para o serviço ativo, mas permaneceu na cidade sitiada por nove dias, durante os quais teve tempo de avaliar com os próprios olhos o que exatamente estava acontecendo, visitando fortificações russas e conversando com soldados e oficiais. Ele escreveu a Serguei relatando as angustiantes histórias que ouvira de um soldado ferido sobre como a tomada de um paiol francês em Inkerman se transformara em um desastroso pesadelo, pois os reforços jamais chegaram, e de como 160 homens de uma brigada tinham permanecido bravamente no *front*, mesmo gravemente feridos. E havia também a história dos marinheiros que tinham resistido a trinta dias de bombardeios constantes e se recusaram a abandonar seus postos. Ele viu padres com crucifixos caminhando pelos baluartes e rezando sob fogo cerrado, e ouviu sobre demonstrações de heroísmo maiores do que na Grécia Antiga quando o vice-almirante Kornilov perguntou a seus homens se estavam preparados para morrer. Nesse momento havia cerca de 35 mil soldados russos aquartelados em Sebastópol, e treze mil deles não voltariam para casa (as baixas britânicas e francesas foram igualmente numerosas).

Tolstói ficou profundamente comovido pelo espírito combativo dos soldados, mas agora era inevitável ver por que o exército russo estava se saindo tão mal. Uma semana antes de deixar Sebastópol, em 15 de novembro, rumo ao norte — para o vilarejo tártaro nos arredores de Simferópol onde sua bateria

estava posicionada —, o escritor anotou em seu diário que estava mais convencido do que nunca de que a Rússia necessitava de reformas fundamentais, caso contrário entraria em colapso. Ele tinha conversado com prisioneiros aliados em Sebastópol e ficara impressionado com sua autoestima e o orgulho que sentiam por sua contribuição ao esforço de guerra, confiantes de que seu empenho seria valorizado. Nada disso havia no exército russo, cujas lideranças militares consideravam que o aparentemente inesgotável contingente de infantaria não passava de bucha de canhão. Tolstói constatou também que a artilharia utilizada por sua brigada era antiquada em comparação aos armamentos dos aliados, e começou a elaborar um plano em que enumerava uma série de detalhadas reformas. Ele chegara à conclusão de que a tática militar russa estava calamitosamente ultrapassada. Era impossível não tomar consciência de que as comunicações entre a Rússia e a Crimeia eram péssimas, com uma malha ferroviária minúscula e estradas primitivas que quase sempre ficavam intransitáveis por causa da lama. As condições dos soldados rasos também eram medonhas, o período de serviço militar obrigatório ainda era de vinte anos — cinco anos para os reservistas. Como Nicolau apreciava exercícios e desfiles militares, as tropas nem sequer recebiam treinamento adequado.

No final de novembro o tsar recusou a proposta de criação do jornal das forças armadas, alegando que não era do interesse do governo. Em vez disso, sugeriu que Tolstói e seus camaradas publicassem artigos no *Veterano russo*, o jornal oficial patrocinado pelo Ministério da Guerra, coisa que obviamente já tinham permissão para fazer. A notícia enfureceu Tolstói, mas depois de tomar parte de uma investida a Sebastópol com seu pelotão no início de dezembro e coligir outra série de impressões sobre a crueza do combate, começou a escrever um artigo em que esperava dar uma resposta adequada ao tsar. Era a primeira versão de “Sebastópol em dezembro”, sua primeira reportagem, que lhe granjearia celebridade nacional. Em 11 de janeiro, Tolstói propôs a Nekrásov artigos sobre a guerra, cuja qualidade nada ficaria devendo a qualquer coisa publicada em *O Contemporâneo*. Nekrásov respondeu dando-lhe carta branca. Tolstói ficou sabendo que o conto “As anotações do marcador” tinha sido publicado na edição de janeiro de 1855 e que *Adolescência* aparecera na revista em outubro. Mais uma vez o censor tinha feito objeções a vários trechos, tais como aqueles em que o narrador lamentava que, embora sua família fosse rica, muitas pessoas eram pobres, e todas as referências à Igreja e seus rituais, que na época era proibido em

publicações seculares (incluindo a passagem em que o pai do menino faz o sinal da cruz na janela da carruagem em que sua família está prestes a sair em viagem, e o apelido do cavalo, “Diácono”).

Tolstói ficou um mês e meio aquartelado no tranquilo vilarejo de Eski-Orda, com bastante tempo livre, e se divertiu caçando bodes selvagens, tocando duetos e dançando com as moças. Mas em meados de janeiro de 1855 foi transferido para a 3ª Bateria da 11ª Brigada de Artilharia, alojada junto ao rio Balbek, a cerca de dez quilômetros de Sebastópolis. No caminho, fez uma parada na cidade e pegou o dinheiro enviado pelo cunhado (fruto da venda de sua casa em Iásnaia Poliana). Em seu novo batalhão, Tolstói ganhou a reputação de possuir tremenda força física — um dia impressionou seus camaradas ao se deitar no chão e erguer com as mãos um homem de 76 quilos. Porém, os oficiais do batalhão de Tolstói não o impressionaram nem um pouco. Ele começou a se sentir bastante isolado e malquisto em sua nova guarnição. Sofreu e ficou infeliz durante o inverno inclemente. Não tinha livros, e o torpor o deixou vulnerável aos vícios. Em 3 de fevereiro ele criou coragem e escreveu uma carta difícil a seu irmão Nikolai. Tinha sucumbido mais uma vez à jogatina, e ao longo de dois dias e duas noites de carteado perdeu os 1500 rublos que tinha acabado de receber como capital inicial para levar adiante o projeto do jornal das forças armadas. Confessar seu passo em falso foi uma maneira de se penitenciar.

Quando a notícia da mais recente derrota russa em Evpatoria chegou ao tsar em fevereiro de 1855, o monarca chorou feito criança, e depois disso não quis mais ouvir notícias do *front*. Em 18 de fevereiro, Nicolau I morreu. Por trinta anos tinha regido a Rússia com mão de ferro, e sua morte aos 58 anos de idade foi completamente inesperada. Já para boa parte da população instruída do país, no entanto, a notícia era motivo mais de celebração que de luto. O relaxamento na censura que se seguiu à ascensão de Alexandre I ao trono teria um impacto imediato, e os russos começaram a falar em “degelo”, exatamente como fariam um século depois, após a morte de Stálin. Na Crimeia, agora Tolstói sentiu-se claramente encorajado para ampliar seus planos de reforma nas forças armadas, pois em março começou a esboçar um conjunto de medidas para modernizar todo o exército, e não apenas as peças de artilharia. E não mediu palavras. “Não temos um exército”, escreveu Tolstói, “mas sim uma multidão de escravos oprimidos e disciplinados que se submeteram a mercenários e ladrões”. O soldado russo, ele prosseguiu, era alguém legalmente impedido de satisfazer até mesmo suas

necessidades mais básicas, e que certamente não recebia o suficiente para impedir que padecesse de fome e frio. Tolstói dividiu os soldados russos em oprimidos, opressores e desesperados. Não chegava a surpreender que um soldado oprimido gastasse em bebida os mesquinhos setenta copeques que recebia a cada trimestre (uma “cruel zombaria de sua pobreza”), e que o moral das tropas fosse baixo. Tolstói tampouco tinha algo de bom a dizer dos comandantes: muitos eram patifes desprovidos de senso de honra ou dever, ao passo que os generais eram quase sempre nomeados por sua submissão ao tsar e não por sua capacidade. Poucos dias depois, Tolstói abandonou esse ambicioso projeto, sem dúvida porque percebeu que seu plano não daria em nada, mesmo no novo clima do país. Mas é importante constatar que essa iniciativa abriu um precedente para sua atuação trinta anos depois, quando começaria a protestar publicamente contra as injustiças políticas e sociais.

Ao mesmo tempo em que estava preocupado com questões militares, Tolstói também pensava profundamente em questões religiosas. Em 4 de março de 1855, ele comungou e registrou em seu diário uma extraordinária declaração acerca da fundação de uma nova religião. A declaração é invariavelmente citada por seu teor profético:

Ontem uma conversa sobre a divindade e a fé me levou a uma grandiosa e estupenda ideia, a cuja realização me sinto capaz de dedicar toda a minha vida. Essa ideia é a fundação de uma nova religião, correspondente ao desenvolvimento da humanidade — a religião de Cristo, mas liberta do dogma e do sofrimento, uma religião prática, que não promete a felicidade futura mas proporciona a felicidade na Terra. Sei que para levar a cabo essa ideia será necessário que gerações de pessoas trabalhem conscientemente tendo em vista esse objetivo. Uma geração legará a ideia para a geração seguinte, até que um dia ela seja implementada, pelo fanatismo ou pela razão. O trabalho consciente para unir as pessoas à religião é o alicerce da ideia que, espero, me manterá ocupado.

Em certo sentido, toda a futura carreira de Tolstói está aqui, uma vez que ele sempre foi um escritor religioso, às voltas com a busca da verdade. Em seus primeiros textos essa preocupação estava implícita, mas foi ficando gradativamente mais patente à medida que ele amadurecia como artista. As obras literárias de Tolstói, no irresistível argumento de Richard Gustafson, podem inclusive ser vistas como “ícones verbais” de seu ponto de vista religioso. Até o século XIX o ícone tinha exercido o papel de teologia na Igreja Ortodoxa. Na Rússia simplesmente não existia tradição teológica escrita, como era o caso na Igreja Católica Romana e na Igreja Protestante, e quando a arte da pintura de

ícones entrou em decadência no século XIX, depois que a Igreja Ortodoxa foi transformada em departamento de Estado, a literatura tomou seu lugar. De acordo com o comentário de Gustafson, as pessoas na Rússia instintivamente começaram a compreender o papel da literatura enquanto teologia: “as imagens criadas por artistas eram encaradas seriamente como palavras que revelam a Verdade”. A obra de Tolstói é exaltada por seu realismo, mas é um tipo bastante emblemático e religioso de realismo.

No final de março de 1855 Tolstói retomou firmemente o trabalho literário. Começou a redigir *Juventude*, que acabaria sendo a terceira e última parte de um projeto inicialmente concebido como uma tetralogia. Também começou a revisar o manuscrito de seu artigo sobre os eventos em Sebastópolis. Contudo, não chegou muito longe, pois foi convocado à ação. Depois de longos meses de inverno durante os quais os aliados construíram uma ferrovia para acelerar a entrega de armas e munição, as tropas francesas e britânicas estavam prontas para retomar seus bombardeios às defesas russas em Sebastópolis. A bateria de Tolstói foi despachada para o quarto baluarte no sul da cidade, o mais perigoso devido à proximidade com a posição francesa. O novo bombardeio aliado cessou em 7 de abril, exceto no caso da quarta fortificação, que continuou sendo fustigada por mais cinco dias. Tolstói entrou em serviço em 5 e 6 de abril, e depois a intervalos de quatro dias, seguidos de oito dias de descanso, quando voltava para seu apartamento e tocava piano. Em 19 de abril os aliados tomaram as trincheiras entre o quarto e o quinto baluartes, e as forças russas começaram a ter dúvidas sobre suas chances de vitória.

Em 25 de abril Tolstói terminou “Sebastópolis em dezembro”, sua primeira reportagem, patriótica e pungente, sobre a cruenta realidade dos combates na cidade sitiada, e enviou-a imediatamente a São Petersburgo. Com os dois outros relatos que a compõem, os *Contos de Sebastópolis* são sua obra mais sofisticada até aquele momento. Nessa primeira história, o narrador leva o leitor em um passeio por Sebastópolis no tempo presente, de modo que a experiência das hostilidades é ainda mais nítida no começo e lembra a experiência de assistir a um filme:

Bem próximo, o zunido de um projétil ou bala de canhão no exato momento em que você começa a subir a colina dá uma sensação horrível. De súbito você compreende, de maneira inteiramente nova, o verdadeiro significado daqueles sons de artilharia que tinha ouvido lá da cidade. De repente uma lembrança calma e feliz ganha vida, fugaz, em seu cérebro; você começa a pensar mais em si mesmo e menos no que você observa à sua volta, e repentinamente é dominado por um desagradável sentimento de

Saudado como o primeiro correspondente de guerra, Tolstói era hábil em combinar impressões pessoais, vazadas em tom íntimo e coloquial, ao ponto de vista grandioso de um historiador ou poeta épico capaz de falar pela nação. Enquanto isso, ele continuava se revezando no cumprimento de seus turnos no serviço no quarto baluarte. O bombardeio aliado agora se tornara mais feroz particularmente durante uma batalha que teve início na noite de 10 de maio e resultou em numerosas baixas (cerca de 2500 de cada lado) e no desgaste ainda mais acentuado das defesas russas. A experiência de ver de perto esses eventos propiciou a Tolstói material para encaminhar um segundo relato. Em 15 de maio ele foi despachado para comandar os canhões de um pelotão nas montanhas a cerca de vinte quilômetros de Sebastópol, incumbência que marcou o fim de seu tempo de serviço no quarto baluarte.

Em junho, Tolstói mais uma vez teve tempo para escrever. Primeiro ele voltou suas atenções para “A derrubada do bosque: a história de um cadete”, conto que tinha iniciado anteriormente sobre suas experiências militares no Cáucaso, que agora pareciam tão distantes. Ele concluiu a história em 18 de junho e enviou-a para Nekrásov para publicação em *O Contemporâneo*, e o texto veio a lume no mês de setembro. Nesse ínterim, “Sebastópol em dezembro” foi publicado na edição de junho e causou furor. Os leitores russos jamais tinham lido em suas revistas literárias um retrato tão realista da guerra, e tampouco faziam ideia do que se passava com os soldados. As descrições tolstoianas do heroísmo e sofrimento das tropas eram comoventes, ainda mais pelo tom calmo e isento de sensacionalismo com que ele escrevia. Tolstói ficou sabendo que o próprio tsar tinha lido “Sebastópol em dezembro” e dera ordens para que o texto fosse traduzido para ser publicado no periódico *Le Nord*, órgão do governo russo impresso em francês. Naturalmente Tolstói ficou lisonjeado, mas estava ansioso para licenciar-se do exército e se concentrar em seu trabalho literário. O otimismo que ele havia expressado em “Sebastópol em dezembro” era equivocado: a cada dia a situação ficava ainda mais sombria. Em 28 de junho morreu mais um dos comandantes do exército: o almirante Nakhimov, baleado na cabeça.

Em 5 de julho Tolstói encaminhou seu segundo relato sobre o cerco de Sebastópol. Ele tinha plena consciência de que o censor faria várias objeções e vetaria boa parte do texto de “Sebastópol em maio”, que é bem mais triste e

desolador que “Sebastópol em dezembro” e representa a primeira expressão mais veemente da visão de Tolstói acerca da futilidade da guerra:

Sim, bandeiras brancas foram hasteadas no baluarte e ao longo da trincheira, o vale em flor está repleto de cadáveres fétidos, o sol resplandecente desce na direção do mar azul-escuro, e as vagas do mar azul cintilam nos raios dourados do sol. Milhares de homens se agrupam, estudando-se mutuamente, conversando, trocando sorrisos. É de se imaginar que quando esses homens — cristãos todos eles, admitindo a mesma excelsa lei do amor — virem o que fizeram, no mesmo instante cairão de joelhos, arrependidos diante Dele, que ao dar-lhes a vida colocou na alma de cada um, juntamente com o medo da morte, o Amor por tudo que é bom e belo, e que então se abraçarão vertendo lágrimas de alegria e felicidade, como irmãos. Mas que nada! Os trapos de pano branco serão postos de lado — e mais uma vez se ouvirá o zunido dos motores da morte e do sofrimento; mais uma vez o sangue inocente vai jorrar e o ar ficará eivado de gemidos e imprecações.

Em 24 de agosto os aliados iniciaram seu sexto e derradeiro bombardeio à fortaleza de Sebastópol. Tolstói tomou parte na defesa do reduto de Malakoff, que, no entanto, foi capturado em 27 de agosto. Nessa noite o exército russo começou a abandonar suas posições do lado sul de Sebastópol e atravessou o rio para o lado norte. Depois de um ano de cerco, Sebastópol tinha caído em poder das forças aliadas. Tolstói chorou quando viu a outrora bela cidade em chamas, com bandeiras francesas hasteadas em todos os baluartes. Ainda estava lá em 28 de agosto para testemunhar o estranho silêncio que se abateu sobre a cidade. Era seu aniversário de 27 anos, e ele se lembrou de outro sombrio aniversário em 1841, quando sua Aline faleceu. No mesmo dia, Ivan Panaiev, coeditor de *O Contemporâneo*, escreveu a Tolstói para comunicar que “Sebastópol em maio” tinha sido massacrado pelo censor, que reduzira em quase um terço sua extensão original. Panaiev queria desistir da publicação, mas o censor insistiu que o texto fosse publicado exatamente como estava após os cortes. O único consolo foi o fato de que, para poupar Tolstói de mais desgostos, Panaiev publicou “Sebastópol em maio” anonimamente, sob o título “Uma noite na primavera de 1855 em Sebastópol”. O relato apareceu na edição de agosto de *O Contemporâneo*, coincidindo com o outono em Sebastópol.

Durante os dias quentes de setembro Tolstói se sentiu abatido. Ele começou a redigir seu terceiro e último texto sobre o cerco — “Sebastópol em setembro” —, mas já sem muito entusiasmo. Estava exausto, e por isso sucumbiu novamente à jogatina. Era um péssimo sinal, e ele percebeu que precisava deixar o exército o quanto antes. No início de novembro Tolstói foi enviado a São

Petersburgo como mensageiro. A etapa seguinte de sua vida estava prestes a começar.

DUELISTA LETRADO E NOBRE ARREPENDIDO

“Quando me comparo a mim mesmo tendo em mente minhas antigas lembranças de Iásnaia Poliana, posso sentir o quanto me tornei mais liberal”.

Anotação no diário, 1856

NENHUM PERÍODO DA VIDA de Tolstói foi monótono, mas os anos entre o momento em que ele deixou a Crimeia em 1855 e se casou em 1862 foram particularmente cruciais para sua formação artística e intelectual. Tolstói tinha se ausentado por quatro anos da vida metropolitana russa, e foi um choque violento voltar à cidade. Ele havia iniciado sua carreira fora do *establishment* literário russo, e seu talento o catapultara para o olho do furacão. Agora ele tinha de encarar a situação, o que significava satisfazer as expectativas — as suas e as de seus novos colegas. Significava também confrontar suas inseguranças em relação a autores mais estabelecidos e descobrir de que lado estava, à qual “panelinha” seria leal. Mas durante essa época de grande mudança social, Tolstói começou a reconhecer em si mesmo um impulso contrário à busca de uma carreira artística: uma profunda necessidade moral de fazer algo em relação às desigualdades sociais na Rússia. Ele tinha dado alguns pequenos passos nessa direção assim que recebera sua herança, mas a experiência de conviver de perto com os soldados comuns na Guerra da Crimeia tinha sido mais do que um aprendizado: Sebastópol marcou Tolstói para o resto da vida. Ele iniciou esse período de sete anos como um ambicioso escritor de 27 anos de idade ansioso por consolidar seu sucesso inicial, mas acabou como professor primário de um vilarejo, dando aulas para os filhos dos camponeses.

Durante esse período turbulento, Tolstói raramente sentiu-se em paz. E não apenas pelo fato de que seus novos textos tivessem sido recebidos com reações ambivalentes, ou de que ele continuasse solteiro (para Tolstói era matéria de grande consternação que suas tentativas de encontrar uma noiva resultassem em sucessivos fracassos). Sua vida familiar também passou por maus bocados: seus irmãos Dmítri e Nikolai morreram ambos de tuberculose, em um intervalo de poucos anos, e sua irmã Macha se viu presa a um casamento infeliz (mais tarde ela acabaria se separando). Agora Turguêniev tinha um papel importante na vida de Tolstói, mas as carinhosas gentilezas recíprocas quando os dois se conheceram foram gradualmente substituídas por rabugices e desavenças; era uma amizade volátil. Em 1861 Tolstói desafiaria Turguêniev para um duelo, e sua instável reconciliação foi seguida de uma de rixa de dezessete anos. As amizades que Tolstói travou com muitos outros escritores russos seguiu um padrão semelhante, ainda que menos dramático. Nos anos após sua baixa do exército, Tolstói manteve contato mais próximo com muitos de seus pares, a maioria radicada em São Petersburgo. Alternando estadias em Iásnaia Poliana, Moscou e na capital, dilacerado por desejos conflituosos, ele descobriu que não queria fazer parte da comunidade literária, e que tampouco havia lugar para ele no inconstante *milieu* letrado. Quando retornou de sua segunda viagem ao exterior em 1861, Tolstói fixou residência em Iásnaia Poliana definitivamente e, de modo enfático, deixou bem claro quais eram seus sentimentos: ficou dezessete anos sem pisar em São Petersburgo. Não era o resultado que ele esperava quando fez as malas na Crimeia, empolgado diante da perspectiva da calorosa recepção que receberia por parte de seus novos amigos escritores.

Tolstói recebeu sua primeira carta de Turguêniev pouco antes de retornar de Sebastópol em novembro de 1855. Os dois escritores tinham lido a obra um do outro, mas jamais haviam se encontrado pessoalmente. Tolstói admirava seu contemporâneo mais velho — quando ele estreou, Turguêniev já era um medalhão no meio literário de São Petersburgo havia mais de uma década. Uma cuidadosa releitura de *Notas de um caçador*, durante seu segundo verão em Pyatigorsk, levou Tolstói a fazer um comentário lapidar: “Depois dele, fica um pouco difícil escrever”. De sua parte, Turguêniev percebeu de imediato o talento literário de Tolstói, e ficou profundamente lisonjeado pelo fato de que “A derrubada do bosque” havia sido dedicado a ele (nenhum outro escritor receberia uma dedicatória de Tolstói). Quando escreveu sua primeira carta a Tolstói,

Turguêniev sentiu que estava se dirigindo a alguém que ele já quase conhecia, uma vez que de fato tinha conhecido a irmã de Tolstói, Macha, no outono do ano anterior (e a bem da verdade se apaixonara por ela). Acontece que a propriedade do marido de Macha, Valerian Pietróvitch, ficava a menos de vinte quilômetros da casa ancestral de Turguêniev, e o amor pela caça levava os vizinhos a entrarem em contato. Naturalmente, Turguêniev era a primeira pessoa que Tolstói queria encontrar quando chegou a São Petersburgo. Depois de se registrar em um hotel e visitar uma casa de banhos, seguiu direto para o apartamento de Turguêniev, e deparou-se com o escritor saindo de sua casa na esperança de encontrá-lo. Os dois trocaram efusivos beijos e abraços, e imediatamente Turguêniev insistiu que Tolstói se hospedasse em seu apartamento junto ao rio Fontanka — lugar que seria a casa de Liev ao longo do mês seguinte, enquanto se readaptava à vida civil.

Na condição de autor celebrado e oficial recém-chegado da frente de batalha, Tolstói foi recebido como herói pelos editores de *O Contemporâneo*. Além disso, havia em torno dele uma aura de mistério. Ali estava um jovem que, três anos antes, por iniciativa própria, submetera um manuscrito do Cáucaso, e ninguém da revista o conhecia pessoalmente. A bem da verdade, pouca gente era capaz sequer de reconhecer seu nome, pois ele assinara todos os seus textos apenas com as iniciais. Tolstói também estava ansioso para conhecer seus novos colegas, com quem vinha se correspondendo, e esperava que tivessem espíritos afins ao seu. Da última vez que estivera em São Petersburgo, Tolstói era um rapaz imaturo e impressionável, mas agora era um autor publicado, um herói de guerra, uma celebridade. No primeiro dia Turguêniev levou-o para conhecer Nekrásov (os escritórios de *O Contemporâneo* estavam localizados em um edifício do outro lado do rio), e os dois almoçaram, conversaram e jogaram xadrez até às oito da noite. Em carta a um amigo, um extasiado Nekrásov descreveu Tolstói como “melhor do que seus textos”, “um falcão”, ou talvez “uma águia”. Depois disso vieram reuniões com críticos e editores, jantares com outros escritores, incluindo o romancista Ivan Goncharov, então trabalhando em sua obra-prima *Oblomov* (1859), e o poeta Fiódor Tútchev. Em pouco tempo Tolstói conheceu pessoalmente todos os luminares da literatura russa, que não mediram esforços para expressar o quanto estavam encantados com o jovem e talentoso oficial de artilharia.

Tolstói achou inebriante estar de volta a um ambiente civilizado, onde havia

farto estímulo intelectual, mas também ansiava pela embriaguez e a emoção da música cigana e do carteado, em que poderia buscar alívio e esquecer as tensões dos últimos anos. Certo dia o poeta Afanasy Fet visitou Turguêniev para tomar com ele o chá do final da manhã e foi informado pelo servo da casa (chamado Zakhar) de que o reluzente sabre no canto do corredor pertencia ao conde Tolstói. Nessa ocasião Fet e Turguêniev foram obrigados a passar uma hora conversando aos sussurros, pois o conde havia cochilado no sofá da sala de estar depois de uma noite na farra. Embora fosse apenas dez anos mais velho que Tolstói, Turguêniev assumira um papel paternal no relacionamento com o amigo, e explicou a Fet que toda noite era a mesma coisa e que já tinha desistido havia muito de emendar Tolstói. Em 11 de dezembro Tolstói gastou todo o dinheiro que ainda tinha dando uma festa de arromba com cantoras ciganas no Hotel Napoleão.

De todo os escritores que Tolstói conheceu em sua curta temporada em São Petersburgo, apenas Fet tornou-se um amigo duradouro, mas nem mesmo ele conseguiu fazer com que essa amizade resistisse à crise espiritual de Tolstói na década de 1880. Por mais que todos gostassem dele, os escritores de São Petersburgo logo perceberam que não era um homem de fácil convivência. Tolstói tinha opiniões provocativas, e quando contrariado parecia ficar furioso e fora de si. Muitos dos autores associados a *O Contemporâneo* estavam ou escrevendo sobre Shakespeare ou traduzindo o bardo, mas Tolstói simplesmente refutou a excelência do dramaturgo inglês. E não demorou para que se metesse em violentas discussões com Turguêniev. Ambos tinham a mesma origem e formação aristocrática, mas Tolstói não gostava de fazer concessões e repudiava posturas conciliadoras. Instintivamente rechaçou a refinada elegância e o espírito moderado de Turguêniev, que para ele eram uma enorme decepção. Certa noite, Turguêniev leu para uma pequena plateia o manuscrito de seu romance *Rudin*. Em comparação com *Notas de um caçador*, Tolstói achou a obra inacreditavelmente contida, e mal foi capaz de acreditar na seriedade com que o original foi recebido pelos literatos presentes.

As coisas não eram exatamente fáceis para Turguêniev. Adepto confesso da ocidentalização, ele estava ansioso para ver a modernização da Rússia nos moldes europeus. Corajosamente, tinha nadado contra a corrente de sua própria formação e educação ao fazer amizade com o crítico literário radical Vissarion Bielínski — cujo ardor reformista derivava em parte de sua origem social humilde

—, e a crítica implícita à servidão em *Notas de um caçador* fizera dele uma figura bastante dúbia aos olhos do *establishment* tsarista. Turguêniev nunca se absteve de defender aquilo que julgava ser o certo, tampouco de abordar questões políticas em suas obras. Em 1852, numa atitude provocadora, publicou um obituário de Gógol, embora o censor (o mesmo que havia desfigurado “Sebastópolis em maio” de Tolstói) tivesse proibido terminantemente toda e qualquer menção a um autor que havia satirizado a pátria. Por ousar dizer que Gógol era “grande”, o próprio Nicolau I ordenou que Turguêniev fosse encarcerado por um mês, punição que se seguiu do exílio permanente em sua propriedade. Foi graças a Alexandre II, que tinha gostado de *Notas de um caçador*, que o escritor teve suspensa sua prisão domiciliar e recebeu permissão para viajar no final de 1853. Quando se encontrou pessoalmente com Turguêniev, Tolstói tinha a intenção de dar o pontapé inicial em uma carreira de romancista, mas *Rudin* em nada contribuiu para isso.

Havia outro aspecto que distinguia Tolstói dos escritores progressistas agrupados em torno de *O Contemporâneo*: seus contatos com a aristocracia de São Petersburgo. Tolstói acabaria desprezando as convenções sociais da alta sociedade, mas fazia uma exceção à família, e se tornaria próximo de Alexandra Andréievna Tolstáia, que ele agora tinha a oportunidade de conhecer pela primeira vez. “Alexandrine” era a filha de seu tio-avô paterno, e ela e a irmã Elizaveta tinham apartamentos no Palácio Mariinski, defronte à catedral de Santo Isaac, uma vez que eram tutoras e damas de companhia da filha de Nicolau I, a grã-duquesa Mária Nikoláievna, e suas filhas Mária e Evguênia. Se por um lado Tolstói buscara inconscientemente em Turguêniev uma figura paterna, ele chamava Alexandra Andréievna de *babuchka* (vovó), embora, como Turguêniev, ela fosse apenas cerca de dez anos mais velha que ele. Nas memórias que escreveu no fim da vida sobre seu relacionamento com o turbulento primo, ela recordou a intensa impressão que ele tinha deixado em todos ao chegar de Sebastópolis:

Ele era extremamente simples, extremamente discreto [isso foi quando Tolstói ainda estava bem no início de sua carreira], e tão brincalhão que sua presença animava a todos. Ele raramente falava de si mesmo [uma regra que Tolstói seguia à risca!], mas examinava cada rosto novo com detida atenção, e depois comunicava suas impressões, que quase sempre eram bastante extremadas, mas de uma maneira muito divertida. O epíteto *de pele fina*, com que mais tarde sua esposa se referiria a ele querendo dizer que ele era muito sensível, era perfeitamente adequado, de tão afetado que ele ficava pela mais leve nuance que era capaz de captar. Seu rosto pouco bonito, com olhos espertos, bondosos e expressivos, substituía com sua expressividade tudo que lhe faltava em matéria de refinamento, e, pode-se dizer, era superior à beleza.

Além da tia Toinette, Alexandrine foi uma das poucas mulheres na vida de Tolstói que ele realmente respeitava. Ela não se casara nem tivera filhos, e por isso Liev não a punha na categoria da mulher “típica”, embora certamente sentisse atração por ela. Era claro que ela também sentia que havia um *frisson* entre os dois. Mais tarde os dois primos acabariam tendo uma séria rusga ocasionada por divergências sobre religião, numa época em que Tolstói rompeu com todo mundo de quem era próximo, mas o fato é que nutriam profundo carinho um pelo outro. Alexandrine era uma mulher tremendamente franca e inteligente, cuja companhia ele apreciava. Depois que Tolstói se refugiou em Iásnaia Poliana, o contato com a prima ficou mais esporádico, mas a correspondência entre os dois sempre foi animada. Era a Alexandrine, obviamente, que Tolstói recorria quando precisava de uma linha direta com o tsar, pois ela era muito bem relacionada na corte. Escrever cartas pessoais ao tsar tornou-se um hábito para Tolstói, e no início Alexandrine atuava de bom grado como intermediária, embora esse entusiasmo tenha arrefecido quando, no fim da vida, seu primo tornou-se uma ameaça pública, ao confrontar-se abertamente com o governo russo.

No final de novembro Tolstói escreveu uma entusiástica carta a sua irmã Macha, para contar sobre seu encontro com Turguêniev (e para dizer que tinha achado Nekrásov um sujeito bem pouco brilhante). Poucos dias depois recebeu a resposta, em que ela o exortava a visitar o irmão Dmítri, gravemente doente. Uma vez que tecnicamente Tolstói estava em serviço ativo do exército, precisou solicitar licença, e só pôde sair da cidade em 1º de janeiro. A essa altura tinha sido transferido para uma unidade de munições navais em São Petersburgo, o que efetivamente o deixava livre para cuidar de seus próprios interesses. Agora Dmítri estava morando em Oriol, a sudeste de Tula, e nos últimos dias de vida ficou sob os cuidados de Macha e o marido, além da tia Toinette e sua esposa por direito consuetudinário — uma ex-prostituta chamada Macha. Tolstói chegou em 6 de janeiro e encontrou o irmão devastado pela tuberculose, sofrendo atrozmente, o rosto macilento dominado por olhos arregalados e fitos. Sem querer aceitar a morte, Dmítri estava convencido de que poderia ser curado com a ajuda de um ícone milagreiro, para o qual ele orava constantemente. Tolstói achou a experiência tão desoladora que partiu no dia seguinte. Dmítri morreu nos braços da esposa em 22 de janeiro de 1856.

Tolstói não falava com o irmão havia mais de um ano, nem sequer sabia que Dmítri estava doente. Todos os Tolstói tinham sua dose de *dikost*, particularmente Liev, mas Dmítri não ficava muito atrás. Ambos eram intransigentes e exagerados. Depois do fiasco por que passou em São Petersburgo, Dmítri retornara a sua propriedade na província de Kursk, onde assumiu um cargo modesto no governo local. Em 1853 ele adoeceu gravemente em Moscou, onde cultivou uma barba comprida e se tornou bastante recluso. Quando constatou que não lhe restava muito tempo de vida, subitamente abandonou sua antiga devoção e seus hábitos ascéticos e se entregou a uma vida dissoluta de bebedeira, jogatina e promiscuidade. Depois de “comprar” Macha do bordel em que ela trabalhava, passou a tratá-la muito mal, enxotando-a de casa e chamando-a de volta seguidas vezes. Dmítri, o irmão “mal amado”, tinha escrito sua última carta para Tolstói em outubro de 1854, contando que dissipara quase sete mil rublos para pagar dívidas e agora estava trabalhando no jardim da propriedade. Sem revelar ao irmão que estava morrendo, Dmítri confessou que se sentia mais triste do que entediado: “triste porque estou sozinho, e não sou o que podia ter sido, e por fim triste porque *nada deu muito certo*”. Tolstói, que não tinha aprovado a súbita mudança de estilo de vida do irmão, não respondeu. Quando foi visitar Dmítri em Oriol, anotou em seu diário que todos os pensamentos ruins sobre o irmão viraram pó assim que o viu. Mas mesmo assim foi embora.

Do leito de morte de Dmítri, Tolstói viajou para Moscou, onde soube do falecimento do irmão. Assim que a ex-prostituta Macha retornou à cidade, ela contou a Tolstói que Dmítri só tinha percebido a gravidade de sua situação poucas horas antes de morrer, quando então começou a solicitar a presença de um padre e de um médico e implorou para ser levado a Iásnaia Poliana, onde poderia descansar em paz. De fato, Dmítri foi enterrado lá. Mais tarde, Tolstói se arrependeu amargamente de ser uma pessoa tão absorta na própria vida a ponto de não ter reparado antes na gravidade da situação do irmão. E também sentiu remorso pela maneira grosseira com que se comportara em relação a Dmítri. Em *Anna Kariênina*, Tolstói traz Dmítri de novo à vida como o irmão de Liévin, Nikolai, personagem que também mantém um relacionamento com uma ex-prostituta. Uma vez que não havia presenciado o evento real, Tolstói foi particularmente cuidadoso ao descrever a agonia final de Nikolai no único capítulo do romance dotado de título (“Morte”), em que também se valeu da experiência de ter testemunhado a morte de seu irmão Nikolai. No fim da vida

Tolstói também dedicou-se a escrever longamente sobre o Dmítri da vida real.

Tolstói permaneceu em Moscou por cerca de um mês antes de retornar a São Petersburgo, o que lhe deu a oportunidade de se encontrar com os escritores residentes na antiga capital, tais como Serguei e Konstantin Aksákov. Proeminentes eslavófilos contrários à ocidentalização da Rússia, os Aksákov jamais teriam sonhado em viver na São Petersburgo de aparência europeia. A explosiva controvérsia em meio à *intelligentsia* russa entre eslavófilos e ocidentalistas tinha pegado fogo pela primeira vez na década anterior, e os apaixonados debates públicos sobre o presente e o futuro da Rússia continuariam pelo resto da vida de Tolstói. É provável que ele já soubesse que não era um ocidentalista, mas com o tempo também acabaria rejeitando a ideologia eslavófila, embora sua preocupação com as formas tradicionais da vida rural nativa aparentemente fizessem dele um aliado natural. No fim das contas, seu egoísmo simplesmente não permitia que ele fizesse parte de um movimento em que sua figura e suas ideias não ocupassem o centro absoluto das atenções. Ele retornou a São Petersburgo no final de janeiro de 1856. Dessa vez, sabiamente morou sozinho, e permaneceu na capital até meados de maio. A última de suas histórias de guerra foi publicada na edição de janeiro de *O contemporâneo*, mas dessa vez com uma diferença: “Sebastópolis em agosto” foi a primeira de suas obras assinada como “Conde L. Tolstói”.

Na primavera ele trabalhou com afinco em outras duas narrativas, publicadas em *O Contemporâneo*. A primeira foi “A nevasca”, que veio a lume em março, uma obra ambiciosa e visionária inspirada pelo tempo inclemente que ele enfrentou durante sua jornada do Cáucaso para casa em janeiro de 1854. “Os dois hussardos” era um conto de jogatina com uma moral que comparava duas gerações da nobreza russa. Dedicado a sua irmã Macha, o conto saiu na edição de maio. Na opinião dos editores de *O Contemporâneo* Tolstói ainda era a principal estrela, e em certo momento da primavera daquele ano ele assinou um contrato com a revista literária. Juntamente com Turguêniev, Ostróvski e Grigórovitch, os outros três autores mais valorizados do periódico, Tolstói prometeu direito de preferência para suas obras futuras pelos quatro anos seguintes, em troca de um percentual dos lucros.

O escritor acabaria lamentando ter assinado esse contrato. Durante as primeiras reuniões com a fraternidade literária de São Petersburgo suas opiniões teimosas e excêntricas foram recebidas com reservas e desagrado, mas depois que

ele voltou de Moscou em janeiro houve reprimendas explícitas e então discussões, algumas bastante acaloradas, particularmente com Turguêniev. Tolstói se ofendia com facilidade, mas também ofendia com facilidade. Era mais jovem que seus novos amigos, e às vezes parecia discordar apenas pelo prazer de contrariar — gostava de ser atrevido. E houve brigas sobre temas acerca dos quais ele tinha pontos de vista veementes e dogmáticos, tais como “a questão da mulher”. O primeiro conflito de maiores proporções veio à tona em fevereiro, em torno da prolífica romancista francesa George Sand, a quem Turguêniev admirava por sua coragem e espírito independente. Tolstói acreditava na instituição do casamento e não aderiu à causa da emancipação feminina (as “garotas” que ele visitava nos prostíbulos de São Petersburgo eram outra coisa, é obvio). Foi uma discussão particularmente inflamável por causa do *menage à trois* mantido por Nekrásov e seu coeditor Panaiev, cuja esposa Advotia era amante de Nekrásov, como Tolstói bem sabia. Outra alteração com um dos colegas de Nekrásov em 19 de março levou Tolstói a desafiá-lo para um duelo. O desafio ficou sem resposta, e por algum tempo Tolstói cogitou a ideia de abandonar a literatura e se mudar para o campo.

A bem da verdade Tolstói até que tentou se encaixar e fazer parte do coletivo. No final de março ele tomou providências para que uma fotografia em grupo marcasse a visita a São Petersburgo de Aleksánder Ostróvski, jovem e promissor dramaturgo. Foi um evento e tanto, pois Serguei Levitski, pioneiro da fotografia russa, tinha acabado de montar seu estúdio na Nevksy Prospekt (avenida Nevksy). Mais tarde ele receberia uma ordem imperial para fotografar os Romanov, mas uma de suas fotografias mais famosas continuou sendo o retrato organizado por Tolstói, o único escritor que aparece na foto envergando uniforme. Levitski tinha estudado em Paris, onde instalara um estúdio antes de retornar à Rússia, e era um homem bastante interessante: além de ser primo de Alexander Herzen, tinha tirado fotos famosas do Cáucaso no final da década de 1840, e mais tarde iria inadvertidamente instigar Tolstói a abraçar o cristianismo ortodoxo. A fotografia de 1856 dos escritores de *O Contemporâneo* tornou-se um acessório permanente na parede do estúdio de Tolstói em Iásnaia Poliana.

Anos depois Tolstói teria a oportunidade de conhecer melhor Ostróvski, quando foi morar próximo à residência do dramaturgo em Moscou. O pai de Ostróvski era um advogado moscovita, de origem social bem menos privilegiada do que a de Tolstói e Turguêniev. Sua primeira peça, *A bancarrota*, tinha sido

censurada por Nicolau I em pessoa. Horrorizado pela maneira com que os comerciantes russos eram retratados como figuras desonestas, o tsar colocou o dramaturgo sob vigilância da polícia. O primeiro sucesso de Ostróvski nos palcos veio em 1853, com a produção de sua terceira peça, *Não suba no trenó de outrem*, e agora ele estava pronto para ampliar seus horizontes. No clima de otimismo que se seguiu à morte de Nicolau I, o irmão mais novo do tsar, o grão-duque Constantino, homem de mentalidade liberal então na chefia do Ministério da Marinha, concebeu o plano de enviar, em vez de burocratas, um grupo de oito jovens escritores numa expedição pelo rio Volga, a fim de estudar a vida dos que nele navegavam e viviam da pesca. Ostróvski foi um dos oito escolhidos, e partiu para o Volga em abril de 1856, assim que a vigilância policial foi revogada.

Abril de 1856 também foi um mês importante para Tolstói. No final de março Alexandre II fizera o famoso discurso em que declarou que era melhor que a servidão fosse abolida “de cima para baixo” do que permitir que ela fosse abolida “de baixo para cima”. A perspectiva de que o campesinato russo ganharia a liberdade era uma notícia sensacional, e se espalhou rapidamente por todo o país. Imediatamente Tolstói começou a elaborar um projeto para libertar seus servos, dessa vez engrossando as famosas fileiras da nobreza russa cujo despertar da consciência social fez com que se tornassem “nobres arrependidos”. O primeiro tinha sido um escritor do século XVIII, Alexander Rádichchev, que Catarina, a Grande, mandara para o exílio na Sibéria em 1790 por ter denunciado os males da servidão no livro *Viagem de São Petersburgo a Moscou*. Jovem crédulo, Rádichchev tinha acreditado no mito de que Catarina era uma regente esclarecida e justa. Por ter recebido uma educação de elite, ele convivia de perto com a “riqueza e esplendor” da corte russa, que no dizer do britânico William Coxe, em visita ao país na década de 1780, eram quase indescritíveis.

Rádichchev ficou chocado com a opulência de São Petersburgo ao descobrir as precárias condições de vida do campesinato russo quando deixou a cidade e iniciou sua jornada de volta a Moscou. Agora tinha começado a ver pela primeira vez a imoralidade de todo o edifício da autocracia tsarista e também o papel da nobreza russa em dar sustentação a um sistema tão desumano, como fica patentemente claro no seguinte trecho:

Duas vezes por semana todo o Império Russo é informado de que N. N. ou B. B. não tem condições ou não está disposto a pagar o dinheiro que tomou emprestado ou que é exigido dele. O dinheiro emprestado se foi, perdido na jogatina, gasto em viagens, dissipado em comida, bebida, dado a outrem ou destruído

pelo fogo ou pela água... Seja qual for o caso, há o anúncio em que se lê: Às dez da manhã, por ordem da corte do condado ou do magistrado da cidade, a propriedade do capitão reformado T..., consistindo da casa nº X, em tal distrito, e seis homens e mulheres, será vendida em leilão... Todos ficam interessados na pechincha. Chegam o dia e hora marcados. Vindos de toda parte, os compradores se reúnem. No salão onde será realizado o leilão, os condenados estão de pé, imóveis. Um velho de 75 anos, amparado numa bengala de olmo, está ansioso para descobrir em que mãos estará seu destino, quem fechará seus olhos. Ele serviu com o pai de seu senhor na campanha da Crimeia sob o comando do marechal de campo Munnich. Na Batalha de Frankfurt, carregou nos ombros seu senhor ferido. Ao retornar para casa, tornou-se o tutor de seu jovem senhor. Na infância [do senhor], ele salvara o menino, que caíra no rio durante uma travessia de balsa; arriscando a própria vida, pulou no rio e evitou o afogamento. Na juventude [do senhor], pagou a fiança e tirou-o da prisão, onde estava confinado por dívidas contraídas enquanto servia o exército na condição de oficial subalterno [...].

Foi o livro de Rádichchev (republicado por Herzen em Londres em 1858) que alavancou o nascimento da aristocracia intelectual russa — sua *intelligentsia*. Para os membros mais progressistas dessa classe de russos definida por sua oposição ao Estado — incluindo o corpo de colaboradores de *O Contemporâneo* —, a abolição do estatuto servil era a única questão urgente a ser confrontada. Somente os escritores tinham ousado trazer à baila esse e outros temas sensíveis antes da ascensão de Alexandre II, daí seu status sagrado na Rússia, e no devido tempo a nobre tradição do escritor como voz moral da nação seria continuada por Tolstói.

Tolstói tinha se tornado um contumaz adversário da servidão no período que passara em Sebastópol, mas sem dúvida suas ideias foram influenciadas pelas conversas que teve com Nekrásov e seus novos colegas. Depois de muitas reuniões e trocas de ideias, incluindo encontros com o historiador e pensador liberal Konstantin Kavelin, cuja proposta de emancipação dos servos tinha circulado em forma *samizdat* no ano anterior, Tolstói foi discutir seu próprio plano de emancipação junto ao Ministério de Assuntos Internos. Sua intenção era dar aos servos completa liberdade pessoal, e vender-lhes a terra ao longo de um período de trinta anos por 150 rublos cada *desyatina* (1,2 hectare). O Ministério ainda não estava pronto para tomar decisões acerca dessas questões, mas Tolstói estava resolutos.

Embora tenha sido promovido à patente de tenente por sua bravura em Sebastópol, Tolstói tinha pouco interesse em dar continuidade a sua carreira militar, e imediatamente encaminhou um requerimento de licença de onze meses. Nos meses de verão que passara em São Petersburgo, o escritor se manteve

excepcionalmente atarefado. Em larga medida ele tinha conseguido refrear seus hábitos degenerados e trabalhou com afinco em seus textos, mas havia muito poucas opções culturais. O apartamento que ele ocupava na rua Ofitserskaya ficava bem perto dos dois principais teatros líricos da cidade, e no dia 4 de maio ele assistiu — no mesmo camarote que o compositor — à estreia de *Rusalka*, de Dargomyzhski, no Circo-Teatro (sede da ópera russa e antecessor do Teatro Mariinski). No mesmo mês, foi de trem a Pavlovski, onde certamente viu o segundo concerto de Johann Strauss II e orquestra daquela temporada. Pavlovsk tinha se tornado um importante centro de espetáculos de música erudita após a abertura da conexão férrea com São Petersburgo em 1837 (a primeira da Rússia). A primeira estação ferroviária do país — chamada, por razões não muito claras, de *vokzal*, do inglês “Vauxhall” — incluía um espaçoso e bem equipado pavilhão onde a apresentação de música ligeira se transformara em concertos orquestrais regulares durante os meses de verão, e um dos primeiros sinais de liberalização da sociedade russa sob Alexandre II foi o convite para que o “rei da valsa” viesse ao país. A chegada da música dançante à Rússia parecia um bom presságio do novo reino. Em 16 de maio, um dia após ir a Pavlovski, Tolstói recebeu permissão para sair de licença. Finalmente poderia voltar a Iásnaia Poliana e colocar em prática seu plano de emancipação. Ele demorou apenas dois dias para fazer as malas e partir.

No final de maio, após uma parada de alguns dias em Moscou e uma visita ao Mosteiro da Trindade–São Sérgio com sua tia Polina, Tolstói finalmente regressou a Iásnaia Poliana. Fazia cerca de cinco anos que o escritor estava ausente, e de início foi difícil se reajustar. Primeiro porque ele precisava se acostumar ao vão onde outrora ficava a casa da família, e era estranho viver em uma das duas alas idênticas da casa. Em segundo lugar porque depois de tantas conversas liberais em São Petersburgo, a própria ideia de ser proprietário de terras e senhor de servos agora lhe parecia completamente repulsiva. Ele achou difícil inclusive conviver com a velha e querida tia Toinette, que era tão *ancien régime*, pois até mesmo ela parecia “desagradável”. Tolstói convocou uma reunião com seus camponeses para apresentar a eles seu plano de libertação, mas para sua surpresa os servos ficaram desconfiados de seus motivos e não lhe deram uma resposta definitiva. Os camponeses estavam convencidos de que ganhariam a liberdade assim que o novo tsar fosse coroado, e por isso julgaram que a oferta de contrato de Tolstói não passava de um astucioso ardil para ludibriá-los. Após

várias outras reuniões eles continuaram recusando firmemente todas as sucessivas ofertas do escritor. Foi bastante frustrante, pois Liev não tinha previsto tamanha desconfiança. Por fim Tolstói resolveu deixar de lado os planos de emancipação.

Em vez disso, empregou suas energias mergulhando na leitura (*Little Dorrit*, de Charles Dickens, foi lido naquele verão) e na escrita. Dedicou boa parte de seu tempo à redação de *Juventude*, terceiro e último volume do quarteto de romances curtos que originalmente tinha planejado sobre as etapas iniciais da vida de um jovem nobre, e a primeira versão do que viria ser a novela *A manhã de um fazendeiro*, em que pela primeira o tema central são os camponeses russos. Durante os meses de verão, Tolstói também fez visitas a Macha e seu marido, aproveitando para ir a cavalo da casa da irmã à propriedade de Turguêniev em Spasskoie. A essa altura seu irmão Nikolai tinha voltado do Cáucaso. Embora tivesse dado baixa do exército em 1854, no verão seguinte Nikolai se alistara novamente, e agora fora despachado de novo para uma guarnição em Starogladkovskaia. Nesse período Serguei também servira brevemente o exército, e em julho Tolstói se reencontrou com ele em Mtsensk, onde fazia parte do 4º Regimento de Fuzilaria da Família Imperial (Serguei ingressara no exército em 1855, supostamente numa onda de fervor patriótico motivada pela Guerra da Crimeia, mas já estava começando a se cansar da vida militar e prestes a pedir dispensa).

Naquele verão o que mais absorveu as atenções de Tolstói foi um caso amoroso. Seu velho colega de universidade, Dmítri Díakov, tinha sugerido que ele se casasse com Valéria Árseneva, uma vizinha de vinte anos de idade que após a morte do pai, em 1854, ficara sob sua tutela. A casa da família de Valéria ficava a cerca de oito quilômetros de Iásnaia Poliana, na estrada para Tula, e Tolstói começou a fazer visitas frequentes à moça, vislumbrando-a como noiva potencial. Foi um relacionamento embaraçoso, uma vez que Tolstói não estava preparado para aceitá-la como era — queria moldá-la de acordo com sua ideia de feminilidade. E ficou terrivelmente decepcionado ao constatar que Valéria parecia interessada em demasia em vestidos e dança e dava a impressão de não fazer a menor ideia do que ele esperava dela. A julgar pela leitura das entrelinhas das muitas anotações que Tolstói fez sobre Valéria em seus diários, tudo indica que em larga medida os sentimentos de afeição que ele nutria por ela não passavam de uma ilusão. Ele queria se apaixonar por ela, e em certo momento

“quase” se apaixonou, mas foi tudo elaborado demais com boa dose de invenção. Ao mesmo tempo em que a cortejava naquele verão, ele achava impossível conter seu ímpeto de correr atrás das camponesas, o que depois suscitava nele sentimentos de culpa.

No início do outono Tolstói tinha terminado de ditar *Juventude* a uma copista e recebera exemplares de seus primeiros livros: *Histórias de guerra* (reunindo os relatos de Sebastópolis, “A incursão” e “A derrubada do bosque”), *Infância* e *Adolescência*. Também tinha encaminhado ao exército uma carta solicitando dispensa, alegando motivo de saúde, e no final de novembro era de novo um civil. Em 1º de novembro partiu para Moscou, e de lá para São Petersburgo, ainda tendo Valéria em mente como futura esposa. A pobre moça passou todo o outono recebendo cartas paternalistas instruindo-a sobre qual seria seu papel, o de ser uma mãe (*mat'*), mas não uma abelha-rainha (*matka*), e perguntando se ela entendia a diferença. Algumas das cartas eram longas e atenciosas, mas a maior parte das arrogantes diretivas era de cair o queixo, tamanha sua hipocrisia moralista, se consideramos o histórico do próprio remetente. “Seu principal defeito é sua fraqueza de caráter, e todas as suas outras pequenas falhas advêm daí”, ele escreveu numa das condescendentes cartas. “Empenhe-se para melhorar sua força de vontade. Seja comedida e lute contra os velhos e maus hábitos”. Naquele outono o ardor já meio morno de Tolstói esfriou ainda mais, e em 1856 ele escreveu uma carta brusca rompendo relações, o que deixou Valéria compreensivelmente magoada e confusa. Em janeiro ele enviou a ela uma contrita carta de desculpas, mas mesmo então admitiu sua culpa para si mesmo antes de admiti-la para Valéria.

Antes de assinar contrato com *O Contemporâneo* Tolstói tinha prometido uma história para o periódico *Notas da pátria*, o principal rival da revista de Nekrásov, e passou boa parte de sua estadia em São Petersburgo naquele verão trabalhando numa narrativa que ele tinha extraído de seu inacabado *Romance de um fazendeiro russo*, com que vinha pelejando desde o período em que estivera no Cáucaso. Em “A manhã de um fazendeiro”, publicado em dezembro, ele ficcionalizou suas próprias experiências na tentativa de melhorar a vida de seus servos. Sua preocupação de tratar com seriedade os camponeses russos como personagens de ficção era semelhante à encontrada em *Notas de um caçador*, publicado dez anos antes, mas, sob o novo tsar, agora era possível dizer muito mais coisas. Fato importante é que “A manhã de um fazendeiro” recebeu a aprovação do novo

crítico de *O Contemporâneo*, Nikolai Tcherníchevski, que publicou na edição de dezembro da revista uma extensa e ainda hoje influente resenha da obra de Tolstói.

Tolstói e Tcherníchevski tinham a mesma idade, e almejavam a abolição da servidão, mas de resto os dois nada tinham em comum. Tcherníchevski fazia parte de uma nova espécie de políticos radicais, cujo verdadeiro objetivo era a revolução. Ele e o mais jovem ainda Alexander Dobroliubov, que se associou a *O Contemporâneo* em 1857, vinham da mesma cepa social e ideológica de Bielínski, mas rejeitavam os ineficazes idealistas da geração de Turguêniev. Filhos do clero, eram os *raznotchíntsi* — uma classe formada invariavelmente por homens educados da *intelligentsia* que provinham de origem social humilde, e eram bem mais dogmáticos do que Nekrásov e Panaiev no que dizia respeito à necessidade da arte de servir a um propósito político. Tcherníchevski tinha definido as novas diretrizes de *O Contemporâneo* em seu ensaio “As relações estéticas entre a arte e a realidade”, de 1855, em que declarava que “beleza é vida” e proclamava que a arte é inferior à ciência. Na resenha que escreveu sobre a obra de Tolstói, Tcherníchevski definiu a técnica do escritor de seguir o desenvolvimento de pensamentos e sentimentos evanescentes de seus personagens como a “dialética da alma”, que comparou à habilidade de certos pintores “para captar o reflexo tremeluzente de luz nas folhas farfalhando” ou “a brincadeira de cores nos contornos cambiáveis das nuvens”. Com isso ele queria dizer que Tolstói estava menos interessado no resultado de um processo psicológico do que no processo em si. Era uma resenha deliberadamente elogiosa, mas estava claro que Tolstói não reagiria de maneira entusiástica ou calorosa à visão utilitarista que Tcherníchevski tinha da arte. Como resultado do apoio de Nekrásov aos seus colegas mais jovens e mais radicais, a agenda política esquerdista de *O Contemporâneo* agora passara a ser priorizada em detrimento de critérios artísticos, e isso levaria a revista a perder para o periódico *Mensageiro Russo* seus principais autores, Tolstói incluído.

Assim que recebeu os papéis da dispensa do exército, no final de novembro, Tolstói estava livre para ir embora de vez de São Petersburgo. Ele tinha traçado dois objetivos e cumpriu ambos. Em primeiro lugar, tinha “posto à prova” seus sentimentos por Valéria Arseneva, e acabou se convencendo de que não tinham solidez; em segundo lugar, concluíra *Juventude* e submetera o livro à publicação em janeiro de 1857. Agora tudo que tinha a fazer era obter um passaporte

estrangeiro para que pudesse empreender sua primeira viagem ao exterior. Depois de um mês de tediosos trâmites burocráticos, estava pronto para deixar Moscou a fim de se preparar para a viagem, e em 9 de novembro (21 de novembro, de acordo com o calendário gregoriano usado na Europa Ocidental) chegou a Paris, ao final de uma jornada de doze dias. Tinha decidido viajar sozinho, sem criados. Na mesma noite, depois de desfazer as malas no Hôtel Maurice na Rue de Rivoli, foi ao tradicional baile “Samedi Gras” na Ópera de Paris, onde se juntou a Turguêniev e Nekrásov.

As seis semanas de Tolstói em Paris ganharam um colorido especial por conta de seus encontros com Turguêniev; os dois se viam quase diariamente. De modo geral, se deram bem. Turguêniev vinha passando cada vez mais tempo em Paris e conhecia a cidade como a palma da mão, portanto era um guia maravilhoso. Tolstói se rendeu às visitas a pontos turísticos — o Louvre, Notre Dame, o Musée de Cluny, o túmulo de Napoleão no Hôtel des Invalides (“terrível deificação”), o Cemitério Père Lachaise e, depois, viagens a Versalhes, Fontainebleau e, um pouco mais longe, Dijon. E também assistiu a diversos espetáculos. Foi ao Théâtre Français para ver Molière e Racine, ouviu *Rigoletto*, *Il Barbiere di Seviglia* e *La Fille du régiment* na Ópera Italiana, uma opereta na Bouffes Parisiens, e assistiu a uma farsa no Théâtre des Variétés. Também ouviu palestras na Sorbonne. E, na manhã de 25 de março, foi testemunhar uma execução pública por guilhotina, experiência que o traumatizou de tal maneira que decidiu deixar Paris. Embora tivesse planos de ir a Londres (vinha tendo aulas de inglês em Paris), em vez disso seguiu para Genebra, para se encontrar com Alexandrine e sua irmã, então de férias na companhia da grã-duquesa Mária Nikoláievna. Por carta, Tolstói disse à irmã que tinha chegado pouco antes do final da Grande Quaresma, e que tinha jejuado para poder comungar.

Aliviado por escapar de “Sodoma e Gomorra”, como ele se referiu a Paris, Tolstói passou três meses e meio se revigorando na Suíça. Também voltou a empunhar a pena e aproveitou para colocar em dia suas ecléticas leituras, que incluíram *Vida de Charlotte Brontë*, de Elizabeth Gaskell, Tocqueville, Proudhon, Balzac, as memórias de Napoleão ditadas a Las Cases (*O Memorial de Santa Helena*) e Goethe. Turguêniev continuava achando Tolstói uma figura bastante confusa. “Ele é uma pessoa estranha”, confidenciou em carta a um amigo. “Nunca conheci ninguém parecido com ele, e não consigo entendê-lo direito. Uma mistura de poeta, calvinista, fanático, nobre — algo que lembra um pouco

Rousseau, mas é mais honesto que Rousseau — altamente virtuoso, mas pouco atraente”. O fato é que Turguêniev entendia Tolstói muito bem e, sabendo que se entediava facilmente, previu que logo o amigo se cansaria do lago Genebra. A bem da verdade Tolstói gostou de sua estadia na Suíça. É verdade que ele não parava muito tempo no mesmo lugar, mas a companhia de Alexandrine era bastante agradável. Depois de duas semanas, os dois atravessaram de balsa o lago até Clarens, de onde Tolstói escreveu uma carta empolgadíssima para a tia Toinette dizendo que era o mesmo vilarejo onde tinha vivido a Julie de *La Nouvelle Heloise* (*A nova Heloísa*), de Rousseau. O cenário era arrebatador. “Não tentarei descrever a beleza deste lugar, particularmente neste momento, quando tudo está coberto de folhas e florescendo” (*“Je n’essayerais pas de vous dépeindre la beauté de ce pays surtout à présent quand tout est en feuilles et en fleurs”*), ele escreveu, dizendo a ela que achava impossível tirar os olhos do lago. Passava a maior parte do tempo fazendo caminhadas ou simplesmente olhando pela janela do quarto.

De Clarens havia excursões para Lausanne, Vevey, Montreux e Chillon, com caminhadas nas montanhas e piqueniques com outros turistas russos. No final de maio, Alexandrine e sua irmã voltaram para Genebra, e Tolstói partiu para uma jornada a pé pelos Alpes, levando consigo Sacha Polívanov, menino de onze anos de idade que era filho de conhecidos russos; além disso, em sua mochila carregava seu diário e um suprimento de papel. Era a primeira vez que Tolstói se via nas montanhas desde sua temporada no Cáucaso cinco anos antes, mas a tranquilidade das pastagens alpinas, salpicadas de narcisos e vacas bem alimentadas com sinetas penduradas no pescoço — dignas de livros ilustrados — era profundamente diferente da Chechênia. Quando os viajantes chegaram a Grindelwald, onde Tolstói desceu uma geleira, ele começou a registrar suas notas de viagem, pensando que poderiam ser publicadas de alguma forma em *O Contemporâneo*. Contudo, o foco principal da escrita de Tolstói na Suíça era uma narrativa que viria a se tornar *Os cossacos*.

Turguêniev estava certo sobre a inquietude de Tolstói. Logo após retornar de sua caminhada alpina de onze dias, ele partiu novamente, agora para Berna e Friburgo. Dias depois voltou para Genebra, e de lá rumou para Chambéry, na Savoia, e muitos outros lugares que evocavam o vigário de *Emílio*, de Rousseau. Em Turim, Tolstói se encontrou com amigos, os Botkin e Alexander Druzhinin. A jornada de regresso à Suíça levou Tolstói primeiro a Ivrea e depois a duas subidas do monte Rosa. A seguir fez paradas em Pont Saint-Martin, Gressoney e

Chambave e passou uma noite no famoso albergue fundado por São Bernardo em 1049, localizado no ponto mais alto do Passo do Grande São Bernardo (a mais antiga passagem nos Alpes). Antes de descer, ele passeou pela igreja-mosteiro e inspecionou os cães são-bernardos, que faziam parte do mosteiro desde o século XVII, salvando a vida de centenas de viajantes soterrados por avalanches. Depois, voltando para a Suíça, visitou a gloriosa cascata de Pissevache. A queda d'água de 114 metros tinha sido visitada por Rousseau e, em 1779, havia inspirado Goethe a altos voos de retórica. A essa altura Tolstói estava fazendo apenas anotações muito breves no diário, e seu veredicto sobre a cascata foi enigmático: “centeio despencando”. No lago em Villeneuve Tolstói pegou uma balsa até Clarens.

No início de julho, passando por Berna, foi até Lucerna, onde se hospedou no Hotel Schweizerhof e reencontrou Alexandrine. O Schweizerhof, construído com vista para o lago no coração da cidade antiga em 1845, já era tão luxuoso quanto é hoje (orgulha-se de ser um dos poucos hotéis suíços de “importância nacional”). Em 1857, pareceu aos olhos de Tolstói um lugar infestado de turistas ingleses “frígidos” e “enfadonhos”, que aparentemente gostavam de fazer as refeições em completo silêncio. Ele também ficou espantado com o fato de que eles pareciam alheios ao que acontecia ao seu redor, o que ficou demonstrado por um incidente que mais tarde transformou-se em um conto. Certa noite, depois de visitar um bordel, Tolstói encontrou um artista de rua tocando violão e cantando canções folclóricas tirolesas. O músico era muito bom, de modo que Tolstói sugeriu que ele fosse cantar sob as janelas do Schweizerhof. Dito e feito. Não demorou muito para que o artista se visse rodeado de abastados hóspedes, todos eles apreciando a cantoria, mas toda vez que o cantor passava o chapéu pedindo uma colaboração em dinheiro, o chapéu voltava vazio. Tolstói ficou estupefato, e quando o artista já voltava a pé para a cidade, correu atrás dele, levou-o de volta ao hotel e pediu uma garrafa de Möet. A indignada fúria que a avareza dos hóspedes despertou em Tolstói foi expressa primeiro em uma carta a um de seus amigos, mas “Lucerna” não foi escrito no Schweizerhof, como o hotel gosta de alardear, e sim na modesta pensão para a qual Tolstói se transferiu imediatamente depois. De fato, como símbolo da civilização burguesa ocidental, a indiferença e a ignorância dos ricos é o objeto de apaixonada invectiva nessa história. Tolstói leu o conto para Nekrásov assim que chegou a São Petersburgo no vapor em que tinha embarcado no porto prussiano de Stettin. “Lucerna” foi publicado em O

Contemporâneo em setembro de 1857 e teve recepção negativa.

Da Suíça Tolstói viajou para a Alemanha, e no dia 24 chegou a Baden-Baden, onde sua força de vontade fraquejou. Em pouco tempo perdeu todo o seu dinheiro em mesas de roleta, o que exigiu que escrevesse cartas humilhantes para Alexandrine, Nekrásov e Turguêniev pedindo dinheiro. Em 31 de julho Turguêniev foi pessoalmente salvar o amigo, e pelo menos por uma vez as costumeiras anotações depreciativas de Tolstói sobre Turguêniev em seu diário mudaram para “Vanéchka é muito gentil”. Imediatamente Tolstói dissipou na jogatina todo o dinheiro que Turguêniev lhe emprestara. Seus planos de viajar para a Holanda e Inglaterra viraram fumaça, pois foi obrigado a bater em retirada para a Rússia. Ele também recebeu uma carta informando-o de que sua irmã Macha tinha se separado do marido, outra razão para voltar rapidamente para casa. Nenhum dos irmãos Tolstói tinha exatamente gostado de Valerian, mas ninguém sabia o quanto ele era depravado. Até que veio à tona a verdade: quando ele não estava ausente de casa em expedições de caça ou passando cada vez mais tempo com sua amante camponesa, com quem tivera vários filhos, era um marido cruel e despótico. Turguêniev descreveu Valerian Pietróvitch como “uma espécie absolutamente nojenta de Henrique VIII rural”. O único lenitivo para Macha, que estoicamente suportou seu fardo por dez anos, eram seus três filhos. No verão de 1857, já incapaz de levar adiante o papel de “sultanesa chefe” do harém do marido (a essa altura Valerian Pietróvitch tinha quatro amantes e tramava abertamente casar-se com uma delas caso “acidentalmente” ficasse viúvo), Macha decidiu deixá-lo. Ela se mudou para sua parte da propriedade de Pirigovo e se tornou vizinha de Serguei. Um dia depois de voltar para casa, Tolstói seguiu para lá.

Ele estava feliz por regressar a Iásnaia Poliana, mas julgava que o lado “falso e cruel da vida russa” tornava-se ainda mais evidente, em gritante relevo, comparado às liberdades presentes em outros países. Embora tenha gravitado em torno de seus conterrâneos na temporada que passou no exterior (propensão que compartilhava com muitos viajantes russos), e apesar de sua alegria por rever as bétulas, Tolstói achou bastante deprimente seu retorno para casa. A Rússia Imperial já não era o Estado policial dos tempos de Nicolau I, mas ainda estava longe de encampar as liberdades civis que eram a base do mundo ocidental. A Rússia era “horrível, horrível, horrível”, ele escreveu a Alexandrine, descrevendo inúmeros casos de brutalidade casual que tinha testemunhado logo na primeira

semana — por exemplo, viu uma mulher espancando sua serva adolescente e um funcionário dando uma surra num idoso por achar, equivocadamente, que tinha sido enganado. Tolstói mergulhou em Beethoven e na *Iliada*. E também renovou seus esforços para chegar a um acordo com os servos. Por fim todos eles foram transferidos do antigo sistema de *corveia* para o pagamento de um aluguel ou “imposto territorial” (efetivamente um pagamento de “resgate”, eximindo-os de sua obrigação de servir e dando-lhes autonomia para cultivar a terra para seu próprio benefício); mesmo assim, anos depois Tolstói continuaria sentindo culpa por exigir de seus servos algum tipo de compensação financeira em troca do uso de uma terra que pertencia a eles. No que restava de sua propriedade, Tolstói agora passou a usar mão de obra contratada e libertou os servos domésticos. Reminiscências dessa experiência de negociação com os servos aparecem na terceira parte de *Anna Kariênina*, em que Tolstói descreve como a boa vontade de Liévin é refutada por seus camponeses.

Em outubro de 1857 Tolstói partiu com Macha e os filhos dela para passar o inverno em Moscou, e se estabeleceram no antiquado e nada glamoroso quarteirão de comerciantes, onde o dramaturgo Ostróvski morava. Nikolai, depois de dar baixa do exército pela segunda e última vez, se juntou a eles. Naquele inverno Tolstói fez duas breves visitas a São Petersburgo. Durante os nove dias em que passou na capital no final de outubro, compareceu a reuniões com o ministro da Propriedade Estatal para discutir um projeto de silvicultura e se encontrou com Alexandrine. Também assistiu a uma apresentação de *Il Trovatore* de Verdi (à época a prestigiosa Ópera Italiana estava no auge da popularidade), mas de resto foi uma visita comedida. A obra mais recente de Tolstói não tinha sido recebida com o mesmo entusiasmo de seus primeiros trabalhos, e ao criticar o mundo burguês ocidental em “Lucerna” estava se indispondo com críticos como Tcherníchevski, tremendamente influenciados por ideologias ocidentais. Tolstói não tinha interesse em fazer dos comentários políticos e das questões sociais o tema de sua literatura, e chegou a brincar com a ideia de fundar um jornal para se contrapor a essas tendências. Ele virou as costas para a nova corrente militante nas letras russas que brandia a literatura como arma de reforma social e descartava as preocupações estéticas como ultrapassadas.

Em fevereiro de 1858 Tolstói escreveu a Nekrásov para dizer que queria encerrar seu contrato com *O Contemporâneo*, e quando, em março, visitou

brevemente São Petersburgo entregou o original de seu último texto a ser publicado no periódico. Assim como “Lucerna”, o conto “Albert” é sobre um músico pobre, e custou a Tolstói um ano de trabalho. Não obstante o atraso causado pelo censor, Nekrásov não teve pressa e publicou “Albert” em agosto, na edição de menor tiragem e menor vendagem da revista, uma vez que O *Contemporâneo* já não queria mais esse tipo de ficção. “Albert” é também uma profissão de fé, que expressa a crença de Tolstói de que a arte deve lidar com a verdade moral eterna (*istina*) e não com a efêmera verdade da política ideológica (*pravda*). Sua ousada defesa da beleza foi a maneira de responder ao desafio lançado por Tcherníchevski, e provavelmente não é coincidência que durante sua visita a São Petersburgo em março ele tenha ido ao Hermitage. Um dos poucos pontos altos da política cultural de Nicolau I foi sua decisão de abrir o Hermitage como museu público em 1852. O que mais impressionou Tolstói foram as paisagens de Ruisdael, *A volta do filho pródigo*, de Rembrandt, e *A descida da cruz*, de Rubens.

Durante a temporada de inverno Tolstói tomou outra medida em defesa das belas-artes, ajudando a organizar concertos regulares aos sábados, e inclusive chegou a tentar montar uma “sociedade de quartetos”. Ainda procurava uma esposa, e em dezembro de 1857 tinha começado a visitar a casa do poeta Tíutchev para cortejar sua jovem filha Ekaterina. Tolstói também se sentiu levemente atraído por uma jovem chamada Praskóvia Cherbátova, mas no fim das contas, embora Turguêniev tivesse ouvido boatos de que o namoro com Ekaterina Tíutcheva estava ficando sério, ele não se casou nem com uma nem com outra. Contudo, mais tarde os nomes delas seriam úteis. Ekaterina e sua irmã Dária eram conhecidas pelos carinhosos apelidos de Dolly e Kitty, e tinham uma irmã mais velha chamada Anna. Em *Anna Kariênina*, o sobrenome de Kitty é Cherbátskaia, não muito diferente de Cherbátova. Em abril de 1858 Tolstói estava de volta a Iásnaia Poliana. Passara o inverno ocupado com atividades sociais convencionais, mas agora estava prestes a romper com a vida que tinha levado desde seu retorno de Sebastópol, fixando residência permanente no campo.

Tolstói não parou de escrever no verão de 1858, mas essa era a época do ano que ele agora preferia dedicar ao trabalho na terra. Concentrou-se na lavoura, adquirindo os mais modernos arados e os melhores fertilizantes, e lendo tudo que podia sobre os mais recentes avanços na agricultura. Ele se ocupava da

silvicultura, plantando árvores em Iásnaia Poliana e vendendo pereiras, ameixeiras e pessegueiros cultivadas em suas estufas. Trabalhava na horta e nos campos, arando, semeando e colhendo, e também fazia uma boa quantidade de exercícios físicos para manter a forma e a força. Como comentou seu irmão Nikolai, Liev sempre quis “abraçar o mundo de uma só vez, sem nada deixar de fora, nem mesmo a ginástica”. Às vezes o administrador ia a Iásnaia Poliana para receber instruções e era saudado por um Tolstói de rosto vermelho, pendurado de ponta cabeça numa barra que ele tinha instalado junto à janela de seu estúdio.

Naquele verão, outro lado do vigor físico de Tolstói se manifestou quando ele se apaixonou — de maneira mais profunda que nunca antes — por uma jovem camponesa de um vilarejo a cerca de dez quilômetros de Iásnaia Poliana. Aksínia Bazíkina tinha um marido invariavelmente ausente, e Tolstói achou difícil resistir a seus encantos. Os dois tiveram um relacionamento sério, que durou mais de um ano. Mais tarde Aksínia deu à luz uma criança que todos em Iásnaia Poliana consideravam filho ilegítimo de Tolstói (quando cresceu, Timofei se tornou um rapaz de cabelos lisos e olhos cinza, e trabalhou para Tolstói como cocheiro). Em seus diários Tolstói registrava seus encontros amorosos com “A.” na floresta, e também as ocasiões em que esperava por ela em vão; em uma dessas anotações ele admitiu estar se sentindo mais marido do que “macho solteirão”. No final de sua vida Tolstói seria assolado por amargos sentimentos de remorso por causa desse caso amoroso, que ele sublimou ao escrever sua narrativa tardia “O diabo”.

Se Tolstói teve um frenético verão do amor em 1858, sua irmã Macha estava se consumindo de desgosto. Desde o primeiro contato de Macha com Turguêniev em 1854 havia brotado entre os dois uma centelha de romance, e agora que estava livre de seu execrável marido Macha via com bons olhos a possibilidade de que o caso de amor fosse levado diante. Naquele ano Turguêniev não tinha voltado à Rússia, razão pela qual a irmã de Tolstói estava magoada e solitária. Tolstói, que sabia muito bem da devoção de Turguêniev pela cantora lírica Pauline Viardot (que era casada), a quem ele acompanhava por toda a Europa, tomou as dores de Macha, por julgar que era errado da parte do amigo fazer propostas a uma jovem dama se não tinha a intenção de se casar com ela. Esse foi um dos fatores que em larga medida contribuíram para a deterioração de sua relação com Turguêniev.

No inverno, quando não era tão fácil zanzar pela floresta à caça de Aksínia,

Tolstói foi caçar animais. No final de dezembro de 1858, Liev e seu irmão Nikolai foram convidados por alguns amigos para caçar ursos — na Rússia era costume caçar os ursos quando ainda estavam hibernando. No primeiro dia, armado com dois rifles e uma adaga, Tolstói matou um urso, mas no segundo dia um urso se assustou com um tiro de espingarda e quase o matou. Ele ganhou uma cicatriz permanente na testa e uma história para contar à mesa do jantar pelo resto da vida (mais tarde ele transformaria o episódio em história infantil). Homem vigoroso e durão, Tolstói obviamente não se deixou deter pelo ferimento, e semanas depois matou o urso que o atacara. A pele do animal acabou virando tapete em Iásnaia Poliana. Naquela primavera também caçou raposas e lobos. Depois de se fixar em Iásnaia Poliana Tolstói não abandonara completamente a literatura. Em janeiro de 1859 ele publicou uma história chamada “Três mortes”. Parábola de arte e moralidade que compara as mortes de um cocheiro, de uma árvore e de uma mal-humorada senhora nobre; é da mesma cepa de “Lucerna” e “Albert”, e também foi recebida com frieza e incompreensão. Uma obra de maior fôlego publicada naquele ano foi o romance curto *Felicidade conjugal*, cujo enredo (um homem mais velho se casa com uma menina órfã sob sua tutela) é claramente calcado nas experiências de Tolstói com Valéria Árseneva. Mais tarde ele ficaria bastante descontente com o livro, que embora não tenha caído nas graças do público tem muitas qualidades, como o fato de ser narrado por uma mulher. Nesse livro, Tolstói também parece estar lutando contra a figura paterna de Turguêniev como escritor, numa resoluta tentativa de sair de sua sombra.

A popularidade de Tolstói junto aos leitores pode até ter caído um pouco, mas sua ficção estava começando a merecer somas suntuosas. Por *Felicidade conjugal* Tolstói recebeu 1.500 rublos de Mikhail Kátkov, editor do periódico em que o texto veio a lume, *Mensageiro Russo*. Imediatamente Tolstói gastou todo o dinheiro durante uma sessão de bilhar chinês (jogo de tabuleiro semelhante à bagatela, e em que se impulsionam bolas para o alto, marcando pontos segundo os lugares em que elas caem). Ele passaria quase três anos sem publicar ficção, pois agora suas atenções tinham se voltado para as atividades educacionais com os camponeses. Quando constatou que os mujiques tinham resistido às suas tentativas de melhorar as condições em que viviam simplesmente porque eram ignorantes demais para entender que sua intenção era benéfica, Tolstói resolveu ensinar-lhes a ler e escrever. Na década de 1850, menos de 6% da população

rural era alfabetizada. Nas regiões rurais não existiam escolas públicas, nem mesmo no nível primário ou fundamental, e a pouca instrução que havia — oferecida por algum padre de vilarejo ou um soldado reformado (aprender a ler e escrever estava entre os poucos benefícios do serviço militar) — era primitiva e paga. Os professores ensinavam de maneira mecânica e pouco imaginativa, sem incentivar o pensamento, e aplicavam punições corporais. Os senhores proprietários de terras não tinham a obrigação de educar seus servos, e em um país onde os camponeses eram tratados como espécie subumana, não surpreende que poucos o fizessem. Tolstói não entendia qual era o sentido de introduzir na Rússia ferrovias, telégrafos e outras formas de modernização se a grande massa do país não tinha acesso à educação pública.

Em outubro de 1859 reabriu sua escola para crianças camponesas em Iásnaia Poliana, agora com mais seriedade e em melhores condições que antes. A princípio a iniciativa foi recebida com desconfiança pelos camponeses, principalmente porque não era preciso pagar (Tolstói custeava tudo), mas em março de 1860 já havia cinquenta alunos matriculados — meninos, meninas e alguns adultos. A principal missão de Tolstói como educador era introduzir a liberdade na experiência de aprendizagem: seus alunos tinham permissão para frequentar as aulas quando bem quisessem, e não havia castigos físicos. Havia elaborado um sólido programa curricular com doze matérias, mas dava importância à flexibilidade, de modo que o professor se adequasse às necessidades de seus alunos, e não o contrário. Isso era extremamente inovador. Foi a escola de Iásnaia Poliana que deu a Tolstói uma noção daquilo que o escritor julgava ser sua verdadeira vocação, uma vez que foi somente quando ele executou medidas práticas para redimir a enorme dívida da Rússia para com seu campesinato ignorante e incivilizado que a voz de sua consciência se apaziguou. Com o passar do tempo ele percebeu que seu destino era nadar contra a corrente, mas agora estava começando a se sentir mais confortável consigo mesmo.

Em maio de 1860 os irmãos de Tolstói Nikolai e Serguei fizeram uma viagem ao exterior, mais especificamente para a Alemanha. Nikolai estava padecendo de tuberculose, como Dmítiri, e seu plano era se submeter a um tratamento curativo na estância de Soden. Macha, que era hipocondríaca e também não estava se sentindo bem, resolveu seguir para tratamento no estrangeiro, levando consigo os três filhos; Tolstói decidiu acompanhar a irmã. De qualquer forma, as aulas tinham mesmo de ser interrompidas no verão,

período em que as crianças ajudavam no trabalho nos campos; além disso, Tolstói encontrara um excelente substituto para a escola de Iásnaia Poliana durante sua ausência: Piotr Mórozov, um ex-seminarista. Liev planejava ir à Europa Ocidental a fim de aprender tudo que pudesse sobre a educação fundamental em outros países. Ficaria fora quase um ano.

Quatro dias depois de deixar São Petersburgo, Tolstói chegou a Berlim. De lá Macha seguiu com os filhos Vária, Nikolai e Liza para se encontrar com Nikolai e Serguei em Soden, mas Tolstói seguiu para Bad Kissingen, a cerca de cem quilômetros de distância. Estava bem mais interessado em aprender sobre o sistema educacional alemão do que se banhar nas águas termais da estância. Um dia depois de chegar, Liev resolveu inspecionar as escolas locais e ficou horrorizado com o que observou: um aprendizado mecânico e repetitivo, com farta utilização de punição corporal. Também começou a estudar e a tomar notas sobre várias obras teóricas de pedagogia. Em sua lista de leituras ocuparam lugar destacado os quatro volumes do recém-publicado *Geschichte der Pädagogik* [História da pedagogia], de Karl Georg Von Raumer. Nessa obra Tolstói ficou feliz ao descobrir que Martinho Lutero tinha sido um pioneiro da educação popular, e também que sua crença na necessidade de liberdade no processo de ensino e aprendizagem tinha sido preconizada por Montaigne no século XVII. O passo seguinte de Tolstói foi conversar com os professores das escolas dos vilarejos nos arredores de Bad Kissingen. Também se reuniu com um político, o sobrinho de Friedrich Froebel, fundador do sistema de jardim de infância, e Wilhelm Heinrich Riehl, que iniciara a publicação dos volumes de *Naturgeschichte des Volkes als Grundlage einer deutschen Socialpolitik* [História natural do povo alemão com a fundação da política social alemã].

Depois de três meses Tolstói recebeu a visita de seu irmão Nikolai, cujo estado de saúde agora piorava a olhos vistos. Os médicos de Nikolai haviam recomendado que ele se retirasse para um local de clima mais quente; assim, no final de agosto Tolstói, acompanhado de Macha e das crianças, levou o irmão para Hyères, no sul da França. Em 20 de setembro, duas semanas depois de chegarem, Nikolai morreu nos braços de Liev. Mais tarde, em carta a Serguei, afirmou que Nikolai fora a pessoa que ele mais tinha amado e respeitado no mundo. De fato, considerava Nikolai seu melhor amigo, e a morte do irmão foi uma perda inestimável. O promissor Nikolai jamais cumpriu as grandes expectativas a seu respeito. Chegou a publicar em *O Contemporâneo* (em fevereiro

de 1857) uma narrativa bem escrita intitulada “Caçada no Cáucaso”, mas não prosseguiu com sua produção ficcional. Entorpecido pelo luto, Tolstói foi para Marselha, onde visitou escolas primárias e mais uma vez ficou abismado ao ver que as crianças eram submetidas a um ensino inerte e estreito.

Tolstói continuou em Hyères, com a irmã e os sobrinhos, até o final do ano, e depois seguiu viagem para Nice e Florença, onde ficou empolgado ao conhecer o recém-anistiado dezbribista Serguei Volkonski, seu parente distante e agora já um ancião. De Florença seguiu para Livorno e de lá para Nápoles e Roma, onde conheceu o pintor Nikolai Gye, de quem mais tarde se tornaria grande amigo. Tolstói gostou de ver a Itália, mas nesse período sua grande paixão era mesmo a pedagogia. Em fevereiro ele chegou a Paris, onde visitou escolas francesas, munido de uma carta de recomendação do Ministério da Educação russo. Também acumulou uma enorme quantidade de livros sobre pedagogia, devidamente despachados para Iásnaia Poliana. Em 1º de março ele viajou para Londres. Em sua primeira visita à Inglaterra, padeceu de uma excruciante dor de dente e confirmou seus preconceitos contra os ingleses. Infelizmente existe pouca documentação sobre a única visita que fez à Inglaterra, mas sabe-se, por intermédio do bem relacionado jornalista e advogado Henry Reeve, que Liev frequentou como membro honorário o Athenaeum Club, em Pall Mall, de 5 de março a 5 de abril de 1861.

O encontro mais importante que Tolstói teve em Londres foi com o pensador socialista Alexander Herzen, que tinha emigrado da Rússia em 1847. Em 1852 Herzen passou a morar em Londres, quando fundou a Editora Russos Livres e, em 1857, o jornal *O sino*, que defendia reformas na Rússia. Durante os dezesseis dias que passou em Londres, Tolstói foi diversas vezes à bela e afastada residência de Herzen, a Casa Orsett (localizada em Westbourne Terrace, perto de Paddington). Em 7 de março Herzen escreveu a Turguêniev para contar que já tinha tido rsgas com Tolstói, que em sua opinião era “teimoso” e falava “bobagens”, mas ainda assim era “uma pessoa engenhosa e boa”. Em 11 de março Tolstói passou três horas nas Casas do Parlamento, onde ouviu o primeiro-ministro, o lorde Palmerston, discursar sobre política naval, o que ele achou tedioso. Bem mais interessante foi ouvir, na noite seguinte, a leitura feita por Charles Dickens em St. James Hall, Piccadilly; Dickens era um de seus autores favoritos (e o de muitos leitores russos). Mas a prioridade de Tolstói era aprender sobre a educação britânica. Em 12 de março, depois de contar com o auxílio de

Matthew Arnold, inspetor escolar que em 1857 tinha sido nomeado para a cátedra de poesia de Oxford, Tolstói visitou a Practising School do St. Mark's College em Chelsea, onde pediu aos alunos da classe 3B que escrevessem um ensaio para ele. Liev levou as redações para a Rússia. Arnold tomou providências para que Tolstói visitasse escolas primárias em Bethnal Green, Brentford, Spitalfields, Hoxton, Westminster e Strattford, mas o escritor não manteve um diário durante sua visita à Grã-Bretanha, por isso não fica claro se ele de fato as visitou; sabemos, contudo, que fez diversas visitas proveitosas à biblioteca anexa ao South Kensington Museum, que continha material pedagógico bastante interessante. O futuro Museu Victoria e Albert tinha aberto suas portas dois anos antes.

Em 17 de março (5 de março na Rússia), dia em que Tolstói deixou Londres, o Manifesto da Emancipação da Servidão — que tinha sido assinado em 3 de março (19 de fevereiro), no sexto aniversário da ascensão de Alexandre II ao trono — foi finalmente publicado. O manifesto tinha sido escrito pelo metropolitano Filaret em um estilo deliberadamente grandiloquente, adequado para a leitura em igrejas, e foi impresso em todos os jornais; Tolstói ficou indignado por constatar que os camponeses jamais entenderiam o documento. Também ficou enfurecido pelo tom do texto, que parecia sugerir que o manifesto estava concedendo aos servos um favor e não corrigindo uma grave injustiça. Ele tinha razão. Com o fim da servidão em 1861 os camponeses deixaram de ser propriedade dos senhores, mas os termos de sua libertação não atenuaram o abismo social e em nada contribuíram para melhorar a situação da massa camponesa.

Próxima parada: Bruxelas. Tolstói se encontrou com o político socialista Pierre-Joseph Proudhon, autor, entre outras obras, de *Ideia geral de revolução no século XIX* (1851), e com o ex-político socialista Joachim Lelewel, que participara do Levante de Novembro, também conhecido como a Revolução dos Cadetes (1830). Também visitou escolas belgas e se deixou fotografar. Seu último retrato, tirado em São Petersburgo, mostrava um oficial de expressão séria, de bigode e cabelo bem curto. Em suas viagens europeias Tolstói vestia-se muito bem, envergando sobrecasaca e cartola, mas agora já estava usando a barba que se tornaria parte intrínseca de sua personalidade. Depois de Bruxelas se seguiram seus últimos meses de viagem — para Antuérpia, Frankfurt, Eisenach e Weimar, onde havia mais escolas a inspecionar. A essa altura Tolstói já ansiava por voltar

para casa, mas enquanto estava na Europa ele queria fazer o máximo possível de coisas, por não saber quando retornaria (no final das contas, nunca mais). Parou em Jena, Dresden e Weimar, onde se encontrou com Gustav Keller, jovem professor de matemática a quem convidou para dar aulas em sua escola de Iásnaia Poliana. Sua última parada foi em Berlim, onde procurou o escritor Berthold Auerbach, cujo portentoso (e hoje em dia praticamente esquecido) romance *Neues Leben* [Uma vida nova], de 1851, tinha sido bastante influente em sua decisão de fundar a escola para os filhos dos camponeses. Claramente Tolstói se identificava com o protagonista Eugen Baumann, aristocrata que se torna professor de uma escola primária de vilarejo. Sem se identificar ou se apresentar, Tolstói simplesmente marchou na direção de Auerbach e anunciou “Ich bin Eugen Bauchmann” [Eu sou Eugen Bauchmann]. Liev ficou tão empolgado de conhecer pessoalmente Auerbach que marcou o evento em seu diário com quinze pontos de exclamação.

Em 13 de abril, Tolstói finalmente desembarcou em São Petersburgo. Antes de voltar para casa, agendou reuniões com o ministro da educação a fim de solicitar permissão formal para fundar um periódico pedagógico, que foi concedida (naquele momento ninguém no ministério podia prever o quanto as ideias educacionais de Tolstói se tornariam subversivas). Em maio Liev já estava de volta a Iásnaia Poliana e dando aulas no pomar de maçãs, mas sentia a mesma inquietação de sempre. No final do mês viajou para Spasskoie-Lutóvinovo para visitar Turguêniev, que tinha acabado de escrever *Pais e filhos*, o romance que explora o embate entre os novos “niilistas” radicais da década de 1860 e a geração conservadora dos “velhos reacionários” da década de 1840. Turguêniev leu o livro em voz alta, e Tolstói achou tão tedioso que pegou no sono. Turguêniev se sentiu mortalmente ofendido. Poucos dias depois, em visita a Fet em sua propriedade recém-adquirida no campo, Tolstói e Turguêniev tiveram uma violenta discussão sobre uma questão trivial. Dessa vez Tolstói ficou tão insultado que desafiou o amigo para um duelo. Mandou inclusive buscar armas na propriedade de Nikolskoie, que herdara do irmão Nikolai, e passou uma noite insone, mas o duelo jamais foi travado. A amizade dos dois nunca mais foi a mesma. Seguiu-se uma alvoroçada enxurrada de acusações, pedidos de desculpas e cartas que ou chegavam na hora errada ou eram lidas tarde demais, e a situação se exacerbou porque surgiram rumores de que cópias dessas missivas estavam circulando em Moscou. Tolstói considerava Turguêniev um covarde, desprezava

seu liberalismo e não perdoava sua falta de paixão. Os dois concordaram em romper relações e cessar todo tipo de comunicação.

Turguêniev não foi a única pessoa com quem Tolstói teve conversas irritadas naquela primavera. Logo depois de voltar do exterior, ele recebeu a notícia de que fora nomeado juiz de paz de seu distrito pelo governador liberal de Tula. O governo tinha decidido eleger árbitros entre os membros da nobreza com a incumbência de atuarem como mediadores entre os senhores de terras e os camponeses e supervisionarem a implementação do manifesto. Não era trabalho fácil para um nobre russo, mas era especialmente difícil para Tolstói, já detestado por seus conservadores vizinhos por ter concedido liberdade a seus servos antes mesmo do manifesto. Trinta dias depois ele já tinha brigado com todo mundo. Muitos nobres julgavam como seu direito divino a posse de escravos, por isso a seu ver o Ato de Emancipação da Servidão era um desastre. Na opinião deles, tinham sido roubados por Alexandre II. Eles se perguntavam que diabos um servo faria com a “liberdade pessoal”. A seu ver um camponês livre era como um cachorro perdido, um vira-lata a quem não valia a pena dar um pedaço de pão, pois de qualquer maneira estava fadado à desgraça. Jamais ocorreu a esses nobres reacionários russos que os camponeses fossem seres humanos como eles, tampouco que os senhores de terras eram tão responsáveis quanto o regime pela criação das condições de miséria e sofrimento que levava os camponeses ao alcoolismo. A nobreza reacionária procurava os juízes de paz exigindo que tomassem o partido dos senhores. Tolstói, contudo, tinha em mente o interesse dos camponeses, e agora era visto pela maior parte de seus pares como um “parasita desprezível”. Logo seus vizinhos apresentaram uma saraivada de queixas oficiais sobre ele, o que às vezes faziam em massa, mas isso só levava Tolstói a esfregar as mãos de alegria. Ele tinha gosto em desmascarar a desonestidade e a crueldade dos *krepstniki* — os defensores da servidão — e não se intimidou mesmo quando recebeu ameaças e cartas ofensivas desafiando-o para duelos.

O desejo de educar os camponeses tampouco lhe granjeou amizades entre os vizinhos. Para os *krepstniki* parecia absurdo que um conde, ou oficial reformado, se tornasse professor, e a própria ideia de uma escola para os filhos dos camponeses era incompreensível para esses encarniçados defensores da Rússia patriarcal. A escola de Iásnaia Poliana estava prosperando, mas era a única de todo o distrito. Uma vez que havia nove mil camponeses vivendo na área, Tolstói

quis fazer mais. Valendo-se de sua posição de juiz de paz, no outono de 1861 ele já conseguira abrir 21 escolas locais, todas funcionando a pleno vapor. As escolas eram improvisadas em cabanas. Não havia mesas nem carteiras nem lousas, e as paredes eram tão sujas que nelas se podia escrever com giz, portanto serviam perfeitamente bem como quadro-negro. Entre os professores havia os usuais padres ou ex-soldados, mas também ex-universitários que precisavam de emprego. Em outubro do ano anterior haviam eclodido manifestações depois que o governo introduziu uma série de malfadadas reformas universitárias, incluindo a frequência obrigatória e o pagamento de taxas proibitivas para muitos estudantes. Como resultado muitos deles acabaram expulsos. Cada estudante-professor recebia cinquenta copeques por mês, portanto os salários mensais variavam em média dez rublos. Os professores também recebiam um honorário por sua contribuição com a revista *Iásnaia Poliana*.

A primeira edição da revista foi publicada em janeiro de 1862, e teve outras onze. Embora alguns artigos fossem escritos por professores, Tolstói era também o colaborador mais prolífico do periódico. Na primeira edição ele fez um relato do cotidiano da escola em Iásnaia Poliana:

Ninguém traz consigo coisa alguma, nem livros nem cadernos. Nenhum aluno é obrigado a fazer dever de casa. Além de virem de mãos vazias, os alunos não são obrigados a decorar lições, sequer a aula do dia anterior. Eles não se atormentam com o pensamento da tarefa por fazer. Trazem apenas a si mesmos, sua natureza receptiva, e a certeza de que hoje a escola será tão alegre quanto ontem [...]. Ninguém jamais é repreendido por se atrasar. Eles se sentam onde querem: bancos, mesas, peitoris das janelas, poltronas. O horário prevê quatro aulas antes do jantar, que às vezes na prática se tornam três ou duas, e que podem ser sobre assuntos bastante diferentes [...]. Na minha opinião essa desordem externa é útil e necessária, por mais estranha e inconveniente que possa parecer ao professor [...]. De início essa desordem, ou ordem livre, nos assusta, porque fomos educados de outra maneira e estamos acostumados a algo bem diferente. Em segundo lugar, neste como em muitos casos semelhantes, a coerção só é usada por causa de pressa ou falta de respeito pela natureza humana [...].

As ideias e práticas pedagógicas tolstoianas, centradas na criança, eram baseadas na necessidade de completa liberdade para o aprendizado. Além de relatos sobre as atividades cotidianas de sua escola, Tolstói contribuiu para a revista *Iásnaia Poliana* com extensos artigos sobre seus métodos de ensino, argumentando que o tão propalado sistema europeu era repleto de falhas e inaplicável na Rússia, que tinha de encontrar seu próprio caminho. As edições da revista eram acompanhadas de suplementos de leitura para crianças, contendo

histórias escritas pelos próprios alunos das escolas de Tolstói ou comentados pelos professores, além de breves artigos, redigidos em linguagem clara e simplificada, sobre temas históricos. Tolstói investiu uma enorme quantidade de tempo e esforço em suas escolas e amava seus alunos camponeses. O sentimento era recíproco, e para isso contribuiu o fato de que ele tinha começado a se vestir como camponês e tinha uma atitude sem-cerimônia. Tolstói era um maravilhoso contador de histórias, é claro, mas também tomava parte de outras atividades extracurriculares ao ar livre, como guerras de bolas de neve e descidas de tobogã na neve. No Maslenitsa [\[7\]](#) de 1862 Tolstói organizou uma festa em Iásnaia Poliana e convidou cem crianças de diferentes vilarejos, que se regalaram comendo *bliny*.[\[8\]](#) Na Páscoa as crianças recebiam de presente lápis, gaitas de boca e pedaços de calicô que suas mães usavam para fazer camisas.

Se o Ministério da Educação aprovava as atividades pedagógicas de Tolstói, o Ministério de Assuntos Internos tinha uma visão diferente. Assim como os adversários de Tolstói entre os senhores de terras de seu distrito, no entendimento do Ministério de Assuntos Internos as escolas de Tolstói eram focos de anarquia e revolução. A chegada de estudantes radicais foi a gota d'água, e em janeiro de 1862 a polícia secreta começou a produzir um dossiê sobre Tolstói. O arquivo detalhava os contatos do escritor com figuras perigosas como Herzen e Lelewel, o emprego de estudantes politicamente ativos e os problemas que ele havia causado como juiz de paz. Os vizinhos de Tolstói ficaram contentes de abastecer a polícia com denúncias constantes, incluindo a espúria acusação de que Liev tinha uma prensa clandestina. Em pouco tempo a polícia tinha em mãos um alentado dossiê de provas contra Tolstói.

Em meio a essa atmosfera tensa, exacerbada por motins camponeses e agitação estudantil por ocasião da emancipação, a publicação de *Pais e filhos* de Turguêniev em março de 1862 foi como a explosão de uma bomba. Na figura de seu jovem herói, o estudante “niilista” Bazárov, Turguêniev tinha criado o primeiro *raznotchínets* ficcional, mas tanto “pais” quanto “filhos” se sentiram ridicularizados, e o romance causou furor e controvérsia. Como comentou poucos anos mais tarde o primeiro tradutor do romance para o inglês, “houve uma profusão de críticas apaixonadas, calúnias, ataques virulentos [...]. É claro que quanto mais o livro era vilipendiado, mais era lido, e seu sucesso sobrepuja o de qualquer outro livro russo”. É provável que Tolstói tenha sido a única pessoa na Rússia a achar o livro enfadonho. Naquela primavera sua mente estava ocupada

com outras questões. A tensão causada por outros juízes de paz, que obstruíam todas as suas iniciativas, e as montanhas de papelada que seu trabalho gerava eram debilitantes, e Liev começou a adoecer. Para regozijo dos outros senhores de terra, ávidos por se vingarem do homem que arruinara seu corrupto sustento Tolstói pediu demissão do cargo em abril de 1862. Pouco depois partiu para as estepes além de Samara, levando consigo dois de seus pupilos favoritos e o servo Alexei. Liev planejava um tratamento curativo à base de cúmis (leite de égua fermentado), na esperança de revigorar seus nervos debilitados. Os vizinhos hostis de Tolstói descarregaram seu ódio e levaram a cabo sua maior vingança naquele mesmo verão. Em julho de 1862, logo depois que o governo havia determinado o fechamento da revista *O Contemporâneo*, Tcherníchevski foi preso por disseminar propaganda revolucionária e exilado na Sibéria. No mesmo mês a polícia secreta tsarista deu uma batida em Iásnaia Poliana, onde conduziu uma minuciosa busca que se estendeu por dois dias inteiros, na esperança de encontrar material sedicioso. Tia Toinette ficou tão traumatizada pela invasão à tranquilidade de seu lar que adoeceu. Macha, então hospedada em Iásnaia Poliana e dormindo no estúdio do irmão, teve de aturar gendarmes russos vasculhando os papéis do irmão e lendo tudo que ele já tinha escrito na vida. Os policiais reviraram a casa de cabo a rabo, incluindo o banheiro, celeiros e porões, mas foram embora de mãos vazias. Quando retornou de Samara e descobriu o ocorrido, Tolstói ficou lívido, e destilou sua fúria e sua angústia em uma carta veemente a Alexandrine: “Era minha vida toda, meu mosteiro, minha igreja, onde eu encontrava a salvação, e me refugiava de todas as preocupações, dúvidas e tentações da vida”, Liev escreveu, descrevendo o quanto seu trabalho na escola era importante para ele. Temendo que a ação policial tivesse maculado de maneira irreparável sua reputação de probidade junto aos camponeses, Tolstói decidiu fechar suas escolas, e na primavera seguinte todos os professores já tinham ido embora (Gustav Keller, o jovem professor de matemática alemão, tornou-se tutor do filho de Tolstói, Gricha). Mas havia outro motivo pelo qual Tolstói perdeu seu interesse nas escolas: finalmente tinha encontrado a mulher com quem se casaria.

MARIDO, APICULTOR E POETA ÉPICO

O gênero épico está se tornando o único que é natural para mim.

Anotação no diário, 3 de janeiro de 1863

EM ALGUM MOMENTO do outono de 1862 Tolstói recebeu uma visita surpresa do pai e da filha já adulta de uma numerosa família que ele ajudara a evacuar durante o cerco a Sebastópol. Pai e filha ficaram surpresos ao descobrir que Tolstói tinha se casado, e naquele dia teriam uma surpresa ainda maior. Quando a esposa de Tolstói entrou apressada na sala de estar para cumprimentar os visitantes, a bela e alta jovem a quem foi apresentada não conseguiu mais desgrudar os olhos dela. “Como assim, Liev Nikoláievitch”, ela deixou escapar, “esta menina é sua esposa?” De fato, Sófia Andréievna era bastante jovem — tinha acabado de completar dezoito anos —, e devia parecer ainda mais jovem com o vestido marrom de algodão de mangas curtas que estava usando, ao contrário do elegante traje de gala que as visitas esperavam ver em uma condessa. O próprio Tolstói tinha encomendado e comprado o vestido especialmente para Sônia, alegando que não conseguiria encontrar a esposa soterrada sob as pesadas crinolinas e caudas compridas então na moda. Tolstói também não achava que esse tipo de traje formal fosse apropriado para o campo. Sônia tinha engravidado quase imediatamente após o casamento, e o vestido que estava usando naquele dia era folgado e bastante simples. A roupa preferida do próprio Tolstói no campo era um igualmente folgado camisaô cinza de flanela, calças largas e botas.

Tolstói iniciava então os melhores anos de sua vida, mas em momento algum cogitou a ideia de um casamento com igualdade de posições. Aos 34 anos de

idade, Liev tinha plena consciência de que sua noiva era apenas uma criança, e em seus diários chega a se referir a ela assim. Além disso Tolstói era apenas dois anos mais jovem que sua sogra, Líubov Alexándrovna, que ele conhecia desde criança — os pais de ambos tinham sido bons amigos. Quando Liev se casou com Sônia, o irmão caçula dela, Viacheslav, tinha apenas um ano de idade. Entretanto, era conveniente que Tolstói tivesse como noiva uma menina. Como mais tarde comentaria seu filho Serguei, quando se casou Tolstói estava profundamente apaixonado, mas também queria alguém que ele pudesse moldar e educar de acordo com seus próprios gostos. Desde o início Sônia aceitou de bom grado a autoridade moral do marido, e em cartas escritas a Liev nos primeiros anos de casamento se refere a si mesma como sua “filha mais velha”. Numa dessas cartas, Sônia assegura a Tolstói que não se esquecera de seu “conselho paternal”.

E havia a questão da diferença de origem social. Logo no início de suas memórias Serguei aponta que o pai não queria se casar com uma aristocrata como ele. Filha de um médico descendente de um imigrante alemão e de uma nobre russa ilegítima, Sônia certamente não podia se orgulhar de uma genealogia muito impressionante. Ao se casar ela encampou não apenas o título como as opiniões do marido, e gostava de ser a condessa Tolstói. Mais tarde Tolstói renunciaria ao título, mas ela continuaria assinando “Grafinia S. A. Tolstáia (*grafinia* era a forma russa do original alemão *Gräfin*). Sônia jamais teve tempo de ruminar sobre as ideias religiosas e filosóficas que inspiraram a radical mudança de estilo de vida de Liev — estava ocupada demais criando sua família —, por isso para ela era ainda mais difícil adotar um tipo de vida totalmente diferente e renunciar aos valores que ele cuidadosamente inculcara nela durante as primeiras décadas de casamento.

O bisavô de Sônia era Johann Bärs (ou Berhs), oficial da Guarda da Cavalaria da Saxônia, cujo brasão mostra um urso rechaçando um enxame de abelhas, o que condiz com um sobrenome derivado da palavra alemã para “urso”. Em meados do século XVIII Ivan Berhs, como se tornou conhecido em sua encarnação russificada, foi despachado pela imperatriz Maria Teresa para São Petersburgo a fim de dar assistência à imperatriz Elizabeth no treinamento militar de suas tropas. Antes de ser morto em combate em 1758 na Batalha de Zorndorf, Ivan se casou e teve um filho, Evstafi (Gustav), que foi criado em Moscou, tornou-se químico e se casou com a filha de outra família alemã russificada.

Evstafi Berhs perdeu toda a sua riqueza e seus bens no grande incêndio de Moscou em 1812, mas graças a suas relações alemãs conseguiu propiciar aos dois filhos uma educação refinada. Ambos ingressaram na Universidade de Moscou em 1822 e se formaram em medicina com o mais renomado clínico geral russo do século XIX, Nikolai Pirogov. Um dos dois irmãos, Andrei, nascido em 1808, era o pai de Sônia.

A medicina não era uma profissão das mais prestigiadas na Rússia do início do século XIX, e certamente não era um ofício almejado pelos aristocratas. Quando os irmãos Berhs se formaram, com cerca de vinte anos de idade, os médicos mais respeitados ainda eram os estrangeiros, embora fossem tidos como socialmente inferiores. No final da década de 1820, Andrei Berhs tornou-se médico da família Turguêniev (o futuro escritor ainda era menino), e a acompanhou a Paris. Ao longo dos dois anos seguintes ele se dedicou ao aprofundamento dos estudos, à ópera italiana e, ao que parece, à formidável e infeliz mãe de Turguêniev, com quem teve uma filha ilegítima, Várvara, que acabou criando como sua pupila (o que faz de Sônia meia-irmã de Turguêniev). Depois de regressar a Moscou, Andrei começou a trabalhar como médico do senado, que ficava localizado no interior do Krêmlin, e no reinado de Nicolau foi nomeado médico da corte. O cargo lhe deu o direito de ocupar um apartamento acanhado de teto baixo anexo ao Palácio do Krêmlin, a imponente residência de setecentos cômodos do tsar em Moscou. Ali nasceu Sônia em 1844.

A família nunca foi abastada. Tinham criados em seu apartamento do Krêmlin, é claro, mas jamais foram donos de uma propriedade no campo ou possuíram servos. Para o dr. Berhs, trabalhar para o Estado russo significou ingressar no serviço público e na Tabela de Cargos ou Posições Sociais, assim obtendo maior respeitabilidade social. De fato, ao finalmente chegar à oitava posição de assessor colegiado em 1842, Andrei Estáfevitch ganhou o direito de adquirir nobreza hereditária, mas ainda assim era considerado um pretendente bastante inadequado para se casar com Líubov Islávina, a quem pediu em casamento depois de cuidar dela como sua paciente. Além do fato de que a família dela tinha origem aristocrática, da Rússia antiga, embora de um ramo ilegítimo, que considerava Berhs pouco mais que um comerciante, a essa altura ele já estava com 34 anos, e além disso era luterano. Apesar de tudo o casamento seguiu em frente, e Andrei e Líubov tiveram oito filhos. Sônia e suas duas irmãs (ela era a do meio) receberam educação domiciliar, primeiro a cargo de

governantas alemãs. Em 1860, ao completar dezesseis anos Sônia obteve da Universidade de Moscou habilitação para lecionar, ministrando aulas particulares. A essa altura já era íntima da família de Tolstói, uma vez que durante um inverno fizera aulas de dança nas tardes de sábado com os três filhos de Macha, irmã de Liev. Desde pequena Macha tinha sido amiga da mãe dela, e quando os Berhs iam visitar Vária, Liza e Nikolai em casa, às vezes os tios deles Liev e Nikolai também estavam lá.

Quando Tolstói finalmente começou a visitar a família Berhs durante suas viagens a Moscou, todo mundo supôs que estava interessado na filha mais velha, Elizaveta (Liza). Contudo, no verão de 1862 ele voltou suas atenções para Sônia. Foram meses agitados. Quando, naquele verão, a polícia secreta deu uma batida em Iásnaia Poliana, Liev estava nas estepes *bachkires*, fazendo um tratamento curativo à base de cúmis, na tentativa de restabelecer sua saúde. Só ficou sabendo da incursão policial ao visitar os Berhs em Moscou, já no caminho de volta para casa, no final de julho. Dias depois recebeu convidados. Líubov Alexándrovna, acompanhada de suas três filhas e do filho caçula, estava a caminho de Ívitsi, propriedade do pai dela que não ficava longe de Iásnaia Poliana, onde passaria algumas semanas, e decidiu pernoitar na casa de Tolstói. Líubov não ia a Iásnaia Poliana desde a infância, e ficou chocada ao ver o mato crescendo no enorme espaço vazio onde outrora se erguia a antiga mansão da fazenda antes de ser removida por seu novo dono. A ala em que Tolstói se instalara jamais tivera a finalidade de ser a casa principal, e foi bastante difícil acomodar todos. Além dos residentes permanentes (Tolstói, a tia Toinette e sua companheira Natália Péetrovna), Macha ainda estava hospedada lá, e agora havia cinco convidados. Camas foram improvisadas nos sofás listrados em azul e branco de um quarto do andar térreo para as três moças, Liza, Sônia e Tânia, de 27, dezoito e dezesseis anos, respectivamente. Poucos meses depois, Tolstói usaria esse mesmo quarto “espartanamente mobiliado” como estúdio para escrever os primeiros capítulos de *Guerra e paz*.

Depois de conhecerem as dependências da casa, os jovens Berhs ficaram empolgadíssimos quando foram levados ao jardim para colher framboesas. Enquanto isso, graças aos encantos da ingênua filha do meio de Líubov Alexándrovna, Tolstói distraiu-se de sua preocupação com os recentes e desconcertantes eventos. Dias depois, mal haviam chegado a Ívitsi os Berhs foram surpreendidos pela visita de “le Comte”, como o chamavam, que apareceu

montado em um cavalo branco. Foi aí que Tolstói começou a se comunicar com Sônia escrevendo apenas as primeiras letras das palavras com um pedaço de giz, expediente que mais tarde imortalizaria ao descrever Liévin fazendo a corte a Kitty em *Guerra e paz*. É admirável e impressionante a capacidade de Sônia de decifrar instantaneamente as palavras ocultas atrás das letras “V.v.s.s.i.v.n.n.i.v.s.L.Z.m.v.s.v.s.T.”, que em tradução para o português seria: “Sua família tem uma visão errônea sobre mim e sua irmã Liza. Você e sua irmã Tânia devem me defender”. Uma semana depois Tolstói decidiu acompanhar os Berhs na viagem de volta a Moscou, e depois passou as duas semanas seguintes indo visitar (a pé) quase diariamente a *datcha* da família, que ficava oito quilômetros ao norte da cidade, cada vez mais apaixonado por “S”, como ele se referia a ela em seus diários.

Durante esse período eufórico Tolstói tentou se concentrar em um artigo pedagógico que estava escrevendo, mas não teve sucesso. Contudo, conseguiu redigir uma violenta carta a Alexandre II, queixando-se em termos veementes da batida policial realizada em sua propriedade:

Considero vergonhoso ter de asseverar à Sua Majestade que o insulto de que fui vítima foi imerecido. Todo o meu passado, minhas relações, minhas atividades servindo à educação do povo, amplamente conhecidos, e por fim o periódico em que são expressas as minhas mais sinceras convicções poderiam ter valido como prova, a qualquer pessoa por mim interessada, sem a necessidade do emprego de medidas que destruíram a paz e a felicidade alheia, de que jamais fui conspirador, incitador de manifestos, assassinios ou incêndios criminosos. Além do insulto, além das suspeitas de atividade criminosa, e à parte o opróbrio diante da opinião da sociedade e a sensação de eterna ameaça sob a qual sou forçado a viver e trabalhar como resultado de tal visita, sofri uma queda vertiginosa aos olhos da opinião pública, que sempre estimei, que passei anos fazendo por merecer, e que era crucial para a atividade que escolhi — a fundação de escolas para o povo.

Por acaso Alexandre II estava visitando Moscou, o que quer dizer que a carta pôde ser entregue em mãos. O tsar não se deu ao trabalho de responder diretamente a Tolstói, mas em vez disso instruiu o príncipe Dolgorukov, chefe da polícia secreta, a enviar uma carta hipócrita prestando contas ao governador de Tula para que ele então a passasse adiante.

Felizmente Tolstói tinha outras coisas com que se ocupar. Em vez de regressar a Iásnaia Poliana, ele tinha ficado em Moscou quando os Berhs retornaram para seu apartamento no Krêmlin no início de setembro, e pelo menos uma vez a força de seus sentimentos românticos o impediu de se tornar

excessivamente autoanalítico. No ano anterior, quando estava ponderando sobre os méritos de outra mulher como noiva potencial, sua irmã Mária o alertara: “Pelo amor de Deus, não analise demais, porque quando você começa a analisar acaba sempre encontrando uma pedra no caminho, que atravanca toda e qualquer decisão direta, e sem saber como responder a *o que e por quê*, você foge”. O fato é que Tolstói tinha prevaricado e por causa disso o relacionamento amoroso deu em nada, mas dessa vez ele agiu com rapidez, talvez por perceber os perigos do excesso de reflexão. No domingo, 16 de setembro, Tolstói pediu Sônia em casamento, e diante de sua insistência, casaram-se sete dias depois.

O casamento de Tolstói e Sônia foi singular, não somente porque o noivado durou apenas uma semana, tampouco pelo fato de que nos dias imediatamente anteriores à cerimônia Sônia só comeu pepinos e pão preto. Tolstói ofereceu à noiva três opções: voltar a viver com os pais, uma lua de mel no exterior ou iniciar imediatamente sua nova vida em Iásnaia Poliana. Sônia escolheu a última opção. Ela jamais viajou ao exterior. Líubov Alexándrovna sequer teve tempo de preparar um enxoval para a filha, mas Tolstói, movido pela ideia de que não deveria haver entre os dois nenhum segredo quanto ao passado, fez questão de levar a Sônia todos os seus diários para que ela os lesse. Moça inocente e inexperiente, que quase nada conhecia da vida, Sônia ficou profundamente chocada e estilhaçada com o que mais tarde definiu como “excesso de honestidade”. No mês anterior ela entregara a Tolstói um conto autobiográfico mal disfarçado, é verdade, em que narrava a história de uma jovem sendo cortejada por um príncipe de “aparência extraordinariamente desagradável” e opiniões voláteis. Mas dessa vez era diferente. Sônia achou doloroso descobrir sobre o passado dissoluto do noivo, suas conquistas sexuais e relações românticas com camponesas, por mais arrependido que ele estivesse de tudo aquilo. O pai de Sônia, por sua vez, estava furioso. De início ele se opôs ao casamento, pesaroso por ver menosprezada e preterida sua filha mais velha, que deveria ter se casado primeiro, mas aos poucos foi se conformando. A mãe de Sônia também não estava exatamente exultando pelo casamento, e durante um bom tempo usou um tom condescendente com Tolstói, a quem continuou chamando pelo apelido de infância, “Liovóchka”. Contudo, o pai e a mãe de Sônia tinham plena consciência de que ele era um bom partido e de que era bem pouco provável que encontrassem para as outras filhas pretendentes à altura dele.

A cerimônia de casamento foi marcada para as oito da noite, mas atrasou

pelo menos uma hora e meia. Na pressa de fazer as malas e empacotar tudo — em preparação para a jornada rumo a Iásnaia Poliana logo após o casamento —, o criado de Tolstói tinha se esquecido de separar uma camisa limpa para o noivo. Assim, se no apartamento dos Berhs esperava-se que o padrinho do noivo chegasse para anunciar que Tolstói estava aguardando no altar, quem apareceu foi um constrangido Alexei Stepánovitch, a fim de revirar as malas empilhadas fazendo uma busca minuciosa à procura de uma camisa. A cerimônia foi realizada na Igreja da Natividade de Nossa Senhora, no coração do Krêmlin, a minutos do apartamento dos Berhs. Construída no final do século XIV, essa pequena igreja é o mais antigo entre todos os edifícios do Krêmlin, e no século XIX passou a fazer parte do grande palácio construído por Nicolau I (hoje em dia tudo que se vê é seu tambor branco e sua cúpula dourada acima do telhado verde do palácio — não foi devolvida à Igreja Ortodoxa, nem aberta ao público). Ao contrário das majestosas catedrais vizinhas, onde havia celebrações de Estado, esta era uma igreja frequentada por quem vivia e trabalhava no Krêmlin, e na noite do casamento de Tolstói estava abarrotada de penetras e curiosos — funcionários da corte que trabalhavam no palácio —, bem como um pequeno número de convidados. Nenhum familiar de Tolstói compareceu à cerimônia, a não ser tia Polina, que acompanhou Sônia na carruagem no trajeto até a igreja, juntamente com seu irmão Vóloia, de dezenove anos, que carregava o ícone de Santa Sofia, a mártir com que ela tinha acabado de ser abençoada pela mãe e o tio. Serguei, o irmão de Tolstói, estivera em Moscou, mas já tinha partido a fim de organizar uma recepção adequada para o casal em Iásnaia Poliana. Sua irmã Macha estava em Marselha.

No final da noite, depois do champanhe comemorativo e depois de observar o costume russo de se sentar e fazer as orações antes de iniciar uma viagem, os recém-casados partiram na *dormeuse* novinha em folha que Tolstói tinha comprado especialmente para a ocasião: uma carruagem particularmente espaçosa, adaptada para permitir que uma cama fosse montada para os ocupantes. O veículo tinha seis cavalos e era conduzido por um cocheiro e um postilhão. Para Sônia foi difícil abandonar seus familiares, uma vez que ela jamais havia se apartado deles e nunca tinha viajado no outono ou inverno, muito menos à noite. Assim que a carruagem deixou para trás a cidade, a luz dos lampiões das ruas de Moscou deu lugar à mais completa escuridão. Além disso, chovia torrencialmente. Ainda incapaz de criar coragem para se dirigir ao marido substituindo a forma de

tratamento *vy* pelo mais íntimo *ty*, Sônia estava também aterrorizada: ela e Tolstói jamais tinham ficado a sós. O casal mal trocou duas palavras antes de parar em uma estalagem de beira de estrada em Biriulevo, 24 quilômetros ao sul de Moscou, onde passaram a noite de núpcias. “Ela sabe tudo”, “O pavor dela”, “Algo de doloroso” estavam entre os incisivos e telegráficos comentários que Tolstói registrou em seu diário depois que finalmente chegaram a Iásnaia Poliana na noite seguinte. Algumas semanas depois era evidente que Sônia ainda pelejava para aprender a lidar com as “manifestações físicas” do marido, que ela achava apavorantes, mas que descobriu serem bastante importantes para ele.

Tolstói e Sônia foram recebidos por Serguei, que lhes ofereceu pão e água, o típico sinal de boas-vindas da Rússia tradicional, e pela tia Toinette, que segurava nas mãos o ícone da família, a Mãe de Deus do Sinal. Sônia curvou-se em profunda reverência diante deles, persignou-se, beijou primeiro o ícone, depois a tia Toinette. Tolstói fez o mesmo. Ao longo dos dias seguintes Sônia conheceu os vários membros da casa, à medida que vinham apresentar seus cumprimentos ao feliz casal; entre eles estavam o cozinheiro Nikolai Mikháilovitch, a vaqueira Anna Pátrovna, acompanhada de suas filhas Annuchka e Duchka, a velha criada da avó, Agáfia Mikháilovna, sempre cerzindo meias, mesmo enquanto perambulava pela casa, a alegre lavadeira Aksínia Máximovna e suas lindas filhas Pólia e Marfa, bem como o cocheiro, o confeitiro e diversos outros criados e camponeses da propriedade e de vilarejos vizinhos. Em um gesto atencioso, a mãe de Sônia tinha dado a ela trezentos rublos, para que de início ela não tivesse que depender do marido, mas em pouco tempo o dinheiro desapareceu, convertido em presentes para os que vinham felicitar os recém-casados. Daí por diante Sônia ficou totalmente dependente do marido em questões financeiras, e detestava ter de pedir dinheiro a ele. Contudo, a própria Sônia aponta em sua autobiografia que Tolstói jamais fez com que ela se sentisse uma noiva pobretona sem dote, nem que sua fortuna pertencesse apenas a ele.

Iásnaia Poliana agora era domínio também de Sônia, e durante os primeiros dezoito anos de casamento ela praticamente não arredou pé de sua nova casa. De imediato a tia Toinette incumbiu a esposa de Tolstói de administrar a propriedade, entregando-lhe um enorme molho de chaves em uma argola, que mais tarde ela usaria pendurada no cinto. Sônia não fora criada em meio ao luxo, mas ficou perplexa pela austeridade (“quase pobreza”) de seu novo lar. O marido costumava dormir com um travesseiro velho, todo surrado, de couro vermelho,

sem fronha, e não havia sequer uma banheira na casa. Sônia estava determinada a mudar essa situação. Assim que chegou seu enxoval, sua prataria substituiu os antiquados talheres de metal da casa, e um edredom de seda substituiu o de algodão, que, para espanto de Tolstói, ela forrou com um lençol. Sônia bordou as iniciais “L. T.” em vermelho nas roupas de baixo de Tolstói. Depois de encontrar um bicho na sopa, Sônia decidiu cuidar da higiene na cozinha. Não demorou para que o cozinheiro começasse a usar aventais e chapéus brancos, e ela assumiu também a responsabilidade pelo cardápio diário. Com o tempo, Sônia elaborou um livro culinário de Iásnaia Poliana, consistindo de 162 receitas variadas, que iam de “Perdiz em molho de arenque” e “Pato com cogumelos” a “Como preparar lúcio assado”. Havia também receitas tradicionais dos Tolstói, como suflê de amêndoas e pudim de pão preto, ou a receita especial dos Berhs de torta de maçã, e o *kvass* de limão de Marusia Máklakova (comentário: “muito bom”). Sônia acabou criando um sólido laço de amizade com o cozinheiro, de quem gostava muito, embora muitas vezes Nikolai Mikháilovitch ficasse tão bêbado que sequer aparecia para trabalhar e era substituído por sua alegre esposa. No passado ele havia tocado flauta na orquestra de servos de Volkonski, e assumiu a cozinha da casa depois de perder o bocal de seu instrumento, relato que ele mesmo fez a Sônia, com um sorriso triste e amarelo no rosto.

Os primeiros dias e semanas, enquanto Sônia e Liev organizavam juntos a casa, foram uma mistura de alegria incontida e de inevitável atrito causado pelo choque de hábitos e expectativas diferentes de duas pessoas que na realidade mal se conheciam. Logo após o regresso a Iásnaia Poliana Tolstói escreveu a Alexandrine para dizer que sequer sabia que era possível ser tão feliz, e que amava sua esposa mais do que qualquer outra coisa no mundo. Também comentou em seu diário sobre a sensação de experimentar uma “inacreditável alegria”, mas poucos dias depois anotou que tivera uma discussão com Sônia e expressou sua tristeza por constatar que seu relacionamento com ela em nada diferia da relação de qualquer outro casal. A essa altura Sônia tinha retomado seu diário, que ela começara a manter dois anos antes, e ao qual agora se voltava toda vez que sentia estar perdendo a afeição do marido. Certamente ela estava começando a deixar de ser o centro exclusivo das atenções de Tolstói. Até certo ponto, o escritor conseguiu se ocupar de questões domésticas e da felicidade conjugal, mas mais tarde, o prolongado afastamento de seus interesses intelectuais começou a parecer enfadonho. Três semanas depois de casado ele

confidenciou a seu diário: “Todo esse tempo me mantive ocupado com questões chamadas de ‘práticas’. Mas estou achando muito difícil essa ociosidade. Não consigo ter respeito por mim mesmo. Por isso não estou satisfeito comigo nem muito seguro acerca de meus relacionamentos com os outros [...]. *Eu tenho que trabalhar...*”.

Em primeiro lugar, Tolstói estava atrasado com as edições de agosto e setembro de sua revista *Iásnaia Poliana*. Seu entusiasmo pelo periódico já não era o mesmo, mas havia dois artigos para a revista que ele precisava terminar — um deles formulava a ideia tipicamente tolstoísta de que as crianças camponesas tinham mais a ensinar aos professores do que o contrário. No final de setembro, a irmã mais velha de Sônia, Liza — a que tinha sido preterida —, encaminhou um breve artigo sobre Lutero que lhe fôra encomendado por Tolstói. O texto foi concebido como um dos breves relatos históricos que ele esperava que despertassem o interesse das crianças. Fosse pelo fato de ter sido alçada à condição de condessa, fosse pelo puro ciúme de toda e qualquer coisa que afastasse dela o marido, Sônia se ressentia e não gostava do envolvimento de Tolstói com o campesinato. Moça criada na cidade, para ela os camponeses eram criaturas alienígenas, e nem no início do casamento nem mais tarde ela foi capaz de compreender a profunda devoção do marido por eles. Não há dúvida de que Sônia jamais compartilhou o amor de Tolstói pelos mujiques, o que mortificava Liev. Mas havia uma razão adicional para o amargo e ciumento ressentimento de Sônia: ela lera, horrorizada, as anotações no diário de Tolstói sobre seu envolvimento amoroso com a camponesa Aksínia Bazíkina — por exemplo, a afirmação de que ele estava amando “como nunca amei antes!”. Sônia sabia que mais cedo ou mais tarde poderia acabar encontrando a ex-amante do marido, porque é claro que Aksínia não tinha ido embora e continuava trabalhando na propriedade. “Eu andei lendo o início de alguns dos textos dele”, ela anotou no próprio diário em 16 de dezembro de 1862, “e a mera menção ao amor de outras mulheres me faz sentir tão enojada e deprimida que eu gostaria de queimar tudo, absolutamente tudo. Assim eu não teria de ser lembrada de seu passado novamente”.

O problema é que o envolvimento de Tolstói com o campesinato era também de ordem linguística e criativa. Ter combatido na Guerra da Crimeia serviu para revelar a ele o abismo entre as classes instruídas e o campesinato. Relutante em continuar a escrever somente para a nobreza, Tolstói tinha

resolvido tentar transpor o abismo, não apenas escrevendo ficção em que os protagonistas fossem camponeses, mas em uma linguagem desprovida de adornos e um estilo simples e livre de rebuscamentos, próximo da fala camponesa. Seus primeiros experimentos nesse filão haviam resultado em uma série de contos inacabados que ele retomou nos primeiros meses de casado, e Sônia o ajudou a concluir um deles passando a limpo a versão que foi enviada ao editor. Assim teve início o que viria a ser uma parceria extraordinariamente produtiva, em que Sônia atuava como amanuense do marido, realizando um trabalho inestimável de decifrar a caligrafia muitas vezes ilegível e os garranchos com correções que invariavelmente abarrotavam as margens dos sucessivos rascunhos. “Polikuchka”, uma parábola sobre os males da servidão, foi a primeira história que Sônia copiou, e acabou sendo publicada no início de 1863. Outro dos contos de Tolstói sobre a vida camponesa recebeu o título de “Tikhon e Malania”, mas em algum momento de dezembro de 1862 o texto foi abruptamente abandonado, provavelmente porque a protagonista feminina tinha como modelo a camponesa Aksínia. Tolstói jamais retomou o conto, que só veio a lume após sua morte.

O casamento tirou Tolstói do caminho que ele havia começado a trilhar e que o levava para mais perto do campesinato. O escritor embarcava agora em um longo mas produtivo desvio de rota que acabou resultando em *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*. Talvez as mudanças de direção de Tolstói agora não fossem mais tão frequentes quanto aquelas de seus vinte e poucos anos de idade, porém não eram menos violentas. Por dois anos e meio ele tinha dado as costas para a arte, mergulhara de cabeça em atividades educacionais revolucionárias e atuara como árbitro da paz. Agora estava se preparando para dar as costas ao trabalho junto aos camponeses, deixar para trás essa vida e retornar ao *milieu* cultural de sua classe. Mas antes de seguir em frente ele precisava cumprir suas obrigações para com o editor Mikhail Kátkov, que em fevereiro de 1862 lhe emprestara mil rublos para pagar dívidas de jogo. Foi a última vez que Tolstói apostou dinheiro. Nos termos do acordo, Kátkov detinha os direitos de publicar a “Novela do Cáucaso” de Tolstói na revista *Mensageiro Russo*. Entretanto, o texto ainda estava longe de ser concluído. Em vão Tolstói tentou persuadir Kátkov a lhe permitir que enviasse o dinheiro e não o manuscrito, mas por fim se rendeu e trabalhou com afínco para dar forma definitiva aos vários esboços do texto.

Tolstói vinha trabalhando havia dez anos na novela — mais tempo do que qualquer outro texto que ele publicou na vida —, que foi passando por várias

mudanças à medida que ele lia e absorvia obras como a *Iliada*. Por fim, o que acabou sendo publicado na edição de janeiro de 1863 de *Mensageiro Russo* foi uma novela intitulada *Os cossacos*, mas uma vez que Tolstói demorou muito para entregar o manuscrito, a revista só apareceu de fato no final de fevereiro. Ele tinha planejado escrever uma continuação, ideia que continuou cogitando, mas a bem da verdade sua mente já estava ocupada por outras coisas. *Os cossacos* é uma espécie de metáfora de inspiração rousseaniana da jornada espiritual empreendida por Tolstói na década anterior ao seu casamento. Conta a história de Oliênin, jovem aspirante a oficial de Moscou, que fica alojado em um vilarejo cossaco durante o período em que se engaja nos exércitos do Cáucaso. Ele inveja a liberdade dos aldeões cossacos, percebendo que neles havia dignidade e nobreza naturais, e se apaixona perdidamente por uma jovem cossaca particularmente fascinante. Oliênin acaba constatando que não é capaz de sobrepujar sua origem social aristocrática e cosmopolita de modo a tornar-se uma criatura integrada à natureza como os cossacos, e conclui que precisa voltar à sua antiga vida. Algo semelhante aconteceu com o próprio Tolstói assim que se casou; em cartas a sua confidente mais íntima, Alexandrine, ele próprio reconheceu abertamente o fato de que sua maneira de encarar a vida tinha mudado. Agora ele estava pronto para voltar a escrever ficção sobre os membros de sua própria classe, para um público letrado.

Em janeiro de 1863 Tolstói anunciou à imprensa moscovita que sua revista *Iásnaia Poliana* deixaria de ser publicada. No mesmo ano suas escolas também seriam fechadas, o que fez com que os professores-alunos se dispersassem. Sônia não lamentou a debandada: grávida, ela compareceu a algumas reuniões realizadas na acanhada sala de estar da casa, e a densa fumaça do tabaco a deixara nauseada. Assim que começou a se sentir em casa em Iásnaia Poliana Sônia passou a detestar a presença dos alunos na propriedade, uma vez que vinham de origem social diferente da sua e afastavam dela seu marido. Em todo caso Tolstói ainda precisava publicar a edição de dezembro de 1862 da revista *Iásnaia Poliana*, e concluiu seu derradeiro artigo para o periódico em 23 fevereiro de 1863. Dois dias depois Sônia escreveu à irmã Tânia para contar que o marido dera início a um novo romance. Era *Guerra e paz*. O livro só seria concluído depois de seis anos de trabalho, mais de cinco mil páginas manuscritas, inúmeros começos em falso e diversos títulos diferentes. Na empolgação que tomou conta de Tolstói logo após seu casamento, ele declarou que gostaria de ter a liberdade

de trabalhar em um projeto de longo prazo (*“de longue haleine”*), mas nem mesmo ele podia ter imaginado que seria preciso dedicar tamanho fôlego a esse novo romance.

Assim como os recém-casados precisaram de vários meses para se aclimatar um ao outro, Tolstói precisou de boa parte do ano para encontrar o foco de seu novo romance, mas não restava dúvida de que queria aproveitar essa energia criativa para compor uma obra de ficção substancial. Primeiro ele revisitou uma ideia com a qual vinha lidando desde 1856, sobre o destino de um capão malhado famoso por sua velocidade. “Kholstomér: a história de um cavalo” é uma de suas narrativas mais extraordinárias. Mais tarde Tolstói reescreveu a história e criou um narrador em terceira pessoa, mas grande parte da história é contada do ponto de vista do cavalo. Certo verão, Tolstói foi visitar Turguêniev, e quando os dois voltavam para casa após uma caminhada noturna encontraram um velho e macilento cavalo parado em um pasto; definhando, o cavalo só tinha forças para abanar o rabo a fim de afugentar as moscas. Tolstói foi afagar o cavalo e fez comentários sobre o que o animal devia estar pensando, o que levou Turguêniev a observar que em outra vida o amigo devia ter sido cavalo. “Kholstomér” foi escrito entre 1860 e 1863, mas Tolstói não ficou contente com o resultado e deixou a história de lado, retomando-a apenas cerca de vinte anos depois, instigado pela esposa.

De início o trabalho na propriedade também distraiu Tolstói de seu propósito, especialmente com a aproximação da primavera. Cheio de energia renovada, Liev comprou gado, ovelhas, pássaros e porcos e tentou, em vão, fazer com que Sônia se interessasse por atividades como a ordenha e a fabricação de manteiga. Além de estar grávida, Sônia era uma mulher da cidade e achava insuportável o cheiro de esterco nos estábulos. Durante certo período, Tolstói se interessou por uma destilaria que ele construiu com seu vizinho e amigo Alexander Bíbikov. Movida por argumentos morais, Sônia tentou dissuadir o marido de levar adiante tal projeto, mas ele alegou que também precisava de grãos para sua criação de porcos. Em todo caso a destilaria funcionou por apenas dezoito meses. Bem mais recompensadora foi a plantação de mil macieiras na propriedade de Nikólskoie e um pomar de cerca de 6.500 árvores em Iásnaia Poliana. A cada primavera as árvores produziam nuvens de flores cor-de-rosa e brancas, que aos olhos de Tolstói sempre pareciam prestes a sair flutuando céu afora. O pomar sempre superou em escala a criação de gado de Tolstói, que

nunca deu lucro exorbitante; de fato, acreditava-se que o pomar de Iásnaia Poliana era o segundo maior da Europa. Em meados da década de 1870 Tolstói tinha aumentado seu tamanho de dez para quarenta hectares. Sônia gostava de ajudar no plantio de árvores — era um aspecto da atividade agrícola que ela não considerava repugnante. Naquele outono ela experimentou pela primeira vez a sensação de testemunhar o ar da propriedade sendo invadido pelo aroma de milhares de maçãs amadurecendo. Em maio de 1863, quando Sônia estava a poucas semanas de dar à luz, tornou-se fisicamente incapaz de tomar parte nas tarefas, mas isso não impediu Tolstói de censurá-la por sua inatividade.

Depois de se casar, Tolstói também cultivou um intenso interesse por abelhas. Comprou do avô de Sônia algumas colmeias e as instalou numa parte remota da propriedade, distante cerca de dois quilômetros da casa da família, no bosque de tílias e choupos além do rio Voronka. Mais uma vez Sônia tentou e não conseguiu compartilhar essa paixão do marido. Mais tarde ela escreveu em sua autobiografia:

A natureza apaixonada de Liev Nikoláievitch se revelava inteiramente em seu entusiasmo. Ele se entusiasmava pelas coisas mais diversas: jogos, música, grego [antigo], escolas, porcos japoneses, pedagogia, cavalos, caça — a bem da verdade, tantas coisas que é impossível contar. E isso sem incluir seus interesses intelectuais e literários: eram absolutamente extremados. Ele se empolgava loucamente por tudo com toda a força de seu entusiasmo, e se não conseguisse convencer quem quer que fosse acerca da importância da atividade na qual mergulhava, era bem capaz de hostilizar seu interlocutor.

Ao longo de sua infância em Moscou, Sônia nunca tinha ficado sozinha. Agora, enquanto Tolstói cuidava de seus interesses, ela se via inteiramente só em casa e se tornou bastante solitária, conforme registrou em seu diário. Durante o verão de 1863, quando o marido passava dias inteiros com suas abelhas, às vezes ela caminhava pelos campos para levar-lhe o almoço ou um copo de chá à noite, e o encontrava com uma rede na cabeça arranjando os favos de uma colmeia ou capturando um enxame. Depois de se sentar e receber algumas picadas, ela encarava uma solitária caminhada de volta. Além de ler sobre apicultura, Tolstói passava horas inspecionando os padrões de comportamento de suas abelhas, auxiliado por seu apicultor, um velho com uma comprida barba cinza. Durante o verão ele também contava com a ajuda de Nikolai, o jovem filho do jardineiro. A dedicação de Tolstói ao apiário de Iásnaia Poliana arrefeceu depois de cerca de dois anos, mas deixou marcas em sua literatura. Primeiro há o famoso símile épico em *Guerra e paz*, tomado de empréstimo da *Eneida* de Virgílio, em que

Moscou é comparada a uma colmeia sem abelha-rainha. De modo inverso, Tolstói pensou em uma colmeia ao retratar a atmosfera do baile em *Anna Kariênina*, e em outro momento do romance ele descreve abelhas em seu primeiro voo após a realocação do colmeal para o verão. A precisão de seu vocabulário, negligenciada pela maior parte dos tradutores, nos diz muito sobre o rigor que aplicava a seu estudo da apicultura.

Além da prolongada visita de Tânia e Sacha, irmã e irmão de Sônia, acompanhados de dois sobrinhos, no verão de 1863, Tolstói teve outra grande distração, que o afastou de sua produção ficcional. Em meados de junho, marido e esposa pararam temporariamente de escrever e ler seus respectivos diários, e pelo menos por um breve período Sônia tornou-se o centro das atenções de Tolstói: em 28 de junho nasceu o primeiro filho do casal. Em sua autobiografia Sônia não descreve o nascimento de Serguei como um evento jubiloso. Não apenas porque o menino veio ao mundo uma semana antes do previsto, o que pegou toda a família desprevenida. Líubov Alexándrovna conseguiu chegar a tempo, mas o enxoval que ela mandara trazer de Moscou não. O recém-nascido teve de ser embrulhado em um dos camisões que Tolstói usava para dormir antes de ser colocado num grosseiro berço de tília feito pelo carpinteiro da família. Tanto a parteira, Mária Ivánovna, quanto o dr. Chmigaro, médico-chefe da fábrica de armamentos de Tula, eram exilados poloneses, cujo número havia aumentado exponencialmente depois que o governo reprimira brutalmente a revolta polonesa em janeiro daquele ano. Comparados aos milhares de poloneses deportados para a Sibéria, o médico e a parteira dos Tolstói tiveram destino bem mais tranquilo. Ao longo dos 25 anos seguintes, Mária Ivánovna faria muitas viagens entre Tula e Iásnaia Poliana — ela assistiu Sônia em todos os treze partos (exceto um). Cinco dos filhos do escritor não chegaram à maioridade.

Tolstói não tinha abandonado de todo seus modos populistas, e agora se recusava terminantemente a permitir que Sônia recorresse a uma ama de leite, apesar da mastite que a impedia de amamentar o pequeno Serguei. Líubov Alexándrovna achava exasperante ver sua filha obedecendo mansamente aos caprichos do marido, e deve ter ficado aliviada quando seu próprio marido interveio com um pouco de bom senso. Em diversas ocasiões o ríspido dr. Berhs já tinha perdido a paciência com as ideias nada ortodoxas de seu genro. Por exemplo, ficou chateado e ofendido com um artigo pedagógico que Tolstói publicara no ano anterior condenando a educação universitária, e fez questão de

enviar ao escritor uma carta manifestando seu desagrado. Em agosto de 1863, o dr. Berhs escreveu a Liev e Sônia dizendo que ambos tinham enlouquecido. “Esteja certo, meu amigo Liev Nikoláievitch, de que a sua natureza jamais se tornará a de um camponês, assim como a natureza de sua esposa jamais será capaz de tolerar o que pode ser tolerado pela Pelageia, que espancou o marido e a estalajadeira em uma taverna nos arredores de São Petersburgo (veja as edições 165 e 166 da *Gazeta de Moscou*).” Tolstói, ele comentou em tom mordaz, era muito talentoso para escrever e conversar, mas não era tão inteligente quando se tratava de coisas práticas.

Tolstói demorou a adquirir sentimentos paternais por Serguei. Ele se recusava a pegar o bebê no colo, e só começou a amá-lo quando o filho já estava com quase dois anos de idade e muito adoecido. “Foi uma sensação completamente nova”, Tolstói escreveu em seu diário em março de 1865. Entretanto, foi com o nascimento de Serguei que tiveram início os anos mais felizes do casamento dos Tolstói. A relação de Sônia e Liev ficou mais forte e mais estável, levando-o a declarar — na única anotação que fez em seu diário em todo o ano de 1864 — que ele e Sônia eram mais importantes um para o outro do que qualquer outra pessoa no mundo. Sônia não tinha mais tempo para se sentir entediada ou solitária, e, na condição de mãe, agora estava cumprindo todas as expectativas do marido sobre o que era ser mulher, mas também estava fazendo mais do que isso. Ao ficar acordada até tarde passando a limpo em cuidadosa caligrafia os garranchos ilegíveis do marido — o que dava a ela a sensação de envolvimento na vida criativa dele —, Sônia assumia papel indispensável para a produtividade artística de Tolstói. Essa profunda felicidade na vida pessoal do escritor estava intimamente relacionada à extraordinária energia criativa que brotava dentro dele, e que seria expressa no processo de escrita de *Guerra e paz*. Ele escreveu sobre isso em carta a Alexandrine datada de outubro de 1863:

Jamais senti todas as minhas energias intelectuais e mesmo as energias morais tão livres e tão capazes de trabalhar. E tenho um trabalho dentro de mim neste momento. Essa obra é um romance sobre o período de 1810 a 1820 [...]. Agora sou um escritor com toda a força da minha alma, e estou escrevendo e pensando como jamais escrevi e pensei antes. Sou um marido e um pai calmo e feliz, sem nada a esconder de ninguém, e nenhum outro desejo a não ser o de continuar assim...

Dois outonos depois, em setembro de 1865, Tolstói anotou em seu diário que o tipo de felicidade que ele compartilhava com Sônia era privilégio de

poucos, de um casal em um milhão.

As primeiras partes de *Guerra e paz* começaram a aparecer em 1865 sob o título “O ano de 1865”. *Pais e filhos*, de Turguêniev, tinha sido publicado integralmente numa única edição de uma revista em 1862, mas em termos de extensão correspondia a apenas uma fração de *Guerra e paz*. O mais habitual era que as obras em prosa de maior fôlego aparecessem em partes nos principais periódicos literários do país antes de ganharem edição em forma de livro. Foi assim que Tolstói procedeu, mas dada sua propensão para mudar de ideia e submeter as provas a correções e revisões incessantes, era um empreendimento arriscado. Fiel à forma, ao publicar as primeiras partes de *Guerra e paz*, sob contrato com o *Mensageiro Russo*, Tolstói já tinha mudado completamente suas ideias sobre os rumos que o livro devia tomar. Mesmo depois que começou a publicar o romance sob seus próprios auspícios, já em forma de volumes, ainda não tinha chegado a uma ideia definitiva e seguiu alterando o texto também nas décadas de 1870 e 1880, o que inevitavelmente resultou em mais confusão. Na década de 1920 um estudioso de Tolstói sentiu-se inclusive obrigado a escrever um artigo acerca das dificuldades de estabelecer o texto canônico do romance.

O impulso de Tolstói de escrever sobre os eventos de 1805 tinha origem em seu interesse pelos dezembristas — grupo de oficiais que encabeçaram um malogrado levante armado em dezembro de 1825, por ocasião da ascensão de Nicolau I. A ocupação de Paris após a derrota de Napoleão em 1814 abriu os olhos desses jovens oficiais para um sistema de governo mais esclarecido, e eles retornaram à Rússia esperançosos de que Alexandre I, de mentalidade liberal, agora introduzisse reformas políticas. Frustradas as suas esperanças, eles recorreram à conspiração com o objetivo revolucionário de substituir o jugo autocrático por uma república, ou ao menos uma monarquia constitucional. O motim na Praça do Senado em São Petersburgo após a morte de Alexandre I resultou em um retumbante fracasso, e os líderes dezembristas foram punidos com a execução ou o exílio na Sibéria. O temor da revolução marcou todo o reinado de Nicolau I. Em 1856, como parte do programa de liberalização da sociedade russa empreendido por Alexandre II após a morte de seu pai, o novo tsar anistiou os dezembristas que ainda cumpriam sentença no exílio siberiano, e entre eles estava o parente distante de Tolstói, o príncipe Serguei Volkonski. Era Volkonski, que conheceu pessoalmente em Florença, que Tolstói tinha em mente quando pensou pela primeira vez em escrever um romance sobre os dezembristas.

Porém, logo descobriu que precisava de um número maior de personagens e que para dar vida à história que queria contar também precisava voltar a 1812. Isso por sua vez levou-o a constatar que na verdade precisaria recuar até 1805, início da guerra entre a Rússia e França de Napoleão. Como ele mesmo explicou em um dos muitos prefácios que esboçou para o romance e que refletem o quanto iam mudando suas ideias sobre a concepção do livro: “Eu tinha vergonha de escrever sobre nossa vitória na luta contra a França napoleônica sem escrever sobre nossos fracassos e nossa desgraça”. O plano inicial de Tolstói era, então, captar artisticamente a história de sua nação ao longo de um período de cinquenta anos e chamá-lo de “Três eras”. A primeira “era” abarcaria os eventos de 1805 a 1812, a segunda se concentraria na década de 1820, e em particular na fatídica insurreição de 1825, ao passo que a terceira levaria a ação para a década de 1850, incorporando a desastrosa Guerra da Crimeia, a repentina morte de Nicolau I e a anistia aos dezembristas em um período de esperança por reformas. Como sabemos, Tolstói acabou se concentrando nos eventos que levaram a 1812 e seus desdobramentos imediatos, e jamais retomou o fragmento inicial sobre o velho dezembrista que regressa da Sibéria para Moscou na década de 1850. Contudo, ao iniciar sua nova obra em 1863, ele não fazia ideia das dimensões que o romance acabaria por tomar.

Se Tolstói conseguiu manter por seis anos sua concentração e uma disciplina de ferro, foi por causa do ambiente favorável em que teve condições de trabalhar, vivendo em sua adorada casa ancestral no coração da Rússia rural, com o pleno apoio de sua amada esposa. Por algum tempo chegou inclusive a transferir seu estúdio para o andar térreo, de modo a não se deixar distrair pela vida familiar. Foi ali, no mesmo cômodo abobadado que fazia as vezes de despensa, onde o velho príncipe Volkonski outrora pendurava presuntos em ganchos presos ao teto e Sônia tinha dormido antes de se casarem, que Tolstói escreveu os primeiros capítulos de *Guerra e paz*, depois de tentar quinze começos diferentes. Isolado do mundo exterior (até 1867 não existia sequer uma conexão férrea para os arredores de Tula), por vezes, no inverno, passando semanas e meses sem receber visitas, Tolstói pôde se debruçar sobre as centenas de fontes que ele havia coligido sobre a história da Rússia durante as Guerras Napoleônicas, e também dar asas à sua imaginação. Até então, boa parte de sua ficção tinha um elemento autobiográfico, mas agora ele também buscava em sua família imediata a inspiração para seus personagens mais memoráveis: a bela e alegre Natacha, seu personagem mais

adorado, reflete em diferentes momentos aspectos da personalidade ora de sua esposa, ora de sua cunhada Tânia. Tolstói também recorreu ao passado de sua família em busca de matéria-prima, projetando o amor da tia Toinette por seu pai na abnegada devoção da personagem Sônia — a irmã adotada de Natacha — por Nikolai (irmão de Natacha). Os hábitos desregrados de seu avô Ilia Andréievitch deram substância ao retrato do conde Rostov, e para contar a história do velho príncipe Bolkonski e sua filha Mária em sua propriedade nas colinas, Tolstói evoca em sua imaginação a vida reclusa que seu outro avô, o príncipe Volkonski, levava com sua mãe solteira em Iásnaia Poliana. No príncipe Andrei há traços da personalidade de seu irmão Serguei, e o desesperado Fiódor Dólokhov foi em parte inspirado por seu primo distante, o fanfarrão Fiódor Ivánovitch Tolstói. Tânia, a irmã de Sônia, gostava de se gabar de ter sido a única e exclusiva fonte de inspiração da personagem Natacha, mas a verdade é que as pessoas de carne e osso da vida real propiciavam a Tolstói apenas a fagulha necessária para que ele criasse. Sua tela em branco era imensa, e não é surpresa alguma encontrar Homero — ao lado de Goethe, Victor Hugo e Stendhal — na lista de autores que nesse período haviam causado nele forte impressão e que ele reconhecia como fonte de influência.

Inúmeros amigos, parentes e conhecidos ajudaram Tolstói no trabalho de pesquisa para *Guerra e paz*, incluindo proeminentes historiadores e seu valoroso sogro Andrei Berhs, que contribuiu de duas maneiras: fazendo um relato de suas lembranças pessoais dos eventos de 1812, que ele presenciou em Moscou quando menino, e arregimentando um exército de velhas senhoras moscovitas para dar seu testemunho e contar histórias. Andrei também ficou incumbido da tarefa de procurar para Tolstói recortes de jornal do período, bem como a correspondência de pessoas que tinham vivido em Moscou durante a guerra da Rússia contras as tropas de Napoleão. Tolstói fazia constantes viagens de pesquisa a Moscou, e uma dessas visitas, no outono de 1864, depois de quebrar o braço, foi particularmente proveitosa. Acompanhado de dois de seus borzóis e montado em seu cavalo Macha, Tolstói tinha saído para caçar e levou um tombo enquanto galopava impetuosamente por um campo arado, no encalço de um coelho que um dos galgos havia avistado. O velho dr. Chmigaro se encarregou de tratar a fratura, mas fez um trabalho tão ruim que sua incompetência obrigou Tolstói a seguir para Moscou a fim de se submeter a outra cirurgia, e lá passou todo o período de convalescença pesquisando sobre a história da Rússia do início do século XIX. Às

vezes isso significava ficar horas no Museu Rumiantsev estudando atenciosamente manuscritos sobre a maçonaria russa; às vezes Tolstói visitava a Biblioteca Tchertkov para ler cartas e relatos memorialísticos e contemplar os retratos dos generais de Alexandre I. Sem essas duas bibliotecas públicas recém-inauguradas em Moscou a tarefa de Tolstói teria sido bem mais árdua. A bem da verdade ele tinha escolhido uma época maravilhosa para escrever um romance histórico.

A década de 1860 não ficou famosa apenas como a era das Grandes Reformas. Foi também uma era de ouro para a literatura russa, com Turguêniev, Tolstói e Dostoiévski no auge do vigor criativo. Foi uma época importante também para a música: Tchaikóvski tornou-se aluno do Conservatório de São Petersburgo, fundado em 1862, e imediatamente depois de se formar foi convidado para dar aulas no Conservatório de Moscou, fundado em 1866 — os dois estabelecimentos foram as primeiras instituições russas voltadas para a formação de músicos profissionais. A inauguração do Teatro Mariinski em 1860 abriu caminho para o florescimento da ópera e do balé russos, e o afrouxamento da censura resultou na publicação de obras literárias até então proibidas, incluindo a autobiografia do arcebispo Avvakum, líder perseguido da seita dos Velhos Crentes, publicada pela primeira vez em 1861 depois de permanecer banida por dois séculos inteiros, devido a temores de que a disseminação do sectarismo fomentasse rebeliões populares. A abertura das primeiras bibliotecas públicas de Moscou era parte dessa grande explosão na vida cultural e intelectual da Rússia, e contribuiu substancialmente para ela. Em 1862, a Casa Páchkov, uma das muitas elegantes mansões russas danificadas no incêndio de 1812, reabriu, renovada, como o Museu Rumiantsev, abrigando uma biblioteca de pesquisa e um importante arquivo e acervo de coleções de arte. (Mais tarde os manuscritos do próprio Tolstói foram depositados ali). No ano seguinte, Grígori, filho de Alexander Tchertkov, disponibilizou pela primeira vez ao público o rico e extraordinário acervo de seu falecido pai, composto de livros e fontes primárias sobre a história da Rússia. A Biblioteca Pública Tchertkov ocupava uma ala — especialmente construída para esse fim — da espaçosa mansão da família no centro de Moscou, e Grígori Tchertkov conseguiu fazer acréscimos ao acervo, aumentando-o para cerca de vinte mil itens. O respeitado historiador Piotr Bártenev tornou-se o primeiro bibliotecário da instituição e, também em 1863, fundador-editor de seu periódico *Arquivo Russo*, que prestava um serviço

inestimável publicando fontes primárias sobre a história russa dos séculos XVIII e XIX, muitas delas vitais para Tolstói durante a elaboração de *Guerra e paz*. Bártenev também se desdobrou para ajudar Tolstói na feitura de seu novo romance, fornecendo uma formidável quantidade de material histórico inédito.

No final de 1864 Tolstói entregou no escritório da revista *Mensageiro Russo* em Moscou o que ele acreditava ser a primeira parte de seu novo romance, intitulado “O ano de 1865”. Os 38 capítulos que submeteu ao periódico correspondem aproximadamente às primeiras duas partes do que hoje é o primeiro volume de *Guerra e paz*, e foram publicados nas edições de janeiro e fevereiro de 1865 da revista. Um dia depois que a edição de fevereiro veio a lume (na verdade em março), Andrei Estáfevitch escreveu aos Tolstói para comunicar que acabara de comparecer a uma recepção oferecida pelo governador-general militar, e que a última obra de Tolstói tinha sido muito comentada. Era o primeiro evento social a que o dr. Berhs comparecia após uma longa convalescença recuperando-se de uma traqueostomia (como funcionário da corte ele teve de pedir permissão especial ao tsar para deixar a barba crescer). Obviamente ele estava contente por poder sair para passear novamente, e informou que o tema das prolongadas negociações de Tolstói acerca de seus direitos autorais eram a fofoca do momento em Moscou. Por julgar que estava em melhor posição para atuar a favor do genro, Andrei Estáfevitch ofereceu seus serviços a Tolstói, mas o acordo já tinha sido firmado.

Foram duras as negociações entre Tolstói e seu editor Mikhail Kátkov. No início de sua carreira, ainda em 1852, Tolstói tinha recebido cinquenta rublos por folha impressa, mas agora achava que podia pedir mais — bem mais. Nikolai Líubimov, professor de física aposentado da Universidade de Moscou e o editor-associado mais próximo de Kátkov (ou seu burro de carga favorito, como era maldosamente conhecido em alguns círculos), foi incumbido de atuar como intermediário, e em novembro de 1864 passou duas horas tentando persuadir Tolstói a voltar atrás e aceitar por sua nova obra a mesma paga de cinquenta rublos por folha impressa. Mas Tolstói sabia do próprio valor, insistiu em trezentos rublos, e conseguiu. Isso significa que Kátkov pagou a seu principal autor três mil rublos pela primeira parte do romance (dez folhas impressas). Era muito dinheiro. Em contrapartida, o editor conseguiu persuadir Tolstói a concordar em publicar em um livro separado os capítulos que compunham “O ano de 1805” depois que já tivessem saído no *Mensageiro Russo*, que na época

tinha por volta de três mil assinantes. Editor e autor chegaram a um consenso e decidiram imprimir uma tiragem de quinhentos exemplares, dos quais Kátkov seria o beneficiário, e o livro começou a ser vendido em junho de 1866, pelo preço de 2,5 rublos. Seria tarefa difícil e infrutífera tentar calcular com exatidão essas cifras em valores de hoje, mas é possível chegar a uma boa noção do valor relativo comparando os honorários de Tolstói ao salário anual médio de um trabalhador braçal no período, cerca de dez rublos por mês — o preço de *Guerra e paz* quando foi por fim publicado em forma de livro. Um professor de escola de vilarejo ganhava cerca de 25 rublos por mês, mesmo salário que Tolstói pagava às governantas que ensinavam seus filhos — ele oferecia também moradia e alimentação.

O ano de 1866 foi uma espécie de *annus mirabilis* para Mikhail Kátkov, já que nas páginas de sua revista foram publicados, ao mesmo tempo, *Guerra e paz* e *Crime e castigo*. Dostoiévski não era o mais fácil dos escritores, mas nessa época era bem mais responsável que Tolstói. Embora tenha pelejado para cumprir os prazos do envio de capítulos mensais de *Crime e castigo*, Dostoiévski conseguiu honrar seu compromisso e o romance foi concluído em dezembro de 1866. (Se Tolstói leu o livro, o que é improvável, não registrou suas impressões.) Com *Guerra e paz* as coisas foram bem mais complicadas. A essa altura Tolstói tinha um novo título, “Bem está o que bem acaba”, projetando um final feliz diferente do que ele havia concebido de início, e diferente também da versão definitiva do romance. Tolstói ainda acreditava que conseguiria terminar o romance no ano seguinte, e naquela primavera deu início a prolongadas — e no fim das contas, decepcionantes — discussões com um artista a quem havia encomendado ilustrações para a publicação do livro.

Kátkov queria continuar publicando em forma de folhetim as partes seguintes do romance de Tolstói em 1867, antes de dar à obra a forma de volume. Assim, uma nova rodada de negociações teve início em novembro de 1866; uma vez que na primavera seguinte editor e autor ainda não haviam chegado a um acordo, em junho de 1867 Tolstói assumiu a empreitada por conta própria. Optando por nadar contra a corrente — primeiro publicar o restante do romance em capítulos mensais em uma revista, no tradicional estilo russo —, ele decidiu editar a obra em volumes separados, à medida que fossem sendo concluídos. Tolstói pediu ajuda a Piotr Bártenev. Como resultado, a forma final de *Guerra e paz* mudou radicalmente, e para se ter uma ideia aproximada acerca da

natureza dessas mudanças basta consultar a lista de “méritos notáveis” compilada por um editor comercial moscovita da pretensa “primeira edição completa do grande romance concluído em 1866, antes que Tolstói o retrabalhasse em 1867-1869”.

1. Duas vezes mais curto e cinco vezes mais interessante.
2. Quase desprovido de digressões filosóficas.
3. Cem vezes mais fácil de ler: todo o texto em francês foi substituído por russo, em tradução do próprio autor.
4. Muito mais “paz” e menos “guerra”.
5. O príncipe Andrei e a princesa Rostov não morrem.

Igor Zákharov, o editor em questão, baseou-se em edições idôneas e abalizadas para compilar a versão do romance que ele publicou no ano 2000, mas seus esforços de popularização foram ridicularizados na televisão russa e também se tornaram alvo do ataque de críticos literários ávidos por preservar a integridade da obra-prima de Tolstói. Certamente Zákharov não foi sincero ao afirmar que estava oferecendo aos leitores o “verdadeiro Liev Tolstói” e o “verdadeiro *Guerra e paz*”, uma vez que só mais tarde Tolstói traduziu o material em francês no romance, para a edição de 1873. Entretanto, essa “edição” — traduzida para o inglês em 2007 — é útil no sentido de realçar o impacto que a colaboração de Tolstói e Piotr Bárténiev teve na futura versão de *Guerra e paz*, o que está intimamente relacionado com o maior número de fontes históricas que ele agora consultou. Certa vez Tolstói comentou que recorrer a Bárténiev com indagações de pesquisa era como abrir a torneira de um samovar.

Tolstói assinou um contrato com Bárténiev e um tipógrafo de Moscou para publicar seu romance em junho de 1867. Agora finalmente vinha chamando o livro de *Guerra e paz*, ao que parece sob a influência do tratado de mesmo título (*La Guerre et la Paix*) que Proudhon publicara em 1861 e que saíra em tradução russa em 1864. Talvez Tolstói também tenha sido influenciado por Herzen, que em 1859 escrevera três artigos com o mesmo título. Tolstói e Bárténiev concordaram em lançar uma tiragem inicial de 4800 exemplares de seis volumes separados, correspondendo às seis partes em que o romance era então dividido, com preço planejado de oito rublos. Pelo trabalho de copidesque do livro e por lidar com o censor, Bárténiev ficaria com 15% dos lucros, e os livreiros

receberiam 20%. O pai de Sônia ainda continuava claramente interessado em se envolver, e acabou se mostrando útil quando Tolstói se viu às voltas com inesperados atrasos no recebimento das primeiras provas. No verão de 1867, Andrei Estáfevitch despachava boletins regulares para Iásnaia Poliana a fim de informar o escritor do que estava acontecendo em Moscou: a que horas Bárténiev visitava sua *datcha*, o que o editor dizia e assim por diante. Nesse ínterim, por sua vez Tolstói percebeu que a primeira metade do primeiro volume era bem mais extensa que a segunda. Começou a fazer cortes na primeira parte, que a seu ver melhorou consideravelmente, e também solicitou a Bárténiev que eliminasse o maior número possível de recuos nas margens (na abertura de parágrafos) na primeira metade e os aumentasse na segunda. Isso deu origem a alguns parágrafos bastante longos.

Enquanto revisava e corrigia as provas dos primeiros capítulos para a publicação dessa nova edição, Tolstói obviamente continuava escrevendo e pesquisando para as partes seguintes do romance. Em setembro de 1867 ele realizou um tipo diferente de pesquisa. Sua narrativa estava chegando à parte da crucial da Batalha de Borodino, e a fim de aprofundar sua compreensão da movimentação dos 250 mil soldados que tomaram parte do combate ele decidiu inspecionar *in loco* o campo de batalha, localizado nos arredores do município de Mojaisk, cerca de 112 quilômetros ao oeste de Moscou. A Batalha de Borodino foi o confronto decisivo entre o Grande Exército de Napoleão e as forças russas comandadas pelo general Kútuzov em 1812, portanto ocupa lugar fundamental na história russa, e também em *Guerra e paz* — aparece mais ou menos na metade do romance. A batalha ocorreu durante um único e longo dia, mas ocupa vinte capítulos na narrativa épica de Tolstói, incluindo comentários digressivos do autor. Combinando as perspectivas grandiosas de duas figuras históricas, Napoleão e Kútuzov, com o ponto de vista “ao rés do chão” de personagens ficticiais como o príncipe Andrei, no comando do regimento, e de Pierre, civil que inadvertidamente é enredado na grande confusão, as táticas artísticas de Tolstói se igualam às mais sofisticadas e eficazes estratégias militares, ao passo que sua campanha contra historiadores profissionais não é menos agressiva.

As tropas de Napoleão tinham marchado implacavelmente Moscou adentro desde a invasão ao território russo em junho de 1812, e a velocidade do avanço do exército francês levou Alexandre I a nomear o venerando príncipe Kútuzov como seu comandante em chefe poucos dias antes da histórica batalha, em

substituição ao general conde Barclay de Tolly. Kútuzov, então com 67 anos de idade, era profundamente respeitado por todos os escalões do exército russo. Ao contrário de Barclay de Tolly, descendente luterano de uma família escocesa que tinha se fixado na província germano-báltica da Livônia no século XVII, Kútuzov era russo de quatro costados. Ele posicionou sua linha de defesa de Moscou no vilarejo de Borodino. Foi ali, na madrugada de 7 de setembro de 1812, que os dois exércitos travaram o sangrento confronto. As baixas foram enormes — o exército russo perdeu 44 mil homens; os franceses, 58 mil. Tecnicamente a vitória foi de Napoleão, que marchou adiante depois que Kútuzov bateu em retirada, mas, enfraquecidas, suas forças sofreram um golpe mortal. Tolstói chega à conclusão de que em Borodino os russos tinham obtido uma crucial vitória moral, “uma dessas vitórias que convencem o adversário da superioridade moral de seu inimigo, e de sua própria impotência”. Ele não teve pudores de incluir em seu romance comentários como o seguinte:

A consequência direta da Batalha de Borodino foi obrigar Napoleão, sem qualquer motivo definido, a fugir de Moscou, a bater em retirada ao longo da velha estrada de Smolensk, suportando a perda de um exército invasor de quinhentos mil homens e a derrota da França napoleônica, sobre a qual pela primeira vez se abatera o braço de um adversário com força moral superior.

Meio século mais tarde, quando visitou o campo de batalha, Tolstói encontrou acomodação em um convento local e passou dois dias perambulando pelo vilarejo e pelos campos ao redor de Borodino, na companhia de seu cunhado Stepan Berhs, então com doze anos de idade e empolgadíssimo com a viagem. Tolstói ficou decepcionado por não ter tido a oportunidade de conversar com um recém-falecido veterano da guerra que trabalhara como zelador do monumento à batalha erguido no meio do campo, mas usou com extrema eficácia o que viu. Ao desenhar um plano do campo de batalha, anotando qual tinha sido o exato posicionamento das tropas, Tolstói conseguiu mostrar detalhes vitais, tais como em que olhos o sol havia se refletido no amanhecer daquele fatídico dia. Antes de voltar para casa, ele acordou de madrugada e percorreu pela última vez o campo de batalha. O modo distorcido como Tolstói apresenta a história em *Guerra e paz* gerou críticas desde a publicação do romance; de fato, alguns de seus relatos das batalhas de 1812 deixaram apopléticos muitos veteranos de guerra, furiosos com a manipulação de fontes históricas para que se adequassem a seus próprios fins artísticos e ideológicos. Contudo, há consenso geral acerca da autenticidade de

seu retrato dos eventos de Borodino.

Depois de regressar de Borodino, Tolstói terminou a parte do romance que culmina na sedução de Natacha por Anatole Kuragin, o que se dá na metade da versão definitiva do romance, no final do segundo volume. Tolstói considerava esse episódio o ponto crucial de toda a obra, uma vez que funciona como uma espécie de espelho da “violação” napoleônica da Rússia, com a qual coincide, e que ele achou extremamente difícil de escrever — em parte talvez essa dificuldade se explique também porque Tolstói ecoava as recentes experiências de sua cunhada Tânia, que tinha passado por situação semelhante com um pretendente inadequado. A essa altura, decidiu que seria melhor publicar tudo que ele tinha escrito até então em vez de adiar a publicação até ter terminado a parte seguinte (que inclui a Batalha de Borodino). Os três volumes da primeira edição em livro foram publicados em dezembro de 1867 e vendidos a sete rublos. Um crítico protestou por ter de pagar um preço “indecente” pelos três magros volumes com capa amarela e caracteres grandes que a seu ver eram mais apropriados para velhos e crianças. Apesar disso os livros tiveram boa vendagem. O volume seguinte foi lançado três meses depois, em março de 1868, com uma astuciosa estratégia de marketing: quem comprasse os primeiros quatro volumes receberia o quinto de graça, ao passo que quem esperasse pela edição completa teria de pagar mais caro, pois até lá o preço já teria subido. Porém, os livros venderam tão bem que no outono daquele ano veio a lume uma segunda edição, incorporando novas revisões. O público leitor russo ainda era relativamente pequeno, mas não era pouca coisa.

Em 1868 Tolstói estava trabalhando freneticamente para terminar *Guerra e paz*. Quanto mais mergulhava na romance, mais clara ficava sua forma, maiores a inspiração e o senso de propósito de Tolstói. Em todo caso, ele era uma pessoa de extraordinária sensibilidade, e agora, no meio desse enorme jorro criativo, seu amigo Afanasi Fet, o poeta, comparou-o a um grande sino feito do mais fino vidro, capaz de produzir som ao mais leve toque. Foi essa sensibilidade que o instigou a responder a algumas das primeiras resenhas maldosas e críticas negativas, publicando, em março de 1868 — na revista *Arquivo russo*, de Piotr Bártenev — o texto “Algumas palavras sobre o romance *Guerra e paz*” muito antes de terminar o romance, com isso ele pretendia se antecipar a futuros equívocos, embora soubesse que seriam inevitáveis. Primeiro ele enfrentou a traiçoeira pergunta acerca do gênero de seu livro, oferecendo uma definição que

ficou famosa e que apesar de ser citada à exaustão não é necessariamente útil: “Que vem a ser *Guerra e paz*? Não é um romance, muito menos um poema [narrativo], e não é sequer uma crônica histórica. *Guerra e paz* é o que o autor quis e pôde exprimir pela forma como o exprimiu”. Justificando sua aparente falta de respeito pelas formas literárias europeias convencionais, Tolstói acertadamente argumenta que “A principiar por *Almas mortas*, de Gógol, e a acabar em *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski, não existe no período moderno da literatura russa qualquer obra artística em prosa que se eleve um pouco acima da média que se haja submetido à forma do romance, do poema [narrativo] ou da novela”. Tolstói também aborda outros pontos de controvérsia, explicando por que em seu livro tanto os personagens russos como os franceses falam ora russo, ora francês, e empreende uma robusta defesa do direito do artista de divergir dos relatos históricos ao evocar eventos passados. Por fim, explica que a invenção de nomes como Volkonski e Drubetskoi, tão parecidos com os conhecidos sobrenomes das famílias aristocráticas Volkonski e Trubetskoi, foi ditada pelo desejo de que seus personagens ficcionais tivessem nomes que soassem agradáveis e naturais aos ouvidos russos.

Quando escreveu “Algumas palavras” sobre o romance no qual vinha trabalhando de “maneira contínua e exclusiva” ao longo de cinco anos, Tolstói reconheceu abertamente que pudera se aproveitar de “condições de vida muito favoráveis”. Por certo tinha em mente não apenas sua confortável independência financeira e todo o ar fresco e os exercícios físicos que quisesse, mas também o apoio de ordem emocional e prática por parte de sua esposa. Durante os seis anos em que Tolstói escreveu *Guerra e paz*, Sônia deu à luz a quatro crianças, e também sofreu pelo menos um aborto espontâneo (em outubro de 1867). Depois do nascimento de Serguei, Tânia nasceu em 1864, seguida por Ilia e Liev. Quando não estava cuidando das crianças, Sônia trabalhava de bom grado como copista do marido, e assim se envolveu intimamente em sua vida criativa. Por vezes isso exigia uma boa dose de paciência, como ela mesma registrou em sua autobiografia:

Às vezes as provas que já tinham sido corrigidas, finalizadas e enviadas retornavam a pedido de Liev Nikoláievitch para que fossem novamente revistas e recopiadas. Às vezes um telegrama era enviado para solicitar a substituição de *uma* única palavra por outra. Minha alma estava tão imersa no trabalho de passar o manuscrito a limpo que comecei a sentir quando havia algo que não estava totalmente certo; por exemplo, quando havia repetições frequentes da mesma palavra, períodos longos, erros de pontuação,

ambiguidades etc. Eu costumava apontar todas essas coisas para Liev Nikoláievitch. Às vezes ele ficava contente com meus comentários e observações; às vezes ele me explicava por que motivo a frase ou trecho devia ficar do jeito que estava; ele dizia que os detalhes não têm importância, mas que o mais importante é o âmbito geral.

A crer nas memórias de seu irmão Stepan, ao todo Sônia passou a limpo o manuscrito inteiro de *Guerra e paz* sete vezes. Infelizmente essa suposição por demais otimista parece uma quimera de sua parte: em uma nota de rodapé de seu estudo biográfico da vida e da obra de Tolstói entre 1855 e 1869 — um calhamaço de 900 páginas — Nikolai Gusev descarta essa hipótese, que não passaria de mito. Admitindo que alguns capítulos de Tolstói eram de fato retrabalhados e copiados muitas vezes, ele aponta que muitos outros seguiam direto para impressão. Por outro lado, havia inúmeros capítulos que Tolstói reescrevia incessantemente, portanto a contribuição de Sônia não deve ser subestimada. Decifrar a caligrafia execrável de Tolstói e preparar uma versão final legível do manuscrito era uma tarefa hercúlea, e em 1866, durante um período particularmente intenso da composição do romance, uma copista foi contratada para ajudar no trabalho.

Tolstói sabia que às vezes precisava de uma pausa em suas atividades literárias, e de maneira geral seu costume era se concentrar na escrita do outono até a primavera, e então se dedicar a atividades ao ar livre como caça e cavalgada durante os meses quentes de verão, quando Tânia e outros parentes se hospedavam em Iásnaia Poliana. Em 1865 ele descobriu seu entusiasmo por Anthony Trollope, cujo romance, *The Bertrams*, propiciou uma leitura leve, que serviu como alívio e distração de sua imersão na história russa. E durante sua estadia em Moscou, no ano seguinte, por um breve período Tolstói dedicou-se à escultura (não surpreende que a figura de um cavalo tenha sido seu primeiro tema de estudo). Mesmo na velhice Tolstói jamais perdeu a disposição para experimentar novos passatempos. E assim que teve chance começou a usar o meio de transporte da última moda, o trem: a construção de uma extensa rede ferroviária na década de 1860 é também legado da era das Grandes Reformas. A ferrovia Moscou-Kursk foi concluída em 1867, enquanto Tolstói estava trabalhando em *Guerra e paz*, e diminuiu pela metade o tempo de duração de suas viagens.

Décadas depois, quando Iásnaia Poliana tornou-se local de peregrinação para milhares de devotos de Tolstói, o fácil acesso à propriedade se deveu em grande

medida à ferrovia: a estação construída no vilarejo de Iasenki, ao sul de Tula, ficava a apenas seis quilômetros estrada abaixo de Iásnaia Poliana. Muitos seguidores de Tolstói que faziam a jornada julgavam por bem que era seu dever publicar depois um relato da visita. Entre as montanhas de testemunhos memorialísticos de encontros pessoais com o escritor há um que se destaca não apenas em virtude do fato de que foi escrito bem antes de todos os outros, mas também porque é muito bem escrito. Seu autor foi Eugene Schuyler, diplomata e escritor norte-americano que chegou a Moscou em 1868 para assumir o posto de cônsul. Um dos primeiros norte-americanos a receber o título de doutor, Schuyler começou a estudar russo depois de conhecer membros da tripulação do *Alexander Nevski*, a última fragata de madeira da marinha imperial, quando a embarcação atracou em Nova York. Em 1866 ele publicou a primeira tradução estadunidense de *Pais e filhos*, e, no ano seguinte, a caminho da Rússia, conheceu Turguêniev em Baden-Baden. Embora naquele momento a relação entre os dois escritores estivesse bastante fria e distante, Turguêniev deu a Schuyler uma carta de apresentação para Tolstói. O relato da visita que o diplomata fez a Iásnaia Poliana nos oferece um nítido vislumbre da vida de Tolstói no outono de 1868.

Às cinco da tarde do dia 14 de setembro, um sábado, Schuyler, então com 28 anos de idade, embarcou em um trem em Moscou; nove horas depois, às duas da manhã, desceu em Iasenki, onde já era aguardado por uma carruagem de Tolstói. Por causa da chuva torrencial, o trajeto até Iásnaia Poliana levou mais uma hora e meia. Ao chegar, o norte-americano ficou aliviado por saber que na casa “o costume era se recolher tarde” e que habitualmente o desjejum era servido às onze da manhã. No dia seguinte, à mesa do café, Schuyler juntou-se ao conde, sua jovem esposa, os três filhos pequenos — Serioja, Tânia e Ilia —, além da governanta inglesa das crianças. Tolstói, ele descobriu, já estava de pé desde o alvorecer e já tinha ido para a floresta com seus cães e sua arma. O próprio Schuyler foi levado para caçar lebres, e mais tarde acabaria nutrido especial admiração pelos capítulos de *Guerra e paz* e *Anna Kariênina* em que Tolstói descreve primorosamente grupos de caçadores. Até então o diplomata jamais havia empunhado uma arma e se limitara a excursões botânicas em busca de árvores e arbustos, mas agora havia adquirido a experiência direta de uma das maiores paixões de Tolstói:

Para mim foi uma novidade ficar sentado, imóvel, e usar meus ouvidos bem como meus olhos; apreciar os diferentes sons da floresta; saber se foi um graveto ou uma folha que caiu — pois as folhas estavam

caindo [...] distinguir entre os ruídos dos pássaros, especular sobre o ponto de origem de sons desconhecidos, e concentrar toda a atenção nos passos rápidos e miúdos da lebre.

Durante a semana em que entreteve o visitante, Tolstói trabalhou pouco em *Guerra e paz*, mas fez com que o norte-americano o ajudasse a pôr em ordem sua biblioteca, sempre em expansão. No final de sua estadia, Schuyler obteve permissão para traduzir *Os cossacos*, projeto que acabou levando bastante tempo para concluir em função de seus compromissos profissionais. Depois de Moscou, Schuyler foi transferido para São Petersburgo, onde serviu por vários anos, durante os quais empreendeu uma intrépida jornada às novas cidades do Turquistão russo, e depois, em Constantinopla, criou polêmica ao denunciar as atrocidades cometidas pelos turcos contra os búlgaros, ajudando assim a causa nacionalista daquele povo. Como resultado, em 1878 foi removido de seu posto e nomeado cônsul norte-americano em Birmingham, função que evidentemente considerava entediante, uma vez que lá por fim concluiu a tradução de *Os cossacos* (em suas memórias Schuyler teve a sinceridade de admitir que Tolstói não achou muito boa sua tradução). Schuyler e Tolstói tinham em comum um grande interesse por Pedro, o Grande, que Tolstói cogitou como tema para seu romance seguinte. Em 1873 Tolstói acabou abandonando o projeto do livro sobre Pedro para escrever *Anna Kariênina*, mas capítulos do estudo de Schuyler sobre a família do tsar começaram a ser publicados em 1886.

Depois de uma maravilhosa semana de passeios e conversas sobre literatura e educação que invariavelmente avançavam madrugada adentro, Schuyler regressou a Moscou, e assim Tolstói pôde retomar *Guerra e paz*. O quinto volume do romance foi publicado em maio de 1869, e o sexto e último volume veio a lume em dezembro do mesmo ano (foi só quando Tolstói começou a revisar o romance pela terceira vez em 1873, tendo em vista uma nova edição de suas obras reunidas, é que reduziu os seis volumes iniciais para os atuais quatro). Tinha sido uma empreitada e tanto. Durante os seis anos que levou para escrever *Guerra e paz* Tolstói trabalhou com afincamento fenomenal, e Sônia tinha de morder a língua nas frequentes ocasiões em que o escritor se atrasava para o jantar. Em sua autobiografia ela registra que nesses momentos dizia a si mesma que respeitar o horário das refeições era uma preocupação banal para um gênio como seu marido. Ferrenho adepto da ginástica e dos vigorosos exercícios ao ar livre, Tolstói era fisicamente robusto e com certeza tinha o vigor necessário para completar um projeto tão monumental, mas durante o processo de elaboração de *Guerra e paz*

passou por muitos períodos de saúde debilitada. Especialmente mais para perto do fim do livro, houve ocasiões em que Tolstói sofreu terríveis enxaquecas, e em outros momentos seu mal-estar generalizado era tão grande que precisava viajar a Moscou para se consultar com Grígori Zákharin, um dos mais renomados clínicos moscovitas.

Imediatamente após sua publicação *Guerra e paz* caiu nas graças do público leitor e desfrutou de tremenda popularidade, mas também suscitou uma onda de controvérsia. Ninguém tinha dúvida de que Tolstói produzira algo excepcional, e o escritor Ivan Goncharov não exagerou ao proclamar que Tolstói agora havia se tornado “um verdadeiro leão da literatura”. Contudo, por julgarem que ele tinha distorcido a história da Rússia, muitas pessoas da geração mais velha se sentiram afrontadas. Por outro lado, os críticos mais jovens, movidos por motivações políticas e desesperados para que a Rússia seguisse trilhando o caminho das reformas, atacaram os conservadores valores familiares que Tolstói defende no romance, e em particular sua celebração da nobreza. Mesmo quem não tomava partido nem dos velhos nem dos jovens achou desconcertantes as longas digressões de Tolstói. Por sua vez, muitos prosadores russos simplesmente se corroeram de inveja e menosprezaram *Guerra e paz* com comentários destruidores.

Entre os primeiros críticos do romance estava Turguêniev, que ademais tinha motivos pessoais para se irritar e sofrer com o sucesso que seu contemporâneo mais jovem tinha alcançado aparentemente sem muito esforço. Mas no fundo Turguêniev era um homem modesto e generoso, e quando em 1879 a editora francesa Hachette publicou a primeira tradução para o francês de *Guerra e paz* as diferenças entre os dois escritores já tinham sido resolvidas. Agora Turguêniev aproveitava toda oportunidade que tinha para promover Tolstói ao público leitor francófono, que praticamente desconhecia sua obra. O lançamento da tradução francesa de *Guerra e paz* — assinada de forma anônima por “Une dame russe” (a princesa Irina Páskevitch, nascida Vorontsova-Dachkova, uma refinada dama de São Petersburgo) — deu a Turguêniev o ensejo de escrever a Edmond About, editor do jornal parisiense XIX^e *Siècle*. Em sua carta, publicada em 23 de janeiro de 1880, Turguêniev propicia aos leitores franceses uma introdução ao romance e ao seu autor, em um texto que é superlativo em sua concisão e objetividade, e que merece figurar na íntegra como a última palavra acerca deste capítulo da vida de Tolstói:

Caro *monsieur* About,

O senhor teve a gentileza de reproduzir no XIX^e *Siècle* minha carta sobre a abertura da exposição de pinturas de Verechchagin. O sucesso que ousei prever para a exibição, e que inclusive superou minhas expectativas, deu-me coragem de voltar a lhe escrever. Agora escrevo sobre a obra de um artista, mas um artista que cria com a pena na mão.

Tenho em mente o romance histórico de meu colega compatriota, o conde Liev Tolstói, *Guerra e paz*, do qual uma tradução acaba de ser publicada pela Hachette. Liev Tolstói é o mais popular entre os modernos escritores russos, e *Guerra e paz*, se me permite a ousadia, é um dos livros mais extraordinários do nosso tempo. Essa extensa obra é eivada de um espírito épico; nela a vida pública e privada da Rússia nos primeiros anos do nosso século são recriadas por uma mão magistral. Diante dos olhos do leitor desfila toda uma época, rica de grandes eventos e figuras formidáveis (a história começa não muito antes da derrota em Austerlitz e se estende até Borodino); um mundo inteiro se revela, com uma multidão de personagens de todos os níveis da sociedade, tirados diretamente da vida. A maneira pela qual o conde Tolstói desenvolve seu tema é tão nova quanto original; não se trata de Walter Scott e, nem é preciso dizer, tampouco de Alexandre Dumas. O conde Tolstói é um escritor russo até o âmago de seu ser; os leitores franceses que não se deixarem desconcertar por certas passagens longas e monótonas e pela estranheza de certos juízos terão razão ao afirmar, ao final da leitura, que *Guerra e paz* lhes propiciou uma representação mais direta e fiel do caráter e do temperamento do povo russo e sobre a vida russa em geral do que teriam obtido lendo centenas de obras de etnografia e história. Aqui há capítulos inteiros em que nada precisa ser mudado; e há figuras históricas (como Kútuzov, Róstopchin e outros) cujas características ficarão gravadas na nossa memória para todo o sempre; jamais morrerão.

Como o senhor vê, caro *monsieur* About, estou me expressando de maneira extravagante, e ainda assim minhas palavras não conseguem exprimir por completo meus pensamentos. É possível que a profunda originalidade do conde Liev Tolstói impeça que o leitor estrangeiro compreenda com empatia e rapidez o romance, por conta de seu próprio poder, mas eu repito — e eu ficaria feliz se as pessoas acreditassem no que eu digo — que se trata de uma grande obra de um grande escritor, e é a genuína Rússia.

Por favor, *monsieur* About, aceite a sinceridade da minha devoção.

IVAN TURGUÊNIEV.

ESTUDANTE, PROFESSOR, PAI

*A poesia é o fogo que arde dentro da alma de uma pessoa. Esse fogo queima, aquece e ilumina [...]. Há algumas pessoas que sentem o calor, outras que sentem tepidez, outras que apenas veem a luz, e outras que sequer conseguem enxergar a luz [...]. Mas o verdadeiro poeta não consegue evitar: queima dolorosamente, e queima os outros.
É disso que se trata.*

Anotação no diário, 28 de outubro de 1870

DE ACORDO COM UM jornal russo, em meados de 1869 as atenções de praticamente todo o país estavam monopolizadas por *Guerra e paz*, e os leitores aguardavam ansiosamente a conclusão do romance. Tolstói ainda tinha de cuidar da publicação dos últimos capítulos do livro (que por fim foram postos à venda em dezembro daquele ano), mas sua mente estava agitada, com pensamentos voltados a novas direções. A bem da verdade, a essa altura seu interesse pelo romance já estava começando a minguar. Ele passou o verão do ano seguinte mergulhado na filosofia alemã, depois embarcou em um intenso estudo dos contos de fadas e épicos folclóricos russos, pensando em organizar uma coleção de livros que ajudassem as crianças a aprender a ler. Leu Shakespeare e Molière, começou a escrever uma peça. Cogitou a ideia de escrever um romance sobre Pedro, o Grande. E ao mesmo tempo começou a contemplar outro romance completamente diferente sobre as atribulações de uma mulher da alta sociedade na Rússia contemporânea. Também começou a aprender grego antigo. Mas os momentos em que Tolstói se sentia mais feliz era quando sua mente não estava agitada, quando ele simplesmente não pensava em coisa alguma. Partidas de besigue com sua tia propiciavam uma agradável diversão nas geladas noites de

inverno e eram sinal de que ele estava relaxando (em geral, sempre que iniciava uma nova obra ele preferia jogar compulsivamente partidas de paciência), mas do que ele realmente gostava era praticar esqui *cross-country* nos bosques nevados e esquiar na lagoa. Ele ensinava o filho Serguei, então com seis anos de idade, e passava horas executando complicadas manobras. Quando chegava o verão, Tolstói ia trabalhar no jardim, lidando com urtigas e bardanas e arrumando os canteiros de flores. Também ia para os campos e passava dias inteiros ceifando junto dos camponeses. “Não sou capaz sequer de descrever a alegria que sinto ao fazer isso”, ele escreveu a Serguei Úrusov, a quem tinha conhecido e de quem se tornara amigo durante a defesa de Sebástopol. Contudo, mais tarde, nas páginas de *Anna Kariênina*, ele conseguiu descrever essa sensação de êxtase: as passagens mais líricas do romance são dedicadas aos êxtases da sega e não ao desabrochar da história de amor. Com o retorno do outono, retomou a caça, como de hábito, especialmente de lebres e galinhas, mas no ano seguinte, numa expedição com amigos, matou dois lobos.

Quando estava entretido em atividades físicas Tolstói conseguia afugentar os pensamentos sombrios que ameaçavam invadi-lo durante o que ele chamava de “zona morta” na transição entre um projeto literário e outro. Era um período de terrível incerteza, ele escreveu na primeira carta que enviou a Nikolai Strákhov, crítico e filósofo baseado em São Petersburgo e que viria a tornar-se um de seus amigos e confidentes mais íntimos. Homem de formidável intelecto, filho de um padre de província, Strákhov passara a primeira parte da carreira lecionando matemática e ciências naturais, mas agora era funcionário da Biblioteca Pública de São Petersburgo, onde permaneceu até se aposentar em 1885. Ele e Tolstói, a quem o crítico idolatrava, tinham exatamente a mesma idade. Strákhov fora o primeiro a reconhecer a magnitude da realização de Tolstói, nos três artigos que tinha escrito sobre *Guerra e paz*. Depois que o último desses textos foi publicado, em janeiro de 1870, na nova revista eslavófila *A Alvorada*, Strákhov escreveu a Tolstói convidando-o a se tornar colaborador do periódico. Tolstói recusou, explicando que se encontrava em situação lamentável, num minuto concebendo planos ambiciosos e no instante seguinte sucumbindo às dúvidas a respeito de si próprio. Talvez esse fosse o prelúdio necessário para um período de trabalho feliz e autoconfiante como o que tinha acabado de terminar, mas talvez fosse sinal de que ele jamais conseguisse voltar a escrever.

Tolstói sempre considerou que iniciar uma nova obra de ficção era uma

tarefa mentalmente exaustiva, pois antes de seguir em frente com a escrita propriamente dita ele sentia a necessidade de delinear na cabeça as diferentes trajetórias dos personagens, como se fosse uma partida de xadrez. Ele descreveu esse complicado processo em carta a Afanasi Fet em novembro de 1870:

Estou desanimado e não estou escrevendo coisa alguma, achando que trabalhar é uma tortura. Você não pode imaginar o quanto julgo difícil esse trabalho preparatório de arar por completo o campo que eu *tenho* de semear. Pensar em tudo e refletir sobre tudo que pode acontecer com as personagens da obra por vir, que vai ser imensa, e pensar em milhões de combinações possíveis a fim de escolher uma em um milhão é terrivelmente difícil. E é com isso que estou ocupado.

Longe de conseguir desfrutar de uma sensação de realização por ter concluído *Guerra e paz*, Tolstói se sentia atormentado por temores de que estava acabado como escritor. Mas suas angústias eram ainda mais profundas, como registrou Sônia. Ocasionalmente ele se animava, nos momentos em que tinha arroubos de inspiração; porém, no mais das vezes se mostrava mal-humorado e taciturno, convencido de que “estava tudo acabado para ele, que era hora de morrer, e assim por diante”. Estava com 41 anos de idade. Tinha exatamente mais quarenta anos de vida.

Enquanto esteve sob o domínio da vigorosa onda de inspiração que o impelira a escrever *Guerra e paz*, tinha conseguido sufocar suas tendências depressivas, mas agora não via meios de não sucumbir a pensamentos melancólicos, e sua saúde constantemente debilitada também contribuía para o desânimo geral. Dois anos depois de terminar *Guerra e paz* ele ainda se sentia tão desalentado que chegou a confidenciar a Serguei Úrusov que não tinha mais desejo de viver e que jamais se sentira tão infeliz em toda a vida. Interpretando erroneamente os sintomas, que a essa altura o próprio Tolstói ainda não compreendia por completo, Sônia foi ficando cada vez mais ansiosa para que o marido iniciasse outro livro. Ainda levaria dois anos para começar *Anna Kariênina*, empreitada que se mostraria tão árdua quanto a de *Guerra e paz* havia sido estimulante. Mais do que qualquer outro, *Anna Kariênina* é o romance sobre o qual os leitores invariavelmente afirmam que é impossível parar de ler. Tolstói, por sua vez, tinha tão pouco desejo de concluir o livro que teve de se obrigar a seguir adiante. Nem ele nem Sônia tinham consciência disso, mas os anos mais felizes de seu casamento já tinham chegado ao fim.

Se depois de concluir *Guerra e paz* Tolstói foi invadido pela consciência de

sua própria mortalidade, era porque durante o processo de escrita do livro ele tinha começado a enfrentar com seriedade o tema. O primeiro confronto indesejado com a morte se deu por conta de seu envolvimento no julgamento do soldado raso Vassíli Shabunin, submetido à corte marcial em 1866. Esse incidente isolado teve sobre Tolstói um efeito bem maior do que na época ele estava preparado para admitir. Naquele verão os Tolstói tinham recebido a visita de um amigo da família Berhs, Grígori Kolokoltsov, oficial servindo em um regimento de infantaria moscovita aquartelado a poucos quilômetros de Iásnaia Poliana. Em visitas posteriores à casa de Tolstói ele levou consigo seu coronel, Piotr Iunocha, e outro oficial, Alexander Stásiulevitch, e Tolstói gostava de sair para cavalgar com o grupo de militares. Um dia os oficiais perguntaram ao escritor se ele defenderia um dos soldados regulares do regimento que em breve enfrentaria a corte marcial: o soldado raso Shabunin havia agredido seu superior, infração que de acordo com a lei russa era passível de punição com a morte. Ferrenho adversário da pena capital desde que testemunhara uma execução pública em Paris, Tolstói aceitou.

Apesar da apelação de Tolstói, Shabunin foi condenado e sentenciado à morte por fuzilamento. Horrorizado ao ver que uma infração de pouca gravidade pudesse acarretar uma punição tão drástica e inadequada, Tolstói recorreu imediatamente a instâncias superiores, por meio de sua influente prima Alexandrine, mas foi em vão. Talvez isso se devesse em parte à histeria que havia tomado conta da corte em decorrência da tentativa de assassinato de Alexandre II ocorrida meses antes em São Petersburgo. O homem que empunhava a arma, Dmítri Karakozov, um dos primeiros revolucionários russos, também foi sentenciado à morte. Em setembro, poucas semanas depois da execução de Shabunin, Tolstói pediu que o grupo de oficiais — que se sentia em dívida com ele — fosse a Iásnaia Poliana para tocar, em uma homenagem-surpresa ao dia do onomástico de Sônia. Era uma noite quente de verão, e depois do jantar na varanda, servido numa comprida mesa decorada com flores, os convidados dançaram madrugada adentro — Sônia anotou em seu diário que tinha sido uma ocasião bastante alegre, e que o marido estava particularmente animado. Depois disso Tolstói retomou *Guerra e paz*. O suicídio de Stásiulevitch, no ano seguinte, que, ao que parece, deixou Tolstói profundamente abalado, não teve relação direta com a morte do soldado raso Shabunin, mas era um deprimente pós-escrito para um evento que, como mais tarde ficou claro, assolaria sua consciência.

E foi também um período de perdas pessoais. Tolstói nunca tinha sido exatamente próximo de seu sogro Andrei Estáfevitch, nem de seu namorado tio Vládmir, de Kazan, e muito menos de seu desagradável cunhado Valerian Pietróvitch — todos falecidos na década de 1860 —, mas ficou tremendamente chateado com as mortes de Elizaveta, a irmã de sua prima distante Alexandrine, e especialmente de Dária Alexándrovna, que todos chamavam de Dolly, a esposa de seu melhor amigo Dmítri Diákov, que ele conhecia desde os tempos de estudante. Depois, em 1869, seu amigo Serguei Úrusov, já viúvo, perdeu sua única filha, Lídia, ao passo que outro amigo, Afanasi Fet, perdeu em um curto intervalo de tempo a irmã Nadezhda e dois cunhados, Nikolai e Vassíli Bótkin. A amizade de Vassíli e Tolstói tinha mais de uma década, e o escritor ficou arrasado ao saber que ele morreria de maneira súbita, na companhia de amigos que tinham se reunido em sua casa para ouvir a apresentação de um quarteto de cordas.

No verão de 1869 Tolstói também tinha começado a se confrontar com a morte e a vida em termos filosóficos, por meio da leitura de Schopenhauer (1788-1860), pensador famoso por sua visão pessimista do mundo. Um dos maiores filósofos do século XIX, Schopenhauer era estimado por figuras tão diversas como Nietzsche, Wittgenstein, Freud e Jung, mas também atraía mentes criativas pela beleza e simplicidade com que expunha seu pensamento, pela maneira direta com que tratava dos problemas da vida real, em detrimento de abstrações, e também pelo fato de que em seu sistema filosófico a arte ocupava lugar de relevo. Schopenhauer foi um dos primeiros filósofos ocidentais a realizar um estudo sério da filosofia indiana, por meio de traduções então recém-realizadas; a influência das ideias budistas em sua cosmovisão é evidente. Como no budismo, Schopenhauer identificava o sofrimento como algo atrelado às vontades ou desejos e considerava que a arte, juntamente com a resignação e a compaixão, era um dos poucos meios de que o homem dispunha para experimentar uma libertação temporária do sofrimento. As ideias schopenhauerianas sobre a futilidade do esforço humano fizeram perfeito sentido para Tolstói, e o fervor do escritor russo por elas foi tão intenso que ele adquiriu um retrato do filósofo e o afixou na parede de seu estúdio. Tolstói não estava sozinho em sua veneração por Schopenhauer. Muitos outros grandes artistas já julgaram o filósofo alemão igualmente importante, tais como Turguêniev, Thomas Mann e Samuel Beckett, sem mencionar compositores como Richard Wagner, que enquanto Tolstói escrevia *Guerra e paz* estava compondo o ciclo do *Anel*, o equivalente musical do

romance não apenas em termos de escala e ambição, mas também tecnicamente, por meio do uso criativo da repetição.

Por alguma razão os pensamentos mórbidos de Tolstói atingiram o ponto culminante no outono de 1869, quando o escritor fez uma viagem à província de Penza a fim de inspecionar terras que estava pensando em comprar. Ele parou para pernoitar na cidadezinha de Arzamas, e acordou às duas da manhã, exausto mas incapaz de dormir. Embora estivesse fisicamente bem, foi de súbito tomado por um medo de morrer mais intenso do que jamais sentira antes, o que produziu nele um estado de angústia existencial que o escritor definiu como completamente aterrorizante. Muitos anos depois ele recorreu a essa lembrança de extrema desolação emocional quando começou a escrever um conto autobiográfico intitulado “Notas de um louco”, jamais concluído.

Além de sua fixação pela morte, outra nuvem escura surgiu no horizonte de Tolstói depois que terminou *Guerra e paz*: problemas conjugais. Se no começo Liev tratava a esposa como criança, em muitos sentidos ele também era uma criança em sua relação com Sônia. Assim que o casal iniciou uma família Sônia tornou-se uma fonte de proteção maternal, propiciando ao escritor a estabilidade emocional de que ele precisava para se concentrar em sua literatura. É claro que houve alguns incidentes que perturbavam a serenidade dos anos fundamentalmente felizes em que escrevia *Guerra e paz*, mas eram exceções e não a regra, dificuldades passageiras descartadas como aberrações. Agora as coisas estavam começando a se inverter, ou seja, os desentendimentos passaram a ser a regra. Em agosto de 1871, Sônia anotou em seu diário que no inverno do ano anterior, quando ambos estavam adoentados, alguma coisa em seu casamento havia “se quebrado”. Mais tarde Tolstói também se referiu ao fato de que estava tomando consciência de sua solidão depois que “uma corda se romperia” em seu casamento. É óbvio que antes houvera rugas, mas o abismo desse período era mais sério, e o problema veio à tona por causa de visões divergentes acerca do papel da mulher no casamento. Embora Sônia continuasse a se submeter ao marido, ela estava cada vez mais confiante na defesa de suas próprias opiniões, às vezes motivadas por pura necessidade física.

Em fevereiro de 1871 Sônia deu à luz a segunda menina — o quinto filho do casal —, batizada de Mária em homenagem à irmã de Tolstói e que, como ela, imediatamente passou a ser chamada de Macha por todos. Depois de um parto extremamente difícil, Sônia contraiu febre puerperal e quase morreu, o que

compreensivelmente a deixou menos disposta a enfrentar o terror e a dor de outro surto de uma doença que punha em risco sua vida. Ela começou a achar que era melhor não voltar a engravidar, mas seu marido pensava diferente. Não apenas pelo fato de que não concebia um casamento sem filhos — ele considerava que a verdadeira vocação da mulher era ter filhos, amamentá-los e criá-los, portanto ficou horrorizado com a ideia da mulher de evitar futuras gravidezes. A bem da verdade, em março de 1870 ele havia esboçado suas ideias sobre o tema em carta não enviada a Nikolai Strákhov, que depois do texto crítico sobre *Guerra e paz* publicara na edição seguinte de *A Alvorada* um texto sobre “A questão da mulher”. Embora jamais tenha enviado a carta, é revelador que Tolstói tenha se sentido movido a responder de imediato. Na verdade, ele mesmo tinha começado a redigir um artigo sobre o tema em 1868, descrevendo os homens como “abelhas operárias na colmeia da sociedade humana”, e as mulheres como rainhas que não devem se deixar desviar de seu papel primordial de reproduzir a espécie. A “questão da mulher” o instigava profundamente, e de fato ocupa lugar central em *Anna Kariênina*.

Em geral Tolstói não gostava de ler ou assinar jornais ou revistas, mas havia algumas exceções. Em 1870, Theodor Ries, alemão de Oldenburg responsável pela impressão de *Guerra e paz*, fundou e passou a editar o jornal *Moskauer deutscher zeitung*. Na edição inaugural, começou a publicar a tradução para o alemão de *Guerra e paz*, apenas um mês depois de lançar o último volume em russo, e enviou gratuitamente um exemplar de seu jornal a Tolstói. A parisiense *Revue des deux mondes* foi por muito tempo o único periódico que os Tolstói liam assiduamente, mas mais tarde, na década de 1870, ele dividiu com Serguei os custos de várias assinaturas em Pirogovo. Tolstói alegava jamais ler resenhas e análises sobre sua obra, lembrando como os críticos tinham perseguido Púchkin durante sua vida. Mas a verdade é que ele as lia, sim, e encarava as críticas como algo pessoal, invariavelmente respondendo a elas de imediato; entretanto, seus sentimentos feridos logo cicatrizavam, e a maioria dessas réplicas aos críticos era abandonada. A exceção que Tolstói fez a Strákhov se explica pelo fato de que sua crítica era inteligente e altamente positiva, e também porque o exemplar de *A Alvorada* havia sido enviado gratuitamente — foi assim que ele leu o artigo de Strákhov sobre o tópico da liberação das mulheres.

Nessa época, a “questão da mulher” era um assunto em voga na Rússia, bem como em toda a Europa, tanto que o seminal ensaio de John Stuart Mill, “A

sujeição das mulheres”, veio a lume poucos meses depois de sua publicação original na Inglaterra em 1870. John Stuart Mill, famoso por ser o primeiro membro do parlamento britânico a reivindicar o sufrágio feminino e defender os direitos da mulher, tinha um sem-número de seguidores, mas os conservadores Strákhov e Tolstói não estavam entre eles. O erudito e reservado Strákhov, um rematado solteirão, tinha celebrado *Guerra e paz* por ser uma crônica familiar, e em seu artigo argumentava que o lugar da mulher era no seio da família. Tolstói concordava de todo coração, e só divergia da visão negativa de Strákhov acerca das prostitutas, argumentando que elas tinham um importante papel a desempenhar na preservação da instituição da família. “Imaginem Londres sem suas oitenta mil madalenas — o que aconteceria com as famílias?”

Sônia tinha apenas 27 anos quando Macha nasceu, por isso deve ter ficado apavorada diante da perspectiva de ser obrigada a se sujeitar às vontades do marido: a intransigência das ideias de Tolstói a levaria a ter mais oito filhos, dos quais apenas três chegaram à maioridade. Além dos riscos de saúde, cada nova gravidez a prendia ainda mais a Iásnaia Poliana, e significava que ela tinha de adiar mais uma vez suas esperanças de uma vida longe do quarto das crianças. “A cada filho que nasce é preciso desistir ainda mais da vida para si mesma, e conformar-se com o fardo de cuidados, preocupações, doenças e anos que passam”, ela anotou em seu diário em junho de 1870. Sônia era uma mãe dedicada e adorava viver em Iásnaia Poliana, mas era uma moça criada na cidade, e depois de algum tempo começou a ansiar por uma mudança de ares, a desejar uma companhia e a chance de frequentar ao menos de vez em quando uma *soirée*. Ela achava deprimente a solidão. As famílias russas do *milieu* dos Tolstói tinham o costume de passar o inverno na cidade e se recolherem para a propriedade de campo ou *datcha* nos meses de verão, mas os Tolstói viviam no campo o ano inteiro. No começo de seu casamento, Tolstói tinha sonhado em ter um *pied-à-terre* em Moscou — um apartamento na Sivtsev-Vrazhek, tranquila rua secundária no coração da cidade, onde seu primo Fiódor Ivánovitch, “o americano”, tinha vivido. Ele confidenciou ao pai de Sônia que imaginava transferir sua vida em Iásnaia Poliana para Moscou por três ou quatro meses no inverno, incluindo “o mesmo Alexei, a mesma babá, o mesmo samovar”, a fim de poder desfrutar de conversas estimulantes com pessoas novas, visitar bibliotecas e ir ao teatro. Entretanto, o plano foi adiado pela falta de dinheiro, mas quando a renda proveniente de *Guerra e paz* fez de Tolstói um homem rico ele já não tinha mais

esse desejo. À medida que foi ficando mais velho, Tolstói se tornou cada vez mais recluso, e preferia passar longos períodos em casa, onde podia trabalhar sem ser incomodado. Na cidade, ele logo se irritava e por isso ficava feliz quando partia, mas tinha a liberdade de ir e vir mais ou menos quando quisesse. Ele não era exatamente grande fã de programas como ouvir óperas como *Moisés no Egito*, de Rossini, e o *Fausto*, de Gounod, mas pelo menos teve a oportunidade de ir ao teatro enquanto escrevia *Guerra e paz*. A ópera era a grande paixão de Sônia — o que ela não teria dado pela oportunidade de ocasionalmente se vestir com aprumo para uma noite no Teatro Bolshoi? Durante esses anos Sônia foi diversas vezes a Moscou, mas na maior parte do tempo ficava em casa, no campo: para ela o ponto alto do ano era o verão, quando sua irmã Tânia e outros parentes se hospedavam em sua casa. “Se todas as minhas capacidades intelectuais e emocionais despertassem, e acima de tudo os meus desejos, eu choraria até o fim do mundo”, ela escreveu a Tânia em novembro de 1871, e meses depois escreveu novamente para falar da vida “solitária e monástica” em Iásnaia Poliana.

Tolstói também tinha a liberdade de viajar para outros lugares. Malgrado sua terrível experiência em Arzamas, ele tinha gostado de contemplar os topos dos altos pinheiros enquanto viajava pelas densas florestas da região de Penza no outono de 1869. Depois de cruzar o rio Sura, que fervilhava de esturjões, ele também apreciou a inconfundível terra preta coberta de seixos da região. Como a população local, o lugar fez Tolstói se lembrar do poderoso Mikula Seliáninovitch, o tradicional camponês símbolo da força russa e herói dos épicos medievais que ele vinha lendo. No verão de 1871, Tolstói foi ainda mais longe e viveu como nômade *bachkir* nas estepes ao leste de Samara. O plano era que Sônia se juntasse a ele no ano seguinte, mas no outono ela descobriu que estava grávida novamente. Em outubro, Sônia, desanimada, escreveu à irmã Tânia para relatar o fato e falou da lama e da monotonia, e de como ter um sexto filho significava que ela teria de ficar em casa no verão vindouro: “vai ser impossível ir a Samara, vai ser impossível visitar você, teremos de arranjar outra babá, e assim por diante etc. etc”. Passar a limpo os manuscritos de *Guerra e paz* dera a Sônia a sensação de estar envolvida com o marido, contribuindo para seu trabalho criativo, ainda que de maneira lateral ou secundária, por isso é compreensível que ela quisesse avidamente que Tolstói começasse um livro novo. Mas uma cartilha de setecentas páginas não era exatamente o que ela tinha em mente.

Em seu livro seguinte Tolstói literalmente voltou ao básico. Da sofisticada

ficção sobre aristocratas russos e grandiloquentes digressões históricas ele passou à elaboração de cartilhas e livros de leitura para a alfabetização de crianças. O primeiro dos quatro volumes de sua *Cartilha* começava com as 35 letras do alfabeto cirílico impressas em tipos bem grandes — maiúscula, minúscula, tipográfica e cursiva. Tolstói jamais padeceu da escassez de ideias para escrever romances, mas qual era o sentido de colocá-las em prática se a vasta maioria da população sequer sabia ler? *Guerra e paz* tinha sido escrito num ímpeto, um jorro criativo de largo fôlego, mas ao terminar o romance Tolstói foi inevitavelmente atraído de volta ao caminho que trilhava antes de se casar. A vontade de educar as pessoas mais uma vez entrou no campo de visão de Tolstói, e ele considerava que a publicação de sua *Cartilha* em 1872 era a culminação de treze anos trabalhando para esse objetivo.

Se no início da década de 1870 os pensamentos de Tolstói mais uma vez se voltaram para o ensino e a aprendizagem era porque ele certamente ainda tinha uma profunda preocupação com a causa da educação popular, mas também porque estava pensando em algo bem mais próximo e “doméstico”: seus próprios filhos. Quando Macha nasceu, em 1871, o filho mais velho de Tolstói, Serguei, tinha sete anos; Tânia tinha seis, Ilia tinha quase cinco e Liev estava chegando aos dois anos de idade. Se por um lado Tolstói não se interessara muito pelos filhos na fase em que ainda eram bebês — e durante boa parte da década de 1860 ele esteve ocupado com *Guerra e paz* — por outro, naturalmente nutria ideias fortes sobre como gostaria que suas crianças fossem educadas, e assim que elas chegaram à idade escolar resolveu se envolver. Acerca de uma questão Tolstói era inflexível: que seus filhos fossem educados em casa, como ele tinha sido, e os responsáveis pela instrução seriam ele próprio e a esposa. Foi aí que Tolstói descobriu as inadequações dos livros. Considerava que os manuais cujo objetivo era ensinar as crianças a ler tinham de ser compreensíveis, variados e interessantes, mas em sua maior parte os livros eram insuportavelmente chatos e muito distanciados da vida. Naturalmente ele resolveu escrever uma cartilha muito melhor, e porque era Tolstói, o mais russo de todos os russos, seu intento tornou-se um gigantesco e ambicioso projeto envolvendo toda a família, com o intuito de ensinar a ler não apenas os pequenos Tolstói, mas todas as crianças da Rússia.

Ele se empenhou com afinco na ideia de criar a compilação de sua *Cartilha* (*Azбука*) e seus livros de leitura. Planejou publicá-los separadamente, mas depois

os combinou em um volume único, subdivididos em quatro livros de dificuldade progressiva. Metade de cada um dos livros era dedicada a histórias, fabulas e explicações científicas. A outra metade se dividia entre trechos das Escrituras, as vidas dos santos, crônicas russas (em alfabeto eslavo-eclesiástico e russo moderno) e rudimentos de matemática, seguidos de instruções para os professores. A primeira vez em que Tolstói idealizou um “Primeiro livro de leitura e cartilha para as famílias e as escolas com instruções para os professores, pelo conde L. N. Tolstói” foi como uma anotação em seu diário datada de setembro de 1868, por ocasião da visita de Eugene Schuyler. Enquanto os dois reorganizavam a biblioteca da casa em Iásnaia Poliana, Schuyler tinha notado que a prateleira de cima começava com o escritor alemão Berthold Auerbach, o que suscitou uma conversa sobre o portentoso romance *Neues Leben* [Uma vida nova]. Tolstói pegou o volume da estante, entregou-o a Schuyler e pediu que fosse embora e o lesse, explicando que aquele era o livro que o instigara a abrir a sua escola em Iásnaia Poliana. Depois de sua visita à casa de Tolstói, Schuyler viajou pela Alemanha e se encontrou por acaso com Auerbach. Quando mencionou essa conversa para o alemão, Auerbach disse que se lembrava muito bem de Tolstói: “Sim, sempre penso em como fiquei apavorado quando aquele homem de aparência estranha anunciou que era Eugene Baumann, pois temi que ele fosse me ameaçar com um processo por infâmia e difamação de caráter”. As conversas de Tolstói com Schuyler reavivaram seu interesse pela educação popular, e quando, no outono de 1871, pôs em prática o trabalho de compilar sua *Cartilha*, consultou uma ampla variedade de livros escolares e obras teóricas de educadores estrangeiros, tais como Johann Heinrich Pestalozzi, bem como diversos livros norte-americanos de leitura elementar que Schuyler providenciou.

Como ficou claro no fim, os anos imediatamente seguintes a *Guerra e paz* não foram um período infrutífero, pois antes de começar a trabalhar em sua *Cartilha*, Tolstói passou de novo por um processo de aprendizagem, estudando grego antigo. Em parte porque poderia ensinar a língua a seu filho Serguei, a quem queria dar uma educação clássica, mas também porque assim seria capaz de produzir suas próprias traduções das fábulas de Esopo para sua cartilha. Uma vez que o alfabeto cirílico é baseado no grego, muitas letras são familiares, o que dá ao falante de russo uma vantagem inicial, mas as idiossincrasias da gramática grega não são para os fracos. Contudo, Tolstói não era um aluno qualquer. No início de dezembro de 1870 ele convidou um seminarista de Tula para que fosse

a Iásnaia Poliana a fim de lhe dar aulas, e no final do mês já passava dias inteiros lendo literatura grega no original. Começou com *Anábasis*, de Xenofonte, relato da campanha liderada por Ciro e seu exército de dez mil mercenários gregos contra o persa Artaxerxes II no século V a.C. Tolstói achava empolgante e sensacional conseguir ler e entender sozinho, e o grego se tornou sua mais nova obsessão. “Estou vivendo completamente em Atenas”, escreveu a seu amigo Fet. “Em meus sonhos, falo grego.” Tão logo Sônia se recuperou da febre puerperal, em março de 1871, Tolstói mudou para Platão e Homero, e arriscou suas próprias traduções de trechos da *Ilíada*, que ele comparou à versão russa mais conhecida, concluída por Nikolai Gnedich em 1829. Meses depois, a caminho da estepe naquele verão, estava lendo textos gregos *à livre ouvert* com Pavel Leontiev, professor de filologia clássica na Universidade de Moscou — em algumas ocasiões Tolstói chegava a se exhibir, gabando-se de seu domínio da língua.

Enquanto Tolstói vivia à base de uma dieta de leite de égua fermentado em uma tenda de feltro *bachkir*, a notícia de que o conde havia aprendido grego em apenas três meses tornou-se a bola da vez em Moscou. A essa altura Tolstói estava lendo Heródoto, que, como anotou, descrevera “em detalhes e com grande precisão” os citas entre os quais ele estava vivendo. De fato, havia uma similaridade entre o estilo de vida dos *bachkires* e o dos nômades citas, que também se alimentavam de leite de égua. Assim como ocorrera com a apicultura, durante algum tempo a nova paixão de Tolstói pelo grego foi obsessiva e monopolizadora, tanto que Sônia e os amigos do escritor temeram por sua saúde mental (Serguei Úrusov preferia que ele lesse hagiografias). “É evidente que nada no mundo o encanta e lhe interessa mais do que cada palavra ou expressão grega que ele aprende”, escreveu Sônia em seu diário, mas logo a mente mercurial e hiperativa de Tolstói entrou em nova ebulição. A leitura dos clássicos da literatura grega antiga suscitou nele um interesse pelos “clássicos” da literatura russa antiga, o que por sua vez o levou a sonhar em escrever algo sobre a vida da antiga Rus.

Obviamente não havia entre os “clássicos” russos nada que fosse comparável aos épicos gregos *Ilíada* e *Odisseia*, mesmo porque sequer existia literatura russa antes de 988, quando a cristianização do Rússia trouxe a reboque a necessidade de uma língua escrita que ajudasse a espalhar a palavra de Deus. Com o enorme surto de interesse no passado pré-petrino que teve início na década de 1860 como ramificação das Grandes Reformas, pela primeira vez os

russos descobriram e valorizaram sua antiga literatura. O entusiasmo foi contagiante, e Tolstói pôde tirar vantagem da proliferação de novas edições, coleções e estudos que agora começaram a ser publicados — a biblioteca de Iásnaia Poliana cresceu significativamente. Seu estudo da literatura russa medieval era gratificante do ponto de vista pessoal, mas também era uma preparação necessária para sua *Cartilha*, uma vez que ele tinha decidido desde o início incluir em seu livro de leitura uma substancial seção de textos históricos e religiosos em eslavo antigo (a língua literária medieval da Igreja Ortodoxa), com traduções paralelas em russo moderno.

Entre os textos sacros que mais inspiraram Tolstói estava o *Cheti-Menei* (“leituras mensais”), volumoso compêndio de textos religiosos dispostos em ordem cronológica que eram lidos nos dias de festa em homenagem aos santos ortodoxos. De acordo com a política do Império Bizantino, ficava a cargo de seus missionários a tradução dos Evangelhos para os povos pagãos que eles convertiam. Depois da adoção do alfabeto cirílico, criado por dois monges gregos, Cirilo e Metódio, a atividade literária na Rússia tinha caráter exclusivamente religioso e seguia a prática bizantina. Contudo, no século XVI, depois que Makari, bispo metropolitano de Novgorod, incorporou textos como as vidas dos santos russos recém-canonizados, o *Cheti-Menei*, originalmente grego mas agora russificado, começou a ocupar uma posição de suprema importância na vida espiritual e literária da nação. Outra importante edição foi organizada no século XVII por Dmítri de Rostov (que mais tarde também seria canonizado) e o exemplar da edição de 1864 adquirido por Tolstói tinha uma profusão de anotações e marginais do escritor. Tolstói considerava os textos do *Cheti-Menei* como a “verdadeira poesia da Rússia” (é notório que ele jamais deu muita atenção à poesia de seus contemporâneos) e selecionou excertos de ambas as edições para incluir em seu livro de leitura, juntamente com passagens da Bíblia e as mais antigas crônicas históricas da velha Rússia, remontando ao século XII. Uma delas era um episódio miraculoso da vida de são Simeão Estilita, o Moço, ermitão que vivia em um pilar junto a Antioquia, em que um ladrão, insuflado pela força divina, é levado a se arrepender de seus pecados. Outra era uma versão abreviada da vida de são Sérgio de Radonej, santo padroeiro da Rússia e fundador, no século XIV, do mais importante mosteiro da Igreja Ortodoxa russa, o Mosteiro da Trindade—São Sérgio (ou Lavra da Trindade e Sérgio), nos arredores de Moscou.

Se Tolstói tinha particular predileção por Sérgio, talvez fosse porque em um nível subliminar a vida do santo ecoasse algumas de suas próprias aspirações (embora Tolstói tenha precisado de ainda mais uma década para tomar plena consciência de quais eram suas verdadeiras aspirações). São Sérgio, o primeiro grande asceta russo, na juventude tinha renunciado à sua origem familiar nobre para buscar uma vida de pobreza e reclusão no “deserto”, emulando santo Antônio do Egito, o fundador do monasticismo. O ermo rural era o equivalente russo do deserto — no caso de São Sérgio, uma densa floresta — e os discípulos que ele atraiu mais tarde seguiram seu exemplo fundando mais de quarenta mosteiros em partes da Rússia igualmente remotas, inóspitas e distantes das cidades. A vida de Sérgio foi um modelo de humildade. Ele recusou a oportunidade de assumir uma posição proeminente na hierarquia eclesiástica russa e preferiu em vez disso continuar levando uma vida de pobreza e árduo trabalho braçal. Tolstói não esqueceria seu estudo do *Cheti-Menei*, e se basearia na vida de São Sérgio ao escrever, em 1890, a novela “Padre Sérgio”, sobre os tormentos de um monge de origem nobre para dominar seu orgulho e viver à altura de seus ideais cristãos. Por fim, o padre Sérgio de Tolstói encontra a paz vivendo como um *strannik* — o tipo especificamente russo de nômade religioso que depende de esmolas e cujo ascetismo é baseado em uma vida de constante peregrinação sem posses materiais. Tolstói também cultivou o sonho de se afastar do mundo e viver como nômade, e no fim das contas ele realizaria seu sonho, mas à sua própria maneira, como tudo que fez na vida.

Maravilhado pela beleza textual das hagiografias russas, e entre outros aspectos foi o critério estético que norteou sua seleção de textos para a *Cartilha*, ele queria que desde pequenas as crianças travassem contato com a linguagem poética. Mas o que realmente o fascinava era o legado secular da épica oral medieval, a *bilina*. Coletâneas de poemas narrativos descrevendo as façanhas dos guerreiros semimitológicos russos (*bogatyry*) tinham sido inicialmente coligidas no século XVIII, mas somente na década de 1860 começaram a ser franqueadas de maneira mais ampla. Para Tolstói, como para muitos de seus contemporâneos, esses poemas foram uma descoberta empolgante, e ainda mais encantadora era a revelação de que essa tradição oral não tinha morrido. Pável Ríbnikov, etnógrafo que tinha sido exilado no extremo norte por suposta propaganda revolucionária, descobriu que na região havia camponeses que ainda cantavam e recitavam *bilinas*. Na década de 1860 ele causou sensação ao registrar e publicar essas

narrativas orais populares.

Esse laço vivo com o passado por meio da língua russa era empolgante para um escritor como Tolstói, que nutria uma duradoura paixão pelos provérbios e ditos populares. Ele foi um dos fundadores de uma sociedade criada em Moscou na década de 1870 com o intuito de estudar e preservar as canções folclóricas russas, e a amizade que mais tarde fez com um dos mais célebres “recitadores” camponeses da Rússia teria impacto direto em sua produção literária. O entusiasmo de Tolstói chegou inclusive a levar o autor de uma peça de 1869 baseada em *bilinas* sobre o guerreiro Aliócha Popovitch a escrever um livro inteiro com a mesma estrutura dos antigos versos russos. Ao mesmo tempo em que a tradição da *bilina* estava sendo redescoberta, Alexander Afanasiev seguia os passos dos irmãos Grimm para publicar as primeiras antologias de contos de fadas russos. Sua pioneira coleção de 640 contos veio a lume em oito volumes entre 1855 e 1864. Uma vez que a linguagem literária russa tinha sido criada com o propósito expresso de traduzir a Bíblia, durante séculos a igreja considerara blasfemo usá-la para a escrita de contos “pagãos” (que foram publicados primeiro em tradução para o inglês), mas agora essa rica tradição também começou a ser valorizada.

Tolstói ficou completamente fascinado pelos contos de fadas e *bilinas* que começou a ler depois de concluir *Guerra e paz*, e não é de admirar que quando viajou pelas férteis terras agrícolas da região de Penza em 1869 — em sua inspeção da propriedade — tenha pensado em Mikula Seliáninovitch. A *bilina* sobre um camponês que trabalha com tanta rapidez que o príncipe só consegue alcançá-lo depois de três dias montado no lombo de um cavalo foi uma das primeiras que escolheu para sua *Cartilha*. Tolstói também foi arrebatado pela trágica lenda do *bogatyr* Danilo Lóvchanin. Em uma versão dessa *bilina*, o príncipe Vládmir envia Danilo — casado com sua filha — em uma perigosa missão para matar um leão feroz; certo de sua morte, o príncipe pretende casar com outrem sua linda filha, mas Vasilisa toma a precaução de fazer com que o marido leve consigo trezentas flechas, a fim de assegurar que sua missão fosse bem-sucedida. O príncipe despacha assassinos para matar Danilo, que, desesperado, em vez de lutar opta por esfaquear a si mesmo, mas a fiel viúva Vasilisa prefere tirar a própria vida e cair morta ao lado do cadáver do marido a se casar de novo. Tolstói sonhava em transformar em peça teatral essa história (o equivalente russo mais próximo de *Romeu e Julieta* e *Tristão e Isolda*). Naturalmente o herói folclórico

que mais o atraía era o poderoso Ilia de Murom, cujas façanhas ele tinha lido na infância. Tolstói cogitou escrever um romance ou drama popular em que criaria um personagem com traços dos grandes *bogatyr*s. Ilia continuaria sendo filho de camponês, mas em vez de derrotar sozinho exércitos inteiros depois de passar 33 anos deitado junto ao fogão de sua casa, Tolstói queria retratá-lo como um jovem e inteligente universitário.

Um dos maiores objetivos de Tolstói era inculcar em seus jovens leitores o amor pela Rússia — sua paisagem, sua história, seu estilo de vida e, é óbvio, sua língua. Um de seus passatempos favoritos era caminhar pela estrada que passava junto a Iásnaia Poliana a fim de coletar ditados e provérbios dos muitos peregrinos e andarilhos que faziam a jornada a pé até o Mosteiro das Cavernas, em Kiev. Ditos e expressões como “Um corvo não pode ser falcão” o ajudavam a explicar para as crianças, de maneira simples e atraente, as idiossincrasias da pronúncia do russo. Em sua *Cartilha*, Tolstói queria também instigar nos pequenos leitores a curiosidade pelas ciências, mas para responder de maneira atraente e compreensível a perguntas como “Para onde vai a água do mar?” e “Para que serve o vento?”, ele sentiu a necessidade de ter uma profunda compreensão acerca desses fenômenos, por isso se lançou a um intenso e abrangente estudo de praticamente todos os ramos da ciência, da zoologia à física. Sempre que possível Tolstói realizava pesquisas práticas, o que certa vez fez com que passasse uma noite inteira no jardim contemplando as estrelas a fim de recapitular seus conhecimentos de astronomia. Contudo, o esforço para compreender e depois explicar processos como o galvanismo e a formação dos cristais exigia que Tolstói passasse horas sentado à sua mesa de trabalho, extremamente concentrado: seus diários do período estão abarrotados de referências a cientistas como Michael Faraday, Humphry Davy e John Tyndall.

Por fim, Tolstói também queria instilar nas crianças a apreciação de valores como verdade e honestidade e a importância do trabalho árduo, mas não de maneira seca e didática, como todos os manuais escolares e livros de leitura estrangeiros que ele tinha diligentemente estudado e anotado. Não ficou nem um pouco impressionado com os livros ingleses que consultou, incluindo *Principles of Elocution*, de Thomas Ewing, a seu ver “um modelo de despropósito” ao demonstrar “como ficar em silêncio”, e *Abbott's Second Reader*, que era por demais abstrato. Como os livros russos disponíveis, tudo parecia distante da vida real. Naturalmente, as histórias e fábulas ocupavam o lugar central da *Cartilha*. Depois

de uma quantidade colossal de leituras e de pesquisa, bem como meses de trabalho fastidioso condensando e simplificando textos, Tolstói elaborou versões adaptadas e menos complexas de mais de seiscentas histórias, das quais selecionou 372 para publicação. Mais do que qualquer outro autor, Tolstói deu primazia a Esopo, incluindo fábulas célebres como “A rã e o leão”:

Um leão ouviu uma rã coaxando bem alto e se virou na direção de onde vinha o som, pensando que devia ser uma fera enorme. Depois de algum tempo, o leão viu a rã surgir, saindo do brejo. Ele caminhou na direção da rã e ao esmagá-la com uma pisada disse: “Ninguém deve se preocupar com o som antes de examinar a coisa em si”. *Esta fábula é para o homem que tem a boca grande e fala, fala e nada faz.*

Tolstói fazia suas próprias traduções livres, mudando sutilmente seu significado, que depois, como artista consumado, revisava incessantemente. Depois de redigir o primeiro esboço da tradução de determinada fábula, por exemplo, Tolstói trabalhava de novo o texto, antes de produzir outra versão, que depois seria revisada mais duas vezes. Tolstói revia sem parar, inclusive as provas tipográficas, e só então ficava feliz:

Um leão ouviu uma rã coaxando bem alto e achou que devia ser algum enorme animal urrando. Chegou mais perto e viu a rã saindo do brejo. O leão esmagou-a com uma patada e disse: “É uma coisinha de nada — e pensar que eu fiquei com medo”.

Embora Esopo ocupasse o lugar de honra, Tolstói usou uma ampla gama de escritores, incluindo não apenas autores mais recentes como La Fontaine e Grimm, mas alguns realmente atuais, como Sófia Tolstáia (“Algumas meninas visitam Macha”) e Vassíli Rumiantsev, ex-aluno da escola de Iásnaia Poliana (“Um menino conta como foi surpreendido por uma tempestade enquanto estava no bosque”). O escritor também adaptou minicontos do folclore russo e contribuiu com histórias verdadeiras sobre as aventuras de seus cães Milton e Bulka no Cáucaso, bem como com histórias sobre a vida de pássaros e animais da zona rural russa (“Pardais”, “Como os lobos ensinam seus filhotes”). Nem todas as histórias e vinhetas se passam em mundo com que as crianças russas estavam familiarizadas. Tolstói justapôs cuidadosamente histórias como “A menina e os cogumelos” com textos sobre esquimós, elefantes e bichos-da-seda. Juntamente com o amor pela terra nativa, ele queria incutir nas crianças o respeito pelas culturas estrangeiras, por isso oferecia aos seus pequenos leitores trechos de Heródoto e Plutarco e histórias de países distantes e variados como China, Estados Unidos, França e Turquia. Também incluiu histórias de lavra própria,

começando com historietas simples como “O mujique e os pepinos”:

Certa vez um mujique foi a uma horta roubar pepinos. Chegando até os pepinos, pensou: “Bem, acho que vou levar um saco de pepinos e vender; com o dinheiro eu compro uma galinha. A galinha vai botar ovos, depois vai chocá-los, e assim terei um punhado de pintinhos. Dou de comer aos pintinhos, vendo tudo e compro uma porca; a porca vai me dar uma porção de leitõezinhos. Vendo os leitões, compro uma égua; a égua vai me dar uns potrinhos. Dou de comer aos potrinhos, depois vendo; compro uma casa e faço uma horta. Na minha horta vou plantar pepinos, não deixo ninguém roubar, fico de guarda dia e noite. Contrato uns vigias, boto pra tomar conta dos pepinos, depois chego pé ante pé e grito: “Ei, vocês aí, vigiem com mais firmeza!” O mujique estava tão concentrado em seus pensamentos que se esqueceu completamente de que estava em uma horta alheia e começou a berrar com toda a força dos pulmões. Os vigias ouviram, chegaram correndo e deram uma surra nele.

Para seus leitores mais avançados Tolstói escreveu dois de seus melhores e mais refinados textos ficcionais, “Deus diz a verdade, mas não a diz logo” e “Cativo no Cáucaso”, cuja força está precisamente em sua simplicidade, forjada com extremo cuidado. Desde o início Tolstói tencionou que o nível artístico de sua *Cartilha* em nada ficasse devendo à qualidade de *Guerra e paz*, e ambas as histórias são bons exemplos dos recursos e da linguagem que ele declarou que dali por diante empregaria em sua ficção adulta, conforme explicou em carta a Nikolai Strákhov.

O trabalho de compilação final começou de fato em setembro de 1871, e Tolstói recrutou como copistas não apenas Sônia, mas também seu tio Kóstia e sua sobrinha Vária. O escritor era tão exigente e minucioso com suas histórias para crianças quanto com sua ficção adulta, segundo comentou Sônia em carta a sua irmã. Em dezembro de 1871 finalmente o primeiro dos quatro livros ficou pronto e Tolstói seguiu para Moscou a fim de encontrar um editor. A tarefa se revelou difícil, em parte por causa da grande quantidade de textos em eslavão eclesiástico no manuscrito, o que obrigou Tolstói a lançar mão de um contrato com seu antigo editor, Theodor Ries. Mas assim que sua *Cartilha* por fim seguiu para o prelo ele ficou claramente empolgado. Em carta a Alexandrine, em janeiro de 1872, Liev diz que se apenas duas gerações de crianças russas, dos Romanov aos camponeses, aprendessem a ler com a *Cartilha* e por meio dela tivessem seu primeiro contato com a arte, ele morreria feliz. Tolstói estava convencido de que era sua melhor obra, aquela pela qual seria lembrado, e a seu ver superior a *Guerra e paz*.

A seguir Tolstói mergulhou em um período de trabalho intenso para terminar

os três livros remanescentes da *Cartilha*. Como era típico do escritor, um inveterado jogador que não temia correr riscos, o processo de impressão tinha começado enquanto ele ainda estava escrevendo, emendando e acrescentando coisas ao original. Às vezes ele mesmo era obrigado a admitir que estava esmagado pela dimensão de sua empreitada. Era trabalho para cem anos, ele escreveu a Alexandrine em abril: “É preciso conhecer literatura grega, indiana e árabe, bem como ciências naturais, astronomia e física, e o trabalho com a linguagem é terrível — tudo tem de ser bonito, conciso, simples, e o mais importante, claro”. Estava ansioso para testar a *Cartilha*, por isso, em janeiro de 1872, reabriu a escola de Iásnaia Poliana para 35 filhos de camponeses.

Dessa vez a escola ficava localizada na casa da família — no salão dianteiro e nas salas do andar térreo. Tolstói dava aulas para os meninos mais velhos em seu estúdio, ao passo que Sônia ensinava um grupo de dez alunos, em sua maioria meninas, em outra sala. De manhã Tolstói e Sônia davam aulas para os próprios filhos, e depois do almoço todos se juntavam para ajudar a lecionar na escola, incluindo Serguei, de oito anos de idade, e Tânia, de sete anos, incumbidos da tarefa de ensinar o alfabeto no corredor para os alunos mais novos. Aos cinco anos de idade, Ilia também fez sua estreia como professor, mas era muito rígido com seus pupilos e teve o contrato rescidido, pois com frequência acabava brigando com seus alunos. Já adulto Ilia se recordaria do forte cheiro de couro de carneiro que as crianças do vilarejo traziam casa adentro e da deliciosa anarquia que reinava na sala de aula. Tolstói deixava que as crianças se sentassem em qualquer lugar, que se levantassem quando bem quisessem e respondessem em coro às perguntas — um sistema bem diferente da aprendizagem controlada e mecânica. A escola entrou em recesso nos meses de verão, mas não reabriu no outono: seu fundador já tinha partido para novas empreitadas.

Após entregar o manuscrito de sua *Cartilha*, Tolstói ficou ansioso para vê-la impressa, e acabou perdendo a paciência com seu editor, que encaminhava as coisas a passos de tartaruga. Os livros elementares providenciados por Eugene Schuyler lhe deram a ideia de usar tipos maiores e um projeto gráfico diferente para as primeiras páginas, a fim de facilitar para as crianças o aprendizado da pronúncia, mas isso representou uma dor de cabeça para os tipógrafos, que simplesmente não estavam acostumados a usar outro tipo que não fosse o padrão. Em maio de 1872 Tolstói conseguiu transferir a publicação para São Petersburgo, depois de persuadir o amigo Strákhov a supervisionar os trabalhos.

Strákhov, que tinha feito sua primeira visita a Iásnaia Poliana no verão do ano anterior, já tinha ajudado o amigo cuidando das traduções dos textos em eslavo antigo, e agora Tolstói pediu também que ele avaliasse e classificasse as histórias do livro de leitura, dizendo quais eram aquelas de que gostava ou não. A *Cartilha* de 758 páginas foi finalmente publicada em novembro de 1872, mas sua tiragem inicial de 3600 exemplares foi a primeira e última. O livro só viria a lume novamente em 1957, quando uma edição fac-similar constituiu o volume 22 da edição “Jubileu” das *Obras completas* de Tolstói.

Apesar do alto preço de cinquenta copeques para cada parte da *Cartilha*, Tolstói tinha grandes expectativas de sucesso e começou a pensar na segunda edição antes mesmo que a primeira fosse publicada. Ele ficaria tremendamente decepcionado. Em primeiro lugar, o livro não recebeu aprovação oficial para uso em escolas, embora Tolstói tivesse enviado uma carta explicando as virtudes da cartilha a seu parente distante, o conde Dmítri Tolstói, ministro da Educação. Em segundo lugar, o desejo de Tolstói de ganhar algum dinheiro com a publicação falou mais alto. Ele ofereceu a livreiros um desconto de 20%, mas insistia para que pagassem em dinheiro e à vista, e assim perdeu a boa vontade dos vendedores de livros e um valioso mercado potencial. O irmão caçula de Sônia, Piotr Berhs, que morava em São Petersburgo, tinha sido encarregado das vendas, e não acreditava que a tentativa de Tolstói de minar o poder dos livreiros no controle da distribuição teria sucesso. Seu apartamento servia como depósito, e ele acabou estocando em casa centenas de exemplares encalhados. A enxurrada quase unânime de críticas negativas que começou a aparecer em nada contribuiu para alavancar as vendas da *Cartilha*. Alguns críticos desaprovaram o papel cinzento e escuro em que o livro foi impresso e a escassez das ilustrações (28, ao todo) ao passo que outros se queixaram da falta de uma introdução que explicasse qual era o público-alvo do livro. Todos desconfiaram dos métodos modernos de Tolstói.

Sensível e suscetível, era inevitável que o autor da *Cartilha* sofresse com as críticas, mas sua crença nela jamais esmoreceu. Assim que fez publicar na *Gazeta de Moscou* em junho de 1873 uma carta aberta explicitando quais eram a seu ver as deficiências dos métodos de ensino então em uso, Tolstói se acalmou. Primeiro, decidiu desmembrar os 1.500 exemplares encalhados e reencaderná-los em doze pequenos volumes individuais — que foram postos à venda por um preço entre dez e 25 copeques cada. A seguir, em outubro, um grupo de dez jovens

professores de escolas rurais da região foi passar uma semana em Iásnaia Poliana a fim de estudar seus métodos. Em janeiro de 1874 Tolstói teve a oportunidade de defender suas ideias pedagógicas perante o Comitê Literário de Moscou, que aceitou sua proposta de realizar um experimento comparando seus métodos pedagógicos aos procedimentos adotados pela rede oficial de ensino. Tão logo os resultados da experiência foram considerados inconclusivos, ele publicou — no respeitável periódico *Notas da pátria*, que contava com um grande público leitor — uma *profession de foi* de cinquenta páginas acerca de seus métodos, o que por fim suscitou um amplo debate público. “Sobre educação popular” é o sincero manifesto pedagógico de Tolstói.

Nele, Tolstói discute com extraordinária quantidade de detalhes suas ideias pedagógicas e demonstra profundo conhecimento da educação disponível em sua região. Ele resumiu assim as falhas da educação elementar na Rússia: “1. falta de conhecimento do povo; 2. o fascínio por ensinar coisas que os alunos já sabem; 3. a tendência de emular os alemães; 4. a crítica aos velhos princípios sem o estabelecimento de novos”. Tolstói tinha ideias fortes acerca de como as crianças russas deviam ser ensinadas a formar letras e sílabas, e argumentava com veemência que o método fonético adotado a partir do modelo alemão não era praticável na Rússia, e certamente não era adequado para os despossuídos camponeses russos. Em certo sentido, Tolstói estava à frente de seu tempo, na medida em que defendia o que mais tarde viria a se tornar um axioma na educação remedial do século XXI. Em setembro de 1874, a *Cartilha* de Tolstói foi aprovada pelo governo russo. Mesmo em nova roupagem as vendas continuaram fracas, e Tolstói se queixou de ter perdido dois mil rublos, mas agora estava disposto a revisar o projeto.

De início os planos de revisão eram modestos, mas, como era típico dele, acabou produzindo um livro quase inteiramente novo. Algo semelhante tinha acontecido com *Guerra e paz*, que em 1873 ele revisou para uma nova e terceira edição. Seu novo estado de espírito levou-o a reduzir para quatro os seis volumes iniciais, traduzir para o russo todo o texto em francês do romance e deslocar para um epílogo separado todas as digressões históricas. Strákhov teve papel fundamental também nesse projeto. Para sua *Nova cartilha*, como passou a ser chamada, Tolstói deu atenção às críticas providenciando uma introdução e reduzindo o preço. Escreveu mais de cem novas historietas, mas, separando a seção de “alfabetização” dos livros de leitura, reduziu a extensão total do livro

para 92 páginas e passou a vendê-lo a um preço bem mais razoável de catorze copeques. Assim como a primeira edição tinha sido um fracasso, a *Nova cartilha* foi um sucesso. Publicada em fevereiro de 1875, rapidamente começou a ser recomendada pelo Ministério da Educação e tornou-se um campeão de vendas: teve 28 edições durante a vida de Tolstói, com tiragens superiores a cem mil exemplares e mais de um milhão vendidos. Nenhum outro livro escolar foi mais lido na Rússia pré-revolucionária. Entre as centenas de milhares de russos que se alfabetizaram fazendo uso do método de Tolstói, centrado na criança, estava a poeta Anna Akhmátova. O novo livro elementar, intitulado *Livro de leitura* e publicado mais tarde, em outubro de 1875, foi baseado nos textos usados na primeira edição. Uma vez que boa parte do primeiro livro da edição de 1872 tinha sido incluída na *Nova cartilha*, Tolstói escreveu doze novas historietas e fábulas para o primeiro dos quatro *Livros de leitura*. Elas tiveram recepção igualmente calorosa junto às crianças russas.

Tolstói tinha provado de maneira cabal que queria melhorar os deploráveis níveis de alfabetização na Rússia e que se preocupava profundamente em dar aos meninos e meninas de todas as classes sociais a oportunidade de descobrir as alegrias de sua língua nativa quando aprendessem a ler. Mas e quanto a seus próprios filhos? Que tipo de professor era Tolstói? Como era ser usado como cobaia de suas ideias educacionais? Como era crescer tendo como pai um escritor famoso? Em outubro de 1872 Tolstói respondeu a um pedido de Alexandrine para que pelo menos uma vez contasse algo a respeito de seus filhos — na maior parte das cartas que enviava a ela, discorria sobre seus projetos em andamento e preocupações intelectuais. Em sua correspondência Tolstói falava raramente sobre sua família, e por isso as breves menções que ele faz a seus seis filhos são dignas de nota e citadas com frequência.

Tolstói descreveu o loiro Serguei, seu filho mais velho, como um menino brilhante, com habilidade natural para a matemática e as artes. A julgar pelo que disse a Alexandrine, Serguei era um bom aluno, competente em ginástica, mas bastante desajeitado e distraído. Tolstói ficava lisonjeado porque algumas pessoas achavam Serguei parecido com seu irmão Nikolai, que tinha sido famoso pela falta de ego. Ao contrário de Serguei, o sensível Ilia, menino de faces rosadas, era sempre saudável, escreveu Tolstói, mas não gostava muito de estudar. Também ao contrário de Serguei, Ilia era um menino singular e um tanto briguento, mas ao mesmo tempo sabia demonstrar ternura e era dono de uma

risada contagiante. Para ele, Serguei tinha condições de se sobressair em qualquer área, mas Ilia sempre precisaria da liderança firme de alguém que ele respeitasse. Tolstói escreveu que Tânia, de oito anos, era muito parecida com a mãe e já bastante maternal: não havia nada de que ela gostasse mais do que cuidar de seus irmãos menores. O pequeno Liev, então com três anos e meio, foi descrito como um menino ágil, gracioso e hábil, mas para a pequena e malsã Macha, caracterizada como “muito inteligente e pouco bonita”, o pai anteviu uma vida de muita procura e pouca descoberta. “A pele é branca como leite, os cabelos são loiros e encaracolados, os olhos grandes e azuis — estranhos por causa de sua expressão profunda e séria” — na opinião de Tolstói ela seria um eterno mistério. Ele confessou abertamente a Alexandrine que em geral achava difícil lidar com crianças de menos de três anos, mas descreveu Piotr, seu caçula, então com seis meses de idade, como um bebezinho maravilhoso e cheio de saúde.

Como Sônia mais tarde enfatizou, a coisa mais importante da vida do marido era o trabalho, e anos depois, quando ele passou a militar em tempo integral em favor dos oprimidos, ela o repreenderia por negligenciar os filhos menores. Contudo, era Tolstói quem tomava todas as decisões sobre a educação dos filhos, e aos olhos deles o escritor era uma figura carismática, ainda mais porque pouco o viam. Foi na década de 1870 que Tolstói se envolveu de maneira mais ativa como pai, particularmente na primeira metade da década, antes de ser completamente absorvido pela escrita de *Anna Kariênina* e da crise espiritual que se seguiu imediatamente ao romance. Consequentemente, os filhos mais velhos de Tolstói receberam do pai bem mais atenção do que seus irmãos menores que cresceram na década de 1880, o que ficaria evidente no caso de Andrei e Micha, que mais tarde não demonstrariam nenhum interesse em viver segundo os ensinamentos do pai. Os filhos mais novos de Tolstói também cresceram sem lembranças de um casamento feliz dos pais, ao contrário dos três mais velhos, que já adultos escreveram reveladores textos memorialísticos acerca de seus idílicos primeiros anos em Iásnaia Poliana.

Embora vissem menos o pai do que a mãe, para os pequenos Tolstói a influência paterna era sem dúvida bem maior: a palavra do pai era a lei. Era sempre um evento quando ele aparecia no quarto das crianças, e ao longo de toda a infância os filhos de Tolstói adoravam passar o tempo com ele. Na década de 1870 os meninos se lembravam de que o pai ainda era cheio de *joie de vivre*, e de alguma maneira a vida era mais interessante quando ele estava por perto, pois

parecia possuir uma energia especial. Quando estava trabalhando, Tolstói detestava ser incomodado e fazia questão de que na casa reinassem paz e silêncio absolutos, mas em muitas outras ocasiões ele se mostrava bem-humorado e animado, com a exuberância de uma criança crescida. Aficionado por exercícios físicos e pelos benefícios de atividades ao ar livre, ele gostava de levar os filhos para cavalgar, nadar e esqui. Gostava que os filhos fizessem ginástica, mas não gostava de brinquedos, que eram banidos do quarto das crianças, o que obrigava Sônia a fazer cavalinhos e cachorrinhos de papelão e costurar bonecas de trapos para que os filhos tivessem com o que brincar. Tolstói compensava essa proibição de brinquedos convencionais dando aos filhos a maior liberdade possível. O que ele mais detestava em seus filhos eram mentiras e grosserias, e vê-los comendo direto da faca e não do garfo. Tolstói punia as travessuras dos filhos simplesmente ignorando-os. Os pequenos Tolstói achavam impossível mentir para o pai, e às vezes mal conseguiam até mesmo encarar seu olhar duro e glacial, convencidos de que ele era capaz de ler pensamentos. Os filhos jamais duvidaram do amor do pai, embora Tolstói nem sempre demonstrasse sua ternura pelos filhos homens, pois isso a seu ver era um sinal de fraqueza. De fato, Ilia não conseguia se lembrar de ter recebido uma única carícia do pai. Tolstói sempre foi muito mais carinhoso fisicamente com as filhas.

Com os próprios filhos Tolstói era um professor rigoroso e minucioso, e às vezes era difícil acompanhar seu ritmo (Tânia tinha muitíssimo medo das aulas de matemática com o pai, que às vezes ficava bastante impaciente). Não só as palavras “não sei” e “não consigo” inexistiam no vocabulário de Tolstói, mas ele parecia lecionar em andamento acelerado, como o trote ligeiro que mantinha quando cavalgava. Os pequenos Tolstói tinham como professores o pai e a mãe: o pai se incumbia das aulas de matemática, latim e grego; a mãe era responsável pelas lições de russo e francês; além disso, um padre local ia duas vezes por semana a Iásnaia Poliana a fim de ensinar às crianças as Escrituras, e além dele havia o professor de desenho de Tânia e uma sucessão de tutores residentes, vários deles estrangeiros. Como o escritor admirava vários aspectos da educação britânica, o primeiro dos muitos tutores que contratou foi uma governanta inglesa, Hannah Tarsey, que chegou em novembro de 1866. Uma vez que nem Sônia nem Tolstói sabiam inglês muito bem, antes da chegada dela eles treinaram lendo *A mulher de branco*, de Wilkie Collins.

Hannah Tarsey, filha de um jardineiro no castelo de Windsor, chegou à

Rússia com a irmã Jenny, que foi trabalhar na casa de outra família. Hannah tinha dezenove anos, apenas três anos mais nova que Sônia. No início a comunicação entre as duas não foi das mais fáceis, mas Hannah era trabalhadora e afável, e acabou se tornando um membro muito querido da família. Logo a governanta disciplinou as crianças em um regime de banhos regulares, e apresentou à família o pudim de Natal e o costume de flambá-lo (receita nº 26 no livro de receitas de Sônia: “Pudim de passas”). Hannah obviamente sentia saudade dos assados de domingo em sua terra natal, Berkshire, uma vez que na casa dos Tolstói tentou fazer também o pudim de Yorkshire (Receita nº 132: “Pudim para servir com rosbife”). Hannah mergulhou de corpo e alma na vida russa e ficou com os Tolstói por seis anos, mas por causa de sua saúde debilitada foi embora no verão de 1872, para trabalhar como governanta dos filhos da irmã de Sônia, Tânia, no Cáucaso. No clima mais temperado do sul, sua saúde melhorou, e dois anos depois ela passou a integrar a empobrecida realeza georgiana ao se casar com o príncipe Dmítri Machutadze (e conquistou a simpatia dos parentes ao transformar em um lucrativo e bem-sucedido empreendimento comercial o negócio de produção de queijo de ovelha da família). Depois que Hannah foi embora, Fiódor (Theodor) Kaufmann assumiu o papel de tutor das crianças, a quem dava aulas de alemão. Apaixonou-se pela bela e loira Dora, que substituiu Hannah como governanta das meninas, mas ela não durou muito porque se mostrou incapaz de exercer qualquer autoridade, o que em parte se deve ao fato de que Tolstói tinha uma *setter* irlandesa de pelos dourados de mesmo nome (ele gostava de dar a seus cães nomes de personagens dos romances de Dickens). Por causa disso, era ainda mais difícil levar Dora a sério. A seguir veio Emily, que era quieta, séria e chorava muito.

Os filhos de Tolstói viam mais os tutores e governantas do que seu pai e inclusive sua mãe, sempre ocupada cerzindo ou tratando de questões domésticas, quando não estava passando a limpo manuscritos do marido. A educação das crianças também foi influenciada pela numerosa população da casa — que contava com alguns personagens excêntricos. Em primeiro lugar havia a idosa tia Toinette, sempre enfiada em sua touca e seu xale e cujo quarto era atravancado de ícones em molduras de prata que eram polidas pela criada Aksínia Máximovna, igualmente senil. As crianças associavam a tia ao cheiro de cipreste e às gavetas de sua cômoda cheias de bolo de gengibre, com que ela às vezes os presenteava. Toinette era bondosa, mas as crianças achavam sua companhia

bastante entediante. Natália Pétrovna vivia balbuciando frases ininteligíveis sobre proprietários de terras, oficiais do exército e monastérios, e Serguei achava que ela parecia sempre falar como se tivesse a boca cheia de trigo-sarraceno. E havia os criados — ex-servos da casa. A mais velha e respeitada era Agáfia Mikháilovna, antiga criada da avó de Tolstói, que depois passara a cuidar das ovelhas e da administração geral da casa e agora vivia na propriedade recebendo modesta pensão. Quando pequenas, as crianças tinham medo daquela figura alta e magra, mas Agáfia era um membro muito querido da família. Antes de Tolstói se casar, ela costumava se sentar em silêncio junto ao samovar lendo as vidas dos santos nas frias noites de inverno. Agáfia era carinhosamente chamada por todos de “governanta dos cães”, pois vivia, em certo estado de penúria, com os borzóis e outros cães de caça da família. A pequena e roliça Mária Afanasievna Arbuzova, babá dos cinco mais velhos de Tolstói, também era muito querida por todos. Ela assumira o papel de governanta depois da chegada de Hannah e sempre mimou as crianças, dando-lhes damascos secos e outros acepipes da despensa. Ela e seus dois filhos, Pável e Serguei, também criados de confiança, eram muito íntimos dos pequenos Tolstói. Mais tarde Pável ensinou a Tolstói a arte de consertar sapatos, ao passo que Serguei tornou-se o criado pessoal do escritor depois que o fiel Alexei Stepánovitch se aposentou. Alexei, homem de maneiras suaves e gentis por quem as crianças tinham grande respeito, originalmente havia trabalhado como servo de Iásnaia Poliana, e acompanhara Tolstói em sua viagem à Crimeia. Era casado com Duniacha Bánnikova, a filha do primeiro tutor de Tolstói, e quando Ilia nasceu, em 1866, Tolstói o promoveu a administrador da propriedade. Os filhos de Tolstói tinham uma relação muito próxima com quase todos da casa. Por exemplo: Evlampia Matveiévna, que tinha sido ama de leite de Serguei, era a esposa do cocheiro de Iásnaia Poliana, Filipp Rodionov, que cuidava dos pôneis dos meninos.

Para acomodar sua família cada vez maior, bem como os tutores estrangeiros, foi necessário ampliar a casa. Tinham construído a primeira extensão no verão de 1866, e no final de 1871 criaram uma nova sala de estar e uma nova sala de jantar no andar de cima, além de um estúdio para Tolstói no térreo, com uma espaçosa varanda de madeira para as refeições no verão. As obras de ampliação destruíram a simetria das alas idênticas que outrora ladeavam a casa e que Tolstói vendera para pagar suas dívidas de jogo, mas em compensação propiciaram o espaço extra que se fazia necessário. A segunda e

última ampliação foi concluída em dezembro de 1871, a tempo do Natal, sempre a época mais festiva e alegre do ano para os filhos de Tolstói. Além de supervisionar o trabalho de limpeza do soalho e de colocação dos quadros depois de terminada a etapa de pintura e decoração, Sônia cuidou dos preparativos para a festa natalina: pôs em cena os antigos candelabros, louças e talheres da família, costurou trajes e máscaras e enfeitou nozes. Os convidados chegaram — em três trenós — pouco antes da meia-noite da véspera de Natal. No dia seguinte chegaram mais convidados, e depois de decorarem a árvore de Natal todos foram patinar no gelo e escorregar de tobogã na neve — as crianças tinham ataques de riso a cada vez que alguém tomava um tombo. Naquele dia a casa ficou repleta: além dos sete Tolstói estavam lá Hannah, a tia Toinette e Natália Petróvna, o tio de Sônia, Kóstia, a tia de Tolstói, Polina, acompanhada de seu sobrinho Kolia e suas sobrinhas Vária e Liza, o marido desta última, Leonid Dmítrievitch, o velho amigo de Tolstói Dmítri Alexêievitch Diakov e sua filha Macha, além de Sofia, sua antiga governanta e outra governanta inglesa de visita, Katie — ao todo, vinte pessoas à mesa. A certa altura da festa tio Kóstia sentou-se para tocar piano e logo todo mundo começou a dançar; depois deram boas risadas assistindo a um espetáculo hilariante: Dmítri Alexêievitch, senhor rotundo e de barba ruiva, iniciou uma dança cossaca acompanhado de Leonid Dmítrievitch.

O Natal era praticamente a única época do ano em que os filhos de Tolstói tinham permissão para se divertir com brinquedos. Tânia tinha particular adoração pelas bonecas que ganhava do padrinho Dmítri Alexêievitch — todas invariavelmente acabavam recebendo o nome de Macha, por causa da filha de Dmítri, que completou dezesseis anos em 1871 e que Tânia idolatrava. O Natal era também a época de usar máscaras, roupas do sexo oposto e fantasias de animais. No segundo dia de festividades daquele ano Tânia se fantasiou de marquês e entrou na sala toda empoada e envergando um longo manto azul, acompanhada do irmão Serguei vestido de marquesa. Ilia vestiu uma saia vermelha, Katie se transformou em palhaço, Liza tornou-se um mujique e Sônia usou o vestido nacional russo. A seguir apareceram o tio Kóstia e Kolia caracterizados como os tradicionais ursos dançarinos, conduzidos por Dmítri Alexêievitch em sapatos de palha e acompanhado por um bode saltitante que aos risos as crianças rapidamente identificaram como seu pai. Foi uma das ocasiões mais felizes de Iásnaia Poliana, e um dos últimos momentos de alegria.

Quando eram pequenos, os filhos mais velhos de Tolstói também

costumavam aguardar ansiosamente os meses de verão, época em que a casa recebia visitas. Em geral os amigos do pai (caso de Afanasi Fet e a esposa, Serguei Úrusov e Nikolai Strákhov) vinham e ficavam apenas alguns dias, mas a tia Tânia e as sobrinhas Dacha, Macha e Vera — todas menores de cinco anos em 1871 — aproveitavam o verão para passar um mês inteiro na outra ala da casa de Iásnaia Poliana. O irmão caçula de Sônia, Stepan (o “tio Stiopa”) também passou em Iásnaia Poliana todos os verões de 1866 a 1878, quando já tinha entrado na adolescência. Às vezes a avó Líubov vinha para ficar (agora ela estava vivendo em São Petersburgo), e com frequência a tia Polina saía do convento em Tula onde agora residia de maneira permanente para visitar Iásnaia Poliana. O verão realmente tinha chegado assim que ranúnculos apareciam no gramado da frente da casa, e quando as roupas de verão das crianças eram tiradas de dentro das malas dos armários e não mais cheiravam a cânfora. Era a época de piqueniques com o samovar junto ao riacho sob a sombra de um carvalho, com as meninas lendo poemas em voz alta. Era a época de colher cogumelos e de noites com fogueiras, às vezes com a emoção de ver o trem expresso passando a toda velocidade pelo vilarejo vizinho de Kozlovka. O verão era também o tempo da fabricação de geleia, ritual que era realizado todo ano no jardim, sob as tílias, acompanhado por nuvens de abelhas e vespas zumbindo. Nas quentes tardes de verão meninas do vilarejo surgiam descalças na varanda, carregando pratos de cogumelos e morangos a serem trocados por alguns copeques.

Para os dois meninos mais velhos de Tolstói o verão era também a época de levar uma rede para os campos para caçar borboletas, ou de cavalgar seus pôneis quirguistaneses, Sharik e Kolpik, em meio a bosques de carvalhos e clareiras úmidas de orvalho repletas de miosótis. Quando estavam com sorte, Serguei e Ilia eram acompanhados do pai, montado em seu garanhão inglês, e em muitas ocasiões pai e filhos amarravam os cavalos em uma bétula e iam nadar na lagoa. Desde menina Sônia estava acostumada a ter pelo menos uma choupana onde pudesse se trocar antes de entrar na água, e quando chegou a Iásnaia Poliana ficou horrorizada ao constatar que não havia cabana de banhistas — era preciso se trocar à beira do lago —, o que, porém, estava em consonância com o entusiasmo de Tolstói pela vida natural. Quando Serguei ainda era bebê, Tolstói comprou linho não branqueado e deu ordens para que Sônia fizesse para o menino algumas das tradicionais camisas camponesas de gola reversa ou inclinada, como as que ele próprio usava e com que se identificava (mais tarde

essas camisas receberiam o nome de *tolstovka*, em homenagem ao escritor). Sônia obedeceu respeitosamente, mas também fez de suas finas blusas de musselina pequenas camisas para Serguei usar por baixo do linho grosseiro.

Apenas em duas ocasiões, em 1873 e 1875, a família Tolstói viajou nas férias de verão para sua nova propriedade nas estepes da província de Samara, a mais de oitocentos quilômetros ao leste. Para as crianças foi uma aventura e tanto, e para os pais foi uma gigantesca empreitada. Tolstói já tinha feito essa viagem várias vezes, por razões de saúde: era um grande defensor do cúmis, o leite de égua fermentado produzido pelos nômades *bachkires*. A primeira visita de Tolstói à estepa foi no verão de 1862, antes de se casar, e depois retornou em 1871 e 1872, deixando Sônia e os filhos em casa. Em 1871 ele levou consigo Stepan Berhs (então com dezesseis anos) e seu velho criado Vânia Suvorov, e lá ficou seis semanas. Naquela época não havia ferrovia depois de Níjni Novgorod, que já ficava a dois dias de viagem de Iásnaia Poliana, e só para chegar ao remoto vilarejo onde Tolstói realizou seu tratamento curativo à base de cúmis era preciso comprar uma passagem para dois dias de jornada em um vapor no Volga, e depois mais dois de viagem em um *tarantass* a partir de Samara, na principal estrada para a Ásia Central. O que aguardava ao final da viagem eram quilômetros de uma estepa sem árvores, uma terra seca, uma tenda de feltro e uma dieta composta quase que exclusivamente de carne de carneiro e litros de cúmis.

Nem todo russo julgava que um vilarejo primitivo no meio do nada era o ideal de destino turístico ou de estância curativa. Na época a moda era ir para o exterior, de preferência ou para *spas* alemães ou para a Riviera Francesa. Os que optavam por permanecer nos domínios do Império Russo também tinham opções chiques: podiam desfrutar da estimulante brisa marinha em algum balneário no Báltico, aproveitar as águas nos *resorts* que tinham brotado em torno das fontes minerais do Cáucaso, tais como Kislovodsk ou Piatigorsk, ou frequentar a cada vez mais popular cidade litorânea de Ialta, na aromática Crimeia, onde os Romanov passavam férias. Fazia tempo que Tolstói deixara para trás essas preocupações com o que estava na moda, e decididamente apreciava a falta de conforto e de amenidades; em tom alegre, escreveu para Sônia para dizer que a completa ausência de camas, louças e pão branco (a comida era consumida em tigelas de madeira, sem talheres) seria mais do que o “coração do Krêmlin” da esposa seria capaz de aguentar.

Os *bachkires* eram originalmente cavaleiros nômades dos Urais do sul que

viviam entre os rios Kama e Urail, a leste de Samara. Povo muçulmano de língua turca, os *bachkires* foram obrigados a reconhecer a supremacia russa após a conquista de Kazan em meados do século XVI, mas aos poucos foram se transformando em uma minoria à medida que russos e outros grupos étnicos da região do Volga se fixavam nas terras das quais durante séculos acreditaram ser donos. Era território de fronteira para os russos, que no século XVIII construíram uma linha de fortes de Samara até a nova cidade de Orenburg, em preparação para o avanço Cazaquistão adentro e além (Samarkand foi conquistada para a nova província do grande Tsar Branco, o Turquistão, em 1868). Se por um lado em meados do século XVIII os *bachkires* já tinham sido brutalmente subjugados, por outro receberam status tributário especial e tentaram manter seu estilo de vida tradicional em meio aos russos, que seguiram colonizando de maneira implacável suas férteis pastagens. Um desses russos era Tolstói.

Embora tivesse aplicado uma boa soma de seu próprio dinheiro na publicação da primeira edição de sua *Cartilha*, Tolstói tinha boas reservas, graças às vendas de *Guerra e paz*, e nessa etapa da vida estava ávido para incrementar sua fortuna. As terras dos *bachkires* eram muito baratas, e Tolstói tinha um bom olho para fechar bons negócios comprando terras e lucrando com o cultivo agrícola. Duas semanas depois de sua chegada, ele comprou 2.832 hectares ao custo total de 17,5 mil rublos. Por carta, explicou a Sônia que duas boas colheitas bastariam para recuperar o investimento, mas para que isso fosse possível precisariam passar na estepe o verão do ano seguinte. Ele descreveu como “pitoresca” a paisagem montanhosa, embora admitisse que não havia árvores, tampouco nenhum tipo de sombra, mas em compensação havia “o ar da estepe, banhos, cúmis e cavalgada”. Tolstói assegurou a Sônia que primeiro queria a aprovação dela, mas seguiu em frente mesmo antes de receber a resposta da esposa. Acontece que Sônia não ficou tão entusiasmada: “Se é um negócio lucrativo, isso é problema seu, e eu não tenho opinião a respeito. Mas teria de ser um caso de extrema necessidade obrigar uma pessoa a viver na estepe sem uma única árvore por centenas de quilômetros a fio, pois para um lugar assim pessoa alguma iria de bom grado, especialmente com cinco crianças”.

No verão de 1871 Tolstói e seus dois companheiros se instalaram em uma enorme *kibitka* (tenda *bachkir*), pertencente ao mulá local e com o chão forrado de estipa. A tenda servia como mesquita e tinha uma mesa e uma cadeira, aveia para os cavalos, um cachorro preto e dezenas de galinhas, que faziam uma

tremenda bagunça mas garantiam uma boa provisão de ovos. Tolstói acordava ao raiar do dia, escrevia para Sônia e depois de tomar três copos de chá saía para ver os bandos de cavalos voltando sobre as colinas (cerca de mil, segundo seu cálculo). Depois era hora de beber cúmis, produzido em odres de couro, longe da vista, pelas mulheres *bachkires*, mas sempre servido pelos homens. Mais tarde, como relatou a Sônia, geralmente ia a pé até o vilarejo a fim de encontrar pessoas que tinham vindo da Rússia em busca do tratamento curativo à base de cúmis, incluindo um professor grego que o ajudou a ler Heródoto. Ocasionalmente, Tolstói saía para caçar (aves, como abetardas e combatentes e, de vez em quando, lobos). Por ser nobre, Tolstói era sempre muito bem recebido por todos os *bachkires* que visitava. No final de junho, viajou com Stepan oitenta quilômetros a leste, em uma carroça puxada pelo cavalo que ele havia comprado por sessenta rublos assim que chegou, até Buzuluk, cidade que tinha diversas igrejas, casas em sua maioria de madeira e um movimentado e barulhento comércio de grãos, sebo e couro cru. Depois de passar uma noite horrível e desconfortável em um ponto de parada na estrada em meio à exaustiva jornada pelas estepes, quando chegaram Tolstói dormiu a sono solto — a bem da verdade, dormiu tão profundamente que sequer percebeu os percevejos caminhando sobre seu corpo —, mas logo voltou as atenções para a ruidosa e pitoresca feira que tinham ido ver. Pessoas de uma dezena de nacionalidades diferentes lá se reuniam para negociar cavalos quirguistaneses, cossacos e siberianos.

Naquele ano Tolstói retornou a Iásnaia Poliana com o ânimo e a saúde renovados, depois de se refestelar no calor seco da estepe, com seu ar límpido e céu radiante. Voltaria a Samara no verão do ano seguinte sem Sônia, que tinha acabado de dar à luz Piotr (Pétia), sexto filho do casal, e dessa vez levou Timofei Fókanov, camponês de Iásnaia Poliana que se tornaria o primeiro administrador da nova propriedade. Em muitos sentidos essa viagem foi mais difícil. A colheita de 1871 tinha sido bastante ruim, mas a colheita de 1872 foi a pior em muitas décadas, causando problemas que se agravariam no ano seguinte. Dessa vez Tolstói preferiu se hospedar em uma casa, não em uma tenda — a casa de sua nova *khutor* (propriedade rural), que, porém, deixava a desejar. A primeira impressão foi muito agradável, ele escreveu a Sônia, embora o lago estivesse seco. Tolstói também admitiu que a casa era velha e sem graça e tinha apenas dois quartos, mas que acomodaria muito bem a família toda, ele assegurou em

tom alegre. Naquele verão Tolstói estava muito preocupado com sua primeira *Cartilha*, que agora finalmente estava no prelo, por isso voltou para casa mais cedo, depois de apenas três semanas.

Fossem quais fossem suas apreensões acerca da perspectiva de viver na estepe, no verão do ano seguinte Sônia conseguiu abafar seus temores, e a família inteira seguiu para o leste. Em junho de 1873, os dezesseis membros da família Tolstói se reuniram na sala de estar, fecharam as portas e permaneceram sentados em silêncio por alguns momentos, preparando-se para a jornada que teriam pela frente; a seguir completaram o ritual levantando-se e persignando-se. Uma caravana de carruagens e carroças transportou a família até Tula, onde pegaram o trem, e em Níjni Novgorod embarcaram no vapor para Samara. Assim que entraram no barco, começaram a se sentir na Ásia ao ver os exóticos chapéus e as túnicas dos vários tártaros e persas viajando na terceira classe, e particularmente quando ouviam essas pessoas falando. Durante uma parada para reabastecimento em Kazan, Tolstói desceu com os meninos mais velhos, Serguei e Ilia, para mostrar-lhes onde ele tinha morado; somente depois que o barco já tinha avançado vários quilômetros Volga abaixo é que Sônia percebeu que o marido e os filhos não tinham embarcado de volta. Como registra Sônia em sua autobiografia, o capitão não teria dado meia-volta caso se tratasse de um “mero mortal”, mas uma vez que Tolstói era um conde, a coisa era diferente. De Samara, a família viajou em uma velha e enorme carruagem puxada por seis cavalos, presente do amigo de Tolstói, Úrusov, que tinham sido trazidos de Iásnaia Poliana. Foi uma jornada longa, quente e poeirenta, entremeada por uma noite numa estalagem camponesa de beira de estrada. Para os filhos mais velhos, que dormiam ao relento no feno sob as estrelas e jamais tinham visto paisagem tão desconhecida, era tudo uma grande novidade.

Quando por fim chegaram, os Tolstói tiveram de se espremer na pequena e extremamente precária residência de sua nova propriedade. Tolstói e Stepan acabaram se instalando em uma *kibitka*, e os meninos e seu tutor alemão foram dormir no celeiro. Os temores de Sônia se mostraram plenamente justificados. O esterco seco usado como combustível não queimava direito e exalava um odor repugnante; durante o dia havia nuvens de moscas por toda parte, e assim que as velas eram acesas enormes besouros pretos caíam do teto sobre a toalha de mesa. Os únicos vizinhos estavam a quilômetros de distância e eram todos camponeses e *bachkires*. Sônia enfrentou a situação com bravura e fez o melhor que pôde para

garantir que todos aproveitassem a estadia. Consciente de que todos estavam ali por sua causa, Tolstói também fez o melhor que pôde para que se divertissem. Naquele verão ele convidou um velho *bachkir* para fornecer o cúmis. Muhammed Shah trouxe consigo suas esposas e enteadas, além de dez éguas, e montou sua *kibitka* junto à casa de Tolstói. Toda manhã, vários membros da família, além de Hannah, que tinha vindo do Cáucaso para se juntar a eles, sentavam-se de pernas cruzadas sobre os tapetes na *kibitka* e bebiam das tigelas de madeira oferecidas por Muhammed. Os *bachkires* não tinham se adaptado muito bem à vida sedentária, como os colonos russos, e Muhammed falava com saudade das terras que tinham perdido para camponeses de Tambov ou Ryazan, que eram inconfundíveis por causa da cor e estilo de suas roupas.

Certamente a saúde de Tolstói se beneficiava com a ingestão de até oito tigelas de cúmis a cada sentada. O escritor adorava ir a Orenburg e a Buzuluk para as feiras de cavalos, e certa vez comprou de uma só tacada um bando inteiro de cavalos selvagens da estepe. Mas naquele verão ele estava preocupado com a seca e a fome na área, em vias de sofrer os efeitos da terceira colheita malfadada consecutiva. Agora não havia nenhuma perspectiva de reaver seu investimento em dois anos. Sônia instigou-o a fazer alguma coisa, e a hesitante indiferença do novo governador levou Tolstói a agir. De fato, a única ação do novo governador foi pressionar os camponeses que tinham impostos em atraso com a administração. Tolstói passou duas semanas percorrendo cada um dos distritos, em um raio de cerca de noventa quilômetros de sua propriedade, a fim de avaliar o problema, e depois elaborou um detalhado inventário das 23 propriedades em Gavrilovka, o vilarejo mais próximo. O relatório incluía informações sobre o número de cabeças de gado que cada família possuía, o tamanho de cada propriedade, o quanto haviam semeado e colhido naquele ano e as dívidas. Depois se sentou e escreveu uma carta aos editores da *Gazeta de Moscou* para que o jornal solicitasse a mobilização do governo e da população no sentido de ajudar a região. Também escreveu a Alexandrine para que ela levasse a questão à corte.

Não havia em toda a Rússia área tão dependente do resultado das colheitas anuais como a província de Samara, Tolstói escreveu em sua carta. Em todos os lugares a que ele tinha ido, encontrara a mesma situação: sinais da fome iminente, que ameaçava engolir 90% da população na província. “Não há homens em parte alguma, pois todos se foram em busca de trabalho, deixando em casa velhos, mulheres magras e seus filhos franzinos e doentes. Ainda há grãos, mas estão

acabando; cães, gatos, gado e galinhas estão magros e famintos, ao passo que os mendigos que batem às portas e janelas recebem migalhas ou são enxotados”. Ciente de que o programa de ação preferido das autoridades era simplesmente ignorar o desastre (os governantes já tinham tentado atribuir a culpa aos camponeses, argumentando que a causa da penúria era a bebedeira e a preguiça), Tolstói incluiu em sua carta todos os dados coletados, autenticados por escrito pelo padre local e endossados com um selo do ancião do vilarejo, que obviamente era analfabeto. Sua pesquisa tinha sido bastante minuciosa e completa:

1. Sávinin [família]. Homem idoso de 65 anos e senhora idosa, dois filhos, um casado, duas meninas. Sete bocas para alimentar, dois trabalhadores. Não há animais: nem cavalo, nem vaca, nem ovelha. Os últimos cavalos foram roubados, a vaca morreu no ano passado, as ovelhas foram vendidas. A família semeou 4,5 hectares [ano passado]. Nada cresceu, portanto não houve o que colher [este ano]. Não há estoque de grãos. Imposto de capitação de trinta rublos em atraso para os dois últimos períodos; juros de empréstimos do ano passado: 10,5 rublos; dívida particular referente ao empréstimo de trem: treze rublos; total de 53,5 rublos [...].

19. Krámov [casa]. Seis bocas para alimentar e um recém-nascido, um trabalhador. Animais: dois cavalos, três vacas, cinco ovelhas. Foram semeados 3,8 hectares e nada cresceu. Dívida: 28 rublos e 48 copeques [...].

A carta de Tolstói foi publicada em 17 de agosto, enquanto a família fazia a viagem de volta para Iásnaia Poliana, e rapidamente foi reproduzida em muitos outros jornais. O que mais impressionou os leitores russos foram os dados factuais do inventário de Tolstói, pois ele não estava apenas alertando sobre o risco de uma iminente tragédia em alta escala, mas fornecendo dados estatísticos sobre o campesinato até então jamais compilados. Desde o início do século XIX políticos liberais europeus vinham defendendo a coleta de dados empíricos sobre as populações como valiosa ferramenta de progresso social, mas o espectro da política tinha impedido severamente o desenvolvimento da nova disciplina da estatística na Rússia. Receoso de que a sociedade russa fosse analisada sob o microscópio (particularmente no que dizia respeito à servidão e às instituições estatais), Nicolau I simplesmente havia censurado a maior parte do trabalho de coleta estatística. Como consequência, era praticamente inexistente o conhecimento de dados estatísticos acerca do campesinato antes do Ato de Emancipação da Servidão de 1861, embora os camponeses representassem a vasta maioria da população. Previsivelmente as atitudes mudaram na década de

1860, mas foi somente na década de 1880 que funcionários extremamente mal remunerados da *intelligentsia* começaram a realizar recenseamentos nos vilarejos em nome do *zemstvo* (governo local), e o primeiro censo nacional só foi levado a cabo em 1897. A carta de Tolstói sobre a grande fome em 1873 causou comoção nacional e resultou em uma campanha de doações que arrecadou dois milhões de rublos e 344 mil quilos de grãos. Por meio dessas doações, que vieram tanto do governo central como da população em geral, boa parte do sofrimento foi evitado ou aliviado. Foi o primeiro grito de alerta que Tolstói ouviu para a realidade da vida de muitos camponeses russos e que o mobilizou para a ação — e não seria o último.

ROMANCISTA

Naquela época ele lia muitos romances familiares ingleses e às vezes fazia piada sobre eles, dizendo, “Esses romances sempre terminam com o homem colocando o braço em volta da cintura da mulher, depois eles se casam e ele herda uma propriedade e um título de nobreza. Esses romancistas sempre terminam o romance com o casamento dos protagonistas. Mas o romance não deveria tratar do que acontece antes de se casarem, mas sim do que acontece depois que se casam.

Memórias de Serguei, filho de Tolstói

DESDE QUE ENTREGARA aos tipógrafos o manuscrito da última parte de sua *Cartilha*, em fevereiro de 1872, Tolstói estava ansioso para voltar à ficção. Dessa vez não teve de enfrentar as agruras da incansável busca de um tema. Sabia exatamente que direção queria tomar, mas sua imaginação ainda não tinha sido capturada pelos cachos rebeldes de uma dama da sociedade dona de sedutora beleza e destinada a tornar-se uma das maiores heroínas da literatura. Em vez disso, sua mente estava absorta pela energia inesgotável e o sadismo regado a álcool de um bufão sifilítico que foi também o primeiro grande revolucionário da Rússia: Pedro, o Grande. A bem da verdade, Tolstói só descobriu esses traços da personalidade do tsar ao longo de sua esmerada pesquisa, mas foram eles que por fim o levaram a perceber que já não queria mais escrever um romance sobre o “tsar-reformista”. Graças a essa constatação o escritor ficou suscetível ao vislumbre de inspiração que engatilhou *Anna Kariênina*, lampejo que, contudo, só aflorou depois de uma tremenda batalha com todas as fontes disponíveis sobre a história russa dos séculos XVII e XVIII. Tolstói fez 33 tentativas de iniciar seu romance sobre Pedro, o Grande.

Em 1872, Tolstói não era o único russo interessado em Pedro, o Grande,

uma vez que no mesmo ano o compositor Mússorgski começou a planejar uma nova e ambiciosa ópera histórica ambientada na época da ascensão de Pedro. Havia uma razão especial para que Pedro ocupasse o centro das atenções públicas: era o bicentenário de seu nascimento. Durante seu reinado, Nicolau I tinha incentivado ativamente o culto da personalidade de Pedro, e o aniversário foi celebrado com pompa e circunstância. Um novo couraçado de batalha recebeu o nome de Pedro, uma estátua foi erguida em Petrózzavodski (São Petersburgo não era a única cidade fundada pelo tsar a levar seu nome), e Tchaikóvski escreveu uma cantata em sua homenagem, para citar apenas alguns dos eventos que marcaram a ocasião do bicentenário. Houve também uma enxurrada de novas publicações — 1.049, para ser mais exato — e uma grande quantidade de tributos por parte de historiadores russos, alguns dos quais ainda inclinados a ver Alexandre II, o outro “grande reformador do país”, como um novo Pedro. Entre os que idolatravam Pedro, o Grande, estava o mais importante historiador do país, o professor Serguei Soloviov, recém-nomeado reitor da Universidade de Moscou. “Duzentos anos se passaram desde o dia em que o grande homem nasceu”, ele entoou na primeira de suas doze palestras públicas sobre Pedro, o Grande, em 1872. “Por toda parte ouvem-se as palavras: devemos celebrar o bicentenário desse grande homem; é nosso dever, dever patriótico, porque esse grande homem é um de nós, um homem russo.”

Soloviov era um acadêmico dotado do mesmo espírito laborioso de Tolstói, e que também publicou em escala tolstoiana. Aos treze anos de idade já tinha lido pelo menos uma dezena de vezes os doze volumes da *História do Estado russo*, obra pioneira de Karamzin, e em 1851 começou a publicar sua própria versão da história do país — projeto que o absorveria até sua morte em 1879. Karamzin tinha mapeado a história russa até a ascensão do primeiro tsar Romanov em 1613, mas os 29 volumes da *História da Rússia desde os primórdios* estendiam a pesquisa até 1774, ano da Rebelião Pugatchev (brutalmente massacrada pela tsarina Catarina, a Grande). Tolstói, é óbvio, leu com extrema atenção esse magistral trabalho de historiografia, particularmente os volumes acerca do reinado de Pedro. Soloviov buscava apresentar uma visão unificada da evolução da Rússia como nação. Veemente ocidentalista que acreditava no progresso histórico, ele via as reformas de Pedro como desdobramento natural e inevitável, que tinha colocado a Rússia no caminho da lei e da ordem e que aproximou o país da civilização europeia. Para Tolstói, contudo, a obra de Soloviov revelava a

Rússia pré-petrina como um país de “crueldade, roubo, espancamentos, coerção e incapacidade de fazer o que quer que fosse”, e a seu ver a perspectiva de Soloviov tinha uma falha evidente: não reconhecer a contribuição do povo na transformação da Rússia em um país unido e grandioso que fizera grandes avanços no século XVIII. Era inevitável que Tolstói assumisse uma postura bastante crítica acerca de mais um livro de história que parecia se concentrar nas diretrizes políticas e ações dos regentes da Rússia. Tolstói compartilhava com Soloviov a admiração pelos gostos simples de Pedro, mas nada além disso.

A fim de obter a noção de como era viver na Rússia durante o reinado de Pedro, Tolstói cercou-se de uma enorme quantidade de livros e artigos, que iam dos trinta volumes da reverente obra *Feitos de Pedro, o Grande, sábio reformador da Rússia*, de Ivan Gólikov, publicada no final do século XVIII, aos mais recentes perfis contemporâneos de historiadores eslavófilos, cujas atitudes em relação ao reinado de Pedro eram mais ambivalentes. E havia também os estudos de historiadores como Mikhail Smevski, que respeitavam as realizações de Pedro, mas repudiavam seu comportamento sacrílego e rabelaisiano. Histórias gerais, monografias, diários, cartas — Tolstói devorou tudo que lhe caiu às mãos; além disso, também examinou atentamente quadros e retratos contemporâneos.

Mússorgski também se deleitou com a profusão de novos livros e artigos que foram gradualmente preenchendo os espaços em branco da história russa, mas era extremamente cético no que tangia a admitir que as reformas de Pedro tinham sido de fato benéficas. Em carta enviada a Stásov em junho de 1872, escrita em seu estilo caracteristicamente opaco, Mússorgski asseverava que a Rússia não tinha progredido como nação:

A força da terra preta se revela quando se cava bem fundo. É possível revolver a terra preta com ferramentas estranhas a ela. E no final do século XVII cavaram a Mãe Rússia *exatamente com ferramentas assim*, por isso não perceberam de imediato o que estavam usando para nela abrir sulcos, e, assim como a terra preta, ela se abriu e começou a respirar. E então ela, a nossa amada, acolheu e deu ouvidos a conselheiros privados, que jamais deram a ela, a resignada, a chance de se recompor, recobrar suas forças e pensar: “*Para onde estão me empurrando?*”... “Nós andamos para a frente!” — “Vocês mentem — Ainda estamos empacados lá atrás!”...

Mússorgski sentiu-se completamente esmagado pela tarefa de ter de elaborar por conta própria um libreto a partir das muitas e incompatíveis fontes com as quais estava trabalhando, e jamais conseguiu terminar a partitura de sua ópera. Tolstói não se intimidou minimamente pela dimensão de sua empreitada, mas seu

projeto jamais alçou voo, uma vez que quanto mais ele lia sobre Pedro, menos atraente o tsar se tornava como potencial personagem de um romance. O escritor ficou decepcionado pela personalidade do primeiro imperador da Rússia, que mais tarde definiria em termos depreciativos como um “bufão bêbado”.

O alcoolismo de Mússorgski também contribuiu significativamente para diminuir qualquer interesse que Tolstói pudesse ter por sua música (o consumo de álcool levou o compositor a uma morte precoce em 1881, com apenas 42 anos de idade). Ainda que mais tarde tenha ficado surpreso ao constatar o quanto gostou das canções de Mússorgski tocadas para ele em 1903, via de regra Tolstói tinha pouco interesse pela música russa contemporânea, a que permanecia alheio e indiferente. Tolstói e Mússorgski tinham, surpreendentemente, muita coisa em comum, embora nunca tenham entrado em contato. Ambos nutriam a mesma paixão pela Rússia e sua história, um profundo interesse pelas ricas texturas da língua russa (enquanto Tolstói elaborava sua *Cartilha*, Mússorgski reproduzia a fala infantil em seu extraordinário ciclo de canções *O quarto das crianças*), e uma preocupação com a autenticidade, em nome da qual se debruçavam sobre os mínimos detalhes de cada objeto de estudo. Ao tentar conceber uma maneira de escrever sobre as campanhas de Pedro, o Grande, contra os turcos em Azov, em janeiro de 1873 Tolstói escreveu a um conhecido da família que vivia no sul da Rússia com perguntas bastante específicas sobre a paisagem junto ao rio Don. Como eram as margens? Que tipo de grama crescia ali? Havia arbustos? Seixos? Certamente Tolstói alimentava altas expectativas com relação a seu romance sobre Pedro, o Grande, mas acabou constatando que por mais que forçasse a mão, não conseguia insuflar vida aos inúmeros esboços que, obstinadamente, tentava iniciar. É um tanto quanto irônico que, em fevereiro de 1873, no exato momento em que o público era informado por meio de uma coluna de jornal sobre sua mais recente obra em progresso, o escritor estivesse em vias de desistir da empreitada. Semanas depois ele seria tomado pelo desejo de escrever sobre temas contemporâneos, ambientando seu novo romance na era turbulenta em que ele mesmo vivia.

À medida que os historiadores davam consistência a um retrato mais bem-acabado de Pedro na atmosfera mais permissiva sob Alexandre II, um número cada vez maior de pessoas começou a questionar a visão oficial do reinado do tsar, incluindo o amigo norte-americano de Tolstói, Eugene Schuyler, cuja própria “biografia histórica” foi publicada em 1884. Em algum momento da

estadia de uma semana do diplomata em Iásnaia Poliana em 1868 é provável que Tolstói tenha debatido com ele o fascínio que ambos tinham por Pedro, o Grande. Ao longo de sua pesquisa, Schuyler acabou concluindo que Pedro havia forçado a europeização da Rússia cedo demais. Uma vez que os monarcas russos subsequentes passaram a concentrar recursos no cada vez maior prestígio militar do país, às expensas da reforma doméstica (cenário que, obviamente, se repetiria também no século xx), a bem da verdade o custo das reformas de Pedro tinha sido pago por aqueles que pelo menos se beneficiaram delas — os milhões de servos que compunham a maioria da população. Quando por fim chegaram — na década de 1860 —, as “Grandes Reformas” vieram tarde demais, e na opinião dos russos mais instruídos elas certamente não eram suficientes. Como era típico de sua postura, Tolstói não ficou nem do lado dos *krepostniki* — os membros da pequena nobreza latifundiária de direita que lamentavam o Ato de Emancipação da Servidão — nem dos membros da *intelligentsia* de esquerda que buscavam uma reforma mais radical. Em *Anna Kariênina* ele tomaria o partido de ambos os lados.

Com o passar do tempo a consciência de Tolstói acerca da enorme discrepância entre sua própria imerecida posição de privilégio e a pobreza e o atraso do campesinato foi se tornando cada vez mais dolorosa, e do ponto de vista moral era um empecilho que lhe dificultava continuar escrevendo para as classes instruídas. Por isso dedicou tanto tempo à *Cartilha*, que considerava a coisa mais importante que já fizera. Naquele momento de sua carreira, foi a melhor maneira que o escritor encontrou para ajudar a remediar uma situação da qual toda a pequena nobreza latifundiária era cúmplice. A visão utópica de muitos jovens estudantes russos sobre os problemas do país era bem menos prática. Na primavera de 1873, no exato momento em que Tolstói abandonava seu romance sobre Pedro, o Grande, e quando seu projeto da *Cartilha* parecia fadado ao completo fiasco, os membros mais radicais da *intelligentsia* estudantil estavam começando a achar que a revolução era a única solução para as mazelas do país. Inspirados pelas ideias populistas de pensadores como Alexander Herzen, defensor de uma versão russa de socialismo que tinha em mira dar ao campesinato condições de passar ao largo do capitalismo, rumaram para o campo com o intuito de travar contato direto com o povo, distribuindo propaganda e criando oficinas e cooperativas.

O ponto alto do movimento “Ir para o povo” (*Khozhdenie v narod*) se deu no verão de 1874, quando a zona rural russa foi invadida por literalmente milhares

de jovens e fervorosos estudantes “niilistas” (apelido pelo qual passaram a ser chamados desde a publicação de *Pais e filhos*, de Turguêniev, em 1862, e que denotava seu ceticismo quanto às autoridades). Muitos deles eram mulheres. Contudo, uma vez que em sua maioria esses estudantes vinham da cidade e eram essencialmente de classe média, o conhecimento que tinham sobre o campesinato era praticamente nenhum. O conservadorismo dos camponeses fez com que reagissem de maneira indiferente ou até mesmo hostil ao empenho dos estudantes em incitar sua mobilização para derrubar o tsar. Contrariando todas as expectativas, os camponeses mantiveram uma profunda lealdade e afeição pelos Romanov. O pacífico movimento “Ir para o povo” fracassou, e a onda de prisões que se seguiu levou os populistas mais extremados a recorrer ao terrorismo no final da década de 1870. Foi esse cenário de inquietação social que Tolstói usou como pano de fundo para ambientar *Anna Kariênina*. Lançar mão de um personagem (secundário) niilista na trama contradiz o fato de que em sua defesa do casamento e de valores familiares conservadores o romance como um todo seja um ataque aos pontos de vista defendidos pela *intelligentsia* radical, para quem a emancipação feminina estava em perfeita consonância com seus objetivos políticos. O aristocrático Tolstói jamais teria se permitido polemizar abertamente ou entrar em rota de colisão direta com seus adversários, cuja posição intransigente em parte derivava do fato de que, dada sua baixa origem social, nada tinham a perder. Em sua minuciosa análise do casamento como instituição, *Anna Kariênina* é certamente uma resposta indireta ao tipo de liberação feminina preconizada em textos niilistas clássicos como *Que fazer?*, de Tcherníchevski, que celebra o “amor livre”.

As sementes haviam sido plantadas em fevereiro de 1870, quando Tolstói começou a rascunhar seu artigo sobre a “questão da mulher”, somando forças a Strákhov em uma abrangente rejeição da reivindicação de John Stuart Mill em nome da igualdade entre os sexos. Foi precisamente a primeira vez em que Tolstói teve a ideia de escrever um romance sobre uma mulher de origem nobre que comete adultério. Então, em uma sombria e gelada noite de janeiro de 1872, uma mulher de 35 anos chamada Anna Pirogova chegou à estação de Iássenki, vizinha a Iásnaia Poliana, com uma trouxa contendo alguns pertences e uma muda de roupas de baixo, depois se persignou e por fim se atirou sob as rodas do trem de carga nº 77. Anna Pirogova, parente distante da esposa de Tolstói, tinha sido governanta e amante de um amigo do escritor, Alexander Bíbikov, então

com cinquenta e poucos anos de idade — anos antes Bíbikov fora seu sócio no projeto de destilaria, que teve vida curta. Bíbikov disse a Anna que planejava se casar com a nova preceptora de seus filhos, uma bela e jovem alemã. Em um acesso de fúria e ciúme, antes de tirar a própria vida, Pirogova enviou a Bíbikov um bilhete em que o acusava de ser seu assassino. Tolstói foi ver de perto o inquérito judicial e presenciou a autópsia da suicida, que tinha sido levada para um galpão da estação. O conde ficou profundamente abalado ao ver o cadáver mutilado da mulher que ele conhecera tão bem — Anna era uma bela mulher, de corpo bem talhado e olhos cinza. Foi um dos primeiros suicídios ferroviários na Rússia, cuja ainda incipiente malha ferroviária estava em franca e rápida expansão — dos cerca de oitocentos quilômetros da época de Nicolau I, já tinha aumentado para mais de dezesseis mil quilômetros em 1870. Sem sombra de dúvida foi o primeiro suicídio da estação local de Tolstói. É claro que o escritor também usava a “estrada de ferro”, mas repugnava essa invasão da modernidade a seu santuário rural, e reforçaria tematicamente a complexa estrutura arquitetônica de *Anna Kariênina* associando eventos ligados à ferrovia à morte e destruição.

Outro estímulo imediato para *Anna Kariênina* veio da França. Em março de 1873 Tolstói escreveu para sua cunhada Tânia perguntando se ela tinha lido o livro *L’Homme-femme* [O homem-mulher], ensaio de Alexandre Dumas Filho que causara alvoroço em Paris no ano anterior e já tinha sido reimpresso dezenas de vezes. Dumas escreveu seu ensaio como uma reação à cobertura feita pela imprensa francesa do julgamento de um homem que assassinara a esposa “infel”, de quem já tinha se separado. O texto era uma resposta específica a um artigo que deplorava as leis francesas que praticamente fechavam os olhos para tais crimes (o homem foi condenado a meros cinco anos de prisão) e propunha como solução o divórcio. Nesse caso essa jamais teria sido uma opção. Depois de um breve período imediatamente seguinte à Revolução Francesa em que a França teve as leis mais liberais do mundo, em 1816 o divórcio foi declarado ilegal e assim permaneceria até 1884. Para Dumas, o casamento era uma cruel e irreconciliável batalha entre os sexos em que a mulher levava a melhor, mas argumentava que nesse caso o marido era em última instância o árbitro moral, portanto tinha o direito de assassinar uma esposa infel que continuasse a ser recalcitrante. Tolstói ficou tremendamente impressionado com a análise que Dumas fazia do casamento. Além de introduzir em uma das primeiras versões de

Anna Kariênina uma discussão sobre o ensaio do autor de *A dama das Camélias*, também discordaria de muitos de seus pontos fundamentais no retrato que fez do matrimônio de Liévin e Kitty. Ademais, é óbvio que o russo também se veria às voltas com toda a tradição do romance francês de adultério, que tinha sido criada por autores como Flaubert, Zola e Dumas.

Por sua vez, a vida do próprio Dumas, ou melhor, a de sua esposa, propicia um interessante comentário aos temas de *Anna Kariênina*, pois o escritor era casado com Nadeja Nárichkina, aristocrata russa que cometera adultério e dera à luz um filho ilegítimo. Nárichkina também se envolvera em um famoso caso de assassinato ocorrido em Moscou em 1850 e que chocou e causou *frisson* na sociedade elegante da Rússia, incluindo Tolstói. Nárichkina era uma mulher fascinante, que ainda muito jovem tinha se casado com Alexander Nárichkin, herdeiro de uma das mais ilustres famílias aristocráticas da Rússia, com quem teve um filho. Depois de dar à luz ela retomou sua carreira como uma das grandes damas da alta sociedade moscovita, famosa por chegar tarde às festas e ocasiões sociais, de preferência nunca antes da meia-noite. Tolstói, que era contemporâneo de Nárichkina e também estava morando em Moscou no período, descreveu-a como “*très à la mode*” em carta à tia Toinette. Em 1850, aos 25 anos de idade, Nárichkina começou a ter um caso com uma espécie de Vrónski — um belo e abastado aristocrata chamado Alexander Sukhovo-Kobelin, talentoso dramaturgo que tinha a reputação de Don Juan. Mais tarde o romance de Nárichkina foi descoberto e ela se viu envolvida no assassinato da amante francesa de Sukhovo-Kobelin, crime pelo qual o dramaturgo foi (ao que parece, injustamente) detido e acabou na prisão, com dois servos que foram condenados e despachados para a Sibéria. Grávida de seu filho adúltero, a *femme fatale* de cabelos ruivos fugiu às pressas e na surdina com a filha para Paris, onde imediatamente ficou famosa nos salões mais chiques da cidade. Na capital francesa ela conheceu Dumas, o filho ilegítimo de Dumas, *père*, e que ganhara fama após a publicação, em 1848, do romance *A dama das camélias*, inspirado em seu relacionamento com uma célebre cortesã parisiense (mais tarde o enredo daria origem à ópera *La Traviata*, de Verdi). O marido de Nárichkina se recusou a dar-lhe o divórcio, ameaçando também tomar a guarda de sua filha; somente após a morte de Nárichkin, em 1864, é que ela pôde se casar com Dumas.

Tolstói escreveu à tia Toinette para colocá-la a par do escandaloso assassinato que por muitos anos alimentou o circuito de fofocas de Moscou, e é

provável que também tenha ouvido novidades sobre o alardeado caso de Nárichkina e Dumas durante suas últimas visitas a Paris. As reflexões de Dumas sobre o casamento no ensaio *L'Homme-femme* eram claramente o produto de sua experiência como marido de Nadeja Nárichkina, com quem teve duas filhas, e acabaram mexendo com Tolstói e tocando bem fundo o escritor russo. Contudo, a maior influência sobre as opiniões de Tolstói acerca da infidelidade conjugal talvez tenha sido de fato a tia Toinette. Em suas memórias, em que discorre longamente sobre a tia, Tolstói se recorda de que certa noite contara a ela sobre um conhecido cuja esposa havia sido infiel e fugira com o amante. Tolstói afirmou que o amigo devia se sentir feliz por ter se livrado da esposa, e em seu relato memorialístico descreveu a maneira como Toinette imediatamente reagiu adotando uma expressão séria e argumentando com veemência a favor do perdão e da compaixão. São exatamente esses sentimentos que Tolstói exprime por meio de sua pouco celebrada heroína Dolly em *Anna Kariênina*. Quando, no final do jantar na casa dos Oblónski, Kariênin confidencia a Dolly sua desagradável situação — na quarta parte do romance —, ela lhe implora que não se decida pelo divórcio, o que levaria a esposa à vergonha e à desgraça e a destruiria. A opinião geral da tia Toinette, de que se deve odiar o adultério, não o adúltero, era essencialmente a visão de Tolstói, e é essa a razão pela qual Anna Kariênina é um dos personagens literários mais instigantes e complexos já criados.

O relato de como Tolstói começou a escrever *Anna Kariênina* entrou para os anais da história literária russa, e envolve a tia Toinette, Sônia e seu filho mais velho, Serguei, então com nove anos de idade. O menino vinha atormentando persistentemente a mãe para que lhe desse algo que pudesse ler em voz alta para a Toinette, a essa altura bastante idosa e frágil e necessitada de distração. Sônia escreveu em seu diário, em 19 de março de 1873, que tinha dado a Serguei o quinto volume da edição das obras de Púchkin, que continha os *Contos de Belkin*. Ao que parece a tia Toinette logo pegou no sono e Serguei também perdeu o interesse pela prosa imortal de Púchkin, mas Sônia ficou com preguiça de devolver o livro à biblioteca do andar térreo de Iásnaia Poliana e deixou-o no peitoril de uma janela da sala de estar. Naturalmente Tolstói pegou o volume, e dias depois escreveu uma carta eufórica endereçada a Strákhov para dizer que não tinha conseguido largar o livro, embora já o tivesse lido outras seis vezes antes. O volume continha também alguns esboços inacabados de contos e romances, incluindo um fragmento que chamou particularmente a atenção de

Tolstói e que se iniciava com a frase “Os convidados chegaram à casa de campo”. Ele ficou fascinado pela maneira com que Púchkin ia direto à ação, sem sequer se incomodar em estabelecer o cenário ou se dar ao trabalho de primeiro descrever os personagens. Depois dos 33 inícios em falso do projeto sobre Pedro, o Grande, isso foi uma revelação para Tolstói e lhe mostrou como ele deveria proceder em relação a sua própria ficção. (Estranhamente, Tolstói parece ter se esquecido de que usara mais ou menos essa mesma técnica em *Guerra e paz*, cuja ação também começa em uma *soirée* da alta sociedade.) “Automaticamente e inesperadamente imaginei personagens e eventos, sem saber por que ou no que resultaria daí, e segui em frente [...]”, Tolstói escreveu, de peito aberto, na carta para Strákhov, que mais tarde ele achou por bem não enviar. A ideia de escrever sobre as consequências da infidelidade de uma mulher estavam lá desde o início, mas ainda levaria um bom tempo até que livro viesse a se chamar *Anna Kariênina* e começasse com seu famoso parágrafo de abertura:

Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira. Tudo era confusão na casa dos Oblónski. A esposa ficara sabendo que o marido mantinha um caso com a ex-governanta francesa e lhe comunicara que não podia viver com ele sob o mesmo teto.

O narrador do fragmento de Púchkin, que datava do início da década de 1820, descreve uma sala de visitas repleta de convidados que acabaram de chegar depois de terem assistido à apresentação de uma nova ópera italiana. Rodeadas de cavalheiros, as damas ocupam seu lugares no sofá, ao passo que nas mesas ao redor têm início partidas de uíste. Tolstói também começou a primeira versão de seu romance ainda sem título com uma cena ambientada em uma sala de estar aristocrática:

A anfitriã acabara de tirar seu casaco de zibelina no salão e dava ao mordomo instruções para que servisse chá aos convidados na espaçosa sala de visitas quando se ouviu o estrépito de outra carruagem na porta da frente [...].

Como no fragmento de Púchkin, no novo romance de Tolstói os convidados também acabaram de chegar da ópera, onde assistiram a uma apresentação de *Don Giovanni*, cujos temas incluem sedução e adultério. Sua conversa gira em torno de um alto funcionário do Estado, Mikhail Mikháilovitch Stávrovitch (o futuro Kariênin), e sua esposa Tatiana Sergueiévna (a futura Anna): ela foi infiel, e ele parece ignorar o fato. Eis que o casal chega, e mais tarde aparece Ivan

Bálachov (o futuro Vrónski), que enceta uma conversa íntima e animada com Tatiana, escandalizando os presentes. Stávrovitch agora percebe o infortúnio que se abateu sobre ele, e daí por diante sua esposa deixa de ser convidada para eventos da sociedade. É uma cena que guarda ligeira semelhança com a *soirée* na casa da princesa Ielisavieta Fiódorovna Tviérskaia (Betsy), na segunda parte de *Anna Kariênina*.

Em sua primeira versão Tolstói esboçou mais onze capítulos. Tatiana (Tânia) engravida e Bálachov perde uma corrida de cavalos quando sua égua cai no último obstáculo. Stávrovitch abandona Tatiana e se muda para Moscou; ela dá à luz e o marido concorda em se divorciar. Contudo, o segundo casamento de Tatiana não é feliz, e depois que Stávrovitch a informa de que o casamento de ambos jamais será desfeito e que todo mundo sofreu, ela se afoga no rio Neva. Bálachov parte para se juntar às fileiras envolvidas na campanha de Khiva (tropas russas atacaram a cidade e tomaram o controle do canado de Khiva em 1873, no exato momento em que Tolstói escrevia).

Na primeira versão Tatiana tem um irmão (um protótipo de Oblónski), ao passo que seu marido tem uma irmã chamada Kitty, mas não há nem sinal de Liévin e seus irmãos, tampouco de membros da família Cherbátski. Stávrovitch é retratado de maneira simpática, ao passo que sua esposa é definida de modo intrigante como uma mulher ao mesmo tempo “provocativa” e “meiga”. Tolstói nunca tinha esboçado de antemão a sinopse de uma obra ficcional, mas em todo caso esse material bruto logo foi significativamente modificado. Em versões futuras ele desenvolveu e expandiu drasticamente cada uma das partes desse argumento inicial, exceto sua evocação do estado de espírito do cavalo de Bálachov durante a corrida, que depois decidiu cortar. O cavaleiro inglês de Bálachov é chamado de Kord, como na versão final do romance, mas o nome da égua ainda não é Fru-Fru. De início ela tem o nome inglês de “Tiny” [pequenina] e é chamada de “Tani” (que é como fica o nome ao ser transliterado), e também “Tânia”, criando assim uma indelével ligação com sua amante, o que permanece na versão final, embora a associação não seja declarada.

Tolstói ainda estava longe de entregar esse material a Sônia para que ela o passasse a limpo. Em vez disso, iniciou uma nova versão do início de seu romance:

Depois da ópera, os convidados rumaram para a casa da jovem princesa Vrásskaia. A princesa Mika, como era conhecida na sociedade, chegara do teatro e até então só tinha tirado o casaco de pele no

vestíbulo fartamente iluminado, defronte ao espelho adornado de flores; com sua pequena mão enluvada ela ainda tentava soltar a renda que se prendera em seu casaco de pele [...].

Dessa vez Tolstói deu a sua heroína o nome de Anastácia (Nana) Arcádievna Kariênina. E substituiu seu vestido de renda amarelo pelo veludo preto que ela usará no baile na versão final. O marido já é chamado definitivamente de Aleksiei Aleksándrovitch, mas o nome do amante de Anna mudou de Bálachov para Gagin. Tolstói acabou descartando essa versão, mas manteve na versão final do romance o detalhe de Anna soltando a renda da manga que se prendera no colchete da capa de peles, quando ela vai embora da *soirée* da princesa Betsy depois do fatídico encontro com Vrónski.

Tolstói escreveu diversas outras páginas, mas já estava começando a ficar um pouco irritado. Queria um romance de adultério, mas não queria se restringir a escrever apenas sobre a alta sociedade de São Petersburgo, embora sua atitude sobre a aristocracia fosse categoricamente crítica. Com algumas exceções (Stávrovitch, por exemplo, tem uma conversa com um niilista a bordo de um trem), até então seu meio social era inflexivelmente restrito, por isso ele decidiu introduzir em sua terceira versão o personagem Kóstia Néradov, protótipo de Liévin. Dono de terras, Néradov é amigo de Gagin (o futuro Vrónski) e seu rival no amor por Kitty Cherbátskaia, que também faz sua primeira aparição. Além disso, a ação se desloca para Moscou.

Aos poucos Tolstói estava encontrando o rumo de seu novo romance. Sua quarta tentativa de início recebeu o título “Anna Kariênina”, seguido da epígrafe “A vingança é minha”. O esboço se inicia com uma cena doméstica: um marido acorda depois de ter brigado com a esposa na noite da véspera, pois ela descobrira sua infidelidade. “Stepan Arkáditch Alabin” é quase Oblónski. Anna chega a Moscou como apaziguadora, e encontra Gagin no baile. Mas Tolstói ainda não estava satisfeito: não havia tensão na relação entre os protótipos de Liévin e Vrónski, pois os dois eram amigos. Ele decidiu mudar os nomes para Ordintsev e Udáchev, e agora rivalizavam pelo amor de Kitty. Era hora de tentar outro começo. Tolstói pegou uma folha de papel em branco e escreveu uma quinta versão do parágrafo de abertura do romance:

Havia uma exposição de gado em Moscou. O Jardim Zoológico estava apinhado de gente. Radiante, o rosto franco e agradável e os lábios rubros, usando o chapéu ligeiramente tombado para um dos lados de sua cabeleira castanho-clara e encaracolada que já começava a rarear, o cinza de seu colarinho de pele de castor mesclando-se a suas vistosas suíças grisalhas, Stepan Arkáditch Alabin, conhecido de toda a

Ordintsev, que está prestes a encontrar por acaso seu amigo Albin, fora a Moscou para exhibir seus bezerros e seu touro.

Dessa vez Tolstói seguiu adiante e escreveu ininterruptamente durante um bom tempo, mas logo mudaria de rumo de novo. Agora tinha construído uma sólida base para seu romance ao criar o fio condutor da história de “Liévin” para servir de contraponto ao enredo de Kariênin, e os “Oblónski” eram o arco que unia os dois personagens. Por razões de equilíbrio estrutural, ele agora decidiu não mostrar já no primeiro capítulo o protagonista Liévin, por isso reservou o Jardim Zoológico para uma cena de patinação mais tarde e retomou sua ideia original de abrir o romance no momento em que “Oblónski” acorda depois da rusga com a esposa na noite anterior. Ele retrabalhou quatro vezes as cruciais cenas de abertura, para que ficassem perfeitamente a seu gosto, e esses foram os primeiros capítulos que deu a Sônia para que os passasse a limpo. Todo o resto permaneceu na forma de rascunho. Ao todo Tolstói produziu dez versões da primeira parte de *Anna Kariênina*, 2.500 páginas manuscritas, antes que o romance fosse concluído. Quase um século se passaria até que a história de *Anna Kariênina* pudesse ser contada com exatidão. Os manuscritos foram parcialmente deslindados para publicação no volume vinte das *Obras completas* de Tolstói, lançado em 1939, mas a primeira edição crítica só veio a lume em 1970, e agora parece que aquela contém erros.

Em 11 de março de 1873 Tolstói respirou fundo e finalmente escreveu a Strákhov avisando que tinha passado mais de um mês trabalhando em um romance que nada tinha a ver com Pedro, o Grande. Ele enfatizou que estava escrevendo um romance propriamente dito — o primeiro em sua vida. De fato, Tolstói vinha anotando a palavra *roman* (romance) no topo da página de cada tentativa de capítulo de abertura. Nesse estágio inicial, o conde ainda estava bastante empolgado com seu novo projeto — que, segundo escreveu na carta a Strákhov, o deixava “encantado”. Mas antes de partir com a família no início de junho para sua viagem de verão a Samara, onde não pretendia escrever muito, alguns eventos refrearam o andamento do romance e lançaram as primeiras sombras sobre um livro cuja conclusão se mostraria cada vez mais difícil. Primeiro veio a inesperada notícia da morte de sua sobrinha de cinco anos de idade, Dacha Kuzminskaia, a filha mais velha da irmã de Sônia, Tânia, que todo

verão levava os filhos para uma temporada em Iásnaia Poliana. Dacha era adorada por todos, e sua morte trouxe a reboque a aterrorizante constatação, por parte de Tolstói, de que podia muito bem ter sido um de seus próprios filhos. Sônia ficou devastada pelo luto. Tolstói escreveu uma longa carta de consolo para Tânia, recomendando que decorasse e recitasse todo dia o Salmo 30 (“Senhor meu Deus, clamei a ti, e tu me saraste. Senhor, fizeste subir a minha alma da sepultura; conservaste-me a vida para que não descesse ao abismo”).

No mês de maio Tolstói teve outros motivos de aborrecimento ao saber que um camponês de Iásnaia Poliana fora morto a chifradas por um touro. A notícia era particularmente perturbadora, já que se tratava da segunda morte nas mesmas circunstâncias em um intervalo de doze meses. Quando do primeiro incidente, no verão de 1872, Tolstói sequer estava em Iásnaia Poliana — tinha viajado para Samara —, mas apesar disso foi responsabilizado pelo juiz encarregado de investigar o caso, que determinou que o escritor ficasse sob prisão domiciliar enquanto a morte suspeita era apurada. Tolstói se enfureceu, por dois motivos: ter de se submeter à autoridade de um jovem insignificante e pretensioso que cerceava suas liberdades, e as novas leis que introduziam esses procedimentos. Temeu pelo pior ao se lembrar do caso do camponês que fora mantido um ano e meio encarcerado no presídio de Tula sob suspeita de ter roubado uma vaca, até que as autoridades por fim concluíssem que era inocente. Bizarramente, ao mesmo tempo Tolstói foi convocado para atuar como jurado de outro caso, e recebeu multa pesada por não comparecer ao tribunal. No calor do momento ele cogitou seriamente levar Sônia e os filhos para a Inglaterra, onde acreditava que as liberdades civis eram respeitadas. Em 15 de setembro de 1872 Tolstói chegou a escrever a Alexandrine pedindo que ela o colocasse em contato com “boas famílias aristocráticas”, para que assim pudesse dar à sua família condições de levar uma vida “agradável” na Inglaterra. Embora admitisse que considerava repugnante a vida na Europa, o escritor afirmava que se vendesse tudo que tinha na Rússia conseguiria levantar 200 mil rublos, quantia a seu ver suficiente para comprar uma casa e um pedaço de terra junto ao mar. O novo sistema legal que tinha sido introduzido na Rússia em 1864 criara tribunais de estilo ocidental e a necessidade de advogados e outros profissionais da área jurídica também de estilo ocidental. A outra ação impetuosa de Tolstói foi começar a escrever um magnânimo artigo intitulado “As novas leis e sua aplicação”. No devido tempo Tolstói expressaria seu desprezo pelas novas instituições, por meio de seu *alter ego*

Liévin em *Anna Kariênina*.

Felizmente, via de regra não duravam muito tempo os períodos em que Tolstói ficava em estado de apoplexia. O caso judicial contra o escritor foi abandonado, o artigo jamais foi concluído e os cavalheiros de Sussex jamais tiveram de aturar como vizinho um irritadiço conde russo. Após o segundo incidente com o touro, Tolstói passou três dias cuidando do camponês ferido e ficou devastado quando o homem por fim acabou morrendo. Não chega a surpreender que naquele mês Tolstói não tenha tido condições de se concentrar em *Anna Kariênina*; por isso, quando retornou da estepe de Samara no final do verão estava ainda mais ávido para retomar o trabalho no romance. Sua saúde estava revigorada pelos muitos litros de cúmis que ele tinha ingerido em sua fazenda, a consciência estava tranquila depois de denunciar publicamente e com alarde a fome que ameaçava dizimar os mujiques de Samara, e ainda aguardava uma resposta do Comitê Literário de Moscou para seu convite-proposta de organizar um experimento comparando aos meios pedagógicos oficiais e os métodos de ensino que preconizava em suas cartilhas. Nada o impedia de retomar a ficção, e ele trabalhou de maneira prolífica por cerca de um mês. Nem mesmo posar para seu primeiro retrato o distraiu de seu propósito. A bem da verdade a experiência propiciou a Tolstói mais matéria-prima para *Anna Kariênina*.

Desde 1869 Pável Trétiakov tencionava adquirir um retrato de Tolstói para sua coleção de arte, mas até então suas tentativas de trazer o assunto à baila tinham sido mal acolhidas pelo escritor. Tolstói se perguntava, com algum esnobismo aristocrático, por que razão haveria de ceder valiosas horas de seu tempo apenas para que um obscuro comerciante moscovita pudesse ostentar um retrato seu na parede de casa. Filho de um mercador da segunda guilda que tinha sido criado no distrito de Zamoskvorenchie, de fato Trétiakov era de origem social humilde, e ao longo da vida foi um homem abstêmio e discreto, mas, graças ao imensamente rentável negócio têxtil que abriu em sociedade com o irmão — combinado à sua paixão pela arte —, não conseguiu permanecer muito tempo no anonimato. Se em 1860 devia ter no máximo seis telas, quando Krámskoi pintou o retrato de Tolstói em 1873 Trétiakov já planejava construir um edifício separado para abrigar sua coleção cada vez maior. Em 1881 a coleção foi aberta ao público, realizando o grande sonho de Trétiakov de fundar uma galeria nacional de arte russa. Em 1892, quando doou sua coleção para a cidade

de Moscou (seis anos antes da abertura do Museu Russo em São Petersburgo, fundado por iniciativa de Alexandre II), a Galeria Trétiakov tinha quase três mil obras de arte.

Eslavófilo ardoroso, Trétiakov decidiu se concentrar exclusivamente em pintura russa, e em particular obras contemporâneas que expressassem o espírito nacional. Em meados de 1860 a pintura tinha se tornado tão vibrante quanto a música e a literatura na Rússia, e no final da década Trétiakov decidiu que sua galeria deveria incluir também retratos das mais importantes figuras das artes russas. Pela primeira vez na história do país havia uma legião de escritores compositores e profissionais orgulhosos de sua nacionalidade e produzindo obras de qualidade internacional que vinham ganhando renome mundo afora. Agora, além de comprar retratos de artistas já falecidos (tais como o retrato de Gógol pintado por Fiódor Moller em 1841), Trétiakov começou a encomendar novas telas, e em 1872 Perov pintou Turguêniev e Dostoiévski. Num golpe de sorte, Ivan Kramskói, o principal pintor da Rússia, foi passar o verão do ano seguinte na província de Tula, e quando se deu conta de que sua *datcha* ficava na mesma estrada de Iásnaia Poliana, decidiu esperar que o conde voltasse de Samara. Em 5 de setembro o pintor convenceu Tolstói a posar para ele, e começou a trabalhar já no dia seguinte.

Em muitos sentidos Kramskói era o tipo de pintor de que Tolstói não tinha como não gostar: vinha de uma família pobre e era profundamente engajado em temas nacionais e questões contemporâneas. Mas o fato mais importante era que, em 1863, ainda estudante, em nome da liberdade artística, Kramskói encabeçara uma famosa rebelião contra as rígidas imposições e limitações clássicas da Academia Imperial. Isso, contudo, não o impediu de se tornar ele mesmo um acadêmico em 1869 (em 1873 o próprio Tolstói seria eleito membro da seção literária da Academia de Ciências). Kramskói passou cerca de um mês trabalhando em duas telas: uma para Trétiakov e outro retrato que ficaria em Iásnaia Poliana; para tanto estofou com roupas de cama e amarrou com um cinto um dos famosos camisões que eram a marca registrada de Tolstói, de modo que pudesse se concentrar no rosto do escritor durante as sessões e minimizar o tempo durante o qual o conde tinha que posar para ele. O retrato do autor sentado com as mãos dobradas no colo, em pose relaxada mas olhando para a frente com expressão firme e intensa, provavelmente pensando em sua mais recente versão dos parágrafos de abertura de *Anna Kariênina*, foi imediatamente

aclamado por todos em virtude da assombrosa semelhança com o modelo. Foi esse retrato — que parece ter captado a um só tempo a difícil e complexa personalidade do autor, bem como sua grandeza, mostrando um aristocrata e a quintessência do camponês russo simultaneamente — que começou a suscitar a percepção popular de que o escritor tinha uma estatura física imponente. Kramskói ficou fascinado pela personalidade de seu modelo, e mais tarde afirmaria jamais ter visto um homem mais bonito do que Tolstói quando o escritor, já vestido para caçar, montava seu cavalo. Talvez Tolstói se arrependesse do tempo de que abriu mão para posar para Kramskói, mas absorveu inúmeros detalhes que mais tarde seriam bastante úteis quando escreveu os capítulos em que um artista pinta o retrato de *Anna Kariênina*.

A resoluta firmeza que emana do olhar fixo no retrato de Kramskói permitiu a Tolstói — no intervalo entre uma sessão e outra — escrever a seu amigo em 23 de setembro de 1873 para dizer que já estava terminando *Anna Kariênina*. Em carta a Strákhov escrita no mesmo dia, Tolstói foi mais sincero, mas ainda assim mostrou otimismo com relação à perspectiva de concluir o romance até o final do ano. Antes de assinar e se despedir o escritor mencionou seu interesse por um episódio que lhe havia sido relatado por Kramskói: o assassinato de Anna Suvorina. Poucos dias antes, a mulher de 33 anos, mãe de cinco filhos, tinha sido baleada no rosto em um elegante hotel em Nevsky Prospekt, São Petersburgo. O assassino era seu amante, um jovem oficial reformado e amigo da família chamado Timofei Komarov, que imediatamente depois se matou com tiros de pistola. Mesmo numa época em que a Rússia parecia assolada por uma onda de suicídios, o caso produziu grande sensação e ganhou as páginas de todos os jornais. Tolstói se interessou porque conhecia o marido da vítima. Em 1861 ele pagara cinquenta rublos a Aleksiei Suvorin, então um escritor pobretão, por um conto que havia encomendado para a revista *Iásnaia Poliana*, e pouco depois retomaria contato com ele. De origem familiar camponesa, agora Suvorin era um renomado jornalista e proeminente editor, e que rapidamente vinha ganhando o status de figura poderosa no país (Kramskói pintaria seu retrato em 1881, quando Suvorin já havia se tornado editor dos jornais mais populares da Rússia).

Obviamente Tolstói também se interessou pelo caso Komarov porque estava escrevendo um romance cujo herói, Liévin, pensa em suicídio, em que o amante da heroína, Vrónski, tenta suicídio, e cuja protagonista Anna acaba tirando a própria vida. O fato de que na carta a Strákhov o escritor menciona *Os sofrimentos*

do jovem Werther, de Goethe, e um aluno que tinha se matado por causa de sua dificuldade em aprender latim confirma que o suicídio era um tema que vinha ocupando a mente de Tolstói. Tampouco seu interesse era puramente acadêmico, pois em pouco tempo ele mesmo começaria a contemplar a sua própria despedida voluntária da vida. Em certo sentido Tolstói estava apenas seguindo uma tendência, uma vez que nesse período a incidência de suicídios na Rússia atingira o que foi descrito como “proporções epidêmicas”. Em parte isso talvez se explicasse por uma reação de histeria coletiva à ampla e praticamente diária cobertura — no início da década de 1870 — de casos de suicídio na imprensa russa, que na década de 1860 tinha conquistado a liberdade de expressão e agora cobria também os recém-instituídos julgamentos públicos.

A duras penas Tolstói seguiu trabalhando em *Anna Kariênina* em outubro e novembro de 1873, mas houve novas interrupções. Assim que Kramskói guardou seu cavalete e retornou a São Petersburgo, Tolstói recebeu um grupo de estudantes que ele mesmo tinha convidado para discutir seus métodos de ensino. O grupo permaneceu hospedado em Iásnaia Poliana por uma semana. Em 9 de novembro os Tolstói sofreram a primeira morte na família em onze anos: o súbito falecimento de seu filho caçula, Piotr (Pétia), aos dezoito meses de vida. Pouco depois disso a irmã de Sônia, Tânia Kuzminskaia, deu à luz um natimorto. A família ficou devastada, em especial Sônia (que meses depois perderia seu irmão Vladimir, de dezenove anos, que morreu logo após se alistar na cavalaria hussarda). Na límpida e gelada manhã em que a família enterrou o pequeno Pétia junto ao túmulo dos avós, pela primeira vez Tolstói começou a imaginar onde ele próprio seria enterrado. A essa altura ainda era um homem confiante e otimista, e em cartas que escreveu no período explicou que de certa maneira a morte de seu irmão Nikolai o havia endurecido e deixado imune à dor da perda. Ele argumentou que “havia algum consolo no fato de que dos cinco filhos a morte de Pétia certamente nos foi a mais fácil de suportar”. E teve a franqueza de afirmar que aquele “bebê chorão” ainda não tinha sido uma fonte de alegria para ele.

Mas Sônia, que estava grávida de quatro meses quando Pétia morreu, afundou na tristeza. Nenhum dos outros filhos era tão ligado a ela ou irradiava tanta alegria e bondade, ela escreveu a Tânia. Arrasada, ainda imaginava ouvir a voz de seu alegre e rechonchudo caçula chamando seu nome. Seu luto era tão grande que ela também passou a temer pelo filho que estava esperando — Sônia sentiu o bebê se mexer no ventre pela primeira vez justamente quando Pétia

morreu. Sua última lembrança do filho morto foi à luz do sol, que resplandecia através da janela da igreja, iluminando o cadáver no pequeno caixão e dourando seus cabelos. Naquele ano o Natal em Iásnaia Poliana foi uma ocasião triste. Enquanto as crianças brincavam na neve lá fora, Sônia ficou sentada dentro de casa, passando manuscritos a limpo ou cuidando de tarefas domésticas e aguardando com ansiedade os passeios noturnos de troica que a família organizava para se divertir, mas ela disse a Tânia que as mortes recentes haviam minado quase totalmente sua tranquilidade e felicidade.

A essa altura Tolstói já completara nove meses de trabalho intermitente em seu romance. No final de 1873 ele confidenciou a Nikolai Strákhov que até ali o trabalho em *Anna Kariênina* tinha sido bom, até mesmo muito bom. Ele calculou que já tinha sete folhas de impressão prontas para composição, e decidiu que seguiria em frente e as imprimiria como a primeira parte do romance em forma de livro, sem publicação prévia em periódicos. Consequentemente, em janeiro de 1874 Tolstói seguiu para Moscou a fim de firmar um acordo com a tipografia de Mikhail Kátkov para a publicação de *Anna Kariênina*. Kátkov acabara de imprimir uma tiragem de 3600 exemplares das obras reunidas de Tolstói, em oito volumes (cerca de mil foram vendidos no primeiro ano, ao preço de doze rublos). Tecnicamente aquela constituía a terceira edição dos textos de Tolstói, uma vez que ele considerava que a publicação em periódicos tinha sido a primeira. A “segunda” edição em dois volumes, que tinha sido publicada em 1864, agora foi incrementada por *Guerra e paz*, mas em novo formato: quatro partes, em vez de seis, todo o texto em francês vertido para o russo e as reflexões históricas do autor deslocadas para um novo epílogo. Em parte, as revisões de *Guerra e paz* tinham sido ditadas pelas significativas mudanças que se operaram no pensamento de Tolstói por conta de seu trabalho com as *Cartilhas*; suas novas ideias sobre uma reforma em sua maneira de escrever também teriam impacto em *Anna Kariênina*. Obviamente Tolstói ainda estava muito preocupado com seu trabalho educacional. Foi durante essa breve visita a Moscou em janeiro de 1871 que ele compareceu diante do Comitê Literário, que aceitou sua proposta de colocar à prova seus métodos de ensino comparando-os aos métodos pedagógicos oficiais.

Tolstói trabalhou freneticamente para terminar a primeira parte de *Anna Kariênina* em Iásnaia Poliana enquanto o experimento de avaliação dos métodos de ensino era realizado em Moscou ao longo de seis semanas. Ainda estava

indeciso sobre a melhor maneira de iniciar o romance. A certa altura abandonou o título *Anna Kariênina* e anotou *Dois casamentos*, e inseriu títulos para cada capítulo, tais como “Disputa em família”, “Encontro na estação de trem” e “O baile”. Além disso, substituiu a grafia em russo moderno da epígrafe (“A vingança é minha”) pelo equivalente em eslavo eclesiástico tirado da Bíblia, e deu a Stiepan Arcáditch o sobrenome de Oblónski (agora relegando Alabin a seu sonho). Antes de levar o manuscrito aos tipógrafos durante sua visita seguinte a Moscou, no início de março, Tolstói já tinha mudado de ideia novamente: agora o romance voltou a se chamar *Anna Kariênina* e “Liévin” passou a ser o novo e definitivo nome de Ordintsev — Tolstói e muitos de seus amigos pronunciavam “Lióvin”, como a pronúncia do próprio prenome do escritor, Liov (Лиев), de acordo com a prática russa. Para Sônia, o marido sempre foi “Liovochka”. Tolstói calculava que o manuscrito da primeira parte, que ele entregou para composição em março, constituía cerca de um sexto do total do romance, e ainda tinha plena confiança de que em breve *Anna Kariênina* estaria terminado. Porém, não conseguiu dar um ponto final ao livro nem em 1874, nem em 1875, tampouco em 1876. A última frase só seria escrita em 1877.

Sônia começou a passar a limpo a segunda parte em janeiro, enquanto Tolstói estava em Moscou, mas em abril ela teve de interromper o trabalho para dar à luz Nikolai, o sétimo filho do casal, a quem inevitavelmente chamava de Pétia. Não foi uma ocasião de alegria genuína ou desprovida de dissabores, pois semanas antes sua cunhada Maria Mikháilovna, irmã de Serguei, tivera um natimorto. A essa altura Tolstói também parou de trabalhar em *Anna Kariênina*. O processo de avaliação comparativa entre seus métodos de ensino e o sistema pedagógico aprovado pelo governo russo tinha chegado ao fim, com resultados inconclusivos. Entretanto, longe de se deixar abalar, Tolstói mostrou-se ainda mais determinado a lutar para que suas ideias educacionais fossem reconhecidas. E não podia procrastinar, uma vez que julgava seu projeto educacional mais importante que sua ficção. Primeiro enviou uma carta ao ministro da Educação, em que argumentava que o “pedante” sistema de ensino alemão aprovado pelo ministério em nada contribuía para a causa da educação popular porque era baseado em “princípios falsos e despropositadamente complexos”, além de ser completamente discrepante e até mesmo contrário ao espírito da língua e do povo russos. Sua proposta de elaborar um abrangente programa de ensino e aprendizagem de educação popular não foi aceita. A essa altura Tolstói decidiu

levar o debate para a arena pública, e agora concentrou suas energias na composição de um longo artigo sobre educação popular mencionada anteriormente e que ele considerava seu credo pessoal. *Anna Kariênina* foi posto de lado.

Quanto mais fundo Tolstói mergulhava em sua cruzada educacional, mais rapidamente diminuía seu entusiasmo pelo romance. A bem da verdade, em 10 de maio de 1874, ele informou a Strákhov que não gostava mais do livro; no mesmo mês decidiu interromper o processo de impressão. Mas havia outra razão pela qual Tolstói já não se empenhava de corpo e alma em *Anna Kariênina*. Sua *tiotuchka* (titia) Tatiana Alexándrovna — Toinette, sua mãe postiça — morreu em 20 de junho, aos 82 anos de idade. Em carta a Alexandrine, o escritor admitiu com sinceridade que nos últimos anos a tia, com a saúde cada vez mais debilitada, tinha desaparecido pouco a pouco e já deixara de fazer parte da vida da família, particularmente depois que, a pedido da própria Toinette, ela passara a ocupar um quarto no andar térreo, de modo a não deixar lembranças ruins; mesmo assim, sua morte o abalou profundamente. Em seus últimos anos de vida a tia de Tolstói o confundia com o pai, a quem idolatrava, e o chamava de Nicolas. Tarde da noite, quando Toinette e Natália Péetrovna já estavam prontas para se recolher, vestindo camisola, toucas e xales, Tolstói ia ao quarto delas e ajudava a dispor as cartas para uma partida de paciência na mesinha defronte à cama. “Vivi com ela toda a minha vida, e sinto-me apavorado sem ela”, ele escreveu a Alexandrine. Toinette tinha sido amada e respeitada por todos. De acordo com o relato que Tolstói fez a Alexandrine, camponeses de todas as casas do vilarejo interromperam a procissão fúnebre a fim de dar dinheiro ao padre para que ele fizesse orações em sua memória.

O verão era uma época em que, via de regra, Tolstói não costumava dedicar muito tempo ao trabalho literário, e Iásnaia Poliana logo se enchia de amigos e parentes. Em julho de 1874, quando se hospedou na casa do escritor, Strákhov tentou reacender nele o interesse por *Anna Kariênina*, mas a essa altura Tolstói tinha desanimado e agora se referia a seu romance como “vil” e “repulsivo”. O único resultado positivo de sua leitura das provas dos trinta capítulos que já tinham sido compostos foi a decisão de reescrever todo o início. Em agosto Tolstói levou o filho mais velho, Serguei, em uma rápida viagem às estepes de Samara, portanto houve outro intervalo. Um dos principais motivos pelos quais Tolstói acabou retomando *Anna Kariênina* naquele outono foi o fato de que

precisava de dinheiro. Tinha feito investimentos pesados em sua propriedade em Samara e, segundo seus cálculos, naquele verão tivera um prejuízo de vinte mil rublos. Depois de três anos de seca, toda a região de Samara teve uma colheita farta, exceto nas terras que Tolstói tinha lavrado, segundo o escritor observou sardonicamente. O tutor alemão da família tinha ido embora, as crianças estavam crescendo e Tolstói procurava novos professores para elas. Isso significava pagar um salário entre trezentos e seiscentos rublos por ano a uma preceptora para Tânia e Macha, e entre quinhentos e mil rublos a um tutor para Serguei, Ilia e Liev. Nesse ínterim, precisou com urgência de dez mil rublos para dar como sinal pela compra de uma porção adicional de terras na propriedade de Nikolskoie, soma que seu amigo Afanássi Fet se recusou a emprestar. Uma tática era derrubar parte da floresta na propriedade e vender a madeira (coisa que Oblónski faz em *Anna Kariênina*), mas a fonte mais segura de renda eram os direitos autorais. A educação não dava dinheiro, como Tolstói tinha aprendido a duras penas (ainda não tinha publicado sua *Nova cartilha*), e por isso precisava tocar adiante seu romance; agora mudara de ideia e resolveu publicar *Anna Kariênina* em partes em alguma revista mensal.

Era razoável que Tolstói pedisse 150 rublos por folha de impressão por seu artigo sobre educação popular, mas havia mais de uma revista interessada em *Anna Kariênina*, e ele julgava que valia a pena endurecer e ser inflexível nas negociações a fim de obter um negócio vantajoso. O escritor tinha vendido *Guerra e paz* por trezentos rublos por folha de impressão, mas para *Anna Kariênina* pediu quinhentos rublos, mais um adiantamento de 10 mil (exatamente a quantia de que precisava). Nenhum outro escritor russo podia alimentar a pretensão de receber por um romance o que ao todo chegaria a vinte mil rublos, e após demoradas negociações, em novembro Tolstói finalmente optou por publicar o livro na revista *Mensageiro Russo*, de Kátkov. A decisão irritou os editores de *Notas da pátria*, que tinham aceitado publicar o sincero artigo de Tolstói sobre educação popular mais ou menos certos de que teriam a preferência de publicação (o direito de primeira recusa) de seu romance seguinte, e agora se viam com a constrangedora tarefa de encontrar espaço para a idiossincrática mistura de niilismo e conservadorismo do conde em um periódico conhecido por sua orientação abertamente populista e esquerdista.

Agora tudo que Tolstói tinha a fazer era terminar *Anna Kariênina*, mas falar é mais fácil do que fazer. O conde já tinha escrito e reescrito inúmeras vezes os

capítulos iniciais, portanto a princípio podia ganhar algum tempo, mas o grosso do romance — agora que ele já não queria que fosse apenas a história de um caso de infidelidade conjugal na alta sociedade — ainda estava por ser escrito. O problema é que em 1874 e ao longo de boa parte de 1875 o coração de Tolstói ainda estava na pedagogia. Ele assumiu pessoalmente a direção de setenta escolas em seu distrito, vinha trabalhando na revisão das provas de sua *Nova cartilha* e estava elaborando propostas de formação e aperfeiçoamento de professores. Comparada ao trabalho educacional, a ficção lhe parecia trivial, ainda mais em se tratando de uma história espalhafatosa narrando um caso de infidelidade amorosa. Por julgar que era impossível manter seu interesse na escrita de um romance de adultério nos moldes franceses, Tolstói tinha encontrado uma maneira de ampliar o escopo do livro e introduzir um personagem autobiográfico por meio do qual poderia explorar tópicos de seu próprio interesse, tais como técnicas de lavoura, mas mesmo assim escrever *Anna Kariênina* continuava sendo profundamente enfadonho. Em dezembro de 1874 Tolstói escreveu a Alexandrine para dizer que mais uma vez se sentia encantado com as milhares de criancinhas com cuja educação estava envolvido, assim como tinha acontecido quinze anos antes, quando abria sua primeira escola. O escritor afirmou que toda vez que entrava em uma de suas escolas e via “uma multidão de crianças sujas e esfarrapadas, com olhos brilhantes e expressão angelical”, sentia-se como se estivesse salvando alguém do afogamento. Ele queria salvar todos os pequenos Púchkins e Lomonosovs, que, não fosse sua intervenção, morreriam ou se perderiam. A seu editor Kátkov Tolstói chegou a declarar com todas as letras que uma única página de sua *Cartilha* lhe custara mais esforço e era mais importante do que todos os textos ficcionais pelos quais recebera “elogios imerecidos”.

Sônia não compartilhava a opinião: ela se perguntava se valia a pena investir todas as suas energias em um remoto rincão da Rússia — o distrito na província de Tula onde viviam. Em carta à sua irmã Tânia ela não escondeu o fato de que desprezava do fundo do coração todo o trabalho do marido com aritmética e gramática, e que desejava ansiosamente que Tolstói voltasse a escrever romances, atividade que ela a um só tempo respeitava e amava:

Dou aulas, amamento feito uma máquina, desde o amanhecer até a noite, e noite adentro até o amanhecer. Eu estava passando a limpo a *Cartilha*, mas quando percebi que não acabaria tão cedo, me enfadei tanto com aquelas palavrinhas e expressões como “Macha comeu *kasha*”^[9] que desisti — que algum copista

faça isso. Meu trabalho era passar a limpo os imortais *Guerra e paz* ou *Anna*, mas aquilo era entediante.

Sônia e Liovochka estavam começando a se afastar um do outro. Ela estava ficando cansada da monotonia e da faina opressiva de sua vida cotidiana e adoecia com frequência. O marido começava a ser acossado pelo desespero existencial.

Os assinantes da revista *Mensageiro Russo* finalmente começaram a ler *Anna Kariênina* em janeiro de 1875, quando os primeiros capítulos do romance apareceram, em meio a textos absolutamente díspares, como um artigo sobre a reforma das universidades russas, um capítulo do romance policial *The Law and the Lady*, de Wilkie Collins (recém-publicado em língua inglesa), notas de autoria de um certo “Oficial do Mar Negro” sobre a defesa de Sebástopol, uma breve descrição da China e um artigo sobre educação. É pouco provável que os leitores se demorassem lendo um enfadonho tratado sobre o ensino de lógica nas escolas de ensino médio quando na mesma revista havia um novo romance do conde Tolstói. Os primeiros capítulos causaram sensação, e Strákhov escreveu a Tolstói para dizer que tinha visto até mesmo os cidadãos mais circunspectos de São Petersburgo dando pulos de empolgação. A primeira parte publicada terminava no momento em que Anna deixa o baile cedo, depois de dançar a mazurca com Vrónski, pondo assim por terra os sonhos e as esperanças de Kitty. Os leitores russos mal podiam esperar para ler mais. Sônia, a fiel copista, teve motivos para se sentir injustiçada quando, após a morte de Tolstói, foi alvo de comentários que maculavam sua reputação, uma vez que contribuiu com inúmeros detalhes da crucial cena do baile, atuando como consultora de moda do marido e dando palpites sobre as roupas de Anna:

Não estava de lilás, como Kitty desejara com tanta veemência, mas sim de veludo preto, bastante decotado, deixando à mostra seus largos ombros e o colo, que lembrava marfim antigo, assim como os braços roliços, de pulsos finos e mãos pequeninas. O vestido era todo guarnecido de rendas de Veneza. Sobre a cabeça, nos cabelos negros, desprovidos de apliques e madeixas postiças, ostentava uma pequena guirlanda de amores-perfeitos, combinando com outra grinalda, que estava presa a uma faixa preta em torno da cintura, entre rendas brancas.

Tolstói tinha optado por um vestido preto, mas foi Sônia quem sugeriu que o tecido fosse veludo, e acentuou a impressão de sensualidade acrescentando o detalhe da renda branca em torno da cintura.

Na segunda parte da série, publicada na edição de fevereiro de *Mensageiro*

Russo, os leitores se compadeceram da dor de Kitty e Liévin, ambos agora rejeitados. E vibraram de emoção com o encontro romântico de Anna e Vrónski em uma remota estação de trem no meio de uma nevasca, mas é provável que tenham ficado ligeiramente desconcertados pela maneira com que o fragmento terminava. No meio do capítulo x da segunda parte, havia duas recatadas linhas de pontinhos representando os momentos de intimidade de Anna e Vrónski. As reticências eram seguidas por uma passagem em que o ato sexual estava claramente associado ao assassinato:

Ao fitá-lo, a humilhação a que descera parecia-lhe tão fisicamente palpável que não era capaz de pronunciar uma palavra sequer. Ele, por sua vez, sentia-se como um assassino que olha para o corpo inanimado da vítima. O cadáver do qual ele roubara a vida era o amor dos dois, a primeira fase do seu amor. Havia algo de terrível e odioso na recordação do que havia sido comprado por aquele terrível preço de vergonha. A vergonha de sua nudez moral esmagava Anna e transferia-se a Vrónski. Porém, a despeito do profundo horror do assassino diante do cadáver de sua vítima, ele jamais deixa de sentir a necessidade de esconder o cadáver, de cortá-lo em pedaços — o assassino deve colher os benefícios do crime cometido.

O capítulo rendeu diversos embates acalorados entre Tolstói e seu editor. Kátkov fez objeções a seu “vívido realismo” e pediu que o escritor moderasse o tom. Tolstói se recusava a mudar uma palavra que fosse, argumentando que se tratava de uma das partes das quais dependia “todo” o romance.

Fevereiro de 1875 não foi um bom mês para Tolstói. Ele se sentia completamente indiferente aos elogios que vinha recebendo por *Anna Kariênina*, porque sofria com mais uma morte na família. Dessa vez foi Nikolai, seu filho de dez meses, que faleceu depois de três semanas dos terríveis padecimentos da meningite. Foi uma agonia para Sônia, que ainda estava amamentando a criança. Ao contrário do dia de sol que havia marcado o enterro de Pétia, Nikolai foi sepultado em um dos dias mais gelados daquele inverno — 29 graus negativos, com ventos ferozes e cortantes que fustigavam a mortalha de musselina e a coroa em que estava envolta a cabeça do menino, conforme a tradição dos funerais ortodoxos. Sônia disse a Tânia que sentia ter sido transformada em pedra. Três meses depois, estava grávida novamente.

Novas partes de *Anna Kariênina* foram publicadas em março e abril de 1875, mas os leitores russos tiveram de esperar mais oito meses pelos capítulos seguintes. A razão para o atraso era simples: Tolstói ainda não os havia terminado. Nunca antes a publicação seriada de um romance tinha sofrido

tamanha interrupção, e somente um escritor da envergadura de Tolstói podia escapar impune de uma situação dessas. Se por um lado não tinha meios de romper o acordo com Kátkov, por outro achava extremamente difícil criar forças e o entusiasmo necessário para tocar adiante a empreitada. O conde ainda estava absorto por suas ideias educacionais e preocupado com a publicação de sua *Nova Cartilha* — que recebeu imediata aclamação assim que veio a lume em junho de 1875. Também estava ficando deprimido, e precisava de distração.

Naquele verão a família toda voltou a Samara, acompanhada do irmão de Sônia, “tio Stiopa”, da preceptora inglesa Emily Tabor e de Jules Rey, o tutor suíço que chegara a Iásnaia Poliana em janeiro. Apesar de usar óculos, Rey era um jovem atlético e elegante de 23 anos, que gostava de se vestir com extremo apurmo e tentava esconder seu alcoolismo — e que imediatamente fez investidas românticas a Emily. No início de agosto Tolstói organizou uma tradicional corrida de cavalos *bachkir* — cinco voltas em um percurso circular de cinco quilômetros demarcado em suas terras — com distribuição de prêmios. Nos dias que antecederam a corrida tendas se espalharam por toda a propriedade, à medida que os *bachkires* iam chegando com seus cavalos. Tolstói ofereceu algumas ovelhas para o banquete que se realizou na véspera. Foi um espetáculo sensacional para os filhos de Tolstói, que jamais tinham visto as demonstrações de canto difônico ou gutural e as danças tradicionais que acompanhavam as canções executadas com a *quray*, a comprida flauta *bachkir*. Competiram 32 cavaleiros, e o evento atraiu centenas de espectadores. Boa parte dos competidores era de russos locais, incluindo o próprio Tolstói, que correu em uma montaria comprada especialmente para a ocasião, mas os demais eram cavaleiros *bachkires* e quirguistaneses. E foi um deles o vencedor do primeiro prêmio — um rifle. Muito diferentes são as corridas de cavalos descritas em *Anna Kariênina*, cuja plateia era composta por membros da corte. Tolstói vinha cogitando o plano de criar cavalos e comprou alguns animais quirguistaneses, famosos por sua velocidade e vigor, além de dois burros, que receberam os nomes de Bismarck e MacMahon, em homenagem a dois adversários na Guerra Franco-Prussiana.

De volta a Iásnaia Poliana no fim de agosto, descansado e queimado de sol, Tolstói declarou que a experiência de testemunhar em primeira mão o embate entre dois estilos de vida — dos russos sedentários e dos *bachkires* nômades — e enfrentar as moscas e a poeira da estepe era infinitamente superior a ouvir

discursos nas Casas do Parlamento na Inglaterra, o que ele considerava um privilégio duvidoso. Fazia dois meses que não empunhava a pena. Teve de se obrigar a retomar o “tedioso e banal” *Anna Kariênina* no outono de 1875, mas mais uma vez ele e Sônia estavam bastante desanimados. Em 12 de outubro Sônia registrou em seu diário que a vida rural excessivamente isolada tinha se tornado insuportável, e que a monotonia de sua rotina, acumulada durante meses e anos, resultara em uma apatia e indiferença em relação a tudo, letargia contra a qual ela sequer conseguia lutar. A melancolia do marido era contagiosa: “Ele passa dias e semanas sentado, infeliz e abatido, sem fazer coisa alguma, sem escrever, sem energia, sem alegria, e parece ter se conformado com esse estado de coisas. É uma espécie de morte moral, mas lastimo ver isso nele, e ele também não pode continuar vivendo *assim*”.

No final de outubro, Sônia adoeceu gravemente com peritonite, e a seguir entrou em trabalho de parto. Várvara, prematura de três meses, morreu horas depois de nascer. “Medo, horror, morte, crianças cabriolando, comendo, bagunça, médicos, falsidade, morte, horror.” Assim Tolstói definiu — em carta ao amigo e correspondente Fet — a situação em Iásnaia Poliana. Outra fonte de tensão era o fato de, nesse período, a casa estar cheia de gente. Depois da morte de Toinette no verão de 1874, a outra tia de Tolstói, Polina, então com 78 anos de idade, tinha se mudado do convento de Tula para Iásnaia Poliana, e durante a enfermidade de Sônia ela assumiu o comando da casa, mas havia também diversos convidados: o irmão de Sônia, Sacha, e sua esposa, seu tio Kóstia Islavin, Piotr Samarin e sua esposa e outro amigo da família. No dia mais crítico da doença de Sônia, a irmã de Jules Rey veio de Genebra para assumir a função de nova preceptora.

Tolstói encontrou algum consolo escrevendo a Strákhov uma longa carta sobre filosofia, mas acabou confrontando o sentido da vida e a inescapável verdade de que sua própria vida não passava de “uma piada vazia e estúpida”. Tinha acabado de completar 47 anos, e sentia estar chegando à velhice — período em que nada mais no “mundo exterior” era capaz de lhe interessar, e tudo que via adiante era a morte. Tolstói escreveu que agora iniciava a longa descida de volta para o lugar de onde tinha se originado, consciente de que qualquer que fosse seu desejo — criar uma raça específica de cavalos, matar a tiros dez lebres no campo, aprender árabe — não traria satisfação genuína. Sua única esperança era estar errado quanto ao sentido da vida. Enquanto isso, por

segurança passou a sair para caçar sem levar armas, para que assim não caísse na tentação de atirar na própria cabeça, e se gabava para o irmão Serguei de que voltava para casa com os cães trazendo um saco com seis lebres dentro, sem ter disparado um único tiro.

Sônia não tinha o luxo de parar para meditar sobre o sentido da vida. Geralmente vivia ocupada com as tarefas domésticas, e agora — e não era a primeira vez — estava literalmente à beira da morte. Não demorou para que sua longa convalescença fosse agravada por novos problemas. A irmã de Jules Rey não era exatamente um primor de preceptora, e logo houve atritos: Sônia concluiu que não a suportava. Depois, em dezembro de 1875, veio a longa e dolorosa agonia da *tiotuchka* Polina. Foi Sônia quem teve de cuidar dela nos estágios finais da doença, quando a idosa ficou confinada à cama. Era Sônia quem tinha de trocar a roupa de cama suja de fezes e suportar as ofensas e berros da doente por causa da dor causada pelo menor movimento. Polina, que até seus últimos momentos de vida conversou em francês com o sobrinho, estava aterrorizada diante da morte, e por fim expirou em 22 de dezembro. Foi enterrada dois dias depois. Foi outro Natal de silêncio.

Tolstói ficou tremendamente entristecido, pois agora o último elo com seus pais tinha desaparecido para sempre. A julgar pelo que escreveu em carta a Alexandrine, a morte da tia Polina — mais do que qualquer outra — abalou-o profundamente. Apesar de se sentir enfastiado com *Anna Kariênina* — como se fosse “um rabanete amargo” —, ele tinha de seguir em frente. Outro terço do romance foi publicado nas primeiras quatro edições de *Mensageiro Russo* em 1876. A edição de abril da revista continha uma substancial porção da quinta parte, terminando com um capítulo que descreve os últimos dias de Nikolai, irmão de Liévin. Assim como ocorre com muitos outros trechos de *Anna Kariênina*, Tolstói baseou-se em aspectos de sua experiência para escrever. Para criar o personagem de Nikolai, por exemplo, ele evocou seu falecido irmão, o excêntrico Dmítri, e também recordou os últimos dias de seu querido irmão de mesmo nome, que morrera em seus braços. A morte parecia estar por toda parte. Em fevereiro, Tolstói disse a seu único irmão ainda vivo, Serguei, que assim como o personagem Liévin, estava achando impossível afugentar os pensamentos mórbidos e a noção de que nada mais lhe restava na vida. Serguei, ele próprio um homem depressivo, conhecia de perto essa sensação, que também afligia a irmã Mária, que em março de 1876 escreveu a Tolstói (desde Heidelberg) para dizer

que vinha lutando contra pensamentos suicidas:

Encontro-me em um estado moral tão pavoroso, a solidão vem me afetando *de maneira tão terrível*, com a preocupação constante que paira sobre mim como a espada de Dâmocles, na qual penso noite e dia, e às vezes fico assustada. Pensamentos suicidas começaram a me acossar, e me perseguem de maneira tão implacável que se tornaram uma espécie de doença ou loucura.

A “constante preocupação” era Elena, a filha ilegítima que ela dera à luz em setembro de 1863, meses depois de nascer o primogênito de Tolstói, Serguei. Em 1876 Elena completou treze anos, e a jovem viúva ainda estava envergonhada demais para levá-la para a Rússia.

A sociedade russa começara a mudar rapidamente na década de 1860, mas as estruturas patriarcais mantidas como relíquia sagrada pelo Estado se perpetuavam. Ao escrever *Anna Kariênina*, Tolstói mexeu com os sentimentos de milhares de leitores presos a casamentos infelizes. Embora poucos tivessem a coragem de Anna Arcádievna, os leitores se identificavam com ela. O paradoxo de Tolstói escrever com tamanha simpatia e compaixão por Anna em um livro que ao mesmo tempo claramente condena o adultério é em parte explicado pelo destino da irmã do escritor, Macha, cujo casamento infeliz foi uma das muitas histórias de vida que serviram de matéria-prima para seu romance “familiar”. É quase como se Macha lesse a mente do irmão, pois na carta que enviou a ele em março de 1876 ela também fala das amargas lições de vida que tinha aprendido e se identifica diretamente com a heroína do romance. “Se todas as Annas Kariêninas soubessem o que as aguarda”, ela escreveu, “fugiriam dos prazeres efêmeros, que jamais são nem podem de fato ser prazeres, porque nada que é *ilegal* chega a constituir a felicidade”. Tolstói, obviamente, tinha a mesma opinião.

Até a publicação, em 1990, da correspondência de Tolstói com os irmãos e irmã, Macha era uma figura um tanto quanto nebulosa na biografia do escritor, mas teve papel importante na vida pessoal do conde, e os dois continuaram próximos (as cartas de Tolstói para ela estão entre as mais tocantes que ele escreveu). Macha lamentava seu casamento com Valerian Pietróvitch e afogava as mágoas em viagens ao exterior, levando consigo seus filhos para *spas* onde se submetia a tratamentos para as diversas doenças que acreditava portar. Foi em Aix-le-Bains, em 1861, que conheceu o belo visconde sueco Hector Victor de Kleen, com quem passou os dois invernos seguintes em Algiers. Os irmãos

ficaram sabendo que Macha e o visconde estavam vivendo juntos quando ela voltou à Rússia no verão de 1862, às vésperas do casamento de Tolstói. No outono seguinte, temendo a reprovação da família, ela escreveu de Genebra para comunicar que dera à luz uma menina. Tolstói e o irmão Serguei, ambos pais de filhos ilegítimos, foram compreensivos. Tolstói se apressou em asseverar seu apoio à irmã e resolveu tentar ajudá-la. Em janeiro de 1864 ele e Serguei se reuniram com Valerian Pietróvitch, que reconheceu sua responsabilidade no fracasso do casamento e concordou em conceder o divórcio. Tolstói obteve a necessária autorização do bispo e encaminhou os documentos para que Macha os assinasse e os enviasse de volta. Contudo, ela ficou receosa de dar andamento ao processo, pois Valerian lhe escreveu uma carta ameaçadora alegando que o divórcio “mancharia sua posição e lhe traria uma série de dissabores”. Em carta a Toinette, ela perguntou em tom lamentoso se tinha o direito de levar aquilo adiante, embora Valerian a tivesse feito sofrer muito.

Era compreensível que Macha hesitasse. O rompimento legal do vínculo de matrimônio era algo extremamente raro na Rússia, e o risco de desgraça social realmente existia. Em 1857, ano em que a Inglaterra aboliu a jurisdição matrimonial dos tribunais eclesiásticos (substituídos por um tribunal civil) e pela primeira vez admitiu o divórcio, a santidade do casamento como instituição religiosa na Rússia foi mantida pela publicação da terceira edição do Código Civil Imperial. Na Rússia, o divórcio só poderia ser obtido por meio da Igreja, que via o casamento como sacramento sagrado e indissolúvel e não dava aos filhos ilegítimos direitos legais. O Artigo 103 do Volume 1 do Código proibia especificamente os casais unidos pelos laços do matrimônio de viver separados, exceto em casos de exílio na Sibéria, ao passo que os artigos 106 e 108 confirmavam a autoridade masculina no âmbito do matrimônio:

O marido deverá amar sua esposa como seu próprio corpo e viver com ela em harmonia; é seu dever respeitá-la e protegê-la, perdoar suas falhas e minorar suas enfermidades. Deverá prover o sustento da esposa e a manutenção da família da melhor forma possível [...]. À esposa cabe obedecer ao marido como chefe da família, com ele coabitar em amor, respeito e ilimitada obediência e a ele oferecer todas as satisfações e afetos como a senhora da casa [...].

É óbvio que a subjugação feminina não era exclusividade da Rússia, mas o Estado tinha um interesse velado em manter as estruturas patriarcais, uma vez que equiparava estabilidade doméstica à estabilidade política. Tolstói não poderia

ter escolhido melhor maneira de retratar a desintegração dos últimos anos da sociedade imperial russa do que escrevendo um romance com o tema da família.

Ao longo do século XIX a Igreja Ortodoxa tinha se desdobrado para dificultar a separação conjugal. Pedidos de divórcio tinham de ser feitos junto às autoridades diocesanas e requeriam um processo longo, burocrático e dispendioso em nove etapas distintas. Ademais, o adultério só podia ser comprovado pelo depoimento de testemunhas, como Aleksiei descobre, horrorizado, ao consultar um “famoso advogado de São Petersburgo” na quarta parte de *Anna Kariênina*. Por isso não chega a surpreender que o número de pedidos de divórcio fosse extremamente baixo — em 1860, apenas 71 em toda a Rússia, e somente sete com base em alegação de adultério. Mas as Grandes Reformas, o crescimento urbano e a expansão da educação trouxeram a reboque novas posturas com relação ao casamento e pressão para simplificar e modernizar o divórcio, que por isso passou a ser tópico constante na imprensa eclesiástica na segunda metade do século XIX. Um comitê instituído pelos reformistas em 1870 propôs a transferência dos trâmites legais do divórcio para os tribunais civis, assim poupando as autoridades eclesiásticas da obrigação de investigar essas questões, “que são repletas de descrições de cenas sugestivas e repulsivas, em que invariavelmente se sente o fedor da depravação”. Em maio de 1873, no exato momento em que Tolstói começava a escrever *Anna Kariênina*, o Santo Sínodo rejeitou veementemente essa proposta, bem como a proposta de introdução do casamento civil (que já vigorava em outros países da Europa), sob o argumento de que se tratava de “fornicação legalizada”. Não obstante, o número de divórcios seguiu crescendo de maneira constante, saltando de 795 casos em 1866 para 947 em 1875. Contudo, durante esse período a irmã mais velha de Sônia, Liza (a moça inteligente com quem Tolstói não quis se casar) e seu irmão Alexander obtiveram os respectivos divórcios.

A pesquisa de Tolstói em nome de sua irmã foi de grande valia quando o conde lidou com o tema do divórcio em *Anna Kariênina*. O conde também tirou proveito da experiência de testemunhar os processos de divórcio de algumas pessoas próximas. Em 1868 a irmã de seu velho amigo Dmítri Diakov, Maria Aleksieiévna, se divorciou do enfadonho Serguei Sukhotin — muito parecido com Kariênin —, depois de causar escândalo ao abandonar o marido e os filhos pequenos por outro homem, com quem teve um filho ilegítimo. Macha não precisou se divorciar do marido, uma vez que o pusilânime e empobrecido

visconde retornou à Suécia para se casar com alguém de melhor situação financeira, deixando Mária atolada em dívidas. O fato é que a família do visconde, relutante em vê-lo casado com uma mãe de quatro filhos e que em breve carregaria também o estigma do divórcio, convenceu-o a abandoná-la. Macha voltou para a Rússia e Valerian Pietróvitch morreu no ano seguinte, mas ela continuou profundamente infeliz em sua vida pessoal, por ter deixado para trás sua filha Elena, que ficou na Suíça. Conforme escreveu em carta desesperada ao irmão em 1876 — em que se comparava a Anna Kariênina —, Macha não conhecia nenhuma outra mulher de sua posição social com a coragem de admitir a existência de um filho ilegítimo.

De vez em quando o próprio Tolstói cogitava a ideia do divórcio, mas seu casamento cada vez mais turbulento era convencional e estável se comparado aos casamentos de amigos e parentes. Seu irmão Dmítri passara os últimos anos de vida vivendo com uma prostituta (como Nikolai em *Anna Kariênina*), e o outro irmão, Serguei, se casou com uma cigana. Em 1864, enquanto tentava salvar Macha e escrever *Guerra e paz*, subitamente Tolstói se viu obrigado a lidar com a crise romântica em que Serguei tinha se envolvido. No verão do ano anterior, depois de dar fim a seu relacionamento de catorze anos com Mária Mikháilovna Chíchkina, a cantora cigana de Tula que ele havia “comprado” de um coral, Serguei se apaixonara perdidamente por Tânia, a espirituosa e jovial irmã de Sônia (de quem Tolstói também havia se enamorado ligeiramente, verdade seja dita). Serguei propôs casamento a Tânia, mas além do fato de que ele era vinte anos mais velho (Tânia tinha apenas dezessete anos), havia outra complicação: o irmão de Tolstói já tinha três filhos com Mária, que estava grávida do quarto rebento. No fim, Serguei ficou com a consciência pesada, de coração partido ao ver Mária de joelhos rezando defronte a um ícone, banhada de lágrimas, humildemente submetendo-se ao destino. Em junho de 1865, um mês depois do nascimento de sua filha Vera, ele rompeu o noivado.

Tanto Serguei quanto Tânia se casaram em 1867. Tolstói não queria que Tânia se casasse com o primo Alexander Kuzminski, pois julgava que ela seria uma esposa perfeita para seu amigo Dmítri Diakov, que havia acabado de enviuvar. Havia alguma coisa nitidamente rude e ranheta no desagrado que Tolstói expressou dez anos mais tarde, quando Diakov (então com 35 anos) se casou com Sófia Robertovna (de 32 anos), ex-tutora de sua filha Macha. Afinal de contas, “Sofech”, como ela era carinhosamente chamada, tinha a mesma idade

da esposa do conde e era apenas dois anos mais velha que Tânia. Depois que Serguei finalmente se casou com Mária, o casal se mudou para a propriedade de Pirogovo. Teriam ao todo onze filhos, dos quais quatro sobreviveram, mas seu casamento não foi feliz. Mária Mikháilovna tinha a dolorosa consciência acerca das suas diferenças de origem social, e na companhia da família do marido sentia-se tímida e retraída. Tolstói sempre demonstrou por ela o mais profundo respeito, e repetidamente a convidava para acompanhar Serguei a Iásnaia Poliana, mas ela sempre relutava em aceitar, mesmo quando Sônia teve a ideia de convidá-la para ser a madrinha de seu filho Andréi, nascido em dezembro de 1877.

O fato de que Tolstói praticamente tinha parado de manter um diário enquanto escrevia *Anna Kariênina* se explica em parte por seu desejo de dar voz, nas páginas do romance, às questões que lhe interessava abordar. Por meio do relacionamento de Liévin e Kitty, ele quis mapear uma “terceira via” entre o casamento de estilo europeu de que Anna toma partido, caracterizado pelo reduzido número de filhos, e o casamento “tradicional”, de estilo camponês, de Dolly, que cria um grande número de filhos embora tenha a mesma origem nobre de Anna. Ao longo do romance Tolstói tinha entremeado diversos detalhes autobiográficos disfarçados na história do namoro e do casamento de Liévin e Kitty (a comunicação via cartas escritas com giz, o descuido na hora de separar uma camisa limpa para Liévin no dia do casamento e assim por diante), mas na segunda metade da sexta parte o conde começou a dar voz, por meio de Dolly, a seu horror à contracepção.

Depois da morte de Várvara em novembro de 1875, a saúde de Sônia continuou abalada, e em janeiro de 1877 ela fez sua primeira visita a São Petersburgo para ficar por uma semana com a mãe (que havia passado três anos sem ver) e consultar-se com famoso dr. Botkin, médico do tsar. Também conheceu pessoalmente Alexandrine, que imediatamente se apressou em escrever a Tolstói para dizer o quanto havia gostado de sua esposa. Ela disse que achou “Sophie” sincera, cordial, inteligente e franca, e que se afeioou a ela na mesma hora. Alexandrine também se encarregou de transmitir a Tolstói uma mensagem eufemística do dr. Botkin sobre a “saúde” de Sônia, resultado de uma nova gravidez iniciada semanas depois de dar à luz. Desde a morte de Várvara, Sônia estava tão apavorada com a ideia de ter outro filho que fizera de tudo ao seu alcance para evitar uma nova gravidez, cogitando inclusive recorrer à contracepção, o que teve impacto em seu casamento. Foi justamente nessa

ocasião que Tolstói escreveu o capítulo de *Anna Kariênina* em que Dolly reage com extremo horror à revelação de Anna de que vinha usando contracepção. Para Dolly, e para Tolstói, a contracepção era imoral.

Enquanto Sônia estava em São Petersburgo, Tolstói seguiu escrevendo *Anna Kariênina*, disposto a terminar o livro. Para se distrair, lia *The Prime Minister*, de Trollope, o último dos seis romances de Palliser, que recomendou vivamente ao irmão Serguei. *Anna Kariênina* reflete o empenho de Tolstói frente ao romance francês de adultério, mas também seu entusiasmo pela ficção inglesa, que ele tinha na mais alta conta — certa feita, o conde exclamou sem rodeios que os livros ingleses eram os melhores e que neles sempre encontrava algo novo e cheio de frescor. É bem provável que o romance inglês que Anna lê no trem no início de *Anna Kariênina* seja de Trollope, já que o livro menciona membros do Parlamento, caça à raposa e títulos de nobreza. Trollope já tinha decidido que sua heroína, lady Glencora, acabaria amando seu honesto e enfadonho marido Plantagenet Palliser, mais bondoso do que seu homólogo russo Kariênin. E, sem o fardo de uma tradição didática para oprimi-lo, a opção por um final feliz não era problema para um escritor devotado ao seu emprego de tempo integral nos correios. Trollope era misericordiosamente imune ao tipo de dúvida acerca de si próprio que tanto atormentava Tolstói enquanto ele pelejava para terminar *Anna Kariênina*.

Tolstói finalmente concluiu *Anna Kariênina* em 1877. Certamente os leitores russos tinham sido pacientes. Afinal de contas, tinham começado a ler o romance dois anos antes, e provavelmente ficaram tão desconcertados quanto o editor de Tolstói quando a publicação seriada foi subitamente interrompida em abril de 1875, depois de um terço do romance e novamente em 1876. Kátkov tinha inclusive se sentido obrigado a publicar uma nota explicando que os hiatos não se deviam aos editores do periódico, mas sim a “circunstâncias que impediam o autor de concluir seu romance”, cuja publicação, ele esperava, agora continuaria “sem interrupção”. Os leitores de Tolstói, contudo, continuavam entusiasmados. Mais tarde, um jovem conhecido de Tolstói lembrou que ele e seus colegas estudantes aguardavam com a respiração suspensa de tanta expectativa cada nova edição de *Mensageiro Russo*, e depois imediatamente “devoravam” todas as páginas sempre que havia novos capítulos de *Anna Kariênina*. Mas Tolstói ficou completamente perplexo quando Strákhov lhe escreveu de São Petersburgo em maio de 1877 para dizer que as resenhas mais recentes o saudavam como um

escritor da mesma envergadura de Shakespeare e que até mesmo Dostoiévski estava bradando aos quatro ventos que o conde era um “deus da arte”. Dostoiévski, contudo, logo mudaria de tom, assim que lesse os capítulos finais do romance, em que Tolstói lança uma afronta aos pan-eslavistas.

Anna Kariênina tratava de temas atuais, e o lento avanço de Tolstói permitia que o conde refletisse, nas páginas do romance, não apenas sobre os mais recentes debates na área da agricultura, mas também sobre os últimos desdobramentos políticos da Rússia. Tolstói estava trilhando um território novo, mas sua indiferença cada vez maior por questões puramente artísticas colocou o escritor em rota de colisão com o *establishment* russo. A edição de abril de 1877 do *Mensageiro Russo* continha os últimos capítulos da sétima parte — que termina com a morte de Anna —, que foram saudados com aclamação geral. Na mesma edição deveria ter sido publicado também o Epílogo do romance (como a oitava parte era originalmente chamada), mas Tolstói teve outro desentendimento com seu editor, e em meados de maio ainda aguardava a terceira remessa de provas revisadas. O nó górdio era a política, especificamente as opiniões “antipatrióticas” expressas no romance acerca do movimento voluntarista russo de auxílio aos sérvios, que desde junho estavam em guerra com o Império Otomano. Esse é o movimento a que Vrónski se junta no final de *Anna Kariênina*: nós o vemos embarcar em um trem na estação de Smolenski, dando início a uma jornada da qual jamais regressará.

A Guerra Servo-Turca era apenas um dos aspectos da “questão do Leste”, que veio à tona novamente na década de 1870, dessa vez impulsionada pelo desejo das nações balcânicas de se libertar de séculos de jugo otomano. Os pan-eslavistas viam o conflito como uma oportunidade de ouro de levar adiante seu objetivo de unir todas as nações eslavas, idealmente sob a soberania russa. Tolstói não tinha se esquecido do fato de que o pan-eslavismo tinha raízes no isolamento diplomático da Rússia e na humilhante derrota sofrida na Guerra da Crimeia; a experiência do conde de ter lutado naquela campanha o convertera em um veemente e engajado pacifista. A seu ver essa nova guerra era tremendamente perturbadora. Tolstói não tinha o menor desejo de se enredar na política contemporânea, mas sua preocupação com os eventos em curso nos Bálcãs fez com que momentaneamente deixasse de lado seu desdém pela imprensa e passasse a acompanhar o avanço da guerra. Antevendo o inelutável envolvimento da Rússia na Guerra Servo-Turca, em novembro de 1876 Tolstói foi a Moscou a

fim de saber mais sobre a questão. Estava lá quando Alexandre II discursou no Krêmlin dando um ultimato aos turcos, e nada poderia ter feito para evitar que as multidões saíssem às ruas aos gritos de “Guerra! Guerra!”, seguidos do habitual “Hurra!”. Mas o que de fato fez o sangue de Tolstói ferver foi o papel desempenhado pela imprensa e pelo “Comitê Eslávico”, que a seu ver inflamaram os sentimentos e instigaram o entusiasmo pela guerra, e nas últimas páginas de *Anna Kariênina* o conde começou a se manifestar.

Moscovo sempre tinha sido o epicentro do pan-eslavismo russo. Lá, em 1858 tinha sido fundado o primeiro Comitê Eslávico de caridade para fornecer apoio aos povos eslavos sob jugo otomano ou Habsburgo, e a cidade sediou o segundo Congresso Eslávico em 1867. Dez anos depois, o Comitê Eslávico foi comandado pelo jornalista eslavófilo Ivan Áksakov, com apoio ativo de sua esposa Anna, e, quando regressou de sua visita a Moscou, Tolstói escreveu uma carta a Fet — em tom particularmente destruidor — desancando o automeado papel dela em angariar artificialmente apoio para a guerra. Anna Áksakova, filha do poeta Tíutchev, era uma velha conhecida de Tolstói e ex-tutora dos filhos mais novos de Alexandre II (quando ela se casou, em 1866, foi sucedida por Alexandra Andréievna Tolstáia — Alexandrine). Outra figura-chave nos círculos eslavófilos era o ex-oficial da guarda Alexander Porokhóvchchikov. Em 1872 ele construiu o Hotel Bazar Eslovo junto à Praça Vermelha para ser a encarnação de seu sonho visionário de irmandade eslavônica; o estilo deliberadamente pré-petrino do projeto arquitetônico do hotel era complementado por seu interior, ao passo que o salão de jantar principal tinha como atração uma enorme tela retratando compositores russos, poloneses e tchecos, obra feita por encomenda pelo jovem artista Ilia Repin. Era ali que Porokhóvchchikov organizava o recrutamento dos voluntários russos para a Guerra Servo-Turca e, na condição de oficial reformado, Vrónski teria se alistado ali em *Anna Kariênina*.

A Rússia declararia guerra ao Império Otomano em abril de 1877, no exato momento em que Tolstói escrevia o epílogo de *Anna Kariênina*. Eslavófilo proeminente e também editor de um influente jornal conservador, Kátkov ficou possesso ao constatar que no manuscrito de Tolstói o movimento de voluntários era depreciado como um “entusiasmo da moda” dos ricos ociosos. Tampouco gostou das críticas à imprensa por reivindicar o papel de representação da “voz do povo” e por publicar “muita coisa desnecessária”. Tolstói, por sua vez, ficou enfurecido com a pretensão de um “reles jornalista” de ousar tentar corrigir seu

manuscrito. O conde jamais havia tentado esconder o fato de que os sentimentos expressos por Liévin e pelo príncipe Cherbátski equivaliam a seus próprios pontos de vista. Aos amigos, declarava abertamente que os jornais eram “algo maligno, e melhor seria se não existissem”. Ele reiterou que o povo russo nada sabia dos eslavos, e muito menos queria lutar. Tolstói se recusou terminantemente a fazer as alterações exigidas por Kátkov, e por fim reteve o manuscrito a fim de publicá-lo separadamente. Kátkov retaliou publicando uma declaração no *Mensageiro Russo*:

Na edição anterior o romance *Anna Kariênina* se encerrou com as palavras “a ser concluído”. Porém, o romance de fato termina com a morte da heroína. De acordo com o plano do autor, a seguir viria um curto epílogo, em que os leitores descobririam que Vrónski, devastado pelo luto e confuso após a morte de Anna, parte como voluntário rumo à Sérvia, e que todos os personagens estão vivos e muito bem — Liévin permanece em sua aldeia e se enfurece com o Comitê Eslávico e os voluntários. Talvez o autor desenvolva esses capítulos para uma edição em separado de seu romance.

É óbvio que Tolstói ficou ainda mais enfurecido quando leu essa declaração, e imediatamente se pôs a rascunhar uma carta a Aleksiei Suvorin, agora editor do jornal *Novos Tempos*, de São Petersburgo, em que protestava contra a maneira com que seu epílogo fora descartado como algo de pouco valor e negligentemente resumido. “Que tal resumir o restante do romance em dez linhas?”, ele esbravejou: “Uma mulher abandona seu marido. Depois de se apaixonar pelo Sr. Vrónski, ela vai se enfurecendo com várias coisas em Moscou e se joga debaixo de um trem”. Tolstói também refutava as instruções dadas por Kátkov aos leitores sobre como interpretar *Anna Kariênina*, ou seja, como “um romance sobre a alta sociedade”, e se ressentia amargamente de ter recebido ordens efetivas sobre como terminar o livro. Mas foi Sônia, assinando como “C[ondessa] S[ófia] ***” e citando a carta do marido, que por fim anunciou aos leitores que o epílogo não seria publicado no *Mensageiro Russo*.

Sem sombra de dúvida o público russo ficou agradecido pela explicação, mas nem todos os leitores apreciaram o epílogo. Os comentários depreciativos de Liévin sobre a Questão Balcânica e o Movimento Voluntarista Russo eram extremamente controversos e diametralmente opostos aos pontos de vista do grande rival de Tolstói, Dostoiévski, cujo nacionalismo messiânico (ou megalomania jingoísta ortodoxa, dependendo do ponto de vista) tinha como ponto central o papel da Rússia como paladino salvador dos Bálcãs. Embora

Dostoiévski e Tolstói jamais tenham se encontrado ou conversado pessoalmente, eram antípodas naturais que viam muitos defeitos na obra um do outro. Como jornalista, era mais ou menos uma obrigação de Dostoiévski dar um veredicto sobre o romance de Tolstói, e depois de muita procrastinação ele por fim publicou, no início de 1877, sua opinião acerca de *Anna Kariênina*. Tolstói, contudo, jamais retribuiu o elogio e nunca se deu ao trabalho de comentar publicamente qualquer texto ficcional de Dostoiévski, preferindo manter, como sempre, uma postura de indiferença.

De início Dostoiévski foi generoso com sua apreciação crítica de *Anna Kariênina*. Estava particularmente entusiasmado com Liévin como personagem literário e dedicou várias páginas ao romance na edição de fevereiro de *Notas de um Escritor*, periódico mensal independente que ele fundara em 1876 a fim de explorar o caráter nacional e o destino do povo russo. Contudo, quando leu o epílogo, meses depois, Dostoiévski ficou fora de si. Na edição de julho-agosto, fustigou Liévin por ser egocêntrico e antipatriota e por estar fora de sintonia com o povo russo. Refutou a afirmação de Liévin de que o povo russo compartilhava com ele a indiferença com as agruras dos eslavos e protestou violentamente contra a declarada recusa de Liévin de matar, mesmo que isso servisse para evitar atrocidades. É aqui, obviamente, que encontramos em forma embrionária a ideia de não resistência à violência que ocupará lugar central na nova perspectiva religiosa que Tolstói desenvolveria ao longo da década seguinte. Pessoas como Tolstói deveriam ser nossos professores, Dostoiévski conclui em seu extenso texto crítico, mas o que exatamente estavam nos ensinando? Desnecessário dizer que Dostoiévski não recebeu resposta nem em 1877 nem nos anos que antecederiam sua morte em 1881. Mas Tolstói compensou tal silêncio passando os trinta anos seguintes de sua longa vida praticamente sem fazer outra coisa a não ser responder justamente a essa pergunta.

PEREGRINO, NIILISTA, MUJIQUE

Se dependesse de mim, eu não seria um monge, seria um tolo santo — ou seja, não apreciaria coisa alguma na vida, e não faria mal a ninguém.

Carta a Nikolai Strákhov, 6 de novembro de 1877

UMA VEZ QUE TOLSTÓI acabou acreditando fervorosamente na ideia de que nossa vida é constituída de ciclos de sete anos e que, além disso, era também um homem extremamente supersticioso, estava fadado a atribuir especial significado a seu 49^o ano de vida — particularmente porque esse aniversário caiu no sétimo ano da sétima década do século. E assim se deu: em outubro de 1884, quando outros sete anos haviam se passado, Tolstói olhou para trás e constatou que a mais radical mudança de sua vida tinha de fato sido, como ele mesmo pôs em forma numérica em carta à esposa, “ $7 \times 7 = 49$ ”. Foi em 1877 que Tolstói começou a trilhar com mais firmeza o caminho que ele tinha tentado iniciar quando abriu sua escola em Iásnaia Poliana — o caminho para viver de acordo com a ética cristã. Por duas vezes ele tinha se desviado — quando se casou e novamente quando se comprometeu a escrever *Anna Kariênina*. Mas dessa vez não haveria desvios, e quanto mais ele avançava ao longo da trilha que o afastava de sua vocação artística de romancista, e que também o afastava de sua esposa, mais leve ficava o passo. Ele não parou por completo de escrever ficção, mas a produção ficcional se tornou secundária diante da tarefa mais premente de denunciar a hipocrisia que ele via ao redor.

Talvez fosse inevitável que um homem pouco afeito a meias-medidas passasse por algo que ia muito além da típica crise de meia-idade. A década que

se seguiu ao aniversário de 49 anos de Tolstói de fato se tornaria a mais tumultuosa de sua vida. Nesse período, a mudança para Moscou foi o evento mais significativo para a família (uma experiência que mudou a vida dos filhos e certamente a de Sônia, depois dos longos anos de isolamento em Iásnaia Poliana). Mas não era a isso que Tolstói estava se referindo quando definiu esses anos como uma época de turbulentos embates e mudanças interiores. Ele tornou-se um devoto comungante ortodoxo, depois um crítico ferrenho da Igreja. Levou a cabo um abrangente estudo de todas as principais religiões do mundo e escreveu uma causticante autobiografia espiritual sobre sua busca do sentido da vida. Realizou uma nova tradução dos Evangelhos e se pôs a seguir os ensinamentos de Jesus Cristo. E em nome desses ensinamentos começou a protestar ruidosamente contra a Igreja Ortodoxa. No final da década de 1880, Alexandre III definiria Tolstói como um ateu niilista e uma figura perigosa que precisava ser refreada.

Entretanto, antes de chegar ao ponto de formular e articular suas novas ideias, Tolstói precisou empreender uma jornada que teve início com um período de intensa busca religiosa, o que se reflete nos capítulos finais de *Anna Kariênina*, em que Liévin se questiona acerca do sentido da vida. Como resultado da crise espiritual pela qual passou Dostoiévski durante seus anos de exílio na Sibéria na década de 1850, o autor de *Crime e castigo* rejeitou o socialismo e abraçou o cristianismo, especificamente o cristianismo ortodoxo russo, com fervor ainda maior. Tolstói fez mais ou menos o contrário: sua crise espiritual no final na década de 1870 resultou no abandono não apenas da Igreja Ortodoxa Russa, mas de boa parte do cristianismo. Mas Tolstói iniciou sua crise espiritual primeiro tornando-se devoto — com a devoção mais intensa de toda a sua vida.

Até esse ponto Tolstói tinha sido somente em teoria um adepto da fé ortodoxa em que fora batizado, como a maior parte dos membros de sua classe. Aos dezesseis anos de idade abandonara a prática da oração e aos dezoito perdera a fé. Porém, às vésperas de completar cinquenta anos o conde começou a desejar vivamente a orientação que as crenças religiosas vigorosas propiciam. Em carta a Alexandrine datada do início de fevereiro de 1877, Tolstói confessou que nos últimos dois anos tinha sido como um homem em vias de se afogar, desesperado por algo a que se aferrar. Tolstói disse que estava depositando suas esperanças de encontrar salvação na religião, e que ele e seu amigo Strákhov tinham chegado à conclusão de que a filosofia era incapaz de fornecer as respostas e que os dois

não podiam viver sem religião. Ao mesmo tempo, escreveu, simplesmente não conseguiam acreditar em Deus. Um mês depois, contudo, Tolstói tinha mudado totalmente de ideia, quase que por um capricho, depois de conversas com seu médico “materialista” Grígori Zákharin e com Serguei Levitski, o celebrado “patriarca” da fotografia russa que tinha feito o retrato do grupo de escritores de *O Contemporâneo* em Paris, em 1856. Tolstói começou a ler as obras teológicas do pensador eslavófilo Aleksiei Khomiakov, exatamente como seu personagem Liévin no final de *Anna Kariênina*. E, como Liévin, julgou que eram insuficientes. Mesmo assim, logo começou a orar todo dia, como fazia na infância, a frequentar a igreja aos domingos e jejuar às quartas e sextas.

O recém-descoberto fervor religioso de Tolstói não o impedia de sair com os amigos para caçar lobos e alces, tampouco de continuar publicando sua lucrativa ficção — pelo menos ainda não. Depois da debacle do *Mensageiro Russo*, o conde teve de recorrer ao antigo editor Theodor Ries para providenciar a publicação em separado da “Oitava e última parte de *Anna Kariênina*”, e logo depois que o texto veio a lume, em julho de 1877, Tolstói entregou uma versão ligeiramente revista do romance completo para sua primeira publicação em forma de livro no ano seguinte. A edição de 1878 jamais foi reimpressa. Mais tarde, ao incluir o romance em suas obras reunidas, Tolstói astuciosamente obrigou todos os leitores interessados em ter seu próprio exemplar de *Anna Kariênina* a adquirir o conjunto completo. Em maio de 1878 ele apurou com seu distribuidor de Moscou que ainda restavam 2.700 exemplares da tiragem inicial de 4.800, além de oitocentos exemplares não vendidos da coleção (em nove volumes) de suas obras reunidas. A quarta e nova edição de suas obras completas, planejada para 1880, seria incrementada pela adição de dois volumes finais incorporando *Anna Kariênina*, e seriam postas à venda por 16,5 rublos. Se cinco mil exemplares fossem impressos, Tolstói escreveu a Strákhov, isso significava uma receita de 82.500 rublos, dos quais vinte mil cobririam os custos de impressão, mas ele venderia os direitos de distribuição por trinta mil rublos, portanto fizera um ótimo negócio.

Como sempre, Tolstói continuava sendo um homem de negócios bastante astuto. Não obstante, havia também claros sinais de sua nova devoção. No verão de 1877, acompanhado de Strákhov, fez a primeira de uma série de visitas ao Mosteiro Optina Pustin, na província de Kaluga, cerca de 215 quilômetros ao oeste de Iásnaia Poliana. Esperava ser recebido em audiência pelo Ancião

Ambrósio. As tias do conde haviam contado a ele e aos irmãos muitas histórias sobre Ambrósio, insuflando nas crianças um profundo respeito por Optina Pustin. Lá estava enterrada sua devota tia Polina, que fazia peregrinações anuais ao mosteiro. O escritor também ouvira relatos dos camponeses sobre Ambrósio. Depois de um dia inteiro de viagem, ele e Strákhov chegaram às três da manhã em sua *tarantass*. Como não quisessem receber tratamento especial, alojaram-se em um espartano e lotado albergue. Acontece que o padre Feoktist, monge encarregado da administração do albergue do mosteiro, era um dos ex-servos da família de Tolstói, e assim que a identidade do conde foi descoberta houve pressão para que ele se transferisse para as mais luxuosas acomodações disponíveis, o que ele recusou.

Havia razões para que Tolstói escolhesse Optina Pustin. Apesar de ter sido fundado no século XVI, as reformas anticlericais iniciadas por Pedro, o Grande, e continuadas por Catarina, a Grande, quase haviam forçado o mosteiro a fechar as portas no século XVIII; àquela altura o estabelecimento tinha sido reduzido a três monges, um deles cego. Contudo, desse estado moribundo o mosteiro se reergueu e tornou-se o centro de um extraordinário ressurgimento religioso no século XIX. Isso se deveu a seus carismáticos “anciãos”. Um ancião (*starets*) era um monge que por meio da prática do ascetismo, orações constantes e cultivo da solidão tinha se tornado um líder não oficial da vida espiritual de seu mosteiro. Acreditando que os monges possuíam poderes de cura e de clarividência, além de descomunal sabedoria, milhares de visitantes leigos de todas as partes da Rússia vinham anualmente a fim de buscar orientação e aconselhamento dos anciãos acerca dos mais variados problemas. Muitos dos peregrinos eram camponeses, mas Optina Pustin atraía também inúmeros membros da *intelligentsia* russa, incluindo escritores de renome.

A ancestral tradição dos anciãos foi levada para a Rússia por discípulos de um líder espiritual do século XVIII, o Ancião Paísio Velichkóvski. Aos dezessete anos, depois de fazer votos monásticos, ele se mudou de terra natal, Poltava, para o monte Atos, onde fundou um eremitério e mergulhou em uma das mais antigas práticas do cristianismo oriental, o hesicasmo (“paz e quietude interior”). Em 1764, depois de duas décadas e meia tentando alcançar um estado de oração perpétua e se reconectar aos Pais da Igreja, ele foi convidado para renovar a vida espiritual na Moldávia. Por ocasião de sua morte, em 1794, o mosteiro que havia fundado em Neamt tinha por volta de setecentos monges. Além de introduzir no

mundo eslavo o presbitério, Paísio Velichkóvski deixou um importante legado de textos sobre a prática de orações, bastante influentes para os monges que reavivaram Optina Pustin nos dias sombrios do início do século XIX. Os textos místicos que ele compilou para sua *Philokalia* (“amor ao belo”) eslava, famosa coletânea de textos espirituais ascéticos, consolidaram o elo vital que ele forjara com as tradições hesicastas do monte Atos e os primeiros cristãos que tinham vivido no deserto. Os anciãos russos do século XIX que seguiram o exemplo de Velichkóvski eram monges que emulavam os Pais da Igreja vivendo em um remoto eremitério, o equivalente russo mais próximo de uma vida de recolhimento e isolamento no deserto, e não é coincidência que a palavra *pustin* (“eremitério”) esteja relacionada ao termo *pustinia*, que significa “deserto”, “ermo”. Contudo, assegurando uma existência mais rígida e solitária do que a dos monges comuns, os anciãos viviam em um *skete* — uma espécie de mosteiro dentro de um mosteiro. Por ocasião da visita de Tolstói, o ancião encarregado de Optina Pustin era Ambrósio, então com 65 anos de idade e um dos homens mais famosos da Rússia. Dostoiévski usou Ambrósio como modelo para o personagem Zózima, de *Os irmãos Karamázov* — o escritor teve três reuniões com o ancião durante sua peregrinação a Optina Pustin em 1878.

Tolstói não ficou nada feliz quando seu disfarce foi descoberto assim que chegou ao mosteiro em 1877, mas sua fama pelo menos garantiu que fosse recebido imediatamente em audiência com Ambrósio. Tanta gente visitava o mosteiro com a intenção de falar com o ancião que a ampla maioria era obrigada a esperar dias e até mesmo semanas antes de ter autorização para entrar (as mulheres não tinham permissão para adentrar o eremitério propriamente dito, mas se aglomeravam em torno de uma extensão especialmente construída junto ao claustro de Ambrósio). O tipo de auxílio espiritual que cada pessoa buscava variava tremendamente. Mães em busca de conselhos sobre a melhor maneira de educar os filhos, comerciantes desejosos de saber se deviam ou não efetivar determinada compra, tios querendo saber com quem suas sobrinhas deveriam se casar, ao passo que um sem-número de outros peregrinos buscava orações capazes de trazer a cura para uma doença grave ou meramente algum conforto para suas aflições. Tolstói foi visitar o ancião sem ter em mente um assunto específico, a não ser a esperança de que talvez pudesse encontrar respostas para as questões espirituais que o atormentavam. Depois de acatar a sugestão dada por Ambrósio de que devia se confessar e comungar, Tolstói tomou parte das

quatro horas da cerimônia de Vésperas do mosteiro. Durante sua peregrinação, o conde também aproveitou para conversar com o arquimandrita do monastério (que antes fora oficial da guarda), mas ficou profundamente tocado pela humildade ingênua do padre Pimen, ex-decorador cujas maneiras bondosas e simples faziam dele uma figura popular entre as suplicantes do sexo feminino. Em certo momento da conversa de Tolstói com o arquimandrita, Pimen cochilou na cadeira, mas não estava tão sonolento quanto aparentava. Mais tarde o ancião comentou que Tolstói dizia coisas muito eloquentes, mas vazias, e que devia pensar em sua própria alma. Por sua vez, mais tarde Ambrósio confidenciou a um amigo de Strákhov, depois de um longo suspiro, que tinha achado Tolstói problemático e hostil. Em 1907 esse amigo publicou o que o Ancião lhe dissera sobre Tolstói:

Seu coração busca Deus, mas em seus pensamentos há confusão e falta de crença. Ele sofre por excesso de orgulho, orgulho espiritual. Causará muito sofrimento com sua interpretação arbitrária e vazia dos Evangelhos, que em sua opinião ninguém antes dele chegou a compreender, mas tudo é a vontade de Deus.

Porém, em conversa reservada, esse mesmo conhecido relatou a Strákhov que os Santos Padres tinham achado Tolstói uma “alma maravilhosa” e que haviam ficado particularmente felizes ao constatar que o conde não sofria de orgulho intelectual, ao contrário de Gógol, que visitara o mosteiro em 1850. Seja qual for a verdade, Tolstói se sentiu bastante animado com sua primeira peregrinação a Optina Pustin — ficou genuinamente impressionado com a sabedoria dos anciãos do mosteiro, e em especial com os poderes espirituais do padre Ambrósio. Sua fé se fortaleceu. Quando retornou a Iásnaia Poliana no final de julho, começou a ter longas conversas com o padre local e acordava ao alvorecer para as primeiras matinas — selava sozinho o próprio cavalo, para não acordar o criado.

A Rússia finalmente tinha declarado guerra à Turquia em abril de 1877, exatamente quando Tolstói estava terminando *Anna Kariênina*. Em meados de agosto, acompanhado de Sônia e vários outros familiares, Tolstói foi visitar os prisioneiros de guerra turcos mantidos em uma fábrica de açúcar na estrada para Tula. Esperava iniciar um novo romance histórico naquele verão, mas por causa das notícias do *front* não conseguia se concentrar, estivesse mal-humorado ou de bom humor, conforme escreveu a Strákhov. Era natural que Tolstói se lembrasse

do período que passara aquartelado no Danúbio antes de ser transferido para a desastrosa campanha de Sebastópol na Guerra da Crimeia, e chegou a pensar em escrever a Alexandre II uma carta sobre a situação da Rússia e as razões dos insucessos do exército nas mais recentes hostilidades contra a Turquia. Mas era a religião que ocupava o centro de suas atenções, e foi sobre fé — e não política — que ele quis conversar com os turcos. Perguntou aos prisioneiros se cada um tinha seu exemplar do Corão e quem era seu mulá. A busca religiosa de Tolstói levou-o muito além das fronteiras russas. Entre os livros que naquele ano pediu que Strákhov lhe enviasse incluíam-se *A velha e a nova fé*, do teólogo protestante David Friedrich Strauss, que tinha causado tanto escândalo na Alemanha em 1872 quanto seu “histórico” *Vida de Jesus*, publicado trinta anos antes, em que negava a divindade de Cristo. Tolstói pediu também a Strákhov que obtivesse um exemplar de *Vida de Jesus*, de Ernest Renan, volume de mesmo título e igualmente notório que havia suscitado uma enxurrada de polêmicas no mundo católico e que fora banido na Rússia desde sua publicação na França em 1863. Outros autores que nesse período despertaram o interesse de Tolstói foram os orientalistas Eugène Burnouf, que tinha publicado uma história do budismo indiano em 1844, e seu aluno Max Müller, considerado pai da ciência das religiões (*Religionswissenschaft*). Müller, que em 1868 tinha se tornado o primeiro professor de teologia comparada de Oxford, escreveu prolificamente sobre filosofia indiana e religião védica.

Strákhov continuava servindo como uma caixa de ressonância das ideias de Tolstói, mas não tinha a mesma avidez pela fé, por isso não acompanhou o amigo na etapa seguinte de sua jornada espiritual. Como o Ancião Ambrósio tinha notado na visita dos amigos a Optina Pustin, a falta de fé de Strákhov estava profundamente entranhada; para ele a fé era “mera poesia”, apesar da atração pelo estilo de vida monástico que o inspirara a fazer uma viagem ao monte Atos em 1881. Em Iásnaia Poliana, o recém-descoberto fervor religioso de Tolstói foi saudado com ligeira perplexidade por Sônia, para quem a fé ortodoxa sempre tivera um papel discreto mas integral em sua vida. Ela ficou contente com o fato de o marido ter “se acalmado”, depois das bruscas e violentas mudanças de humor dos anos anteriores (especialmente os períodos de profunda depressão), e se alegrou ao perceber que seu temperamento parecia estar mudando para melhor. Em seu diário, mostra-se otimismo com a ideia de que Tolstói tinha de alguma maneira chegado ao fim de sua jornada espiritual:

Embora ele sempre tenha sido modesto e complacente em todos os seus hábitos, agora está se tornando ainda mais modesto, humilde e paciente. E essa luta eterna que começou em sua juventude, e cujo intuito é alcançar a perfeição moral, está chegando ao fim com completo sucesso.

Mais tarde ela deve ter se assustado com a própria ingenuidade. O empenho religioso de Tolstói certamente trouxe a Iásnaia Poliana um pouco de paz e harmonia, mas o conde tinha começado a caminhar sozinho, pois ninguém na sua família estava inclinado a levar a religião tão a sério quanto ele.

A maior fonte de inspiração de Tolstói nesse período veio de uma figura improvável. Vassíli Aleksieiév, um rapaz franzino e bastante frágil de barba ruiva rala e cândidos olhos azuis, era o mais recente tutor encarregado de cuidar da educação dos filhos mais velhos do conde, e teria influência surpreendentemente poderosa na evolução de sua filosofia religiosa nos anos seguintes. Em muitos sentidos, Vassíli era um tolstoísta *avant la lettre*. Ele chegou a Iásnaia Poliana em outubro de 1877, depois de ter sido recomendado pela parteira de Tolstói, Mária Abrámovitch (a essa altura Sônia estava a dois meses de dar à luz Andrêi, o nono filho do casal), e ficaria por quatro anos na casa dos Tolstói. Dado seu passado de envolvimento com o radicalismo político, não surpreende que Sônia o tenha mandado embora, mas sim que o tenha deixado ficar tanto tempo. Aleksieiév era declaradamente socialista e ateu, e mesmo assim um modelo de ética cristã em sua conduta pessoal. Nesse período crítico da vida de Tolstói o jovem propiciou ao escritor o apoio moral de que ele tanto necessitava, e o conde o defendia com unhas e dentes toda vez que seu devoto amigo Úrusov atacava o rapaz chamando-o de “niilista” e “filho do demônio”. “Conheço pouquíssimas outras pessoas que, como ele, são não apenas boas, mas profundamente generosas e dotadas de sentimento religioso”, Tolstói assegurou a Úrusov, mais uma vez salientando que Vassíli era humilde e se dedicava a servir ao próximo.

Vassíli Alexieiév era filho de um oficial reformado e pequeno proprietário de terras que se casara com uma de suas próprias servas, a quem sabidamente tinha o hábito de espancar. Cresceu na província ocidental de Pskov, a centenas de quilômetros de Moscou. Tinha sete irmãos e desde criança sempre se destacou como excelente aluno, o que lhe granjeou uma bolsa de estudos para cursar matemática na Universidade de São Petersburgo, onde acabou se envolvendo com grupos políticos de inclinação esquerdista. Isso se deu no auge no movimento populista no início da década de 1870, e Aleksieiév conheceu o revolucionário Nikolai Tchaikóvski, líder de um círculo responsável pela

disseminação da propaganda socialista entre o campesinato. Foi Tchaikóvski quem apresentou Alexieiév a Alexander Málikov, que era mais um idealista religioso do que um revolucionário e que vinha de uma família de origem camponesa. Málikov já tinha sido exilado e cumprido pena na prisão por suas crenças políticas, e agora depositava suas esperanças na doutrina mística que ele próprio tinha fundado, a Humanidade de Deus (ou Divindade do Homem, Humano-Divindade ou Divino-Humanidade), que combinava teoria socialista com ética cristã. Seduzido pela impetuosa oratória de Málikov, Aleksieiév tornou-se um de seus seguidores, mas o governo russo inevitavelmente viu as tentativas de disseminação dos ensinamentos da Humanidade de Deus como propaganda revolucionária e prendeu Aleksieiév. Embora logo depois tenha sido libertado por falta de provas conclusivas, seu pai o renegou.

Málikov e Aleksieiév constataram que seria impossível colocar em prática suas ideias na Rússia, onde eram tidos como subversivos. Juntamente com uma dezena de outros colegas, em 1875 decidiram emigrar para os Estados Unidos, na esperança de realizar seu sonho de levar uma vida moralmente pura na Terra da Liberdade. Tchaikóvski já estava lá, tendo fugido da Rússia para evitar a prisão, assim como o positivista Vladimir Geins, outro revolucionário desiludido que trocara seu nome para William Frey (a transliteração em cirílico mais próxima possível da palavra inglesa *free*, “livre”). O grupo decidiu fixar residência no Meio-Oeste. Na parte sul de Kansas; recém-adquirida dos indígenas, a terra era extremamente barata. Somando seus recursos o grupo conseguiu comprar 64 hectares em Cedarville, próximo de Wichita, por 25 dólares. Apinhando-se nos dois quartos da pequena casa de fazenda de sua propriedade, os jovens pioneiros russos tentaram tocar uma comuna agrícola utópica. Embora tenham conseguido acrescentar mais cabeças de gado ao único cavalo e à única vaca com que já contavam em suas terras, além de semear milho e trigo, logo de início enfrentaram problemas. Ninguém sabia ordenhar a vaca, por exemplo. A princípio a comunidade se norteou por ideais ascéticos nobres e de bom grado aboliu o consumo de álcool, carne vermelha, café, chá e açúcar, mas o fanático e dogmático Frey banuiu também o pão, sob o argumento de que somente alimentos em seu estado “natural” eram aceitáveis. Os remédios também foram banidos. Mas o que de fato levou à desintegração da comuna foram as reuniões semanais de “críticas mútuas” e “confissão pública”, que serviam apenas para exacerbar as inúmeras tensões pessoais que surgiam. O experimento foi um desastre, e a

comuna mal durou dois anos.

No final de maio de 1877 Aleksieiév regressou à Rússia, agora acompanhado da esposa camponesa de Málikov, Elizaveta, e duas crianças — Aleksieiév era pai de uma delas. Nas planícies estadunidenses, eles tinham sentido uma terrível saudade de sua terra natal, e quando cruzaram a fronteira — no Domingo da Trindade (Tróitsa) —, pela janela do trem viram jovens dançando nos campos. Na Rússia pré-revolucionária era tradição celebrar a Tróitsa como o dia em que o Espírito Santo desceu sobre toda a natureza, e não apenas sobre os apóstolos. A “Tuletide Verde”, como também era chamada em referência às tradições pagãs que acompanham todos os principais dias santos cristãos, era também uma época particularmente alegre e fértil, em que tudo estava em plena floração. Era também uma data do calendário especialmente associada à juventude, portanto um dia pungente para marcar o retorno de Aleksieiév à Rússia — aos 29 anos de idade, ele era quatro anos mais novo que sua futura patroa, a condessa Tolstáia. O Domingo da Trindade era celebrado em Iásnaia Poliana, como de resto em todo o país — os filhos de Tolstói iam à igreja usando suas melhores roupas e levando nas mãos grandes ramalhetes, depois tomavam parte das danças. Sônia plantava flores e as meninas camponesas perguntavam ao cuco quantos anos ainda teriam de esperar para se casar, calculando a resposta de acordo com o número de vezes que ouviam o pássaro cantar. As casas e ruas dos vilarejos eram decoradas com hortaliças, ramalhetes de cravos colocados atrás de ícones e uma profusão de pervincas, peônias, centáureas-azuis, violetas e lírios espalhados pelos peitoris das janelas. Quando saísse para orar naquela manhã de maio de 1877, Tolstói encontraria bétulas recém-plantadas, a grama recém-cortada e o aromático tomilho esparramado sobre o chão da igreja. Assim como os outros paroquianos, durante a cerimônia ele seguraria nas mãos um galho de videira ou flores, símbolos do Espírito Santo que desce à Terra para trazer a renovação. Além das danças rituais após a celebração religiosa — tradição do Domingo da Trindade em toda a Rússia —, as meninas camponesas de Iásnaia Poliana entrelaçavam ramalhetes e depois atiravam as guirlandas nos lagos e lagoas, na esperança de que boiassem — sinal de vida longa.

Por suas convicções morais e suas experiências passadas, de início Aleksieiév estava compreensivelmente relutante em aceitar o emprego de tutor dos filhos dos Tolstói. Embora desesperadamente pobre e necessitado de trabalho, ele rechaçava a ideia de ir viver na casa do conde, onde as refeições eram servidas

por servos usando luvas brancas. Porém, assim que ouviu isso Tolstói se interessou imediatamente por Aleksieiév e o convenceu a fazer uma visita a Iásnaia Poliana. As dúvidas de Aleksieiév se dissiparam assim que os dois saíram para uma caminhada, durante a qual o conde fez inúmeras perguntas sobre sua visão da vida. Tolstói era um bom ouvinte, e em pouco tempo Aleksieiév estava abrindo o coração. Sentiu-se tão à vontade que entrou no “modo propaganda” e inclusive mostrou a Tolstói as mãos calejadas que tinha adquirido graças a todo o trabalho braçal nos Estados Unidos, imaginando que seu interlocutor era um escritor aristocrático que jamais tinha empunhado uma ferramenta. Para sua surpresa, Tolstói declarou que aqueles calos valiam muito mais que os altos salários recebidos pelos funcionários públicos, e também começou a se abrir, confidenciando seus próprios ideais e compartilhando seu desespero por não conseguir encontrar respostas para as perguntas que o atormentavam. O conde chegou a mostrar o arbusto no jardim em que tinha cogitado a ideia se enforcar para dar fim a suas aflições. Tolstói passou o resto do dia conversando com Aleksieiév em seu estúdio, e ao anoitecer Vassíli já tinha aceitado o trabalho, acatando a sugestão do conde de alugar o chalé junto aos portões de Iásnaia Poliana para viver com sua família. Pouco tempo depois Aleksieiév já chegava todo dia às oito em ponto para tomar café com as crianças antes de iniciar as lições de russo e matemática com Serguei, Tânia e Ilia. Um ano depois, mudou-se com a família para a ala de hóspedes, onde a irmã de Sônia se hospedava nos meses de verão. O fato de que Aleksieiév e Elizaveta não eram formalmente casados (o que Sônia nunca aprovou) foi deixado de lado.

Aleksieiév era um professor talentoso e muito querido. Era particularmente próximo de Sêrguei, então com catorze anos, que se afeiçoou sobremaneira ao tutor. Serguei era o mais musical dos filhos de Tolstói, e em suas memórias Aleksieiév discorre sobre as ocasiões em que o pupilo tocava especialmente para ele o “Prelúdio em ré bemol” de Chopin. Ilia, ao contrário, parecia interessado apenas em cães e caçadas, e se deleitava em levar seu violino ao jardim e tocar notas melancólicas que atraíam os cachorros de toda a redondeza, que se reuniam e começavam a uivar em unísono. Durante o período em que Aleksieiév foi o tutor das crianças houve, porém, uma ocasião em que Ilia também tocou de maneira bastante vigorosa uma peça de Chopin. Tolstói adorava Chopin, e ao ouvir uma de suas composições executada num ritmo insano e com uma torrente de erros, saiu de seu estúdio e espiou por uma porta para ver o que estava

acontecendo. Percebeu que Ilia estava tocando para uma plateia. O estilo *fortissimo* do filho, com os pés martelando violentamente no chão, era um espetáculo para o deleite do carpinteiro da família, Prókhor, que estava na sala de visitas instalando painéis de revestimento secundários para o inverno. A expressão “para Prókhor” entrou no folclore da família, e depois disso passou a ser usada carinhosamente toda vez que algum membro parecia estar se exibindo.

O carinho de Tolstói por Vassíli tinha origem no fato de que o conde compartilhava com ele o mesmo impulso filantrópico básico de melhorar a vida do campesinato. Essa prioridade tipicamente russa foi muito bem resumida pelo positivista inglês Edward Spencer Beesly, quando descreveu o ex-parceiro de Aleksieiév, William Frey, após sua morte:

Nele abundava aquele extraordinário entusiasmo que impele tantos russos da classe abastada e bem-nascida a se despirem de todos os seus privilégios e tomarem parte da sorte dos mais pobres, mais humildes e miseráveis. Não sei onde é possível encontrar algo parecido, exceto no espírito que tantas vezes levava muitas pessoas de alta posição e estirpe na Idade Média a se apartarem do mundo a fim de adotar as privações e a humildade da vida monástica. Mas entre esses indivíduos a motivação era antissocial — o desejo egoísta de salvar a própria alma. Os russos são movidos pelo desejo ardente de melhoria social. Para alguns deles a desigualdade é em si mesma algo chocante — a raiz e a essência de todas as mazelas sociais. Eles mergulham de cabeça na mais humilde das vidas de modo a se livrarem dessa mácula. Não conseguem se sentir felizes enquanto não se libertarem dessa nódoa. Outros talvez adotem uma vida de pobreza e trabalho braçal por razões um pouco diferentes. Desejam disseminar suas aspirações políticas e sociais entre a massa de seus conterrâneos mais pobres. Constatam que são impedidos de fazê-lo por questões de distinção de classe e riqueza. Seu ardor propagandista é tamanho, é tão intensa sua fé em seus próprios princípios, que toda espécie de riqueza, conforto e vantagens materiais lhes parecem de pouco valor e desprezíveis, conquanto possam, sacrificando tudo isso, obter a oportunidade que desejam de ganhar os ouvidos do povo. Qualquer que seja a nossa opinião acerca dos princípios e argumentos que os levam a tal conduta é impossível não admirar a sinceridade e o entusiasmo daqueles que a praticam. Eles lograram subjugar alguns dos mais vigorosos e egoístas impulsos humanos fazendo ou não bom uso dessa vitória.

Depois da escapada para os Estados Unidos, Frey se estabeleceu na Inglaterra, mas chegou a fazer uma visita a Iásnaia Poliana na única e breve viagem à Rússia antes de sua morte prematura, e deixou uma profunda impressão em Tolstói.

Aleksieiév estava convencido de que Tolstói o demitiria assim que soubesse que era socialista, mas seu patrão não se incomodou nem um pouco. A bem da verdade, o cristianismo era o único ponto capaz de gerar impasse em suas longas

e francas conversas. Em 1878 Tolstói ainda era membro integral da Igreja Ortodoxa, o que Vassíli não conseguia entender. Em uma passagem muito citada de suas memórias, Aleksieiév descreve que certa manhã de inverno Tolstói apontou para o desenho que as marcas da geada formavam no vidro da janela iluminada pelo sol, o que ele comparou à crença religiosa popular. O povo vê os desenhos, o conde explicou, ao passo que ele queria olhar além deles para enxergar a fonte de luz. Mas a fé de Tolstói estava intimamente ligada à crença popular, e Aleksieiév observou que o conde ia à igreja não apenas para simplesmente cumprir os ritos junto aos camponeses, mas para estudar exatamente em que os mujiques acreditavam, porque a fé deles era muito sólida. Também queria aprender a expressar de forma mais compreensível suas crenças religiosas, e com o tempo foi se impacientando com o impenetrável e repleto de maneirismos eslavo eclesiástico usado na liturgia. Se ele mesmo mal era capaz de entender as palavras do culto, que esperança havia de que os camponeses conseguissem compreender minimamente sua mensagem? Tolstói relatou a Aleksieiév que muitas e muitas vezes na igreja ouvia os homens conversando sobre assuntos agrícolas e as mulheres tagarelando aos sussurros sobre as últimas fofocas nos momentos mais solenes da liturgia, como se aquilo nada tivesse a ver com eles ou nada significasse. De pé entre os fiéis, o conde ouvia o som monótono dos camponeses batendo os dedos nos casacos de pele de carneiro ao se persignarem de maneira mecânica e irrefletida, mal ouvindo a linguagem grandiloquente do celebrante. O escritor foi ficando incomodado com o pouco esforço da Igreja em atender às necessidades espirituais dos camponeses, e começou a entender por que tantos deles eram atraídos por seitas religiosas, que pelo menos tentavam explicar em língua russa simples os ensinamentos de Jesus Cristo.

Tolstói costumava acordar todo dia por volta das oito da manhã, e seus filhos corriam para cumprimentá-lo assim que ele descia as escadas para se vestir. Às vezes o conde se exercitava fazendo algumas séries de barras paralelas no saguão antes de subir novamente para o café na pequena sala de visitas, junto à maior das salas de jantar da família. Geralmente era nesse momento que Tolstói e Aleksieiév conversavam, e vez por outra Sônia ficava alarmada com o que entreouvava enquanto se vestia. Tendo adquirido o hábito de ficar acordada até a madrugada passando a limpo os manuscritos do marido, Sônia se levantava mais tarde, e uma vez que seu quarto era contíguo à sala de jantar, era inevitável que

ouvisse por acaso as constantes conversas sobre religião e ética. Seu desejo era voltar a ouvir o marido falando de literatura. Escrever sobre religião jamais seria uma boa fonte de renda, mesmo para um escritor com a fama de Tolstói. Em sua autobiografia, Sônia não poupou elogios às qualidades de Aleksieiév como professor, e de bom grado afirmou com todas as letras que Tânia jamais aprendeu tanto. A julgar pelo que Sônia escreveu, Aleksieiév era afeito ao trabalho árduo e tinha uma natureza simples e afetuosa, mas com o tempo ela passou a encará-lo como uma ameaça à estabilidade emocional e financeira da família.

Todo dia, por volta das onze da manhã Tolstói descia para o andar térreo com uma xícara de chá e ia trabalhar em seu estúdio, e às vezes pegava o primeiro pedaço de papel que lhe caía às mãos, mesmo que fosse um envelope, a fim de anotar o mais rapidamente possível qualquer ideia ou pensamento que lhe ocorresse. O conde só se levantava de sua mesa de trabalho às quatro da tarde, hora de passear a cavalo ou de fazer uma caminhada; nos meses de verão, de vez em quando parava ao lado da casa para quebrar um talo de ervilha-de-cheiro e sentir o adorado aroma. Em certo momento começou a fazer seus exercícios diários com Aleksieiév, que tinha dificuldade de acompanhar o ritmo do conde. Mas Tolstói precisava de Vassíli ao seu lado, como no dia em que confessou a seu jovem amigo que estava loucamente apaixonado por uma bela e alta moça chamada Domna, que trabalhava na cozinha dos criados. O marido de Domna tinha sido convocado pelo exército, e Tolstói a vinha seguindo por toda parte, assoviando discretamente para chamar sua atenção. Por fim o conde encetou conversa com ela e marcou um encontro numa trilha debaixo de nogueiras, numa parte distante do jardim. Tolstói confessou a Aleksieiév que, na hora marcada, quando já se afastava da casa para seu *rendez-vous*, foi chamado de volta por Ilia, que saíra à janela e, aos berros, lembrou o pai da aula de grego. Depois desse revigorante “choque de realidade”, Tolstói fez questão de nunca mais sair sem a companhia de Aleksieiév, e também tomou providências para que Domna “desaparecesse” de sua vista. Ele julgava que quando se tratava de lutar contra seus impulsos de luxúria as orações não tinham muita valia, mas certamente se arrependeu. O incidente ecoa em um conto escrito em 1889 intitulado “O demônio”, calcado também em suas experiências com sua “esposa” camponesa Aksínia. Por razões óbvias, Tolstói enfiou o manuscrito no encosto de uma poltrona para escondê-lo de Sônia, e a história só foi publicada após sua morte.

Um novo tutor francês — escondido sob a identidade falsa de “Monsieur

Nief” — chegou a Iásnaia Poliana poucos meses depois de Aleksieiév, em janeiro de 1878: o jovem militante anarquista Vicomte Jules Montels, que servira como coronel junto à 12^a Legião Confederada da Comuna de Paris em 1871. Depois que o reinado de dois meses da Comuna chegou ao fim, Montels tinha fugido para Genebra, onde se tornou membro ativo do grupo de franceses exilados da Associação Internacional de Trabalhadores (a Primeira Internacional), de sua “seção de propaganda e ação socialista-revolucionária”, para ser mais preciso. Em 1877, após seis anos vivendo com uma sentença de morte pairando sobre sua cabeça, foi para Moscou e de lá embarcou em um trem com destino a Tula, já disfarçado de “Monsieur Nief”. O jovem havia sido recomendado aos Tolstói pela esposa do sacerdote russo em Genebra. Sônia tinha certa razão quando, mais tarde, exclamou para o marido: “Você me arranjou dois anarquistas!”. Iásnaia Poliana estava começando a se transformar em um viveiro de militantes políticos esquerdistas de inclinação radical.

Os Tolstói só tomaram conhecimento de todos os detalhes da história do enigmático tutor francês depois que ele foi embora, em 1879. Em 1880 os comunistas foram anistiados e o garboso Vicomte — que ostentava um bigodinho — retornou à França, levando consigo a preceptora franco-suíça da família, Lucie Gachet. Mais tarde os dois se casaram e se mudaram para a Tunísia, onde Montels se tornou editor do *Tunis journal*. Mademoiselle Gachet começara a trabalhar como professora de francês de Tânia e Macha em setembro de 1876 — mais ou menos na mesma época em que chegou a nova professora de inglês, Annie Phillips —, e no início fora alvo de insistentes investidas românticas do tutor russo da família, Vladimir Rojdestvenski. Os Tolstói estavam entre os primeiros russos a adquirir um *kit* inglês de croqué, assim que começaram a ser vendidos em Moscou na década de 1870, e as crianças se tornaram entusiasmados praticantes do esporte nas quentes noites de verão, quando o ar ficava mais fresco. O tutor gostava de rebater as bolas de Gachet na direção do lago, dizendo que as estava jogando para os sapos. Assim como Jules Rey, Vladimir tinha problemas com bebida e logo foi demitido, sem dúvida para o alívio de Gachet. Anos depois, em suas memórias, Serguei foi muito simpático com os jovens tutores homens da família, que, em sua opinião, estavam sempre na berlinda, ocupando uma difícil posição intermediária entre os criados e os patrões, e em geral viviam tremendamente entediados. Como consequência, quando não estavam se altercando uns com os outros, tendiam a se enamorar das

jovens e belas preceptoras da família.

Tendo escolhido os professores dos filhos no início de 1878, Tolstói agora pretendia retomar a ficção, e suas ideias religiosas não interferiam nesses planos. Cerca de vinte anos depois de escrever *Guerra e paz*, o conde parecia ansioso para se debruçar sobre outro romance histórico, e ainda estava obcecado pela Revolta Dezembrista. No início da década de 1860, Tolstói foi recuando no tempo — do levante de 1825 até a guerra com Napoleão em 1812, e por fim aos eventos de 1805 — antes de julgar que estava no lugar certo para começar seu romance. Mas em *Guerra e paz* ele não tinha ido além dos desdobramentos imediatos de 1812, portanto jamais seguiu a transformação de Pierre Bezukhov em dezembrista, tampouco escreveu sobre a revolta propriamente dita. Agora, no final da década de 1870, Tolstói começou a se sentir atraído pelos eventos em torno da ascensão de Nicolau I ao trono e da Guerra Russo-Turca de 1829. Ao mesmo tempo, tinha interesse em escrever um romance sobre os camponeses russos colonizando novas terras, tais como os territórios ao leste do Volga na região de Samara e Orenburg, que conhecia tão bem. Tolstói estava empolgado com a perspectiva de combinar os dois temas, e 1878 foi um ano de atividade frenética, em que o escritor primeiro reuniu e compilou uma quantidade colossal de documentos históricos e depoimentos orais para só então dar vida a esse período da história russa. Em fevereiro de 1878 ele foi a Moscou em uma expedição de pesquisa e marcou a primeira de uma série de reuniões com vários dezembristas e seus descendentes. Também começou a acionar amigos que trabalhavam em bibliotecas e arquivos para que lhe enviassem material, o que significou retomar o contato com Piotr Bárténiev, o editor do periódico *Arquivo Russo*, e depender, como sempre, de Strákhov. Também começou a bombardear parentes com contatos nos altos escalões (caso de Alexandrine e do tio de Sônia, Alexander Berhs), com pedidos de ajuda para a obtenção de fontes primárias. Em março, teve outras reuniões com dezembristas em Moscou antes de seguir para São Petersburgo a fim de dar continuidade a suas pesquisas — lá aproveitou também para fechar um negócio que ampliou sua propriedade de Samara em mais de quatro milhões de hectares.

Tolstói tinha ficado dezessete anos sem pôr os pés na capital, e em 1878 não chegou a gostar mais do que em 1861. Alexandrine se ofereceu para hospedá-lo com o irmão dela na rua Mokhovaia, mas Tolstói decidiu ficar com sua velha amiga e sogra Líubov Berhs no apartamento em que ela morava na alameda

Ertelev, também em pleno coração da cidade. O conde chegou em 6 de março e uma semana depois já tinha voltado para casa, desapontando muitos de seus conhecidos que esperavam vê-lo (o pintor Kramskói, por exemplo); mas seus quatro dias em São Petersburgo renderam bastante. Fez uma arrepiante visita à Fortaleza de São Pedro e São Paulo, onde o governador mostrou-lhe os ferros a que ficavam agrilhoados os dezembristas, mas não teve permissão para entrar nas celas em que os revoltosos de 1825 tinham efetivamente ficado presos, pois o acesso a elas era restrito ao tsar e ao chefe da polícia. Mais tarde, quando passou pela estátua equestre de Nicolau I, que tinha sido erguida na Praça de Santo Isaac, Tolstói constatou que só tinha aumentado sua repugnância pelo homem que, na sua opinião, destruíra a melhor parte da aristocracia russa. Bem mais agradável foi a visita à Biblioteca Pública Imperial, onde viu Strákhov e se encontrou com o indomável crítico Vladimir Stásov, que tinha sido aprisionado na Fortaleza de São Pedro e São Paulo em 1849 por seu envolvimento com o Círculo de Petrachévski. Tolstói não tinha muito interesse por Stásov no papel de incansável — e às vezes também cansativo — propagandista das artes nacionais, mas sim por Stásov, o bibliotecário, que a princípio tinha sido nomeado para o cargo com a incumbência específica de pesquisar o reinado de Nicolau I. Para Tolstói, ele era mais um contato útil que poderia ajudá-lo a localizar valiosas fontes históricas.

Outro evento digno de nota durante a estada em São Petersburgo foi o fato de ter ido a uma das palestras públicas sobre o tema da Divina Humanidade ministrada por um jovem filósofo da religião de madeixas esvoaçantes chamado Vladimir Soloviev (filho do famoso historiador Serguei Mikháilovitch). Foi um episódio notável não porque Tolstói tivesse achado a palestra interessante (ele a desdenhou como “uma baboseira infantil”), mas sim porque foi a única vez em que ele e Dostoiévski estiveram fisicamente próximos um do outro. Strákhov era amigo dos dois grandes escritores, mas honrou o pedido de Tolstói de não apresentá-lo a ninguém, e assim os dois passaram um pelo outro feito navios na noite, para mútuo arrependimento posterior. Mais tarde Tolstói descreveu em cartas a horrível experiência de ter ficado um bom tempo sentado em um auditório abafado e tão abarrotado de gente; havia até mesmo damas da alta sociedade, usando vestidos de gala, empoleiradas nos beirais das janelas. Homem que não media esforços para se manter apartado da multidão e que desprezava tudo que estivesse associado à sociedade refinada ou à moda, o sangue do conde

deve ter fervido quando se viu obrigado a esperar até que a figura macilenta do filósofo de 24 anos decidisse fazer uma entrada sublime e teatral, envergando um cachecol de seda branco. Certamente Tolstói não teria paciência para ficar sentado ouvindo um meninote, “cuja enorme cabeça consistia de cabelos e olhos”, declamando com linguagem empolada uma torrente de disparates pretensiosos e pseudoprofundos. Depois da primeira série de citações em alemão e referências a querubins e serafins, Tolstói se levantou e foi embora do auditório, deixando Strákhov sozinho para seguir ouvindo os “delírios de um lunático”. No restante do tempo que passou em São Petersburgo concluiu um negócio de compra de terras e se reuniu com historiadores, inclusive Mikhail Semevski, editor da importante revista *Antiguidade Russa*, que prometeu enviar ao conde relatos memorialísticos inéditos de dezembristas encontrados em seus vastos arquivos. De resto Tolstói ficou com familiares. Além dos irmãos mais novos de Sônia, Piotr, Stepan e Viácheslav, a única pessoa que o conde quis ver foi Alexandrine, com quem não se encontrava desde 1860. Os dois tiveram longas e (para ela) tranquilizadoras conversas sobre religião, e Alexandrine registrou em seu diário a alegria de rever o amigo depois de tantos anos. A bem da verdade, de tão empolgada, ela de início receara morrer sob o peso de todas as coisas que queria compartilhar com ele. A julgar pelo relato de Alexandrine, nunca antes Tolstói lhe parecera tão gentil, e no dia em que o conde foi embora de São Petersburgo ela anotou no diário as conversas que tiveram sobre religião:

Depois de tantos anos buscando a verdade, ele finalmente chegou ao porto. É óbvio que ele foi edificando esse porto à sua própria maneira, mas ainda assim Aquele que o guiou é o mesmo e Único Confortador. Liev agora está no início de uma nova obra, e estou certa de que a confissão de sua fé, ou melhor, a confissão de sua nova fé, nela estará refletida.

Um resultado positivo da nova concepção de vida cristã de Tolstói era o desejo de salvar a própria alma, o que implicava ficar em paz com o mundo. Havia, é óbvio, uma pessoa ilustre com quem precisava fazer as pazes: Turguêniev.

Tolstói tinha ido a São Petersburgo durante a Grande Quaresma, tradicional período de penitência, e escreveu a Turguêniev no penúltimo dos quarenta dias de jejum. Enchendo duas páginas com sua caligrafia imperiosa e aristocrática, o conde desculpou-se com o velho amigo e propôs que enterrassem suas diferenças. É tentador pensar que a recente visita de Tolstói a São Petersburgo tenha tido

papel decisivo nessa proposta de paz. Desde 1861 o escritor não ia à capital, e seu retorno à cidade deve ter trazido à tona uma enxurrada de lembranças — o primeiro encontro e o início da amizade com Turguêniev em 1885, a discussão sobre a maneira como o amigo tinha tratado sua irmã durante sua visita a São Petersburgo em 1859, a raiva que ainda sentia quando retornou no ano seguinte com Macha e os filhos dela — Vária, Liza e Nikolai —, ocasião em que caminharam juntos pela cidade para visitar a catedral de Santo Isaac e o Cavaleiro de Bronze. É provável que agora, dezessete anos depois, Tolstói tenha pensado novamente em Turguêniev enquanto atravessava a praça de Santo Isaac rumo ao apartamento de Alexandrine no Palácio Mariinski. Com quase cinquenta anos de idade, tinha ideias e ambições bastante diferentes, e talvez subitamente tenha se dado conta do absurdo de sua briga com Turguêniev. Foi com surpresa que o autor de *Pais e filhos* recebeu a carta de Tolstói em sua casa na França. Respondeu imediatamente, enchendo uma página e meia com sua letra esmerada e tímida e concordando entusiasticamente que deviam mesmo renovar sua amizade, e prometeu visitar Tolstói durante a viagem que faria à Rússia ainda naquele verão.

Durante a Semana Santa de 1878, pouco depois de escrever a Turguêniev, Tolstói se preparou para comungar. Vinha lendo os Evangelhos e a *Vida de Jesus*, de Renan, e pela primeira vez em treze anos tinha decidido voltar a manter um diário regular. Depois da Páscoa o conde fez outra viagem a Moscou para novos encontros com dezembristas e para conversar com editores sobre mais uma edição de seus textos, mas também porque queria assistir aos debates de Páscoa sobre fé, discussões entre adeptos da fé ortodoxa e os Velhos Crentes que eram realizadas anualmente na praça defronte às Catedrais do Krêmlin desde o século XVII. Tolstói jamais demonstrara interesse perceptível pelos sectários, mas agora se sentia cada vez mais atraído pelas seitas. Em março pediu a Stásov que lhe enviasse a autobiografia do arcepreste Avvakum e outras “matérias-primas” sobre os Velhos Crentes e começou a estudar a fundo essa poderosa corrente clandestina da sociedade russa. Naquele verão, durante suas seis semanas de tratamento de cura à base de cúmis em Samara, Tolstói mergulhou ainda mais fundo em um novo interesse: foi conversar com os Molokani — sectários encontrados entre os *bachkires* e colonos camponeses russos —, que viviam, por uma boa razão, às margens da sociedade e nos confins do império.

A dissidência religiosa tinha uma longa e tumultuosa história na Rússia, em

meio a incansáveis tentativas do governo ao longo dos séculos para reprimir e abolir a heterodoxia. A fé ortodoxa era a religião oficial, e o Estado não media esforços para que a população a aceitasse, vendo a Igreja como uma ferramenta de promoção e manutenção da obediência civil em face da ameaça da dissidência religiosa, que em termos políticos podia ser perigosa. As autoridades eclesiásticas tinham pouca opção a não ser aquiescer com a diretriz política do Estado, uma vez que a ele eram subordinadas. Em 1721, Pedro, o Grande, tinha abolido o outrora poderoso Patriarcado de Moscou, substituindo-o pelo Santo Sínodo, instituição secular comandada por um leigo, de modo a consolidar ainda mais o poder da autocracia. Contudo, esse golpe fatal na autoridade moral da Igreja, combinado ao influxo de protestantismo por parte de colonos alemães, serviu apenas para que as religiões sectárias se tornassem ainda mais populares. O governo sistematicamente tentava subestimar ou distorcer o número de dissidentes religiosos, mas no século XIX havia milhões de russos que tinham dado as costas para a ortodoxia e que por isso sofriam discriminação ou eram ativamente perseguidos. Estima-se que por ocasião da Revolução de 1917 um quarto da população do Império Russo fosse de sectários.

O maior grupo de dissidentes religiosos na Rússia era o dos Velhos Crentes, grupo que se recusara a aceitar as reformas do rito empreendidas pelo Patriarca Nikon na década de 1660, e que por isso causara um cisma de amplas repercussões na Igreja. Em parte porque Constantinopla (e com ela todo o Império Bizantino) tinha sucumbido à “heresia” do islamismo depois de ter sido conquistada pelos otomanos no século XV, milhares de fervorosos e abnegados crentes ortodoxos na velha Rus insistiram em se manter aferrados aos rituais e à linguagem litúrgica a que estavam acostumados, a despeito do fato de que ao longo dos séculos a prática religiosa ortodoxa fora gradualmente divergindo dos ofícios e costumes gregos. Longe de ser uma Reforma da Igreja Ortodoxa Russa essa rejeição teve o efeito contrário, pois um grande número de pessoas resistiu à mudança — talvez metade da população. Os Velhos Crentes passaram a ser conhecidos como *staroobriadtsi* (“adeptos do antigo rito”) e *raskolniki* (“cismáticos”) e foram responsáveis pelo primeiro sintoma de enfraquecimento sério da Igreja Ortodoxa Russa, pelo que receberam tratamento implacável e brutal, o que levou muitos a preferirem o caminho da autoimolação em massa, ao exílio na Sibéria ou à capitulação. Um de seus líderes, o arcipreste Avvakum — que acabaria morrendo queimado em uma estaca em 1682 — deixou a

extraordinária autobiografia que Tolstói pediu que Strákhov lhe enviasse em 1878. O fato de que esse documento (a primeira obra-prima da literatura russa escrita em vernáculo) permaneceu oficialmente banido até 1861 diz muito sobre a identificação, por parte das autoridades, entre dissidência religiosa e rebelião popular. As medidas repressivas foram particularmente violentas durante o reinado de Nicolau I, e somente após sua morte — e como parte do programa de liberalização introduzido por Alexandre II — passou a ser possível escrever sobre o Cisma (mudança de diretriz política que Mússorgski tematizou em sua segunda ópera, *Khovanchchina*, que termina com um Velho Crente cometendo suicídio).

Como observou em 1916 o pensador político e religioso Nikolai Berdiaev, o sectarismo era de fato uma “parte integral da vida espiritual do povo russo”. Ao lado do vasto número de Velhos Crentes havia muitos outros grupos, cujas origens sectárias em alguns casos eram até mesmo anteriores ao Cisma. Muitos deles eram ramificações dos místicos *Khristoveri* (“crentes em Cristo”) ou *Khlisti*, como ficaram conhecidos, cujo fundador camponês, acreditava-se, era o próprio Senhor dos Exércitos citado no texto bíblico.^[10] Entre esses grupos de dissidentes incluíam-se os *Skoptsy* (“autocastradores”), que surgiram no século XVIII, e os *Skakuni* (“saltadores”), que apareceram no século XIX. Havia também cismáticos radicais que buscavam romper todos os laços com a sociedade: os *Stranniki* (“errantes”), os *Pustinniki* (“ermitãos”) e os *Beguni* (“corredores”). E havia ainda um sem-número de seitas “racionalistas” e semiprotestantes que interessavam particularmente a Tolstói. Mais tarde o conde teria um profundo envolvimento com um desses grupos, os *Dukhobori*, rótulo pejorativo que os “lutadores do espírito” modificaram em benefício próprio quando passaram a adotar o nome *Dukhobortsi* (“lutadores do Espírito Santo”). Tolstói também tinha grande respeito pelos *Molokáni* (“bebedores de leite”) ou “cristãos espirituais”, como eles se autodenominavam, numeroso grupo que vivia nas estepes além de Samara.

Um decreto de 1863 concedeu aos Velhos Crentes e aos sectários alguns privilégios limitados, mas que só se converteram em direitos civis plenos em 1905, quando todos os dissidentes religiosos finalmente ganharam o direito de praticar sua fé sem o temor de perseguição. Em geral os adeptos das seitas eram de origem camponesa e viviam em áreas escassamente povoadas nos confins do império, ou porque tinham sido deportados pelo governo para evitar que contaminassem a população ortodoxa ou porque tinham fugido a fim de evitar a

perseguição. Havia uma exceção importante, um grupo de evangelistas protestantes da classe alta, em São Petersburgo e em Moscou, que Tolstói satiriza quase no final de *Anna Kariênina*. Ele não era o único russo desejoso de uma Igreja que comunicasse sua mensagem em linguagem compreensível. Depois de um século e meio fazendo parte da burocracia oficial russa, a Igreja Ortodoxa era encarada com apatia e desilusão pelas classes instruídas do país, e quando Granville Waldegrave, o terceiro barão de Radstock, viajou de Londres a São Petersburgo como missionário em 1874, foi recebido de braços abertos pelos aristocratas russos, que acolheram de bom grado sua mensagem de salvação pessoal por meio do estudo independente da Bíblia. A primeira tradução do Novo Testamento do eslavo eclesiástico para o russo moderno tinha sido feita em 1823, mas logo depois, por razões políticas, fora banida pela Igreja Ortodoxa. O texto passou a circular de maneira mais ampla em 1876, e então milhares de exemplares espalharam-se pelo país como resultado da atividade missionária dos batistas e de figuras como o lorde Radstock. A seguir, em 1882, foi publicada a primeira tradução completa da Bíblia em russo.

Era inevitável que Radstock acabasse banido da Rússia, o que se deu em 1878, e depois disso os *Radstokisti* se tornaram os *Pachkovtsi*. O coronel Vassíli Pachkov assumiu o comando das atividades missionárias de Radstock até ser também exilado em 1884. A essa altura sua Sociedade para o Encorajamento da Leitura Espiritual e Ética já tinha distribuído milhões de panfletos entre os camponeses, causando um êxodo da Igreja Ortodoxa. Em parte o renascimento religioso estimulado pelos conservadores “*Pachkovitas*” tinha como intuito fazer frente ao ateísmo encampado pela geração mais jovem de niilistas russos, que pregavam a religião do socialismo. Um resultado tangível era o fato de que palestras como aquela de Vladimir Soloviev a que Tolstói compareceu faziam tremendo sucesso, com auditórios lotados. Tolstói tinha genuíno interesse em aprender mais sobre Radstock. A bem da verdade, o escritor chegou a conversar pessoalmente com um de seus seguidores e achou-o bastante persuasivo, mas jamais encontrou-se com o nobre. Alexandrine, contudo, conhecia Radstock muito bem, e forneceu minuciosos detalhes sobre suas atividades em carta de março de 1876, como Tolstói lhe havia pedido. Todas essas informações foram parar em *Anna Kariênina*. Em maio de 1877 Alexandrine escreveu de Tsarskoie Selo [\[11\]](#) para contar a Tolstói que na noite anterior estivera com a imperatriz e que os capítulos finais da sétima parte de *Anna Kariênina* tinham sido lidos em

voz alta para a pequena audiência ali reunida, e que todos os presentes riram às gargalhadas da impiedosa caricatura dos seguidores de Radstock.

Se Tolstói tinha pouco tempo para dissidentes religiosos aristocratas que se tornaram evangelistas cristãos sem mudar uma só vírgula de seu estilo de vida privilegiado (e a seu ver corrupto), os sectários camponeses eram algo completamente diferente. O conde devia ter tomado conhecimento dos *Molokáni* de Samara já desde sua primeira viagem à estepe, mas somente agora demonstrou interesse de encontrá-los e conversar sobre suas crenças. As trocas de ideias sobre religião com os *Molokáni* foram o ponto alto da temporada de Tolstói em Samara no verão de 1878. Ao que parece os *Molokáni* eram assim chamados por causa de sua recusa em beber leite durante os duzentos dias de jejum do calendário ortodoxo, mas havia quem alegasse que o nome deriva de um rio no sul da Rússia. Como muitas outras seitas russas “racionais”, os *Molokáni* se distinguiam da população camponesa em geral pelo fato de que se abstinham de álcool e levavam uma vida modesta e laboriosa. Rejeitavam não apenas todos os rituais (da realização de cerimônias e cultos à prática de fazer o sinal da cruz), mas dispensavam também o clero, os prédios sagrados e artefatos como ícones; em vez disso, empenhavam-se no estudo da Bíblia.

Donald Mackenzie Wallace, correspondente do jornal britânico *The times*, que no início da década de 1870 visitou a estepe além de Samara onde Tolstói era dono de uma propriedade, ficou tremendamente intrigado com os *Molokáni*, mas constatou que por meio de perguntas diretas era bastante difícil e frustrante investigar a exata natureza das crenças dos sectários. Durante uma conversa com um camponês *Molokane*, o jornalista só conseguiu fazer algum progresso em sua investigação sobre religião depois de um demorado processo em que inocentemente comparou o clima e as lavouras da estepe ao clima e às colheitas da Escócia. Mackenzie chegou à conclusão de que havia fortes semelhanças entre os “bebedores de leite” e a Igreja Presbiteriana:

Quando o camponês me ouviu dizer que há um país onde não há bispos e onde as pessoas interpretam por si mesmas as Escrituras e consideram idolatria a veneração de ícones, ele prestou profunda atenção a minhas palavras, e quando ficou sabendo que nesse maravilhoso país as paróquias enviam todo ano representantes para uma assembleia em que são discutidas publicamente todas as questões pertinentes à Igreja, não conteve seu espanto, e então tive de responder a uma batelada de perguntas: “Onde fica esse país?”, “É no leste ou no oeste?”, “É muito longe daqui?”, “Se nosso presbítero ouvisse essas coisas!”

Enquanto estive nas estepes, Mackenzie também desfrutou da hospitalidade

dos *bachkeires* em uma *kibitka*, e sua descrição do modo como o jantar era preparado e consumido ajuda a explicar por que o fastidioso francês Jules Montel — que acompanhou dois filhos de Tolstói, Ilia e Liev, em sua viagem de 1878 — não apreciou tanto assim a temporada na estepe. Era bem diferente dos bistrôs de Paris:

Uma ovelha foi trazida para perto de nossa tenda, e ali foi sacrificada, despelada, cortada em pedaços e colocada dentro de uma imensa panela, debaixo da qual foi acesa uma fogueira. O jantar não foi menos primitivo do que o método de preparo [...]. Não havia pratos, tampouco facas, garfos, colheres ou pauzinhos. Todos os convidados deviam comer de uma única tigela de madeira, usando os instrumentos fornecidos pela própria natureza [...]. A mesa era farta, mas pouco variada — consistindo apenas de carne de carneiro cozida, sem pão ou outro substituto, e um pouco de carne de cavalo salgada servida como *entrée*.

Naquele verão Sônia tinha planejado ficar em Iásnaia Poliana enquanto Serguei realizava as provas escolares de final de ano (tendo em mente assegurar o futuro ingresso na universidade), mas o telegrafista deixou de fora do telegrama de Tolstói a crucial palavra “não”: “Casa, água, cavalos, carruagem bons; mas esterco, moscas, seca; [não] recomendo que venha”. E assim ela partiu, diligentemente, com o restante da família. Naquele verão, Strákhov também visitou a estepe pela primeira vez. E gostou muito dos “oceanos de trigo e infinitos bandos de cavalos e rebanhos de ovelhas”, mas foi inevitável notar que Tolstói estava inquieto e aborrecido.

Em 8 de agosto, dois dias depois do regresso da família a Iásnaia Poliana, Turguêniev chegou para sua primeira visita à casa de Tolstói em quase vinte anos. Ele não conhecia pessoalmente Sônia, muito menos os seis filhos de Tolstói — a essa altura o mais velho estava com quinze anos e o mais novo, nove meses. Foi uma reunião marcada pela alegria. As crianças acharam empolgante conhecer o escritor alto e grisalho com olhos tristes e bondosos. Sônia fez Turguêniev jogar xadrez com Serguei, para que mais tarde o menino tivesse sua própria história para contar à mesa do jantar (o escritor derrotou com facilidade o filho de Tolstói). A segunda visita de Turguêniev, um mês depois — quando o escritor estava a caminho de Paris após alguns dias em sua propriedade de província de Oriol —, foi menos eufórica. Apesar de sua recém-adquirida humildade de inspiração cristã, Tolstói só conseguia lidar com Turguêniev em pequenas doses. Ainda estava enervado por julgar que Turguêniev apenas “brincava com a vida”, e constatou que os dois jamais se reconciliariam

plenamente. Naquele verão Tolstói tinha construído uma choupana no bosque para que pudesse trabalhar em paz e com tranquilidade; um dia Sônia flagrou os amigos lá, em meio a uma acalorada discussão. Turguêniev, que em geral era um homem cortês e de maneiras calmas, gesticulava violentamente, com o rosto avermelhado. Depois de tanto tempo distante de Tolstói, Turguêniev parecia não ter a exata noção das mudanças em curso na vida espiritual do amigo, e para ele o maior choque era a nova e depreciativa atitude de Liev acerca de sua própria obra ficcional. Afinal de contas, o Tolstói que Turguêniev tinha conhecido era um escritor sem igual que sem fazer muito esforço havia se sobressaído a ponto de ofuscar todos os outros de sua geração, e por isso ficou espantado por essa nova e intransigente postura de Liev.

A decisão de Tolstói de transferir seu estúdio para outro cômodo da casa naquele outono talvez fosse sintoma de sua mudança de postura durante esse período. Ele ainda estava tentando engatilhar seu romance sobre os dezembristas, mas encontrava mais prazer com a leitura de Dickens (*Martin Chuzzlewit* e *Dombey and Son*). Em fevereiro de 1879 o conde por fim desistiu de seu projeto sobre os dezembristas, assim como tinha abandonado o romance sobre Pedro, o Grande. Tinha escrito mais de dezessete versões de um capítulo de abertura, doze dos quais se passavam em um cenário camponês, mas a verdade é que não estava empenhado nem animado com o livro. O problema, ele concluiu, não era tanto o fato de que as origens do movimento dezembrista remontavam ao contato do oficialato russo com as ideias francesas durante sua ocupação de Paris após a derrota de Napoleão, mas que tantos dos dezembristas fossem na verdade católicos franceses que tinham fugido para a Rússia após a Revolução de 1789.

Uma pessoa que ficou decepcionada por jamais ver a publicação do romance sobre os dezembristas foi Monsieur Nief, ou melhor, Jules Montels, ele próprio um revolucionário que tinha sido obrigado a se evadir da França. Embora Montels descreva Tolstói como um “marido exemplar, excelente pai e relativamente rico”, suas lembranças mais nítidas dos dois anos que passou em Iásnaia Poliana eram as que dizem respeito à pesquisa empreendida por Tolstói para “Os dezembristas”. Esse foi o tema do curto relato memorialístico que ele fez publicar em um jornal anarquista de Paris logo após a morte de Tolstói. Montels deve ter achado difícil não revelar sua identidade quando conversava com Tolstói sobre os dezembristas. Ele ficou visivelmente empolgado quando o conde lhe mostrou a carta original enviada pelo líder dezembrista Serguei

Muráviiov-Apostol a seus pais na véspera de sua execução em 1826. A carta, escrita em francês, “naquela caligrafia refinada e expansiva de nossos avós (“*de cette bonne et grosse écriture de nos grands pères*”), tinha sido confiada a Tolstói pelo irmão mais velho de Muráviiov-Apostol, Mátvei, que conhecera em fevereiro de 1878 em Moscou. Mátvei Muráviiov-Apostol passou trinta anos exilado na Sibéria antes de retornar à Rússia e fixar residência em Moscou após a anistia de 1856. Em 1910, Montels julgou que devia haver alguma razão sensacional para o desaparecimento do que teria sido um romance explosivo mostrando como uma geração de jovens russos havia assimilado ideias de “Liberté et Justice”. Ele imaginava que talvez a *comtesse* (ou seja, Sônia) pudesse ter queimado o manuscrito, ou que o governo, temeroso e vacilante em razão das tentativas de assassinato de Alexandre II entre 1879 e 1880, tivesse ordenado sua destruição. A verdade era bem mais prosaica.

O interesse de Tolstói pelos dezembristas minguou, mas o inquieto conde não era capaz de se manter sossegado por muito tempo. A leitura atenciosa dos volumes do príncipe Piotr Dolgorukov sobre heráldica russa estimulou no escritor um interesse criativo por seus antepassados, por isso agora ele se voltou ao século XVIII e cogitou a ideia de escrever um romance sobre o destino de um de seus ancestrais. Havia em sua família a história de um tio-avô materno que fora mandado para o exílio na Sibéria por causa de algum malfeito obscuro; curioso para saber mais, Tolstói despachou uma enxurrada de cartas para amigos e parentes. Um aparentado distante respondeu dizendo que, de acordo com o folclore familiar, seu tio-avô Vassíli Gorchákov tinha sido mandado para a Sibéria por entrar na Rússia trazendo um piano de cauda abarrotado de cédulas de dinheiro. A informação bastou para incendiar a imaginação de Tolstói, que esboçou quatro diferentes inícios de romance, um deles escrito na linguagem simples e inculta que tinha prometido usar quando estava escrevendo as histórias de sua *Cartilha*. Ele reiterou esse juramento para Sônia em 1878, garantindo que toda e qualquer coisa que viesse a escrever no futuro seria em linguagem simples o bastante para que até mesmo as crianças conseguissem entender cada palavra. No fim, nenhum dos contatos de Tolstói foi capaz de fornecer mais informações sobre o caso Gorchákov, e por isso o projeto foi abortado.

Então Tolstói voltou a concentrar suas atenções na época de Pedro, o Grande, e sua sucessora Anna Ivánovna (que reinou de 1730 a 1740), dessa vez planejando um romance que exploraria a história “não oficial” do período petrino

— incluindo a seita dos Velhos Crentes. Alexandrine teve enorme dificuldade de acompanhar os planos de Tolstói para seu novo romance. Em certo momento ele procurava material sobre os dezembristas, no outro parecia obcecado por seu ancestral Vassíli Gorchákov, e agora, em março de 1879, precisava da ajuda dela para obter acesso a arquivos secretos referentes à história russa do século XVIII. Ao mesmo tempo, queria que ela interviesse de modo a garantir a libertação de três bispos da seita dos Velhos Crentes que estavam encarcerados em uma prisão de Suzdal, cumprindo pena havia 22 anos sob a acusação de “criminosos religiosos”. Um deles tinha noventa anos de idade. Tolstói ficou sabendo da lamentável situação dos religiosos graças ao relato de outro bispo dos Velhos Crentes, com quem vinha se encontrando em Tula. O fato é que Tolstói tinha passado o mês inteiro na estrada que ligava Moscou a Kiev — e que passava bem perto de Iásnaia Poliana — conversando com as multidões de peregrinos que rumavam a pé para os “lugares santos”.

Havia muito Tolstói abandonara a esperança de aprender ou descobrir alguma coisa sobre religião com as pessoas de sua própria classe, cuja vida parecia uma completa contradição com a fé que alardeavam ter. Já para os pobres e analfabetos, fossem monges, camponeses ou sectários, a religião parecia ser uma parte indispensável da vida, e com eles Tolstói finalmente descobriu a verdade sobre a fé e a salvação que vinha procurando. Alguns deles eram *Stranniki* — viajantes errantes que passavam a vida vagando de mosteiro em mosteiro, carregando em trouxas nas costas todos os seus bens materiais. Tolstói percorria parte do caminho com os peregrinos que ia encontrando na estrada. Um deles era um senhor de 94 anos de idade, a caminho de Kiev pela quarta vez. Outros faziam a pé o percurso, alguns carregando pesadas correntes como penitência. Já tinham percorrido 160 quilômetros desde o Mosteiro da Trindade—São Sérgio, nos arredores de Moscou, e ainda tinham mais 640 a perfazer.

Tolstói começou a sentir que era hora de partir em outra peregrinação. Durante as pesquisas para seu novo projeto interessou-se vivamente pelo destino de seu ancestral Piotr Andréievitch Tolstói e seu filho Ivan Pietróvitch, ambos mortos no exílio em uma prisão-mosteiro nas remotas ilhas de Solovetski na década de 1720. Naturalmente Alexandrine recebeu outra carta com um pedido de ajuda para obter informações sobre o primeiro conde Tolstói, que havia sido um dos homens de confiança de Pedro, o Grande. Nesse ínterim, o descendente de Piotr Andréievitch concebeu a ideia de viajar até as águas árticas do Mar

Branco naquele verão, e em maio enviou uma carta a Strákhov perguntando se o amigo gostaria de acompanhá-lo. Todo ano, durante os breves meses de verão, milhões de peregrinos faziam a longa jornada rumo ao norte para visitar o mosteiro do século xv, um dos locais mais sagrados da Rússia, mas Strákhov recusou o convite.

Tolstói acabou indo para Kiev, o berço da sociedade russa, a fim de visitar o Mosteiro das Cavernas, erguido no início do século xi. Partiu animado e tinha as mais altas expectativas, pois estava inspirado pelas conversas que vinha tendo com diversos peregrinos, que lhe contavam que os monges de Kiev viviam em um estado de ascetismo comparável ao dos primeiros Pais da Igreja. O conde ficou amargamente decepcionado: pelo que viu, as relíquias sagradas em exposição não passavam de embustes, e o monge com quem foi conversar sobre fé recusou-se a falar com ele, alegando estar muito ocupado. Tolstói presumiu que era porque estava vestido como um peregrino comum, e não revelou sua verdadeira identidade, o que teria imposto maior respeito. Contudo, não levou em conta o fato de que era apenas mais um em meio às centenas de milhares de peregrinos que chegavam todo ano a Kiev, e o mosteiro tinha dificuldade de atender tanta gente. Muitos chegavam a pé, mas um sem-número deles, incluindo Tolstói, fazia uso da nova malha ferroviária e viajava confortavelmente de trem; o extraordinário aumento do fluxo de visitantes passou a representar uma ameaça bastante real às instituições sagradas, tradicionalmente afeitas ao silêncio e à contemplação. Seja como for, a peregrinação de Tolstói ao Mosteiro das Cavernas foi um ponto decisivo em sua vida religiosa.

No outono de 1879 os pensamentos de Tolstói se voltaram novamente para seu romance histórico. Em setembro ele foi a Moscou vasculhar outra vez os arquivos. Ao longo do ano o arquivista do Ministério da Justiça vinha enviando a Tolstói documentos relativos a casos criminais ocorridos na Rússia do início do século xviii. Em outubro ele enviaria documentos que lançaram luz sobre a maneira como as pessoas haviam reagido às reformas de Pedro, o Grande, mas a essa altura Tolstói já tinha perdido o interesse. Durante essa visita a Moscou sua mente estava ocupada por preocupações de ordem religiosa, e agora ele buscava urgentemente respostas para algumas perguntas. Tolstói queria saber, por exemplo, por que a Igreja tinha rezado por uma vitória da marinha de guerra imperial na recente Guerra Russo-Turca, uma vez que matar ia contra um dos pilares mais básicos do cristianismo. Queria saber por que razão a Igreja

Ortodoxa demonstrava intolerância com pessoas de outras crenças, fossem católicos, protestantes, Velhos Crentes ou sectários. E, em uma época que registrava um número cada vez maior de execuções de revolucionários, o conde queria saber por que a Igreja Ortodoxa apoiava a pena capital. A fim de tentar obter algumas respostas para essas questões prementes, foi direto ao topo da hierarquia eclesiástica. Marcou reuniões com o augusto Makari, metropolita de Moscou, e com o bispo de Mojaisk. Depois viajou a Sergiev Posad para visitar o mosteiro mais importante da Rússia. O Mosteiro da Trindade–São Sérgio (ou Lavra da Trindade e São Sérgio), fundado por São Sérgio no século XIV, era por ocasião da visita de Tolstói uma vasta e abastada instituição, com cerca de quatrocentos monges e um destino visitado todo ano por aproximadamente meio milhão de peregrinos. Naquele ano Tolstói foi um deles.

O padre Nikon foi incumbido de mostrar a Tolstói as catedrais do mosteiro e também a sacristia, onde alguns dos grilhões usados pelos monges ascetas no passado estavam em exibição. Tolstói não se impressionou ao constatar que a tradição não tinha sido mantida pelos monges do mosteiro. Depois de participar de uma reunião da Academia Espiritual de Moscou, ali sediada, um dos membros do eminente corpo docente da instituição inocentemente perguntou quando o novo romance de Tolstói seria publicado. Citando um versículo do segundo livro de Pedro, o conde vociferou que não queria ser como o cão que retorna a seu próprio vômito. [\[12\]](#) É provável que os presentes tenham ficado atônitos demais para se impressionarem com a familiaridade do escritor com os Evangelhos, mas certamente não restou dúvida sobre como Tolstói encarava agora sua obra artística. Tolstói submeteu o arquiandrita à mesma batelada de perguntas que tinha feito aos representantes da Igreja em Moscou. Não ficou satisfeito com nenhuma das respostas. Perplexo diante de tamanho orgulho, o arquiandrita deu seu veredicto: “Receio que não acabe bem”.

Depois de voltar a Iásnaia Poliana no início de outubro, Tolstói fez uma anotação em seu diário: “A Igreja, desde o século III até os dias de hoje, não passa de uma longa fieira de mentiras, crueldade e decepção”. Por sua própria natureza, ele observou, a fé religiosa não pode se submeter ao poder político. A maré tinha virado. Em dezembro Tolstói foi falar com o bispo de Tula sobre a fé do povo comum, sobre peregrinação e ascetismo, e evidentemente acosou o homem a ponto de deixá-lo apavorado, pressionando-o com suas “perguntas urgentes e ardentes”, sem tolerar nenhum tipo de condescendência. O bispo

aconselhou o conde a conversar com o padre Alexander, outro sacerdote de Tula, sugestão que, como era de seu feitio, Tolstói aceitou imediatamente. Foi o padre Alexander quem recomendou a Tolstói a leitura da *Teologia dogmática*, do metropolita Makari. Makari era uma figura eminente do alto escalão da Igreja, mas também um acadêmico prolífico e renomado por sua *História da Igreja russa*, de trinta volumes. Sua notável e premiada *Teologia dogmática ortodoxa*, obra em cinco volumes, teve diversas edições. Sem perder tempo, Tolstói logo adquiriu seus exemplares e de imediato passou a estudá-los cuidadosamente. Agora tinha em mente um projeto: colocaria à prova a teologia ortodoxa. Também começou a tomar notas sobre sua jornada espiritual e iniciou sua própria tradução dos Evangelhos.

Enquanto a alma de Tolstói estava em ebulição, a vida familiar em Iásnaia Poliana seguia seu curso: a sucessão de aulas, festas de aniversário, cerimônias de casamento, saraus, piqueniques, trabalhos domésticos e visitas de amigos e parentes continuava normalmente. Sônia vivia ocupada. Quando não estava dando aula aos filhos, ela precisava cuidar da casa, por isso tinha pouquíssimo tempo para si mesma. Além disso, passou boa parte do ano de 1879 às voltas com mais uma gravidez, e em 18 de dezembro, pouco depois de Tolstói começar a se engalfinhar com seu dogma ortodoxo, deu à luz Mikhail (Micha), o sétimo filho do casal. Amamentar outro recém-nascido significava adiar mais uma vez o sonho de dedicar-se mais a

si mesma. Naquela primavera Sônia se divertira cultivando o jardim com a ajuda de Jules Montels (que também era extremamente hábil na arte de fazer omeletes e preparar xícaras de chocolate quente para os piqueniques de verão). As floreiras e canteiros em que ela plantou goivos, ásters, verbenas e floxes davam ao jardim um colorido deslumbrante e um agradável aroma. Naquela primavera também ocupou-se com costura, mas não era algo tão prazeroso quanto cuidar do jardim. Ela tinha de costurar as roupas de verão para todos os seis filhos, tarefa que se tornou bastante árdua. “Não paro um só minuto de costurar e estou muito doente e totalmente desesperada”, ela escreveu à irmã Tânia em março de 1879. “Tenho espasmos na garganta, minha cabeça dói [...], mas mesmo assim preciso continuar costurando. Às vezes tenho vontade de quebrar essas paredes e escapar para a liberdade”. Naquele outono Tolstói tinha ido duas vezes a Moscou, mas Sônia sequer passara pelos portões de Iásnaia Poliana. Em janeiro de 1880 escreveu a Tânia uma carta particularmente queixosa e melancólica:

Às vezes minha vida de cativa é tão dura! Imagine só, Tânia, desde setembro não saio de casa. A mesma prisão, embora as coisas estejam radiantes no sentido material e moral. Mas às vezes ainda tenho a sensação de que alguém me trancafiou e me mantém aqui, e quero quebrar tudo à minha volta, abrir caminho e escapar, não importa para onde — assim que eu puder!

Mais do que nunca, agora Sônia vivia em função dos meses de verão, quando Tânia e sua família se hospedavam em Iásnaia Poliana. Invariavelmente a esposa de Tolstói sentia-se solitária e ansiava por diversão em meio às luzes brilhantes da cidade grande. De início ela viu com bons olhos o entusiasmo do marido pela Igreja Ortodoxa Russa, mas agora Tolstói parecia estar perdendo sua exuberante *joie de vivre*. Ele parecia cada vez menos interessado na própria família e também na administração de sua propriedade e seu patrimônio. Sônia não estava enganada. Em outubro de 1880 Tolstói escreveu a Strákhov afirmando que durante boa parte de sua vida tinha sido um homem desorientado, primeiro porque julgara que o bem maior eram suas aspirações de ser condecorado com a medalha de São Jorge, depois porque equiparou a felicidade à escrita de romances e à posse de terras e por fim à construção de uma família, mas agora sabia que o verdadeiro bem só podia ser encontrado nos Evangelhos.

Em 1880 Tolstói começou a cortar laços com parentes e velhos amigos, rompimento que os deixou magoados e confusos. Em janeiro, foi a São Petersburgo entregar a última parcela do pagamento das terras que havia comprado, e um dia depois foi ver Alexandrine. Assim que disse a ela que agora rejeitava a santidade de Jesus Cristo, teve início uma violenta discussão, que se estendeu por toda a manhã — Tolstói voltou à noite para continuar o debate, e Alexandrine ficou tão agitada que sentiu o coração martelando no peito. Depois de passar a noite em claro, Tolstói foi embora ao amanhecer, sem sequer se despedir de Alexandrine, que ficou profundamente magoada. Nesse período sua irmã Macha também se tornou fervorosamente religiosa, mas sua jornada espiritual a levou na direção oposta, mergulhando no seio da Igreja Ortodoxa. Seu único filho, Nikolai, tinha se casado em outubro de 1878, tendo Tolstói como padrinho; porém, no verão seguinte, justamente no momento em que Macha cuidava dos preparativos com a intenção de trazer para viver na Rússia sua filha ilegítima Elena (em vias de terminar os estudos na Suíça), Nikolai morreu de febre tifoide, terrível golpe de que Macha jamais se recuperou. Sob a orientação do Ancião Ambrósio em Optina Pustin, e cada vez mais devota, por fim Macha decidiu tornar-se freira, em 1888. Depois de um breve período em

Tula, foi morar em um convento nas cercanias de Optina Pustin, onde ficou pelo resto da vida. Macha continuou próxima do irmão, mas em matéria religiosa divergiam.

Demorou para que os amigos de Tolstói se acostumassem ao novo estado de espírito do conde. Nada parecia capaz de abalar Strákhov, mas o profundamente religioso Serguei Úrusov não aceitou as novas ideias de Tolstói, que ele considerava heréticas, e a amizade dos dois naufragou. A amizade com Afanássi Fet também desintegrou-se. Ironicamente, no exato momento em que Tolstói, sob a influência de sua nova crença religiosa, resolveu que queria abandonar as belas-letas, sua ficção começou a ser publicada no mundo de língua inglesa e francesa. Uma edição reunindo *Infância* e *Juventude* veio a lume em inglês em 1862, mas depois disso os leitores de língua inglesa esperariam até 1878, com a publicação da tradução de Eugene Schuyler de *Os cossacos*, para lerem outra obra do conde. Em 1878, o tradutor e especialista em russo William Ralston, amigo de Turguêniev, foi rechaçado por Tolstói quando escreveu-lhe solicitando informações biográficas para um artigo que estava preparando. “Não posso compartilhar da ilusão temporária de alguns de meus amigos, que parecem convictos de que minhas obras devem ocupar algum lugar na literatura russa”, Tolstói respondeu — em inglês decoroso, mas nitidamente russo —, em carta endereçada à casa do sr. Ralston em Bedford Square. “Sinceramente, sem saber se minhas obras serão lidas daqui a cem anos ou se terão sido esquecidas daqui a cem dias”, ele continuou, “não desejo descer ao ridículo de tomar parte do quase certo erro de avaliação dos meus amigos”. Com a ajuda de Turguêniev, Ralston preencheu as lacunas e publicou em 1879 seu pioneiro artigo, “Os romances do conde Liev Tolstói”. Acerca do tema de *Anna Kariênina*, Ralston escreveu que Tolstói escolhera “a sociedade tal qual ela existe nos dias atuais nos círculos aristocráticos da Rússia, combinando a suas detalhadas e realistas descrições da vida das classes superiores uma série de estudos sutis de um errático coração de mulher”.

Ralston tinha razão ao afirmar que *Anna Kariênina* rendera ao seu autor mais dinheiro do que qualquer outra obra anterior da literatura russa, mas errou feio quando especulou que era pouco provável que *Anna Kariênina* e *Guerra e paz* fossem traduzidos para o inglês. A bem da verdade, a primeira tradução para o francês já tinha sido publicada no mesmo ano do artigo — e esse evento significativo estimulara Turguêniev a promover Tolstói como um grande

romancista em sua carta a Edmond About em janeiro de 1880. Logo apareceram traduções para o inglês. Em maio de 1880 Turguêniev passou dois dias em Iásnaia Poliana. Agora já fazia três anos que Tolstói concluía *Anna Kariênina*, e desde então não publicara outro texto inédito. Turguêniev tinha a esperança de que o amigo retomasse a ficção e também esperava persuadir Tolstói a participar das celebrações em homenagem a Púchkin marcadas para o mês seguinte em Moscou — mas ficou duplamente decepcionado. Provavelmente a única coisa em que os dois escritores chegavam a algum entendimento era com relação às caçadas, atividade pela qual ainda compartilhavam a mesma paixão.

Se é difícil imaginar que a essa altura de sua carreira Tolstói tivesse a boa vontade de participar, ao lado de Dostoiévski e Turguêniev, de uma cerimônia para honrar o primeiro escritor realmente magnífico da Rússia, em retrospecto sua recusa parece de fato ter sido um tanto rude. O pretexto das comemorações era a inauguração da primeira estátua de Púchkin na Rússia. Era escandaloso que tal homenagem não tivesse acontecido antes (Púchkin morrera em 1837), mas nenhum dos tsares do século XIX estava preparado para sancionar a veneração oficial de um poeta subversivo e rebelde que acabou ferido de morte em um duelo. A estátua havia sido inteiramente custeada com dinheiro de contribuições, e sua inauguração era motivo de festa precisamente porque nada tinha a ver com o governo. Se consideramos que Turguêniev veio especialmente de Paris para a cerimônia, e que Dostoiévski, então gravemente doente, interrompeu a redação de *Os irmãos Karamázov* em sua casa de campo ao sul de Novgorod para participar, fica clara a importância da ocasião como evento público, que durou quatro dias e foi visto como um triunfo da *intelligentsia* russa e para a cultura russa em termos gerais. Como disse Turguêniev em seu discurso, de certa maneira toda a Rússia culta e instruída tinha contribuído para a construção da estátua, que era um símbolo de seu amor pelo maior dos russos. Havia sido Púchkin, ele proclamou, que levava a termo o refinamento final de “nossa língua, que em sua riqueza, força, lógica, beleza e forma é reconhecida até mesmo por filólogos estrangeiros como a melhor depois do grego antigo”. De acordo com Turguêniev, Púchkin “falou com imagens típicas e sons imortais, abarcando todos os aspectos da vida russa”. Tolstói não dava a menor importância à “Rússia culta e instruída” e agora desprezava a *intelligentsia*, mas mesmo assim parecia em certo sentido estar cuspid no prato em que havia comido, pois como escritor devia muito a Púchkin.

A retórica de Turguêniev era pífia se comparada à fala de Dostoiévski e sua identificação messiânica de Púchkin com a Rússia e Jesus Cristo, saudada por uma extática ovação de trinta minutos. Mais tarde, em carta à esposa, Dostoiévski relatou que na plateia havia homens e mulheres chorando, soluçando, e que desconhecidos se abraçavam, jurando que dali por diante seriam pessoas melhores e nunca mais sentiriam ódio umas pelas outras, mas somente amor. Até mesmo Turguêniev ficou tão comovido que abraçou seu antigo desafeto. Nesse exato momento Tolstói estava mergulhado no ensinamento cristão do amor fraterno, pois tinha começado a “harmonizar” e traduzir os Evangelhos, mas seu ego jamais teria permitido que tomasse parte do catártico regozijo comunal em um evento extraordinário e sem precedentes. Anos mais tarde ele explicou que, por mais que valorizasse o gênio de Púchkin, não tinha ido a Moscou porque sentia haver nesse tipo de celebração algo inatural, alguma coisa que, se não chegava a ser exatamente falsa, não atendia às exigências de suas “necessidades emocionais”.

A ausência de Tolstói nas celebrações de Moscou foi muito comentada. Circularam boatos de que o conde estava doente, enlouquecendo, ou que já tinha enlouquecido. Dostoiévski sentiu o ímpeto de viajar a Iásnaia Poliana para finalmente se encontrar pessoalmente com Tolstói, mas mudou de ideia. Menos de seis meses depois o autor de *Crime e castigo* estaria morto, e foi somente então que, sentado sozinho à mesa do jantar, depois de voltar tarde para casa em uma fria e escura noite de fevereiro, Tolstói chorou diante do prato e se deu conta do quanto estimava Dostoiévski. O conde adoecera em setembro do ano anterior, ocasião em que relera *Recordações da casa dos mortos*, o livro que alegoriza o renascimento espiritual de Dostoiévski durante seus anos de trabalhos forçados em uma prisão siberiana, e ficara maravilhado com seu “sincero e natural ponto de vista cristão”. Tolstói pedira a Strákhov que transmitisse seus afetuosos cumprimentos a Dostoiévski, que ficou tremendamente contente, mas nada contente com a falta de reverência de Tolstói por Púchkin. Strákhov tentou apaziguar as coisas alegando que Tolstói tinha se tornado um “livre-pensador” de postura ainda mais independente que antes. A tardia apreciação de Tolstói por Dostoiévski é reveladora de seu sentimentalismo, pois a verdade é que o conde odiava com todas as forças a mistura de piedade e patriotismo de Dostoiévski em seus últimos anos de vida. O sentimento era recíproco. Pouco antes de morrer, Dostoiévski tinha ficado muito próximo de Alexandrine, e o escritor se indignou

quando ela lhe mostrou algumas das cartas recentes de Tolstói tratando de religião.

Em março de 1880 Sônia escreveu a Strákhov relatando que o marido vinha trabalhando até a exaustão, sentindo terríveis dores de cabeça, mas nada era capaz de afastá-lo de sua mesa de trabalho. O fato é que ele estava tão empolgado pelo desafio de confrontar a Igreja Ortodoxa que seguiu trabalhando por toda a primavera e verão adentro, contrariando sua rotina usual. Em 1880 Tolstói não foi descansar em Samara, mas fez breves viagens a Moscou a fim de encontrar novos professores para os filhos. Um a um, os onze volumes da mais recente edição de suas obras completas foram sendo postos à venda, mas outro ano se passou sem que se aventurasse a lançar textos novos. O conde tinha consciência de que não seria fácil conseguir publicar os três projetos em que estava trabalhando, mas do ponto de vista pessoal concluí-los era questão de vital importância. A publicação dessas obras no exterior ratificaria definitivamente seu antagonismo à Igreja Ortodoxa, e a partir daí não haveria mais volta.

Assim que terminou de examinar as mais de mil páginas da *Teologia dogmática ortodoxa*, bem como outras interpretações fundamentais da doutrina do cristianismo oriental — de autores que iam de São João de Damasco (ou São João Damasceno) a outros metropolitas de Moscou recentes —, Tolstói deu início a sua exegese crítica, expondo meticulosa e detalhadamente o que considerava suas principais falhas. Padre Alexander, o sacerdote de Tula que recomendara a Tolstói a leitura de Makari, ficou sobressaltado ao receber, um ano depois, uma segunda visita do conde. Tolstói declarou que tinha lido de cabo a rabo a *Teologia dogmática ortodoxa*, e com grande satisfação informou também que seu ano de estudos servira não apenas para *não* convencê-lo da verdade do dogma ortodoxo, mas também para comprovar justamente o contrário. Ele agora compreendera que na verdade os apóstolos tinham distorcido os ensinamentos de Jesus. De fato, assim que Tolstói constatou que a doutrina ortodoxa não passava de um amálgama artificial de expressões invariavelmente opacas e contraditórias de fé, o conde começou a entender por que razão os seminários russos produziam tantos ateus. Aqui Tolstói aludia aos muitos seminaristas que haviam se tornado revolucionários. Tcherníchevski, que ainda definhava no exílio siberiano, era um exemplo; na década de 1890, Ossip (em georgiano) ou Iosif (em russo) Vissariónovitch Djugatchvili (Josef Stálin) seria mais um.

O primeiro rascunho da portentosa *Crítica da teologia dogmática* foi finalmente concluído em 1882. Incisivo e sem rodeios, a certa altura Tolstói chama Makari de rematado mentiroso, deprecia a doutrina da Trindade como “uma mentira vil, criminosa e blasfema” e a expõe ao ridículo ao descrever em suas próprias palavras os mistérios bíblicos (como em “Deus tinha conferências a três com seu Filho e com o Espírito Santo”). À medida que o livro avança, o tom de Tolstói fica ainda mais agressivo. Ele não apenas refuta a noção de que Jesus Cristo redimiu toda a humanidade morrendo na cruz, uma vez que desde então as pessoas eram “exatamente as mesmas”, mas vai além e acusa a Igreja de — em algum momento do século III — inventar os sacramentos e a ideia de que Cristo era divino. Enfatizando que provavelmente era a única pessoa — além dos seminaristas nas vésperas das provas — a ler Makari de ponta a ponta, Tolstói termina sua exprobração afirmando com todas as letras que a Igreja Ortodoxa já não desfrutava de autoridade moral alguma nem junto às classes instruídas tampouco aos olhos do populacho da Rússia. Para a versão que acabaria sendo publicada em 1891, Tolstói diminuiu — mas só um pouco — o tom cáustico de suas críticas.

Consciente de que os leitores de seus romances talvez ficassem um pouco perplexos ao se depararem subitamente com um estudo tendencioso em que em as minúcias da doutrina ortodoxa eram submetidas a um escrutínio racional, Tolstói julgou melhor escrever um prefácio com um relato pessoal de como e por que tinha decidido encetar sua crítica à Igreja. “Uma confissão”, texto mais breve e francamente bem mais legível — e de início intitulado “Introdução a uma obra inédita” —, foi concluído em 1880. Obviamente comparável às *Confissões* de Santo Agostinho e de Rousseau, a interrogação de Tolstói acerca do sentido da vida começa na infância e mapeia sua evolução espiritual com dolorosa e cativante honestidade, que Sônia resumiu em anotações feitas em seu diário em 1881. Ela escreveu que o marido viu a “luz” quando percebeu que a fonte de “bem, clemência e amor” estava nas pessoas e não nos Evangelhos ou na Igreja. A bem da verdade, a própria Igreja é que tinha obscurecido essa mensagem, ao insistir que a salvação só era possível por meio de jejuns e dos sacramentos do batismo e da comunhão, e assim por diante. “Toda a perspectiva de Tolstói era iluminada por essa luz”, ela escreveu, o que o levou a ver milhões de pessoas como irmãos, com a consciência bastante atormentada pela pobreza e injustiça que via ao seu redor.

Fundamental para o repúdio de Tolstói à doutrina ortodoxa foi sua nova tradução “unificada” dos Evangelhos, em que ele trabalhou intensamente na segunda metade de 1880 e que “concluiu” em julho de 1881. Tolstói tinha plena consciência de que precisava trabalhar mais a fundo nessa empreitada, mas a essa altura queria partir para coisas novas. Agora considerava que sua *Junção e tradução dos quatro Evangelhos* era a coisa mais importante que já tinha feito. Com o auxílio de Ivan Ivákin, o novo tutor da família que havia chegado a Iásnaia Poliana em setembro de 1880, o conde sistematicamente esquadrinhou o Novo Testamento no original grego, usando edições acadêmicas abalizadas, fornecidas pelo sempre solícito Strákhov. Entre essas fontes de consulta estava a respeitada edição publicada na década de 1770 por Johann Griesbach, professor de teologia na Universidade de Jena, e cujo rigor filológico havia inaugurado uma nova era nos estudos bíblicos acadêmicos, e a nova e generosamente anotada tradução francesa organizada por outro teólogo protestante, o professor Edouard Reuss, da Universidade de Estrasburgo. O objetivo de Tolstói era atribuir sentido ao lodaçal de contradições e obscuridades que havia encontrado nas Escrituras, esclarecer sua mensagem central e extrair exemplos de orientação moral que pudessem ser aplicados à vida cotidiana.

A experiência de voltar aos textos originais foi uma revelação para Tolstói. Selecionando partes dos quatro Evangelhos (“uma vez que descrevem os mesmos eventos e ensinamentos, embora de maneiras conflitantes”) de modo a produzir um texto unificado e comentado, Tolstói escreveu doze capítulos — cada qual com um título próprio — que apresentam a vida de Jesus Cristo do nascimento à morte. Na versão de Tolstói, cada excerto bíblico é apresentado inicialmente no original grego, depois em uma tradução para o russo moderno a partir do texto bíblico em eslavo eclesiástico (que aos ouvidos de um russo do século XIX soaria tão arcaico quanto a Bíblia de Wycliffe pareceria antiquada para um inglês do século XIX), e por fim em uma versão formulada pelo próprio Tolstói, bem mais acessível, em que o conde usava deliberadamente um vocabulário marcadamente coloquial, tendo em vista o leitor camponês.

Não se trata de um mero resumo banal do Novo Testamento, pois Jesus Cristo no Evangelho segundo Tolstói é um cristão bem ao estilo tolstoiano: um homem comum que tem uma visão crítica da religião organizada, e que não tem medo de denunciar as tentativas de obstruir sua mensagem ética. O Jesus projetado por Tolstói é um cavaleiro solitário, um paladino nadando contra a

corrente da opinião pública, um “humilde sectário” com quem o conde se identificava e em quem podia se espelhar como exemplo de conduta moral. Isso era o mais importante, e faz lembrar sua prática como romancista. Chama a atenção o fato de que quando tentou escrever um romance sobre Pedro, o Grande, por exemplo, as qualidades que Tolstói mais admirava no tsar eram sua extraordinária energia e produtividade — atributos que ele mesmo possuía em abundância. Essencialmente, Tolstói desbastou os Evangelhos reduzindo-os à sua mensagem moral. Ao descartar o batismo e a primeira infância de Jesus; todos os milagres; o relato da ressurreição e tudo que fizesse alusão a Jesus Cristo como uma figura histórica ou divina; e as passagens que realçavam a missão especial e sagrada de apóstolos ungidos, Tolstói cortou pela metade os textos do Novo Testamento original. Entretanto, manteve todas as citações diretas das falas de Jesus, o que significa que deu primazia ao Evangelho de São João em detrimento do Evangelho de São Marcos, que inclui muitos milagres. Para Tolstói, a parte mais importante do Evangelho de São Marcos era o Sermão da Montanha, que se tornaria a pedra angular de seus ensinamentos.

Formado pela Universidade de Moscou, Ivan Ivákin, o novo tutor de Iásnaia Poliana, a princípio não entendeu por que Tolstói quis conversar sobre os detalhes mais ínfimos do Novo Testamento, uma vez que, de acordo com as informações divulgadas nas colunas de fofocas dos jornais russos o conde ainda estava escrevendo um romance sobre os dezembristas. Ivákin logo foi iniciado na obra em progresso de Tolstói, e quando ficou claro que seu conhecimento do grego era vastamente superior ao de seu patrão, o jovem foi imediatamente cooptado para ajudar na empreitada. O rapaz de rosto pálido e dedos excepcionalmente finos deixou relatos memorialísticos bastante nítidos do período que passou em Iásnaia Poliana. É preciso dizer que ele nunca se impressionou muito com o domínio que seu patrão tinha do idioma grego e via com desagrado a postura seletiva e claramente pouco acadêmica de Tolstói, que desprezava e descartava detalhes concretos: “Por que estaríamos interessados em saber que Jesus saiu ao pátio?”, ele perguntava. ‘Por que preciso saber que ele ressuscitou? Ora, se ressuscitou, bom para ele! Para mim, o mais importante é saber o que devo fazer e como viver’”.

É evidente que às vezes Ivákin achava difícil trabalhar com Tolstói, já que o “inimitável” escritor era parcial mesmo ao traduzir as passagens sobre ética que sobreviviam a sua implacável edição. Em *Guerra e paz*, Tolstói tinha manipulado

eventos e pessoas para que se adequassem à visão particular da história que ele desejava propor. Agora queria que os apóstolos de Jesus Cristo confirmassem suas próprias opiniões e pontos de vista preconcebidos:

Às vezes ele vinha correndo do estúdio com o Evangelho grego e me pedia para traduzir um ou outro trecho. Eu fazia a tradução, e em geral o resultado era muito parecido com a tradução oficial aceita pela Igreja. “Mas será que você não poderia dar este ou aquele significado?”, ele perguntava e fazia questão de enfatizar o quanto desejava e esperava que isso fosse possível.

Tolstói passou um bom tempo refletindo sobre o parágrafo de abertura do Evangelho de São João (“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus”). O conde prontamente decidiu interpretar o grego *logos* como “raciocínio” e não “verbo” (a palavra russa *razumenie* implica tanto investigação racional como compreensão), mas depois se viu às voltas com o problema de traduzir *pros ton theon* (“com Deus”), que na primeira Bíblia em eslavo eclesiástico aparece como “de Deus”. Rejeitando o significado literal de “na direção de Deus” como algo sem sentido, e condenando as versões da Vulgata (“*apud Deum*”) e de Lutero (“*bei Gott*”) como interpretações sem sentido e também imprecisas, a tradução bem mais radical de Tolstói — com base em uma longa discussão da preposição *pros* — acabou sendo “e o raciocínio substituiu Deus”.

Quando Alexandre II foi assassinado por revolucionários em 1º de março de 1881, Tolstói estava pronto para tornar-se, se não um protestante ao pé da letra, certamente um protestante em termos da Igreja Ortodoxa, e sua audácia já foi comparada mais de uma vez à coragem de Lutero, João Hus e Calvino. Horrorizado pelo pensamento de que os conspiradores seriam executados, Tolstói escreveu uma carta ao tsar Alexandre implorando por clemência em nome do perdão cristão. Depois escreveu ao procurador-chefe do Santo Sínodo, Konstantin Pobedónostsev, pedindo que entregasse sua carta ao tsar, e ainda a Strákhov, solicitando que entregasse ambas as cartas a Pobedonóstsev. Sônia reagiu com tranquilidade à obrigação de observar o luto nacional vestindo crepe preto dos pés à cabeça, mas ficou consternada com a mais recente postura do marido. A situação já tinha sido suficientemente ruim durante a fase devota de Tolstói, quando o conde insistia em observar os jejuns às quartas e sextas-feiras. Como retaliação, ela insistia em oferecer comida não quaresmal a Vassíli Aleksieiev e Jules Montels, já que nenhum deles era ortodoxo, a despeito do fato

de que ambos comeriam de bom grado qualquer coisa que ela lhes servisse. Além disso, assim que percebeu que a fé do marido dava sinais de hesitação, Sônia passou a incentivar na família o respeito aos jejuns. Na Sexta-Feira Santa, o dia mais rígido de jejum, Tolstói sucumbiu à tentação e desistiu para sempre de comer comida quaresmal depois de devorar um pouco da carne que tinha sido preparada para os dois tutores. Sônia também parou de passar a limpo os novos manuscritos do marido. Ela tinha achado o material pedagógico túrgido, mas os textos teológicos eram bem piores. Em carta à irmã Tânia ela confidenciou que naquela primavera chegara a cogitar a ideia de deixar Tolstói. E admitiu que a vida em Iásnaia Poliana tinha sido bem melhor sem o cristianismo. Além disso, mais uma vez estava grávida.

Agora os atritos do casal eram cada vez mais escancarados e resultavam em rugas em público cada vez mais frequentes. Certa manhã, à mesa do café, Sônia ouviu por acaso Vassíli Aleksieiév demonstrando apoio ao pedido de clemência de Tolstói para os assassinos do tsar e explodiu, aterrorizada com as repercussões que a carta do marido poderia ter. Aleksieiév percebeu que era hora de ir embora de Iásnaia Poliana e pediu permissão para fazer uma cópia pessoal das traduções tolstoianas dos Evangelhos a fim de levá-las consigo, por saber que talvez jamais fossem publicadas na Rússia. Uma vez que não dispunha de muito tempo, limitou-se a copiar excertos dos Evangelhos e os sumários gerais de cada capítulo. Mais tarde esse texto foi prefaciado por uma introdução de Tolstói e intitulado *Evangelho resumido*. Seria a primeira de suas obras religiosas publicadas no exterior. Durante a Primeira Guerra Mundial, o evangelho de Tolstói deixou uma profunda impressão em Ludwig Wittgenstein, que por acaso encontrou-o em uma livraria na Galícia. Mais tarde o filósofo diria que o texto praticamente o mantivera vivo.

Os amigos e parentes que visitaram Iásnaia Poliana na primavera de 1881 se viram enredados em violentas discussões sobre a pena capital e a Igreja, e Sônia começou a ficar preocupada com a faceta caridosa do cristianismo do marido, que ameaçava dissipar todos os bens da família distribuindo-os para os paupérrimos camponeses que rumavam para Iásnaia Poliana em número cada vez maior, sabedores de que de lá não sairiam de mãos vazias. No início Tolstói fazia em seu diário uma breve anotação sobre cada pedinte, registrando, por exemplo, as lágrimas de uma velha senhora caindo na poeira e o sorriso desdentado de outro camponês (a essa altura o próprio Tolstói estava banguela). Desnecessário

dizer que Pobedónostsev se recusou a entregar ao tsar a carta de Tolstói, e os conspiradores foram enforcados no início de abril. “Nosso Cristo não é o seu Cristo”, escreveu Pobedónostsev na carta que por fim enviou ao conde em junho. Naquele mês Tolstói interrompeu seu trabalho com os Evangelhos, porque queria fazer outra peregrinação a Optina Pustin. Dessa vez não levou consigo Strákhov, mas teve a companhia de seu criado Serguei Arbuzov, e ao invés de viajar de trem foi a pé, vestido de mujique — o traje completo, incluindo sapatos de palha especialmente encomendados a um camponês do vilarejo.

Na primeira noite os dois dormiram sobre a palha na choça de uma velha camponesa, e ao raiar do dia foram acordados pelo ruído das andorinhas que faziam seu ninho no telhado. Quatro dias depois chegaram ao mosteiro, onde foram acomodados sem cerimônia com outros peregrinos camponeses, em um dormitório infestado de percevejos. Quando começou a circular o boato de que aquele camponês de aparência andrajosa era na verdade Tolstói disfarçado, o escritor foi obrigado a se transferir para acomodações mais salubres e ganhou o direito de ser recebido imediatamente em audiência pelo padre Ambrósio — sem ter de esperar quase uma semana. Dessa vez Tolstói não tinha ido a Optina Pustin em busca de consolo espiritual, mas para confrontar Ambrósio e os outros monges acerca das distorções impingidas pela Igreja Ortodoxa aos ensinamentos de Cristo. Tolstói foi embora insatisfeito, depois de a certa altura ter demonstrado seu conhecimento superior dos Evangelhos. No caminho de volta, ele e seu criado foram a pé até Kaluga, onde havia uma numerosa população de sectários, incluindo os *Molokáni* e duas ramificações dessa seita, os *Subbotniks* (“sabatianos” ou “sabatistas”) e os *Voždikhantsi* (“suspiradores”), nova e minúscula facção cujos adeptos em vez de se persignarem suspiravam e lançavam o olhar para o alto. Assim que tomou conhecimento da existência dessa seita, Tolstói saiu ao encalço dos suspiradores, ávido para conversar com eles sobre sua crença. Embora tenha ficado enojado ao testemunhar o comportamento dos monges de Optina Pustin, que tratavam com desprezo os peregrinos pobres, mas agiam com condescendência diante dos visitantes abastados, achou revigorante o restante da viagem.

Em julho de 1881, um mês após voltar para casa, Tolstói partiu para sua propriedade em Samara acompanhado do filho Serguei, que tinha acabado de ser aprovado nos exames escolares de fim de ano, pré-requisito para o ingresso na universidade. Dessa vez Tolstói se sentiu apático lá. Não tinha mais estômago

para trabalhar de modo a tornar rentável a terra, e a pobreza da região parecia ainda mais evidente e gritante do que nos anos anteriores. Durante essa viagem Tolstói entrou em contato mais próximo com os *Molokáni*, e participou de um de seus encontros de oração, depois do qual dois de seus líderes foram visitá-lo a fim de continuar a conversa. Naturalmente Tolstói estava “ensinando o pai-nosso ao vigário” quando leu para eles trechos de seu *Evangelho resumido*, pois os “bebedores de leite” também julgavam que a Igreja Ortodoxa era responsável pela mutilação dos ensinamentos de Cristo. Em 19 de julho Tolstói conheceu Alexander Prugavin, jovem etnógrafo cujo interesse pelos sectários russos floresceu no período que passara exilado no extremo norte. Desde 1879 Prugavin vinha publicando em periódicos progressistas artigos sobre cismáticos e sectários, dos “Pachkovitas” aos três bispos dos Velhos Crentes que Tolstói tinha tentado ajudar. Ficou especialmente interessado em um relato de Prugavin sobre um camponês de Tver chamado Vassíli Síutaiev, que tinha começado a pregar o amor fraterno e a abolição da propriedade privada. Assim que ouviu de Prugavin que um dos filhos de Síutaiev se recusara a prestar o serviço militar, Tolstói imediatamente declarou que queria conhecê-lo. Logo surgiria a oportunidade.

Durante o mês que passou na estepe, Tolstói foi afetuoso nas cartas que escreveu a Sônia. Estava se sentindo culpado. Muitos anos antes o casal tinha decidido que se mudaria para Moscou assim que chegasse a hora de Serguei ingressar na universidade, e agora esse dia tinha chegado. A agitação política que se seguiu ao assassinato de Alexandre II no meio estudantil, entretanto, levou Sônia a julgar que o mais importante era proteger seu filho, evitando que ele se envolvesse no movimento revolucionário; para tanto, seria necessário que a família toda fosse morar em Moscou. Mas isso também significava a libertação pela qual ela tanto ansiava, particularmente ao longo dos últimos anos, quando Tolstói tinha evitado qualquer tipo de vida social, dando as costas a sua bem-sucedida carreira de romancista e condenando a depravação de seu próprio estilo de vida. Para Tolstói, a perspectiva de se mudar para Moscou era um pesadelo, e até então ele tinha se recusado a ajudar a esposa a encontrar um lugar onde a família pudesse morar. Sônia estava grávida de seis meses quando saiu à procura de um apartamento em Moscou — antes da viagem de Tolstói a Samara —, e no mês seguinte teve de enfrentar novamente a cidade quente e poeirenta a fim de cuidar de todos os preparativos para a mudança. Tolstói sentiu um súbito remorso por negligenciar a esposa e deixá-la encarregada de tudo. Prometeu

ajudá-la assim que retornasse e prometeu que mostraria boa vontade e disposição, mas quando voltou para casa e encontrou Iásnaia Poliana lotada de convidados de verão, mais uma vez sentiu o doloroso contraste entre suas crenças e o ambiente que o cercava.

Os nove membros da família Tolstói partiram de Iásnaia Poliana em 15 de setembro e fixaram residência em um apartamento na melhor área residencial de Moscou. Serguei agora era um aluno do curso de Ciências Naturais na Universidade de Moscou, e Ilia e Liev tornaram-se pupilos de uma famosa escola particular para meninos, fundada em 1868 por Liev Polivánov, que um ano antes tinha sido responsável pela organização das celebrações de Púchkin. No outono, Tânia foi matriculada na mais importante escola de arte de Moscou. Tolstói logo esqueceu sua promessa de ajudar a esposa assim que chegassem à cidade. Para ele a mudança para a cidade grande era um sofrimento, e, em carta a Tânia, Sônia afirmou que o marido estava afundado na apatia, sem dormir nem comer, ao passo que ela tinha passado as duas primeiras semanas chorando copiosamente. Assim que chegou a Moscou Tolstói foi visitar as favelas da cidade; ao voltar para sua nova casa, subiu as escadas acarpetadas e sentou-se à mesa para o jantar, servido por dois criados usando luvas brancas e fraque. A convivência íntima entre luxo e pobreza o deixava enojado.

O alívio veio quando Tolstói deu uma escapada de Moscou, no final do mês, rumo ao norte, para a província de Tver, onde conheceu pessoalmente Vassíli Síutaiev, o camponês sectário de quem Prugavin lhe havia falado. A despeito da diferença de origem social, Síutaiev parecia uma imagem espelhada do próprio Tolstói em termos de crença religiosa, o que deixou o conde assombrado. A doutrina de Síutaiev, alicerçada no amor fraterno, derivava exclusivamente da tradução para o russo moderno do Novo Testamento, que ele conhecia de cor, e, como Tolstói, tinha devotado sua vida à busca do ideal de autoaperfeiçoamento. Síutaiev, que mais tarde visitaria Tolstói em Moscou, se tornaria uma fonte de profunda inspiração para o escritor. Nesse período, outra fonte de apoio espiritual para Tolstói viria de sua correspondência com o ex-tutor da família, Vassíli Aleksieiév, e de sua amizade com o bibliotecário da Biblioteca Pública Rumiantsev, Nikolai Fiódorov, cujo ascetismo tornava os gostos simples de Tolstói decididamente luxuosos.

No início de outubro Tolstói já estava de volta a Moscou e tentava trabalhar. Acontece que as paredes do apartamento eram finas demais, e por causa do

barulho constante o escritor não conseguia se concentrar — evidentemente Tolstói colocou a culpa em Sônia. Também não estava nada contente com os gastos desnecessários da esposa. Como ela tinha coragem de pagar 22 rublos por uma poltrona quando esse dinheiro daria para comprar uma vaca ou um cavalo para uma família camponesa? As coisas melhoraram um pouco depois que ele alugou por seis rublos ao mês dois pequenos quartos em outra ala da casa. Por fim Tolstói encontrou alguma paz de espírito, e para aliviar (ou enganar) sua consciência, todas as tardes o escritor atravessava o rio Moscou e ia rachar lenha com os camponeses na Colina dos Pardais. Mas suas relações com Sônia continuaram deterioradas. Duas semanas antes de dar à luz, Sônia escreveu novamente a Tânia para dizer que o marido a havia reduzido ao completo desespero. Em seu diário Tolstói anotou que aquele tinha sido o mês mais doloroso de sua vida. Aleksiei nasceu em 31 de outubro. Algumas semanas depois Tolstói publicou uma história sobre um anjo na nova revista para crianças editada pelo irmão de Sônia, Pétia. Era sua primeira publicação em quatro anos.

Ao longo de 1881 Tolstói vinha trabalhando esporadicamente no conto “De que vivem os homens”. Completamente diferente de sua última obra publicada, *Anna Kariénina*, que era um romance sofisticado voltado para leitores cultos, esse novo texto era uma história da vida camponesa, e uma parábola que patenteava suas novas convicções cristãs sobre o amor. Releitura da famosa lenda sobre um anjo enviado por Deus à Terra para aprender de que vivem os homens, a história lhe havia sido contada por Vassíli Chchegolenok, um dos últimos camponeses “recitadores” de épicos orais do norte da Rússia. Já idoso (e ainda analfabeto), Chchegolenok chegou a se hospedar em Iásnaia Poliana, e Tolstói o ouviu com arrebatada atenção. Teve o cuidado de escrever “De que vivem os homens” em linguagem simples e lúcida, incorporando diversas expressões populares que tinha ouvido durante suas conversas com Chchegolenok e também com os peregrinos e viajantes que encontrara na estrada para Iásnaia Poliana. Apesar da simplicidade, o trabalho de Tolstói é caracteristicamente meticuloso. Ele produziu 32 manuscritos e nove inícios diferentes antes de se dar por satisfeito com a versão que encaminhou para publicação. As oito epígrafes sobre o amor que prefaciam o conto são citações selecionadas de sua própria tradução, ou versão, do Evangelho de São João. Tolstói pretendia propagar seus ideais cristãos escrevendo ficção moralmente engajada em estilo simples e claro. Agora ele sentia também a necessidade de protestar publicamente sobre o mal que via à sua

volta, algo que faria com voz cada vez mais estridente pelo resto da vida.

SECTÁRIO, ANARQUISTA, TOLO SANTO

Existe uma maneira de viver com alegria, e esta maneira é ser um apóstolo. Não apenas no sentido de sair por aí pregando, mas no sentido de que seus braços, suas pernas, e seu estômago, e seus quadris e sua língua estejam a serviço da verdade...

Carta a Vassíli Aleksieiev

A CRUZADA DE TOLSTÓI para incorporar os ensinamentos cristãos à vida dos russos instruídos começou com um artigo de jornal publicado em 20 de janeiro de 1882. Horrorizado com a degradação e a pobreza que encontrou ao visitar, semanas antes, um albergue localizado em um cortiço em meio a uma das áreas mais miseráveis de Moscou, e ao tomar conhecimento de que um recenseamento seria realizado na cidade, o conde aproveitou a oportunidade para se manifestar publicamente. Não era a primeira vez que Tolstói apelava à consciência de seus conterrâneos, já que tinha denunciado a penúria dos camponeses durante a fome de Samara de 1873, ocasião em que conseguiu arrecadar milhões de rublos para aliviar o sofrimento dos campônios. Agora, contudo, sua missão não era meramente humanitária, mas religiosa — o escritor não queria dinheiro, mas o amor fraterno. Tolstói também estava determinado a dar o exemplo, e se candidatou para trabalhar entre as oitenta pessoas designadas para supervisionar o recenseamento. Além disso, solicitou especificamente que fosse incumbido de atuar em um dos distritos mais pobres, próximo de onde ele próprio morava, na parte ocidental da cidade. Na noite que antecedeu a publicação do artigo “Sobre o recenseamento em Moscou” na primeira página de um dos jornais mais populares da cidade, Tolstói foi à Duma da cidade a fim de ler o texto em voz alta para o comitê organizador, e depois distribuiu centenas de cópias a todos os

envolvidos na realização do censo, que teve início três dias depois.

Tolstói estava profundamente incomodado pela perspectiva de que dois mil recenseadores (em sua maioria estudantes) entrariam em cortiços abarrotados e infestados para fazer perguntas estatísticas de rotina a pessoas em vias de morrer de fome, e em seu artigo não perdeu tempo em atacar a questão:

O que significa esse recenseamento, para nós moscovitas encarregados de conduzir o censo e que não somos acadêmicos? Duas coisas: em primeiro lugar, provavelmente muitos de nós, parte de uma classe de dezenas de milhares de pessoas que vivem de renda, vão descobrir, ao entrar nos cortiços, que há dezenas de milhares de pessoas sem comida, sem roupas e sem abrigo; em segundo lugar, que nossos irmãos e irmãs vão examinar os resultados do censo e calmamente anotar as formas como muitos estão morrendo de fome e frio.

Ambas as coisas são muito ruins.

Fiel ao espírito anarquista que se tornaria cada vez mais evidente em seu ideário ao longo da década seguinte, Tolstói rejeitava a ideia de envolvimento institucional, fosse do governo ou em nível filantrópico, e igualmente de entidades ou eventos de caridade, tais como bailes de arrecadação de recursos, bazares e espetáculos teatrais. O dinheiro, insistia Tolstói, era em si mesmo um mal, por isso não deveria haver proclamações públicas das somas doadas por indivíduos abastados. A seu ver, injetar dinheiro numa causa era apenas uma solução paliativa e jamais substituiria o auxílio de ordem prática. Tolstói buscou inspiração direta no Novo Testamento, parafraseando a “parábola da ovelha e das cabras” do Evangelho de São Mateus: “Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram”. Tolstói instigou os moscovitas a superar seu medo dos percevejos, das pulgas, da febre tifoide, da difteria e da varíola que se alastravam em meio às condições imundas e aviltantes em que os pobres eram obrigados a viver. Ele recomendou com insistência aos jovens recenseadores que conversassem com os necessitados e mostrassem amor e respeito dispondo-se a ouvir sua história de vida.

Infelizmente para Tolstói, alguns dos recenseadores eram tão pobres que sem dúvida ficaram confusos diante da exortação do escritor para que praticassem a caridade cristã. Um deles era um jovem estudante de medicina chamado Anton Tchekhov, que então vivia no distrito da luz vermelha de Moscou, na parte norte da cidade. Seu pai era um ex-comerciante de segunda categoria que depois de ir à

falência fugira de sua cidade natal na província; para garantir o sustento da família, Tchekhov tinha começado a contribuir com textos cômicos para jornais e revistas. O trabalho como recenseador rendeu alguns copeques extras e também um bom material para o texto humorístico que publicou a seguir — como sempre assinando com um pseudônimo, já tendo em mente as futuras obras que sonhava escrever. O censo oficial consistia de quinze perguntas-padrão referentes a nome, idade, sexo, estado civil, local de nascimento, religião, ocupação e assim por diante. No esquete “Dez questões suplementares para os formulários pessoais de recenseamento estatístico, sugeridas por Antocha Tcheckonte”, outras dez perguntas foram acrescentadas, tais como:

16. Você é uma pessoa *esperta* ou um *imbecil*?
17. Você é uma pessoa honesta? Um caloteiro? Um ladrão? Um canalha? Advogado? ou Outros
20. Sua esposa é loira? Morena? Tem cabelos castanhos? Ruiva?
21. Sua esposa *espanca* você ou *não*? Você *bate nela* ou *não*?
22. Quanto você pesava aos dez anos de idade?
23. Você consome bebidas quentes? *Sim* ou *não*?

É improvável que alguma vez na vida Tolstói tenha lido *O Despertador*, periódico em que foi publicado esse irreverente questionário, mas mais tarde o conde acabou admirando profundamente os contos que Tchekhov publicaria em revistas literárias. De sua parte, se por um lado Tchekhov deu pouca atenção ao artigo “Sobre o recenseamento em Moscou”, não obstante considerava Tolstói o maior artista russo vivo, e por certo período também sucumbiu aos hipnóticos poderes de argumentação racional do conde.

Tolstói fracassou em sua missão de induzir os moscovitas a demonstrar amor fraterno para com os pobres, e o único resultado de seu apelo foi receber pedidos de ajuda financeira e ser alvo da incompreensão da imprensa; contudo, seu artigo granjeou-lhe um seguidor. De fato, o pintor Nikolai Ge foi tão violentamente tocado pelo artigo que deixou sua fazenda nos confins da Ucrânia e embarcou no primeiro trem rumo a Moscou para abraçar o “grande homem” que o escrevera. Como Tolstói, Ge (descendente de um emigrante chamado Gay) tinha se voltado para questões religiosas e morais na década de 1870 e chegara às mesmas conclusões do escritor: a arte não deveria ser praticada em nome da obtenção de ganhos comerciais, ao passo que o trabalho braçal era o único caminho para a salvação da alma. No início de março de 1882, Ge bateu à porta da casa de Tolstói em Moscou, e a mútua constatação de que ambos comungavam das

mesmas crenças levou ao início de uma sólida amizade.

Ge teve sorte de encontrar Tolstói em casa. Naquela primavera, em diversas ocasiões Sônia se viu sozinha, arranjando-se por conta própria enquanto o marido batia em retirada para Iásnaia Poliana a fim de se recuperar do trauma de morar em Moscou, cidade que ele condenava como um “esgoto imundo”. Pela primeira vez, porém, Sônia se pegou quase desejando que Tolstói permanecesse em Iásnaia Poliana. Os cuidados com as crianças mantinham-na bastante ocupada (em 1882, dois de seus oito filhos ainda tinham menos de cinco anos de idade), mas ela também estava começando a dar os primeiros passos na sociedade moscovita. Na condição de condessa Tolstáia, Sônia ingressou em todos os melhores salões da cidade, e por ser a esposa do famoso romancista agora era também uma celebridade por seus próprios méritos — ela achou inebriante o fato de ser, pela primeira vez na vida, o centro de todas as atenções. Na juventude, Sônia não havia frequentado bailes e *soirées*, mas agora se preparava para levar uma vida vicária por meio de sua filha Tânia, prestes a completar dezoito anos — tanto quanto a filha, Sônia gostava de se vestir com aprumo para sair de casa. Em 1882 Sônia tinha apenas 38 anos e ainda era muito bonita e atraente. Tolstói, por sua vez, a essa altura desejava apenas simplificar sua vida, e não queria saber das convenções da sociedade elegante. Preferia gravitar em torno de camponeses sectários como Vassíli Síutaiev e ascetas como Nikolai Fiódorov, o “Sócrates de Moscou” e excêntrico filósofo-bibliotecário da Biblioteca Riumantsev que deplorava todas as posses materiais (recusava-se inclusive a receber salário) e dormia sobre tábuas cobertas apenas com seu puído sobretudo.

Realizado o recenseamento, Vassíli foi visitar Tolstói, e sua chegada causou grande agitação em Moscou. A minúscula seita que ele havia criado em Tver havia sido tema de um artigo recém-publicado no novo periódico *Pensamento Russo*, e a popularidade de Síutaiev era tão grande que uma galeria da cidade chegou a estocar exemplares de uma fotografia do sectário para vender aos clientes. Tolstói também convidou seu novo amigo Ilia Repin para ir a sua casa, ocasião em que poderia pintar um retrato de Síutaiev no estúdio do conde. Era tão grande a curiosidade em torno do profeta-camponês que amigos dos Tolstói que tinham ido visitar Sônia não hesitaram em abandonar a sala de estar e debandar para o estúdio a fim de ouvir o que Síutaiev tinha a dizer. Macha ficou particularmente irritada quando sua conversa com o sectário foi interrompida, e manifestou o desejo de que ele pudesse voltar outra noite para tomar uma xícara

de chá e continuar o debate. Entretanto, a visita de Síutaiev a Moscou foi abreviada assim que a notícia de sua presença chegou aos ouvidos do príncipe Dolgorukov, governador-geral da cidade, que rapidamente despachou um de seus gendarmes para prendê-lo e mandá-lo de volta a Tver (onde o clérigo local já o havia levado ao tribunal por ter se recusado a batizar o filho). Tolstói se negou a receber o jovem gendarme e bateu-lhe a porta na cara, o que incitou Dolgorukov a enviar um de seus oficiais, Vladímir Istomin, que era amigo da família do escritor. Tolstói respondeu de maneira brusca ao convite de Istomin para que comparecesse diante de Dolgorukov a fim de dar explicações: se o governador-geral estava tão interessado em falar com o conde, podia muito bem ir pessoalmente encontrá-lo em sua casa. Depois disso, Síutaiev e Tolstói foram proibidos de manter contato.

Sectário, o retrato que Repin pintou de Síutaiev, foi adquirido pela Galeria Trétiakov por recomendação de Tolstói. Mais tarde Repin pintaria uma série de célebres retratos do conde, com quem iniciaria uma amizade de 33 anos. O pintor ficou famoso em 1873, quando retratou em uma tela épica um grupo de camponeses miseráveis obrigados a viver em condições aviltantes puxando barcaças rio Volga acima, e dali por diante passou a ser considerado “o Tolstói da pintura”. Era, portanto, inevitável que se encontrasse pessoalmente com o Tolstói da literatura, assim como era inevitável que o autor de *Crítica da teologia dogmática* questionasse Repin acerca do tema de sua tela *Procissão religiosa*, em que vinha trabalhando quando recebeu em seu estúdio de Moscou uma visita surpresa, em certa noite do outono de 1880. Na opinião de Tolstói, o tema da tela de Repin — a procissão anual de 32 quilômetros que acompanha a jornada de um dos ícones mais preciosos da Rússia desde a catedral de Znamenski, em Kursk, até o Korennaia Hermitage, onde apareceu pela primeira vez — representava o epítome dos rituais e da superstição da Igreja Ortodoxa Russa, e o escritor não conseguia entender qual era o propósito de transformar a marcha solene em tema de pintura.

Desde sua primeira realização, no início do século xvii, a procissão de Kursk atraía um número cada vez maior de russos de todos os setores da sociedade, inclusive alguns membros da seita de Síutaiev, mas na década de 1880 mais de sessenta mil pessoas tomavam parte do trecho de cinco quilômetros da procissão em Kursk, incluindo a polícia montada, peregrinos carregando o ícone milagreiro, diáconos segurando estandartes, clérigos, o governador da província, seu estafe

devidamente paramentado, o bispo de Kursk ostentando o traje cerimonial, funcionários e seus familiares, comerciantes e camponeses, todos obedecendo a uma rigorosa sequência hierárquica. Talvez a incompreensão manifestada por Tolstói tenha surtido efeito, mas o fato é que quando a tela *Procissão religiosa na província de Kursk* foi concluída, três anos depois, a pintura de Repin tinha se transformado em um ataque mal disfarçado ao encarniçado sistema de castas russo, com fortes sugestões de que esse *status quo* era mantido por meio da brutalidade e da violência. Por seu conteúdo provocador, em sua primeira exibição pública em 1883 a tela atraiu quatro mil visitantes numa única semana, e foi adquirida pela Galeria Trétiakov pelo preço recorde de dez mil rublos, apesar da recusa de Repin de amenizar sua aguda crítica social.

Dois mundos bastante diferentes haviam se fundido durante a visita de Síutaiev à casa de Tolstói em 1882, mas foi uma exceção. Como bem sabiam Tolstói e sua esposa, os dois agora trilhavam caminhos divergentes. “A diferença entre meu marido e eu veio à tona não porque *eu* em meu coração tenha me afastado dele”, Sônia escreveu mais tarde; “*Eu* e meu coração continuamos sendo os mesmos de antes. *Ela* é quem se distanciou”. Se Sônia não tivesse que lidar com doze gravidezes, três abortos espontâneos e os consequentes surtos de doenças graves, e se não tivesse arcado com a responsabilidade de administrar a casa e cuidar de uma família numerosa, talvez pudesse ter seguido o marido em sua jornada espiritual e talvez tivesse tempo para ler livros. Ela entrara na vida adulta sob a tutela do marido, e agora Tolstói esperava que ela renunciasse a todos os valores que ele próprio havia inculcado nela e que, mansamente, o seguisse. Mas Sônia se perguntava como seria possível levar a vida adiante quase sem renda e com oito filhos para vestir e alimentar.

Sem se abalar pelo revés do recenseamento de Moscou, Tolstói agora canalizou à palavra escrita seu ardor missionário. Exceto por seu artigo sobre o censo e pelo conto “De que vivem os homens?”, o conde não publicava um texto inédito desde que a última parte de *Anna Kariênina* viera a lume em 1877. Agora, cinco anos depois, estava pronto para disseminar suas recém-descobertas ideias religiosas para um público mais amplo, e começou esse processo lendo o manuscrito de *Uma confissão* para Serguei Iuriev, um dos editores da revista *Pensamento Russo*. Também porque Tolstói havia rompido relações com Katkov e as portas de *Mensageiro Russo* estavam fechadas por causa das opiniões do conde acerca da Guerra Servo-Turca, *Pensamento Russo* era a opção óbvia a que recorrer.

Desde sua fundação em 1880 a revista ganhara eminente reputação em virtude de sua postura liberal — Prugavin, amigo de Tolstói, por exemplo, nela já havia publicado diversos artigos sobre cismáticos e camponeses sectários. Iuriev concordou em publicar *Uma confissão* assim que teve conhecimento do texto, e poucas semanas depois Tolstói já estava com as provas em mãos. A edição do periódico prevista para maio foi devidamente submetida ao censor religioso, e Tolstói e Iuriev alimentaram a esperança de que o número seria aprovado para publicação tão logo o conde acatasse as exigências de revisão.

A essa altura *Uma confissão* ainda se intitulava “Introdução a uma obra inédita”— a obra em questão era *Crítica da teologia dogmática*, a resposta de Tolstói à *Teologia dogmática ortodoxa*, do metropolita Makari. Todo texto secular que fizesse referência a questões de fé, ou que de alguma maneira tivesse qualquer relação com a Igreja, tinha obrigatoriamente de ser submetido à aprovação do comitê censor religioso, cujos membros estavam baseados no Mosteiro da Trindade–São Sérgio, nos arredores de Moscou, mas respondiam ao Santo Sínodo, o corpo administrativo secular da Igreja Ortodoxa Russa, cuja sede ficava em São Petersburgo. Em 21 de junho o comitê finalmente deu seu veredicto. Com base em um minucioso exame do texto de Tolstói, o arcepreste Filaret, prior do Seminário Teológico de Moscou, chegou à conclusão de que a atitude de Tolstói frente à ortodoxia era desrespeitosa, portanto seu artigo era inadmissível. O comitê exigiu que todas as cópias do texto fossem extirpadas de todos os exemplares impressos da revista e destruídas pela polícia. Apesar do édito, que ganharia as manchetes de inúmeros jornais do país, *Uma confissão* foi um sucesso de público. O interesse suscitado por qualquer obra nova de Tolstói era tão grande que várias figuras do alto escalão do governo exigiram que lhes fossem enviados exemplares da revista antes que tivesse início a destruição determinada pelo comitê censor, e logo esses exemplares tiveram ampla circulação. Inúmeras cópias também foram feitas a partir das poucas separatas das provas finais que haviam permanecido nos escritórios do *Pensamento Russo*, e que por sua vez foram hectografadas, litografadas e distribuídas por toda Rússia, com ajuda de uma organização estudantil em São Petersburgo especializada nesse tipo de *samizdat* (e cujo principal depósito era ironicamente um apartamento de São Petersburgo cujo proprietário tinha uma conexão indireta com o ministro de Assuntos Internos — o chefe da polícia russa). Era possível comprar um exemplar de *Uma confissão* por três rublos. Assim, o texto atingiu um público leitor

bem maior do que teria alcançado caso tivesse sido distribuído pelos meios legítimos — a revista *Pensamento Russo* tinha uma tiragem de três mil exemplares. A notícia chegou inclusive a Paris, de onde Turguêniev escreveu a Tolstói solicitando uma cópia. Embora tenha achado uma leitura bastante deprimente (em sua opinião o argumento do texto se baseava em falsos princípios, que levavam a um tipo de negação niilista de toda forma de vida humana), Turguêniev ainda considerava Tolstói o indivíduo mais extraordinário da Rússia.

Tolstói via *Uma confissão* como a primeira parte de uma tetralogia, das quais a segunda e terceira partes — *Crítica da teologia dogmática* e *Junção e tradução dos quatro Evangelhos* — continuavam inéditas. No verão de 1882 o conde debruçou-se sobre a tarefa de concluir uma primeira versão da quarta parte, *Em que acredito*. Se as três primeiras partes de seu novo e ambicioso projeto tinham o propósito de desmascarar a falsidade da doutrina da Igreja, o objetivo de *Em que acredito* era revelar o verdadeiro significado do cristianismo, conforme mostrado nos Evangelhos. Para Tolstói, esse significado estava contido essencialmente no Sermão da Montanha (Mateus 5-7), que em sua opinião oferecia a possibilidade de se criar o Paraíso na Terra. O conde também estava convencido de que os próprios ensinamentos da Igreja é que impossibilitavam as pessoas de seguir ao pé da letra os preceitos do Sermão da Montanha.

Concluir o primeiro esboço de *Em que acredito* produziu em Tolstói um estado de euforia espiritual e reacendeu um desejo que estava adormecido desde que o escritor dera início à tentativa de levar uma vida em consonância com os princípios religiosos e morais que ele vinha dolorosamente forjando para si mesmo. Tolstói queria abandonar sua família e romper por completo com sua vida anterior. Contudo, quando o conde anunciou a Sônia esse desejo, o resultado foi a primeira cisão séria entre os dois. A violenta discussão em uma noite quente de agosto, que os levou a dormirem separados, não foi facilmente esquecida. Sônia tinha devotado sua vida a Tolstói, aos textos do marido e à criação dos filhos. Ela já estava furiosa com a negligência do conde desde a mudança para Moscou, e a ideia de que Tolstói sairia de casa era devastadora. A verdade é que ele estava às voltas com um profundo conflito interior. Repudiava o estilo de vida aristocrático da família, mas ainda amava Sônia profundamente — nos turbulentos anos seguintes, teriam mais dois filhos — e tinha plena consciência de suas obrigações. Na primavera de 1882, depois de se resignar ao fato de que sua família se mudaria de qualquer maneira para Moscou, querendo

ele ou não, Tolstói saiu à procura de uma casa. Dias depois de despachar as provas de *Uma confissão* ao escritório do *Pensamento Russo*, o conde finalmente decidiu comprar uma velha casa de madeira em uma rua tranquila nos arredores do centro da cidade. Ele já tinha visitado a casa diversas vezes e fechou o negócio por 36 mil rublos. A seguir passou parte do verão supervisionando reformas e melhorias para que a família pudesse se mudar no início do outono.

Construída em 1808, a casa pertencera a um casal de comerciantes criadores de cães, e estava situada em uma área residencial não muito elegante. Sônia ficou desanimada quando foi pela primeira vez à alameda Dolgo-Khamovnicheski e viu a casa de aparência banal e em frangalhos, que tinha como vizinhos imediatos um hospício e uma cervejaria e ficava defronte a uma tecelagem. Em compensação, tinha um jardim viçoso e tranquilo que lhe dava o aspecto mais de propriedade rural do que de residência urbana. O que convenceu Tolstói a comprar a casa foi a profusão de rosas, groselheiras-espinhentas e árvores frutíferas do jardim. Naquele verão Tolstói trabalhou diligentemente: além de caiar e rebocar paredes, o conde consertou fornos, instalou papéis de parede, forrou com tacos o assoalho e comprou mobília. A família se mudou em 8 de outubro, feliz por finalmente se acomodar naquele que seria seu lar durante os meses de inverno. Enquanto Sônia se viu enredada em um frenesi de atividades, procurando manter os filhos sob controle e ao mesmo tempo distraí-los, naquele outono Tolstói se consolou estudando hebraico com um rabino de Moscou, que ficou boquiaberto quando, depois de poucas aulas, seu pupilo começou a discutir com ele sobre o significado de certas passagens do Antigo Testamento.

À medida que o tempo passava, Tolstói buscava cada vez mais ajustar aspectos de sua vida a seus ideais religiosos, e nesse sentido 1883 foi um ano crucial. Agora o conde usava roupas de camponês na cidade e em sua casa de campo, dispensava seu título sempre que possível e tentava não ser servido por criados, mas tinha consciência de que podia fazer muito mais. Em visita a Iásnaia Poliana em maio, depois de tentar extinguir as chamas de um incêndio que destruiu 22 casas de camponeses, Tolstói deu os primeiros passos no sentido de abrir mão de suas posses, incluindo suas obras literárias, dando a Sônia o poder de procuração para administrar suas propriedades e publicar seus livros. Imediatamente depois viajou pela última vez para Samara, onde vendeu seus cavalos e suas cabeças de gado e também dividiu suas terras em cinco lotes, a serem distribuídos aos camponeses. Durante o mês que passou na estepe, Tolstói

travou discussões acaloradas com um camponês revolucionário sob vigilância da polícia, e se esforçou para mostrar a ele que o uso da violência era imoral e fútil. Também escreveu a Sônia contando que havia renovado seu contato com os *Molokáni* locais, com quem teve longas conversas sobre cristianismo. Tolstói sabia muito bem que esse contato chamaria a atenção da polícia, mas apesar das apreensões de Sônia, sua resposta foi: “Que me denunciem!”.

Destemido como era, provavelmente Tolstói não sabia da extensão da operação policial que havia sido montada para vigiar seus passos. Ao mesmo tempo a polícia não fazia ideia dos problemas que Tolstói viria a causar nos anos vindouros. No verão de 1881 os encontros de Tolstói com Alexander Prugavin e os *Molokani* na estepe tinham sido imediatamente informados por um padre local ao bispo de Samara, e desde então a questão havia sido transferida para o Ministério de Assuntos Internos em São Petersburgo, que agora começara a monitorar as “atividades perniciosas” do escritor. Em setembro, pela primeira vez desde 1862 (quando as atividades de sua escola tinham sido pretexto para a batida policial realizada em Iásnaia Poliana à procura de material sedicioso), Tolstói foi colocado sob vigilância secreta permanente. Em dezembro daquele ano, o conde foi nomeado para assumir a função de Marechal da Nobreza em seu distrito pelo governo de Tula, que ainda não tinha sido informado da operação de vigilância. Sem saber que Tolstói recusara imediatamente a improvável nomeação, o procurador-chefe do Santo Sínodo, Konstantin Pobedónostsev, escreveu para alertar o novo ministro de Assuntos Internos, o conde Dmítri Tolstói (o parente distante que na década de 1870 tinha sido ministro da Educação):

Em anos recentes as fantasias do conde Tolstói mudaram subitamente mais uma vez, e ele sucumbiu à mania religiosa. Isso resultou em seu completo afastamento do cristianismo — no sentido da crença. Ele elaborou uma versão dos Evangelhos em suas próprias palavras, com um comentário eivado de cinismo em que prega a moral cristã no sentido racionalista, rejeitando a existência de um Deus pessoal e a divindade de Cristo, o salvador. Ele pretendia publicar essa obra no estrangeiro, mas se conteve a pedido da esposa (seu filho mais novo ainda não foi batizado, apesar dos apelos da esposa), e agora o texto circula em manuscrito. O conde está em contato com todas as seitas racionais, os *Molokáni*, [os *Síntaievias*], e assim por diante [...].

De fato, os movimentos de Tolstói durante sua viagem a Samara no verão de 1883 foram acompanhados de perto. Um agente da polícia local informou que Tolstói tinha pregado o princípio da igualdade a um grupo de camponeses, a

quem exortou que renunciassem à propriedade privada e rejeitassem o governo. Poucos dias depois um novo informe declarava que ele estava persuadindo camponeses de que era perda de tempo decorar igrejas e frequentar cerimônias religiosas. Dali por diante a polícia passou a seguir assiduamente cada movimento de Tolstói, registrando em boletins regulares suas chegadas e partidas de Moscou.

Em julho, quando regressou a Iásnaia Poliana, Tolstói encontrou uma breve carta de Turguêniev, com quem vinha mantendo uma afetuosa correspondência. Turguêniev o informou de que estava em seu leito de morte, mas essa não era a principal razão pela qual escrevia:

Francamente, estou escrevendo para lhe dizer como estou feliz por ter sido seu contemporâneo e para expressar-lhe meu último e sincero pedido. Meu bom amigo, retorne à literatura! O talento veio para você da mesma origem que o resto. Oh, como eu ficaria feliz se pudesse pensar que meu pedido teve algum efeito sobre você! Sou um homem condenado — os médicos sequer sabem como chamar minha doença, *Névralgie stomacale goutteuse*. Não consigo andar, não posso comer, nem dormir, mas e daí?! Aborreço-me até mesmo falar sobre isso! Meu amigo, o grande escritor da Rússia — considere meu pedido! Responda-me avisando que recebeu este bilhete e aceite mais uma vez meu abraço, a você e sua família, com muito, muito carinho. Não posso escrever mais, estou muito cansado.

Tolstói ficou profundamente comovido pela carta (ainda que mais tarde é provável que tenha ficado bastante aborrecido com a expressão “o grande escritor da Rússia”, que acabou se tornando um clichê invariavelmente atrelado ao seu nome). Turguêniev morreu no mês seguinte, sem saber que o amigo retornara parcialmente à literatura. Em 1881 Tolstói tinha começado a escrever uma nova novela que mais tarde receberia o título de *A morte de Ivan Ilitch*. Ele deixou o texto de lado em 1883, mas retomou-o no ano seguinte, apaziguando Sônia, que também ansiava que o marido retomasse a ficção de modo que ela mais uma vez pudesse voltar a fazer parte de seu trabalho criativo, atuando como copista.

Embora não tivesse retornado à literatura da maneira como Turguêniev gostaria (a ficção nunca mais voltou a ser o centro de suas atenções), mesmo assim Tolstói queria homenagear o amigo. Portanto, aceitou de bom grado o convite para discursar na reunião comemorativa da veneranda Sociedade de Literatura Russa de Moscou — planejada para o final de outubro de 1883 —, talvez porque estivesse com a consciência pesada, depois de ter arrogantemente se recusado a tomar parte das celebrações de Púchkin em 1880. A notícia de que Tolstói faria uma leitura pública se espalhou rapidamente pela cidade, e era um fato importante a ponto de ser veiculado pela imprensa. O chefe da censura à

imprensa não demorou a escrever ao ministro de Assuntos Internos: “Tolstói é um lunático, dele pode-se esperar qualquer coisa: talvez diga coisas inacreditáveis, o que vai causar um tremendo escândalo”. Dmítri Tolstói agiu prontamente, comunicando o governador de Moscou, o príncipe Dolgorukov, que prontamente proibiu a realização da reunião comemorativa. A *intelligentsia* de Moscou ficou decepcionada.

Naquele outono, o conde Dmítri Tolstói foi obrigado a lidar com seu anárquico parente acerca de outra questão. Nomeado para atuar como jurado do tribunal regional de Tula, Tolstói se recusou a comparecer, alegando motivos de ordem religiosa, e o fato também foi noticiado pelos principais jornais da Rússia. Temendo que a autoridade das cortes do país pudesse ser solapada caso outras pessoas resolvessem seguir o exemplo do conde, dessa vez Dmítri Tolstói expressou suas preocupações ao tsar. Mas Tolstói era irrefreável. Em 1883, partes de *Uma confissão* começaram a aparecer no jornal de emigrantes revolucionários *A causa comum*, sediado em Genebra. A primeira edição integral de *Uma confissão*, agora já com esse título, foi preparada pelo editor do jornal, Mikhail Elpidin, no ano seguinte. Elpidin era outro ex-seminarista convertido em revolucionário que tinha escapado da prisão e fugido para o exterior, onde também publicou a primeira edição de *Que fazer?*, de Tcherníchevski, em 1867. Essa edição estrangeira de *Uma confissão* foi reimpressa diversas vezes. Em junho de 1883, uma edição francesa do *Evangelho resumido* também foi publicada por um periódico de Paris. Seu tradutor, Leonid Úrusov, vice-governador de Tula e amigo simpático às ideias de Tolstói, já tinha começado a trabalhar na tradução para o francês de *Em que acredito*. Tolstói tinha planejado publicar este texto na revista *Pensamento russo*, prevendo que tão logo o censor decretasse sua proibição — o que certamente aconteceria —, cópias hectografadas acabariam circulando, exatamente como no caso de *Uma confissão*. Porém, o texto tinha ficado volumoso demais para sair como artigo, por isso Tolstói resolveu publicá-lo em forma de livro. O trabalho de escrita de *Em que acredito* tinha sido intenso, mas no início de outubro um exausto mas exultante Tolstói estava pronto para entregar o manuscrito para a composição. Na parada que fez em Tula a caminho de Moscou, o conde conheceu um homem interessante: Ivan Minaiev, estudioso de sânscrito e professor de filologia comparada da Universidade de São Petersburgo, o maior especialista russo em budismo, que já tinha feito inúmeras viagens por toda a Índia. O interesse de Tolstói pelas religiões orientais cresceria

exponencialmente em suas últimas décadas de vida, e nessa ocasião ele bombardeou Minaev, por mais de cinco horas, com perguntas sobre aspectos do budismo que desejava esclarecer.

Embora se sentisse extremamente solitário em meio a uma família que não o compreendia, Tolstói estava começando a encontrar mais pessoas instruídas com quem podia ter conversas profícuas, pessoalmente ou por carta. A primeira delas tinha sido o tutor de seus filhos, Vassíli Aleksieiev, que se mudara para a propriedade do conde em Samara em 1881 na condição de tutor, e com quem ainda mantinha contato regular. As pessoas também estavam começando a ir até Tolstói. O conde dera início a uma breve e intensa correspondência com um ex-estudante universitário exilado na propriedade do pai na província de Smolensk. Mas foi em Vladímir Tchertkov, que visitou Tolstói em Moscou em outubro de 1883, que o escritor encontrou um espírito afim e seu discípulo mais fiel. A partir desse ponto e até a morte de Tolstói, Tchertkov ocuparia lugar cada vez mais importante na vida do conde, como amigo íntimo e parceiro na missão de disseminar o que ambos consideravam o verdadeiro cristianismo.

Tchertkov tinha 29 anos quando conheceu Tolstói, que por sua vez estava com 55. Tchertkov não possuía título de nobreza, mas sua origem familiar era ainda mais ilustre do que a de Tolstói. Seu pai e sua mãe descendiam de antigas e tradicionais famílias aristocráticas (um parente paterno tinha fundado a Biblioteca Tchertkov, onde Tolstói trabalhara quando estava escrevendo *Guerra e paz*), e eram bastante íntimos da corte. Na infância, Tchertkov e o futuro Alexandre III tinham sido amigos, ao passo que Alexandre II visitava com frequência a opulenta mansão da família em São Petersburgo. Desde a adolescência Tchertkov gozou da predileção do tsar: além de convidar o rapaz para o palácio Romanov em Livadia, na Crimeia, Alexandre II sempre o escolhia para integrar a guarda da cavalaria nos desfiles. Aos dezenove anos, depois de receber uma educação de elite, Tchertkov seguiu os passos do pai e ingressou no exército, onde uma brilhante carreira o aguardava. Além de tremendamente abastado, “Le beau Dima”, como era conhecido, era um homem alto e bonito, e seu nome figurava em todas as listas de convidados dos bailes e reuniões sociais mais exclusivos. Tchertkov também tinha a fama de ser um tanto excêntrico: em certa noite de gala, sua recusa em dançar com a imperatriz Mária Fiódorovna causou sensação em um mundo que levava extremamente a sério o protocolo. Em 1897, Tchertkov tirou uma licença de onze meses, período que passou na

Inglaterra; quando retornou, chocou os pais ao informá-los que pediria baixa do exército. Desde 1881, ele vinha morando em Lizinovka, a enorme propriedade dos pais na província de Voronej, onde tinha se dedicado a obras filantrópicas em benefício dos camponeses, ajudando a construir escolas, bibliotecas e instalações para escolas profissionalizantes.

O desejo de Tchertkov de dedicar sua vida ao campesinato não foi a única razão pela qual sentiu-se atraído por Tolstói. Ele também sofreu influência e inspiração dos ideais da Igreja Ortodoxa que inicialmente herdara da mãe, que se tornara evangelizadora protestante depois da morte prematura de seus filhos (o mais velho e o caçula). Sua mãe, Elizaveta Ivánovna, teve papel instrumental ao trazer lorde Radstock à Rússia, em 1874. Ela introduziu o missionário britânico a todos os salões de São Petersburgo e o apresentou a seu irmão, o coronel Vassíli Pachkov, que deu continuidade ao trabalho de Radstock depois que o lorde foi expulso da Rússia em 1878. Um dos homens mais ricos do país, Pachkov também tinha origem aristocrática, mas depois de se converter em cristão evangélico trocou os salões da alta sociedade por encontros de oração realizados em sua casa, reuniões que por vezes atraíam mais de mil seguidores. Também tinha fundado a Sociedade para o Encorajamento da Leitura Espiritual e Ética, que disseminou exemplares dos Evangelhos traduzidos para o russo e outros livros edificantes. Quando Tchertkov foi para a Inglaterra, naturalmente se encontrou com lorde Radstock, que o introduziu à elite aristocrática e política britânica, incluindo o futuro Eduardo VI.

Tchertkov tinha praticado um estilo cristão de vida desde que retornara da Inglaterra, mas não era um evangelista como sua mãe. Suas ideias religiosas estavam mais afinadas com as crenças de Tolstói, o que explica por quê, quando se encontraram, tiveram a sensação de serem velhos amigos. Tolstói foi a primeira pessoa que Tchertkov conheceu com quem pôde compartilhar a opinião de que o cristianismo e o serviço militar eram incompatíveis. Já Tolstói ficou deslumbrado com o jovem visitante, e a amizade que imediatamente se firmou fortaleceu-se não apenas pelas convicções religiosas de ambos, mas pela origem aristocrática comum. Tchertkov tinha encontrado seu Messias, e Tolstói tinha encontrado o confidente pelo qual tanto ansiava. Ao longo dos anos, boa parte da comunicação entre Tolstói e Tchertkov se deu por meio de cartas, correspondência que preenche cinco volumes das *Obras completas* de Tolstói na edição que Tchertkov lançou na década de 1920. Em Tchertkov, Tolstói

encontrou também uma inesperada fonte de proteção, pois graças às formidáveis relações que seu jovem amigo tinha na corte os dois puderam se aventurar com certo grau de impunidade na realização de seu planejado programa de atividades. Além de propor a criação de uma editora, Tchertkov queria ajudá-lo a disseminar seus textos no exterior, e logo após sua primeira reunião começou a traduzir *Em que acredito* para o inglês, língua que dominava com perfeição.

Outro amigo novo que propiciou apoio moral crucial nas últimas etapas de elaboração de *Em que acredito*, quando Tolstói se sentia uma “máquina de escrever”, foi Nickolai Ge, que rumou para Moscou a fim de pintar um retrato do conde em 1884. Em contraste com o retrato de Kramskói, em que o escritor encara com olhar firme e imperturbável o espectador, Ge retratou Tolstói sentado a sua mesa de trabalho, a pena na mão, a cabeça curvada sobre o manuscrito, em profunda concentração. Ao optar deliberadamente por não mostrar os olhos de Tolstói, Ge rompeu as regras convencionais da arte do retrato, e muitos ficaram chocados quando sua tela foi exibida pela primeira vez. Como Tolstói, Ge era um fervoroso adepto do trabalho manual (sua especialidade era construir fornos), e foi um dos primeiros tolstoístas. Tentou seguir ao pé da letra os preceitos de Tolstói, e tornou-se um vegetariano radical — às vezes, passava dias quase sem comer. Também tentava corajosamente se obrigar a comer coisas de que não gostava, portanto recusava trigo-mouro e mastigava penitentemente pratos de trigo com óleo de cânhamo — ou sem óleo algum — em vez de manteiga. Em 1886 Ge cedeu todas as suas propriedades para a família. Como Tolstói, tinha uma esposa que não comungava de suas convicções.

A estratégia de Tolstói para que *Em que acredito* passasse pelo crivo do censor foi escrever de um ponto de vista deliberadamente subjetivo, imprimir apenas cinquenta cópias e definir o preço de venda em exorbitantes 25 rublos, mas estava se iludindo se achava que sua inequívoca rejeição tanto do poder eclesiástico como secular passaria em brancas nuvens. Em 18 de fevereiro de 1884, as 39 cópias remanescentes na tipografia foram confiscadas, mas para a alegria de Tolstói não foram destruídas e sim enviadas a São Petersburgo, onde, juntamente com os oito exemplares que o conde havia solicitado para submeter à inspeção, acabaram nas mãos de figuras do alto escalão do governo e da corte imperial, ávidas por ler a mais recente obra de Tolstói. Depois, essas autoridades passaram o livro adiante para outros leitores. Num piscar de olhos, *Em que acredito* estava sendo litografado e vendido a quatro rublos a cópia. O próprio Tolstói foi

um cúmplice voluntário da ilegal operação *samizdat*, pagando a escribas quinze rublos para que fizessem cópias do manuscrito para distribuição. Não demorou para que aparecessem também versões em francês, alemão e inglês.

Em que acredito, uma obra importante para Tolstói, foi sendo germinada em seus escritos religiosos anteriores. Ele tomou especial cuidado com a exposição do que era a primeira explicação sistemática de suas ideias éticas e religiosas, seu “credo”. Tolstói queria uma religião que resistisse ao escrutínio racional. Queria um conjunto claro e direto de regras a seguir em sua vida diária, e as encontrou nos cinco mandamentos formulados por Jesus no Sermão da Montanha, que podem ser resumidos da seguinte maneira:

1. Viver em paz com todos os homens (“qualquer um que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento”).
2. Não desejar a mulher do próximo (“qualquer um que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração”) e não se divorciar (“todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério”).
3. Não tomar o santo nome de Deus em vão (“não jurem de forma alguma: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei”).
4. Não resistir ao mal (“se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra”).
5. Não odiar seu inimigo (“amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem”).

Se todos seguissem esses mandamentos, não haveria mais guerras, tampouco a necessidade de exércitos. De fato, os preceitos de uma vida tolstoísta implicariam a erradicação da necessidade de tribunais, forças policiais, propriedade privada e toda e qualquer forma de governo. A moralidade era a pedra angular do cristianismo para Tolstói, que agora via a vida em termos simples. Como ele escreve em *Em que acredito*:

Tudo aquilo que antes me parecia bom e nobre — ambição, fama, educação, riqueza, um estilo de vida complexo e sofisticado, grupo social, comida, roupas e maneiras refinadas — tornou-se ruim e sórdido. Tudo o que antes me parecia ruim e sórdido — o estilo de vida camponês, a obscuridade, pobreza, crueza, a alimentação simples, ambiente, roupas e maneiras — agora tornou-se bom e nobre.

Não surpreende que mais tarde Nikolai Berdiaev tenha definido como um dos muitos paradoxos de Tolstói o fato de que esse homem que era russo até os ossos agora estava começando a pregar “a religiosidade anglo-saxã”, pois havia extraordinários paralelos entre o credo de Tolstói e as ideias reformistas que

Matthew Arnold vinha fomentando na Inglaterra vitoriana na década de 1870.

Como Tolstói, em seus últimos anos de carreira, Arnold foi progressivamente voltando suas atenções a questões religiosas, embora em seu caso tenha sido impelido pelo desejo de contornar a crise causada pela resistência dos teólogos conservadores da Igreja da Inglaterra ao violento ataque do pensamento racional e científico (*Origem das espécies*, de Charles Darwin, tinha sido publicado em 1859). Tolstói, é claro, tinha se encontrado pessoalmente com Arnold em Londres em 1861; em 1885, quando leu *Literature and Dogma: An Essay towards a Better Apprehension of the Bible*, [Literatura e dogma: um ensaio para uma melhor compreensão da Bíblia], o polêmico livro que Arnold publicara em 1873, o conde escreveu ao amigo uma carta entusiasmada, afirmando em tom exclamativo que ali tinha encontrado metade de suas ideias. Tolstói providenciou o envio de um exemplar de *Em que acredito* a Arnold assim que saiu a tradução. De resto, foi Arnold quem acabou despertando o interesse por Tolstói na Inglaterra, país onde era praticamente desconhecido até meados da década de 1880. No ensaio que publicou em 1887, poucos meses antes de sua morte, Arnold introduziu aos leitores britânicos a ficção de Tolstói. Além de apresentar fortes e convincentes argumentos para provar a superioridade de *Anna Kariênina* em relação a *Madame Bovary*, Arnold também expôs um sumário da filosofia religiosa de Tolstói formulada até então. Mesmo simpático ao ímpeto geral do ideário tolstoiano, Arnold tinha comentários judiciosos a fazer. Embora não tenha tido a oportunidade de ler os textos religiosos tardios do amigo russo, a exposição que faz da falha básica do pensamento de Tolstói, com base na leitura de *Em que acredito*, é em muitos aspectos insuperável em sua lucidez e concisão:

O cristianismo não pode ser condensado em um conjunto de mandamentos. Como afirmei em algum lugar, “O cristianismo é uma fonte; nenhum suprimento de água ou refresco que dele advém pode ser chamado de essência do cristianismo. É um erro, e que pode levar a outros erros, exibir qualquer série de máximas, mesmo as do Sermão da Montanha, como a definitiva essência e fórmula por meio da qual o cristianismo pode se desenvolver.

Tolstói, contudo, não era homem de fazer concessões. Na primavera de 1884, enquanto se recuperava do exaustivo processo de escrita de *Em que acredito* e dos vários estágios de leitura e revisão de provas (o número de alterações que ele acrescentou custou-lhe a mesma soma que teve de pagar pela composição), aprendeu a remendar sapatos, leu Confúcio e Lao-Tsé.

A vida familiar na casa dos Tolstói em Moscou nos primeiros meses de 1884 era surreal. Em uma parte da casa, vigiado de perto pelo governador-geral Tolstói estava restringindo ao mínimo suas pegadas na terra e condenando atividades depravadas tais como uso de adornos físicos e a dança nos bailes. Em outra parte da casa, Sônia e Tânia se vestiam com aprumo em tule e veludo para ir a bailes de gala da sociedade, onde conviviam com o governador-geral, que se desdobrava para ser amigável e cair nas graças das duas. Embora estivesse grávida mais uma vez e ainda amamentando seu filho Aliocha, então com dois anos, Sônia agora estava determinada a se divertir. Tolstói deplorava o dinheiro que a esposa vinha gastando para introduzir Tânia na sociedade moscovita naquele ano. Cada vestido chegava a custar 250 rublos, quantia que Tolstói sabia ser suficiente para comprar 25 cavalos. O conde se desgastava também por pensar nos cocheiros tremendo de frio do lado de fora das grandes mansões enquanto seus patrões festejavam, por isso teve de fugir para Iásnaia Poliana a fim de descansar seus nervos em frangalhos. Por sua vez, Sônia também sofria ao pensar no marido sentado em casa usando suas velhas meias de lã e costurando botas mal-ajambradas para a velha criada, Agáfia Mikháilovna, enquanto seus filhos adolescentes Ilia e Liev agiam como delinquentes e negligenciavam os estudos. Sônia se queixava com a irmã de que estava farta de ter como marido um “tolo santo”, que negligenciava suas funções de pai e já não demonstrava o menor interesse em tomar parte da vida familiar. Enquanto Sônia escrevia cartas para a irmã, Tolstói registrava em seu diário e em cartas a Tchertkov a discórdia com a esposa, o que o impedia de alinhar sua vida familiar às suas convicções. Ele sentia que era a única pessoa sã vivendo em um hospício dirigido por loucos. Mas o louco era Tolstói, a julgar pela opinião de seu irmão Serguei, que, como Sônia, não se compadecia pelo sofrimento do conde.

As relações continuaram tensas naquele verão depois que a família regressou a Iásnaia Poliana e, como sempre, Tânia chegou com os filhos para se hospedar na outra casa (via de regra, o marido de Tânia, Alexander Kuzminski, não os acompanhava). Os dias de verão que Sônia passava com a irmã ainda eram a época mais feliz do ano, porém o abismo entre ela e o marido aumentava cada vez mais. Tolstói agora acordava cada dia mais cedo, para que assim pudesse fazer mais atividades físicas, e passava longos dias ceifando com os camponeses. Agora também havia parado de comer carne e de beber vinho, e tentou abandonar o hábito de fumar. Contudo, sua autodisciplina não era suficiente para

que mantivesse a calma em suas alterações com Sônia, e no início de junho o escritor desejou ir embora de Iásnaia Poliana e deixar para trás sua família. Houve uma briga particularmente violenta sobre dinheiro em 17 de junho, pouco antes de Sônia dar à luz. Na mesma tarde, Tolstói decidiu sair de casa, e já estava a meio caminho de Tula quando o sentimento de culpa fez com que mudasse de ideia e voltasse. Quando os dois homens barbados jogando cartas dentro de casa (dois de seus filhos) lhe disseram que o restante da família estava do lado de fora jogando croqué, ele se recolheu a seu estúdio e foi acordado às três da manhã por Sônia, que tinha entrado em trabalho de parto.

O nascimento de Aleksandra (Sacha) não foi uma ocasião feliz — Sônia não queria mais filhos, estava apavorada de dar à luz, e dessa vez, em um ataque de ressentimento, tinha contratado uma ama de leite — o que para Tolstói era um pecado. Mais tarde, ela explicou em sua autobiografia que nesse período Tolstói vinha se comportando com enorme frieza e agindo de forma tão desagradável e tão pouco solícita que ela não teve o menor remorso de contrariá-lo. Naquele mês de julho, Sônia se sentiu tão infeliz que foi inevitável despejar suas mágoas em uma carta à antiga confidente de seu marido, Alexandrine. “Liovochka jamais esteve em estado de espírito *tão* extremado”, ela escreveu, indicando o quanto estava difícil encontrar um denominador comum com o marido. Sônia também achava injusto que Tolstói reclamasse dela em cartas aos amigos e correspondentes, dizendo o quanto se sentia solitário. Sem dúvida Alexandrine foi compreensiva. Desde o desentendimento que tivera com Tolstói por suas visões divergentes com relação ao cristianismo, seu irascível parente mal tinha entrado em contato com ela, e de repente, naquela primavera, o conde a bombardeava com quatro cartas seguidas, em rápida sucessão. Tolstói queria que Alexandrine intercedesse em nome de Anna Armfeldt, viúva de um professor da Universidade de Moscou, cuja filha Natália era uma revolucionária que tinha sido sentenciada a uma pena de catorze anos de trabalhos forçados em Kara, prisão particularmente cruel no leste da Sibéria, junto à fronteira norte com a China (onde os condenados trabalhavam em minas de ouro). Natália tinha tuberculose, razão pela qual sua mãe queria obter permissão para estabelecer residência perto dela.

As relações entre Tolstói e Sônia melhoraram um pouco depois que ela adoeceu em decorrência de complicações pós-parto. Em julho Tânia informou a seu marido ausente que a irmã ainda estava fraca e que seu cunhado continuava

insistindo em vender tudo e dispensar os criados, mas que pelo menos agora estava mais solícito. Durante esses anos tensos uma das raras fontes de alegria era a “caixa postal” de Iásnaia Poliana. Todos os membros da família eram convidados a colocar histórias, contos, poemas, anedotas e notícias anônimos dentro de uma caixa trancada e colocada junto ao relógio de pêndulo para as leituras de domingo em volta do samovar. Em 22 de agosto de 1884, aniversário de Sônia, Tolstói compilou 23 histórias médicas para os doentes mentais internados na ala psiquiátrica do hospital de Iásnaia Poliana, cada qual acometido de alguma mania particular. Ele começou descrevendo a si mesmo, definindo sua própria mania como um caso de *Weltverbesserungswahn* (desejo de melhorar o mundo), cujos sintomas eram a insatisfação com o *status quo*, a reprovação e condenação de todos menos de si mesmo, uma loquacidade irritante, sem a menor consideração pelos ouvintes, e frequentes variações de humor, que iam de arroubos de fúria e irritabilidade a uma sensibilidade anormal e lacrimosa. Com cura, Tolstói prescreveu a completa indiferença de todos ao seu redor por qualquer coisa que ele dissesse.

Tolstói diagnosticou sua esposa como um caso de *petulantia toropigis maxima* (pressa ingovernável), condição que faz com que o paciente acredite que tudo depende dele, e sinta, ao mesmo tempo, o temor de que não será capaz de fazer tudo. Em sua autobiografia, Sônia registra alguns dos “Ideais de Iásnaia Poliana” que foram postados:

- Liev Nikoláievitch: pobreza, paz e harmonia. Queimar tudo aquilo por que tinha reverência, e ter reverência por tudo aquilo que ele queimou.
- Sôfia Andréievna: Sêneca. Ter 150 bebezinhos que nunca crescerão.
- Tatiana Andréievna: juventude eterna, emancipação feminina.
- Ilia Lievitch: Esconder cuidadosamente de todos o fato de que tem coração e dar a impressão de que matou cem lobos.

Sônia não tinha muito tempo para dedicar à leitura, mas adorava folhear a edição francesa das obras completas do filósofo estoico, que seu amigo Leonid Úrusov tinha emprestado, juntamente com textos de Marco Aurélio, Platão e Epiteto. Nessa época Tolstói estava debruçado sobre a filosofia transcendentalista de Ralph Waldo Emerson.

No outono de 1884 as relações familiares estavam bem melhores, em parte porque Tolstói ficou por mais algumas semanas em Iásnaia Poliana depois que

todos partiram para Moscou, e assim ele pôde viver de acordo com os próprios ideais. Depois de dispensar o cozinheiro e o zelador, Tolstói cozinhava os próprios pratos simples — como nabo assado —, acendia sozinho o samovar, parou de usar cavalos e toda noite caminhava sozinho até a estação ferroviária para pegar a correspondência e postar as cartas que escrevia a Sônia. O conde também fazia suas caminhadas durante o dia: descia até a estrada para retomar sua conversa com os peregrinos. Tolstói relatou a Sônia seu encontro com dois velhos *Stranniks* da Sibéria que tinham dedicado a vida à peregrinação permanente e estavam retornando de Jerusalém até o monte Atos, jornada que haviam feito sem um único copeque. No outro dia Tolstói encontrou dois cavaleiros do extremo norte da Rússia e convidou-os para tomar um chá em Iásnaia Poliana — os dois secaram completamente o samovar. Naquele outono Tolstói decidiu por fim abandonar o hábito de caçar, tendo descoberto, além de uma sensação de vergonha, que agora, quando saía montado a cavalo acompanhado de seus cães, torcia para que a caça escapasse. Isso acarretou uma mudança significativa em sua rotina (sua filha Tânia já tinha anotado em seu diário que alguns anos antes o pai havia matado 55 coelhos e dez raposas em um único outono). Abrindo mão dos serviços do administrador da propriedade, agora Tolstói também decidiu assumir pessoalmente o controle de todo o trabalho de cultivo agrícola em Iásnaia Poliana, e ficou animado ao saber que Sônia decidiu que não levaria Tânia para uma segunda temporada na alta sociedade moscovita, e que ela própria não participaria dos eventos sociais mais prestigiosos. A dinâmica no âmbito da família estava começando a mudar, o que dava alento a Tolstói. Embora a relação do escritor com os filhos tenha em larga medida continuado bastante fria, suas filhas mais velhas — especialmente Macha — estavam aos poucos debandando para o lado do pai e encampando seus pontos de vista.

Em novembro de 1884 Tolstói publicou duas das versões de capítulos iniciais que escrevera para seu romance (abandonado) sobre os dezembristas. Eram os primeiros textos ficcionais que ele publicava para uma plateia instruída desde *Anna Kariênina*, mas agora estava empenhado de corpo e alma em um projeto concebido por Vladímir Tchertkov. Tolstói e Tchertkov vinham mantendo uma intensa correspondência (o escritor já tinha enviado 36 cartas desde seu primeiro encontro com o discípulo no ano anterior), e entre os tópicos de discussão estava um plano para a produção de literatura de qualidade para as

massas. Tchertkov queria emular os panfletos que haviam sido publicados sob os auspícios da (agora banida) Sociedade para o Encorajamento da Leitura Espiritual e Ética por Vassíli Pachkov, que a essa altura tinha sido exilado em definitivo pelo governo. Tchertkov tinha se encontrado com Vassíli na Inglaterra naquele verão, e constatou que a publicação de livros baratos para as massas era um excelente meio para a promoção do novo credo de Tolstói. O conde ficou empolgado e se dispôs de bom grado a colaborar, e os dois amigos discutiram mais a fundo esses planos quando Tchertkov foi a Moscou em novembro. Depois de uma produtiva reunião com Ivan Sitin, jovem editor de gravuras e xilogravuras que subira na vida depois de começar como aprendiz em uma livraria, Tchertkov estava pronto para assinar um contrato. A nova casa editorial recebeu o nome de “Posrednick” (O intermediário), e seu projeto era publicar literatura — russa e estrangeira, em tradução — de alta qualidade, acessível e com ilustrações, vendida por alguns copeques. Isso só se tornou possível graça à polpuda mesada que a mãe de Tchertkov dava ao filho — vinte mil rublos anuais, mais do que a soma de todos os gastos da família de Tolstói em um ano. A riqueza de Tchertkov era um raro mas duradouro pomo da discórdia entre os dois amigos.

Em abril de 1885 Tchertkov abriu uma livraria em Moscou, comprou um depósito e contratou uma jovem assistente, com quem mais tarde se casaria, e um coeditor, Pável Bíriukov, que se tornaria outro devotado amigo e discípulo de Tolstói (mais tarde ele escreveria uma volumosa e reverente biografia do escritor). Formado pela Academia Naval, Bíriukov vinha trabalhando como físico do mais importante observatório de São Petersburgo. Tinha origem nobre, mas em termos hierárquicos ocupava lugar mais baixo do que Tchertkov e Tolstói, o que foi um obstáculo quando, anos mais tarde, tentou se casar com a filha do conde, Macha.

O intermediário foi um estrondoso sucesso — nos primeiros quatro anos de existência, vendeu doze milhões de seus livrinhos. A editora preencheu uma verdadeira lacuna no mercado, em que além de hagiografias e histórias de mau gosto e péssima qualidade havia pouquíssima oferta de títulos para o crescente público leitor formado por camponeses alfabetizados e trabalhadores urbanos. Tolstói aconselhava Tchertkov sobre os autores que a editora deveria publicar (incluindo Dickens e Eliot), mas também fez valiosas contribuições com textos de sua autoria. Para Tolstói, O Intermediário representava a oportunidade de continuar o trabalho que iniciara com seus livros de leitura elementar exatamente

do ponto em que tinha parado; de fato, uma das publicações da editora foi seu conto “O prisioneiro do Cáucaso”, escrito na década de 1870 para sua *Cartilha*. Ao longo dos anos seguintes, Tolstói também escreveu novas e primorosas histórias tanto para O Intermediário como para um grupo seletivo de revistas. Essas historietas eram consideravelmente mais elegantes e bem trabalhadas do que as botas que ele fazia — e que descrevia orgulhosamente para Sônia como “*un bijou*”. Tolstói era especialista em recriar fábulas e contos folclóricos de maneira simples e cheia de vida, lançando mão de humor e de um admirável toque de leveza na moral contida em cada história.

Enquanto estava ocupado escrevendo histórias para as massas, sua esposa aprendia os truques de uma área diferente do setor editorial. As ansiedades de Sônia por causa da diminuição da renda da família levaram Tolstói a sugerir que ela mesma se incumbisse de supervisionar a edição seguinte de suas obras reunidas e suas *Cartilhas*. Até então as vendas das obras completas eram gerenciadas pelo marido de sua sobrinha Vária (filha de Macha). Agora Sônia decidiu se encarregar dos direitos de publicação dos livros do marido, e converteu em armazém o anexo de sua casa de Moscou. Em janeiro de 1885 Sônia pôs mãos à obra, e no mês seguinte começaram a chegar as provas da quinta e nova edição. Entre os novos textos concluídos a partir de 1881 e destinados a aparecer no novo décimo segundo volume dessa edição incluíam-se sua novela *A morte de Ivan Ilitch*, o conto “Kholstomér: a história de um cavalo” e algumas histórias que ele tinha escrito para O Intermediário, incluindo “O conto de Ivan, o tolo”. Em fevereiro, Sônia foi a São Petersburgo a fim de obter permissão para a publicação do volume e também para consultar a viúva de Dostoiévski sobre uma maneira de tornar mais lucrativo seu novo projeto editorial. Um dos conselhos mais valiosos de Anna Grigórievna foi dar aos livreiros apenas 5% de desconto. Ela recomendou também que Sônia não insistisse na publicação de cada volume em ordem cronológica. Sônia se revelou uma astuta mulher de negócios. A publicação do décimo segundo volume foi proibida, mas em novembro de 1885 ela voltou a São Petersburgo e fez *lobby* para revogar a proibição (a edição acabou saindo em 1866), e iniciar o processo de publicação da sexta edição das obras de Tolstói. Em 1889 ela lançaria a oitava edição.

Deixar nas mãos de Sônia a publicação de todos os textos que ele havia escrito antes de sua crise espiritual (mais os ocasionais novos textos de ficção) foi a concessão de Tolstói à esposa; ele inclusive a ajudava com as provas, mas

estava mais interessado no proselitismo. Desde 1882 vinha trabalhando de modo intermitente em um novo tratado de largo fôlego, *Então, o que devemos fazer?*, calcado em suas experiências nos cortiços de Moscou na ocasião em que trabalhou no recenseamento. Seus tópicos eram a pobreza, a exploração e os males do dinheiro e da propriedade privada, mas a solução para esses problemas perenes não era a tecnologia, tampouco a modernização, e sim o trabalho braçal, a humildade e o esforço pessoal:

São, portanto, estas as respostas que encontrei para a minha pergunta: O que devemos fazer?

Em primeiro lugar: não mentir para mim mesmo; e — por mais distante que o rumo da minha vida esteja do caminho da verdade revelado por minha razão — não temer a verdade.

Em segundo lugar: rejeitar a crença na minha própria retidão e nos privilégios e peculiaridades que me distinguem dos outros, e reconhecer que eu mesmo sou culpado.

Em terceiro lugar: cumprir a indubitável e eterna lei do homem, e, com o trabalho de todo o meu ser, lutar com a natureza para a manutenção da minha vida e da vida de meus semelhantes.

No final de 1884, Tolstói encaminhou para o escritório da revista *Pensamento Russo* os primeiros capítulos. Apesar do eterno otimismo de seus editores, o censor vetou a publicação, mas naturalmente as provas deram origem a cópias que circularam de maneira informal.

Agora as obras religiosas de Tolstói estavam também começando a chegar a um público mais amplo: em 1884, Mikhail Elpidin tinha publicado *Uma confissão* como volume autônomo pela primeira vez em Genebra, e em 1885 vieram a lume traduções para o francês, alemão e inglês de *Em que acredito*. No volume *O cristianismo de Cristo*, lançado em Londres, Tchertkov incluiu suas traduções de *Uma confissão* e *Evangelho resumido*, juntamente com *Em que acredito*. Assim, os leitores estrangeiros conheceram os textos religiosos e a ficção de maior fôlego de Tolstói ao mesmo tempo, como se as etapas de sua carreira até então tivessem sido simultâneas: a primeira tradução francesa de *Guerra e paz* saiu em 1879, ao passo que somente em 1885 *Anna Kariênina* foi publicado também em francês. As primeiras traduções para o inglês de ambos os romances (trabalho do norte-americano Nathan Haskell Dole) saíram em 1886.

Embora tivesse todo interesse em disseminar suas ideias no exterior, era na Rússia que Tolstói queria causar impacto, e o primeiro sinal concreto de que estava sendo bem-sucedido surgiu na primavera de 1885, quando correu a notícia de que um rapaz havia se recusado a prestar o serviço militar alegando convicções religiosas de inspiração tolstoiana. À medida que o pensamento de

Tolstói continuava amadurecendo, diversos escritores e pensadores tinham passado a influenciar suas ideias. Embora a essa altura já tivesse articulado os pilares básicos de sua cosmovisão, Tolstói continuava bastante receptivo às correntes de pensamento que pareciam ecoar ou amplificar suas próprias concepções, e em 1885 três pessoas importantes ajudaram a moldar seu ideário: um economista político norte-americano em Nova York, um camponês autodidata na Sibéria e um religioso positivista radicado em Londres.

Nascido na Filadélfia no seio de uma família humilde, Henry George chegou a concorrer com Theodore Roosevelt pela prefeitura de Nova York em 1886; evangelista protestante, em 1879 escrevera um *best-seller* sobre desigualdade social intitulado *Progresso e pobreza*. Artigos sobre o livro começaram a pipocar na imprensa russa em 1883, e em fevereiro de 1885 Tolstói leu a obra. Ficou empolgado pela ideia central de George de que toda terra deveria ser nacionalizada e convertida em propriedade comum, o que na concepção de Tolstói marcaria uma transição de grande envergadura. O conde previa que a abolição da propriedade teria desdobramentos tão significativos quanto a emancipação dos servos. A filosofia de George era inspirada em observações que ele havia feito em suas longas viagens. O pensador norte-americano tinha notado que a pobreza era maior em áreas populosas do que em regiões menos desenvolvidas. Em seu livro ele propunha a criação de um imposto único de 100% sobre a renda derivada do aluguel do solo, de modo que a propriedade privada e em última instância a pobreza fossem erradicadas. Tolstói era totalmente favorável à abolição da propriedade privada, mas a essa altura via com extrema hostilidade a ideia de um imposto aplicado pelo governo, devido à coerção inerente. Não obstante, uma década depois mudaria de opinião e endossaria de todo coração as propostas de George.

Em julho de 1885 Tolstói empolgou-se por outro pensador, em quem reconheceu um espírito afim. Um exilado político na Sibéria enviou ao conde um manuscrito de Timofei Bondarev, *O triunfo do lavrador ou Diligência e o parasitismo*. Tolstói tinha lido alguma coisa a respeito do livro meses antes em um artigo de jornal e ficara curioso. Inspirado pelo versículo 3:19 do Gênesis (“No suor do teu rosto comerás o teu pão”), Bondarev argumentava que era obrigação moral e religiosa de todo indivíduo ganhar o próprio sustento por meio do trabalho braçal, a despeito de sua posição social. Tolstói ficou eletrizado pelas ideias contidas no manuscrito, bem como pelas apaixonadas diatribes do autor contra as abastadas

classes dominantes. Comovido pela esplêndida mistura de linguagem bíblica e tom coloquial na qual tinha sido escrito o tratado, no mesmo dia em que recebeu o texto o conde o leu em voz alta para todos em Iásnaia Poliana. Depois escreveu ao autor e pesquisou mais sobre ele. Descobriu que Timofei era um ex-servo no sul da Rússia. Na década de 1850, aos 37 anos de idade, tinha sido obrigado a abandonar sua esposa e os quatro filhos depois que seu proprietário o alistara no serviço militar, cujo período padrão de conscrição era de 25 anos. Em 1867, depois de dez anos de serviço, foi preso por renunciar a suas crenças ortodoxas e tornar-se um *Subbotnik* (“sabatiano” ou “sabatista”, dissidência dos *Molokani*). Juntamente com outros sectários “apóstatas”, Timofei foi condenado ao exílio perpétuo em um remoto vilarejo às margens do rio Ieniev, não muito distante da Mongólia. Como era a única pessoa da aldeia que sabia ler e escrever, abriu uma escola, em que deu aulas por trinta anos. Dedicou o resto da vida a cultivar a terra e escrever seu tratado.

Tolstói concordou com tudo que leu no tratado, e então encetou uma entusiasmada correspondência com Bondarev, dizendo-lhe que costumava ler o texto em voz alta para seus conhecidos — mas acrescentou, de maneira bastante indelicada, que a maioria dos ouvintes simplesmente se levantava, virava as costas e ia embora. O conde também confidenciou que isso lhe dera a ideia de ler o manuscrito toda vez que recebia visitas enfadonhas: era uma estratégia engenhosa para se livrar de pessoas indesejáveis. Tolstói se desdobrou para ver publicado o manuscrito de Bondarev. Depois que sua inclusão na revista *Prosperidade Russa* foi censurada na última hora, o conde perseverou em seu intento, porém mais uma vez se frustrou quando em 1888 o texto foi extirpado do periódico *Antiguidade Russa*. Por fim, uma versão editada do manuscrito de Bondarev, acompanhada de um artigo de Tolstói, foi publicada no fim do ano em *A causa russa*, cujos editores acabaram recebendo uma notificação do Ministério de Assuntos Internos. Muito mais tarde o texto foi publicado por O Intermediário, com prefácio de Tolstói. Bondarev e Síutaiev foram figuras cruciais para Tolstói em sua cruzada para persuadir as pessoas a viver em harmonia com a terra, como ele próprio deixou bem claro em nota de rodapé a *Então, o que devemos fazer?*, cuja revisão finalmente concluiu em 1886:

Ao longo da minha vida, houve dois pensadores russos que exerceram profunda influência sobre meu ideário, enriqueceram meu pensamento e clarificaram minha visão do mundo. Essas duas pessoas não são poetas, nem acadêmicos, tampouco pregadores, mas dois homens extraordinários, que ainda estão vivos e

que passaram a vida trabalhando na terra — os camponeses Síutaiev e Bondarev.

Outra pessoa de importância fundamental na campanha tolstoiana para promover uma vida pacífica em harmonia com a terra foi William Frey, talentoso filho de um general do exército descendente da nobreza báltica que, na década de 1860, abruptamente dera as costas a uma brilhante carreira militar em São Petersburgo a fim de sair em busca da verdade. Em 1868, aos 29 anos de idade, depois de uma atabalhoada experiência política com a esquerda radical, Frey emigrou com a noiva para os Estados Unidos e trocou seu nome de Vladimir Geins para o simbólico William Frey (*free*, “livre”). Em meados da década de 1870, Frey tinha feito parte da desastrosa comuna no Kansas, juntamente com Vassili Aleksieiév e Alexander Malikov, mas em 1884 mudou-se com a família para Londres; a essa altura se convertera em um ardoroso positivista, devoto de Comte e Spencer. No verão seguinte começou a pregar a “religião da humanidade” na Rússia, onde muito rapidamente tomou contato com cópias *samiẓdat* de *Uma confissão* e *Em que acredito*, textos que o impressionaram profundamente. Depois de enviar a Tolstói uma carta de sessenta páginas discorrendo sobre a superioridade da “religião da humanidade”, Frey recebeu um convite para visitar Iásnaia Poliana, onde chegou em outubro de 1885. Tolstói ficou encantado por Frey, a quem descreveu como uma pessoa séria, inteligente e sincera, de coração puro. Embora não tenha se convencido das ideias religiosas de Frey, Tolstói mirou-se no exemplo do positivista para perseverar em seus esforços de abrir mão do consumo de carne, álcool e tabaco. Além disso, ficou fascinado pelas histórias de vida de Frey no oeste selvagem e suas experiências de viver em comunas, onde não existia propriedade privada e onde todos trabalhavam com as mãos e não com a cabeça.

Frey era um homem interessante, Tolstói escreveu em tom de provocação à cunhada Tânia, por causa da absoluta recusa do positivista de apreciar o “bolo Anke”, o símbolo máximo de autoindulgência burguesa e privilégio imerecido. O bolo Anke, cujo nome era uma homenagem a um amigo do pai de Sônia também médico e também de origem alemã, era servido somente em ocasiões especiais em Iásnaia Poliana. Em seu livro de receitas, Sônia não incluiu a receita de preparo, mas apenas uma lista de ingredientes:

BOLO ANKE

450 gramas de farinha

250 gramas de manteiga

110 gramas de açúcar refinado

3 gemas

1 copo de água

A manteiga deve vir direto do celeiro; precisa estar fria.

Recheio

Derreta 110 gramas de manteiga, acrescente dois ovos, 250 gramas de açúcar refinado, raspas da casca de dois limões e o sumo de três limões. Aqueça a mistura até obter uma consistência de mel.

Havia também uma versão com creme azedo, em que se devia misturar dez ovos com vinte colheres de sobremesa de creme azedo, uma xícara de açúcar e duas colheres de sobremesa de farinha, untar uma forma com geleia, despejar a mistura e levar ao forno. O puritano Frey teria considerado imoral tomar parte de algo tão calórico, lauto e indulgente, e agora Tolstói era da mesma opinião. Frey teve outra reunião com Tolstói em Moscou em dezembro, mas foi obrigado a ir embora da Rússia em março de 1886 sem persuadir Tolstói a aderir a sua igreja da humanidade — de resto, não conseguiu convencer mais ninguém. Voltou a Londres, onde morreu de tuberculose, na extrema pobreza, aos 49 anos de idade. Tolstói escreveu que foi uma das “melhores” pessoas que conhecera na vida.

Na primeira metade da década de 1880 Tolstói tinha concentrado suas energias na articulação e disseminação de sua nova visão de mundo. Em 1886, depois de formular as propostas práticas de *Então, o que devemos fazer?*, ele se voltou ao reino abstrato das ideias. Seu novo projeto foi inicialmente concebido como um tratado “sobre a vida e a morte”, em que pretendia esboçar a filosofia subjacente a seu ideário. Embora aparentemente tivesse se livrado dos impulsos suicidas, os pensamentos mórbidos jamais abandonaram completamente Tolstói, o que fica patente em três de suas obras artísticas mais bem realizadas e mais famosas da década de 1880: *A morte de Ivan Ilitch*, *O poder das trevas* e *A sonata a Kreutzer* — as duas últimas lidam com mortes violentas, por assassinato. A morte jamais se distanciou da vida pessoal de Tolstói, mas agora ele a via sob um novo viés. No final do verão de 1885 o conde recebeu com grande pesar a notícia da morte de seu fiel amigo e incentivador Leonid Úrusov, que o acompanhara a uma viagem à Crimeia naquela primavera (era a primeira vez que voltava a Sebastópol desde a guerra). Mais penosa, contudo, era a experiência das mortes na família. Em janeiro, morreu o pequeno Aliocha, de apenas quatro anos de idade. Tolstói

descobriu que agora era capaz de encarar com serenidade a morte de seu filho caçula. Em carta a Tchertkov afirmou que outrora tinha considerado a morte de uma criança algo cruel e incompreensível, mas agora conseguia ver o acontecimento trágico sob luz positiva.

A única reação de Sônia foi o luto; embora devastada pela dor, ela se recusou a pagar os 250 rublos exigidos para enterrar o filho no prestigioso cemitério junto ao Convento de Novodevitchi, perto de sua casa. Em vez disso, ela e a babá da família colocaram o caixão no trenó que até pouco tempo antes tinham usado para levar Aliocha ao zoológico e viajaram até o norte de Moscou para enterrar o menino em Pokróvskoe, onde a família Berhs tinha alugado uma *datcha* quando Sônia era menina. Em novembro de 1866 Sônia teve de suportar o fardo de outra morte quando sua mãe, aos sessenta anos de idade, adoeceu gravemente. Ela viajou para a Crimeia e ficou em Ialta durante os últimos dias de vida de Líubov Alexándrovna. Aparentemente Tolstói mal registrou a morte de sua velha amiga de infância, talvez porque ele próprio tenha adoecido gravemente naquele outono. A morte era tema onipresente em suas conversas e em sua correspondência.

Os 35 capítulos do volumoso tratado de Tolstói sobre a vida e a morte, que mais tarde receberia o título de *Sobre a vida*, apresentam os alicerces filosóficos que dão sustentação à sua visão de mundo. Ele investiu grande dose de energia mental na exposição de suas ideias, escrevendo mais de duas mil páginas antes de concluir o manuscrito. Sônia concordou em passar o texto a limpo, o que contribuiu para criar uma atmosfera pacífica entre os dois durante a redação. Embora ainda não conseguisse aceitar a proposição fundamental de que era preciso rejeitar a “vida material e pessoal” em favor da vida espiritual e do “amor universal”, conforme ela registrou em seu diário, Sônia gostou do fato de que não se tratava de uma obra tendenciosa como os textos religiosos anteriores de Tolstói. Não obstante, uma obra que substituíria a doutrina religiosa pela razão e a consciência pessoal jamais teria a menor chance de ser aprovada pelo censor. O plano era imprimir seiscentos exemplares do texto, que constituiria o décimo terceiro volume das obras completas de Tolstói em 1888, mas o Santo Sínodo ordenou seu confisco. Todos os exemplares, exceto três, foram incinerados, e a primeira edição publicada de *Sobre a vida* foi a tradução francesa, que veio a lume em 1889. O arcebispo de Kherson, que examinou o tratado, confidenciou em carta a um conhecido de Tolstói que o Santo Sínodo estava cogitando seriamente

a possibilidade de excomungar o conde.

Depois de *A morte de Ivan Ilitch*, que ganhou muitos elogios dos críticos, Tolstói escreveu apenas duas obras artísticas expressivas no final da década de 1880: a peça *O poder das trevas* e a novela *A sonata a Kreutzer*. Tolstói não tinha levado muito a sério suas primeiras tentativas de praticar o gênero dramático — ainda na década de 1860 —, mas agora estava interessado no drama popular. Os livros publicados pela editora O Intermediário tinham melhorado infinitamente o calibre da literatura disponível para a leitura do campesinato, e Tolstói queria transformar o pouco refinado e incipiente repertório de textos teatrais à disposição das massas. Começou com uma comédia sobre os malefícios do alcoolismo chamada *O primeiro destilador*. O texto da peça foi publicado por O Intermediário e a seguir encenado em junho no teatro a céu aberto anexo a uma fábrica de porcelana nos arredores de São Petersburgo. Apesar da chuva, três mil operários formaram uma plateia entusiasmada. Dois anos mais tarde a peça foi proibida pelo censor teatral, por ter entre seus personagens demônios e diabretes, e porque um dos atos se passava no inferno.

O poder das trevas, drama popular também inspirado na vida camponesa, é uma obra bem mais séria. Baseado em um crime passionai ocorrido havia pouco tempo — envolvendo assassinato e adultério — e julgado no tribunal de Tula, o texto da peça foi concluído em 1886 e imediatamente banido pelo censor teatral. Foi um revés e tanto, pois o roteiro já tinha sido composto em três tipografias diferentes, e Tolstói aceitara que a peça fosse encenada na noite em homenagem à atriz Mária Savina — ele realmente desejava ver a peça levada ao palco. Sônia disparou uma carta ao gabinete do chefe da censura do governo, Evguiéni Feoktistkov, que proibiu expressamente qualquer espetáculo baseado no texto — mas consentiu em sua publicação. Mais de cem mil exemplares foram impressos nos primeiros meses de 1887, incluindo uma edição lançada pela editora O Intermediário e vendida a três copeques. Nesse ínterim, Tchertkov deu início a uma sofisticada operação de relações públicas. Conforme o previsto, a leitura que ele organizou na casa da condessa Chuvalova, usando seus formidáveis contatos na alta sociedade, causou burburinho. A peça não apenas ganhou repercussão favorável na imprensa, mas logo aguçou a curiosidade do tsar. Uma leitura especial foi marcada para o Palácio de Inverno em 27 de janeiro, com a presença da imperatriz, grãos-duques, duquesas e outros membros da corte. Alexandre III declarou que tinha gostado da peça e ordenou que fosse encenada pelos Teatros

Imperiais. Contudo, logo se viu obrigado a voltar atrás, depois de ser repreendido por Konstantin Pobedónostsev. O procurador-chefe ficou horrorizado ao saber da atitude irresponsável do tsar diante do “realismo cru” e da “denegação do sentimento moral” naquela peça horrorosa — ele disse ao tsar que jamais vira coisa parecida.

O pior estava por vir. *A sonata a Kreutzer*, respeitável sucessor de *Anna Kariênina* em termos de sua associação de amor carnal e violência extrema, seria a mais escandalosa de suas obras. São múltiplas as fontes de inspiração da novela. A primeira é a carta de uma correspondente anônima, que em fevereiro de 1886 escreveu a Tolstói para se queixar da lastimável situação da mulher na sociedade contemporânea e da aviltante humilhação imposta pelos homens. Havia também o relato de um conhecido de Tolstói, que, certa vez, viajando de trem, se sentara em uma cabine defronte para um homem que lhe segredou ter sido infiel com a esposa. E havia também um estímulo pessoal direto: em diversas ocasiões ao longo de 1887, tanto em Moscou como em Iásnaia Poliana, o filho de Tolstói, Serguei, excelente pianista, acompanhara Liev e Iuli Liasotta, professor de violino de Micha, em execuções da “Sonata para violino nº 9” de Beethoven, a “Sonata a Kreutzer”. Certamente Tolstói conhecia muito bem a peça de Beethoven, que figurou na lista de suas composições musicais favoritas, compilada anos depois por Serguei. É o primeiro dos três movimentos da sonata que tem mais paralelos com a história. Quando a sonata é tocada pela esposa de Pózdnichev ao piano e seu parceiro violinista, o frenético diálogo entre violino e piano na seção central da composição — de andamento *presto* — sugere para o enciumado marido uma espécie diferente de diálogo, o que provoca um ataque de ciúme que ele por fim não consegue controlar.

Numa das ocasiões em que a sonata foi tocada na casa dos Tolstói, o pintor Repin estava presente, e Tolstói chegou inclusive a pensar em pedir ao amigo que contribuísse com uma pintura para ilustrar a novela. Certamente Tolstói discutiu com Repin suas ideias para a história, uma vez que se viu posando para outro retrato no verão de 1887, durante a estadia do pintor em Iásnaia Poliana. A essa altura os dois já se conheciam havia sete anos, mas Repin ganhou tempo e esperou pacientemente, pois era evidente que queria conhecer melhor Tolstói antes de imortalizá-lo na tela. Muitos viram no retrato de Repin — que mostra o escritor sentado calmamente numa cadeira com um livro nas mãos, vestido de preto — semelhanças com algum profeta do Antigo Testamento.

Outra fonte de inspiração para *A sonata a Kreutzer* foi certamente uma série de eventos familiares que, por assim dizer, “puseram o dedo na ferida”. No outono de 1887, o segundo filho de Tolstói, Ilia, pediu em casamento sua namorada, Sófia Filosofova. Tolstói ficou preocupado, pois o casal não tinha boas perspectivas e era muito jovem: Ilia tinha 21 anos e Sófia, apenas vinte. Por ter sido reprovado nos exames do liceu, Ilia era inelegível para ingressar na universidade e, depois de passar dois anos servindo o exército, voltara para casa sem planejar como ganharia a vida. Os Tolstói eram amigos da família da noiva, mas sabiam que ela não era abastada: o pai trabalhava na escola de arte de Moscou em que Tânia havia estudado. Tolstói escreveu ao filho diversas cartas implorando que ele pensasse bem no passo que estava prestes a dar, mas o coração de Ilia estava decidido. Havia ainda outra razão pela qual as relações conjugais estavam em primeiro plano na mente de Tolstói. Em setembro de 1887 ele e Sônia celebraram seu aniversário de 25 anos de casamento, e sua esposa engravidou novamente. O menino Ivan (Vanechka) nasceu em 31 de março de 1888, um mês depois do casamento de Ilia. Na véspera de Natal daquele ano nasceu Anna, a primeira neta dos Tolstói.

Exceto pelo primogênito Serguei (que já tinha deixado a Universidade de Moscou e agora trabalhava para o banco camponês de Tula), somente Ilia tinha ido morar fora de casa. Na primavera de 1889 Tolstói foi visitá-lo e ficou horrorizado ao encontrar cocheiros, carruagens, cavalos e outras pompas do estilo de vida luxuoso e confortável a que, a seu ver, sua família deveria renunciar. Ilia não era o único filho com quem Tolstói tinha sérios desentendimentos nesse período. Seu terceiro filho, Liev, então cursando o último ano da escola, vivia às turras com o pai. Tolstói também corria o risco de acabar brigando com sua filha Macha, a quem seu ajudante e seguidor Pável Bíriukov propôs casamento no final de 1888. Sônia não estava preparada para permitir que sua filha se casasse com um tolstoísta, ainda que de origem nobre, e vetou o casamento. Bíriukov foi embora lambe as feridas, mas reapareceu na vida de Tolstói em 1891, depois de navegar até o Japão com o futuro Nicolau II em seu “*grand tour*” de nove meses. Em seu íntimo Tolstói ficou secretamente feliz com a proibição do casamento de Macha, uma vez que ela era sua filha favorita, em quem ele confiava e com quem contava quando precisava de apoio moral e ajuda — inclusive como secretária. Mais tarde ele frustraria os sonhos românticos de Macha em mais de uma ocasião, numa tentativa egoísta de mantê-la perto de si. Macha aceitou mansamente seu

destino. Tolstói mal se relacionava com os filhos Andrei, Micha e Alexandra — de onze, nove e quatros anos, respectivamente —, que raramente viam o pai, e muito menos com o bebê Vanechka. Ao contrário dos filhos mais velhos, de cuja educação ele se encarregara pessoalmente, os mais novos viviam sob os cuidados de tutores e preceptores, e de modo geral foram criados por Sônia.

O casamento de Ilia e o nascimento de seu filho e de sua primeira neta em rápida sequência afetaram profundamente Tolstói, em especial o nascimento de Vanechka, cujo parto tinha sido muito difícil para Sônia. Ela estava com 43 anos de idade, ele com 59. Tolstói sentia vergonha pelo fato de que conseguia resistir à tentação de beber e comer carne, mas não era capaz de refrear o desejo físico pela esposa, particularmente sabendo o quanto ela relutava em engravidar novamente. Ele se desprezava por essa fraqueza, e acabava ventilando em sua ficção essa repugnância e autoaversão, o que no entendimento de Sônia eram farpas dirigidas a ela. Depois de ter exaltado a santidade do casamento no *Em que acredito*, alguns anos antes, agora Tolstói considerava que o matrimônio era uma instituição a ser cabalmente condenada. Ele sempre protestara violentamente contra a ideia de casamento sem filhos, mas agora nem mesmo a procriação era capaz de redimir sua propensão para o pecado. Não era a primeira vez que o mercurial escritor mudava completamente de opinião. Sônia talvez achasse que a súbita defesa que o marido passou a fazer da castidade mesmo no âmbito do casamento era uma postura hipócrita e difícil de aceitar. De acordo com o primeiro biógrafo russo de Sônia, ela engravidou novamente em 1890 e se sentiu aliviada por sofrer um aborto espontâneo.

Tolstói tinha começado a escrever *A sonata a Kreutzer* em 1887, mas a maior parte do trabalho foi realizada na primavera e no verão de 1889. Nesse período, um livro que exerceu grande influência sobre o pensamento de Tolstói foi um guia prático de ginecologia e obstetrícia intitulado *Tokology: A Book for Every Woman* [Tocologia: um livro para todas as mulheres], publicado pela Sanitary Publishing Company em Chicago em 1883 (“tocologia” vem da palavra grega *tokos*, “parto”). O livro foi enviado a Tolstói pela própria autora, a dra. Alice Bunker Stockham, que tinha recebido educação quacre e foi uma das primeiras mulheres a se formar em medicina nos Estados Unidos. Tendo se especializado em ginecologia, Stockham era da opinião de que as mulheres não deviam engravidar de forma contínua, sem intervalos entre uma gravidez e outra, e que os homens deviam controlar seus impulsos sexuais. Ela também defendia a

abstinência de álcool e tabaco e fazia campanha contra a prostituição. O livro interessou a Tolstói não por razões médicas, mas sim religiosas, como mais tarde ele disse a sua filha Tânia; em novembro de 1888 o conde escreveu a Alice Stockham, em seu inglês ligeiramente decrépito mas elegante, para dizer que o livro dela era “na verdade uma obra não para a mulheres, mas para a humanidade”:

Sem trabalhar nessa direção a humanidade não há de progredir; e a mim me parece, especialmente na questão tratada em seu livro no capítulo XI [“Castidade nas relações conjugais” — Stockham desaconselhava as relações sexuais durante a gravidez], que estamos muito atrasados. É estranho que na semana passada eu tenha escrito uma longa carta a um amigo [Tchertkov] sobre o mesmo tema. A relação sexual sem o desejo e a possibilidade de ter filhos é pior do que a prostituição e o onanismo, e a bem da verdade é ambas as coisas. Digo que é pior, porque uma pessoa que comete esses crimes, sem ser casada, tem plena consciência de que está cometendo um erro, mas um marido e uma esposa que cometem os mesmos pecados acham que estão em seu pleno direito e que são virtuosos.

De fato, Tolstói tinha acabado de escrever a Tchertkov para se punir pelo fato de que era tarde demais para expiar a culpa por ter vivido “como um animal”. Em outubro de 1889, mês em que sua irmã Macha decidiu tomar o véu e tornar-se freira (ela passou um ano vivendo com quatrocentas irmãs em um convento em Tula, depois foi morar em um convento nas cercanias de Optina Pustin), Alice Stockham foi visitar Tolstói em Iásnaia Poliana. É provável que ela rapidamente tenha constatado que os dois não concordavam em tudo — Stockham não era tão intransigente quanto Tolstói, por exemplo, a ponto de condenar toda relação sexual que não fosse para fins reprodutivos —, mas o fato é que tiveram agradáveis e profícuas conversas sobre as seitas norte-americanas que praticavam a castidade. Em 1892, uma tradução do livro de Stockham foi publicada na Rússia, com prefácio de Tolstói. Por entender o parto em termos tão sagrados é que Stockham promovia a ideia da abstinência sexual. Não obstante, suas teorias originais sobre uma forma espiritualizada de intimidade humana nem sempre eram bem recebidas. Em seu livro posterior, sobre a “ética do casamento”, seu “método de promoção da felicidade conjugal [por meio da qual] a intimidade sexual pode ocorrer sem que se consume o ato” foi alvo de escárnio e de comentários demolidores do crítico de um periódico acadêmico.

Assim que completou a nona e última versão de *A sonata a Kreutzer*, Tolstói se viu diante da seguinte questão: onde publicaria a novela? Tchertkov queria a história para O Intermediário, Sônia queria que o texto integrasse a nova edição

das *Obras completas*, ao passo que Tolstói agora só se preocupava em renunciar aos direitos autorais e evitar discussões. Nessa ocasião, a novela começou a circular em cópias *samizdat* mesmo antes que o texto fosse submetido ao crivo do censor. O manuscrito foi levado a São Petersburgo pela sobrinha de Tolstói, Macha Kuzminskaia, que organizou uma leitura para trinta amigos, incluindo Alexandrine e Nikolai Strákhov. Depois de uma leitura noturna nos escritórios de O Intermediário, o manuscrito foi dividido entre os membros do estafe da editora, que passaram a noite em claro copiando-o antes de devolvê-lo aos *Kuzminski* na manhã seguinte. Para desapontamento de Tolstói — que só ficava contente de disseminar seus textos depois da etapa de revisão das provas, o que sempre envolvia uma miríade de correções —, em poucos dias apareceram trinta cópias litografadas, que por sua vez foram recopiadas e distribuídas. Logo a novela tornou-se uma coqueluche, um item cobiçadíssimo em São Petersburgo, onde era vendida pela exorbitante soma de dez, às vezes quinze rublos (Sônia vendia a coleção inteira das *Obras completas* por oito rublos).

Por fim chegou-se ao consenso de que *A sonata a Kreutzer* seria publicada primeiro em uma revista semanal de vida efêmera, que não era alvo de censura muito rigorosa, e depois cedida a Sônia, mas no início de dezembro de 1889 começaram a correr boatos de que mesmo nesse periódico a novela seria proibida. No final do mês os rumores se confirmaram. Na detalhada resenha que Pobedónostsev enviou a seu colega Evguiéni Feoktistkov em fevereiro de 1890, o procurador-chefe do Santo Sínodo admitia tratar-se de uma obra “poderosa”, e que ele não poderia, em sã consciência, banir uma história que promovia a castidade em nome da moral, mas por causa da mensagem desoladora sobre o futuro da raça humana contida no texto, sua publicação era inaceitável. Alexandre III gostou da novela — tanto quanto tinha gostado de *O poder das trevas* quando a peça foi lida para ele no Palácio de Inverno —, mas sua esposa ficou chocada. Escandalizado ficou também Theodore Roosevelt, quando traduções chegaram aos Estados Unidos no final do ano. Na condição de procurador-geral dos Estados Unidos, Roosevelt proibiu a distribuição de jornais e revistas em que o texto fosse reproduzido. Em fevereiro de 1890 pipocavam por toda Moscou cópias ilegais da novela, que era lida avidamente, como fica evidente pelos depoimentos de Anton Tchekhov, que havia deixado para trás sua carreira na medicina e agora era um escritor celebrado. A essa altura já fazia doze anos que Tchekhov vinha publicando sob o próprio nome nos mais prestigiosos periódicos

literários do país, e começava a aparecer no radar de Tolstói. Na carta que Tchekhov escreveu ao amigo Aleksiei Plechtchéiev sobre *A sonata a Kreutzer*, suas observações tipicamente incisivas e perspicazes trazem um sopro de ar fresco a um debate claramente carregado:

Será possível que você não tenha mesmo gostado de *A sonata a Kreutzer*? Não direi que se trata de uma obra genial e eterna — nisso não sou juiz —, mas considero que, no meio de tudo o que agora está sendo escrito aqui e no exterior, é pouco provável que se possa encontrar algo equivalente tanto quanto à importância de seu tema como à beleza de sua execução. Deixando de lado suas qualidades artísticas, que em certos trechos são estupendas, devemos ser gratos à história acima de tudo por seu poder de estimular até o limite o nosso pensamento. Ao lê-la é preciso se conter para não gritar: “Ah! Que verdade!” ou “Que estupidez!”. Não há dúvida de que a novela tem alguns defeitos irritantes. Além daqueles que você enumerou, ainda há outro, pelo qual é difícil perdoar o autor, que é a arrogância com que Tolstói discute questões das quais nada entende e que, por teimosia, tampouco parece querer entender. Assim, suas opiniões sobre sífilis, casas de enfeitados, a repugnância das mulheres em relação ao coito etc. não apenas podem ser refutadas, mas revelam o quanto ele é um homem ignorante a respeito de certos assuntos, um homem que em toda a vida nunca se deu ao trabalho de ler um ou dois livros escritos por especialistas no tema. Ao mesmo tempo, diante de suas virtudes essas falhas tornam-se tão insignificantes que passam praticamente despercebidas, como plumas ao vento; se as notamos, elas servem apenas para nos lembrar do destino de toda obra humana, sem exceção, que é o de ser incompleta e jamais inteiramente livre de máculas.

No verão de 1890 Tchekhov fez sua famosa jornada para estudar a famigerada colônia penal na ilha Sacalina. Quando voltou, no outono, leu o posfácio que Tolstói tinha escrito — também em *samizdat*. Em resposta ao furor causado por sua novela, Tolstói esclareceu que a castidade era meramente um ideal, e que ele não estava advogando o fim da raça humana. O período passado na Sibéria causou profundas mudanças em Tchekhov, e mudou também a opinião que ele tinha acerca da história de Tolstói. Na carta que escreveu em dezembro de 1890 ao amigo Aleksiei Suvorin (editor do jornal *Novos Tempos*, de São Petersburgo), seu parecer sobre *A sonata a Kreutzer* era bastante diferente:

Antes da minha viagem, *A sonata a Kreutzer* era um grande acontecimento para mim, mas agora me parece ridícula e totalmente absurda [...]. Para o diabo com a filosofia dos grandes homens deste mundo! Todos os grandes sábios são tão despóticos quanto generais, e rudes e insensíveis feito generais, porque estão presunçosamente seguros de sua impunidade. Diógenes cuspiam na barba das pessoas por saber que nada lhe aconteceria; Tolstói fustiga homens doutos, trata-os como patifes e revela ser ignorante acerca de questões importantes porque é outro Diógenes, que ninguém tem coragem de prender ou de criticar nos jornais [...].

Na primavera de 1891 *A sonata a Kreutzer* ainda não tinha sido publicada, e Sônia decidiu resolver o assunto. Apesar de sentir-se ofendida pelo conteúdo da novela, ela queria ver o texto impresso, e na sua própria edição. Assim, a condessa seguiu em frente e providenciou a composição da novela em tipografias de Moscou, mas uma decisão tomada em 15 de fevereiro determinava que nem a narrativa nem o posfácio poderiam ser incluídos no décimo terceiro volume das *Obras completas* de Tolstói. Em 1º de março, um dia depois do décimo aniversário do assassinato de Alexandre II, Tolstói foi formalmente excomungado pela primeira vez em um sermão lido em Carcóvia, que depois foi publicado. *A sonata a Kreutzer* foi condenada como “uma história incoerente, indecente e amoral”. Dez dias depois, Sônia recebeu a notificação do banimento do texto e em 28 de março rumou para São Petersburgo com a intenção de solicitar uma audiência com o tsar de modo a pedir-lhe pessoalmente autorização para publicar a novela. A autorização foi concedida, com a ressalva de que o texto fosse publicado somente como parte da coleção em vários volumes das *Obras completas*, edição bem menos acessível para os leitores jovens. A bem da verdade, Alexandre III foi bastante benevolente. Aparentemente corroborando os boatos que davam conta de que Tchertkov era filho ilegítimo de Alexandre II, Sônia anotou em seu diário que de fato havia entre o tsar Alexandre III e o amigo de Tolstói certa semelhança no tom de voz e na maneira de falar. A imperatriz Mária Fiódorovna, que também recebeu Sônia, foi tão solícita quanto o marido. O décimo terceiro volume das *Obras completas* foi lançado em junho de 1891. Naturalmente, Pobedónostsev ficou furioso com a leniência do tsar. É de se perguntar se as constantes demonstrações de indulgência do tsar com relação às atividades subversivas de Tolstói não se explicam pela amizade do escritor com o influente Tchertkov. Não resta dúvida de que há uma semelhança assombrosa entre as fotografias do jovem Alexandre III e Vladímir Tchertkov — talvez os dois fossem mesmo meio-irmãos.

A viagem de Sônia a São Petersburgo foi mais um golpe em seu deteriorado casamento com Tolstói. O conde considerava degradante a ideia de solicitar uma audiência com o tsar, e não desejava obter lucros com seus textos. Sônia, por outro lado, julgava que era necessário ganhar dinheiro, mesmo que apenas para garantir o sustento e a educação de seus nove filhos. As discussões incessantes levaram Tolstói a abrir mão de todas as suas posses. Em abril de 1891, a família inteira se reuniu em Iásnaia Poliana para a distribuição igualitária das

propriedades. Serguei, por exemplo, ficou com Nikolskoie, que outrora pertencera ao irmão de Tolstói, Nikolai, mas foi incumbido de pagar à mãe e à irmã Tânia certa quantia em dinheiro ao longo dos quinze anos seguintes. Liev recebeu a propriedade de Samara; de acordo com a tradição, o caçula Vanechka, então com três anos de idade, herdou a maior parte de Iásnaia Poliana, juntamente com Sônia. Macha, a filha favorita de Tolstói e fiel seguidora do pai, renunciou a seu quinhão (embora acabasse mudando de ideia ao se casar, em 1897). As discussões continuaram quando Tolstói insistiu em enviar uma carta à imprensa anunciando sua decisão de renunciar aos direitos autorais de suas obras. Por fim a carta foi publicada em todos os jornais mais importantes do país em 19 de setembro de 1891.

A experiência de dividir entre os filhos seu patrimônio fez Tolstói pensar em um famoso antecedente literário, e ele aconselhou que os filhos lessem a peça *Rei Lear*. Foi provavelmente a única vez que Tolstói recomendou Shakespeare, mas claramente vinha pensando em *Rei Lear*. Em 1888, tinha conversado sobre a peça com o jornalista investigativo britânico William Stead, que em maio daquele ano chegara a Iásnaia Poliana após uma audiência com Alexandre III (aparentemente foi o único homem a ter conseguido entrevistar o tsar). Stead estava ansioso para perguntar a Tolstói sobre autores ingleses. “Shakespeare, é claro, foi o primeiro”, mais tarde Stead lembrou. “Ele disse que quase todas as peças do bardo já tinham sido traduzidas para o russo e eram muito populares. ‘Qual é a mais popular de todas?’, perguntei. ‘*Rei Lear*’, ele respondeu de imediato, ‘personifica a experiência de todo *izhba* russo’”. O equivalente britânico mais próximo de Tolstói em termos de seu ardor na denúncia da hipocrisia da sociedade vitoriana e no retrato implacável da imoralidade e da pobreza, Stead era uma figura polêmica, mas também um pacifista militante (estava a caminho de Nova York, onde participaria de um congresso de paz, quando morreu no naufrágio do *Titanic*). Por sua vez, no final da peça de Shakespeare o personagem Rei Lear é o equivalente literário britânico mais próximo do tolo santo russo (*yurodivy*) — a forma peculiarmente russa de santidade a que Tolstói aspirava e que não é encontrada em nenhuma outra cultura religiosa.

Os tolos santos da Rússia desafiavam deliberadamente as convenções sociais para zombar da falsidade do mundo temporal, sem medo de dizer a verdade para todas as classes, incluindo os governantes. Desprezando todo tipo de conforto material, vestiam trapos e levavam vidas ascéticas, como os errantes *Stranniks*,

aceitando voluntariamente humilhações e insultos de forma a obter maior humildade e mansidão. Uma vez que viviam em meio às pessoas — portanto aos olhos do público, ao contrário dos ermitões que se recolhiam aos monastérios —, os tolos santos se esforçavam para que sua devoção não lhes granjeasse respeito, mas recebiam de bom grado críticas e a reprovação geral. Desde criança Tolstói conhecia de perto e reverenciava os tolos santos, graças a suas devotas tias que os acolhiam em Iásnaia Poliana. Em seu primeiro livro, *Infância*, aparece com destaque um tolo santo, assim como em *Guerra e paz*. Pode-se dizer que três outros personagens do romance — Pierre, Natacha e Kútuzov — são tolos santos “estilizados”. Páchenka, a heroína de “Padre Sérgio”, novela que Tolstói escreveu entre 1890 e 1898, é outra versão de tolo santo. Em 1877 Tolstói disse ao amigo Strákhov que preferia ser um tolo santo e não um monge, e depois de sua crise religiosa o conde afirmou com todas as letras que o caminho para a bondade era ser um tolo santo involuntário. Mas para um tolo santo a estratégia de se projetar como uma pessoa pior do que ele realmente era — adotada por Tolstói desde que escrevera sua histórica carta a Alexandre III em 1881 — não passava de um ato consciente e deliberado. A impiedosa autocrítica de Tolstói permitiu que ele se expressasse com maior liberdade com o tsar. A autoflagelação de Tolstói continuou até seus últimos dias de vida. Em agosto de 1910, poucos meses antes de morrer, ele registrou em seu diário que jamais tinha encontrado na vida outra pessoa com tantos vícios — sensualidade, egoísmo, inveja, rancor e, acima de tudo, narcisismo.

Como apontado anteriormente, Sônia via com descrença o uso que seu marido fazia da máscara do tolo santo. Para Tolstói, contudo, era um instrumento eficaz e fundamental como meio de comunicação de sua mensagem. A esse respeito, um comentário feito por Tolstói em seu diário quando estava escrevendo *A sonata a Kreutzzer* é revelador. “Preciso ser um tolo santo também na minha escrita”, ele registrou, constatando que por si só a execução perfeita dos textos não seria suficiente para tornar mais convincentes seus argumentos. Infelizmente para Tolstói, nem todo mundo se impressionava: Tchekhov, por exemplo, a julgar por seus comentários demolidores em carta a Suvorin em dezembro de 1890. Desdenhando em termos ainda mais depreciativos o posfácio que Tolstói escreveu à novela

A sonata a Kreutzzer como o produto de um tolo santo, ele afirma que a filosofia de Tolstói “não é digna sequer de uma das pequenas éguas em ‘Kholstomér’”

(“Kholstomér: a história de um cavalo”, o superlativo conto de Tolstói sobre um puro-sangue malhado, que ele tinha iniciado muitos anos antes, quando ainda tinha ambições artísticas, foi finalmente concluído e publicado pela primeira vez em 1886).

Por mais que a figura do tolo santo seja parte integral da Igreja Ortodoxa, a personagem Ivan, o Tolo, é intrínseca ao folclore russo. Tolstói sentia especial carinho por “O conto de Ivan, o tolo”, história popular que ele escreveu rapidamente em uma única noite de 1888 para O Intermediário. O conto foi publicado no ano seguinte na primeira edição das *Obras completas* editada por Sônia, e também foi lançado por O Intermediário, mas acabou sendo proibido pelo censor religioso, que considerou tratar-se de uma obra inadequada para a leitura das massas. As autoridades repudiaram a maneira como a história promovia a ideia um reino em que não havia necessidade de exército, dinheiro ou intelectuais, e onde o tsar não deveria “ser diferente de um mujique”. A bem da verdade, até mesmo alguns dos amigos mais próximos de Tolstói protestaram contra o indisfarçado moralismo do conto e seu desprezo pelo empenho intelectual em favor do trabalho braçal.

No verão de 1891, depois que a controvérsia em torno de *A sonata a Kreutzer* já tinha arrefecido, Tolstói pelejou para se concentrar em um novo tratado — que ele tinha começado a escrever no verão do ano anterior — sobre a não violência. O conde tinha também algumas ideias para novas obras de ficção que queria escrever (o futuro romance *Ressurreição* e a novela “Padre Sérgio”), e queria ainda concluir um artigo sobre a gula. Tolstói tinha ficado tremendamente impressionado com a história do vegetarianismo escrita por Howard Williams, *The Ethics of Diet: a Catena of Authorities Deprecatory of the Practice of Flesh-Eating* [A ética da dieta: uma série de autoridades que condenam a prática do consumo de carne], que tinha sido publicada em Londres em 1883, depois de uma publicação seriada em *The Dietetic Reformer and Vegetarian Messenger* [O reformista dietético e mensageiro vegetariano], o periódico mensal da Sociedade Vegetariana, e quis prefaciá-la em russo. Seu artigo “O primeiro degrau”, concluído em julho após uma desanimadora visita ao abatedouro em Tula, foi publicado no ano seguinte no periódico *Questões de filosofia e psicologia*, editado por seu amigo Nikolai Grot, professor da Universidade de Moscou. Há uma razão que explica o fato de que o artigo tenha sido publicado na esteira de *A sonata a Kreutzer*. Tolstói via uma ligação direta entre indulgência gastronômica e carnal, argumentando que o

consumo de carne estimulava o desejo sexual. Como a castidade, o vegetarianismo era precondição para a vida cristã ascética a que ele aspirava. Tolstói se tornaria um herói do movimento de defesa dos animais, pois não mediu palavras para descrever com minúcia a execução de bois, novilhos, bezerros e galinhas em açougues e abatedouros a fim de ressaltar os aspectos imorais e criminosos do mercado de carne:

Pela porta oposta àquela onde eu estava, conduziram um novilho enorme, vermelho e bem alimentado. Dois açougueiros o empurravam, e tão logo conseguiram fazer o animal entrar, vi um açougueiro levantar um punhal até o pescoço do novilho e abatê-lo. Como se de repente tivessem cortado as quatro patas, o novilho caiu pesadamente de barriga, imediatamente se virou para um lado e começou a se debater com as quatro patas e o rabo. No mesmo instante um açougueiro se jogou sobre ele, do lado oposto ao de suas patas estremecendo, agarrou-o pelos chifres e forçou a cabeça do animal para o chão, ao passo que outro açougueiro cortou-lhe a garganta. Da cabeça jorrou sangue vermelho-escuro, que um rapaz, todo emporcalhado, recolheu com uma bacia de lata. Enquanto isso o novilho continuava incessantemente contorcendo a cabeça, como se tentasse se levantar, escoiceando suas quatro patas no ar. A bacia se encheu rapidamente, mas o novilho ainda estava vivo, sustentando a barriga a duras penas, batendo os pés com tanta violência que os açougueiros mantinham distância dele. Quando a primeira bacia se encheu, um rapaz carregou-a na cabeça até a usina de albumina, e outro garoto abaixou uma segunda bacia, que também logo começou a se encher. Mas o novilho continuava arfando e contorcendo as patas traseiras [...].

Não podemos fingir que não sabemos disso. Não somos avestruzes e não podemos acreditar que, se nos recusamos a ver alguma coisa, aquilo que não queremos ver não existe. Isso é ainda mais válido quando o que não queremos ver é aquilo que queremos comer. Como se fosse realmente indispensável. Ou, supondo que não fosse indispensável, ao menos necessário para alguma coisa! Mas a bem da verdade isso é completamente desnecessário e serve somente para formar sentimentos ferozes, excitar o desejo, fomentar a libertinagem e a bebedeira. O que continua a se confirmar constantemente pelo fato de que as pessoas jovens, bondosas, puras — sobretudo mulheres e moças —, sem saber como uma coisa resulta logicamente da outra, sentem que a virtude é incompatível com bifés, e assim que desejam ser boas abrem mão de comer carne.

Pode ser que os escritores contemporâneos não estejam seguindo o mesmo caminho espiritual de Tolstói, mas o fato de que revelações sobre a crueldade com animais no século XXI ainda têm a capacidade de chocar mostra que ainda nos comportamos como avestruzes. Mais de um século após a publicação de “O primeiro degrau”, a maior parte dos abatedouros pouco mudou, e hoje há estabelecimentos um pouco mais misericordiosos que praticam o abate “humanitário”.

Há uma lúgubre ironia no fato de que o violento ataque de Tolstói contra o

consumo desnecessariamente excessivo tenha sido escrito no momento em que chegaram ao seu conhecimento notícias sobre uma fome de grandes proporções. As regiões do Volga e da “terra preta” no centro do país já tinham sofrido com colheitas ruins em anos consecutivos, e em 1891 houve uma seca que afetou catorze milhões de pessoas em uma área que se estendia por treze regiões na parte europeia da Rússia, de Tula, no oeste, onde Tolstói vivia, até Samara, centenas de quilômetros ao leste. Foi fatal a combinação de fatores como condições climáticas adversas, implementos agrícolas ultrapassados, a péssima qualidade dos transportes e a incapacidade do governo de agir a tempo, o que se somou à incompetência oficial para propiciar ajuda aos camponeses que já estavam desesperadamente famintos e desnutridos. Somente a cólera matou mais de meio milhão de pessoas. Certamente contribuiu para agravar a crise a inoperância de um governo centralizado, com sua burocracia inchada e ineficiente, uma vez que as autoridades mal faziam ideia do que estava acontecendo nas províncias e dispunham de pouca autonomia e poder de decisão.

No final da década de 1880 as ideias de Tolstói começaram a arregimentar um número cada vez maior de seguidores, mas também havia críticos e detratores. Em 1891, contudo, quando tomou a iniciativa de ajudar as vítimas da fome que tinha começado a assolar a Rússia, Tolstói assumiu uma inatacável posição de liderança moral da nação, uma unanimidade absoluta, a ponto de garantir que suas posturas religiosas fossem perdoadas como excentricidades, pelo menos por parte do povo. A despeito da impaciência de Tchekhov com as concepções retrógradas de Tolstói, ele falava sério quando, em dezembro de 1980, definiu-o como a pessoa mais importante da Rússia (o autor de *Guerra e paz* ocupava a primeira posição nessa lista, em que Tchekhov classificava a si mesmo na posição nº 877), e só tinha palavras de admiração para o trabalho humanitário de Tolstói no socorro às vítimas da fome. Como Tchekhov escreveu em outra carta exatamente um ano depois, “É preciso ter a coragem e a autoridade de um Tolstói para nadar contra a corrente, desafiar as proibições e o clima geral da opinião pública e fazer o que manda sua consciência do dever”. O próprio Tchekhov fez um formidável trabalho durante a fome, mas Tolstói foi o primeiro, e envergonhou publicamente o governo russo.

Logo Tolstói ficaria tremendamente irritado com a mobilização das classes abastadas diante da crise iminente no verão de 1891. A pobreza absoluta era uma realidade cotidiana para as massas camponesas, então por que os ricos só

estavam dispostos a ajudar o campesinato durante as condições extremas da fome? Em setembro ele saiu a cavalo pela província de Tula para ver com os próprios olhos o que estava acontecendo. Tinha decidido que não passaria o inverno em Moscou. No final do mês, voltou para casa e começou a escrever um artigo, “Sobre a fome”, em que acusava violentamente as classes instruídas por sua indiferença ao sofrimento dos milhões de camponeses que mal conseguiam garantir o próprio sustento mesmo em circunstâncias normais. Em 15 de outubro enviou seu texto devastador ao periódico *Questões de filosofia e psicologia*, e dez dias depois recebeu carta de Nikolai Grot com a notícia nada surpreendente de que a edição em que o artigo seria publicado havia sido confiscada pelo censor. No dia seguinte Tolstói partiu para Kazan acompanhado das filhas mais velhas, Tânia e Macha, pronto para fazer tudo que pudesse a fim de ajudar: o plano era se instalar na propriedade do amigo Ivan Raievski, criar sopões comunitários e fornecer ajuda prática aos camponeses da área. Raievski tinha ido visitar Tolstói no verão para relatar o que estava acontecendo, e sua abnegada devoção à causa inspirou o próprio conde a agir (Raievski morreu tragicamente de gripe, um mês após a chegada de Tolstói).

Aos 22 anos de idade, Liev, o filho de Tolstói, interrompeu os estudos na universidade e seguiu para sua recém-herdada propriedade em Samara a fim de ajudar na assistência às vítimas da fome na região; porém, a experiência foi traumática e cobraria um alto preço de sua frágil saúde — as condições em Samara eram tão precárias que mal se conseguia arranjar ou produzir comida, muito menos organizar sopões comunitários. Sônia ainda tinha quatro filhos pequenos — entre três e catorze anos — para cuidar em casa, por isso teve que permanecer em Moscou, mas também queria ajudar. Em 2 de novembro, ela fez publicar na *Gazeta Russa* um pedido de ajuda (o texto foi reproduzido em diversos outros jornais da Europa e dos Estados Unidos) e conseguiu arrecadar nove mil rublos somente na primeira semana. Não foram apenas as esposas dos abastados comerciantes de chá em Kiakhta, na fronteira com a China, que enviaram dinheiro a Sônia — entre os que contribuíram estavam pescadores da Bessarábia que abriram mão de boa parte de seus ganhos; um tenente-coronel aposentado de Níjni Novgorod, que doou sua pensão; bem como carteiros, professores de escolas de vilarejos e até mesmo camponeses. Sônia ficou feliz por poder ajudar, como lembrou em sua autobiografia:

Eu comprava carregamentos de milho, feijão, cebola, repolho, tudo que era necessário para os centros de

comida onde os pobres famintos dos vilarejos eram alimentados. Para pagar por tudo isso, eu recebia dinheiro, que me era enviado em somas consideráveis. Com o material doado pelos fabricantes de tecidos eu contratava senhoras pobres que em troca de um pagamento irrisório faziam roupas de cama, que depois eu encaminhava para os lugares mais necessitados, especialmente os que eram assolados pela febre tifoide.

De sua base em Moscou, Sônia coordenava as doações, e nos anos seguintes publicou boletins registrando as contribuições recebidas. Contando com a ajuda de Duniacha Poppova, a governanta da família, da babá e da preceptora inglesa, Sônia também passava dias a fio costurando camisas com o tecido doado pelo magnata da indústria têxtil, Savva Mórozov.

Naturalmente Tolstói ainda tinha em mente a lembrança dos eventos de 1873 em Samara, quando vira pela primeira vez os efeitos da fome na Rússia. Desde que escrevera seu artigo sobre o recenseamento em Moscou em 1882, o conde tinha a inflexível convicção de que o dinheiro não era solução para resolver um problema de raízes tão profundas: acima de tudo eram necessárias ações práticas. Depois de se instalar na propriedade de Begichevka, Tolstói escreveu outro artigo sobre a fome, “Uma pergunta terrível” (a pergunta em questão era: “a Rússia é capaz de prover a alimentação de seu povo?”), devidamente publicado na *Gazeta Russa* em 6 de novembro. Depois disso Tolstói deu início a uma rotina que se prolongou durante meses: o conde acordava cedo todo dia, organizava os sopões comunitários gratuitos, supervisionava o trabalho dos voluntários e com o dinheiro das doações comprava provisões (Tolstói doou do próprio bolso seiscentos rublos). No final de novembro já havia trinta cozinhas comunitárias em funcionamento, e no final de dezembro já eram setenta. As sopas para os pobres eram uma necessidade premente. Em carta a Sônia, Tolstói relatou ter ido a um vilarejo onde havia uma única vaca para garantir o sustento de nove famílias, e em outro onde quase todos os moradores eram miseráveis. Em janeiro, quatro mil camponeses estavam recebendo comida gratuita todo dia.

De início o governo tinha desestimulado o envolvimento dos cidadãos russos na campanha contra a fome, mas em face de sua própria impotência as autoridades foram obrigadas a mudar sua diretriz e seu programa de ação. Não obstante, os governantes estavam alarmados com as atividades de Tolstói, a ponto de despacharem uma circular a todos os jornais da Rússia proibindo que publicassem artigos sobre o escritor. Embora tivesse recebido uma reprimenda pela publicação de “Uma pergunta terrível”, o editor da *Gazeta russa* seguiu em

frente e em dezembro estampou no jornal a sequência do artigo, “Maneiras de ajudar a população que sofre por conta da colheita malograda”. No dia seguinte, em carta a Suvorin, Tchekhov afirmou enfaticamente que Tolstói já não era somente um homem, mas sim “um gigante, um Júpiter”, e imediatamente contribuiu com um artigo para a coletânea de ensaios que vinha sendo compilada pelo jornal. Nesse ínterim, Nikolai Grot, o amigo de Tolstói, chamou-o de “tsar espiritual”, em quem todas as esperanças da Rússia estavam depositadas naquele momento difícil. Mas um enorme escândalo estava sendo engendrado e em breve explodiria. Após sofrer drásticos cortes, “Sobre a fome” tinha sido finalmente liberado para publicação e saiu em *A Semana* no início de janeiro de 1892. Tolstói quis também que seu texto censurado fosse lido no exterior e entrou em contato com vários conhecidos estrangeiros pedindo que o traduzissem. Nos Estados Unidos, Isabel Hapgood publicou sua tradução no jornal nova-iorquino *Evening Post*, juntamente com o anúncio de que ela estava organizando uma campanha para arrecadar fundos a serem destinados às vítimas da fome na Rússia (contribuições já tinham começado a chegar da Inglaterra, França e Alemanha). Emile Dillon, acadêmica inglesa que dava aulas na Universidade de Carcóvia, publicou sua própria tradução do artigo no jornal *Daily Telegraph* em 14 (26) de janeiro, com o bombástico título “Por que os camponeses russos estão morrendo de fome?”. Como Tolstói esperava, alguns trechos foram então retraduzidos para o russo pela imprensa de seu país, mas suas palavras acabaram sendo distorcidas por publicações de direita e imediatamente condenadas pelos jornalistas mais reacionários como propaganda revolucionária da pior espécie. Tolstói foi rotulado como o Anticristo, alguém que estava incitando os camponeses à revolta.

Agora era impossível que o liberal Nikolai Grot conseguisse publicar textos de Tolstói em seu jornal. Na corte, as conversas giravam em torno da punição que o conde deveria receber: ser trancafiado na prisão do Mosteiro de Suzdal (tradicional local de encarceramento de hereges na Rússia), mandado ao exílio ou internado em um hospício (na Rússia era arraigada a ligação entre tolos santos e loucos). Na remota Smolensk chegaram inclusive a correr rumores de que o escritor já estava trancafiado na prisão do Monastério de Solovetski (onde seu ancestral Piotr Andréievitch estivera preso). Antes de partir da Suécia para se apresentar como voluntário, o escritor Jonas Stadling ouviu a notícia de que Tolstói estava “em prisão domiciliar em sua propriedade e seria banido do país”. Contudo, mais uma vez Alexandre III optou pela clemência — não era a primeira

vez que Alexandrine fora obrigada a intervir junto à corte em nome de seu parente, sua proximidade com o tsar era a garantia da segurança de Tolstói. O escritor, que ansiava pelo martírio, ficou enfurecido com o fato de que continuava impune. Mas como observou Suvorin em uma carta, Tolstói era a única pessoa que podia fazer qualquer coisa, ao passo que todas as outras precisavam disfarçar suas ideias antes de fazer o que quer que fosse: “Eles o estão perseguindo, mas em vão. Ele é intocável, e, mesmo se for punido, ficará contente, pois muitas vezes me disse, ‘Por que não me prendem, por que não me põem na prisão?’ É uma sorte invejável”.

Preocupada por julgar que toda a sua família estava à beira da ruína, Sônia se perguntava o que tinha acontecido com a doutrina de amor e pacifismo alardeada por Tolstói. Contudo, o envolvimento de Sônia com a causa tinha servido para aproximá-la do marido, o que o deixara bastante feliz. No final de janeiro de 1892 ela foi pessoalmente a Begichevka para uma visita de dez dias. Vinha recolhendo doações e publicando boletins, e agora via com os próprios olhos a multidão de camponeses esfarrapados, trêmulos e macilentos, cujo rosto entristecido estava marcado pela expressão de humilhação que sentiam por receber caridade. Ela também viu em primeira mão como era difícil e exaustivo o trabalho do marido e das filhas (às vezes Tolstói ficava acordado até as três da manhã para tentar escrever). Além do desafio físico de trabalhar durante os glaciais meses de inverno em vilarejos onde as pessoas não tinham condições de se alimentar ou de aquecer a própria casa, a escala do desastre era por vezes desalentadora e desmoralizante — era simplesmente impossível ajudar todos os necessitados. Quando regressou a Moscou em fevereiro, Sônia teve de se desdobrar para cuidar de Vanechka (que estava prestes a completar quatro anos e mais uma vez havia adoecido gravemente) e tomar providências para evitar uma retaliação à campanha do marido. As repercussões da tradução de Dillon do artigo de Tolstói publicada no jornal *Daily Telegraph* foram tão danosas entre ministros e altos funcionários da corte, que Sônia teve de escrever uma série de cartas apaziguadoras, além de fazer repetidas visitas ao governador-geral, o grão-duque Serguei Aleksándrovitch, e à sua esposa Elizaveta Fiódorovna.

O trabalho de Tolstói na campanha contra a fome contagiou outras pessoas, logo ganhando a adesão de amigos e parentes dispostos a ajudar, e depois de voluntários como o sueco Jonas Stadling, que chegou em fevereiro de 1892. No livro em que relatou suas experiências, Stadling descreveu a ocasião em que

acompanhou Tolstói e sua filha Macha na visita a uma escola:

Paramos em um dos *izbas* onde o conde havia criado uma escola e um refeitório. Entramos, e durante algum tempo não conseguíamos enxergar coisa alguma, mas nossos pés nos diziam que o chão de terra batida fazia as vezes de assoalho. Quando nossos olhos se acostumaram à escuridão, vimos diversos bancos, e entre eles havia cerca de trinta crianças, de pé, encarando-nos em silêncio [...]. Junto a um canto havia um par de velhos. Das imediações do forno vinha uma respiração pesada, e vimos que havia três crianças deitadas em cima do forno, cobertas de varíola. Sugeri que elas fossem imediatamente removidas dali, ao que o conde respondeu que isso seria feito assim que fosse possível, mas uma vez que não havia hospitais e praticamente todas as casas estavam infectadas, não era fácil isolar os doentes. As pobres crianças foram levadas para a escola “porque lá era mais quente”.

Quando já não havia dinheiro para pagar os professores, as escolas locais tinham sido obrigadas a fechar as portas, mas Tolstói fez o que pôde para reabrir algumas. Stadling estava completamente admirado com todos os Tolstói — a infatigável Sônia, que cuidava sozinha da volumosa correspondência em Moscou; Liev Lievitch, que coordenava a campanha em Samara (onde Stadlin também atuou como voluntário); e as duas dedicadas filhas Tânia e Macha, que ajudavam o pai não apenas na operação dos sopões comunitários e na instalação de áreas separadas para alimentar as crianças, mas também cuidavam da obtenção de comida para os cavalos e da distribuição de querosene e sementes para o plantio entre os camponeses, além de palha e fibra de linho, para dar-lhes algum trabalho.

No outono de 1892, quando Tolstói por fim retornou a Iásnaia Poliana, graças às doações de mais mil rublos e ao envio de dois navios dos Estados Unidos com uma carga de farinha, grãos e batatas havia sido possível organizar 212 sopões comunitários em quatro distritos, que funcionaram até julho. Mais tarde ele declarou que essa tinha sido uma das épocas mais felizes da sua vida, juntamente com o período em que dera aulas na escola de Iásnaia Poliana e elaborara suas cartilhas e livros de leitura. Em setembro ele retornou a Begichevka para outra visita, e em linguagem deliberadamente moderada escreveu um comovente relato sobre como as doações recebidas entre abril e julho tinham sido usadas. O texto foi publicado em outubro na *Gazeta Russa*, e pelo menos cinco mil cópias adicionais tiveram de ser impressas para suprir a demanda. Tolstói continuaria fazendo visitas a Begichevka no inverno de 1893, mas agora estava livre para passar mais tempo trabalhando no tratado sobre a não violência que tinha iniciado dois anos antes. O conde também se dedicou ao tratado durante as três semanas que passou descansando em Moscou em janeiro,

e em abril Tchertkov enviou ao amigo em Begichevka não apenas o manuscrito mais recente, mas também um jovem camponês com boa caligrafia disposto a atuar como copista. Assim, Tolstói teve condições de seguir trabalhando, e agora que estava de volta à paz e tranquilidade de Iásnaia Poliana podia dedicar ao tratado todas as suas atenções.

Depois que os textos religiosos de Tolstói foram publicados no exterior ele tinha começado a receber cartas, livros e panfletos de entusiasmados leitores do mundo todo simpáticos à sua causa. Quando Alice Stockham foi visitar Iásnaia Poliana, Tolstói demonstrou grande interesse no que ela tinha a dizer sobre as diversas ramificações cristãs na América do Norte, que estavam dando passos no sentido de “um cristianismo prático, uma fraternidade universal, e o símbolo disso é a não resistência”. Assim o conde tomou conhecimento da existência de universalistas, unitaristas, quacres, espiritualistas, swedenborgianos e também shakers. Em 30 de março de 1889, o shaker Asenath Stickney tinha enviado a Tolstói fotografias dos líderes de sua comunidade e também dois livros: *The Shaker Answer* [A resposta shaker] e *Plain Talks upon Pratical Religion: Being Candid Answers to Earnest Inquirers* [Diálogos francos sobre religião prática: respostas sinceras a inquiridores determinados]. No outono de 1889 Tolstói iniciou correspondência com outro shaker, Alonzo Hollister, explicando os pontos em que concordava e discordava das crenças da seita. Também entrou em contato com os quacres, que pregavam a não resistência havia vinte anos e se recusavam a pegar em armas, até mesmo para autodefesa. Wendell Garrison, que editava um periódico intitulado *Não resistência*, enviou a Tolstói obras de seu pai, o famoso abolicionista e reformador social William Lloyd Garrison (falecido em 1879). Em 1889 Tolstói recebeu também um exemplar de *Catechism of Non-violence* [Catecismo da não violência], de Adin Ballou, e ficou bastante impressionado. Ballou era um pastor abolicionista que em 1841 fundara em Massachusetts uma comunidade utópica com o objetivo de levar uma rigorosa vida de não violência cristã. Tolstói trocou cartas afetuosas com o velho pastor de 87 anos, que morreria em 1890.

À medida que as ideias de Tolstói amadureciam, em parte sob o impacto de todos esses espíritos afins ao seu que tinha encontrado e com quem agora estava em contato, o conde acabou por constatar que havia um livro importante que ele precisava escrever depois de *Em que acredito*. Sua ideia de não resistência à violência era um ponto fulcral em seu sistema religioso e ético, mas ele julgou

que sua exegese ainda não tinha sido suficientemente abrangente. Como descreveu Jonas Stadling depois de conversas com Tolstói em Begichevka, o novo livro seria “uma espécie de contraponto ao espírito cada vez mais marcadamente marcial do período, e que parecia quase personificado na figura do jovem imperador alemão”. De início Tolstói pensou que conseguiria escrever rapidamente esse novo livro, e logo que voltou a Iásnaia Poliana redigiu dois esboços, mas, descontente, passou um ano inteiro lapidando o manuscrito. O *reino de Deus está em vós* tornou-se a obra-prima entre seus textos religiosos, e a importância do livro pode ser medida pelo fato de que quando Tolstói finalmente o publicou — em maio de 1893 —, já tinha escrito mais de treze mil páginas de manuscrito — quase a mesma quantidade de páginas dos romances *Anna Kariênina*, *Guerra e paz* e *Ressurreição* somados. Era também sua obra mais pungente e clamorosa.

No início, o livro trata das pessoas que depois de lerem *Em que acredito* haviam se sentido compelidas a expressar seu apoio, enviando cartas, panfletos e livros. O conde também responde aos críticos e, então, enceta sua argumentação afirmando que nem os crentes nem os descrentes entendiam o cristianismo, e que é impossível viver como um verdadeiro cristão na sociedade convencional. Por fim ele analisa as atitudes contemporâneas com relação à guerra e o significado do serviço militar, e é categórico acerca da incompatibilidade entre cristianismo e qualquer forma de governo. No último dos doze capítulos já não consegue manter o tom calmo com que inicia seu tratado, e em linguagem incendiária relata seu encontro com um batalhão de quatrocentos soldados quando estava a caminho de Begichevka pela última vez. Armados com fuzis, os militares estavam viajando em um trem especial com a missão de mitigar distúrbios entre os camponeses famintos que Tolstói estava tentando ajudar. Para Tolstói, isso foi uma confirmação de suas ideias. Em julho de 1892 o próprio escritor resumiu de forma concisa e direta as principais ideias contidas em seu tratado em carta a Charles Turner, professor inglês residente em Moscou que traduziu algumas obras de Tolstói:

Neste livro há três ideias principais: 1. o cristianismo não se limita apenas à adoração de Deus e a uma doutrina da salvação, como entende a maioria dos falsos cristãos, mas é acima de tudo uma compreensão diferente da vida, que altera toda a estrutura da sociedade humana; 2. desde o surgimento do cristianismo, convivem duas tendências opostas: uma que ao longo do tempo vem clarificando a nova e genuína compreensão da vida, e outra que vem distorcendo o cristianismo em doutrina pagã; em nossa época essa

contradição tornou-se particularmente aguda e é expressa com toda força no arsenal bélico universal e no serviço militar obrigatório; 3. a solução necessária dessa crucial contradição, que atingiu um absurdo grau de hipocrisia, só pode se dar por meio do sincero esforço de cada indivíduo para conciliar sua vida e suas ações com os alicerces morais que considerar verdadeiros, a despeito das exigências da família, da sociedade e do governo.

Em março de 1893, assim que concluiu *O reino de Deus está em vós*, Tolstói começou a despachar seu manuscrito para o exterior, a fim de que o texto fosse traduzido e publicado. Traduções francesas e italianas surgiram no final daquele ano. Em carta ao autor datada de 29 de outubro Nikolai Strákhov escreveu de São Petersburgo para informar que o censor religioso havia considerado a tradução francesa de *O reino de Deus está em vós* o livro estrangeiro mais perigoso que ele já tivera a oportunidade de banir da Rússia. No início de 1894, apareceu uma tradução para o alemão e três para o inglês, duas publicadas em Londres e uma nos Estados Unidos. Uma dessas edições caiu nas mãos de um advogado indiano de 25 anos de idade, que então trabalhava na África do Sul, chamado Mohandas Gandhi. Ele já vinha praticando a não violência, mas sucumbira a dúvidas que imediatamente se dissiparam por completo assim que leu o livro. Gandhi ficou particularmente impressionado com o fato de que Tolstói praticava o que ele tinha pregado e não estava disposto a fazer concessões em sua busca da verdade.

A primeira edição em russo de *O reino de Deus está em vós* foi publicada na Alemanha no início de 1894, mas até mesmo essa edição “estrangeira” foi expurgada — tiveram de ser removidas as duas páginas sobre o cáiser Guilherme, bem como as referências depreciativas a Catarina II, nascida naquele país. A essa altura o texto tinha circulado amplamente na Rússia em cópias *samizdat*, mas exemplares da edição russa publicada na Alemanha também foram contrabandeados. Em maio de 1894, um memorando secreto do governo expressava inquietação diante do número de cópias que já tinham sido importadas ilegalmente para a Rússia, e avisou que todos os tipógrafos, litógrafos e demais indivíduos de posse de máquinas de escrever seriam colocados sob vigilância estrita. Por alguma razão, cópias datilografadas se espalharam particularmente nas “províncias do sul”. A primeira edição integral em russo de *O reino de Deus está em vós* foi publicada em 1896 em Genebra por Mikhail Elpidin. Antes disso, Alexandre III tinha declarado que, uma vez que não queria contribuir com a fama de Tolstói concedendo-lhe a coroa de mártir, não exilaria o escritor.

Contudo, o tsar ficou horrorizado com o novo livro, que leu meses antes de sua morte precoce no outono de 1894. Agora até mesmo o tsar ansiava repreender Tolstói dando a seu súdito rebelde uma dura lição.

ANCIÃO, APÓSTATATA E TSAR

Alguém disse que cada pessoa tem seu próprio cheiro específico. Por mais estranho que possa parecer, acho que Tolstói tem um cheiro bastante devoto, de igreja: ciprestes, vestimentas, hóstias...

Valentín Búlgakov, anotação no diário, 12 de fevereiro de 1910

COM A PUBLICAÇÃO DE *O reino de Deus está em vós* em 1893, o “evangelho” de Tolstói estava completo. Não era coincidência que as tipografias ilegais que produziram exemplares do texto para distribuição na Rússia também imprimissem propaganda revolucionária. Exceto por seu completo e absoluto engajamento com a não violência, Tolstói buscava também derrubar o governo russo. Como mais tarde comentaria a filósofa e economista polonesa de orientação marxista Rosa Luxemburgo:

A crítica a que Tolstói submeteu a ordem existente é radical; ela não conhece limites, nem olhares retrospectivos [...]. A destruição definitiva da propriedade privada e do Estado, a obrigação universal do trabalho, a plena igualdade econômica e social, a completa abolição do militarismo, a irmandade das nações, a paz universal e a igualdade de tudo que tem a imagem humana — é este o ideal que Tolstói vem pregando incansavelmente, com a obstinação do grande e veemente profeta.

Nos anos seguintes Tolstói escreveria dezenas de outros artigos em que expunha suas concepções religiosas e éticas. Alguns foram ocasionados por eventos específicos. “Não matarás” foi escrito em resposta ao assassinato do rei Humberto I em 1900, e “Não posso me calar” repercutia a notícia de que vinte camponeses tinham sido enforcados por tentativa de roubo. Outros, caso de “Religião e moralidade”, “A lei da violência e a lei do amor” e “A essência do

ensinamento cristão”, expressavam a contínua evolução de seu pensamento nos últimos quinze anos de sua vida. Eram basicamente variações sobre o mesmo tema, e, embora em sua maioria bem mais curtos, muito mais ásperos.

Tolstói já dera mostras de ser um apóstolo extraordinariamente eficaz. Capitalizando sua fama como escritor, assim que começou a disseminar suas novas crenças na década de 1880, o conde quase imediatamente passou a ganhar adeptos convertidos para sua versão de cristianismo. Ao iniciar sua cruzada, tinha se queixado de solidão e procurou vigorosamente espíritos afins ao seu. Uma década mais tarde, tais espíritos iam procurá-lo — em multidões, vindas do mundo inteiro, quase sempre concebendo a própria viagem como “peregrinação”. Se no início da década de 1880 Tolstói costumava receber no máximo dois ou três visitantes por semana, em seus últimos anos de vida havia diariamente 35 pessoas esperando vê-lo. Havia os que o procuravam de maneira reverente, encarando-o como um ancião (*starets*), na esperança de que lhes fornecesse orientação espiritual e respostas para diversos problemas, e os que queriam vê-lo em carne e osso simplesmente por se tratar de uma celebridade.

Sua fama pode ser avaliada pela maneira como o jornalista britânico William Stead prefaciou o relato que fez da semana que passou em Iásnaia Poliana em 1888:

Na Rússia e fora da Rússia, encontrei pessoas mais interessadas na personalidade do conde Leo Tolstói, o romancista, do que em qualquer outro russo vivo. Ele é o primeiro homem de letras da Rússia contemporânea, mas esse fato isolado não explica o amplo e generalizado interesse por seu caráter. Trata-se de um homem original, um pensador independente, um professor de religião e o fundador de algo que fica a meio caminho entre Igreja, escola e organização sociopolítica. Não apenas pensa coisas diferentes e as diz com força, vigor e brilhante expressão — ele faz coisas estranhas; e mais que isso, induz outras pessoas a fazer o mesmo. Homem de gênio que passa seu tempo plantando batatas e remendando sapatos, um grande artista literário que fundou uma propaganda de anarquia cristã, um aristocrata que passa a vida como camponês — um homem assim chamaria a atenção em qualquer país. Na Rússia, ele a monopoliza, e a fama de sua originalidade se disseminou de tal maneira que é provável que haja mais pessoas ávidas para “ouvir sobre Tolstói” em Boston e São Francisco do que até mesmo em São Petersburgo e Moscou.

As principais obras literárias e religiosas de Tolstói tinham sido traduzidas e publicadas poucos anos antes, e mesmo assim ele já era um nome famoso e incontornável no mundo inteiro. O dramaturgo sueco August Strindberg foi profundamente afetado pelas ideias de Tolstói quando travou contato com os textos do conde em Paris, em 1885:

Tolstói, cujo romance *Guerra e paz*, recentemente traduzido, suscitou a admiração dos parisienses; Tolstói, um conde, um homem abastado, soldado condecorado de batalhas em Sebastópolis; escritor brilhante, rompeu com a sociedade, deu as costas à escrita de textos literários e nas polêmicas obras *Uma confissão* e *Em que acredito* debandou para o lado de Rousseau; declarou guerra à cultura e colocou em prática seus ensinamentos transformando-se em camponês.

Strindberg escreveu seu livro *Entre camponeses franceses* (publicado em 1889) sob a influência imediata das ideias de Tolstói. Matthew Arnold tinha inflamado a imaginação dos leitores britânicos, ao passo que um pioneiro estudo sobre o romance russo publicado em 1886 pelo visconde Eugène Melchior de Vogüé (que tinha servido junto à embaixada francesa em São Petersburgo no final da década de 1870 e início da década de 1880 e se casara com uma nobre russa) alimentou o intenso interesse do público leitor europeu por Tolstói no continente. Em 1887 um crítico norte-americano publicou na revista *Harper's bazaar* um artigo sobre a tumultuosa reação à chegada da literatura russa nos países de língua inglesa, descrevendo Tolstói como o maior ficcionista “vivo ou morto” de todos os tempos. No final da década, um escritor alemão rumou para Iásnaia Poliana a fim de fazer pesquisas: a primeira biografia de Tolstói foi publicada em Berlim em 1892, dois anos antes de sair na Rússia. Ele estava com 64 anos de idade.

Na década de 1880 a dinâmica da vida de Tolstói tinha mudado drasticamente enquanto ele formulava sua doutrina do amor fraterno e da resistência não violenta. O escritor tinha se tornado abstêmio, vegetariano, abandonara o tabaco e a caça e também tinha parado de lidar com dinheiro até o ponto em que isso era possível. Na década de 1890 sua vida mudaria novamente, não apenas porque começou a andar de bicicleta aos 65 anos de idade e precisou contratar um secretário para ajudá-lo com a volumosa correspondência que passou a manter com os leitores do mundo inteiro. Quando Tolstói levou adiante a decisão de enfrentar o governo, abraçando a causa dos sectários perseguidos do país, os ministros responderam mandando para o exílio seus seguidores mais próximos e excomungando-o da Igreja Ortodoxa — o que apenas contribuiu para aumentar sua fama. A vida russa também mudou na década de 1890. Nicolau II, o último dos Romanov, subiu ao trono em 1894 em meio à crescente inquietação social e política e ao rápido desenvolvimento de novas tecnologias que começavam a revolucionar a vida cotidiana. Antes de morrer, em 1910, Tolstói teve tempo para ver a câmara de cinema, o carro a motor, a fotografia e a máquina de escrever e chegou inclusive a conversar por telefone com Tchekhov.

É extraordinário que Tolstói tenha encontrado tempo para escrever ficção nesse período de atividade frenética de sua vida, quando às vezes adoecia gravemente e ficava bastante debilitado. Além do romance *Ressurreição*, concluído em 1899, ele trabalhou em um punhado de contos superlativos e também compôs um substancial tratado sobre o significado da arte. Essas obras foram escritas simultaneamente a todos os artigos religiosos e diatribes contra as práticas imorais do regime tsarista, que continuava tão reacionário quanto o reinado de Alexandre III. Mas o principal projeto de Tolstói no final de sua vida foi a compilação de diversos e exaustivos volumes reunindo máximas e ditos de seus escritores e pensadores favoritos. Necessitava desse consolo, pois ao longo de boa parte de seus últimos quinze anos de vida sentiu-se infeliz. Ainda julgava que tinha obrigações para com sua família, mas achava incomensuravelmente doloroso ter de aturar as regalias de seu outrora senhorial estilo de vida quando o que mais desejava era cair na estrada como um *Strannik* penitente e indigente. Além disso, à medida que aumentava a influência de Tchertkóv sobre a vida e a carreira do escritor, mais se deteriorava o relacionamento de Tolstói com a esposa.

Embora os pais de Sônia morassem em um apartamento no Krêmlin ela fora criada em um ambiente bastante humilde; por isso, ao se casar com Tolstói, Sônia adaptou-se rapidamente a Iásnaia Poliana; contudo, a decoração espartana da residência dos Tolstói invariavelmente deixava surpresos os visitantes estrangeiros. O intrépido viajante norte-americano George Kennan, por exemplo, que chegou a Iásnaia Poliana em junho de 1886 depois de percorrer a Sibéria, claramente esperava que o estúdio de Tolstói fosse mais imponente:

O chão era nu, desguarnecido; a mobília era antiquada, com duas ou três cadeiras ordinárias, um banco de madeira com espaldar alto e baú sob o assento, estofado com um gasto marroquim verde, e uma mesa pequena e vulgar, sem tampo. Havia um busto de mármore [do irmão de Tolstói, Nikolai], em um nicho atrás do banco, e as únicas imagens que havia no estúdio eram um retrato emoldurado de Dickens e outro de Schopenhauer. Seria impossível imaginar um ambiente mais modesto e simples do que esse estúdio. Em qualquer casebre camponês do leste da Sibéria é possível encontrar mais riqueza e luxo.

Anna Armfeldt tinha pedido a Kennan que contrabandeasse uma cópia manuscrita de *Uma confissão* para sua filha Natália, que cumpria pena na mina-prisão de Kara, e ele ficou tão horrorizado com o que viu do sistema penal russo na Sibéria que se converteu em feroz oponente do regime tsarista. Consequentemente, Tolstói ficou interessado em ouvir o que ele tinha a dizer. O

livro de Kennan, *A Sibéria e o sistema de exílio*, acabou sendo banido da Rússia logo que foi publicado, em 1891, e no mesmo ano o autor foi expulso do país.

Sônia não fazia questão de viver em meio ao luxo, e sequer se incomodava com o fardo adicional de ter de preparar pratos especiais para as refeições do marido e do número cada vez maior de vegetarianos em Iásnaia Poliana. A exemplo do pai, Tânia e Macha aderiram ao vegetarianismo, como todos os tolstoístas, a começar por Tchertkóv. Outros leais amigos de Tolstói também eram vegetarianos, caso do pintor Repin, cuja fascinante companheira Natália Nordman certa feita promoveu uma dieta à base de grama e feno. Tudo isso a convencional Sônia até era capaz de tolerar, mas ela não se entusiasmava muito com os seguidores do marido. “Essa gente que segue os ensinamentos de Liev Nikoláievitch é tão desagradável! Não há uma só pessoa normal”, anotou em seu diário em agosto de 1890. Em geral, Sônia via os tolstoístas como o contrário das pessoas de seu próprio meio, os *svetskie* (sociedade refinada), e, brincando com a palavra *svet*, que significa “luz”, bem como “sociedade” e “mundo”, ela passou a chamá-los de *tyomnye* (obscuros). Ela notou que começaram a brotar *tyomnye* assim que cópias ilegais do *Evangelho resumido* e *Uma confissão* entraram em circulação. De início Sônia fez uma exceção ao aristocrático Tchertkóv, que tinha maneiras refinadas, e também ao artista Nikolai Ge, que se tornou amigo de toda a família (morreu em 1894). Também tolerava Pável Biriukóv (Pocha), que era humilde e inteligente, mas achava difícil aturar os sectários e camponeses, e tinha verdadeira aversão aos desajustados sociais que Tolstói parecia atrair feito um ímã, fracassados incapazes de seguir uma carreira profissional convencional e que se tornavam seguidores fanáticos do marido. Registrou em seu diário a ocasião em que, numa gélida manhã de 1895, batidas à porta acordaram a casa inteira: o visitante “era um *tyomny* imundo e pulguento”, desesperado para se casar com sua filha Tânia.

Apesar de seu desagrado, Sônia teve de aprender a conviver com a presença dos *tyomnye* tolstoístas. Uma das primeiras e mais devotadas seguidoras de Tolstói foi uma mulher da idade de Sônia, Mária Alexándrovna Schmidt, professora solteira de uma refinada escola para meninas de Moscou. Em março de 1884 Mária Alexándrovna apareceu na casa dos Tolstói acompanhada da amiga Olga Barcheva e pediu ao escritor um exemplar de seu *Evangelho*. Quando ele informou que só tinha o manuscrito, Mária respondeu alegremente que elas gostariam de copiar o texto. Então as duas amigas dividiram o manuscrito e passaram noites a

fio no estúdio de Tolstói familiarizando-se com as ideias do conde. Logo Mária assumiria a função de assistente do principal copista de Tolstói à época, Alexander Ivánov. Logo Mária entraria em ação, pois o ex-oficial Ivánov era alcoólatra e vivia tendo recaídas e surtos de bebedeira. Nos dias em que estava sóbrio, Ivánov fazia um bom trabalho, mas em diversas ocasiões Tolstói teve de resgatá-lo de farras nos cortiços. A vida de Mária mudou drasticamente após a leitura do *Evangelho* de Tolstói. Outrora uma ardorosa cristã ortodoxa, agora a professora jogou fora seus ícones e os substituiu por um retrato de Tolstói. Além disso, demitiu-se do cargo de professora e, com a amiga Olga, foi viver em uma das primeiras comunas tolstoístas no Cáucaso; quando Olga morreu, em 1893, Mária voltou para o norte. A essa altura ela queria ficar perto de Tolstói, de quem tinha se tornado amiga íntima. Depois de fixar residência em um minúsculo isbá com telhado de palha nas terras recém-herdadas por Tânia Lvovna, a cinco quilômetros de Iásnaia Poliana, levou uma exemplar vida tolstoísta até sua morte. Quando a irmã de Sônia fazia sua visita anual à casa dos Tolstói, a figura esquelética de Mária contrastava com a rotunda Mária Nikoláievna, famosa por adorar comer. Era Mária Alexándrovna, com sua abstinência dieta de sopa, repolho e grãos, quem parecia freira.

Maria Alexándrovna gostava de viver como uma anacoreta, ganhando o pão com o suor do próprio rosto e tirando sustento de sua horta e sua vaca, Menchaka, mas havia outros tolstoístas que queriam a segurança de sentir que faziam parte de uma organização; em 1893, antes mesmo que *O reino de Deus está em vós* estivesse concluído, e muito menos publicado ou distribuído, começaram a correr boatos infundados sobre a realização iminente de um congresso tolstoiano. Embora tenha achado a ideia divertida, Tolstói também ficou horrorizado. “Isso é maravilhoso!”, ele exclamou. “Vamos aparecer no tal congresso e fundar uma espécie de Exército da Salvação. Vamos instituir um uniforme — chapéu e roseta. Talvez eu seja nomeado general. Macha pode costurar calças azuis para mim”. Tolstói gostava de mostrar liderança formulando e comunicando ao mundo tudo aquilo que ele acreditava ser a verdade, mas o fato é que não queria ser líder de coisa alguma — a questão era justamente se manter afastado de organizações. Aliás, em seu mundo ideal sequer existiriam organizações. Contudo, não foi capaz de evitar que os que se sentiam atraídos por suas ideias formassem um movimento, e muitos de seus seguidores eram fanáticos. Para Sônia, outro aspecto repulsivo do tolstoísmo era a “militância” dos seguidores do

marido aferrados à doutrina de não violência, que se colocavam abertamente em posição de antagonismo com o governo russo. Havia inevitavelmente repercussões desagradáveis, que por sua vez pareciam servir apenas para estimular Tolstói a levar adiante uma campanha ainda mais vigorosa em nome dos direitos civis, em ambas as extremidades do espectro social.

Uma pessoa que recebeu apoio direto de Tolstói foi o príncipe Dmítri Khílkov, que se tornou figura-chave entre os tolstoístas (antes de debandar para o outro lado e se transformar em revolucionário). Khílkov graduou-se no prestigioso Corpes de Pages em São Petersburgo e foi o mais jovem oficial a receber a patente de coronel do exército russo. Como Tchertkóv, quatro anos mais velho que ele, Khílkov renunciou a uma brilhante carreira militar. Quando pediu baixa do exército em 1884, a experiência de matar um soldado turco na Guerra Servo-Turca enquanto servia em um regimento cossaco e o fato de ter travado contato com sectários no período em que esteve aquartelado no Cáucaso converteram Khílkov em um veemente pacifista — e cristão nos moldes tolstoístas. Inspirado pela leitura de *Em que acredito*, Khílkov retornou a sua propriedade na província de Carcóvia, vendeu suas terras aos camponeses por uma fração do valor real, construiu uma casa de fazenda simples onde fixou residência, jogou fora suas roupas de estilo ocidental e passou a levar uma vida simples e agrícola. Em 1887, aos 29 anos de idade, Khílkov foi a Moscou conhecer pessoalmente Tolstói — a afinidade entre os dois foi instantânea. A essa altura a preocupação que Khílkov demonstrava pelos sectários, minorias étnicas e soldados rasos (cujas condições pouco haviam melhorado desde a Guerra da Crimeia) já tinha chamado a atenção da polícia secreta, cuja vigilância se intensificou depois que fez amizade com Tolstói.

Khílkov converteu sua pequena casa de fazenda com telhado de palha em centro local de cristianismo de inspiração tolstoísta e abriu uma biblioteca para que os camponeses pudessem ler os textos fundamentais do cânone tolstoiano, o que suscitou hostilidades por parte dos senhores de terras e do clero. As coisas chegaram ao ápice em 1891. Em março, após a bem-sucedida atividade missionária de Khílkov na área, Tolstói foi excomungado na catedral de Carcóvia; em agosto, Khílkov escreveu a Tolstói para relatar seu glacial encontro com o padre João de Kronstadt (Ioann Ilitch Serguiev), com quem tivera um desentendimento sobre a questão do batismo. Curioso para ver de perto o carismático padre — cuja visita a Carcóvia atraía uma numerosa multidão de

populares —, Khílkov atendeu ao pedido da mãe para que fosse conhecer pessoalmente o sacerdote, mas as coisas não correram bem. A mãe de Khílkov estava indignada com o fato de que ele não havia se casado na igreja, tampouco batizara o filho de um ano de idade, o que, pela lei, privava o menino do título a que tinha direito. Em novembro, o procurador-chefe do Santo Sínodo, Konstantin Pobedonóstsev, escreveu a Alexandre III para alertá-lo dos perigos do impacto do tolstoísmo no campesinato em uma área em que já havia inquietação. Dos seis mil paroquianos do distrito de Khílkov, ele afirmou, agora apenas cinco velhinhas estavam frequentando a igreja, e um número cada vez maior de homens se recusava a se alistar no exército. As autoridades agiram rápido. Em janeiro de 1892, Khílkov foi mandado para o exílio no Cáucaso, o que levou Tolstói a expressar sua inveja, mas esse sentimento foi mitigado em outubro do ano seguinte. Com a benção do padre João e acompanhada de dois oficiais de polícia, a mãe de Khílkov chegou ao Cáucaso para pegar seu neto de três anos e meio e sua neta de dois anos e levá-los para São Petersburgo, onde batizou as crianças sem o consentimento dos pais, que ficaram horrorizados. Tolstói escreveu uma carta de protesto a Alexandre III, e a esposa de Khílkov viajou a São Petersburgo para suplicar pessoalmente ao tsar, mas em vão, apesar do clamor público.

O ministério tolstoísta de Khílkov certamente tinha produzido resultados. O professor camponês Evdokim Drojijin rapidamente se converteu ao tolstoísmo depois de conhecer Khílkov em 1889, e dois anos mais tarde foi preso ao se recusar a ingressar no exército. Havia muitos outros opositores de consciência — indivíduos que se recusavam a cumprir as obrigações do serviço militar mediante alegações de impedimento religioso —, mas Tolstói se interessou em especial por Drojijin e ficou extremamente preocupado ao saber que o professor ficou um ano encarcerado em uma solitária e depois foi despachado para servir em um batalhão disciplinar em Voronej. Lá as condições eram verdadeiramente brutais, o que Tchertkóv constatou ao visitar Drojijin; imediatamente o discípulo de Tolstói saiu em campanha para que o preso fosse transferido para um presídio regular. Mas era tarde demais. Em janeiro de 1894, aos 28 anos de idade, Drojijin morreu de tuberculose logo que começou a cumprir sua pena de nove anos. O tolstoísmo tinha produzido seu primeiro mártir, mas se havia cronistas e hagiógrafos prontos para entrar em ação, havia também agentes da polícia vigiando com olhos de águia. Em junho, o tolstoísta Evguiéni Popóv concluiu um livro sobre Drojijin, e a polícia confiscou o manuscrito em sua casa em Moscou. Meses depois a

imprensa russa recebeu ordens de não publicar uma linha sequer sobre Drojijin. Não obstante, Popóv conseguiu recompor seu livro a partir de esboços que ele tinha escondido em outro lugar, e Tolstói completou o texto escrevendo um prefácio. Sem ter a menor chance de passar pelo crivo do censor russo, o livro acabou sendo publicado em Berlim em 1895.

Filho de um nobre empobrecido da província de Perm, Popóv juntou-se às crescentes fileiras tolstoístas em 1886, aos 22 anos de idade. Convencido de que Tolstói era capaz de lhe dizer qual era o sentido da vida, certo dia embarcou em um trem rumo a Iásnaia Poliana a fim de falar com o conde. Quase imediatamente se converteu ao vegetarianismo e começou a lavrar a terra. Depois de se divorciar de sua jovem e abastada esposa, passou a levar uma existência bastante peripatética, mudando-se de uma colônia tolstoísta para outra, até que por fim começou a trabalhar para a editora O Intermediário em Moscou. Em 1889 Popóv teve a oportunidade de conhecer Tolstói mais a fundo quando, no início do verão, acompanhou o escritor em sua jornada anual de Moscou a Iásnaia Poliana — três dias a pé. Era a terceira vez que Tolstói fazia a peregrinação percorrendo 190 quilômetros. Levava consigo uma pequena trousse, além de um caderninho e um lápis para anotar ideias e as histórias que ia ouvindo pelo caminho, e pernoitava na casa de mujiques hospitaleiros. Era sua maneira de protestar contra a invasão das ferrovias na Rússia rural, que trouxera a reboque a migração de massas dos camponeses para as cidades.

Além de trabalhar para O Intermediário, Popóv também frequentava o quartel-general do movimento tolstoísta na propriedade de Tchertkóv na província de Voronej. Em 1892, atuou brevemente como copista de Tolstói em Iásnaia Poliana e tomou parte da campanha contra a fome em Begichevka. Depois de escrever o livro sobre Drojijin, colaborou com Tolstói na elaboração de uma versão russa do *Tao Te Ching*, de Lao Tsé, para O Intermediário. Era um projeto pelo qual Tolstói nutria carinho especial. Em 1870, Victor von Strauss tinha publicado a primeira tradução do *Tao Te Ching* para o alemão, texto que Popóv verteu para o russo. Tolstói revisou a tradução e acrescentou um prefácio, explicando que o ensinamento básico contido no *Tao Te Ching* era o mesmo de todas as grandes religiões. Na década de 1870 Tolstói poliu suas traduções das já concisas fábulas de Esopo procurando eliminar o excessivo ou supérfluo, de modo a extrair sua essência, e não é difícil ver por que o escritor se sentiu atraído pelos lapidares pensamentos e ideias de Lao Tsé, que a seu ver estavam em

perfeita consonância com suas próprias crenças conquistadas a muito custo:

Pessoas que usam ornamentos e roupas elegantes,
carregam armas,
bebem e comem em excesso,
possuem coisas, muito dinheiro:
ladrões desavergonhados.
Certamente o caminho deles
não é o caminho.

O interesse de Tolstói pelas religiões orientais só fez aumentar em seus últimos anos de vida. Já se argumentou inclusive que seu minimalista sistema de crenças tinha mais em comum com o budismo do que com o cristianismo.

Depois de traduzir Lao Tsé, Popóv encampou a causa de outro opositor, de consciência tolstoísta, que estava prestes a ser mandado ao exílio depois de cumprir pena em um batalhão disciplinar. Em dezembro de 1894, quando foi visitar o condenado no presídio central em Moscou, Popóv ficou intrigado por três homens que se vestiam como camponeses e ao mesmo tempo com roupas de cossaco. Eram *Dukhobors* — “lutadores em nome do Espírito” —, que tinham partido de seu lar no Cáucaso para ver Piotr Verigin, seu líder. Após disputas com outros *Dukhobors* por questões de liderança, Verigin já tinha passado sete anos no exílio na província de Arkhangelsk, no norte do país, e agora estava em vias de ser transferido para Berezov, na província siberiana de Tobolsk, onde cumpriria outros sete anos de degredo. Popóv se apresentou aos três *Dukhobors*, e quando ouviu sua história agendou sem demora outra reunião, com o intuito de levar Tolstói para conhecê-los. Seria um encontro fatídico.

Dada a inexistência de registros históricos, é difícil rastrear as origens dos *Dukhobors*, que aparentemente surgiram na Ucrânia a partir de diferentes grupos de dissidentes religiosos que compartilhavam as mesmas crenças e que em algum momento do século XVIII foram obrigados a fixar residência ao longo das fronteiras do sul da Rússia. Contudo, foi somente sob o reinado de Nicolau I que os *Dukhobors* formaram uma comunidade distinta; na década de 1830, por força de um decreto imperial, foram mais uma vez obrigados a se retirar para as áreas mais remotas dos novos territórios caucasianos do Império Russo, junto à fronteira do Império Otomano. Como muitos camponeses sectários, os *Dukhobors* adquiriram reputação por seu estilo de vida abstêmio, humilde e afeito ao trabalho árduo. Acreditando, como Tolstói, que “O reino de Deus está em vós”,

os *Dukhobors* reverenciavam a santidade de toda vida humana, e assim se opunham não apenas ao uso de armas, mas a praticamente todos os aspectos da Igreja Ortodoxa, que apoiava o Estado durante as suas campanhas militares. Isso significava a rejeição de todos os rituais, sacramentos, ícones, membros do clero, edifícios sagrados e também às próprias Escrituras, uma vez que os *Dukhobors* preferiam buscar orientação espiritual na consciência individual. O primeiro atrito sério entre os *Dukhobors* e o governo se deu em 1887, quando o alistamento militar obrigatório foi introduzido no Cáucaso, e a situação se agravou em 1894, quando todos os cidadãos russos foram obrigados a jurar lealdade ao tsar.

Antes das primeiras reuniões com os *Dukhobors*, Tolstói sabia muito pouco sobre suas crenças, já que a própria existência da seita era vista com maus olhos e escassamente documentada. Tolstói não pôde se encontrar pessoalmente com Verigin, que estava preso como criminoso condenado enquanto aguardava sua transferência para a Sibéria, mas em dezembro de 1894 Popóv e Biriukóv acompanharam o escritor em uma reunião com os três *Dukhobors* que tinham ido se despedir de Verigin — um deles era o irmão do preso, Vassíli. Para sua alegria, Tolstói descobriu que as opiniões dos *Dukhobors* sobre temas como a propriedade privada, a religião organizada, a autoridade secular e a resistência não violenta eram extraordinariamente parecidas com suas próprias concepções. Verigin já tinha feito essa descoberta. Mesmo antes de ler os textos religiosos proibidos de Tolstói (obtidos graças ao contato com exilados políticos no extremo norte), Verigin tinha começado a instigar os *Dukhobors* a renunciarem ao consumo de tabaco, álcool e carne. Agora ele percebeu que a aplicação adequada dos princípios contidos nos textos de Tolstói propiciava aos *Dukhobors* um meio eficaz de se posicionarem contra o governo. E começou a tramar diversas estratégias de resistência em massa.

Também em dezembro de 1894 Tchertkóv passou por Moscou, a caminho de São Petersburgo, onde planejava encabeçar uma campanha para que os filhos de Dmítri Khílkov fossem devolvidos aos pais, e convenceu Tolstói a se deixar fotografar ao lado dele e de outros tolstoístas envolvidos com O Intermediário. Além de Popóv e Biriukóv, havia dois novos recrutas: Ivan Tregubov, outro filho de sacerdote que tinha frequentado um seminário e de lá saído como ateu, e Ivan Gorbunov-Posadov, filho de um engenheiro. Uma vez que estavam acostumadas a tomar parte de todas as atividades do pai e tinham profundo envolvimento com o trabalho dele, Tânia e Macha, as leais filhas de Tolstói, ficaram desconcertadas

pela maneira dissimulada com que Tchertkóv planejou o retrato do grupo de cinco tolstoístas homens com seu “professor”. Para Sônia, foi um abuso. Assim que ela ficou sabendo, foi imediatamente ao estúdio do fotógrafo, confiscou os negativos e os desfigurou. Ficou acordada até as três da manhã tentando apagar — com um de seus brincos de diamante — o rosto de Tolstói. Tudo bem que os alunos de uma escola tirassem fotografias coletivas, mas a ideia de institucionalizar o tolstoísmo era abominável. Sônia julgava que não ficava bem para o status de Tolstói como grande escritor ser fotografado ao lado de pessoas de índole dúbia, e temia a possibilidade de que milhares de pessoas quisessem comprar reproduções da foto. Tolstói aquiesceu, mas mais tarde Tchertkóv compensou a perda de seu primeiro retrato de grupo trazendo da Inglaterra para a Rússia um fotógrafo profissional chamado Thomas Tapsell, que o ajudou a produzir centenas de imagens do grande homem para a posteridade. Tolstói era vaidoso, e concordou com isso também.

No mês em que conheceu os *Dukhobors* Tolstói estava dando os retoques finais a um novo conto. “Senhor e servo” (o título original russo “Khozyain i rabotnik” significa literalmente “o senhor e o trabalhador”) é sobre um rico senhor de terras que se redime de suas maneiras avarentas no meio de uma nevasca sacrificando sua vida para salvar a de seu oprimido e submisso servo de gleba. A notícia de que Tolstói publicaria, de graça, o conto em uma cara revista de São Petersburgo (*Mensageiro do Norte*, cuja assinatura anual custava treze rublos), provocou outro acesso de fúria de Sônia, que se sentiu traída e enciumada, inclusive porque a revista era editada por uma bela jovem. Sônia queria ser a detentora dos direitos das novas obras de ficção produzidas pelo marido, e na primeira de suas melodramáticas “tentativas de suicídio”, saiu de casa na calada da noite e fugiu para a rua coberta de neve, vestindo apenas camisola e pantufas. A paz foi temporariamente restabelecida depois que Tolstói conseguiu levá-la de volta para casa e concordou com suas exigências. Além de sair nas páginas da revista *Mensageiro do Norte*, a nova narrativa foi publicada simultaneamente como complemento do décimo terceiro volume da edição das obras completas de Tolstói organizada por Sônia (dez mil exemplares vendidos a cinquenta copeques em poucos dias), e também ganhou edição da editora O Intermediário (quinze mil exemplares vendidos por menos da metade desse preço em quatro dias). Uma edição popular posta à venda por três copeques foi publicada e reimpressa diversas vezes.

A bem da verdade as tentativas de suicídio de Sônia não passavam de estratagemas desesperados para chamar a atenção: ela estava exausta pelo estresse de cuidar de seu filho Vanechka — o menino tinha seis anos de idade e vivia doente — e pela luta para manter o casamento e criar seus quatro filhos mais novos. Logo as preocupações com dinheiro e lealdades pessoais foram postas de lado quando os Tolstói sofreram uma perda terrível, pouco antes da publicação de “Senhor e servo”. Dias antes de completar sete anos, Vanechka morreu de escarlatina. Dessa vez Tolstói e Sônia ficaram igualmente devastados, pois o frágil e angelical menino era adorado por todos na família por sua bondade excepcional e pela suposta semelhança com o pai. De fato, Tolstói tinha começado a alimentar o sonho de que, após sua morte, Vanechka daria continuidade a seu trabalho. A irmã de Tolstói, Macha, que tinha se ausentado do convento para visitar Moscou, velou o menino em suas últimas horas de vida, orando ao lado da cama, e depois ajudou a pentear a longa cabeleira loira de Vanechka e a vesti-lo com uma camisa branca. Entorpecida de luto, Sônia escreveu a Tânia relatando ter colocado um pequeno ícone sobre o peito de Vanechka e acendido a tradicional vela junto à cabeça do filho morto. Ao longo dos três dias seguintes o quarto foi guarnecido com flores, e a seguir empreendeu-se outra jornada de trenó rumo ao norte, para enterrar Vanechka no cemitério da Igreja de São Nicolau, em Pokróvskoe, ao lado do irmão Aliocha. “Mamãe está devastada pelo luto”, escreveu Macha a uma amiga. “Toda a vida dela estava nele, ela deu a ele todo seu amor. Papai é o único que pode ajudá-la. Ele é o único que pode fazer isso. Mas ele também está sofrendo, e chora o tempo todo”. Para Tolstói, de fato, essa morte se equiparava à morte de seu irmão Nikolai.

A perda de Vanechka foi um momento decisivo para Sônia e Tolstói. O luto pelo filho os uniu, e Tolstói pensou em levar a esposa à Alemanha para um período de descanso (ela jamais tinha ido ao exterior e sonhava ouvir *O Anel do Nibelungo* de Wagner em Bayreuth), mas o plano teve de ser adiado quando ficou claro que provavelmente o casal não teria permissão para retornar à Rússia. Sônia ficou mais de um ano sem escrever em seu diário e jamais se recuperou totalmente. Tolstói, por sua vez, começou a anotar em seu diário uma série de instruções acerca de seu próprio funeral: idealmente desejava ser enterrado no mais humilde dos cemitérios, sem flores, de preferência sem padre e peremptoriamente sem obituários. Também colocou em prática uma clássica técnica de deslocamento ou transferência emocional para lidar com o luto:

começou a andar de bicicleta.

A bicicleta “de segurança” de fabricação britânica, a primeira a substituir a *penny-farthing*,^[13] se tornaria um sucesso comercial e era uma novidade como meio de transporte que começava a entrar na moda na Rússia. Tolstói equipou-se de uma Rover (modelo desenvolvido em Coventry em 1885 pelo inventor da bicicleta moderna, John Starley) e foi tomar aulas no Manège de Moscou, o enorme edifício clássico defronte ao Krêmlin usado para desfiles e onde outrora ele tinha aprendido a lutar esgrima. Tolstói chamava a atenção por pedalar sozinho, separado dos outros ciclistas, com um intenso olhar de concentração. Assim que demonstrou para a polícia sua proficiência e obteve a licença, o escritor estava livre para pedalar cidade afora. O magnânimo tolstoísta Evguiéni Popóv desaprovou a iniciativa indulgente do mestre de se entregar a uma atividade tão frívola, mas Tolstói via o ciclismo como uma espécie “inocente de tolice santa” e não se preocupava com o que as pessoas achavam de um senhor de 66 anos “sobre rodas”. Naquele verão, Tolstói levou sua bicicleta a Iásnaia Poliana e se esfalfou de tanto pedalar em jornadas de ida e volta a Tula. Como ocorria com todas as atividades a que Tolstói se entregava com entusiasmo, por certo tempo andar de bicicleta tornou-se uma paixão obsessiva, e o escritor chegou a persuadir o pianista e compositor Serguei Tanéiev a aderir ao ciclismo. Então com 39 anos, Tanéiev era um conhecido da família que às vezes costumava patinar no gelo com Tolstói. Além de ser bastante corpulento, o pianista tinha um alto grau de miopia e era ligeiramente estrábico, a ponto de não gostar de sair à noite sem companhia por medo de tropeçar e cair, mas era um homem bastante resoluto. A mesma determinação Tanéiev demonstrava tocando piano para Sônia. Foi na música e não na prática esportiva que a esposa de Tolstói encontrou consolo para o luto.

Uma vez que sua irmã Tânia não visitaria Iásnaia Poliana no verão de 1895, Sônia ofereceu a ala da casa a Tanéiev por um aluguel simbólico, e em junho o pianista chegou para passar um mês, acompanhado de sua velha e encarquilhada avó Pelageia Vassílievna e de seu aluno de composição, Yuri Pomerantsev, de dezessete anos. Durante sua estadia, Tanéiev encheu a casa com o som primoroso do piano e involuntariamente tornou-se uma muleta emocional para Sônia durante o luto. Naquela primavera Tolstói mostrou-se carinhoso e afetuoso, mas logo voltou a se preocupar com suas atividades missionárias. Era com Tchertkóv que ele queria passar o tempo. Os dois vinham trocando cartas

frequentes e às vezes longuíssimas, mas ao longo da primeira década de sua amizade só tinham conseguido se encontrar pessoalmente em raras ocasiões, em geral quando Tchertkóv passava por Moscou a caminho de sua propriedade em São Petersburgo ou vice-versa. Em 1894, porém, isso mudou depois que Tolstói encontrou um lugar onde Tchertkóv e sua família — a frágil esposa e o filho Vladímir (assim como o pai, também chamado de Dima) — poderiam se hospedar: uma *datcha* próxima a Iásnaia Poliana. Agora Tolstói e seu discípulo teriam a oportunidade de passar juntos os longos dias de verão, em conversas ininterruptas. Os Tchertkóv voltaram também no verão de 1895 e de 1896, por isso não surpreende que Sônia sofresse muito com a ausência emocional de Tolstói. Tanéiev era uma pessoa plácida e discreta, completamente absorta em sua música, mas se converteu em companhia constante e em ouvinte solidário de Sônia, que claramente se sentia muito sozinha.

No início, Tolstói não se incomodou — ele e Tanéiev gostavam de jogar partidas de xadrez e sem sombra de dúvida o escritor adorava o inigualável desempenho do compositor ao piano executando o repertório clássico que ele tanto admirava. Tanéiev tinha sido pupilo de Tchaikóvski e Nikolai Rubinstein, e em 1875, com apenas dezenove anos de idade, fora o primeiro aluno do Conservatório de Moscou a se graduar com medalha de ouro em composição e performance. Naquele ano tinha atuado como solista na estreia do “Concerto para Piano nº 1”, de Tchaikóvski, e em 1878 substituiu-o como professor do Conservatório de Moscou (entre seus muitos alunos incluíam-se Scriabin e Rachmaninov). Tolstói compartilhava com Tanéiev inclusive o entusiasmo pelo esperanto — o pianista foi um dos primeiros falantes da língua na Rússia e chegou inclusive a escrever letras de canções em esperanto, além de usar o idioma para registrar nada empolgantes anotações em seu diário. Tolstói só tinha palavras elogiosas sobre o inventor do esperanto, Lazar Zamenhof, e sobre o livro que ele publicou em 1887, *Internacia Lingvo – Antaŭparolo kaj plena lernolibro* (Língua internacional. Prefácio e livro-texto completo).

Nascido na cidade de Białystok, distrito judaico na época pertencente ao Império Russo, Zamenhof publicava sob o pseudônimo Doktoro Esperanto (Dr. Esperançoso), nome que expressava seu sonho de que o esperanto se tornasse uma língua capaz de trazer a paz e a compreensão entre os povos do mundo todo. Tolstói manifestou seu apoio à língua artificial em uma carta endereçada a alguns entusiastas do esperanto, no início de 1894, em que afirmava ter recebido o livro

de Zamenhof logo após sua publicação e aprendido a ler fluentemente a língua em apenas duas horas. Isso deu aos diligentes tolstoístas a ideia de usar o periódico *Esperantisto* como plataforma ideológica. Em maio de 1895 a revista *Esperantisto* publicou traduções da carta de 1894 de Tolstói e de seu artigo “Sobre a razão na religião”. O governo russo reagiu prontamente, banindo as importações do periódico de sua base editorial em Nuremberg. Em agosto, *Esperantisto* foi obrigado a fechar as portas, pois três quartos de seus assinantes viviam na Rússia. Entre eles devia estar Tanéiev.

Infelizmente o amor em comum pelo esperanto não foi suficiente para evitar que Tolstói começasse a ter absurdos surtos de ciúme do azarado Tanéiev, apesar do fato de que o pianista era um inveterado solteirão. Não havia dúvidas de que Tanéiev era extremamente afeiçoado ao seu pupilo “Túcha” Pomerantsev, que com ele estudou composição e contraponto por vários anos e estava sempre ao seu lado, mas a companheira da vida inteira do pianista foi sua velha avó. Como mais tarde comentou um de seus ex-alunos, Tanéiev sentia em relação às “damas” uma mistura simultânea de medo, respeito e desprezo; a simples chegada de uma mulher a sua casa o deixava invariavelmente indisposto e se sentindo menos “direto e natural”. Além do mais, os comentários eufóricos de Tanéiev sobre ciclismo (“creio que nem mesmo as experiências dos recém-casados em sua noite de núpcias se comparam às sensações que um ciclista experimenta”) deveriam bastar para tranquilizar a mente de Tolstói. Há quem argumente que Tolstói deve ter sido bastante indulgente com a esposa simplesmente pelo fato de ter se disposto a assistir com ela à estreia de *A oresteia*, ópera interminavelmente longa composta por Tanéiev e encenada no Teatro Mariinski em outubro de 1895 (a obra rapidamente desapareceu do repertório, depois que Tanéiev se recusou a encurtá-la).

Tanéiev estava longe de ser um marido substituto. Fazia as vezes de interlocutor, alguém com quem Sônia podia conversar, particularmente sobre as questões da vida cotidiana em Iásnaia Poliana, que não interessavam a Tolstói havia anos. Talvez ele devesse ter sido magnânimo mesmo se de fato achou que sua esposa o estava traindo com um homem bem mais jovem do que ela. Afinal de contas ele estava fazendo o mesmo, agora que Tchertkóv havia substituído Sônia como o principal objeto de suas afeições e confidências. Mais tarde Sônia acusaria com todas as letras o marido de manter um relacionamento homossexual com Tchertkóv. É uma acusação que não pode ser comprovada com evidências

sólidas, embora por vezes o tom de muitas das cartas que Tolstói escreveu ao jovem amigo — logo que Tchertkóv foi deportado para a Inglaterra — seja o de um adolescente apaixonado; além disso o afeto do escritor era retribuído com devoção obsessiva da parte de Tchertkóv.

A dependência que Sônia desenvolveu pela música após a morte de Vanechka estimulou Tolstói a refletir de maneira mais profunda sobre questões de estética, ideias que seriam plenamente articuladas anos mais tarde no tratado *O que é arte?*, mas na década de 1890 sua missão central era a de um soldado cristão pacifista combatendo em nome da verdade e da justiça. Julgava extremamente gratificante o fato de que suas ideias agora começavam a dar frutos no exterior. Em 1890, um empresário britânico chamado John Kenworthy estava nos Estados Unidos quando encontrou por acaso textos de Tolstói, leitura que mudou sua vida por completo. Ele abandonou o desejo de fixar residência na América do Norte e ganhar dinheiro e voltou para a Inglaterra a fim de viver entre os pobres do East End londrino. Em 1893 Kenworthy publicou um livro intitulado *Anatomy of Misery: Plain Lectures on Economics* [Anatomia da miséria: preleções francas sobre economia]. Para o pacifista vegetariano Ernest Howard Crosby, advogado norte-americano reformista e tolstoísta, Kenworthy descreveu o dia de março de 1894, em que recebeu sua primeira carta de Tolstói, como o mais feliz de sua vida. De sua parte, Tolstói disse a Kenworthy que era uma “alegria” comunicar-se com ele, e que tinha não apenas lido seu livro, mas também encomendado uma tradução para o russo.

Em maio de 1894 Kenworthy tornou-se pastor honorário da recém-fundada Igreja da Irmandade de Croydon, organização de inspiração tolstoísta cuja congregação, de acordo com um dos membros de sua comissão administrativa, incluía todo tipo de excêntricos, “ateus, espiritualistas, individualistas, comunistas, anarquistas, políticos comuns, vegetarianos, antivivisseccionistas e antivacinistas”. Em outubro daquele ano Tolstói soube que tinha arregimentado outro seguidor britânico ao receber uma carta de Arthur St. John, ex-oficial dos Fuzileiros Reais de Inniskilling. St. John, que tinha pouco mais de trinta anos, escreveu a Tolstói para dizer que depois de ler *O reino de Deus está em vós* — quando retornava de Burma em licença médica —, abandonou o exército e foi viver em uma comunidade agrícola. Mais tarde ele comentou sobre a força da inspiração de Tolstói:

Teve sobre mim efeito tão tremendo que dois ou três meses depois deixei meu regimento de infantaria e

me vi lançado no mundo, sem emprego e sem outras habilidades e competências de trabalho a não ser servir como soldado. Eu tinha poucas certezas na vida, mas uma dessas poucas certezas era a máxima de Tolstói de que quem quer trabalhar pela paz não deve se preparar para a guerra.

Por toda a Europa a palavra de Tolstói se espalhava e caía em terreno fértil. Em fevereiro de 1895 Tolstói teve notícia do caso de um médico eslovaco de 26 anos chamado Albert Škarvan, que por causa da influência dos textos religiosos do russo tornara-se um opositor de consciência. Depois de se recusar a completar o serviço militar, as autoridades habsburgas obrigaram o jovem médico a se submeter a um exame em um hospital psiquiátrico e depois o mandaram para a prisão do exército. Logo Kenworthy, St. John e Škarvan se envolveriam ativamente no apoio aos projetos de Tolstói.

O escritor também ganhou um ardoroso adepto na Finlândia ocupada pelos russos, onde o movimento nacionalista ganhava força em face da recente russificação militante. Como seu cunhado compositor Jean Sibelius, Arvid Järnefelt estava profundamente engajado na luta pela independência finlandesa, mas sua devoção a Tolstói era ainda maior. Advogado que passara dois anos estudando russo em Moscou no final da década de 1880, Järnefelt tomou contato com os textos de Tolstói pela primeira vez em 1891, época em que trabalhava como funcionário público em Helsinque. Contra a vontade da família, abandonou a profissão para tornar-se agricultor, sapateiro e escritor em tempo integral, deixando inclusive de manter relações sexuais com a esposa. Järnefelt traduziu para o finlandês algumas obras de Tolstói, e em seus próprios textos divulgou as ideias do russo sobre reforma agrária. Em fevereiro de 1895 Tolstói escreveu-lhe para agradecer pelo envio de sua recém-concluída novela autobiográfica *Meu despertar* (*Heräämiseni*), e em particular pelo capítulo — que o próprio Järnefelt solicitamente ajudara a traduzir para o russo — em que discorre sobre os motivos de não ter se tornado juiz.

Tolstói estava feliz por encontrar espíritos afins ao seu e manter contato com pensadores cristãos de outros países, mas sua principal preocupação era a terrível situação de seus conterrâneos russos, perseguidos por suas crenças. Em meados de 1895, meses depois do primeiro encontro de Tolstói com os *Dukhobors* em Moscou, Tchertkóv recebeu uma carta de Dmítri Khílkov, exilado no Cáucaso, relatando que onze soldados *Dukhobors* tinham se recusado a participar do desfile de Páscoa e que não queriam continuar cumprindo o serviço militar. Em junho os seguidores de Piotr Verigin organizaram uma gigantesca queima de armas (facas,

espadas, pistolas, rifles) em protesto contra o alistamento militar obrigatório e em sinal da recusa de tomar parte de qualquer forma de violência. Seguiu-se uma feroz onda de repressão. Cerca de duzentos *Dukhobors* foram presos, ao passo que as autoridades despacharam os agressivos soldados cossacos para ocupar os vilarejos dos sectários, cujas famílias acabaram se dispersando entre comunidades tártaras, armênias e georgianas. Os *Dukhobors* foram espancados e banidos para as montanhas, suas terras e casas foram confiscadas. Tolstói decidiu agir. Em 23 de outubro, sua carta a John Kenworthy sobre os *Dukhobors* foi publicada no jornal londrino *The times*, acompanhada de uma versão resumida dos fatos em curso — a partir do relato-denúncia escrito por Biriukóv, que tinha viajado para o Cáucaso para investigar a situação. No outono daquele ano Tolstói escreveu sua primeira carta a Piotr Verigin, e Tchertkóv começou a coligir material documentando a perseguição empreendida pelo governo aos *Dukhobors*.

Depois de decidir abandonar a direção da editora O Intermediário em 1893, Tchertkóv concentrou suas energias em reunir material sobre a perseguição dos sectários na Rússia. Em 1902 já tinha um arquivo de quatro mil documentos. Também queria se dedicar à disseminação e preservação do legado literário de Tolstói — a bem da verdade, esse se tornou o trabalho de sua vida. Desde 1889 Tchertkóv vinha copiando sistematicamente tudo que Tolstói escrevia e mantendo um arquivo dos novos manuscritos do conde, que eram diligentemente despachados para Iásnaia Poliana. Agora Tchertkóv queria publicar na Inglaterra todas as obras censuradas e proibidas de Tolstói. Vinha inclusive cogitando a ideia de se mudar para lá com a família, projeto que abandonou, para alívio de Tolstói, quando recebeu a notícia de que John Kenworthy abria mão de exercer a função de pastor da Igreja da Irmandade para fundar uma editora, a Brotherhood Publishing Company [Editora da Irmandade]. Tchertkóv convidou-o para visitar Moscou. Os dois se reuniram em dezembro e ficou acertado que Kenworthy passaria a ser detentor dos direitos de publicação em inglês da nova obra de Tolstói, que recebeu dos membros de sua comunidade em fevereiro uma carta de apoio aos *Dukhobors* no Cáucaso. Em 1896, Tolstói começou a escrever seu magnífico romance curto *Khadji-Murát*, em que continuou trabalhando até 1904 e que só seria publicado postumamente. A ação se passa no Cáucaso, durante a guerra da Rússia contra chechenos e forças daguestanesas. Embora a trama seja a versão ficcional de um evento histórico — a captura em 1851 do comandante Khadji-Murát, um dos ex-seguidores fiéis do imã Shamil — e calcada nas

experiências de combate do próprio Tolstói, em termos filosóficos a história também tem matizes das novas crenças cristãs do escritor e é inspirada na heroica resistência dos *Dukhobors*.

A questão dos *Dukhobors* continuou incomodando e absorvendo Tolstói ao longo de 1896, ano em que Nicolau II foi finalmente coroado em Moscou — durante as celebrações houve tumultos que resultaram em milhares de mortos e feridos. A combinação desse horrendo espetáculo com o magnífico esplendor e a ostentação da cerimônia de coroação parecia resumir de maneira eloquente os extremos do sistema autocrático russo. Com a assistência de Biriukóv e Tregubov, em dezembro daquele ano, Tchertkóv terminou de redigir um apelo direto pedindo ajuda para os *Dukhobors*. O texto foi publicado na Inglaterra no início de 1897, acrescido de um posfácio de Tolstói. Tchertkóv foi a São Petersburgo para dar início a uma campanha ativa, mas o governo russo interveio. Antes da coroação de Nicolau II, Pobedonóstsev escreveu uma carta em que expressa seu desespero em relação a Tolstói:

É terrível pensar em Liev Tolstói, que continua a espalhar sua terrível infecção de anarquia e ateísmo por toda a Rússia! É como se ele estivesse possuído pelo demônio — mas o que se pode fazer com ele? Ele é obviamente um inimigo da Igreja, um inimigo de qualquer governo e da ordem civil. No Sínodo, há a sugestão de que ele seja excomungado da Igreja, de modo a evitar dúvidas e confusão entre o povo, que vê e ouve que toda a *intelligentsia* idolatra Tolstói. É provável que depois da coroação surja a seguinte pergunta: o que fazer com Tolstói?

Havia chegado a hora de responder a essa pergunta. A partir desse ponto e até sua morte, treze anos depois, o governo russo lançou mão de uma eficaz estratégia de isolamento do escritor e ao mesmo tempo tomou medidas contra seus seguidores. Em 5 de fevereiro o apartamento de Tchertkóv em São Petersburgo foi revistado e ele recebeu a informação de que seria exilado por seu envolvimento ilícito na questão dos sectários e por disseminar propaganda subversiva. Se por um lado os poderosos e influentes contatos de Tchertkóv não lhe asseguraram imunidade completa, por outro garantiram que não fosse enviado para a Sibéria. Vladímir Ulíanov, advogado convertido em revolucionário residente em Simbrisk, não teve tanta sorte. Depois de definhando em uma prisão de São Petersburgo por conspirar contra Alexandre III, foi mandado ao exílio em um vilarejo próximo ao rio Ienissei, ao sul de Krasnoiarsk (mais tarde ele trocava seu nome para Lênin, em homenagem ao Lena, outro caudaloso rio siberiano). Tchertkóv teve a opção bem mais suave e generosa de seguir para a Inglaterra,

país que ele adorava. Biriukóv e Tregubov também foram tratados com leniência: acabaram exilados em vilarejos nos territórios bálticos do Império.

Acompanhado de Sônia, Tolstói foi a São Petersburgo despedir-se dos amigos — desde 1880 não punha os pés na cidade, e essa seria a última visita que faria. A polícia secreta saiu a campo, preenchendo detalhados relatórios sobre cada movimento do escritor, incluindo uma ida à barbearia na rua Panteleimon. Os policiais-espiões chegavam a embelezar seus informes incluindo detalhes carinhosos sobre as roupas de Tolstói (um casaco curto amarrado com um cinto cinza, calças escuras e um gorro de tricô cinza-escuro no primeiro dia, e no dia seguinte um casaco pesado com gola de lã de carneiro). Tolstói era cercado por uma multidão aonde quer que fosse, e no dia em que embarcou no trem de volta a Moscou recebeu uma calorosa ovação na estação ferroviária. Somente duas pessoas ele não gostou de ver. Uma era a indomável mãe de Tchertkóv, Elizaveta Ivánovna, que o desprezava por ter desviado seu único filho (ela também julgava que ele estava impregnado do espírito do Anticristo por não reconhecer a ressurreição de Jesus). A outra era uma velha parenta, a implacavelmente devota Alexandra Andréievna, que já não era mais sua querida confidente Alexandrine.

Tolstói foi abandonado por outra de suas seguidoras mais fiéis em 1897: seis meses após a partida de Tchertkóv, sua filha Macha repentinamente anunciou que ia se casar. Tinha 26 anos de idade e por fim decidira conquistar alguma independência, depois que diversos noivados potenciais haviam sido frustrados pelo pai. Tolstói não ficou feliz ao saber que Macha se casaria com Nikolai Obolenski, filho de sua sobrinha Liza, um jovem imprestável e sem renda. Ele anotou em seu diário que ver Macha se casar com alguém como Obolenski era como ver um cavalo puro-sangue se arruinar sendo usado para carregar água. Tolstói ficou desgostoso também com o fato de que Macha agora renegava os princípios que outrora professava e exigia a parte que lhe cabia das propriedades da família. Acima de tudo, Macha tinha sido sua colaboradora mais fiel: meiga, humilde, obediente e sempre disposta a ajudar. Por isso, sua partida de Iásnaia Poliana — embora ela não tenha ido para longe — abriu um enorme vazio na vida do pai. De todos os seus filhos e filhas, Macha era a que Tolstói mais amava.

Logo após a partida de Tchertkóv, a irmã mais velha de Macha, Tânia, também começou a afrouxar os laços paternos, iniciando um caso amoroso com Mikhail Sukhotin, catorze anos mais velho que ela, casado e pai de seis filhos. Tânia lidou com uma violenta sensação de culpa, por julgar que havia se

maculado. Sukhotin era infeliz no casamento, sua esposa havia adoecido gravemente e acabou morrendo no final daquele ano, o que em nada contribuiu para melhorar as coisas. Até então a vida amorosa de Tânia tinha sido bastante malsucedida. Era difícil viver em uma casa em que o centro das atenções era seu pai. Tudo girava em torno de Tolstói, e Tânia se ressentia do fato de que o escritor parecia disposto a ceder seu tempo e sua atenção para toda e qualquer pessoa que o procurasse, menos para sua própria filha. Ela ficou devastada quando, em outubro de 1886, Tchertkóv, então com 32 anos de idade, se casou com Anna Diterikhs, filha de um general de São Petersburgo. Anna Konstantínóvna, ou Galia, como era conhecida por todos, tinha 27 anos (Tânia estava com 23) e era não apenas instruída — graduou-se em um dos primeiros cursos universitários finalmente abertos para mulheres em 1878 —, mas também linda — Iarochenko havia pintado o retrato dela em sua famosa tela “A estudante”. Além disso, Galia era uma mulher honesta, íntegra e completamente devotada aos princípios tolstoianos. Não que Tânia estivesse apaixonada por Tchertkóv, mas ela o admirava e se sentia rejeitada e desprezada, sempre em segundo plano, nunca suficientemente bonita, inteligente ou nobre para ser o centro das atenções. Tânia também sentiu forte atração por Evguiéni Popóv no período em que ele viveu em Iásnaia Poliana em 1894. O tolstoísta tinha a mesma idade dela, mas tecnicamente ainda era casado, o que no entendimento de Tolstói e Sônia fazia dele um pretendente menos desejável do que Pável Biriukóv, o tolstoísta que havia cortejado Macha. Imitando o exemplo de seus pais, que a essa altura ainda liam obsessivamente os diários um do outro, Tânia mostrou seus diários pessoais a Popóv e em troca recebeu os dele. Tolstói também leu o diário da filha e então decidiu dar fim ao namoro. Sônia e Tolstói não viam com bons olhos o relacionamento de Tânia com Micha Sukhotin, que, contudo, resultou em um casamento feliz.

Tânia sempre atuara como a pacificadora da casa, por isso fez muita falta. Em carta enviada a Galia Tchertkóva no verão de 1897, Macha lamentou-se afirmando que agora reinava a tristeza em Iásnaia Poliana: cada um cuidava da sua própria vida e todos se sentiam solitários. Ao que tudo indica foi um ano marcado por problemas para as duas gerações da família Tolstói. Depois de apenas dois anos, o casamento de Serguei naufragou, e em 1897 sua esposa pediu o divórcio assim que nasceu o primeiro filho do casal. Ilia agora tinha três filhos (o quarto morreu antes de completar dois anos), sua esposa Sônia estava grávida

mais uma vez e ele vivia às voltas com dificuldades financeiras. Recuperado do colapso nervoso sofrido após seu intenso trabalho de assistência às vítimas da fome em Samara, Liev tinha se casado com a filha do médico sueco com quem se tratara em Estocolmo. Entretanto, como a maior parte de seus irmãos, opunha-se ferrenhamente às ideias e posturas do pai. Depois de se mudar com a esposa para uma ala de Iásnaia Poliana, travou muitas e violentas discussões com Tolstói. A situação dos três filhos mais novos não era muito melhor. Andrei, que em 1897 completara vinte anos, tinha sido expulso da escola por rasgar uma fotografia de Nicolau II e levava uma vida desregrada e libertina. Já era um mulherengo contumaz e enfureceu Tolstói em duas ocasiões: primeiro por seu desejo de se casar com uma menina camponesa de Iásnaia Poliana com quem se envolvera aos quinze anos de idade, depois quando fugiu para o Cáucaso, onde se apaixonou por uma princesa georgiana que mais tarde foi devidamente descartada. Andrei vivia endividado e sempre contava com a intervenção da mãe para pagar suas contas e livrá-lo dos apuros e do risco de ser preso. Aos dezoito anos, Micha ainda estava na escola em Moscou e sofria de angústia adolescente, ao passo que a caçula Alexandra (Sacha) se transformara em uma menina levada que se vestia e se portava como menino e tratava a mãe com inabalável hostilidade, o que não chega a surpreender, já que desde seu nascimento tinha sofrido a rejeição de Sônia.

Também havia problemas em Pirogovo. Para o horror do irmão de Tolstói, Serguei, cujo antiquado estilo de vida era bastante *Ancien Régime* — a despeito do casamento nada convencional —, suas duas filhas tinham se tornado tolstoístas ardorosas. Em 1897, Vária tornou-se esposa por direito consuetudinário de Vladímir Vassíliev, um dos camponeses de Tolstói, e foi embora de casa. A filha mais velha de Serguei, Vera, também era um espírito livre e indômito e anos depois chocou o pai ao ter um filho (sem que tivesse casado) com Abdurachid Sarafov, um *bachkir* que tinha ido a Pirogovo levar uma provisão de cúmis para a família. Tolstói sentiu-se tremendamente culpado. Em 1897, a estranha obsessão de Sônia por Tanéiev e sua música não deu sinais de arrefecimento, e Tolstói mais uma vez sentiu o ímpeto de fugir de casa. A certa altura chegou a escrever uma carta de despedida para a esposa, mas depois os dois fizeram as pazes, e ele acabou escondendo o texto no estofado de uma poltrona. Sônia concordou em nunca mais convidar Tanéiev para se hospedar em Iásnaia Poliana, e Tolstói se concentrou em pôr no papel seus sentimentos sobre a música — que a seu ver era

imbuída de perigosos poderes. O resultado foi seu iconoclástico tratado *O que é arte?*, que planejava escrever desde 1881, quando sua filha Tânia ingressou na Academia de Pintura, Escultura e Arquitetura.

O que é arte? é idêntico aos textos religiosos de Tolstói no sentido de que advoga o tipo de arte cristã a que ele próprio aspirava. Para Tolstói, a arte era a capacidade de comunicar ao público mais amplo possível sentimentos universais de amor fraterno. Tudo mais é objeto de condenação como “arte falsa”:

Todos os dramas, romances e poemas que transmitem sentimentos patrióticos, bem como sentimentos exclusivos, adequados somente às classes ociosas e ricas, tais como sentimentos de honra aristocrática, saciedade, tédio, pessimismo e os sentimentos refinados e perversos do amor-sexo — de resto incompreensíveis para a grande maioria da humanidade.

Da mesma maneira, na pintura devemos enquadrar na classe da arte ruim todos os quadros religiosos, patrióticos e exclusivos; todos os quadros que representam os divertimentos e delícias de uma vida rica e ociosa; e todas as pinturas ditas simbólicas, nas quais o próprio significado do símbolo só é compreensível para pessoas de um determinado círculo; e, acima de tudo, as pinturas de objetos voluptuosos — toda essa odiosa e ultrajante nudez feminina que enche todas as exposições e galerias. A essa mesma classe de arte pertence boa parte da música de câmara e das óperas de nosso tempo, a começar especialmente por Beethoven (Schumann, Berlioz, Liszt, Wagner) — por se voltarem à expressão de sentimentos acessíveis somente a um grupo de pessoas que cultivaram em si mesmas uma irritação nervosa e insalubre evocada por essa música exclusivista, artificial e complexa [...].

Na categoria de “arte falsa” enquadra-se quase toda a cultura ocidental moderna, deplorada por Tolstói como degenerada e elitista, sem mencionar toda a ficção que ele próprio escrevera antes de se converter em artista manifestamente cristão (tais como os romances como *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*).

O exame retrospectivo da carreira de Tolstói permite constatar que ele se esforçou para se transformar em uma espécie diferente de artista muito antes de sua “conversão” religiosa no final da década de 1870. O amor e o cuidado investidos em suas *Cartilhas* atestam seu desejo de simplificar sua expressão artística, assim como o desconforto e a angústia que experimentou quando escrevia *Anna Kariênina* demonstram sua profunda aflição e crise de consciência por voltar a escrever para um público culto. Entretanto, jamais deixou de ser um artista consumado. É enganosa a simplicidade da mensagem contida em sua última obra-prima, *A morte de Ivan Ilitch*, pois camufla o sofisticado modo com que a história é construída nos níveis narrativo e temático, e sua clareza —

conquistada à custa de muito trabalho — exerceu tremendo impacto sobre escritores mais jovens como Tchekhov, cujo registro linguístico é deliberadamente despretensioso e direto. É certo que Tolstói reconhecia Tchekhov como um grande artista — os dois trocaram calorosos elogios e se afeiçoaram imediatamente quando Tchekhov visitou Iásnaia Poliana no verão de 1895 (Tânia se encantou por ele, mas Sônia logo tratou de cortar pela raiz a possibilidade de que florescesse qualquer sentimento amoroso). Ainda assim, de acordo com os rígidos e impossíveis critérios de Tolstói, boa parte dos melhores contos de Tchekhov jamais alcançou a condição de arte superior, bem como todas as peças.

De todas as artes, Tolstói julgava que a música era a mais poderosa, e também a mais perigosa. Homem sentimental, que muitas vezes se desfazia em lágrimas quando ouvia suas composições favoritas, é provável que a incapacidade de Tolstói de controlar suas reações emocionais diante da música, somada a seus escrúpulos morais, o tenha feito condenar boa parte da produção musical. Há aqui um evidente vínculo com a atitude punitiva de Tolstói perante a sensualidade feminina, que também tinha sobre ele efeito hipnótico e que ele também censurava sob a alegação de princípios morais, como em *A sonata a Kreutzer*. O escritor inglês D. H. Lawrence, por exemplo, mostrou-se indignado e enfurecido pelo fato de que a vibrante e bondosa Anna Kariênina sucumbiu ao anseio didático de Tolstói e acabou sendo punida essencialmente por sua sensualidade. Homem que em 1912 fugira com uma mulher casada e mãe de três filhos, Lawrence criticou violentamente a ideia de que a admirável, corajosa e passional heroína de Tolstói devia pagar com o suicídio por ter cometido adultério. De maneira similar, Tolstói parecia achar mais fácil lidar com o “terrível poder” da música depreciando-a.

Sempre havia música em Iásnaia Poliana, e em certo momento o piano de orquestra Becker no salão de jantar ganhou a companhia de um segundo — um modelo menor, da mesma marca, reputada como a melhor da Rússia (Jakob Becker, imigrante alemão, abriu sua fábrica de pianos em São Petersburgo em 1841). Tolstói e sua irmã Macha eram pianistas talentosos, que por vezes tocavam por horas a fio (uma das lembranças de infância de Serguei Tolstói era a de que na década de 1870 seu pai costumava ficar tocando piano até uma da manhã); Sônia também gostava de tocar e sua irmã Tânia tinha uma bela voz de soprano. De todos os filhos de Tolstói, Serguei e Micha eram os que tinham

maior aptidão para a música. Anos depois Serguei tornou-se um compositor e etnomusicólogo respeitado, colaborou com o musicista e filósofo sufi Inaiyat Khan, e no final da década de 1930 deu aulas no Conservatório de Moscou. Micha era um violinista e pianista notável.

No lar dos Tolstói não havia apenas a música amadora tocada pela própria família (e que envolvia inúmeros duetos), mas também apresentações de improviso a cargo dos diversos músicos profissionais que ocasionalmente visitavam Iásnaia Poliana e a residência em Moscou (quanto mais aumentava a fama do escritor, mais numerosas eram as visitas). Entre esses convidados do mundo musical estavam o lendário espinetista polonês Wanda Landowska, que tocava Rameau, e Bóris Troianóvski, o primeiro grande virtuose da balalaica, cujo repertório consistia basicamente de canções folclóricas. Tolstói convidou pessoalmente o “Paganini russo” para visitar Iásnaia Poliana no verão de 1909, pouco antes de Troianóvski se apresentar para a rainha Alexandra no Castelo de Windsor. Os cantores de ópera Nikolai e Medeia Figner, que moravam numa *datcha* próxima a Iásnaia Poliana, visitaram inúmeras vezes a propriedade de Tolstói, ocasiões em que encantavam os camponeses locais com suas vozes poderosas; numa noite de inverno, Chaliapin e Rachmaninov apareceram para tocar na casa da família em Moscou. O musicista de quem Tolstói tornou-se mais próximo, a despeito da diferença de idade de quase cinquenta anos entre os dois, foi o pianista Alexander Goldenweiser, que conheceu em 1897. Goldenweiser tocava sempre as peças de Chopin favoritas de Tolstói, e mais tarde tornou-se amigo íntimo de Tchertkóv — o livro de memórias que o pianista começou a publicar em 1922 fazia severas críticas a Sônia.

Mas mesmo Goldenweiser tinha de admitir que em matéria de música Tolstói era um diletante. O escritor gostava de canções folclóricas e ciganas e de boa parte da obra de Haydn, mas de resto era extremamente seletivo e relutante no que dizia respeito à obra de outros compositores europeus. De acordo com seu filho Serguei, Tolstói gostava das sinfonias de Mozart, de algumas de suas sonatas e árias e sem dúvida apreciava certas sonatas de Beethoven (de quem repudiava a obra tardia). Gostava de algumas peças para piano de Schumann e de seu ciclo de canções *Dichterliebe*, de um dos improvisos de Schubert e de alguns de seus *lieder*. De resto, seu compositor favorito, apesar de sua animosidade geral com relação à cultura de elite ocidental, era Chopin, o que é um tanto quanto irônico dado o fato de que Chopin era o músico de salão por excelência.

Certamente Tolstói não gostava da música de Tanéiev, mas a bem da verdade quase não dava atenção à música contemporânea, fosse russa ou estrangeira. Ele alegava ter recebido com profundo pesar a notícia da morte prematura de Tchaikóvski em outubro de 1893, mas nem sempre tinha feito comentários elogiosos à obra do compositor.

Os dois se conheceram em 1876 no Conservatório de Moscou, por insistência categórica de Tolstói. Tchaikóvski (que ainda estava em um estágio relativamente inicial da carreira) ficou lisonjeado diante da insistência do escritor em conhecê-lo pessoalmente, mas sempre foi um homem reservado e achou bastante opressiva a única conversa séria que os dois tiveram na vida. Além de se sentir intimidado e aterrorizado com o olhar fixo de Tolstói, que o tempo todo ameaçava penetrar “nos mais profundos recessos” de sua alma, o compositor não gostou nem um pouco de ouvir uma palestra sobre música. Mais tarde o compositor relatou em carta a horrível experiência:

Tão logo fomos apresentados ele começou imediatamente a expor suas ideias e opiniões sobre música. De acordo com ele, *Beethoven não tinha talento*. E isso foi somente o argumento inicial. Depois disso o grande escritor, esse brilhante estudioso da natureza humana, passou, com a mais inabalável convicção, a fazer uma observação insensata e um comentário ofensivo acerca de todos os músicos. O que fazer em tal circunstância? Discutir? [...] Embora meu contato com Tolstói tenha me convencido de que ele é um homem um tanto quanto paradoxal, ainda que bom e franco, e que, mesmo que à sua própria maneira, sensível em relação à música, ainda assim minha conversa com ele, bem como de resto com qualquer um, causou-me apenas aborrecimento e tormento.

O encontro foi seguido de uma noite de música de câmara organizada em homenagem a Tolstói, incluindo uma apresentação do “Quarteto de Cordas nº 1, op. 11”, escrito em 1871. O fabuloso *andante cantabile* do segundo movimento — baseado na canção folclórica russa que Tchaikóvski, enquanto trabalhava na casa da irmã na Ucrânia, tinha ouvido um carpinteiro cantarolar — levou Tolstói às lágrimas. Isso pelo menos Tchaikóvski achou tocante.

Tolstói ia a pouquíssimas apresentações musicais públicas, por isso seu conhecimento a respeito, por exemplo, das sinfonias de Mozart, vinha em larga medida dos arranjos para piano a quatro mãos. Já sua antipatia pelas convenções artificiais da ópera vinha desde a juventude (essa aversão é expressa pelo relato falsamente ingênuo da noite em que Natacha vai à ópera em *Guerra e paz*). Tolstói chegou inclusive a exortar Tchaikóvski a abandonar a composição de óperas, por isso talvez fosse totalmente previsível a opinião que o escritor teria

sobre a apresentação do *Siegfried*, de Wagner, a que assistiu no Teatro Bolshoi. Em *O que é arte?*, escreve mais sobre Wagner do que qualquer outro artista. A crítica a *Siegfried* e à opera wagneriana ocupa um capítulo inteiro do tratado. Na referida encenação de *Siegfried* em abril de 1896 Tanéiev dividiu um camarote com Sônia e Tolstói, e embora também não gostasse muito de Wagner, o pianista foi ridicularizado por acompanhar com o libreto e por ouvir com extrema seriedade. Tolstói chegou atrasado e saiu antes do fim.

Assim como na análise que fez da *Teologia dogmática* do metropolita Makari em 1880, Tolstói foi bastante tendencioso quando se propôs a analisar *Siegfried* — em ambos os casos ele tomou duas obras isoladas de seu contexto para exemplificar o todo, pois assim era mais fácil demoli-las. *Siegfried* é a terceira parte de uma tetralogia, e é consenso geral que é a parte menos interessante do *Ciclo do anel*, por isso foi uma escolha de repertório surpreendente para o sonolento Teatro Bolshoi em 1894, muitos anos antes que o Mariinski, a primeira casa de ópera de Moscou, encenasse algum dos dramas musicais de Wagner — que exigem enorme empenho dos cantores e da orquestra. O Mariinski só levaria ao palco um *Ciclo do anel* completo e respeitável em 1907, mas apesar do valente esforço o *Siegfried* do Bolshoi deixou muito a desejar. Assistir a uma das duas reapresentações isoladas de 1896 nem de longe propiciava a base necessária para uma avaliação geral da arte wagneriana.

Tolstói tinha construído, por assim dizer, todo um edifício artístico e religioso calcado em um único texto do cristianismo (o Sermão da Montanha), e embora possa ser perdoado por não ter lido os enfadonhos textos estéticos de Wagner, temos aqui um caso clássico em que o escritor, na ânsia de pôr abaixo uma estrutura que não estava em conformidade com suas premissas, se recusou deliberadamente a levar em conta todas as dimensões dessa estrutura. Ainda que em determinados e importantes aspectos Wagner e Tolstói divergissem diametralmente (os exemplos que vêm à mente são a linguagem bombástica do alemão e seu amor pelo luxo), há entre os dois alguns paralelos intrigantes. Sob a influência de Schopenhauer, ambos formularam uma visão religiosa alicerçada em uma teologia tremendamente idiossincrática do amor redentor que pouco tinha em comum com o cristianismo tradicional. A redenção só pode ser obtida por meio da renúncia ao *eros* e da prática da compaixão ou *ágape*, palavra grega para “amor” usada no Novo Testamento: são essas as lições da última obra de Wagner, *Parsifal*, e de todos os textos de Tolstói a partir de *A morte de Ivan Ilitch*.

Somente o amor pode redimir a humanidade e ensejar um estado em que os seres humanos podem estar em paz consigo mesmos e uns com os outros. Thomas Mann estava certo quando escreveu em 1933 que o padrão da carreira artística de Tolstói era idêntico ao de Wagner, pois em ambos os casos todas as características da obra tardia já estavam prefiguradas nas primeiras obras. Apesar da narrativa cativante, ao fim e ao cabo *Guerra e paz* é sobre o pecado (a separação de Deus e a ausência de relações humanas) e a redenção (a restauração do amor), como se verifica na jornada espiritual de Natacha Rostova.

A comparação formulada por Mann entre a evolução artística de Wagner e de Tolstói é instrutiva, uma vez que ambos acabaram fazendo uma distinção entre a religião simples do amor e da compaixão pelos pobres e oprimidos que Jesus Cristo tinha fundado e o edifício deformado da Igreja Católica (é impressionante que ambos tenham estudado com afinco a *Vida de Jesus* de Renan em 1878). Tanto Wagner como Tolstói desejavam reavivar a essência espiritual do cristianismo, extirpando seus elementos supersticiosos e a noção de um Deus vingativo presente no Antigo Testamento, de modo a criar uma religião mais pura e mais prática. Também o pacifismo e o vegetarianismo que ambos encamparam no final da vida eram coerentes com suas ideias sobre a regeneração da sociedade e com o correspondente desejo de simplificar seu estilo estético. Antes de morrer, em 1883, Wagner vislumbrou os vegetarianos e os antivivisseccionistas como os precursores da renovação cultural; incurável idealista romântico, o alemão tinha a esperança de que por meio da arte religiosa (especificamente a música, seu tipo de música) uma cultura de compaixão substituiria a “civilização” contemporânea do poder e da agressão. Tolstói acabou chegando às mesmas conclusões, mas é claro que a arte religiosa que ele tinha em mente era essencialmente do tipo verbal. Wagner e Tolstói ansiavam que o resto do mundo compreendesse a radical ideia de Jesus de que reagir à violência com mais violência servia apenas para profanar ainda mais a natureza.

Embora fossem fruto de uma longa reflexão e intenso estudo, como era típico do escritor, as reflexões de Tolstói em *O que é arte?* não tinham a menor objetividade e estavam fora de sintonia com o mundo em que ele vivia. No limiar do modernismo, o próprio Tolstói era agora uma anomalia como artista. Afinal de contas, 1896 foi o ano em que pela primeira vez chegou aos palcos *A gaivota*, de Tchekhov — peça que Tolstói considerou um lixo completo. Nas agudas comparações entre arte “nova” e “velha” ao longo da peça, Tchekhov sugere com

comentários sutis sua própria resposta para a pergunta *O que é arte?*, mas, como era de seu feitio, se recusa a tomar partido. Assim como os contos de Tchekhov, suas grandes peças estão no vértice de uma nova sensibilidade estética, que por um lado é tributária do legado de Tolstói, mas ao mesmo tempo anuncia coisas novas. Tolstói ainda estava vivo quando os artistas russos começaram a assumir a dianteira da vanguarda europeia, e morreu apenas três anos antes que os futuristas declarassem em seu manifesto, “Um tapa na cara do gosto público”, que queriam descartar autores como “Púchkin, Dostoiévski, Tolstói etc. etc.”, que a seu ver não tinham lugar no navio da modernidade.

Os caóticos hábitos de publicação de Tolstói não melhoraram ao longo de sua carreira. Na verdade tornaram-se ainda mais desordenados em seus últimos anos, quando diferentes versões de suas obras vieram a lume na Rússia e na Inglaterra. Além dos problemas envolvendo negociações com censores, Tolstói revisava continuamente seus manuscritos, depois as provas, e vivia mudando de ideia sobre onde queria publicar seus textos. Não era nada fácil a vida de editores e tradutores, e foi o caso da primeira tradução inglesa de *O que é arte?*, preparada por Aylmer Maude, importante figura dos estudos tolstoianos em língua inglesa. Filho de um vigário de Ipswich e de mãe quacre, Maude se mudara para Moscou no início da década de 1870, aos dezesseis anos. Quando trabalhava como gerente da Companhia Russa de Tapetes, casou-se com Louise Shanks, inglesa nascida na Rússia, e mais tarde ambos uniram esforços e seus conhecimentos linguísticos e se destacaram como tradutores dos textos de Tolstói. Maude tinha se encantado por Tolstói ao conhecê-lo pessoalmente em 1888, e as conversas com o escritor ao longo da década de 1890 o levaram à conclusão de que não podia passar o resto da vida vendendo tapetes. Em 1897, quando os Maude regressaram a Londres, primeiro fixaram residência na Igreja da Irmandade, em Croydon, como havia feito a família de Tchertkóv no mesmo ano; depois seguiram os passos de Tchertkóv e rumaram para Purleigh, perto de Maldon, em Essex, onde um ano antes havia sido fundada a primeira colônia tolstoísta.

Em 1896 a colônia consistia de apenas três homens, todos ávidos para levar adiante o sonho utópico de viver do quinhão de terra que tinha sido comprado por membros mais abastados da Igreja da Irmandade, mas no final de 1897 o número já tinha aumentado para quinze pessoas — além disso, havia cerca de 35 outras pessoas de mesma inclinação ideológica vivendo nos arredores. Os Maude contribuíram generosamente doando duas vacas, fornecendo refeições e

organizando concertos em sua casa de fazenda. Foi em Essex que Aylmer Maude concluiu sua tradução de *O que é arte?*, tarefa que não foi nada fácil, como ele mesmo descreveu na biografia de Tolstói que começou a publicar em 1908:

As provas iam se acumulando, uma após a outra, cada qual coberta de novas alterações, emendas, cortes e acréscimos, invariavelmente em caligrafia ilegível, o que exigia de mim a mais absoluta atenção para discriminar entre as mudanças feitas voluntariamente e as mudanças para o censor, e que eu tinha de desconsiderar [para a edição inglesa].

Enquanto avançava a duras penas na tradução, Maude enviou a Tolstói três longas cartas com perguntas detalhadas sobre o texto, que por fim foi publicado na íntegra em 1898. O dramaturgo socialista George Bernard Shaw, escritor didático como Tolstói e que com ele se corresponderia em seus últimos anos, foi praticamente o único crítico na Inglaterra a escrever uma resenha entusiasmada. Havia certo grau de admiração mútua entre os dois, embora mais tarde Tolstói tenha repreendido Shaw pela falta de seriedade. Na Rússia a maior parte das pessoas teve a mesma opinião expressa pelo artista Isaak Levitan acerca de *O que é arte?*: em carta ao amigo Tchekhov, em Nice, Levitan descreveu o livro como brilhante e ridículo ao mesmo tempo. Cinco mil exemplares foram vendidos na primeira semana.

Tolstói ficou feliz de se desobrigar das preocupações estéticas, uma vez que seu principal projeto em 1898 era ajudar os sectários vítimas de perseguição. Em 1897, alguns *Molokáni* de Samara visitaram o escritor a fim de pedir ajuda e conselho: na calada da noite a polícia tinha feito uma incursão em seus vilarejos e recolhido as crianças para um orfanato, onde, afastadas dos pais e da influência de sua doutrina, seriam educadas segundo a fé ortodoxa. Tolstói escreveu uma longa carta a Nicolau, e meses depois, sem ter obtido resposta, escreveu outra. Sua segunda carta também foi recebida com silêncio, bem como a missiva que publicou na *Gazeta de São Petersburgo* em outubro. As crianças *Molokáni* só foram devolvidas aos pais depois que Tânia conseguiu uma audiência com Konstantin Pobedonóstsev em janeiro de 1898. Isso permitiu que Tolstói concentrasse suas energias na missão de auxílio aos *Dukhobors*, que naquele mês foram informados de que teriam permissão para se fixar no exterior. Desde 1889, Tolstói vinha trabalhando em um novo romance, e a notícia lhe deu o ímpeto necessário para concluí-lo. Se anos antes Tolstói havia renunciado aos direitos autorais de todas as obras posteriores a 1881, agora ele decidiu que abriria uma exceção e,

contraindo seus princípios, negociaria os direitos autorais pelo valor mais alto possível de modo a arrecadar dinheiro para custear a viagem dos *Dukhobors* para suas novas terras. O dinheiro serviria para pagar o transporte e a instalação dos sectários no Canadá, país que se mostrou disposto a recebê-los oferecendo uma área despovoadas.

A ideia para *Ressurreição*, título do novo romance, surgiu em uma conversa de Tolstói com um amigo, o jurista Anatóli Fiódorovitch Kóni. Convocado para integrar um júri, um jovem aristocrata espanta-se ao reconhecer na ré a pobre criada a quem anos antes havia seduzido e engravidado. Abandonada por ele e expulsa da casa pela patroa, a moça havia se tornado prostituta até ser presa sob a acusação de roubo. Quando a jovem é condenada a uma pena de trabalhos forçados na Sibéria, o nobre, corroído de remorso, se oferece para ajudá-la e lhe propõe casamento. Contudo, a moça morre de tifo no presídio, antes que o rapaz tivesse a chance de pagar por seus próprios pecados. Ao ouvir o relato do amigo, Tolstói emocionou-se e não pôde evitar a sensação de culpa ao se lembrar de que quando jovem ele mesmo havia seduzido a jovem criada Gacha Trubetskaia na fazenda de sua irmã. Em *Ressurreição* Tolstói combinou a história que ouviu do amigo Kóni à sua própria jornada espiritual. Assim, o personagem central, o príncipe Nekhliúdob, rompe com sua vida pregressa tão logo reconhece no tribunal a antiga criada de sua tia, a camponesa Katiucha Máslova, a quem um dia seduzira e abandonara perfidamente. Logo que, por causa de um erro judicial, a ré recebe a condenação de trabalhos forçados em uma prisão siberiana, o príncipe distribui suas terras entre os camponeses e segue Máslova até a Sibéria, na esperança de expiar seus pecados. Em 1889 Sônia já tinha achado bastante difícil lidar com a hipócrita defesa da castidade preconizada por Tolstói em *A sonata a Kreutzer* ao mesmo tempo em que era obrigada a satisfazer o aparentemente insaciável apetite sexual do marido. Uma década depois, quando o desejo sexual de Tolstói parecia dar sinais de arrefecimento (depois que Macha morreu, em 1897, Sônia passou a dormir no antigo quarto da filha em Iásnaia Poliana), ela leu, indignada e com desgosto, a sensual descrição da violação de Máslova. Mas *Ressurreição* era mais que uma história de amor ou um *Bildungsroman*, pois Tolstói refreou os ditames de sua consciência artística para tirar proveito de outra oportunidade de fustigar seus alvos favoritos, a saber, o governo, a Igreja e o sistema judicial, bem como a propriedade privada e os costumes das classes abastadas. Nem todos os seus leitores acharam irresistivelmente atraente a

mistura resultante de intenso lirismo, sátira mordaz e demagogia moralizante, ainda que se trate de uma narrativa que se lê com avidez, como tudo que Tolstói escreveu, com momentos de brilhantismo.

Tolstói trabalhou em *Ressurreição* ao longo de 1898, inclusive em 28 de agosto, dia em que completou setenta anos. O governo tinha proibido a imprensa de publicar artigos em homenagem ao autor, mas Tolstói recebeu mais de cem telegramas de congratulação, e seu retrato foi exposto nas vitrines de lojas de cidades grandes e pequenas de todo o país. No outono, ele estava pronto para negociar um contrato para a publicação de *Ressurreição*, e em outubro assinou um acordo recorde com Adolf Marx, magnata do mundo editorial residente em São Petersburgo. Marx era proprietário da revista ilustrada semanal *Niva*, tremendamente popular. Por seu romance anterior, *Anna Kariênina*, Tolstói tinha recebido cinquenta rublos por folha de impressão, e o livro tinha sido publicado em uma revista literária de elite, cujo público leitor chegava a apenas alguns milhares. Por *Ressurreição*, publicado em fascículos na revista *Niva*, que tinha duzentos mil assinantes, Tolstói recebeu o dobro dessa quantia e um adiantamento de doze mil rublos. O livro saiu ao longo de 1899, com ilustrações de Leonid Pasternak, e foi um sucesso estrondoso — era o primeiro romance do escritor mais famoso da Rússia em mais de duas décadas. Foi um ano exaustivo para Tolstói, que teve de lidar com a revisão e correção semanal de provas da gráfica, os cortes numerosos, drásticos e brutais exigidos pelo censor, além de manter constante correspondência com Tchertkóv na Inglaterra.

Desde sua chegada à Inglaterra, o principal objetivo de Tchertkóv era divulgar a obra de Tolstói pelo mundo. De início, ele trabalhou em colaboração com a Brotherhood Publishing Company, de John Kenworthy, mas logo abriu sua própria casa editorial, dedicada a publicações em russo, empreendimento que passou a tomar todo o seu tempo. O propósito da editora Palavra livre — instalada nas imediações da casa com pomar que Tchertkóv alugara para a sua família nos arredores de Purleigh — era publicar todos os textos de Tolstói que haviam sido proibidos na Rússia, bem como artigos escritos pelo próprio Tchertkóv e outros tolstoístas. Tudo era primordialmente destinado ao público leitor russo. Somente em 1897 houve nove publicações, uma delas o posfácio de Tolstói para o manifesto tolstoísta “Ajuda! Um apelo público acerca dos *Dukhobors* do Cáucaso”. Agora Tchertkóv expandiu suas atividades para atuar como agente literário de Tolstói, orquestrando a publicação de *Ressurreição* no

exterior, tanto em russo como em tradução. A edição autorizada do romance publicada pela Palavra livre também acabou sendo a única versão em língua russa sem cortes, e saiu em forma de volume no final de 1899, ao mesmo tempo em que veio a lume a primeira edição em fascículos lançada por Adolf Marx em São Petersburgo. O romance foi reimpresso cinco vezes em 1900, e contrabandeado para a Rússia em enormes quantidades. Tchertkóv também coordenou as publicações norte-americana e inglesa da tradução de Louise Maude pela Brotherhood Publishing Company em 1900. O sucesso de *Ressurreição* foi fenomenal e sem precedentes. Assim que o livro saiu na revista *Niva*, Tolstói abriu mão dos direitos autorais, e logo foram publicadas quarenta edições diferentes na Rússia e treze na Alemanha, ao passo que na França saíram quinze diferentes edições em 1900. O romance foi lido por literalmente centenas de milhares de leitores nos primeiros anos após sua publicação. A tradução eslovaca ficou a cargo de Albert Škarvan, a quem Tchertkóv tinha convidado para conhecer Tolstói em Iásnaia Poliana em 1896.

Graças aos *royalties* de Tolstói, às generosas contribuições de comerciantes abastados, às polpudas doações de membros da colônia de Kenworthy, em Purleigh (que quase foi à falência) e de quacres ingleses, mais de 7.500 *Dukhobors* puderam emigrar para o Canadá em diversos navios especialmente fretados entre dezembro de 1898 e maio de 1899. Foi um empreendimento de grandes proporções, que contou com o envolvimento de Arthur St. John — que viajou para o Cáucaso e acabou sendo preso e deportado de Tíflis em fevereiro de 1898 — e Dmítri Khílkov, que agora tinha cumprido seu exílio e levava um grupo de *Dukhobors* para o Chipre, onde as condições se mostraram insatisfatórias. Em março de 1898 Tchertkóv leu por acaso um artigo do exilado anarquista Piotr Kropotkin, que estava residindo em Londres mas tinha acabado de voltar de uma visita ao Canadá, onde, na função de geógrafo, dera uma palestra sobre os depósitos glaciais da Finlândia. Em seu artigo, Kropotkin escreveu sobre os menonitas que na década de 1870 tinham fugido da Rússia para evitar o alistamento militar obrigatório e se fixaram no Canadá, onde agora lavraram as terras das planícies com considerável sucesso. Tchertkóv convidou Kropotkin para visitar Purleigh e conhecê-lo pessoalmente. Na ocasião o discípulo de Tolstói estava acompanhado de dois representantes dos *Dukhobors* que tinham ido discutir sua situação. Depois que Kropotkin os convenceu de que o Canadá era o melhor lugar para acolher os *Dukhobors*, Aylmer Maude e Khílkov se

mobilizaram e tomaram todas as providências para levar adiante o esquema da emigração em massa dos sectários (acometido de enjoo de mar, o tolstoísta Maude ficou constrangido por viajar em uma cabine na primeira classe).

Em outubro de 1898 foram acertados os últimos detalhes junto às autoridades canadenses, e com a ajuda de um amigo de Kropotkin — o escocês James Mavor, professor de economia política na Universidade de Toronto — e de Pável Biriukóv — que atuou como intermediário nas comunicações entre Rússia e Canadá —, o navio *Lake Huron* foi fretado para empreender a primeira de uma série de viagens (de um mês de duração) entre o porto de Batumi, no mar Negro, e Halifax, na Nova Escócia. O futuro bolchevique Vladímir Bonch-Bruevitch acompanhou uma das viagens. Ele tinha profundo interesse na tradição oral dos hinos e salmos dos *Dukhobors* e permaneceu no Canadá durante um ano a fim de estudar sua cultura. Mais tarde, já como secretário de Lênin, teria papel crucial na proteção aos tolstoístas, quando por um breve período tornaram-se vítimas de perseguição após a Revolução de 1917. Entre os muitos voluntários que também tomaram parte da operação de emigração dos *Dukhobors* estava um dos filhos de Tolstói, Serguei, que partiu primeiro para a Inglaterra, em agosto de 1898, a fim de discutir algumas questões com Tchertkóv e os quacres. Serguei e os dois representantes *Dukhobors* que tinham ido visitar Tchertkóv foram levados por Kropotkin para conhecer o Museu Britânico. Aonde quer que fossem eram acompanhados por um espião russo usando cartola e atraíam olhares curiosos por conta das exóticas roupas dos *Dukhobors*, que estavam vestindo os tradicionais *beshmets* (os casacões azuis compridos até a altura do joelho e presos com cinto usados pelos cossacos do Cáucaso), calças largas e gorros de lã. De Londres Serguei seguiu para Paris a fim de ajudar na negociação dos direitos de publicação de *Ressurreição* na França; depois, em dezembro, acompanhou 2.140 *Dukhobors* na primeira viagem ao Canadá. Tolstói ficou extasiado com essa reaproximação com o seu filho mais velho.

O exaustivo processo de escrita e publicação de *Ressurreição* em forma seriada cobrou um alto preço da saúde de Tolstói, e a notícia de que o escritor tinha adoecido se espalhou rapidamente por toda a Rússia. Uma das pessoas que mais demonstraram preocupação foi Tchekhov, que um ano antes tinha ido viver no exílio na Crimeia, numa tentativa desesperada de conter o rápido avanço da tuberculose. Tchekhov tinha sofrido uma primeira hemorragia grave em Moscou em março de 1897, e fora levado para uma clínica perto da casa de Tolstói.

Depois de uma visita do conde, em que os dois passaram horas conversando sobre imortalidade, Tchekhov sofreu outra hemorragia. Embora estivesse na remota Ialta, Tchekhov não apenas fez questão de providenciar um exemplar de *Ressurreição* tão logo o romance foi publicado em versão completa na forma de volume, mas, no final de janeiro de 1900, já tinha lido o livro inteiro, conforme declarou em carta ao jornalista Mikhail Menchikov: “Li o livro de cabo a rabo de um só fôlego, não em fascículos ou aos trancos e barrancos. É uma obra de arte magnífica”. Nessa carta, Tchekhov também confessou que a doença de Tolstói o deixara alarmado e em “constante estado de tensão”. Quando explicou seus motivos, sem dúvida estava falando em nome de milhões de russos. Trata-se uma carta extraordinária, que merece ser citada na íntegra:

Eu temo pela morte de Tolstói. Se ele morrer, minha vida será tomada por enorme vazio. Em primeiro lugar, não existe outra pessoa a quem eu ame tanto como ele. Não sou uma pessoa religiosa, mas de todas as crenças sinto que a fé dele é a mais próxima a mim e a mais adequada. Em segundo lugar, quando a literatura possui um Tolstói, é fácil e agradável ser escritor; mesmo sabendo que até hoje você ainda não realizou ou conquistou coisa alguma, isso não é assim tão terrível como poderia ser, pois Tolstói realiza e conquista por todos nós. O que ele faz serve para justificar todas as aspirações e esperanças investidas na literatura. Em terceiro lugar, Tolstói é orgulhoso, sua autoridade é colossal, e enquanto ele viver, o mau gosto na literatura, toda a sua vulgaridade, insolência e hipocrisia, toda arrogância grosseira e amarga, continuarão banidas na mais recôndita escuridão. Ele é a única pessoa cuja autoridade moral é suficiente por si só para manter os movimentos e modas literárias em um nível aceitável. Se não fosse por ele, o mundo da literatura seria um rebanho de ovelhas sem pastor, uma mixórdia em meio à qual sequer conseguiríamos encontrar nosso caminho.

No fim, foi o muito mais jovem Tchekhov quem morreu primeiro.

Assim que Tolstói caiu gravemente doente em novembro de 1899, os hierarcas ortodoxos começaram a discutir a sério a questão sobre o que fazer com o herege em seu meio. Alguns dos capítulos mais mordazes de *Ressurreição* tinham como alvo direto a Igreja Ortodoxa, o que representava um problema para uma instituição cujo prestígio e autoridade moral estavam intimamente vinculados ao prestígio e à autoridade moral do governo russo, que na virada do século XIX se sentia ameaçado em várias frentes. O último fascículo de *Ressurreição* ainda não tinha sido publicado, mas aos olhos do Santo Sínodo Tolstói já havia fornecido indícios suficientes de blasfêmia — caso da cruel e mal disfarçada sátira ao procurador-chefe Toporóv e dos dois famigerados capítulos em que descreve uma missa para as detentas na igreja da prisão e ridiculariza de maneira impiedosa os

rituais ortodoxos. Veja-se, por exemplo, a infame descrição da Sagrada Eucaristia no Capítulo 39 da primeira parte:

A essência da missa consistia na suposição de que os pedacinhos [de pão] partidos pelo sacerdote e mergulhados no vinho, quando manipulados de determinada maneira e após a prece adequada, transformavam-se no corpo e no sangue de Deus. Essas manipulações consistiam em que o sacerdote erguia regularmente os dois braços e mantinha-os levantados, embora todo atrapalhado pelo saco dourado que vestia; depois, caindo de joelhos, beijava a mesa e tudo que estava sobre ela. O gesto mais importante acontecia quando o sacerdote dobrava um guardanapo e o segurava pelas duas pontas sacudindo-o de leve sobre um pires prateado e uma taça dourada. Supostamente naquele exato instante o pão e o vinho transformavam-se em corpo e sangue; por isso, essa parte da missa era cercada da mais absoluta solenidade.

A publicação de *Ressurreição* colocou no topo da agenda do Santo Sínodo a questão da excomunhão.

A revolta de Tolstói contra a Igreja Ortodoxa era norteadada pela percepção da posição fulcral que a instituição ocupava como principal esteio da autocracia russa. “A santificação do poder político pelo cristianismo é blasfêmia; é a negação do cristianismo”, ele tinha vociferado em 1886 em seu artigo “Igreja e Estado”. Apoiar o Estado quando o governo ia à guerra equivalia à sanção direta da violência, o que no entendimento de Tolstói era completamente indefensável, uma vez que contradizia franca e claramente os ensinamentos de Jesus Cristo, sem mencionar os Dez Mandamentos. A Igreja Ortodoxa estava vulnerável às acusações de Tolstói, e para entender as razões da situação precária em que a instituição se encontrava no final do século XIX, precisamos recuar no tempo e examinar as mudanças fundamentais que Pedro, o Grande, promoveu no status de autonomia da Igreja Ortodoxa. A Igreja Ortodoxa Russa ainda era uma instituição muito poderosa quando Pedro subiu ao trono em 1682. Mas a determinação do tsar para evitar qualquer empecilho a seus poderes autocráticos levou-o a tomar a importante decisão de não apontar o sucessor do Patriarca Adriano após sua morte em 1700. Em vez disso o tsar subordinou a Igreja à jurisdição de um recém-criado Departamento de Estado, o “Santíssimo Sínodo”, estabelecido na capital secular São Petersburgo em 1721 para substituir o Patriarcado na “santa mãe Moscou”. Sob a supervisão de um procurador-chefe — cujo título em russo, *Ober-prokurator*, denuncia as origens alemãs e protestantes das ideias reformistas de Pedro —, agora a Igreja Ortodoxa Russa tornava-se, na visão de muitos, uma simples ferramenta do governo. Para elevar a cultura dos

membros do clero, Pedro introduziu seminários para a formação dos eclesiásticos, mas também reduziu o número de clérigos ortodoxos — apesar de numerosos, apenas um terço de fato era ordenado e tinha recebido alguma forma de educação. A organização do Estado em uma hierarquia burocrática de categorias do serviço público implementada por Pedro criou na Rússia um sistema de castas, separando o clero das outras classes sociais e tornando a classe clerical mais ou menos hereditária, uma vez que somente os filhos dos sacerdotes podiam ingressar e formar-se no seminário.

Em sua maioria os clérigos eram extremamente pobres. Não recebiam salário e seu sustento (e o de suas quase sempre numerosas famílias) dependia de pequenas somas ofertadas pelos paroquianos em troca de seus serviços religiosos. A renda era incrementada graças ao cultivo do pequeno pedaço de terra anexo à paróquia, de modo que seu padrão de vida era pouco melhor do que o de um camponês médio. “O pesadelo”, conto de Tchekhov escrito em 1885, descreve o constrangimento de um jovem e consciencioso sacerdote tão pobre que não tem condições de oferecer sequer uma xícara de chá a um visitante. Sua igreja está em ruínas, ele veste um hábito mal-amanhado e todo remendado, sua casa está caindo aos pedaços e é descrita como “em nada diferente de um isbá camponês, exceto pelo fato de que a palha no telhado era um pouco mais uniforme e nas janelas havia pequenas cortinas”. É um retrato bastante diferente da imagem tradicional presente na ficção inglesa do vigário rural, que vive em uma confortável residência paroquial, é um membro culto e respeitado da comunidade e ocupa posição social elevada, inferior apenas à nobreza. Na Rússia era baixíssimo o status social da maior parte dos sacerdotes, cuja subsistência dependia do campesinato.

Ao longo do século XIX a autoridade moral do clero tinha sido progressivamente solapada, por razões compreensíveis. Dependentes da ajuda de camponeses locais para o cultivo de seus pedaços de terra, era natural que os sacerdotes se sentissem pouco propensos a ofendê-los recusando sua hospitalidade durante as procissões, ou proferindo desagradáveis reprimendas morais. Por diferentes razões, os membros do clero se viam igualmente de mãos atadas no que tangia às suas relações com os membros da nobreza. Os sacerdotes eram obrigados a fazer vistas grossas aos caprichos de senhores de terras despóticos e delinquentes, realizando casamentos forçados ou o enterro de servos que tinham morrido em circunstâncias suspeitas. Ao fim e ao cabo o resultado

geral da “reforma” de Pedro foi uma Igreja extremamente conservadora, sem interesse no aperfeiçoamento doutrinário, e um clero desmoralizado e corrupto que pouca gente respeitava. Em 1858, a publicação, no exterior, de um texto escrito por um sacerdote denunciando a realidade da vida paroquial russa causou sensação — o texto circulou ilicitamente na Rússia às vésperas das Grandes Reformas. No final da década de 1860 houve tentativas de melhorar o sistema educacional do clero (em 1863, seminaristas obtiveram permissão para frequentar a universidade, e em 1864 os filhos de clérigos ganharam o privilégio de estudar em um liceu estatal), mas as reformas não tiveram continuidade depois que os seminários se converteram em viveiros de atividade revolucionária. Nesse cenário, fica mais clara a ascensão do prestígio espiritual do Mosteiro Optina Pustin: ao reavivar as tradições hesicastas dos Pais da Igreja, seus anciãos podiam manter-se apartados do mundo maculado do oficialismo eclesiástico.

No final do século XIX a Igreja Ortodoxa Russa certamente sentia-se envolvida em um combate. A lendária devoção do campesinato se expressava mais no cumprimento ritualístico de jejuns e procissões do que no comparecimento à igreja — o conhecimento que os camponeses tinham das Escrituras era bastante limitado pelo desconhecimento do arcaico eslavo eclesiástico, que continuava sendo a linguagem eclesiástica não apenas da Bíblia mas também das cerimônias religiosas. No calendário ortodoxo já havia cerca de 180 dias de jejum de diferentes graus de severidade, mas era comum que os camponeses observassem dias de jejum adicionais. Uma senhora confessou a seu sacerdote que tinha comido um alimento proibido em um dia de jejum: rabanetes cujas sementes tinham sido embebidas em leite antes do plantio. Muitos camponeses consideravam que era pecado tomar chá com açúcar em dias de jejum, pois julgavam que o chá era “semipecaminoso” e que o açúcar era feito de ossos de animal (ossos de cachorro, para ser mais exato). O ascetismo de alguns camponeses era tão feroz que consideravam pecaminoso até mesmo o leite materno. Havia muito a Igreja também deixara de ser vista como autoridade espiritual pela *intelligentsia*, cujos membros mais radicais tinham a tendência geral de se julgarem moralmente superiores ao clero, ao passo que a aristocracia tendia a ser apática, e sua devoção religiosa não passava de uma quimera. Por essa razão, evangélicos protestantes, que advogavam o estudo individual e privado da Bíblia, como o lorde Radstock, ganharam bastante terreno em suas incursões nos círculos da alta sociedade frequentados por pessoas como a mãe de Tchertkóv,

Elizaveta Ivánovna. Ao resistir por tanto tempo à produção de traduções da Bíblia para o russo moderno a própria Igreja contribuiu para a manutenção de mundo de abundantes superstições que norteavam a vida do povo russo. Temendo que os crentes comuns pudessem fazer suas próprias e errôneas interpretações do texto bíblico e assim contestassem sua autoridade, somente em 1876 o Santo Sínodo aprovou oficialmente uma tradução do eslavo eclesiástico para o vernáculo moderno, como mencionado anteriormente. Mesmo assim o Sínodo tentou controlar o acesso a essa tradução, mas no final do século XIX cerca de um milhão de exemplares já haviam sido distribuídos por grupos religiosos russos e estrangeiros.

O outro grande empecilho enfrentado pela Igreja Ortodoxa Russa eram os dissidentes religiosos. A fim de evitar que o campesinato fosse atraído pelos Velhos Crentes — que as autoridades identificavam com a rebelião popular desde o cisma da década de 1660 —, em meados de 1880 o clero foi exortado a conferir às suas cerimônias religiosas a maior suntuosidade possível. Entretanto, a maior ameaça à Igreja e ao governo vinha das diversas seitas mais novas, cuja popularidade cresceu rapidamente ao longo do século XIX. Os Velhos Crentes, e em menor grau seitas como os *Khilsti* e os *Sloptsi*, pregavam essencialmente a mesma fé — as únicas diferenças giravam em torno de detalhes de ritual. Contudo, as chamadas seitas “racionais” fundamentalmente aboliam o ritual religioso, os sacerdotes, igrejas, ícones e todo tipo de parafernália. Seus seguidores pregavam uma doutrina cristã de amor, igualdade e liberdade que não reconhecia a autoridade governamental. De um lado, havia os descendentes de colonos alemães conhecidos como *Stunditas*, cujo empreendedorismo econômico, abstermia e devoção à leitura pessoal da Bíblia em vernáculo começavam a atrair um grande número de camponeses russos no século XIX, ao passo que de outro havia os *Dukhobors* e os *Molokáni* nativos.

Portanto, a rebelião espiritual de Tolstói não surgiu no vácuo, e deve ser vista nesse importante contexto sociorreligioso. A incessante expansão fizera da Rússia um enorme império multiétnico, e, por ocasião da realização do Congresso Missionário de 1897, 30% da população era constituída de muçulmanos, judeus e outras religiões. Não obstante, somente a Igreja Ortodoxa tinha permissão para realizar atividades missionárias no âmbito das fronteiras do império. Os dois primeiros Congressos Missionários, realizados em Moscou em 1887 e 1891, tinham se concentrado essencialmente em encurralar os Velhos Crentes e

persuadi-los a voltar à congregação da ortodoxia, mas o terceiro, realizado em Kazan, teve como prioridade conter a influência de seitas e denominações protestantes e evangélicas baseadas na Bíblia, que continuavam se expandindo apesar do trabalho missionário e das iniciativas governamentais. O Congresso angariou apoio à proposta do metropolita, Meleti de Riazan, de deportar os sectários para campos de prisioneiros especiais na tundra siberiana. Ele também propôs que as propriedades e os filhos dos sectários fossem confiscados. Ao que tudo indica foi somente o medo de protestos generalizados por parte dos batistas no exterior que dissuadiu Nicolau II de oficializar esse plano de ação. Confiante de que o campesinato jamais seguiria revolucionários políticos, o tsar estava bem mais preocupado com os cristãos evangélicos e figuras como Tolstói. O jornal liberal *Gazeta russa* noticiou que os duzentos bispos, sacerdotes e autoridades eclesiásticas presentes ao congresso tinham classificado o tolstoísmo como uma seita igual a outra qualquer:

O Congresso entendeu que as ideias religiosas e morais do conde Liev Tolstói inserem-se entre as novas crenças sectárias, asseverando que seus seguidores compõem uma “seita plenamente constituída”. Reconhecendo também que essa seita enquadra-se de maneira integral na definição de seitas “particularmente perigosas para a Igreja e o Estado”, o Congresso resolveu solicitar ao Santo Sínodo que proponha ao governo que a lei vigente acerca das seitas “particularmente perigosas” seja aplicada aos tolstoístas.

O tolstoísmo era tido como ainda mais pernicioso por seu potencial de atrair simultaneamente a elite culta e o campesinato, como mostra a influência das ideias de Tolstói sobre Piotr Verigin e aos *Dukhobors*.

Konstantin Pobedonóstsev, que em 1880 tornou-se procurador-chefe do Santo Sínodo, cargo que ocupou por 25 anos, considerava Tolstói seu arqui-inimigo. O antagonismo surgiu em 1881, quando Tolstói solicitou ao procurador-chefe que encaminhasse ao tsar Alexandre III a carta em que pedia clemência para os assassinos do pai do monarca. Convencido, ao ler a carta (que se recusou a passar às mãos do tsar), de que Tolstói tinha a intenção de derrubar o governo, Pobedonóstsev encabeçou uma vigorosa campanha para silenciar seu oponente. Isso resultou em uma série de ataques regulares de figuras eminentes da Igreja aos ensinamentos de Tolstói e em uma constante e muitas vezes invasiva vigilância da vida privada do escritor (até mesmo o sacerdote de Iásnaia Poliana era obrigado a despachar relatórios para o bispo de Tula). Ambicioso filho de um sacerdote moscovita e que atuou como professor de direito antes de assumir o

posto de procurador-chefe, Pobedonóstsev era um homem devotado ao cargo. Na história do reinado de Alexandre III que publicou em 1893, Hermann von Samson-Himmelstjerna — cujo nome é maravilhoso — faz um retrato bastante conciso e nítido de Pobedonóstsev:

Há duas classes de fanáticos, a fria e a quente — ou seja, fanáticos por reflexão e fanáticos por temperamento. É fácil saber à qual delas pertence Pobedonóstsev. Sua aparência o denuncia. Ele é velho e magro, tem o nariz pontudo, seus olhos são aguçados e penetrantes, usa óculos, sobre a testa cai uma franja de cabelos grisalhos, seu rosto é escanhado e sua expressão é arguta.

Tanto Pobedonóstsev como Tolstói, contemporâneos quase exatos, achavam que a sociedade russa precisava ser curada, mas sem dúvida divergiam quanto ao diagnóstico das doenças.

Quando Tolstói adoeceu no final de 1899, enquanto terminava de escrever *Ressurreição*, o Santo Sínodo, prevendo que o conde não tinha muito tempo de vida, decidiu primeiro proibir todas as orações em memória do escritor após sua morte. Assim que Tolstói recuperou a saúde, o Santo Sínodo apressou seu malconcebido plano de excomunhão. Em seu afã de salvaguardar os alicerces da Igreja Ortodoxa Russa, Pobedonóstsev havia muito clamava pela excomunhão de Tolstói, mas agora foi o metropolita de São Petersburgo, Antônio, quem tomou a iniciativa, motivado por temores de que até mesmo a Igreja corria o risco de sucumbir ao tolstoísmo. Havia alguma justificativa para esse receio. Em 1898, um jovem sacerdote carismático de São Petersburgo, Grígori Petrón, tinha publicado um livro intitulado *O Evangelho como o fundamento da vida*, centrado na ideia tolstoísta da aplicação prática do cristianismo no cotidiano; o livro teve vinte edições. No início de fevereiro de 1901, em uma reunião da Sociedade Religiosa Filosófica, Petrón foi repreendido pelo metropolita Antônio por discutir Tolstói sob luz favorável: ele tinha declarado que o escritor estava fazendo pela sociedade russa o que Virgílio tinha feito por Dante, guiando para fora do purgatório as pessoas que haviam perdido a espiritualidade. O processo de excomunhão de Tolstói teve início no dia seguinte e foi anunciado dez dias depois. Aparentemente Nicolau II ficou enfurecido por não ter sido consultado de antemão, e Pobedonóstsev foi obrigado a pedir desculpas.

A bem da verdade o metropolita Antônio queria ter agido antes, de modo que o édito pudesse ser anunciado no dia 18 de fevereiro, o primeiro domingo da Grande Quaresma. Até 1869 era tradição pronunciar um anátema anual na igreja

contra inimigos do Estado no primeiro domingo da Quaresma, pouco antes da semana da “Vitória da ortodoxia”, e não resta dúvida de que a Igreja teria gostado de incluir Tolstói em seu rol de hereges, ao menos em memória da proclamação tradicional:

A todos aqueles que não acreditam que os monarcas ortodoxos ascenderam ao trono por virtude de uma graça especial de Deus — e que, no momento em que o óleo sagrado é ungido sobre eles, são inspirados pelos dons do Espírito Santo para o cumprimento de sua excelsa missão; e aos que ousam se insurgir e se rebelar contra eles, tais como Gricha Otrepev, Ivan Mazeppa e outros de sua laia: Anátema! Anátema! Anátema!

Em 1837 o viajante alemão J. G. Kohl teve a oportunidade de testemunhar em primeira mão a “cerimônia em que são amaldiçoados os hereges” na catedral de Kazan em São Petersburgo. Ele afirmou que era tão grande o número de fiéis ávidos para assistir à excomunhão que a polícia teve de intervir para manter a ordem. O alemão descreveu o evento como “a mais extraordinária, incompreensível e terrível cerimônia religiosa da Igreja Oriental”, a única em que se podiam ouvir pragas e maldições, em um país onde as pessoas geralmente estavam mais inclinadas a abençoar quase tudo:

A anatematização teve início com uma longa missa, com cânticos, leituras, abertura e fechamento de portas, queima de velas e de incenso; entra e sai de gente etc... [O venerando metropolitano] deu um passo à frente e anunciou anátemas de um bom número de pessoas: o falso Demétrio, Bóris Godunoff, Mazeppa, Stenka Razin e Pugátcheff; depois dos hereges políticos seguiram-se os religiosos, que foram apenas mencionados em termos gerais. Cada pessoa ou classe era inicialmente caracterizada por algumas palavras introdutórias, seus nomes eram pronunciados, e depois se repetia por duas ou três vezes, como o trovão após o relâmpago, a palavra: *anátema, anátema, anátema...*

Tolstói estava em ilustre companhia. Em 1901, os clérigos das igrejas russas tiveram de se contentar com o anátema do romance *Ressurreição*, e não de seu autor. Não obstante, foi um evento de tremenda ressonância social e política.

Historicamente a Igreja somente excomungava indivíduos depois de reiterados esforços para coagir o proscrito a mostrar arrependimento. O édito sobre Tolstói salientava que ele havia pregado fanaticamente contra o dogma ortodoxo, de modo que não mais poderia ser considerado membro da Igreja a menos que se arrependesse, mas foi tudo muito bem calculado. A bem da verdade as palavras “anátema” e “excomunhão” não eram mencionadas de maneira explícita no édito, que foi anunciado na primeira página do semanário

Novas da Igreja (a publicação oficial do Santo Sínodo desde 1888) seguido de uma carta explicativa. O Édito nº 577, datado de 20-22 fevereiro, foi assinado por três metropolitas, um arcebispo e três bispos, e nenhum deles alimentava a ilusão de que o anúncio assustaria Tolstói. Contudo, por meio da publicação do édito na primeira página de todos os principais jornais do país em 25 de fevereiro e da proclamação de um decreto governamental proibindo a imprensa de mencionar qualquer coisa que se relacionasse a Tolstói e ao édito, o Sínodo esperava minar o apoio público a Tolstói, que crescia exponencialmente em todos os setores da população russa. A intenção era provocar uma onda de hostilidade e descrédito contra o escritor, diminuindo sua autoridade em um período crítico de grande inquietação política e social, ao mesmo tempo aumentando o poder da Igreja Ortodoxa. Na realidade, ocorreu justamente o contrário — foi um retumbante fracasso. Ninguém, exceto as autoridades eclesiásticas, levou a sério a excomunhão, mas o evento teria amplas consequências e repercussões.

Tolstói estava em Moscou no início de 1901. Como de praxe, suas preocupações eram de ordem intelectual. Ele tinha começado o ano lendo *Os seis sistemas da filosofia indiana*, de Max Müller, e, além de se debruçar sobre a filosofia hindu e as obras de Nietzsche, continuava estudando alemão. As preocupações de Sônia, como sempre, eram mais mundanas. Ela estava ocupada como nunca. Viajou a Iásnaia Poliana para cuidar de sua filha Tânia, que dera à luz uma criança natimorta, e voltou a Moscou a fim de supervisionar os preparativos do casamento do filho Micha com Aleksandra Glebova em 31 de janeiro: Sônia costurou saquinhos que mais tarde foram recheados de doces e distribuídos aos convidados. A festa de casamento foi um evento da alta sociedade que contou com a presença de grãos-duques (um deles veio especialmente de São Petersburgo), mas ao qual Tolstói fez questão de não comparecer. Em 12 de fevereiro Sônia voltou a Iásnaia Poliana quando recebeu a notícia de que a esposa de Micha sofrera um aborto espontâneo, e depois regressou a Moscou para cuidar da casa e de um marido melancólico que vinha expressando seu receio de morrer. As sete semanas da Grande Quaresma tiveram início e com elas o jejum, por isso em 16 de fevereiro Sônia foi ao mercado de cogumelos acompanhada do cozinheiro, Semion Nikoláievitch, e de lá para a igreja. No dia seguinte ela saiu para comprar brinquedos para as crianças do orfanato de Moscou, que tinha passado a apoiar.

No dia em que a excomunhão tornou-se pública, Tolstói declarou em carta à

filha Macha que o único tema sobre o qual realmente queria escrever agora era a falta de religião do povo, a seu ver a causa de todos os horrores do mundo. Mais do que qualquer outra pessoa de sua classe social, Tolstói levava a sério a ideia de viver em conformidade com princípios cristãos, e sua fé em Deus era de fato genuína, portanto era uma ironia que a Igreja excomungasse alguém que defendia com tanta veemência suas concepções cristãs — ainda que heterodoxas. Uma vez que havia se mantido alheio a todas as maquinações anteriores, Tolstói simplesmente seguiu em frente escrevendo artigos francos e polêmicos e cartas de protesto atacando a corrupção da Igreja e do governo, cujas diretrizes militaristas o clero apoiava. Graças ao diário de Sônia, sabemos que, por ocasião da excomunhão de Tolstói, o tempo estava esplêndido: dias límpidos e noites de luar. Ela registrou que, depois que o édito foi publicado, o marido tornou-se subitamente afetuoso e apaixonado, e que a saúde e o estado de espírito de Tolstói melhoraram bastante em meio à atmosfera singularmente festiva do período. Sônia não hesitou em escrever uma carta endereçada a Pobedonóstsev e ao metropolita Antônio para protestar contra o édito; depois voltou à rotina de tricotar gorros de lã para o orfanato. Surpreendentemente, a carta de Sônia e a resposta do metropolita foram publicadas na revista *Novas da Igreja*.

Tão logo a excomunhão foi anunciada, o Santo Sínodo conclamou seus sequazes a enviar cartas ofensivas e ameaças de morte a Tolstói; porém, muito mais numerosas foram as manifestações, ovações e petições de apoio ao escritor. A casa de Tolstói em Moscou foi imediatamente invadida por um sem-número de visitantes ávidos para entrar em ação, e a polícia montada teve de intervir quando Tolstói foi cercado por uma multidão de milhares de entusiasmados estudantes que o viram passeando pelo centro da cidade no dia do anúncio da excomunhão. Longe de diminuir a estatura de Tolstói, a anatematização serviu apenas para aumentar seu prestígio, particularmente por conta da decisão governamental de proibir todos os telegramas e expressões de apoio ao escritor. A excomunhão também intensificou o interesse pela obra literária de Tolstói. Pessoas que jamais haviam se interessado começaram a procurar seus livros nas bibliotecas, e muitos russos que viviam no exterior quiseram saber mais sobre ele. Funcionários da fábrica de vidro Maltsev, nos arredores de Moscou, enviaram a Tolstói um bloco de vidro verde com uma mensagem entalhada em dourado:

Estimado Liev Nikoláievitch, tu compartilhas o mesmo destino de muitos grandes homens à frente de teu tempo, que outrora foram queimados em estacas ou abandonados à própria sorte para apodrecer em celas

de prisão ou no exílio. Que os sacerdotes hipócritas te excomunguem o quanto quiserem. O povo russo sempre se sentirá orgulho de ti e sempre o terá como um dos seus, uma figura imensamente amada.

Tolstói era a consciência da nação, e sua excomunhão foi a expressão mais eloquente do abismo que separava a Igreja da sociedade russa culta e esclarecida. Em Moscou, como no resto do país, a *intelligentsia* entendeu a excomunhão essencialmente como um ato de vingança política. Aleksiei Suvorin, editor do jornal *Novos Tempos*, escreveu em tom de gracejo que a Rússia agora tinha dois tsares. Se Nicolau II era incapaz de abalar o trono de Tolstói, ele observou, Tolstói estava desestabilizando toda a dinastia Romanov. Em 24 de março Tolstói tinha finalmente começado a redigir um artigo em resposta ao Santo Sínodo, com novas acusações. A carta foi enviada a Tchertkóv para publicação na Inglaterra. O escritor ainda tinha a esperança de um dia ser preso.

Uma semana antes do anúncio da excomunhão, um novo e importante retrato de Tolstói pintado por Repin tinha sido colocado em uma galeria de São Petersburgo como parte da 29ª Exposição Itinerante. Ironicamente, a tela mostrava o escritor em oração, de joelhos e descalço, no bosque de Iásnaia Poliana. Quando a exposição foi aberta ao público, o retrato foi instantaneamente rodeado de flores, e, como era de se esperar, atraiu mais atenção depois da excomunhão. Antes do término da exposição em 25 de março um estudante subiu em uma cadeira e amarrou buquês por toda a moldura, como se fosse o quadro de um ícone venerado pelo povo, depois fez um discurso de improviso. Um telegrama de apoio assinado por quatrocentas pessoas chegou às mãos de Tolstói, e muitas outras pessoas adornaram com flores o quadro de Repin. Por causa disso as autoridades decidiram retirar a pintura da exposição quando a mostra seguiu para Moscou e as províncias.

A excomunhão causou comoção entre as classes instruídas da Rússia, mas vale ressaltar que muitos sacerdotes das zonas rurais do país sabiam pouca coisa acerca de Tolstói além do fato de que era um aristocrata que escrevia romances sobre a alta sociedade. A maior parte dos camponeses, por sua vez, sabia apenas que se tratava de um conde, portanto um representante da nobreza, vista com ódio e desconfiança, mas um bom número de seguidores do padre João de Kronstadt estava convicto de que Tolstói era o Anticristo. Figura ainda mais carismática que Grígori Petróv (que acabou deixando a igreja), o padre João não era um bispo proeminente ou um teólogo de nomeada, mas sim um pároco de aldeia considerado por muitos um “terceiro tsar”, em face de sua estrondosa

popularidade. Um ano mais novo que Tolstói e filho de um pobre sacristão, João nasceu na província de Arkhangelsk em 1829, casou-se em 1855 e foi ordenado na catedral de Santo André Apóstolo, em Kronstadt, da qual seu sogro era o sacerdote residente. Durante os cinquenta anos em que serviu na cidade portuária de Kronstadt, a cerca de trinta quilômetros de São Petersburgo e base da frota imperial do Báltico, adquiriu renome por seu estilo populista e informal, e pelas confissões em massa realizadas em sua igreja. João incentivava a caridade e a devoção e depois que deu a extrema-unção a Alexandre III no leito de morte do tsar em 1894, ganhou fama em toda a Rússia. Nicolau II e sua esposa também reverenciavam o padre João: tinham um retrato dele pendurado na parede do quarto do Palácio de Livadia, na Crimeia.

Na década de 1880 o padre João começou a condenar Tolstói por pregar que Jesus não era divino, que Maria era apenas uma mulher solteira e que a Igreja Ortodoxa era pagã e idólatra. “Que amarrem uma pedra no teu pescoço e com ela tu sejas jogado nas profundezas do mar. Não deve haver lugar na Terra para ti” — foi nesses termos que João de Kronstadt atacou Tolstói, e uma compilação de suas diatribes contra o escritor foi publicada em 1902. O padre João talvez tenha sido o inimigo público mais famoso de Tolstói e seu “oposto polar”. De fato, na opinião do escritor Nikolai Leskov, Tolstói e João de Kronstadt representavam as duas forças diametralmente contrárias lutando pelo futuro da Rússia. João era visto como o pastor do povo, ao passo que Tolstói era idolatrado mais por sua inteligência; contudo, havia extraordinárias semelhanças entre os dois. Como Tolstói, padre João também aspirava a um ideal ascético. Ao manter um casamento celibatário (sua esposa Elizaveta teria gostado de ter filhos), João foi mais bem-sucedido que Tolstói no que tangia a refrear a libido. Também fazia severas restrições ao consumo de comida, que, como Tolstói, ele associava à sensualidade: “*kacha* de trigo-mouro é bom, creme de leite é ruim”; “Nada de rábano com vinagre!”, “Jamais jantar!”. O padre João via a habilidade culinária da esposa como uma ameaça a sua espiritualidade. Tanto Tolstói como João eram puritanos que atacavam a desigualdade social, o materialismo excessivo e a devassidão moral, e ambos tornaram-se objeto de culto da personalidade — os correios tinham de trabalhar em um esquema especial para tratar do grande volume de cartas que João recebia de seus paroquianos e admiradores. João de Kronstadt também inspirou o surgimento de uma espécie de religião sectária, o que Pobedonóstsev informou com alarme em 1901, ano da excomunhão de

Tolstói. Seus seguidores, chamados de ioanitas ou joanitas, viam João ora como Deus, ora como Jesus ou João Batista, e tratavam como um ícone sua fotografia (João fazia sucesso especialmente entre as mulheres). O controle sobre o clero era prioridade absoluta do Santo Sínodo, e houve inquietação quando João começou a dar mostras de que estava se tornando perigosamente independente. Como Tolstói, João desfrutava de maior popularidade na corte do que nos gabinetes do governo, mas mesmo alguns de seus seguidores julgavam que por vezes seu tom era veemente demais. Depois de ler as “palavras de acusação dirigidas contra o conde Liev Tolstói”, uma pessoa escreveu ao padre João dizendo que agora já não conseguia mais encontrar sua “paz interior”, pois não sabia como conciliar suas “diatribes, tão alheias ao espírito cristão de gentileza, tolerância e perdão” a seus primeiros textos sobre espiritualidade.

Tolstói e o padre João faziam parte do extraordinário renascimento religioso do início do século XX que afetou todas as classes da sociedade russa, com um número cada vez maior de peregrinos fazendo visitas a mosteiros e tomando parte em procissões — como aquela da romaria de Kursk imortalizada na famosa pintura de Repin. Também houve um reflorescimento religioso entre a *intelligentsia*, cujo início coincidiu com a publicação, em 1880, do último romance de Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov* — livro que havia sido inspirado pelo encontro do escritor com os anciãos de Optina Pustin. É digno de nota que esse era o livro que Tolstói estava lendo quando no final da vida finalmente fugiu de sua casa em Iásnaia Poliana para fazer a última das suas muitas visitas ao mosteiro, lugar pelo qual aparentemente sentia ao mesmo tempo atração e repulsa. Mesmo antes da excomunhão, Tolstói era tido por muitos como “o ancião de Iásnaia Poliana”, e em suas últimas décadas de vida recebia não apenas multidões de visitantes que o procuravam em busca de orientação e aconselhamento, mas também enxurradas de cartas com pedidos de ajuda. Tolstói tentava diligentemente responder a todas com a ajuda de secretários, que atuavam como os irmãos leigos que tradicionalmente auxiliavam os anciãos. Um sinal ainda mais evidente do renascimento religioso se deu em novembro de 1901, com a realização do primeiro de uma série de históricos encontros no saguão da Sociedade Geográfica Imperial em São Petersburgo. Esses encontros marcaram o primeiro contato construtivo entre a *intelligentsia* e o clero na Rússia. A iniciativa foi encabeçada por modernistas como Dmítri Merjovski, que queriam abolir o abismo que separava as classes instruídas da Igreja, com o objetivo de

tentar encontrar um denominador comum e uma possível solução religiosa para a crise sociopolítica na Rússia. Incontornável, o nome de Tolstói figurou com destaque, e seu conflito com a Igreja foi o tema do terceiro encontro, realizado no início de 1902. Entre as questões debatidas em acaloradas discussões sobressaiu-se a seguinte: decidir que força estava por trás da excomunhão de Tolstói — a Igreja ou o Estado.

Tolstói continuou sendo um problema para a Igreja mesmo após sua excomunhão; em junho de 1901 o escritor adoeceu gravemente, vítima de malária, e as autoridades precisaram traçar uma nova estratégia para o caso de ele vir a morrer: os governadores e chefes de polícia foram instruídos a não permitir discursos, manifestações ou homenagens. Serguei ficou mortificado ao saber da delicada situação do irmão pelos jornais, cujos editores consideravam sua saúde uma questão de interesse público. Serguei escreveu a Tolstói uma carta sincera e emocionada dizendo o quanto o irmão significava para ele e que não havia nenhuma outra pessoa no mundo com quem poderia conversar da mesma maneira. Abaixo da assinatura, acrescentou um adendo triste: “Independentemente do quanto éramos próximos na infância, eu preciso de você, mas você não precisa de mim”. Tolstói recobrou a saúde, e não foi a primeira vez que sua vigorosa constituição física ajudou-o a se recuperar. Uma amiga de Alexandrine, a condessa Panina, gentilmente ofereceu sua *datcha* nos arredores de Ialta para a convalescença do escritor. Em setembro de 1901 a família partiu para a Crimeia. Ao contrário do costumeiro hábito de Tolstói de viajar na quarta classe, em meio a pulgas e baratas, como definiu Serguei, dessa vez a família contou com a ajuda de um tolstoísta que era funcionário da companhia ferroviária e conseguiu que o presidente da linha emprestasse aos Tolstói um luxuoso vagão-leito privativo. Embora a imprensa estivesse proibida de dar informações sobre o itinerário de Tolstói, havia uma multidão de mais de três mil simpatizantes para saudá-lo quando desembarcou na estação de Carcóvia. A família ficou na Crimeia por quase dez meses, período durante o qual Sônia cuidou do marido com sua usual devoção.

A bem da verdade a *datcha* da condessa era um palácio gótico — um castelo de conto de fadas, com duas torres. Tolstói jamais tinha vivido em meio a tanto luxo, e escreveu ao irmão sobre a profusão de flores exóticas, o chafariz de mármore em um lago cheio de peixes, os jardins imaculados, a vista exuberante do mar além dos ciprestes e sobre os banheiros com privadas, conveniência a que

não estava acostumado. Em 1887 Tolstói escrevera uma longa carta ao futuro pacifista Romain Rolland em que declarava que o primeiro teste de sinceridade para os que professavam viver conforme os princípios cristãos era deixar de viver como parasitas do trabalho braçal feito pelos pobres e cuidar das próprias necessidades, o que incluía esvaziar o próprio urinol. Tolstói escreveu ao irmão que os grãos-duques e milionários que viviam nas imediações da casa de veraneio da condessa estavam rodeados de um luxo ainda maior.

Como sempre, ele recebeu um tropel de visitas, mas teve encontros agradáveis com Tchekhov, que a essa altura estava em Ialta, à distância de um telefonema, e com o jovem escritor Górkí. Tolstói também fez amizade com o cortês e erudito grão-duque Nikolai Mikháilovitch, um velho amigo de Tchertkóv. O grão-duque procurou o escritor e não apenas se mostrou imperturbável com relação ao status de pária de Tolstói nos círculos sociais, como se confessou um ávido leitor de seus virulentos textos antigovernistas. Por ocupar uma imponente posição como membro da família Romanov, Mikháilovitch recebia todas as edições sem expurgos dos textos de Tolstói que Tchertkóv publicava na Inglaterra. Temendo que aquela pudesse ser sua última chance, Tolstói aproveitou-se da feliz coincidência de travar amizade com um Romanov e escreveu outra longa carta a Nicolau II, que Mikháilovitch se ofereceu de bom grado para entregar. Dirigindo-se ao tsar como “Querido irmão”, Tolstói dispensou as gentilezas de protocolo. Depois de repreender Nicolau por elevar a patamares inaceitáveis a política de vigilância policial, censura e perseguição religiosa, Tolstói contestou a noção de que a ortodoxia e a autocracia eram inerentemente russas. Em primeiro lugar, apontou para o número cada vez maior de pessoas que vinham “debandando” para outras crenças apesar dos riscos de perseguição envolvidos. A seguir declarou que a autocracia estava ultrapassada e falida como forma de governo. O poder tsarista talvez ainda tivesse prestígio sob Nicolau I, ele admitiu, mas ao longo dos quase cinquenta anos desde sua morte a autocracia tinha se desintegrado completamente, a ponto de ser alvo de críticas abertas por parte de pessoas de todas as classes sociais, que ridicularizavam o próprio tsar (ou seja, Nicolau II, a pessoa a quem Tolstói estava se dirigindo):

Talvez o fato de que multidões de pessoas correm atrás de Vossa Majestade aos gritos de “Viva!”, em Moscou e em outras cidades, tenha iludido Vossa Majestade acerca do amor do povo pela autocracia e seu representante, o Tsar. Não acrediteis que seja uma expressão de devoção por Vossa Majestade — trata-se

apenas de uma turba de gente curiosa, que sairia correndo atrás de qualquer espetáculo singular.

Somente alguém com a autoridade de um tsar cometeria a temeridade de se dirigir assim a um chefe de Estado, a um imperador. O fato de que Nicolau II jurou jamais mostrar essa carta a quem quer que fosse (o que foi atestado pela amante do grão-duque Nikolai Mikháilovitch, a princesa Elena Bariatinskaia, que coincidentemente era prima de Tchertkóv) corrobora a visão de que Tolstói e Tchertkóv ainda gozavam de certo prestígio e proteção na corte.

Quando Tolstói adoeceu novamente em janeiro de 1902 houve novo alvoroço no Santo Sínodo, no Ministério de Assuntos Internos e no Comitê de Censura, cujos altos funcionários estavam aterrorizados pela iminência de surtos de desobediência civil ou coisa pior. Pobedonóstsev traçou um plano: despachar um padre para ficar de plantão na casa de Tolstói e assim ter condições de anunciar uma retratação de última hora, e o chefe da censura estipulou que a publicação de fotografias de Tolstói na imprensa só seria permitida após a morte do escritor, ao passo que o metropolita Antônio enviou uma carta a Tolstói implorando que retornasse à Igreja. Desnecessário dizer que o autor de *Guerra e paz* não estava interessado. Sob os cuidados de diversos médicos, de sua esposa e filhas, e recebendo visitas constantes de familiares e amigos (que rumaram para Gaspra convictos de que prestariam suas últimas homenagens), ele aos poucos foi se recuperando. Voltou para casa em junho, ovacionado por uma multidão ainda mais numerosa na estação de Carcóvia, e agora ele e Sônia fixaram residência permanente em Iásnaia Poliana. Por conselho dos médicos, e para o alívio do próprio Tolstói, era o fim dos invernos passados em Moscou. Também por recomendação médica, transferiu seu estúdio para o amplo e bem iluminado aposento contíguo a seu quarto de dormir no andar de cima, onde batia o sol da manhã.

A velhice não abrandou o temperamento de Tolstói. No outono de 1902 ele escreveu um violento ataque aos clérigos cristãos de todas as denominações, na esperança de mostrar-lhes o mal que vinham causando, como ele mesmo definiu em carta ao irmão. *Apelo ao clero*, enviado a Tchertkóv e publicado pela Palavra Livre em 1903, era mais um exemplo de Tolstói falando de “homem para homem” com os clérigos, fosse qual fosse a fé a que pertencessem. É um clássico do típico discurso bombástico de Tolstói:

Vocês sabem que aquilo que vocês pregam sobre a criação do mundo, sobre a inspiração divina da Bíblia

e sobre tantas outras coisas não é verdade. Como é que então têm a coragem de pregar esses ensinamentos às criancinhas e aos adultos ignorantes que procuram vocês em busca de esclarecimento? [...] Sejam vocês quem forem — papas, cardeais, bispos, arcebispos, superintendentes, sacerdotes ou pastores — pensem nisso. Se vocês pertencem ao clero (que em nossos dias é infelizmente numeroso, e cujas fileiras não cessam de engrossar), que sabem claramente o quanto os ensinamentos da Igreja são obsoletos, irracionais e imorais, mas que, mesmo sem de fato acreditar neles, continuam a pregá-los por motivos pessoais (seu salário de sacerdotes e bispos), não se consolem com a suposição de que suas atividades se justificam por qualquer tipo de utilidade para as massas, que ainda não compreendem o que vocês compreendem.

O padre João de Kronstadt imediatamente revidou com uma famosa réplica. Os jornalistas sempre associaram Tolstói a Ilia Muromets, o mais famoso *bogatyr* russo — um guerreiro medieval capaz de realizar façanhas hercúleas. Contudo, para o padre João, Liev Tolstói era um leão predador, parente do diabo (1 Pedro 5:8: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar”), e uma vez que poucos fiéis ortodoxos puderam ler o artigo contrabandeado de Tolstói, o próprio João forneceu um resumo de seu conteúdo:

Para Tolstói não existe a suprema perfeição espiritual no sentido das realizações das virtudes cristãs — simplicidade, humildade, pureza de coração, castidade, arrependimento, fé, esperança, amor no sentido cristão; ele não reconhece o empenho cristão; ele ri da santidade e das coisas sagradas — é somente a si mesmo que ele adora, e se curva em reverência a si mesmo, como um ídolo, como um super-homem. Eu e ninguém mais além de mim, reflete Tolstói. Vocês todos estão errados; eu revelei a verdade e estou ensinando a todos a verdade! O Evangelho segundo Tolstói é uma invenção e um conto de fadas. Portanto, povo ortodoxo, quem é Liev Tolstói? Ele é um leão rugindo [*Lev rykayushchy*] à procura de uma presa para devorar. E quanta gente ele já devorou com suas páginas lisonjeiras! Tomem cuidado com ele.

Tolstói certamente estava bem informado acerca do padre João, mas nunca lhe deu muita atenção.

Talvez seja sintomático que a publicação de *Apelo ao clero* tenha ocorrido no mesmo ano da canonização de Serafim de Sarov (1759-1833), o primeiro e mais famoso ancião eremita da Rússia. As celebrações contaram com a presença de Nicolau II, da imperatriz Alexandra e de meio milhão de peregrinos. O fato de que subitamente houve muitas outras canonizações no reinado de Nicolau corrobora a teoria de que estava em curso um programa de ação com o intuito de inspirar patriotismo e lealdade à monarquia. Também em 1902 foram proibidas as reuniões da Sociedade Religiosa Filosófica, pela mesma razão. A Igreja e o governo estavam tendo dificuldades para unir a população em meio ao crescente

descontentamento que se alastrava pelo país; as autoridades começaram a julgar que, em um período tão tenso, os debates travados entre os membros do clero e os filósofos, poetas, críticos literários e figuras públicas que participavam das reuniões da Sociedade Religiosa Filosófica estavam acalorados demais.

Em 1904 a situação política na Rússia tinha de fato se tornado bastante volátil. Na década de 1890 grupos marxistas radicais comprometidos com a revolução tinham mudado sua tática: em vez de disseminar propaganda para a nova população de operários oprimidos, passaram a agitar as massas, causando uma onda de greves, e depois se agruparam sob a denominação Partido Operário Social-Democrático da Rússia (POSDR) — que a polícia tentou, sem sucesso, destruir. Em 1900, depois de cumprir sua pena no exílio siberiano, Vladímir Ulíanov tinha ido para o exterior. Além de fundar um jornal e adotar o nome de Vladímir Lênin, ele escreveu um panfleto intitulado *Que fazer?* (não confundir com as obras homônimas de Tolstói e Nikolai Tcherníchevski), em que propunha a criação de um partido disciplinado de revolucionários de linha dura. A publicação do seu tratado contribuiu, em 1903, para a divisão do partido em bolcheviques e mencheviques. Além do clamor dos partidos liberais por reformas, em 1904 o governo russo se viu às voltas com a constante ameaça de atividades terroristas de vários grupos revolucionários, bem como com a crescente inquietação dos camponeses e um número cada vez maior de greves em massa nas fábricas urbanas. O descontentamento foi exacerbado pelos autoritários *pogroms* governamentais contra os judeus (ataques contra os quais Tolstói se manifestou publicamente), a reiterada perseguição oficial a minorias religiosas e o óbvio apoio estatal aos empregadores em detrimento dos empregados. Com a situação doméstica tão frágil e carregada, a súbita irrupção da guerra com o Japão em 1904 pegou todo mundo de surpresa.

Por fim, foi a desastrosa Guerra Russo-Japonesa que pôs um ponto final à arrogância imperial. Sob Nicolau II o Ministério das Relações Exteriores e as Forças Armadas estagnaram: o embaixador britânico na Rússia sabia que podia sair de licença de setembro a dezembro, e os funcionários do ministério geralmente chegavam para trabalhar ao meio-dia e saíam às quatro da tarde. A estagnação era fruto de uma imerecida complacência. O senso de superioridade da Rússia em relação ao Japão era tão acentuado que em 1898, quando a Rússia entrou em acordo com os chineses para expandir seu território nas províncias do nordeste da China, o ministro das Relações Exteriores Nikolai Muraviov declarou

que bastariam uma bandeira e uma sentinela para assegurar o domínio de Port Arthur: o prestígio russo faria o resto. Mas a equivocada percepção do poderio russo estava prestes a cair por terra. Semanas depois de chegar a Port Arthur, o almirante Makarov e toda a sua tripulação morreram quando a nau capitânia *Petropavloski* colidiu com uma mina japonesa. Quando a guerra eclodiu, Tolstói ficou aflito pela irrupção de sentimentos de patriotismo que ele não foi capaz de debelar, e começou a ir diversas vezes por semana a Tula a fim de ler os telegramas recém-chegados. Naturalmente, o escritor não demorou a pôr suas ideias no papel. No artigo “Reflitam sobre isto!”, Tolstói exortou seus conterrâneos e se lembrar de passagens bíblicas, como Lucas 13:5 (“Mas se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo”). Insistindo na tese de que a guerra contradizia e violava os ensinamentos de Jesus e de Buda, ele deplorou a desumana violência do conflito:

Dizemos que as guerras de hoje não são como as do passado, e que estamos longe do antigo canibalismo nas lutas da nação, mas ele ainda existe sob outras formas. Que outra coisa se pode dizer acerca da destruição da esquadra e do cerco a Port Arthur? Quando a humanidade testemunhou tamanho horror? O que se pode comparar a essa medonha carnificina? Agora mais de duzentas mil vidas já foram perdidas nesta insensata batalha [...].

Tchertkóv traduziu o artigo para o inglês e providenciou sua publicação em jornais de toda a Europa, o que levou muitas pessoas a escrever cartas de protesto a Tolstói condenando a sua falta de patriotismo, mas o texto também suscitou manifestações de simpatia.

Em resumo, 1904 foi um ano desolador para Tolstói. Ainda que intolerante em relação a pessoas que professavam a fé ortodoxa, em março o escritor recebeu com profunda tristeza a notícia da morte de sua velha parenta Alexandra Andréievna Tolstáia. Depois do glacial encontro de 1897 os dois quase não tiveram contato, mas se reconciliaram um ano antes da morte de Alexandrine, aos 87 anos. Em sua última carta, em que se dirigia a ela como “Querida, gentil e velha amiga Alexandrine”, Tolstói agradecia pela amizade de meio século. Em julho, aos 44 anos, Tchekhov perdeu sua luta contra a tuberculose; em agosto, poucas semanas depois que Andrei, o indócil filho de Tolstói, seguiu para o *front* (para o pai a notícia de que ele estava servindo o exército já era suficientemente ruim), e Serguei, o irmão mais velho do escritor, morreu de câncer. Serguei levava uma vida reclusa e infeliz, decepcionado com os quatro filhos e amargurado por

seu casamento com uma mulher de origem social totalmente diferente, e passou seus últimos dias em agonia. Tolstói foi três vezes a Pirogovo no verão de 1904, e teve papel decisivo no cumprimento do desejo de sua irmã e de sua cunhada de que Serguei recebesse a comunhão antes de morrer. Para surpresa de todos, Serguei concordou, apesar de sua notória indiferença religiosa.

Em dezembro de 1904, quando Port Arthur finalmente caiu em mãos japonesas, Tolstói ficou desesperado. Nesse ínterim, a viagem de 33 mil quilômetros (dezoito mil milhas náuticas) da frota imperial do Báltico, sob o comando do almirante Rojdestevenski, foi marcada por repetidas demonstrações de incompetência. Logo após a partida da esquadra de São Petersburgo, em outubro, um capitão embriagado abriu fogo contra traineiras britânicas no Mar do Norte, depois de confundir as embarcações com torpedeiros japoneses, ao passo que outra fragata — em um episódio que ficou conhecido como “a esquadra russa do cachorro louco” — constatou que, por um erro de navegação, fora parar nas águas do rio Tâmis. Um dia depois de chegarem por fim ao Pacífico em maio de 1905, as belonaves russas foram sumariamente destruídas por forças japonesas na Batalha de Tsushima. Esse derradeiro e humilhante confronto marcou o fim da guerra. Em Iásnaia Poliana, um horrorizado Tolstói acompanhava todos esses fatos e ficou ainda mais consternado quando a violência assolou a própria Rússia. A situação doméstica do país era tão grave e problemática que a guerra contra o Japão não angariou apoio popular, o que ficou claro com o assassinato, em julho de 1904, do ministro dos Assuntos Internos. O pouco empenho e a indiferença de Nicolau II em responder aos anseios por reformas levou à eclosão da revolução no infame “Domingo sangrento”, de 9 de janeiro de 1905, quando tropas tsaristas abriram fogo contra uma procissão de trabalhadores desarmados que levavam ao Palácio de Inverno uma petição com uma lista de reivindicações. A revolta pública ganhou a forma de uma série de greves em massa por todo o país e foi seguida pelo assassinato, em 22 de janeiro, do governador-geral de Moscou, o grão-duque Serguei Aleksándrovitch, que tinha recebido Sônia em audiência durante a fome de 1892. Tolstói ficou perplexo e confessou que a notícia provocara nele sofrimento físico. Entre os distúrbios e rebeliões de 1905, incluiu-se o motim do encouraçado *Potemkin*, em Odessa. Talvez lamentando não ter dado ouvidos ao atrevido apelo pessoal de Tolstói em 1902, Nicolau II agora foi forçado a abrandar o jugo autocrático. Em outubro, lançou o histórico manifesto em que prometia direitos civis, a criação de uma assembleia legislativa nacional

(a “Duma”), a abolição da censura, a tolerância religiosa e a autorização para a fundação de partidos políticos. Houve também anistia geral.

A revolução de 1905 afetou diretamente Tolstói, pois agora todos os seus textos até então proibidos poderiam ser publicados, embora ainda tenha levado algum tempo até que as reformas entrassem em vigor. Seu novo artigo, “Apelo ao povo russo”, em que previsivelmente condenava tanto o governo como os revolucionários, foi apreendido pela polícia em março de 1906, antes que pudesse ser distribuído, mas no final do ano foi posto à venda livremente em São Petersburgo após ser publicado pela Palavra livre, que Tchertkóv tinha transferido para aquela cidade. Seguiram-se enxurradas de textos outrora banidos de Tolstói, e ele escreveu um novo artigo, “O significado da Revolução Russa”. Em março de 1906 Tchertkóv recebeu a notificação oficial de que estava autorizado a retornar à Rússia, mas antes disso já tinha feito uma visita à terra natal. Em meio aos distúrbios, sua influente mãe tinha obtido junto ao tsar a permissão para que o filho fizesse uma visita de três semanas ao país, não apenas para vê-la em São Petersburgo, mas também para ir a Iásnaia Poliana. Foi uma reunião festiva, e até mesmo Sônia ficou feliz por rever Tchertkóv. Contudo, o discípulo de Tolstói teve de adiar seu regresso definitivo, impedido por três circunstâncias: sua esposa doente, as confortáveis instalações de que desfrutava na Inglaterra e a amplitude de suas atividades editoriais. Assim, a volta para a Rússia foi um processo gradual ao longo dos anos seguintes.

Desde que Tolstói adoecera em 1902 a situação em Iásnaia Poliana havia ficado mais ou menos pacífica. Ele ainda odiava viver em meio ao luxo de sua casa ancestral. Ainda odiava ser servido ao jantar por criados de luvas brancas. Ainda queria ir embora, mas de uma maneira ou outra tinha ficado. Apesar de seu alardeado desejo de levar uma vida reclusa, eram mínimas as chances de que isso viesse de fato a ocorrer. Biriukóv retornou do exílio em dezembro de 1904. Vinha dando os últimos retoques na sua biografia autorizada de Tolstói, e agora seu biografado tinha a oportunidade de ler o manuscrito e responder às suas perguntas antes da preparação do texto para publicação. O sossegado médico eslovaco Dušan Makovický também chegou a Iásnaia Poliana em dezembro de 1904 e passou a exercer a função de médico pessoal de Tolstói. O salário de Makovický era pago por Tchertkóv, que agora adquiria um utilíssimo canal de comunicação para se manter a par do estado de saúde do amigo, e muito mais. Tolstoísta ardoroso que fizera sua primeira visita a Iásnaia Poliana em 1895,

Makovický adorava o chão em que Tolstói pisava e tinha o hábito de manter sempre à mão lápis e papel a fim de sub-repticiamente tomar nota de tudo que o escritor dizia. Tchertkóv era obcecado pela ideia de compilar frases, ditos e máximas de Tolstói. O projeto tinha sido iniciado em 1889 e continuou até 1923, quando morreu o compilador escolhido por Tchertkóv, e a essa altura já havia cerca de 25 mil pensamentos diversos, às vezes bastante triviais.

De olho na posteridade, nesse ínterim Sonia tinha começado a escrever o que acabou ganhando a forma de um relato extremamente extenso de sua própria vida como a esposa de um gênio impossível. Ela também arrolou um inventário da enorme biblioteca de Iásnaia Poliana e começou a pôr em ordem os arquivos do marido. Em 1904 Sônia foi obrigada transferir todo o acervo da Biblioteca Rumantsev (onde de início estavam arquivados os manuscritos) para o Museu Histórico, próximo à Praça Vermelha. Assim, em suas viagens a Moscou para cuidar de assuntos relacionados à publicação de textos de Tolstói, Sônia também passava as manhãs copiando o material de que precisava. Ela era famosa pela acentuada miopia (fotografada assistindo a uma palestra sobre fotografia, ela aparece sentada praticamente debaixo do palestrante), pela falta de senso de humor (muitos dos primeiros contos de Tchekhov causavam-lhe arrepios) e por viver constantemente atarefada. Como o marido, ela jamais se “aposentou”, e além de se tornar uma talentosa fotógrafa, também adquiriu habilidades como pintora. Sônia também gostava de ser avó. Em 1905, após vários abortos espontâneos, Tânia deu à luz uma menina, também chamada Tatiana, e que carinhosamente recebeu o nome “matronímico” e não o usual patronímico, em homenagem à heroica façanha de Tânia para se tornar mãe. “Tatiana Tatianóvna” era a décima quinta neta dos Tolstói e alvo de especial adoração da parte dos avós.

No final de 1906 a precária harmonia estabelecida depois que os Tolstói retornaram da Crimeia para casa já tinha desaparecido. Um maravilhoso instantâneo da vida da família em Iásnaia Poliana antes que tudo começasse a desintegrar de vez é fornecido pela ótica do escritor japonês Tokutomi Roka, que passou cinco dias na propriedade em junho e escreveu um relato de sua visita. Tokutomi chegou pouco antes que Serguei (agora com 53 anos) se casasse pela segunda vez. Desde os 23 anos de idade, Tokutomi era o mais ardoroso tolstoísta do Japão da Era Meiji, e por ter recebido educação protestante sentia pela filosofia religiosa de Tolstói o mesmo interesse que nutria pela ficção do russo.

Tokutomi encarava a vida com a mesma seriedade de Tolstói, com quem conversava em inglês. Além de seu herói, que era exatamente como ele esperava (“mas aparentava mesmo seus 78 anos”), Tokutomi conheceu boa parte da família: Sônia (“cujo olhar não tinha lá muito charme”), Macha (“doentia e magra”), o marido dela, Nikolai (“voz e maneiras gentis, é o exemplo típico do homem eslavo afeminado”), a estudante Sacha (“que adora se divertir e que deve pesar por volta de oitenta quilos”), além de Liev e sua esposa sueca Dora, Andrei, agora separado da primeira esposa, e Micha. De todos os filhos e filhas de Tolstói, Sacha foi quem Tokutomi conheceu melhor e obviamente achou um pouco intensa demais. Certa vez viu a menina “passando como um raio montada na bicicleta, pedalando feito um ciclone” (“e com seu físico, eu estava certo de que ela acabaria esmagando a máquina”). Tokutomi também fez questão de descrever os quatro cães da família, que eram presença constante à mesa do jantar ao ar livre, sob um bordo: um siberiano branco, um *pointer* marrom, um *setter* preto e um *spaniel* preto e branco.

Tokutomi e Tolstói saíam juntos para nadar e fazer caminhadas, e o japonês notou que o conde jamais se esquecia de prender ao cinto a corrente de seu relógio de prata e de levar consigo um caderninho com um lápis dentro. Durante uma dessas caminhadas no bosque, Tolstói se abriu e compartilhou com Tokutomi suas impressões sobre escritores russos como Turguêniev, cujas obras descreveu como “extraordinariamente belas, mas não muito profundas”. Acerca de Górkí, por outro lado, Tolstói declarou que “tinha gênio, mas não tinha erudição”, ao passo que Merejkovski tinha “erudição mas nenhum gênio; já Tchekhov tem um grande gênio, um grande gênio”. Quase no fim do relato de sua peregrinação a Iásnaia Poliana — às vezes bastante espantado —, Tokutomi descreve que foi levado ao estúdio de Tolstói e ficou observando o conde respirar pesadamente enquanto escrevia cartas de recomendação para ele com sua pena de bico de ganso, as espessas sobrancelhas arqueadas. “Ele é um profeta em seus últimos anos de vida, seu corpo vai ficando cada dia mais fraco, mas dentro dele arde um fogo indômito que brilha com intensidade cada vez maior”. Aqui Tokutomi alude ao extraordinário carisma de Tolstói, que afetava inclusive os que eram refratários a sua mensagem religiosa. Eram muitos os céticos anglo-saxões que visitavam Iásnaia Poliana e se viam maravilhados com a presença física de Tolstói e surpresos com sua profunda sinceridade. Depois de guardar a pena, Tolstói pegou uma lamparina para mostrar a Tokutomi os retratos na

parede: Henry George, seu irmão Serguei, William Lloyd Garrison, Síutaiev, além de reproduções da *Madonna Sistina*, de Rafael, dividida em quatro painéis, presente de sua irmã Mária. Antes de se despedirem, Tolstói mostrou a Tokutomi seu adorado *Ciclo de leitura* — um imenso compêndio de pensamentos lapidares de pessoas sábias que ele vinha compilando para todos os dias do ano a partir de um sem-número de fontes, incluindo suas próprias palavras.

Os problemas em Iásnaia Poliana tiveram início pouco depois da partida de Tokutomi. Primeiro Andrei e Liev disseram com todas as letras ao pai que eram favoráveis à pena de morte, o que acarretou uma violentíssima discussão, inclusive com portas estrondando. Tolstói ficou aborrecido por dois dias. Algumas semanas depois o escritor voltou a se irritar quando Sônia insistiu em levar à justiça dois camponeses que haviam derrubado dois carvalhos na floresta. Mais uma vez Tolstói ameaçou ir embora de casa. Em agosto, ao completar 62 anos, Sônia adoeceu gravemente e quase morreu. Em 2 de setembro, sob os cuidados de pelo menos quatro médicos, ela foi submetida a uma cirurgia para remover a fibroide que lhe causara peritonite. Surpreendentemente, sua constituição física era tão vigorosa quanto a do marido, e ela se recuperou. Entretanto, Macha, aos 35 anos, não teve tanta sorte. Depois de contrair gripe em novembro, ela morreu nos braços do pai. De todos os filhos e filhas de Tolstói, Macha era a mais próxima do pai, e sua morte foi uma perda devastadora.

No verão de 1906 Tchertkóv tinha passado várias semanas nas imediações de Iásnaia Poliana, e no ano seguinte retornou com a família para passar todo o verão. Dessa vez Sônia não ficou tão empolgada quanto o marido, tampouco fez questão de esconder sua falta de entusiasmo. Ela acirrou ainda mais as tensões ao insistir em contratar guardas para fazer a segurança de Iásnaia Poliana depois que, certa noite, alguns camponeses invadiram a horta e roubaram repolhos. Os circassianos armados incumbidos de proteger a propriedade eram extremamente impopulares entre os aldeões, e Tolstói sofreu muito. Assim, o outono de 1907 foi tão infeliz quanto o de 1906, e o abismo entre Sônia e Tolstói só fez aumentar quando o metódico e eficiente Tchertkóv encontrou um prestativo jovem de 25 anos chamado Nikolai Gusev, para atuar como secretário de Tolstói. Tchertkóv pagava a Gusev cinquenta rublos por mês para que ajudasse o escritor com sua volumosa correspondência, mas, para Sônia, sua presença foi entendida como a de mais um estranho com acesso privilegiado aos pensamentos do marido. Gusev

chegou em setembro de 1907 e passou a ocupar um quarto no andar superior da casa apelidado de “Remingtonnaia”, por causa da máquina de escrever Remington recém-instalada ali. Um mês depois foi preso sob a acusação de disseminar propaganda revolucionária e passou dois meses na prisão de Tula. O governo russo havia retomado sua antiga política de acoessar os seguidores de Tolstói, a despeito de ser o próprio Tolstói o autor dos panfletos antitsaristas.

Outra fonte de desgosto para o escritor naquele outono foi o segundo casamento de seu filho Andrei. O primeiro matrimônio de Andrei, com Olga Diterikhs, irmã da esposa de Tchertkóv, tinha sido dissolvido após o nascimento dos dois filhos do casal; para horror do pai, ele tinha começado um romance com a esposa do governador de Tula. Ekaterina Artsímovitch abandonou o marido e os seis filhos para viver sua paixão por Andrei, e estava grávida de seis meses quando se casaram em novembro. Assim que o divórcio de Andrei finalmente se efetivou, foi difícil encontrar um padre disposto a celebrar a união, e os dois tiveram de viajar às pressas para uma obscura paróquia rural de modo que a cerimônia pudesse ser celebrada logo ao amanhecer, antes do início do jejum de quarenta dias do Natal. Andrei, que na infância e adolescência mal havia convivido com o pai, era um rematado mulherengo e não demorou a ser infiel com a segunda esposa.

O motivo da maior felicidade de Tolstói em seus últimos anos de vida — o retorno de Tchertkóv — foi também a causa da maior infelicidade de sua esposa. Tchertkóv tinha trabalhado incansavelmente durante o período que passou na Inglaterra. Em 1900 se mudara de Essex para Christchurch, em Hampshire (atual Dorset), agradável cidadezinha às margens do rio Stour. Sua mãe era proprietária de uma suntuosa residência na vizinha Southbourne (onde ela morreria, sem um centavo, em 1922, aos noventa anos de idade), e agora comprara para o filho uma espaçosa casa de três andares com um amplo jardim, além de um edifício na Iford Lane para que instalasse sua editora. A colônia de Purleigh havia se desmanchado, em parte devido ao estilo autocrático e despótico de Tchertkóv (que brigou feio com Kenworthy, Maude e Khílkov). Alguns tolstoístas se mudaram para Cotswolds a fim de fundar uma nova colônia em Whiteway (que, singularmente, sobrevive até hoje), mas o principal centro do tolstoísmo na Grã-Bretanha passou a ser a Tuckton House, residência de Tchertkóv em Christchurch. As publicações em russo continuaram sob a chancela da Palavra livre, mas agora Tchertkóv fundou também a editora Era livre, para publicar

traduções para o inglês dos textos de Tolstói. Nos primeiros três anos, antes de se desentender com seu gerente — Arthur Fifield, que havia sido secretário da Igreja da Irmandade —, a editora publicou 43 títulos, com uma tiragem total de duzentos mil exemplares. A produtividade de títulos em língua russa também era impressionante: em 1902, Tchertkóv começou a publicar a primeira edição russa das *Obras completas reunidas de Tolstói banidas da Rússia*, com o selo da editora Palavra livre.

Tchertkóv também construiu um cofre de última geração, com controle de temperatura, para arquivar e conservar todos os manuscritos que Tolstói vinha lhe enviando, e que agora incluíam os preciosos diários do escritor. Um dos responsáveis pela salvaguarda do acervo era Ludwig Perno, revolucionário estoniano exilado que residia na vizinha Boscombe, e que foi obrigado a prometer que jamais deixaria a casa sem a proteção de um guarda. Ao contrário de muitos outros exilados políticos que eram seguidos por enxames de espiões, Tchertkóv levava uma vida extraordinariamente livre de interferências do governo russo. Durante seus anos de exílio, manteve uma intensa correspondência com Tolstói e pôde percorrer toda a Inglaterra dando palestras sobre o escritor e tomando parte das semanais “Reuniões para a consideração dos problemas da vida”, em Bournemouth. Chegou inclusive a jogar futebol em times locais de Christchurch.

Antes de retornar em definitivo para a Rússia, Tchertkóv coordenou a publicação, tanto na Rússia como no exterior, de um dos artigos mais importantes e influentes de Tolstói. Escrito imediatamente depois que soube da notícia de que vinte camponeses haviam sido enforcados por tentativa de roubo, “Não posso me calar” é um dos mais bem articulados e sinceros apelos de Tolstói ao governo para que desse fim ao seu programa sistemático de violência organizada, que ele definiu como pior do que o terrorismo revolucionário. Quando o artigo veio a lume, em julho, Tolstói recebeu de imediato sessenta cartas de apoio — para o povo ainda era uma novidade ler seus violentos libelos. Contudo, muitos jornais foram multados por reproduzir o texto. O jornal liberal *Gazeta russa* teve de pagar multa de três mil rublos, e o editor de um jornal de Sebastópol foi preso por afixar cópias do artigo por toda a cidade. Os pensamentos sobre a pena capital levaram Tolstói de volta a um episódio de 1866, quando o escritor fracassou na tentativa de evitar que o soldado raso Vassíli Chabunin fosse executado. No final da década de 1880, um ex-cadete do regimento que havia testemunhado em primeira mão os eventos procurou Tolstói, pois queria discutir

o relato que ele próprio havia escrito e tinha esperança de ver publicado. Tolstói se recusou a recebê-lo, o que aparentemente serviu apenas para aumentar sua sensação de culpa. Em 1908, indagado por Biriukóv — a pretexto da biografia que estava escrevendo —, ele resolveu finalmente falar sobre os acontecimentos de 1866. Enquanto ditava sua versão dos fatos ao secretário Gusev, Tolstói irrompeu em lágrimas pelo menos três vezes e declarou que a execução de Chabunin tinha exercido sobre sua vida uma influência maior do que todos os eventos convencionalmente tidos como significativos, tais como a dor do luto pela morte de entes queridos, o empobrecimento, reveses na carreira e assim por diante. Ele confessou sentir vergonha da defesa que fez de Chabunin, que em retrospecto julgava perfunctória e mais preocupada com detalhes legais do que com imperativos de ordem moral, o que certamente contrastava violentamente com a veemente e apaixonada posição tomada no tribunal por seu *alter ego* ficcional Nekhliúdob em *Ressurreição*, romance escrito em parte para amenizar sua culpa com relação a Chabunin.

Um quarto de século após seu primeiro encontro com Tolstói a vida de Tchertkóv ainda era caracterizada por sua inabalável devoção ao escritor, e em 1908 o tolstoísta e sua família fixaram residência permanente em uma casa recém-construída em terras herdadas pela filha caçula de Tolstói, Sacha, em Teliatinki, a cerca de cinco quilômetros de Iásnaia Poliana. Pouco depois do retorno de Tchertkóv, Tolstói completou oitenta anos de idade. Por todo o país eram tão arrebatadoras as manifestações de apoio a Tolstói que a Igreja se viu compelida a fazer circular uma nota de apelo conclamando os verdadeiros fiéis a não celebrarem a ocasião. O clero também tentou processar Tolstói e levá-lo a julgamento por blasfêmia contra a personalidade sagrada de Jesus Cristo e providenciou a pintura de ícones retratando o escritor como um pecador ardendo nas chamas do inferno. O padre João de Kronstadt, implacável inimigo de Tolstói, chegou a escrever uma oração rogando que o conde morresse logo, mas foi João quem morreu em 1908, não Tolstói. Finalmente, as poucas vozes dissidentes do governo tsarista reacionário e da Igreja Ortodoxa foram sufocadas pelas muito mais numerosas vozes das pessoas que queriam bem a Tolstói. No dia 28 de agosto, dois mil telegramas de felicitações foram entregues em Iásnaia Poliana, e Charles Wright, bibliotecário do Museu Britânico, chegou à casa de Tolstói com cartões de aniversário assinados por oitocentos escritores, artistas e figuras públicas ingleses, incluindo George Bernard Shaw, H. G. Wells e Edmund

Goose.

Tão logo recebeu seu primeiro presente de aniversário — um fonógrafo, enviado por Thomas Edison —, Tolstói repudiou a ideia dos comitês especiais que haviam sido criados em São Petersburgo e Moscou para organizar as celebrações, e em janeiro de 1908 solicitou que essas comissões fossem dissolvidas e insistiu na interrupção dos preparativos para a comemoração de seu jubileu. Assim, não houve festividades oficiais, o que não impediu a imprensa de publicar uma enxurrada de artigos extasiados. Em tom efusivo, os jornalistas alardearam que jamais ocorrera na Rússia uma celebração cultural como aquela, e que embora os festejos de inauguração da estátua de Púchkin tivessem arrebatado a imaginação nacional na década de 1880, agora se tratava de um evento de escala internacional. Merejkovski proclamou que a celebração do octogésimo aniversário de Tolstói era “a celebração da Revolução Russa”, e declarou que, mesmo contra sua própria vontade, Tolstói “se convertera no radiante ponto fulcral da liberdade russa”.

Havia muito tempo que “Liev Nikoláievitch” se transformara em um nome conhecidíssimo e incontornável na Rússia, e era bastante comum entre ouvir passageiros nos trens falando sobre o escritor como um amigo íntimo, um velho conhecido. As legendas que acompanhavam a cronologia fotográfica no suplemento especial publicado pelo jornal *Palavra Russa* para marcar o octogésimo aniversário diziam tudo — das primeiras fotos, em que se lia “Conde L. N. Tolstói”, quando ele era apenas um autor desconhecido, a “Liev Tolstói” e por fim o familiar “Liev Nikoláievitch”. Houve pouquíssimas notas de crítica em meio aos milhares de tributos e homenagens pelo aniversário. Uma dessas mensagens elogiosas foi escrita por Lênin, cujo primeiro e mais famoso artigo sobre Tolstói, “Liev Tolstói como um espelho da Revolução Russa”, apareceu em *O proletário*. Se por um lado Lênin enaltecia os ataques de Tolstói ao regime tsarista, por outro condenava sua filosofia de resistência não violenta, que considerava responsável pelo fracasso da Revolução de 1905.

Além de todos os cartões e telegramas de aniversário, Tolstói ganhou presentes, alguns dos quais de gosto bastante duvidoso, como uma caixa de cigarros em que cada invólucro trazia estampado um retrato do escritor. A bem da verdade, na opinião de Tolstói não restava dúvida de que o melhor presente de aniversário que podia ter recebido era o fato de que agora Tchertkóv estava morando bem perto dele. Os Tchertkóv e os tolstoístas locais, tais como Mária

Alexándrovna Schmidt e Ivan Gorbunov-Posadov, foram convidados para um jantar festivo com familiares, amigos e parentes. Foi a primeira e última dessas ocasiões alegres, pois em 1909 Sônia passou a ficar cada vez mais paranoica e também cada vez mais hostil em relação a Tchertkóv. A desavença era motivada pela obsessão com que ambos disputavam o direito de dispor do legado de Tolstói, de seu testamento e dos diários dos últimos anos, mas Sônia não era tão forte quanto o discípulo favorito do marido. Por mais que Tolstói achasse gratificante se corresponder com figuras como Gandhi, em 1909; e por mais que julgasse empolgante ser filmado por alguns dos colegas de Edison, seu desejo de se tornar um andarilho sem-teto era cada vez mais intenso.

Em março de 1909 Tchertkóv foi expulso da província de Tula. A política havia mudado, os altos funcionários em São Petersburgo haviam sido trocados, e de repente o tolstoísta descobriu que já não tinha tantos amigos na corte. Tolstói ficou mortificado, e até mesmo Sônia escreveu para protestar, mas os Tchertkóv foram obrigados a se mudar de seu novo lar e fixaram residência em Krekchino, a antiga propriedade de Vassíli Pachkov, a cerca de 32 quilômetros de Moscou. Com o passar dos meses a relação de Sônia e Tolstói deteriorou-se de maneira irreversível. Primeiro ela encontrou o manuscrito do conto “O diabo”, sobre a paixão de um jovem nobre por uma camponesa, o que reabriu velhas feridas. Depois, em julho, ela descobriu que a procuração que Tolstói lhe dera para administrar suas propriedades e publicar seus livros não lhe dava direitos legais sobre sua obra. Sônia ficou furiosa. Durante a convalescença de Tolstói na Crimeia, Macha tinha persuadido o pai a assinar um testamento em que abria mão dos direitos sobre suas obras. Mais tarde Sônia conseguiu restabelecer seu nome como beneficiária, de modo a assegurar que seus filhos, e não os editores, usufruíssem dos direitos autorais após a morte do marido. É claro, contudo, que Tolstói tinha outras ideias, e Tchertkóv apoiava integralmente o desejo do escritor de renunciar a todos os direitos. Sônia se viu também diante de um novo problema, pois agora havia um novo tolstoísta em sua própria família: sua filha Sacha, que havia muito tempo guardava profundo rancor da mãe. Sacha, que em 1909 completara 25 anos, estava determinada a frustrar os planos da mãe e assegurar um testamento que negasse a Sônia qualquer direito sobre a obra do marido.

Tolstói havia sido indicado várias vezes ao recém-criado Prêmio Nobel, e em 1897 publicou uma carta em *Stockholm tagesblatt* sugerindo que os *Dukhobors*

realmente mereciam receber o prêmio em dinheiro, mas a Academia Sueca deu sucessivas mostras de temer seu “anarquismo”. Em 1909, graças à ação de Tchertkóv, Tolstói foi convidado a discursar no Congresso da Paz de Estocolmo. Sônia suspeitou que o marido fosse se encontrar com Tchertkóv às escondidas e ameaçou se envenenar. Por fim Tolstói cedeu e concordou em não ir, mas de todo modo o congresso acabou sendo cancelado. Nesse período, a segunda detenção de Gusev foi mais um duro golpe para Tolstói. Seu secretário foi despachado para os Urais, onde cumpriria pena de exílio de dois anos. Tchertkóv começou a procurar outro secretário.

Em setembro Tolstói foi visitar Tchertkóv e no caminho fez uma parada em Moscou, oito anos após sua última estada ali. Antes de deixar Krekchino no final do mês, redigiu um testamento em que entregava para o domínio público todas as suas obras escritas após 1881 e cedia seus manuscritos a Tchertkóv. Ao chegar à estação Kursk para embarcar de volta para casa, Tolstói foi ovacionado por uma multidão de milhares de admiradores. Nunca mais veria Moscou. Em janeiro, Valentin Bulgákov, jovem estudante de filosofia nascido na Sibéria, chegou a Iásnaia Poliana para assumir a função de novo secretário. Como Gusev, foi instruído por Tchertkóv a tomar copiosas notas da vida cotidiana do escritor. Assim, tornou-se testemunha dos piores meses do casamento dos Tolstói, e depois da morte do marido foi a Bulgákov que Sônia confirmou qual tinha sido a raiz de todos os problemas. Em carta datada de junho de 1911, ela confessou com todas as letras que não era capaz de tolerar a ideia de ser suplantada por Tchertkóv nas afeições do marido. Depois de 48 anos casada com Tolstói, ocupando o posto de pessoa mais importante da vida do escritor, agora era insuportável ouvir o marido dizer que a pessoa mais próxima dele era Tchertkóv. Sônia não se comportou bem nos últimos meses de vida do grande escritor, e inúmeros médicos diagnosticaram paranoia e histeria, mas ela não estava com transtornos mentais. Simplesmente estava fora de controle, usurpada e desesperada. Temia a pobreza e temia ver seu nome denegrido.

Em junho de 1910 Tolstói fez outra viagem para visitar Tchertkóv, que no final do mês recebeu autorização para retornar a Teliatinki. Sônia tentou impedir o marido de vê-lo, e quando descobriu que Tchertkóv estava de posse dos diários escritos por Tolstói nos últimos dez anos, exigiu que o tolstoísta os devolvesse, por temer que a expusessem sob luz pouco favorável. Ela julgava que, como legítima executora do espólio de Tolstói, tinha direitos sobre os diários do

marido, mas este se recusou a acatar suas exigências. Por fim, depois de violentos conflitos, ele concordou em pedir de volta os diários e entregá-los a Tânia, que os depositaria no banco de Tula. Sônia e o marido sempre haviam lido os diários um do outro, mas agora Tolstói começou a manter um diário secreto, e em junho esboçou outro testamento, transferindo os direitos sobre suas obras a Sacha — caso ela morresse, ficariam com Tânia. Sônia não teve acesso ao testamento, mas Tolstói acabaria se arrependendo de não ter feito tudo às claras.

A fim de evitar mais hostilidades com Sônia, Tolstói decidiu interromper as visitas a Tchertkóv e retomar sua amizade com o discípulo por meio de cartas. Em setembro Sônia convidou um padre para ir a Iásnaia Poliana a fim de conduzir um exorcismo e expulsar o espírito maligno de Tchertkóv. No final de outubro, depois de descobrir que Sônia havia vasculhado seu estúdio, Tolstói decidiu finalmente fugir de casa. Havia muito ele ansiava ir embora, a pé, levando consigo algumas roupas numa mochila, como um andarilho. Em 1910 Tolstói por fim tomou a decisão de realizar seu desejo. Supersticiosamente, saiu de Iásnaia Poliana aos 82 anos no dia 28 de outubro, acompanhado do dr. Makovický, para que não fosse perseguido por Sônia. Apesar de suas relações de antagonismo com a Igreja Ortodoxa, está em perfeita consonância com a natureza contraditória de Tolstói o fato de que seu primeiro destino tenha sido o Mosteiro Optina Pustin. Julgando-se incapaz de receber orientação espiritual dos anciãos do monastério, visitou a irmã no convento onde residia e depois embarcou em um trem rumo ao sul do Cáucaso. Assim que soube da fuga do marido, Sônia tentou se afogar no lago.

Tolstói jamais chegou a seu destino. Em 31 de outubro, acompanhado do dr. Makovický e de Sacha (que a essa altura se juntara aos dois), o escritor embarcou em um trem para Rostov-on-Don, no sul do país, mas adoeceu e teve de descer no vilarejo de Astápovo. Foi acolhido pelo agente da estação ferroviária, que levou o escritor para sua humilde casa e colocou-o na cama. Sacha chamou Tchertkóv, que chegou com seu secretário em 2 de novembro, seguido por Serguei e depois Sônia, que fretara um trem com Tânia, Andrei e Micha. No dia seguinte chegaram Ilia, Gorbunov-Posadov e Goldenweiser. Em 5 de novembro, cinquenta oficiais do exército engrossaram as fileiras dos oficiais da polícia secreta já devidamente posicionados. Assim que a notícia chegou à imprensa, a história ganhou as manchetes e às primeiras páginas. Logo o mundo inteiro ficou sabendo do que estava acontecendo em uma remota estação ferroviária da

província de Riazan. Em 7 de novembro, em meio ao frenesi de publicidade, incluindo manchetes do jornal britânico *The times* e o zumbido de câmeras Pathé, Tolstói por fim faleceu. Sônia só teve permissão para ver o marido depois que ele perdeu a consciência. Não houve reconciliação com a Igreja, a essa altura plenamente consciente do desastre de relações públicas que tinha sido a excomunhão, e cujas cada vez mais frenéticas tentativas de arrancar de Tolstói uma retratação no leito de morte redundaram em humilhante fracasso. O padre Varsonofi viajou de Optina Pustin a Astápovo, mas Sacha não permitiu que visse o pai, fato de que mais tarde se arrependeria amargamente, quando ela própria retornou para o seio da Igreja Ortodoxa. Tolstói não recebeu extrema-unção e foi enterrado rapidamente em 9 de novembro.

Só havia um lugar onde Tolstói poderia ser enterrado, o terreno em volta de sua casa ancestral em Iásnaia Poliana, onde tinha vivido por cerca de setenta de seus oitenta anos. O escritor foi sepultado exatamente onde queria — no ponto da ravina na floresta, a uma curta caminhada da casa, onde estava enterrado o graveto verde — o graveto verde em que seu irmão Nikolai lhe dissera que o segredo da felicidade humana estava escrito. Sabendo que enlutados de toda a Rússia teriam a intenção de comparecer ao funeral e que quanto mais rápido Tolstói fosse enterrado menos gente teria tempo de fazer a viagem, o governo russo se apressou em tomar todas as providências para o sepultamento. No dia seguinte à morte de Tolstói, foi tão grande o número de estudantes que compareceu às reuniões organizadas na Universidade de Moscou que até mesmo os corredores ficaram abarrotados. Negociando com a administração da estação de Kursk, os representantes estudantis conseguiram reservar um trem de oitocentos lugares, o que era bem pouco diante do número de pessoas que queriam fazer a viagem. Milhares de estudantes tomaram a estação, mas o governo proibiu que fossem providenciados trens extras. Não obstante, milhares deles conseguiram prestar suas últimas homenagens depois de viajarem a noite inteira em um trem gélido que os levou à estação de Zaseka (nome com que Iasenki tinha sido rebatizada) nas primeiras horas da manhã. Era uma noite límpida de novembro, fogueiras ardiam, e os estudantes tiveram de lutar para conseguir refrear a multidão que aguardava a chegada do trem especial que traria o caixão. Mas assim que as luzes amarelas do trem emergiram da neblina, a multidão caiu em profundo silêncio.

Assim que foi retirado do vagão, o que fez com que todas as pessoas ali

presentes tirassem o chapéu, o caixão com o corpo de Tolstói parecia pequeno demais. Os filhos do escritor se revezaram com os camponeses de Iásnaia Poliana carregando o ataúde para sua derradeira jornada. Com exceção dos policiais presentes, a multidão cantou “Memória eterna”, a lúgubre canção que conclui todo funeral ortodoxo. Ainda cantando, a multidão seguiu Sófia Andréievna e seus filhos na caminhada de três horas até a casa ancestral de Tolstói — primeiro descendo uma ladeira, depois cruzando a pequena ponte de madeira sobre o riacho, atravessando a floresta de bétulas e amieiros, cujos galhos estavam cobertos de geada, e por fim percorrendo os campos nus ligeiramente cobertos de neve, da mesma cor branco-pálido do céu.

À frente do caixão, carroças levavam coroas de flores e ramos de abeto, que haviam sido espalhadas pelo caminho por estudantes e velhas senhoras. Muita gente notou, com espanto, que naquele dia toda a sociedade russa tinha se unido para prestar suas últimas homenagens a Tolstói — camponeses, aristocratas, intelectuais, operários, jovens e velhos, homens e mulheres —, fato que era absolutamente sem precedentes. Dois camponeses locais tinham trazido uma faixa em que pintaram a seguinte inscrição: “Lievin Nikoláievitch! A memória da sua bondade não irá morrer entre os camponeses órfãos de Iásnaia Poliana”. Ninguém no vilarejo circundante à propriedade de Tolstói dormiu, e as casas dos aldeões ficaram iluminadas a noite toda. Um camponês comentou que era como a Páscoa, quando todos ficavam acordados para a cerimônia da meia-noite e depois voltavam para casa nas primeiras horas da manhã, para quebrar o longo jejum e iniciar as celebrações.

Quando a procissão chegou a Iásnaia Poliana, o caixão de Tolstói foi levado para dentro da casa, para que os cinco mil enlutados pudessem render suas últimas homenagens. Muitas pessoas ficaram chocadas com a discrepância entre o Tolstói que tinham conhecido por meio de retratos e fotografias e o rosto murcho e mirrado, com aspecto de cera, de seu cadáver, e desmaiavam ou tinham ataques histéricos. Depois que a última pessoa do cortejo fúnebre passou, três horas e meia mais tarde, o caixão foi erguido novamente e levado para sua jornada final em meio à floresta, a uma curta distância da casa. Às dez para as três da tarde, o esquife foi baixado à cova simples e sem marcações que tinha sido preparada. Não houve discursos, mas todos se ajoelharam (inclusive os policiais que tinham sido despachados para monitorar o funeral). “Memória eterna” foi entoada suavemente mais uma vez, mas nada havia de ortodoxo no

ritual, o primeiro enterro público realizado na Rússia sem um culto religioso. Não houve padres, ícones, orações, e nenhuma cruz foi erguida para demarcar o local. Ao longo de algumas semanas após o funeral, a cova de Tolstói continuou sendo visitada por multidões de enlutados. Somente na primavera a grama começou a crescer no montículo de terra. Assim que Astápovo finalmente deixou de ser o centro das atenções — durante a última semana de vida de Tolstói o vilarejo havia recebido e enviado mais de mil telegramas —, Iásnaia Poliana tornou-se novamente local de peregrinação.

“Memória eterna” foi cantada em cerimônias religiosas em homenagem a Tolstói em toda Rússia, e também em manifestações que nada tinham a ver com o escritor. A bem da verdade a morte de Tolstói serviu como catalisador de ação política: no dia do funeral, houve greves em Moscou, bem como manifestações de estudantes, marchas, procissões e barulhentas mobilizações exigindo a abolição da pena de morte. O governo russo foi surpreendido em posição de desvantagem. Incapaz de fazer coro aos tributos e elogios fúnebres que pululavam na imprensa, depois de ter demonizado Tolstói por tanto tempo, e igualmente incapaz de acusar ou condenar Tolstói agora que sua importância como escritor e pensador estava sendo celebrada ao redor do mundo, o governo se viu em situação insustentável, pois tampouco podia permanecer em silêncio. Os ministros debatiam como homenagear a memória de um escritor que condenara governos e monarcas e atacara a autoridade do Estado, mas a essa altura tinham se tornado irrelevantes e impotentes, e seus esforços para conter as manifestações públicas foram inócuos. A população russa tinha tomado a iniciativa e agora estava começando a escrever o roteiro: era um momento decisivo. Escolas e universidades interromperam as aulas; fábricas, escritórios e teatros fecharam as portas, enquanto russos de todas as classes sociais se uniam para prantejar e declarar publicamente seu luto por um grande escritor e poderoso herói que havia tido a coragem e ousadia de falar em nome de uma nação por tanto tempo amordaçada e tolhida. A importância desses eventos sem precedentes não passou despercebida por um revolucionário exilado na Suíça — Vladímir Lênin, que escreveu três novos artigos sobre Tolstói em novembro de 1910. A seu ver, Tolstói ainda era um espelho dos impulsos diversos e contraditórios na Rússia, mas a nação tinha avançado desde 1905 — durante sua vida, Tolstói tinha dado passos gigantescos, e sua morte foi um último passo gigantesco — na estrada que levava à revolução.

EPÍLOGO

PATRIARCA DOS BOLCHEVIQUES

Acredito que o exemplo e a vida deles fornecem uma resposta à pergunta que fiz a mim mesmo e aos meus leitores em meus livros anteriores: é possível manter e preservar intacta a integridade vivendo em meio a um regime totalitário? Os tolstoístas responderam a essa pergunta com sua vida, de maneira trágica e heroica.

Mark Popóvski

POR OCASIÃO DO FUNERAL de Tolstói todas as atenções do país se voltaram para Iásnaia Poliana, e de início a viúva do escritor se manteve ocupada. Em 17 de dezembro, quarenta dias após a morte do marido, Sônia caminhou até o túmulo de Tolstói para homenagear sua memória, de acordo com o costume ortodoxo, e foi acompanhada por toda a população do vilarejo — homens, mulheres e crianças. O túmulo foi enfeitado e ganhou ramos frescos de abeto, e todos os presentes tiraram o chapéu e se ajoelharam três vezes para cantar “Memória eterna”. Nas primeiras semanas houve um grande afluxo de visitantes. Em suas agora breves anotações no diário, Sônia registrou a chegada de diversos jornalistas, de um grupo de 52 moças estudantes de São Petersburgo, de um visitante muçulmano do Cáucaso trazendo uma coroa de flores e de sua irmã Tânia, que ficou um mês. Porém, depois que os visitantes e parentes partiram, Sônia se viu sozinha em seu luto. Subitamente Iásnaia Poliana tornou-se um lugar de grande vazio.

Sônia teve de se acostumar à ideia de ser viúva aos 66 anos de idade, e foi inevitavelmente fustigada pela dor e pela culpa: seus últimos anos tinham sido marcados pela solidão e autorrecriinação. A viúva de Tolstói temia, não sem alguma razão, o que as pessoas escreveriam — e de fato já estavam escrevendo

— sobre ela, e ao mesmo tempo sentia-se completamente supérflua agora que haviam se fechado as cortinas do drama que ela tinha protagonizado. Para alguns parecia que Sônia finalmente se tornara mais humilde e aquiescente, como se tivesse passado pela transformação espiritual que seu marido tanto almejava; aos olhos de outros, ela era a única a emergir do trauma como uma pessoa melhor. Nos dias que seguiram ao enterro de Tolstói, um dos poucos consolos que Sônia encontrou foi o agradável clima invernal que por fim invadiu aqueles desoladores dias de novembro, trazendo temperaturas abaixo de zero, límpidos céus azuis e muita neve. Pouco antes do Natal de 1910, ela saiu com sua câmera para tirar fotos do túmulo do marido e enviar para a filha, Tânia, que a essa altura estava em Roma, embora — como a própria Sônia registrou em seu diário — a beleza da geada e do céu azul a deixassem ainda mais triste. Outro consolo foi o apoio moral dos filhos, que o tempo todo permaneceram leais a ela. Ela ainda estava distante e com relações rompidas com a filha Sacha, e seu relacionamento com a filha mais velha Tânia continuava bastante tenso.

Em janeiro de 1911 o bondoso dr. Makovický foi embora de vez, e Sônia sentiu que se perdia outro precioso elo com o marido. Para a viúva de Tolstói era difícil evitar a sensação de que estava em meio a uma batalha. Sacha continuava tomando o partido do “detestável” Tchertkóv, apesar da crescente discórdia entre os dois, ao passo que os hábitos pródigos e o estilo de vida esbanjador dos filhos homens trouxeram à baila, com indecente precipitação, a desconfortável questão do espólio do pai e do futuro de Iásnaia Poliana. Desde a morte de Vanechka a propriedade passara a pertencer a Sônia, Ilia, Micha, Andrei e Liev (Serguei abraça mão de sua parte). Todos tinham a intenção de preservar Iásnaia Poliana como monumento cultural, mas não dispunham dos recursos necessários — a bem da verdade viviam sem dinheiro e dependiam de repasses da mãe. Apesar da intranquilidade de Sônia, Ilia, Micha e Andrei arquitetaram um plano para vender parte das terras a um norte-americano abastado (Liev estava na Suécia). Não era uma ideia tão nova, pois já em 1908 Tchertkóv estava à procura de algum filantropo estadunidense interessado em comprar Iásnaia Poliana. Àquela altura o plano era doar a terra aos camponeses locais, o que na opinião de Tchertkóv seria o melhor presente de aniversário de oitenta anos que Liev Nikoláievitch poderia receber, mas a ideia não avançou. Alexander Kuzminski, sobrinho de Sônia, foi incumbido de levar o projeto adiante, e, em 1.º de janeiro de 1911, desembarcou em Nova York devidamente munido de uma lista de

milionários que tinham demonstrado interesse por literatura e artes. Infelizmente, como logo ele ficou sabendo, os judeus ainda estavam proibidos de comprar terras fora da zona de assentamento na Rússia, por isso a maior parte dos nomes de sua lista estava impossibilitada de realizar o negócio. Durante sua vida Tolstói sempre tinha rendido boas manchetes, e agora os jornais norte-americanos lançaram-se feito aves de rapina sobre a história das disputas e controvérsias acerca dessa malfadada nova proposta. Sônia convenceu seus filhos a dar uma entrevista a um jornal russo a fim de explicar que a intenção da família era vender apenas as terras e não a casa.

Esse não foi o único escândalo: os jornalistas também se esbaldaram com a batalha pelos manuscritos de Tolstói, que estavam divididos entre dois campos rivais: de um lado, Tchertkóv e Sacha; de outro, Sônia. Assim que as disposições do testamento de Tolstói entraram em vigor, imediatamente um advogado apareceu no Museu Histórico — onde Sônia vinha mantendo os manuscritos em seu poder — e deu ordens para que o arquivo fosse lacrado. Uma vez que acreditava que os manuscritos ainda lhe pertenciam, Sônia ficou consternada e usou seus contatos no museu para negar o acesso de Tchertkóv e Sacha ao arquivo. Outra edição das obras completas de Tolstói estava sendo preparada, e ela tinha investido vultosas somas de dinheiro para a impressão dos volumes: não abriria mão dos direitos sem lutar. A guerra estava declarada. Em janeiro de 1911 Tchertkóv publicou um relato bastante parcial e tendencioso sobre os últimos dias de Tolstói, e pouco depois ele e Sacha divulgaram uma carta conjunta explicitando publicamente suas queixas concernentes à questão dos direitos autorais. Assim, o nome de Tolstói continuava a aparecer com frequência na imprensa russa, e Tânia implorou para que sua mãe cedesse, de modo a impedir que Sacha e ela se envolvessem em uma indigna e vergonhosa batalha pública. A questão só seria resolvida três anos depois.

Em maio de 1911 Sônia foi a Moscou a fim de decidir que textos seriam incluídos na mais recente edição das obras completas de Tolstói, uma vez que boa parte dos escritos tardios do conde continuava censurada e proibida. Ela também iniciou negociações visando vender para a Cidade de Moscou a casa vazia da família, pela quantia de 125 mil rublos, tendo em mente o plano de usar o dinheiro para ajudar seus filhos. De lá Sônia seguiu para São Petersburgo, onde teve uma série de reuniões na corte com o primeiro-ministro Stolipin, na esperança de despertar o interesse do tsar na compra de Iásnaia Poliana para a

nação. De início a situação parecia promissora, e em 28 de maio os jornais informaram que o governo compraria Iásnaia Poliana por quinhentos mil rublos. Sônia voltou para casa e elaborou detalhados inventários de cada cômodo da propriedade, como preparação para a visita de funcionários, inspetores e agrimensores do governo, mas as coisas não foram nada fáceis. Naquele verão Sônia recebeu a visita da cunhada, e foi um reencontro bastante emocionado, pois Macha tinha sido a primeira pessoa que Tolstói procurou depois de fugir de Iásnaia Poliana pela última vez. Mária Nikoláievna morreria de pneumonia em abril do ano seguinte, aos 82 anos de idade, a mesma idade com que o irmão havia morrido.

Naquele primeiro verão após a morte de Tolstói, Sônia felizmente se manteve ocupada com as multidões de visitantes que queriam fazer a peregrinação a Iásnaia Poliana. Em 6 de junho, por exemplo, Biriukóv levou duzentos alunos para visitar os aposentos de Tolstói, agora convertidos em memorial, e em julho Sônia anotou em seu diário que em um único dia a casa havia recebido 140 visitantes. No aniversário de Tolstói — 28 de agosto —, trezentas pessoas se reuniram em volta da sepultura do escritor. Não obstante, para o ex-secretário de Tolstói Nikolai Gusev, que regressou no verão de 1911 após seu exílio siberiano de dois anos, Iásnaia Poliana parecia vazia e deserta. Em outubro, logo depois do assassinato de Stolipin, Sônia recebeu a notícia de que agora o governo tinha decidido não comprar Iásnaia Poliana. Em debates na Duma, algumas proeminentes figuras eclesiásticas opuseram-se violentamente à ideia de homenagear a memória de um apóstata que tinha sido excomungado. Em 18 de novembro, pouco depois do primeiro aniversário da morte de Tolstói, Sônia escreveu a Nicolau II para alertá-lo de que os filhos do escritor talvez não demorassem a vender Iásnaia Poliana, e expressou a esperança de que o tsar não gostaria de ver o “coração da nação russa” cair em mãos particulares; contudo, em 20 de dezembro Nicolau despachou um memorando a seus ministros em que afirmava julgar “inadmissível” a compra de Iásnaia Poliana pelo governo.

Aos poucos Iásnaia Poliana foi retomando a vida em 1912. Naquele verão, Valentin Bulgákov retornou e sentiu que havia no lugar um ar de libertação — agora as pessoas voltaram a jogar partidas de tênis e croqué e já não precisavam se preocupar com questões como a morte e imortalidade, a necessidade de servir ao povo e a busca do autoaperfeiçoamento moral. Bulgákov deu corda no gramofone e tocou um disco de Strauss de que Tolstói gostava muito. Em agosto,

o aniversário de Tolstói quase chegou a ser uma ocasião de celebração, com dezenove convivas à mesa; porém, o dia 23 de setembro, data em que Sônia marcou seu aniversário de cinquenta anos de casamento vestindo-se toda de branco, foi bastante ambivalente do ponto de vista emocional. Bulgákov visitou Sônia naquele dia, e a julgar pelas palavras dela foi uma ocasião festiva; contudo, contraditoriamente, ela fez essa afirmativa com o rosto banhado em lágrimas. Bulgákov estava vivendo em Teliatinki com os Tchertkóv e ficou horrorizado diante das insistentes hostilidades recíprocas entre a esposa de Tolstói e seu discípulo mais fiel. Enquanto Tolstói esteve vivo, Bulgákov sequer tinha notado quem quer que fosse, uma vez que a personalidade colossal e magnética do escritor involuntariamente absorvia todas as suas atenções. Entretanto, agora que dava início à hercúlea tarefa de compilar um detalhado inventário da biblioteca de Iásnaia Poliana para franquear o acervo a pesquisas acadêmicas, ele teve a oportunidade de conhecer Sônia um pouco melhor. Bulgákov gostava de ouvir as histórias da esposa de Tolstói sobre os dias felizes do casamento com o escritor, mas achava insuportável a persistente fúria e amargura de Sônia com relação aos últimos anos de matrimônio com o conde. Sônia disse a Bulgákov que, diante das opções de ou criticar duramente o marido ou concluir que jamais o tinha compreendido, ela preferia ficar com a última. Em novembro de 1912 um jovem padre recém-chegado a Iásnaia Poliana, logo após o segundo aniversário da morte de Tolstói, propiciou a Sônia alguma paz de espírito. O sacerdote solicitou permissão para fazer orações no túmulo de Tolstói e rezar um réquiem em seu quarto. No mês seguinte o primeiro Museu Tolstói foi aberto em Moscou sob a égide da Sociedade Tolstói. Com o apoio de Sônia e dos filhos, Biriukóv e Bulgákov organizaram uma exposição permanente em um apartamento alugado na rua Povarskaia, com os lucros auferidos com as vendas de ingressos e assinaturas de membros.

Em dezembro de 1913 a disputa pelos direitos dos manuscritos de Tolstói foi finalmente decidida a favor de Sônia, que agora estava por fim livre para seguir publicando e vendendo a mais recente edição das obras completas. Por cem mil rublos, ela também vendeu ao editor moscovita Ivan Sitin todos os exemplares remanescentes das edições anteriores, e com isso teve condições de fazer outro repasse de dinheiro para os filhos, bem como guardar uma razoável soma para sua querida filha Tânia. Além disso, finalmente estavam melhorando as relações de Sônia com sua outra filha, Sacha, cujos desentendimentos com

Tchertkóv tinham se agravado. Por causa disso, Sacha vendeu sua residência em Teliatinki a fim de comprar uma pequena casa de fazenda nos arredores de Iásnaia Poliana (que ela chamou de Nova Poliana). Sacha propôs a ideia de usar os lucros provenientes das vendas de uma edição em três volumes das obras completas publicada por Tchertkóv para comprar da família a porção mais ocidental da propriedade, a parte mais próxima do vilarejo de Iásnaia Poliana, e dá-la aos camponeses. Sônia e os filhos concordaram de imediato e receberam quatrocentos mil rublos. Os camponeses também se comprometeram a cumprir a vontade expressa de Tolstói, a saber, que não venderiam nem alugariam suas recém-adquiridas terras. Do total de 902 hectares, agora 655 pertenciam aos camponeses. A seguir Sônia vendeu para Sacha as terras remanescentes, de modo que também fossem repassadas aos camponeses, e depois comprou dos próprios filhos suas respectivas partes da casa de Iásnaia Poliana. Sônia começou a passar para Sacha o controle de suas operações editoriais, e foi com muita alegria que comemorou o aniversário de trinta anos da filha em junho de 1914. Entretanto, essa coexistência pacífica não durou muito tempo, porque em 1º de agosto a Rússia entrou na Primeira Guerra Mundial. Micha foi convocado pelo exército, Liev foi atuar na Cruz Vermelha e Sacha foi servir no *front* como enfermeira. Bulgákov e outros 26 opositores de consciência foram presos e passaram treze meses trancafiados no presídio de Tula (por fim, seu caso foi levado ao tribunal militar em Moscou e acabaram ganhando a liberdade).

Sônia passou seus últimos anos de vida essencialmente examinando seu passado e, como sempre, empenhando-se para garantir o sustento dos descendentes. Em preparação para a publicação de textos do marido, fez cópias dos velhos diários de Tolstói e das cartas que ele lhe escrevera, bem como de várias das obras artísticas do conde. Sônia também seguiu elaborando sua autobiografia e cumprindo a rotina de mostrar a casa aos visitantes (em certa noite de verão apareceram onze ciclistas vindos de São Petersburgo), mas viveu poucas alegrias. Quando seus filhos mais uma vez exigiram dinheiro, ela escreveu uma nova carta ao tsar propondo a venda de Iásnaia Poliana, mas no governo russo ainda havia muitos altos funcionários que se opunham à ideia de converter o lar de um notório e infame herege em parte do patrimônio nacional. Por fim, Nicolau II concedeu a Sônia uma pensão anual de dez mil rublos, mas se manteve firme em sua recusa de comprar Iásnaia Poliana. Nos últimos anos de vida Sônia teve de lidar com diversas perdas: a morte de sua cunhada, Mária Nikoláievna, de

seu cunhado Mikhail Sukhotin e, a mais dolorosa de todas, a de seu filho Andrei, vítima de pleurisia, em fevereiro de 1916. Liev acompanhou a mãe a Petrogrado (nome com que São Petersburgo foi rebatizada assim que a guerra teve início) em um trem abarrotado, e eles só conseguiram chegar pouco antes do falecimento de Andrei. Após retornar, Sônia foi progressivamente perdendo o interesse pela vida, e passava horas a fio sentada na velha poltrona Voltaire pela qual Tolstói tinha especial adoração, uma vez que pertencia à família desde muito antes de seu nascimento.

Se agora a vida de Sônia estava vazia e sem movimento, a de Tchertkóv estava agitada e frenética. Ele era um homem imbuído de uma missão, e após a morte de Tolstói se viu ainda mais atarefado. Durante os últimos dias de vida do amigo Tchertkóv já tinha assumido o controle da situação, e após a morte de Tolstói foi a ele que as pessoas recorreram. Havia entrevistas e palestras a dar e uma mixórdia de manuscritos a serem colocados em ordem e preparados para publicação. Tchertkóv publicou em 1911 seu primeiro livro sobre os últimos dias de vida de Tolstói, e no ano seguinte lançou um volume dos diários do escritor. A seguir editou três volumes da ficção póstuma de Tolstói, cuja venda rendeu lucros que permitiram a Sacha comprar de sua família as terras de Iásnaia Poliana e dá-las aos camponeses. Mas a principal tarefa a que Tchertkóv se dedicaria agora era produzir uma edição canônica da obra de Tolstói, o que, ele bem sabia, seria um projeto de largo fôlego. A Tchertkóv tinham sido confiados todos os manuscritos tardios, e em 1913 ele os tirou de um depósito na Inglaterra e levou-os temporariamente para a Academia de Ciências em São Petersburgo, onde ficaram guardados em segurança.

Quando a Rússia se viu enredada na Primeira Guerra Mundial, os tolstoístas ficaram em posição difícil. Apesar das terríveis previsões de Tolstói acerca do banho de sangue e da violência em larga escala, e a despeito de seus alertas sobre o enganoso fascínio do patriotismo, Tchertkóv apoiou o esforço de guerra. Ele tomou providências para que seu artigo sobre pacifismo escrito em 1909 fosse republicado em 1914 e 1917, mas naquela situação extrema seu pacifismo foi incapaz de fazer frente a seu patriotismo (afinal de contas, Tchertkóv tinha sido oficial da Guarda Imperial). O discípulo de Tolstói também sentia uma profunda lealdade pela Inglaterra, que ele declarou ser “sua segunda pátria”, inclusive porque lá passara onze anos de sua vida. A essa altura Biriukóv estava na Suíça, por isso coube a Bulgákov assumir o papel de principal porta-voz dos tolstoístas.

Em setembro de 1914, logo após sair da prisão, Bulgákov datilografou e distribuiu cópias de um artigo de sua própria autoria sobre a guerra e, no mês seguinte, começou a recolher assinaturas para uma petição antiguerra intitulada “Irmãos, caiam em si!”. Os soldados russos no *front* foram exortados a amar a todos os seus colegas combatentes e seres humanos uniformizados, independente da nacionalidade. O governo tsarista agiu rapidamente e começou a prender todos os signatários da petição — três deles foram capturados na casa de Tchertkóv em Moscou, às seis da manhã de um gelado dia de janeiro de 1915. Felizmente, Sacha e Tânia conseguiram entrar em cena e intervir em favor de Bulgákov e de Makovický, e Tchertkóv acionou seus influentes contatos britânicos para dissuadir o governo de enviá-los para a prisão ou uma colônia de trabalhos forçados juntamente com outros opositores de consciência. Mais tarde a maior parte dos tolstoístas acabou sendo absolvida.

As atrocidades da Primeira Guerra Mundial serviram para fazer com que os ideais de Tolstói se tornassem ainda mais atuais e relevantes; repentinamente, em 1917 passou a ser possível publicar todos os textos de Tolstói até então proibidos na Rússia. O colapso da dinastia Romanov e a Revolução de Fevereiro puseram fim à censura, e os seguidores de Tolstói não perderam tempo. Finalmente, o conselho da Sociedade Tolstói pôde discutir a sério a publicação de uma edição verdadeiramente completa das obras reunidas, e em abril de 1917 Serguei e Sacha, na condição de representantes da família Tolstói, tornaram-se membros de uma nova comissão encarregada de supervisionar as questões editoriais e arrecadar os fundos necessários para a publicação. A eles juntaram-se Valentin Bulgákov e Nikolai Gusev. Entre 1917 e 1918, a velha editora O Intermediário publicou 63 edições dos textos de Tolstói, mas agora havia sido criada uma nova casa editorial — chamada Zadruga — para imprimir e colocar à venda todos os ensaios de Tolstói até então banidos. Naqueles dias violentos de 1917 também foi formada uma nova organização tolstoísta, a Sociedade da Liberdade Verdadeira, que rapidamente lançou um periódico com tiragem de dez mil exemplares, *Voz da verdade e unidade*, e estabeleceu uma rede de afiliadas em cidades de toda a Rússia. Estima-se que nesse período havia entre cinco e seis mil tolstoístas ativos no país.

Em 1917 a situação em Iásnaia Poliana era bem menos otimista. A Revolução de Fevereiro suscitou uma onda generalizada de saques, e em particular a destruição indiscriminada de propriedades da pequena e grande

nobreza. Mais tarde Tchertkóv comparou a situação ao rompimento de uma represa. Depois de séculos vivendo “sob o controle da opressão autocrática”, o povo russo era como a água contida, que agora estava tomando a forma de “uma torrente indômita, irresistível, alagando e arruinando impiedosamente tudo que encontra pela frente”. Cegos pela propaganda do ódio de classe fomentado pelos bolcheviques, os camponeses e soldados desmobilizados que partiram para a violência não viam razão para que a propriedade do conde Tolstói merecesse tratamento especial ou fosse poupada. E nem todos os agressores eram homens. Em setembro de 1917, Sacha recebeu um cartão-postal de sua irmã, Tânia, informando que centenas de mulheres e crianças locais tinham invadido os extensos pomares de Iásnaia Poliana e roubado todas as maçãs — de acordo com suas contas, por volta de 16,5 toneladas. No outono, quando Bulgákov leu nos jornais informes de que camponeses saqueadores estavam invadindo Iásnaia Poliana e promovendo a destruição não apenas dos pomares mas também dos apiários, campos e lavouras, partiu imediatamente para Moscou a fim de se reunir com os aldeões de modo a providenciar algum tipo de segurança. Nesse ínterim, Sônia apelou ao Ministério dos Assuntos Internos solicitando ajuda, e o escritor Piotr Sergueienko, que tinha conhecido Tolstói e também era conhecido dos camponeses locais, foi designado para ajudar a proteger Iásnaia Poliana de futuros ataques. Quando correu a notícia de que um grupo de jovens camponeses e soldados desmobilizados estava incitando os moradores locais a destruir Iásnaia Poliana no final de 1917, por fim uma unidade do Exército Vermelho foi despachada para garantir a segurança da propriedade. Pouco tempo depois, Bulgákov informou que pela primeira vez uma linha telefônica havia sido instalada em Iásnaia Poliana, propiciando assim um canal direto de comunicação regular com as organizações políticas em Tula, que tinham plena consciência de que não se tratava de uma propriedade como as outras e que merecia salvaguarda especial.

Os tolstoístas tinham saudado de bom grado a Revolução de Fevereiro e continuaram sentindo certa camaradagem com os bolcheviques. Não somente porque os bolcheviques tinham tentado sabotar o esforço de guerra, persuadindo os soldados rasos de que seu verdadeiro inimigo era sua própria hierarquia militar, mas também porque ambos os grupos ficaram exultantes ao ver a Igreja e a nobreza latifundiária privadas de suas terras (ainda que por razões completamente diferentes). Contudo, os eventos de outubro de 1917 e a

violência das semanas e meses seguintes encheram de horror os tolstoístas. “Parem com o fratricídio!” era o título de um folheto distribuído nas ruas de Moscou pelos tolstoístas três dias depois que os bolcheviques tomaram o poder. O desejo dos seguidores de Tolstói de disseminar sua mensagem sobrepujou seus temores de se expor ao risco de vida. A paz firmada com a Alemanha em março de 1918 foi seguida de um banho de sangue ainda mais terrível. Apesar de seu apoio inicial ao exército imperial, Tchertkóv sentiu orgulho pelo fato de que um grande contingente de soldados russos por fim decidiu abandonar as fileiras e voltar para casa em 1917 — “desgostosos e fisicamente exaustos pela carnificina internacional”, os militares já não queriam mais ser tratados como “bucha de canhão”. Ideia semelhante foi discutida por intelectuais russos que haviam emigrado para Paris e viam a situação sob luz bem menos favorável. Em um artigo de 1918, Nikolai Berdiaev alegou que a Revolução Russa era à sua maneira uma vitória para o tolstoísmo, ao passo que Dmítri Merejkovski declarou que o bolchevismo era o “suicídio” da Europa: “Tolstói deu início à coisa toda, e Lênin se encarregou de terminar tudo”. Berdiaev argumentou que em nome da regeneração espiritual seria preciso superar o tolstoísmo.

Não foram apenas os russos que associaram Tolstói diretamente à Revolução Bolchevique logo após sua deflagração. Aylmer Maude, biógrafa e tradutora de Tolstói para o inglês, também não tinha dúvidas de que “a coragem e força intelectual de Tolstói”, sua franqueza e profundo amor pelo povo tinham desempenhado papel fundamental na derrubada dos Romanov. Um artigo publicado nos Estados Unidos em 1919 citou amplamente Maude:

A condenação de Tolstói aos próprios alicerces da vida civilizada e de toda forma de governo estabelecido deve ser efetivamente levada a cabo, caso contrário um crescente espírito de anarquia — afrontando, depreciando e aviltando todo esforço humano no sentido de assegurar qualquer forma de certeza definitiva nas relações humanas ou de fixar leis — acabará por solapar as fundações de todos os nossos esforços sociais, e mais cedo ou mais tarde toda a estrutura entrará em colapso, como ocorreu na Rússia. De nada vale meramente negar ou ridicularizar as opiniões de Tolstói. Seus temas são importantes demais, suas ideias e declarações sobre eles são magistrais, e sua sinceridade é por demais autêntica.

O artigo descrevia Tolstói como “o grande patriarca da família bolchevique”.

Sacha voltou da Primeira Guerra Mundial com a patente de coronel e duas medalhas de São Jorge por bravura (a condecoração que outrora havia escapado de seu pai). Ela serviu no *front* ocidental e também no Cáucaso, onde abriu dois orfanatos e dirigiu um hospital de campanha; contudo, a situação ficou perigosa

demais após a Revolução de Fevereiro, e ela voltou para casa. Uma vez que Sônia estava aflita e adoentada, foi Sacha, ou Aleksandra, nome mais apropriado agora que ela estava abandonando o papel de filha, quem assumiu o controle da administração de Iásnaia Poliana no final de 1917. Ela voltou a residir na velha casa da família com sua tia Tânia, a irmã Tânia (ambas agora viúvas) e a sobrinha Tânia, e agora passou a voltar as atenções para o legado do pai. Foi nesse momento que Sônia finalmente entregou a Aleksandra as chaves dos doze baús contendo os manuscritos de Tolstói sob sua tutela, pondo fim ao último pomo da discórdia entre as duas. Assim, finalmente o mais velho e o mais jovem dos filhos de Sônia (Serguei estava com 55 anos, Aleksandra com 34) estavam em condições de dar início ao trabalho sério de preparação dos manuscritos do pai para a projetada edição acadêmica completa.

Foi graças à iniciativa pessoal de Lênin que o hercúleo projeto das obras completas de Tolstói ganhou prioridade e figurou em primeiro plano na esfera cultural, sendo encarado como importante questão de Estado. No final de janeiro de 1918 um artigo foi publicado no jornal bolchevique *Sovetskaia pravda*, mencionando o número de sessenta volumes (foi também por ordem pessoal de Lênin que a pensão paga a Sônia pelo Estado foi restabelecida em março de 1918, depois de ter sido reduzida em 1917). Os arquivos do Museu Rumiantsev, que mais uma vez passaram a ser o repositório dos primeiros manuscritos de Tolstói, tornaram-se um viveiro de atividades no inverno de 1918. A Casa Páchkov, a elegante mansão que abrigava o Museu Rumiantsev e se localizava à distância de uma curta caminhada do Krêmlin, ainda era a sede da mais importante biblioteca de Moscou, e mais tarde seria o núcleo da Biblioteca Lênin. Porém, nas duras condições pós-revolucionárias de 1918, ninguém se importava muito com um ambiente de trabalho bem equipado ou instalado, particularmente nos meses de inverno, quando não havia aquecimento. Aleksandra, Serguei e seus colegas eram obrigados a trabalhar usando gorros e pesados casacos, e de tempos em tempos tinham de fazer ginástica para sobreviver às temperaturas congelantes. Eles tinham criado a Sociedade para o Estudo e Disseminação das Obras de L. N. Tolstói, presidida por Aleksandra, mas logo ficou claro que Tchertkóv e outros discípulos seriam fundamentais para a preparação de uma edição abalizada e respeitada. Tchertkóv era não apenas membro da sociedade como também estava preparando uma edição rival. Automeado editor-chefe das *Obras completas reunidas*, ele iniciou negociações com Lênin e Anatoli

Lunacharski, o novo Comissário de Esclarecimento do Povo, para a publicação de uma edição que abrangeria noventa volumes. Em dezembro de 1918 Tchertkóv tinha recebido garantias de que dez milhões de rublos seriam alocados pelo governo bolchevique para custear todo o projeto, mas até que o dinheiro se tornasse uma realidade teve de pagar do próprio bolso a equipe editorial de trinta pessoas por ele montada.

Bulgákov tivera papel decisivo na fundação e administração do Museu Tolstói em Moscou, mas em Iásnaia Poliana a situação continuava desanimadora. Oficialmente a propriedade ainda pertencia à família, que lá mantinha um museu não oficial. O Sovnarkom, o braço administrativo do novo governo soviético, assumiu formalmente Iásnaia Poliana em 1918 e determinou que a viúva de Tolstói poderia continuar residindo na casa pelo resto da vida, mas se eximiu de fornecer dinheiro para o sustento de Sônia. Por conta do orgulho, os Tolstói se recusavam a pedir dinheiro aos bolcheviques, mas a decadência da propriedade atingiu um grau tão escancarado que em fevereiro de 1919 Tânia propôs entregar sua administração para a sociedade local que havia sido criada para garantir a segurança do lugar. Em carta enviada em abril ao irmão Serguei em Moscou Tânia descreveu as condições desesperadas em que ela e outros treze membros da família tinham de viver em Iásnaia Poliana. A comida era tão escassa que mal dava para alimentar os funcionários, muito menos os animais. Para os empregados da casa a situação era ainda pior: alguns tinham de viver em meio aos fluidos do chiqueiro ao lado, que se infiltrava pelas paredes e apodrecia o soalho. Os telhados tinham vazamentos, a correia da debulhadora tinha sido roubada, livros desapareciam da biblioteca de Tolstói, a mobília da casa estava cada dia mais velha. Sem outra opção, Tânia se viu forçada a tricotar cachecóis, que eram vendidos em Tula juntamente com o mel produzido em Iásnaia Poliana. A carta que Tânia escreveu ao irmão só foi preservada graças à KGB — foi confiscada e copiada quando sua irmã, Aleksandra, foi presa no ano seguinte —, e é preciso agradecer ao escritor moscovita Vitali Chentalinski por suas obstinadas tentativas de obter acesso aos até então impenetráveis arquivos da KGB na década de 1980.

Em maio de 1919 o governo soviético aprovou a proposta por meio da qual a Sociedade Iásnaia Poliana assumiu a administração da propriedade, e os familiares de Tolstói continuaram atuando como guias dos visitantes. A Sociedade manteria o controle até junho de 1921, quando Iásnaia Poliana foi

finalmente nacionalizada e posta sob a égide do governo soviético. A essa altura o Museu Tolstói em Moscou também tinha sido nacionalizado e transferido para uma bela mansão na antiga Prechistenka, rebatizada Kropotkinskaia, e agora se tornava o repositório central de 2,5 milhões de páginas de manuscritos de Tolstói. A inauguração formal se deu no décimo aniversário de morte de Tolstói, em 20 de novembro de 1920 (após a Revolução de Outubro a Rússia adotou o calendário gregoriano). A antiga casa de Tolstói em Moscou também foi nacionalizada e aberta ao público como uma “propriedade rural-museu” em 20 de novembro de 1921. A alameda Dolgo-Khamovnicheski foi renomeada rua Tolstói.

Nesse ínterim a família Tolstói decidiu fazer alguma coisa com relação a Piotr Sergueienko, que tinha sido nomeado diretor da Sociedade Iásnaia Poliana. Sergueienko era um homem rude e arrogante, razão pela qual os Tolstói se indispuseram com ele e o detestavam; especialmente para Sônia era desconcertante ser tratada de modo tão áspero. Decidida a resolver a situação, Aleksandra foi a Moscou para falar pessoalmente com Lunacharski, que de pronto nomeou-a Comissária de Iásnaia Poliana. Agora Sergueienko podia ser demitido. Foi um ano difícil, e no final de 1919, magoada com as maneiras bruscas e despóticas de Sergueienko e agora uma mera sombra da mulher que outrora tinha sido, Sônia morreu. Na tocante carta que escreveu aos filhos e à irmã Tânia antes de morrer, ela se despediu e suplicou que as filhas a perdoassem por toda a dor que lhes havia causado. Contudo, Sônia termina a carta em tom animado, expressando carinho e gratidão pela neta Taniuchka por lhe proporcionar tanta alegria e afeição.

Além de ser nomeada por Lunacharski como Comissária de Iásnaia Poliana, em 1919, Aleksandra também foi presa pela primeira vez — em julho, em seu apartamento em Moscou. Nessa ocasião, sua estadia na prisão de Lubianka foi curta. A essa altura, Tchertkóv tinha amealhado considerável poder e, imediatamente, escreveu a Félix Dzerjinski, fundador e diretor da Cheka, a primeira encarnação do que viria a ser KGB. Presumindo que a detenção tinha sido certamente fruto de um mal-entendido, Tchertkóv solicitou com impecável polidez que Aleksandra fosse libertada, e obteve sucesso. Em fevereiro de 1920 Aleksandra solidificou sua posição confirmando formalmente junto ao Ministério do Esclarecimento do Povo sua nomeação como Comissária; no mês seguinte, o Ministério da Agricultura designou-a para chefiar o cultivo agrícola em Iásnaia

Poliana. Contudo, dias depois ela foi presa novamente pela Cheka, e dessa vez sob a acusação de atividades contrarrevolucionárias. Ainda em 1905 seu pai tinha antevisto a revolução, e Tolstói não tivera ilusões quanto à violência que seria usada para levar a cabo a inevitável insurreição, embora deplorasse veementemente sua aplicação. Mas nem Tolstói teria sido capaz de prever que, dez anos depois de sua morte, sua adorada filha e devotada seguidora, Aleksandra, estaria sentada em uma cela infestada de ratos na infame Lubianka aguardando o interrogatório da polícia secreta.

Aleksandra passou dois meses em Lubianka até que seus companheiros tolstoístas apresentassem uma petição para sua soltura, sob pagamento de fiança; o caso foi levado a julgamento em agosto de 1920. Não resta dúvida de que seu pai teria ficado orgulhoso de suas declarações finais no tribunal:

Não usarei minhas considerações finais para me defender, porque não me considero culpada de coisa alguma. Mas eu gostaria apenas de dizer aos cidadãos que me julgam que não reconheço o julgamento humano e considero um equívoco que uma pessoa tenha o direito de julgar outrem. A meu ver, somos, todos, pessoas livres, e essa liberdade está dentro de mim mesma — ninguém pode me privar dela, nem as paredes da Divisão Especial, tampouco a internação em um campo de prisioneiros. Esse espírito livre não é a liberdade cercada por baionetas na Rússia livre, mas é a liberdade do meu espírito, e ele permanecerá comigo...

Por ter acendido o samovar para membros de uma suposta organização contrarrevolucionária que ela inadvertidamente tinha dado permissão para que se reunisse em seu apartamento, a Comissária de Iásnaia Poliana foi condenada a três anos no mosteiro de Novospasski, em Moscou, recém-convertido pelos bolcheviques em campo de concentração. De sua cela, Aleksandra escreveu uma carta a Lênin:

Vladmir Ilitch! Se sou nociva à Rússia, mande-me para o exterior. Se aqui sou danosa, então, em reconhecimento ao direito que uma pessoa tem de privar outra da vida, mate-me como um membro perigoso da república soviética. Mas não me obrigue a levar a existência miserável de um parasita, vivendo trancafiada entre quatro paredes em meio a prostitutas, ladrões e bandidos...

A bem da verdade, Aleksandra foi solta depois de cumprir apenas dois meses de pena, sob a condição de que não frequentasse eventos públicos; porém, voltou a ser presa quase que imediatamente, depois que assistiu à palestra que Bulgákov ministrou para marcar o décimo aniversário da morte de seu pai. Foi libertada meses depois, em fevereiro de 1921, em parte graças à intervenção de amigos,

mas especialmente em decorrência de uma petição assinada por camponeses de Iásnaia Poliana e vilarejos adjacentes. Ela seria presa mais uma vez em agosto de 1921, ocasião em que ficou detida por um curto período.

Todos os tolstoístas começaram a enfrentar dificuldades com o governo soviético em 1919. Em 1917 o governo provisório tinha concedido aos tolstoístas dispensa do serviço militar obrigatório, mas depois da Revolução de Outubro os bolcheviques se mobilizaram para uma nova ofensiva contra os discípulos de Tolstói, pois estavam determinados a obrigá-los a se alistarem no Exército Vermelho juntamente com outros opositores de consciência, alguns dos quais somente agora começavam a voltar para casa após cumprirem suas penas. Naturalmente Tchertkóv opôs-se de maneira implacável a essa ideia, e também não aceitou o compromisso sugerido pela liderança bolchevique de que os tolstoístas poderiam servir em unidades médicas. O fato de Tchertkóv ter vencido essa batalha particular atesta a tremenda autoridade de que ele desfrutava no período; ao mesmo tempo, a impressionante habilidade de Tchertkóv para demonstrar aos bolcheviques que ele era a figura de proa de uma enorme organização internacional catapultou-o para posições de destaque. Em 1918 tornou-se chefe de um Conselho Unido, cujo intuito era proteger comunidades religiosas pacifistas na Rússia. Era a primeira vez que tolstoístas se associavam a sectários e grupos de minorias religiosas como batistas e menonitas. Tchertkóv continuou sua oposição aos bolcheviques, e só refreou um pouco depois que uma reunião com Lênin forçou-o a assumir outro compromisso conciliatório, de modo que um decreto oficial pudesse ser firmado em 1919.

Nesse período Tchertkóv se viu escrevendo centenas de testemunhos para tolstoístas. Ansiando pelo fim da guerra civil, em outubro de 1919 ele escreveu uma comovida e ardorosa “Carta aos amigos ingleses”, em que pedia aos países estrangeiros que abrissem mão de seu envolvimento — secreto ou não — no conflito russo, deixando que o próprio país se incumbisse da reconstrução social. Tchertkóv argumentava que nessa tarefa Tolstói tinha papel decisivo, pois nele “o povo encontra uma clara e poderosa expressão de suas mais sagradas crenças e mais elevadas aspirações”. Os textos religiosos de Tolstói, pela primeira vez acessíveis às massas, estavam na crista da onda, ele escreveu. Na esteira da Primeira Guerra Mundial, que tinha confirmado todas as previsões de Tolstói, Tchertkóv estava convicto de que as classes trabalhadoras de todos os países se inspirariam nos textos do escritor, mas na opinião de Tchertkóv era o povo russo,

“pelo fato de que ainda não tinha sido contaminado pela civilização europeia”, que estava em posição de primazia para compreender e apreciar os ensinamentos de Cristo “na maneira pura e imaculada em que são explicados por Tolstói”.

Em muitos sentidos, o período de guerra civil foi de fato a “era de ouro do tolstoísmo”, quando as ideias de Tolstói foram postas em prática nas novas comunas tolstoístas que começaram a surgir e também debatidas com vigor e entusiasmo como questão de importância fundamental. Os tolstoístas tomaram parte de uma série de acalorados debates com Lunacharski e outros luminares diante de numerosas plateias no Museu Politécnico em Moscou. Em 5 de março de 1920, por exemplo, Bulgákov expôs seus argumentos com o erudito poeta simbolista, Viacheslav Ivanóv, um rabino e um sacerdote ortodoxo. Em novembro de 1920, duas mil pessoas lotaram o Grande Salão do Conservatório de Moscou para participar de um evento comemorativo em homenagem ao décimo aniversário da morte de Tolstói. Bulgákov, que a essa altura já se convertera em um crítico ferrenho dos bolcheviques, sequer conseguiu terminar seu discurso em meio à saraivada de ruidosos aplausos e assovios. O nome de Tolstói ainda era corrente em meio à enorme comunidade de emigrados que se formara em Paris imediatamente depois da revolução, e ainda havia muita gente disposta a atribuir a vitória dos bolcheviques diretamente à influência de Tolstói. No discurso que proferiu em Paris para marcar o décimo aniversário da morte de Tolstói, em vão o ex-estadista Vassíli Maklakov insistiu que Tolstói nada tinha em comum com o bolchevismo — muita gente estava pronta para argumentar que as ideias de Tolstói sobre a resistência não violenta tinham produzido um efeito profundamente pernicioso, que devia ser anulado com uma demonstração de força.

Figura de proa nesses anos foi Vladímir Bonch-Bruevitch, que tinha trabalhado ao lado de Tolstói e Tchertkóv no projeto de emigração dos *Dukhobors* antes da revolução. Agora, ele ocupava um alto cargo no governo bolchevique, e nos primeiros anos ajudou Tchertkóv a conseguir audiências com Lênin. A fome generalizada durante a guerra civil fez com que os bolcheviques se lembrassem de que os *Dukhobors* e outros sectários eram bons lavradores, e em 1921 Lênin respondeu com entusiasmo ao pedido feito por alguns *Dukhobors* que então estavam vivendo no Canadá e agora solicitavam autorização para regressar à Rússia de modo a contribuir para o reaquecimento da economia nacional. Animados com esses fatos e confiando no respeito que Tchertkóv detinha, os

tolstoístas começaram a se reunir no café da Sociedade Vegetariana, em Moscou, e organizar comunas, por demais ingênuos para ver o cinismo subjacente às diretrizes políticas bolcheviques. Os tolstoístas eram em sua maioria camponeses de áreas rurais, mas entre suas fileiras incluíam-se professores, médicos e funcionários de escritórios que agora assumiam conscientemente o papel de camponeses no modelo tolstoísta. A comuna Vida e Trabalho, por exemplo, fundada em dezembro de 1921 em terras ao sul de Moscou (mais ou menos onde hoje fica a estação de metrô de Beliaev), foi idealizada por um geólogo chamado Bóris Mazurin, que se converteu ao tolstoísmo como reação a toda a violência que via ao seu redor. Entre os tolstoístas que viviam em comunas havia desentendimentos, pois nem todos compartilhavam das aspirações do escritor a uma vida espiritual não corrompida pela intromissão do Estado, mas em um ponto todos concordavam: a importância e a nobreza do trabalho nos campos como o pré-requisito para sua independência e autonomia.

Parecia que os tolstoístas eram realmente uma força a ser enfrentada. Tchertkóv foi não apenas o coordenador do Congresso de Seitas Religiosas realizado em junho de 1920, mas também o chefe da maior delegação: vinte tolstoístas participaram do congresso. Contudo, não demorou para que os bolcheviques adotassem uma linha mais dura. Quando surgiram queixas de que os decretos sobre os opositores de consciência vinham sendo violados com frequência, descobriu-se que ambos os exércitos, o Branco e o Vermelho, de fato estavam menosprezando a resolução. A bem da verdade, os bolcheviques foram responsáveis pela execução — por meio de pelotões de fuzilamento — de mais de cem opositores tolstoístas, os primeiros oitenta em dezembro de 1919. No final de 1920 os bolcheviques alteraram o decreto de 1919, depois simplesmente dissolveram o conselho presidido por Tchertkóv, que havia recebido solicitações de cerca de quarenta mil opositores de consciência. Por fim, em novembro de 1923, o Comissariado do Povo para a Justiça decidiu remover os tolstoístas da lista de opositores de consciência legítimos, agora decidindo que eles não pertenciam a uma seita religiosa, mas opunham-se ao serviço militar obrigatório com base em argumentos éticos. Felizmente a pressão aos que eram contrários ao serviço militar já tinha diminuído, porque a essa altura a guerra civil chegara ao fim.

A oposição ao serviço militar não era o único problema com que Tchertkóv teve de lidar, pois logo entrou em rota de colisão com os bolcheviques por causa

das *Obras completas* de Tolstói, cuja execução avançava de forma morosa. Em julho de 1919, quando o apartamento de Aleksandra foi revistado pela polícia numa batida em busca de provas de sedição, os bolcheviques tinham decidido nacionalizar os manuscritos de todos os escritores russos mantidos em bibliotecas estatais. Isso significava que o governo teria também o monopólio sobre a publicação, e uma vez que era público e notório que Tolstói abrisse mão dos direitos autorais de todas as suas obras, obviamente Tchertkóv se opôs, argumentando que Tolstói jamais concordaria que seus textos se tornassem propriedade de uma pessoa ou instituição, e particularmente de um Estado; com razão, Tchertkóv via essa ideia como uma forma de censura. Em setembro de 1910 Tchertkóv finalmente conseguiu uma audiência com Lênin para debater a questão e também o problema da recusa dos tolstoístas de servirem no Exército Vermelho, mas as discussões resultaram em um impasse.

Tchertkóv encontrou uma solução para o problema dos direitos autorais das *Obras completas* quando Lênin introduziu, em março de 1921, a Nova Política Econômica (NEP), plano que permitiu o retorno temporário da iniciativa privada a fim de ressuscitar a economia depois da devastação causada pela guerra civil. Astutamente, Tchertkóv conseguiu reverter a situação a seu favor. Recém-saída da prisão, Aleksandra renovou sua associação com Tchertkóv em um esforço de materializar o projeto das *Obras completas*, mas cada um seguiu encabeçando grupos distintos. Assim que foi legalmente possível, Tchertkóv e Aleksandra formaram a Associação Cooperativa para o Estudo e Disseminação das Obras de Liev Nikoláievitch Tolstói, e em 8 de abril a entidade convidou Tchertkóv para assumir a função de seu editor-chefe. A essa altura, ele já estava às voltas com a elaboração de seu próprio *opus magnum* com sua versão da história da fuga final de Tolstói de Iásnaia Poliana. Para Tchertkóv, a morte de Sófia Andréievna tinha sido uma libertação, pois agora ele podia dizer o que realmente pensava. Obviamente absolvendo a si próprio, Tchertkóv atribuiu aos “problemas conjugais” a culpa pela tragédia dos últimos anos de vida de Tolstói. O livro foi publicado em 1922 e aborreceu tremendamente os filhos de Tolstói, inclusive Aleksandra. Enfurecido por ver maculada a honra e a memória da mãe, Liev Lievitch, que detestava Tchertkóv, retaliou imediatamente, publicando no ano seguinte — em Praga, onde agora residia — um livro intitulado *A verdade sobre meu pai*, em que retratava Sônia com as tintas mais lisonjeiras. Tchertkóv não se intimidou e mostrou-se inabalável; contudo, qualquer desconforto que se possa

sentir em relação à falta de tato que Tchertkóv demonstrou nos anos imediatamente seguintes à morte de Tolstói acaba sendo apaziguado e dando lugar ao respeito em virtude de sua obstinada recusa em fazer concessões e abrir mão de suas crenças, mesmo na atmosfera cada vez mais hostil do auge do stalinismo na década de 1930.

Assim que foi libertada da prisão, em 1921, Aleksandra fixou residência novamente em Iásnaia Poliana, onde ainda era comissária, mas em junho foi convocada para uma reunião com Mikhail Kalinin, chefe do Comitê Central. Depois de desembarcar do trem em Moscou, Aleksandra seguiu de bicicleta para o Krêmlin. Nessa importante reunião, ficou acordado que Iásnaia Poliana agora se tornaria propriedade da Federação Russa e seria administrada como uma comuna sob a jurisdição do Comissariado de Esclarecimento do Povo. A comuna incluiria uma escola, uma biblioteca e, mais tarde, um hospital. O título de Aleksandra mudou de comissária para “curadora”, e ela recebeu a incumbência de gerenciar a propriedade como um museu, organizando palestras e eventos e atuando como a diretora da nova escola. O trabalho agrícola ficou a cargo dos tolstoístas. A comuna durou menos de um ano. Os dezessete supostos tolstoístas que em março foram viver em Iásnaia Poliana mostraram ser um bando de fracassados, que ora alegavam não poder tirar os vermes dos repolhos porque não deviam matar “nenhum ser vivo”, ora eram simplesmente incapazes de trabalhar. Felizmente, esses falsos tolstoístas logo foram embora, alguns se transformando miraculosamente em *apparatchiks* do Partido Comunista. Aleksandra arregaçou as mangas e direcionou suas energias para a abertura de uma nova escola rural em Iásnaia Poliana e à restauração da propriedade às suas condições pré-revolucionárias.

Aleksandra não foi a única tolstoísta a atrair a atenção da polícia secreta no início da década de 1920. Apesar de sua influência política, o próprio Tchertkóv foi alvo de diversas denúncias entre 1920 e 1922. Uma vez que sua oposição aos bolcheviques ficava mais e mais feroz, informantes da Cheka foram despachados com a missão de vigiá-lo de perto e escrever relatórios sobre ele e sobre o que acontecia na sede da Sociedade da Liberdade Verdadeira, cuja biblioteca e café vegetariano eram tradicionais pontos de encontro de tolstoístas e espíritos afins. Ao contrário dos agentes da Cheka e dos futuristas de cabelos compridos e jaquetas de veludo que haviam prendido Aleksandra, nem todos os espíões bolcheviques estavam bem informados. Em um relatório que mencionava a

discussão de alguém chamado “Sócrates”, o incauto agente anotou entre parênteses que não o conhecia, aparentemente sem saber que o filósofo grego já estava morto havia séculos.

No final de 1920, sessenta tolstoístas foram presos por atividades antissoviéticas em Vitebsk. Era apenas uma questão de tempo para que a Checka fechasse o cerco contra Bulgákov e Tchertkóv, cujas casas foram alvo de incursões policiais em dezembro de 1922. Ambos foram convocados para comparecer em Lubianka para interrogatório. Em uma atitude desafiadora, Tchertkóv recusou-se a participar, e com toda a calma e frieza do mundo exigiu a devolução dos papéis que tinham sido confiscados. Os bolcheviques decidiram mandar os dois para o exílio por três anos. Se antes Bulgákov já havia intercedido em favor de Aleksandra, agora foi a vez da filha de Tolstói pedir clemência. Em fevereiro de 1923 Aleksandra escreveu a Liev Kamenev, presidente do novo e todo-poderoso Politburo (cujos outros membros eram Lênin, Stálin, Trótski e Krestinski), solicitando que Bulgákov fosse autorizado a permanecer em Moscou de modo a dar continuidade a seu importante trabalho no Museu Tolstói, do qual era diretor. Já Tchertkóv escreveu uma carta cheia de dignidade e pedantismo a Avel Enukidze, outro bolchevique proeminente, amigo íntimo de Stálin e membro do Comitê Central. Em sua carta, Tchertkóv alegava, em tom enfadonho, estar próximo dos setenta anos de idade, portanto não tinha muito tempo de vida; ademais, se fosse exilado não poderia dar seguimento a seu importante projeto de preparação e edição das obras completas de Tolstói. Tchertkóv obteve permissão para ficar no país; porém, fazendo jus a seu apelido de “Félix de Ferro”, Dzerjinski foi inflexível no caso de Bulgákov. Pouco menos de um mês depois, Bulgákov partiu para a Tchecoslováquia acompanhado de sua família e só recebeu permissão para voltar à Rússia em 1949. Assim que retornou, imediatamente reassumiu seu cargo no Museu Tolstói em Moscou.

Se Tchertkóv pensava que a NEP traria maior liberdade para a disseminação dos ideais tolstoístas, estava enganado. Em 1923 os bolcheviques fecharam a nova editora independente tolstoísta Zadruga, como parte de seu esforço para submeter ao controle estatal todas as casas editoriais do país. Além disso, a esposa de Lênin, Nadeja Krupskaia, exigiu que todos os textos religiosos de Tolstói fossem banidos das bibliotecas municipais. Para o governo tsarista as ideias de Tolstói eram heréticas, e cinco anos após a revolução elas se tornaram inaceitáveis também para o regime que substituiu os tsares. Agora os

bolcheviques tinham o completo controle dos dissidentes e rebeldes, mas claramente ainda viam o tolstoísmo como uma ameaça. Na condição de escritor-de-renome-mundial-convertido-em-anarquista que pregava a resistência não violenta, durante sua vida Tolstói tinha exasperado o governo tsarista, e para os bolcheviques não era tarefa fácil lidar com o seu legado. Por um lado, eles o reverenciavam por atacar o Estado tsarista e por denunciar as falhas morais de todas as suas instituições, mas por outro não podiam tolerar a intransigente rejeição do escritor a toda e qualquer forma de Estado. O problema era que, além de ser não apenas “o maior romancista de todos os tempos, de qualquer época ou país”, conforme definiu o proeminente escritor político belga Charles Sarolea após uma reveladora visita à União Soviética em 1923, Tolstói era também um “dos maiores professores e pregadores da era moderna”. É claro que Sarolea não foi o único a chegar à aparentemente paradoxal conclusão de que havia uma relação direta entre Tolstói e o bolchevismo, opinião que ainda circulava de maneira recorrente e era compartilhada por muita gente no início da década de 1920, tanto na Rússia como em outros países. Em larga medida, os bolcheviques ainda consideravam o tolstoísmo uma das maiores ameaças ao Estado comunista, o que pode ser atestado pelo fato de que, em 1924, Lunacharski proferiu uma extensa palestra sobre o tema, também divulgada em forma de livro. As ideologias básicas que no período dividiam os russos, ele afirmou categoricamente, eram o marxismo e o tolstoísmo.

Desde o início, os principais revolucionários russos manifestaram opiniões divergentes acerca de Tolstói, embora reconhecessem sua importância seminal. Lênin tinha desempenhado papel importante no debate ao escrever sete artigos sobre Tolstói entre 1908 e 1911. Em 1908, Lênin atribuiu o fracasso da Revolução de 1905 diretamente à influência das ideias tolstoístas sobre a resistência não violenta. Seu artigo “Liev Tolstói como um espelho da Revolução Russa”, reimpresso diversas vezes após sua morte, tornou-se modelo e parâmetro da visão oficial do governo soviético sobre Tolstói. Trótski, que escreveu sobre Tolstói em 1908 e 1910, tinha lançado luz mais positiva sobre o impacto de Tolstói nos eventos de 1905, ao passo que Plekhanóv simplesmente refutou Tolstói, depreciando-o como um senhor de terras patriarcal e reacionário que nada tinha a oferecer ao movimento revolucionário. O nome de Tolstói foi inevitavelmente invocado mais uma vez por ocasião das revoluções de 1917, e continuou a figurar no discurso público à medida que o governo bolchevique

pelejava para encontrar uma maneira de explorar seu legado.

Somente por ocasião do centenário de nascimento de Tolstói, em 1928, é que foi formulada uma diretriz política clara, e então vinte anos de debate chegaram a um fim abrupto. Os bolcheviques decidiram separar Tolstói do tolstoísmo. Apesar das “contradições” nos ensinamentos do escritor, os bolcheviques decidiram que o centenário de Tolstói deveria ser celebrado em grande estilo, e um comitê do governo, chefiado por Lunacharski, foi formado em 1926, dois anos antes da data comemorativa. Aleksandra depositava grandes esperanças no jubileu de Tolstói e no fato de que a comemoração contava com a chancela oficial dos mais altos representantes do governo. Para a filha de Tolstói, era uma forma de autodefesa contra as dezenas de comunistas locais que ela descrevia como enxames de moscas zanzando ao redor de Iásnaia Poliana na esperança de encontrar alguma falha e acusá-la de alguma coisa. Como Tchertkóv, Aleksandra calmamente manteve-se aferrada às suas crenças tolstoístas apolíticas e se recusou a capitular à guerra de propaganda antirreligiosa que estava sendo travada em torno dela. Em 1924 a escola de Iásnaia Poliana tinha se tornado parte da rede revolucionária de “estações experimentais”, em parte calcada nas ideias de Tolstói sobre educação. Porém, a situação ficou cada vez mais hostil, uma vez que os poderes locais viam Aleksandra e seus colegas como representantes da “burguesia desprezível” e se ressentiam de suas conquistas. A hostilidade não se restringiu a farpas dos funcionários locais: Aleksandra também foi atacada publicamente no *Pravda* como uma “ex-condessa” que continuava explorando os trabalhadores e vivendo em meio ao luxo e à devassidão enquanto disseminava propaganda religiosa. Ela enfrentou seus críticos reiterando a declaração de Lênin de que “o poder soviético dispõe de recursos para se dar ao luxo de manter um recanto tolstoísta na URSS”. A filha do escritor replicou publicando, em 2 de julho de 1924, também no *Pravda*, uma resposta aos seus críticos, mas a essa altura já se sentia extremamente acossada.

Quando o comitê para as celebrações do aniversário de Tolstói foi formado em 1926, Aleksandra submeteu propostas para um amplo trabalho de renovação em Iásnaia Poliana, incluindo novos edifícios para a escola e o hospital lá existentes. Também propôs a reorganização do Museu Tolstói em Moscou. Sua irmã Tânia tinha substituído Bulgákov — que seguiu para o exílio em 1923 — na administração do museu em Moscou, mas também acabou emigrando em 1925. Uma vez que Ilia, Liev e Mikhail já estavam vivendo no exterior, e Serguei

trabalhava como professor no Conservatório de Moscou, a aparentemente infatigável Aleksandra agora assumiu também a direção do Museu Tolstói. Lunacharski, Tchertkóv, Gusev e outros membros do comitê foram receptivos às propostas de reformas de Aleksandra, mas não tinham condições de realizar as obras devido ao simples fato de que não havia dinheiro: o Comissariado de Esclarecimento do Povo sempre foi o mais pobre entre todos os ministérios soviéticos. Nesse momento Aleksandra mostrou todo o seu vigor e decidiu apelar às instâncias mais altas do poder: após fazer várias visitas a Moscou, por fim conseguiu uma audiência com Stálin, que assumira o poder depois da morte de Lênin em janeiro de 1924. A breve reunião foi desalentadora. Stálin recusou-se categoricamente a pagar o milhão de rublos solicitados pelo Comitê do Jubileu para sua formação e seu programa de renovação, e logo Aleksandra constatou que Stálin não dava a mínima para Tolstói ou para o jubileu de Tolstói. Para o dirigente russo, a única coisa importante era explorar o evento como uma oportunidade bastante propícia de propaganda internacional, e fazê-lo da maneira mais barata possível.

A situação das *Obras completas de Tolstói* também era desanimadora. Em 1926, a apenas dois anos do centenário, sequer havia sido assinado o contrato para aquela que viria a ser chamada Edição do Jubileu. Tchertkóv também vinha se reunindo com frequência com os altos escalões da liderança soviética. Ele tinha sido forçado a aceitar a ideia de um monopólio estatal “temporário” dos manuscritos de Tolstói, o que chegaria ao fim com a publicação da edição comemorativa, mas constantemente se via às voltas com a necessidade de fazer *lobby* para angariar fundos a fim de pagar a equipe editorial. Sua primeira reunião com Stálin, ocorrida no outono de 1924, tinha dado resultado. Em novembro de 1925 o governo soviético finalmente aprovou a liberação de um milhão de rublos para custear o projeto. O dinheiro demorou a chegar às mãos de Tchertkóv, que em junho de 1926 foi obrigado a escrever a Stálin para dizer com todas as letras que já não tinha mais condições de pagar os 43 membros de seu estafe editorial (a maior parte dos salários ainda provinha de seu próprio bolso). Aleksandra ainda estava bastante envolvida com o projeto, mas não foi fácil chegar a um consenso com Tchertkóv. Por fim, em 1925, os dois firmaram um acordo: o grupo de Aleksandra prepararia os originais de Tolstói escritos antes de 1880, e a equipe de Tchertkóv cuidaria dos manuscritos dos textos tardios. Em dezembro de 1925 os dois grupos se unificaram sob a liderança de Tchertkóv.

Agora o Comitê Central decidira formar uma comissão especial para investigar e monitorar a Edição do Jubileu de Tolstói, e em setembro de 1926 uma “troica” foi nomeada, sob a chefia do vice de Stálin, Viacheslav Molotóv. Em março de 1927 o banco estatal finalmente liberou míseros quinze mil rublos, mas nesse ínterim o contrato se perdera nos labirintos da burocracia e da constante mudança de funcionários da Gosizdat, a editora estatal. Em março de 1928 Tchertkóv escreveu novamente a Stálin para protestar, alegando que a Gosizdat estava se recusando a assinar o contrato, a despeito da aprovação da comissão especial. O contrato foi finalmente assinado em 2 de abril de 1928, mas era tarde demais para que o primeiro volume fosse publicado a tempo para as comemorações do centenário. A essa altura Aleksandra tinha perdido o interesse em uma edição que claramente seria limitada e cara. Houve novas divergências com Tchertkóv acerca do pagamento pelo trabalho editorial, e ele acabou assumindo o papel de editor-chefe.

A Edição do Jubileu das *Obras completas reunidas de Tolstói* acabaria estabelecendo o padrão das edições críticas e acadêmicas na União Soviética. Definiu-se que as obras ficcionais ocupariam os primeiros 45 volumes, com volumes separados para diferentes versões das principais obras (*Guerra e Paz*, por exemplo, saiu em quatro volumes). Os editores tiveram de esmiuçar meticulosamente milhares e milhares de páginas da muitas vezes ilegível caligrafia de Tolstói antes de apresentar cada volume para discussão nas 156 reuniões de comitê realizadas ao longo do trabalho de preparação e publicação. Mais de novecentas correções foram feitas para produzir uma edição definitiva de *Anna Kariênina* (embora mesmo esta versão tenha sido suplantada pela edição da Academia de Ciências publicada em 1970). As obras ficcionais foram seguidas de treze volumes de diários e cadernos de anotações. Por fim, vieram a lume 31 volumes de cartas. Tolstói escreveu pelo menos 8.500 cartas, e sem sombra de dúvida Tchertkóv foi de longe seu correspondente mais frequente.

Os eventos que marcaram o centenário de nascimento de Tolstói em 1928 foram os primeiros a ser realizados pelo governo soviético em escala nacional para homenagear um escritor pré-revolucionário. Por causa da ambivalência em torno do jubileu, os bolcheviques se preocuparam em usar a ocasião para educar os cidadãos soviéticos acerca da melhor maneira de encarar Tolstói. Assim, além dos selos comemorativos, foram publicados guias com instruções sobre como o centenário deveria ser celebrado. Em meio ao universo de textos escritos sobre

Tolstói, a partir desse momento e até o final do regime soviético, figurou com destaque o artigo de Lênin publicado em 1908. Os principais festejos comemorativos tiveram início no aniversário de Tolstói, em 9 de setembro (data que no novo calendário correspondia a 28 de agosto), e duraram uma semana. De acordo com o discurso proferido por Lunacharski, no novo Estado soviético “o interesse por Tolstói era tão gigantesco” que o escritor sequer tinha morrido. De fato, naquele período Tolstói era o autor mais lido na Rússia, segundo dados compilados pelo periódico bolchevique *Bibliotecário vermelho*, e o único escritor pré-revolucionário a manter sua popularidade pré-revolucionária. Mesmo nas áreas rurais do país os leitores tinham de enfrentar filas de espera de meses até conseguirem um exemplar de *Guerra e paz* disponível na biblioteca local.

Admirador ardoroso de Tolstói, o escritor austríaco Stefan Zweig foi um dos ilustres visitantes estrangeiros convidados a tomar parte das celebrações do centenário em 1928. As comemorações foram iniciadas com uma noite festiva no Teatro Bolshoi em Moscou em 9 de setembro. Como todos os eventos da época, a solenidade sofreu atrasos por causa da atuação dos burocratas soviéticos e sua barafunda de memorandos e autorizações. “O evento principal anunciado para as seis começou às nove e meia”, Zweig recordou mais tarde. “Quando fui embora do teatro, exausto, às três da manhã, os oradores ainda estavam a pleno vapor.” As festividades foram então transferidas para Iásnaia Poliana. Às sete da manhã de 12 de setembro, sob chuva torrencial, Aleksandra se dirigiu à estação ferroviária Iásnaia Poliana (nome com que Zaseka tinha sido rebatizada), acompanhada de jornalistas, fotógrafos e curiosos locais. Lá o grupo recebeu a delegação oficial de oitenta convidados que viajara desde Moscou e incluía a atriz Olga Knipper (viúva de Tchekhov), professores egrégios e convidados estrangeiros, fáceis de identificar porque não estavam vestidos com andrajos. Durante a viagem, Zweig conversou com Lunacharski sobre se Tolstói era revolucionário ou reacionário e se o próprio escritor chegou a conhecer a si próprio. Lunacharski sugeriu que em sua ânsia de mudar o mundo “em um estalar de dedos”, Tolstói era de fato um russo inveterado, assim como os bolcheviques que queriam modernizar o país da noite para o dia.

Como ministro responsável pela cultura soviética na década de 1920, Lunacharski teve papel fundamental na assimilação de Tolstói à ideologia bolchevique nos primeiros anos do stalinismo e em 1928 publicou um volume de textos sobre Tolstói. Homem erudito e refinado, essa tarefa nem sempre foi fácil.

No regime soviético não havia lugar sequer para as opiniões moderadas de Lunacharski e, no ano seguinte, ele perdeu o emprego. Os dois lados da personalidade de Lunacharski vieram à tona em 12 de setembro em Iásnaia Poliana. Primeiro ele apresentou a peroração oficial padrão, frustrando as tentativas de um convidado eslovaco e de Aleksandra de falar sobre o assédio que sofriam da parte de militantes do Partido Comunista, mas depois fez um discurso sincero, pessoal e apaixonado sobre o quanto Tolstói lhe era caro. Depois de um dia inteiro de discursos, um coral de 250 alunos da escola de Iásnaia Poliana cantou “Ode à alegria” da “9ª Sinfonia” de Beethoven (o que mais tarde foi condenado por um correspondente do *Pravda*, que julgou estar ouvindo um salmo), e mulheres do vilarejo tiraram do armário velhas blusas bordadas e *sarafans* [\[14\]](#) coloridos e entoaram canções folclóricas.

O Jubileu de Tolstói teve ampla cobertura da imprensa. Um editorial não assinado, publicado no *Pravda* em 9 de setembro, podia muito bem ter sido escrito pelo próprio Stálin. Depois de questionar se os bolcheviques, que haviam “optado pela violência revolucionária” e consideravam a religião o “ópio do povo”, deveriam homenagear um escritor que “não entendia” o proletariado e para quem a revolução era algo distante e estranho, o artigo concluía favoravelmente à homenagem. Não obstante, foi elaborada uma lista de vinte obras de ficção de Tolstói tidas como aceitáveis, os artigos de Lênin criticando Tolstói eram citados com frequência, e as ideias filosóficas do escritor foram categoricamente condenadas. Na década de 1920, houve alguns avanços importantes nos estudos acadêmicos acerca de Tolstói, graças ao trabalho de críticos literários (tais como os formalistas Bóris Eikhenbaum e Viktor Chklóvski), mas a Associação Russa de Escritores Proletários agiu com cautela, baseando sua interpretação de Tolstói na crítica literária de Lênin, a saber, a famosa caracterização que Lênin fez em 1908 do método tolstoiano como “o arrancar de máscaras”, apresentado como um bom modelo a ser seguido pelos jovens escritores soviéticos. A bem da verdade, foram figuras como Lênin e Rosa Luxemburgo que dominaram as publicações sobre Tolstói por ocasião do centenário. Um volume publicado em 1929 talvez tenha incluído a última publicação russa de Trótski, expulso da União Soviética naquele ano. Os títulos dos capítulos de um dos muitos volumes do centenário refletem o esforço por parte do governo soviético no sentido de tornar o grande escritor aceitável ao regime:

Parte 1: O jubileu e nossas tarefas

Parte 2: Tolstói como pensador

Tolstói e sua época

A falta de síntese; As razões sociais para isso

Materialismo Dialético e Idealismo Religioso

Guerra de classes/Luta e não resistência

A crítica de Tolstói ao capitalismo

A crítica de Tolstói ao patriotismo e ao militarismo

Parte 3: Tolstói como artista

Parte 4: Tolstói e o público soviético

Em face desse violento ataque ideológico, o trabalho de Aleksandra em Iásnaia Poliana foi se tornando cada vez mais difícil. Assim que o jubileu chegou ao fim, mais uma vez ela foi apossada por funcionários do Partido quando se recusou a se sujeitar às suas exigências. Por fim, foi obrigada a aceitar como seu vice na administração da propriedade rural-museu um escritor soviético anônimo que propôs usar os ensinamentos de Tolstói como arma de uma campanha antirreligiosa. A solicitação da “Liga dos Ateus” de que os alunos da escola de Iásnaia Poliana tivessem aulas no Domingo de Páscoa, em sintonia com as reformas do calendário instauradas por Stálin, foi a gota d’água. No outono de 1929 Aleksandra embarcou em um trem rumo a Vladivostok a caminho do Japão, onde foi convidada a fazer uma palestra. Jamais retornou à Rússia.

Em 1930, somente dois volumes da Edição do Jubileu tinham sido publicados, e ainda havia problemas na obtenção de fundos para manter o projeto em andamento. A essa altura Tchertkóv estava com 76 anos de idade e com a saúde bastante debilitada, mas era a obra de sua vida e ele seguiu em frente, aos trancos e barrancos mas de maneira resoluta, apesar de ter exaurido todas as suas economias na empreitada. Em fevereiro de 1934 Tchertkóv escreveu sobre a falta de recursos a Molotóv, chefe do Sovnarkom (Conselho de Ministros) desde 1930, mas não recebeu resposta. Em 27 de maio, escreveu a Stálin:

A situação de nossa equipe editorial é agora de completo desânimo, resultado da escassez de fundos para completar nosso trabalho; já solicitei, junto ao Sovnarkom, a liberação de 75 mil rublos. Nesse ínterim, a julgar pelas informações que obtive do Sovnarkom, minhas solicitações para acelerar a publicação e custear até o fim o trabalho editorial não enfrentaram objeções em princípio, e os atrasos se devem à papelada burocrática, que já se arrasta por quatro meses. Não voltarei a escrever ao Camarada Molotóv, porque já lhe escrevi duas vezes e, como não obtive resposta, não sei ao certo se dispõe de tempo para dedicar atenção pessoal ao meu apelo, por causa de seu envolvimento nas muitas e complexas questões de

governo. Mas se ousou escrever-lhe, estimado Iosif Vissáronovitch, na condição de camarada cuja ação essencialmente encetou esse projeto sob a iniciativa do falecido V. I. Lênin, é porque creio que uma única palavra sua seria suficiente para dar uma solução imediata e definitiva no que tange aos aspectos formais de minhas reiteradas solicitações, conforme demonstrado em minha carta de 23 de fevereiro de 1934 ao Camarada Molotóv [...].

Mais uma vez Tchertkóv ficou a ver navios; tampouco recebeu resposta para a carta que escreveu em julho de 1934, ocasião em que se encontrava tão adoentado que já não estava no pleno domínio de suas faculdades; porém, em agosto daquele ano o dinheiro por fim começou a ser lentamente liberado.

Supostamente Lênin havia estipulado de maneira expressa que a edição deveria incluir tudo que Tolstói escrevera na vida, sem qualquer tipo de mudança, inclusive restaurando os textos à versão original, sem os cortes feitos por censores tsaristas. A palavra de Lênin era a lei, mas o governo stalinista logo se deu conta do quanto o material era subversivo. Nos textos tardios de Tolstói havia de fato uma boa dose de críticas ao movimento revolucionário, e o próprio Tchertkóv, em sua função de editor-chefe, foi alvo de críticas dos bolcheviques por não compilar os comentários aos textos de Tolstói de um ponto de vista marxista. É claro que Tchertkóv — como Tolstói, um irremediável aristocrata — nunca fez concessões e jamais se permitiu curvar à desprezível ideologia bolchevique, e sua postura persistentemente apolítica é ainda mais extraordinária — e corajosa — face à retórica militante e às políticas coercitivas do período. Certamente o governo soviético acabou se arrependendo de dar a Tchertkóv tamanha autonomia.

A grande ironia da Edição do Jubileu de Tolstói está no fato de que não tornou mais acessíveis suas obras. Cada volume era não apenas extremamente caro, como temia Aleksandra, mas as tiragens eram ínfimas: cinco mil, no máximo dez mil exemplares. Quando Nikolai Rodionóv assumiu a função de editor-chefe — em substituição a Tchertkóv, que faleceu em 1936 aos 82 anos, a mesma idade com que Tolstói tinha morrido —, 72 volumes estavam prontos e no prelo, mas apenas vinte tinham vindo a lume. Além disso, a ordem de publicação era estranha. O volume 59 saiu em 1935, mas o volume 34 só sairia em 1952. Oito volumes foram publicados em 1937, um ano depois da morte de Tchertkóv, mas era o auge dos expurgos, e Solomon Lozóvski, o novo diretor da editora estatal, agora renomeada sob o acrônimo Goslitizdat, literalmente temia por sua vida — ele tinha sido nomeado em 1936, depois de já ter sido preso uma

vez por ordem de Stálin. A equipe da editora, cujo escritório, em uma estranha ironia do destino, se localizava bem próximo de Lubianka, agora perdeu sua independência e foi forçada a acatar ordens da Goslitizdat. Em uma época tão terrível e temerária, não havia a menor possibilidade de Lozónski sequer sonhar com a aprovação dos volumes contendo os principais textos religiosos de Tolstói (os volumes 23, 28, 48 e 49, por exemplo).

Entre 1939 e 1949 a publicação foi suspensa por completo; a equipe editorial trabalhava sem salário, enquanto Rodionóv corajosamente buscava novas maneiras de dar continuidade ao projeto tentando jogar o jogo dos *apparatchicks* e enfatizando o imprimátur que Lênin dera à empreitada. No final da década de 1930, sob constante ameaça de prisão, a equipe preparou obstinadamente mais volumes inócuos, como os que continham as cartas de Tolstói para sua esposa (83, 84), recheando os textos de citações de Lênin em detrimento de seus próprios comentários. Inessa Medjibovskaia, estudiosa da obra de Tolstói, tem razão ao comparar à literatura do absurdo às tratativas de Rodionóv com a burocracia soviética durante os expurgos. Em resenha de um livro publicado em 2002 por Liev Osterman, uma das muitas e importantes fontes pós-soviéticas a implodir o mito do status sagrado de Tolstói após 1917, ela apresenta uma divertida versão resumida da transcrição feita por Osterman do encontro, em 1939, de Rodionóv com Piotr Pospelóv, vice-diretor do Departamento de Propaganda e Agitação do Comitê Central:

RODIONÓV: Venho com reiterada insistência tentando obter a oportunidade de me encontrar pessoalmente com o senhor a fim de pedir seu conselho e receber sua orientação de modo a resolver essa dolorosa situação sem violar o testamento e a vontade de L. N. Tolstói, e ao mesmo tempo agir de acordo com as diretrizes que o Comitê Central tem em mente.

POSPELÓV: O senhor cometeu diversos erros graves. O primeiro é a extensão dos comentários. As *Obras completas de Tolstói* estão dando lugar às obras completas de seus comentadores. O segundo erro é seu método de comentário. O senhor não observa o contrato, e o contrato enfatiza a necessidade de objetividade. E quem pode ser mais objetivo que Lênin? Por que o senhor simplesmente não transcreve esta que é a mais objetiva das fontes? Por que escreve longas biografias sobre as pessoas mais insignificantes, mesmo as que acabaram sendo contrarrevolucionárias?

Somente após a morte de Stálin em 1953 a Edição do Jubileu foi devidamente ressuscitada. Os últimos volumes foram todos por fim publicados em 1958, e a essa altura os heroicos estudiosos e especialistas acadêmicos da equipe editorial original tinham sido relegados pela Goslitizdat ao status de

assistentes, e os nomes de Tchertkóv e Aleksandra Tolstói sequer eram mencionados nos cabeçalhos. A empreitada havia levado trinta anos. Nos últimos volumes publicados, o rigor crítico e acadêmico foi inevitavelmente prejudicado, e novas rodadas de “edição” foram tão drásticas que alguns volumes tiveram de dividir espaço com outros. A bem da verdade o alardeado total de noventa volumes consiste de apenas 78 livros separados. Assim que os textos religiosos de Tolstói foram publicados na Edição do Jubileu, os bolcheviques proibiram sua futura reedição. Não obstante, na história “oficial” da publicação da Edição do Jubileu que Rodionóv publicou em 1961, ele tinha motivos justos para comparar a s *Obras completas de Tolstói* aos 143 volumes da edição Weimar da obra de Goethe, apesar da necessária acomodação política ao regime. Após quarenta anos, em um clima político diferente, o livro de Osterman, *Srazhenie za Tolstogo* (*A batalha por Tolstói*), revelaria a verdadeira história por trás da publicação dessa extraordinária edição.

Ao longo das primeiras décadas do poder soviético, os bolcheviques conseguiram com êxito transformar Tolstói de escritor “socialmente alienado” em um autor cujo nome era “sinônimo da própria Rússia”, o que foi apontado por Alexander Fodor em um valioso livro que explora a história do relacionamento da Rússia com Tolstói. Nesse processo de transformação, papel fundamental foi desempenhado pela Segunda Guerra Mundial. Durante as celebrações para marcar a Revolução de Outubro na sitiada Leningrado em 1941, os contos de Tolstói sobre a defesa de Sebastópol foram transmitidos pelos alto-falantes na Praça do Palácio. *Guerra e paz* também tornou-se uma obra de vital importância enquanto os russos lutavam para defender seu país da invasão nazista. A essa altura, 25 enormes baús do arquivo do Museu Tolstói em Moscou haviam sido evacuados para Tomsk, na Sibéria, e outros preciosos itens foram despachados para Tachkent. Tomsk também foi o destino dos mais valiosos itens em exposição de Iásnaia Poliana, que foi invadida pelos nazistas em 30 de outubro de 1941, dois dias depois que o último grupo de turistas visitou seus cômodos vazios.

Terminada a guerra, todo o conjunto de textos antibelicistas de Tolstói tinha sido sorrateiramente esquecido. Na década de 1950 Tolstói estava firmemente entrincheirado na imaginação soviética como símbolo da Rússia e seu mais ardente patriota. Agora gerações de crianças russas cresciam lendo os romances, contos e novelas aprovados pelo governo e que se tornaram presença obrigatória

no currículo educacional, completamente alheias ao enorme legado de textos religiosos e políticos de Tolstói. O status “oficial” foi consolidado pelo grande número de novas ruas que ganharam o nome do escritor em cidades de todo o país, de Penza a Vladivostok; com o passar do tempo, seu legado foi maculado também pelas exigências da economia de comando, viveiro de corrupção e cinismo. Como todos os principais museus literários soviéticos, o Museu Tolstói em Moscou foi fundado para ser ao mesmo tempo um centro de pesquisas acadêmicas de ponta e destino turístico, e inicialmente ficou sob a jurisdição da Academia de Ciências, juntamente com a propriedade rural, agora museu. Em 1953, contudo, essa jurisdição passou para o Ministério Soviético da Cultura, e três anos depois o museu foi “rebaixado” para o Ministério da Cultura da Federação Russa, que deu mais ênfase a metas relacionadas ao aumento do número de visitantes. Já importunados e tolhidos pela censura, os estudiosos e pesquisadores acadêmicos seguiram lutando valentemente, mas em algumas áreas os padrões deixaram a desejar.

Em 1960, o quinquagésimo aniversário da morte de Tolstói foi celebrado com pompa oficial pelo *establishment* soviético, que organizou outra — ainda que mais austera — noite comemorativa no Teatro Bolshoi. Em 9 de setembro de 1978, para marcar o aniversário de 150 anos do nascimento de Tolstói, o “Museu-Propriedade Rural de Iásnaia Poliana” recebeu do Soviete Supremo a Ordem de Lênin, pelo “notável trabalho na educação estética dos trabalhadores e o estudo e propaganda do legado criativo do grande escritor russo L. N. Tolstói” (o Museu Tolstói recebeu a Ordem do Estandarte Vermelho). Depois que foi embora da Rússia em 1929 e se tornou uma ferrenha crítica do regime soviético, o nome de Aleksandra tinha sido apagado da história como “traidora da pátria”, epíteto que Nikolai Rodionóv tinha sido obrigado a incluir em seu artigo sobre a Edição do Jubileu, mas pelo menos mencionara o nome da filha de Tolstói. Em um artigo sobre Iásnaia Poliana nos primeiros anos da revolução, publicado em 1962, o nome dela nem sequer aparece. Em 1977 Aleksandra foi parcialmente reabilitada e recebeu convite para voltar à Rússia e tomar parte das vindouras celebrações, mas a essa altura estava acamada e gravemente doente, e morreu no ano seguinte nos Estados Unidos, onde residia desde a década de 1930. A reabilitação foi de fato apenas parcial, porque mesmo em um livro sobre a história do museu em Iásnaia Poliana publicado em 1986 não há a menor menção ao nome dela. O fato de que o autor do livro é Ilia Tolstói, neto de seu irmão

Ilia, é ainda mais desalentador.

A quase que completa ignorância dos cidadãos soviéticos acerca do quanto as ideias de Tolstói também continuaram enviando poderosas reverberações por toda a Rússia já no século XX atesta o sucesso do Partido Comunista em seu esforço de eliminar o tolstoísmo como movimento. Ao mesmo tempo em que alçava o romancista ao panteão dos artistas-modelo ao relançar suas obras com tiragens que chegavam às centenas de milhares de exemplares, o regime soviético empreendeu uma campanha sistemática contra as doutrinas do escritor e todos que as seguiam. Contudo, em 1983, a publicação no ocidente de um extraordinário livro sobre os seguidores soviéticos de Tolstói, de autoria de um respeitado dissidente e defensor dos direitos humanos residente em Moscou chamado Mark Popóvski, reverencia o espírito indomável dos que continuaram a ser inspirados por Tolstói mesmo diante das inacreditáveis adversidades e agruras. No final da década de 1970, caiu nas mãos de Popóvski — autor de inúmeros livros, publicados e inéditos, sobre cientistas soviéticos — a cópia de uma carta enviada por um camponês chamado Dmítri Morgatchév. Aos 84 anos de idade e vivendo na cidadezinha de Przjevalsk, na remota Quirguízia, em 24 de julho de 1967 Morgatchév escreveu ao procurador da URSS solicitando reabilitação e o reconhecimento por parte do governo soviético de que ele e seus camaradas não tinham cometido crime algum.

Para sua surpresa, Popóvski descobriu que Morgatchév era um seguidor de Tolstói, que tinha sido preso com outros tolstoístas em sua comuna na Sibéria em 1936. Na carta ao procurador-geral, Morgatchév explicou que, em 1937, o governo soviético decidira que a sentença de três anos era branda demais e, em 1940, aumentara a pena para sete anos, acrescidos de três anos adicionais de trabalhos forçados. Morgatchév informou o procurador de que era um dos poucos sobreviventes, e que se considerava um homem de sorte. Acreditando firmemente que jamais havia cometido crime algum, explicou que solicitara a reabilitação em 1963, já aos 73 anos de idade e inválido, mas seu pedido fora categoricamente negado. Na mesma carta, Morgatchév explicou que em 1930 a comuna tinha sido transferida da Rússia Central para a Sibéria, seguindo a decisão do Comitê Executivo Central. Uma vez que operava como uma fazenda comunista modelar, baseada na propriedade coletiva, ele argumentou que a comuna devia ter contado com a proteção da lei; em vez disso, em troca dos poucos anos de existência pacífica da comuna, muitos de seus membros pagaram

com a própria vida. Morgatchév declarou que ainda compartilhava das ideias e concepções de Tolstói sobre a vida e que desejava ser reabilitado antes de morrer. “Não preciso de reabilitação agora”, ele escreveu à mão em um adendo à carta, “mas os jovens promotores e procuradores precisam saber o que foi feito com os amigos e seguidores de Liev Tolstói”. Morgatchév foi oficialmente reabilitado em dezembro de 1976. Em tom cáustico, Popóvski observou que a Suprema Corte Soviética agora tinha oficialmente isentado os seguidores de Tolstói da acusação anterior de que eram tolstoístas.

Popóvski ficou abismado ao descobrir que os tolstoístas não somente ainda existiam na Rússia como também continuavam fiéis às suas crenças. Como todo cidadão soviético, Popóvski era lembrado todo dia do “culto” a Tolstói em seu país pela profusão de ruas e praças com o nome do escritor, pelo fato de que sua ficção figurava permanentemente nos currículos e programas de ensino das escolas e universidades, pelos diversos museus dedicados a ele em diferentes partes do país. Porém, também como todo cidadão soviético, Popóvski só tivera acesso às obras literárias de Tolstói. Para formar uma opinião acerca das ideias filosóficas do escritor, é óbvio que ele fora obrigado a recorrer ao ensaio de Lênin “Liev Tolstói como um espelho da Revolução Russa”, que era leitura obrigatória antes mesmo de *Anna Kariênina*. Assim, Popóvski cresceu com a noção de que Tolstói não tinha o menor talento como pensador, que certamente não era um profeta, que suas concepções filosóficas eram danosas, que seus seguidores eram patéticos e que o autoaperfeiçoamento e o vegetarianismo eram bobagens ridículas. Todas essas ideias foram reforçadas por meio de artigos, comentários e enciclopédias. Além disso, dias depois da reabilitação de Morgatchév, o presidente soviético Leonid Brejnev escreveu uma longa divagação no livro de visitas célebres em Iásnaia Poliana, mais tarde reproduzida no *Pravda*, em que discutia Tolstói exclusivamente como o autor de *Guerra e paz*.

Quando questionou alguns de seus amigos de Moscou (todos eles típicos membros da *intelligentsia* russa), Popóvski descobriu que nenhum deles sabia coisa alguma sobre os tolstoístas. Isso aguçou sua curiosidade, e ele então deu início a uma pesquisa. O que não era tarefa simples no clima da Guerra Fria, em meio a telefones grampeados, escutas nos quartos e violação de correspondência pessoal. É claro que não era possível falar publicamente sobre o tolstoísmo ou escrever abertamente sobre o tema. Contudo, com a ajuda de muitas pessoas solidárias que se desdobraram para oferecer ajuda, Popóvski por fim obteve endereços de

32 tolstoístas espalhados por toda a União Soviética, e ao longo do caminho compilou um volumoso arquivo de manuscritos de e sobre os tolstoístas. Alguns documentos eram depoimentos e testemunhos escritos de próprio punho por tolstoístas e relatos sobre a vida nas comunas, ao passo que outros consistiam de correspondência, inclusive cartas trocadas com o Comitê Central do Partido Comunista acerca das aspirações dos tolstoístas de publicar os textos religiosos e filosóficos de Tolstói na União Soviética. Esses manuscritos tinham sido cuidadosamente escondidos das autoridades, e a ameaça de perseguição era bastante real: meses depois que o procurador-geral isentou oficialmente de culpa o camponês Dmítri Morgatchév, o apartamento do tolstoísta foi revistado pela KGB, que intimidou o idoso inválido e prometeu puni-lo caso criasse problemas. Depois de conseguir levar ao ocidente um calhamaço de três mil páginas de material cobrindo o período de 1918 a 1977, Popóvski emigrou para os Estados Unidos e imediatamente se lançou ao trabalho de dar forma à inacreditável história de convicção e sobrevivência. Com o apoio do Instituto Kennan, em Washington, seu livro sobre os camponeses tolstoístas soviéticos foi publicado em 1983.

Por ocasião do aniversário de 150 anos de nascimento de Tolstói, em 1978, Popóvski concluiu que provavelmente devia haver apenas cerca de cinquenta tolstoístas ainda vivos na Rússia, todos com idade entre 75 e 90 anos. Centenas tinham sido trancafiados em prisões, campos de concentração e hospícios, e mais de cem haviam sido fuzilados por conta de suas crenças e convicções. A vida dos tolstoístas acima de tudo propiciou a Popóvski uma resposta positiva para uma questão que ele fizera repetidas vezes em seus livros sobre cientistas soviéticos: era possível preservar a consciência limpa vivendo em uma sociedade totalitária? Os problemas reais dos tolstoístas começaram com o início da coletivização e com o Primeiro Plano Quinquenal no ano do centenário em 1928. Uma após a outra as comunas começaram a ser fechadas e em número cada vez maior os tolstoístas começaram a ser presos. Os jovens membros da *intelligentsia* (incluindo artistas, escritores e médicos) que haviam formado uma comuna na área rural ao oeste de Moscou em 1923, foram informados de que sua comuna seria fundida a outra fazenda para formar a fazenda coletiva “Outubro Vermelho”; logo depois os tolstoístas levaram a culpa por um incêndio criminoso. Agora amargamente arrependidos por sua decisão de retornar para a terra natal, em 1922 cerca de 1.500 *Dukhobors* e outros sectários entraram com pedido de reemigração, mas

suas solicitações foram negadas. Mikhail Novikóv, o velho amigo camponês de Tolstói, ingenuamente enviou ao governo uma carta aberta em que propunha medidas práticas para a melhoria da colheita. Foi preso por conta de sua preocupação, apesar de já ter 69 anos de idade, e terminou a vida nos campos de trabalhos forçados. Cinco tolstoístas foram presos em Moscou em 1929 e condenados ao exílio e a cinco anos de trabalhos forçados no mal-afamado campo de concentração nas ilhas Solovetski — a antiga prisão-monastério no Mar Branco, onde o trisavô de Tolstói tinha sido exilado no século XVIII. Em fevereiro de 1930, Tchertkóv enviou a Stálin uma carta em que tentava interceder em seu favor. Ele explicou que os tolstoístas estavam sofrendo de grave desnutrição, uma vez que eram vegetarianos, e também de hipotermia, pois suas roupas de inverno tinham sido roubadas por outros prisioneiros. Em fevereiro de 1929 a Sociedade Vegetariana L. N. Tolstói de Moscou foi obrigada a fechar as portas quando as autoridades se recusaram a renovar o contrato de aluguel do recinto que haviam alugado como sede.

Os tolstoístas simplesmente se recusavam a ser coletivizados e, por isso, começaram a cogitar a mudança para os confins do país, onde se veriam livres de futuros atos de repressão e poderiam viver em paz em seus próprios termos. Havia aqui um antecedente histórico, já que durante os séculos de regime tsarista essa tinha sido a tática dos cossacos, sectários e Velhos Crentes. A União Soviética era diferente: apesar da vastidão de seu território, não havia recantos sossegados onde pudessem se recolher, mas os seguidores de Tolstói só descobriram isso depois. Tchertkóv incitou membros da comuna Vida e Liberdade para que pedissem ao governo terras na Sibéria, e ele próprio entrou com uma petição, julgando que era de fato uma boa solução. Surpreendentemente, o governo soviético deu sua aprovação oficial em fevereiro de 1930, e em março de 1931 cerca de mil tolstoístas de três comunas iniciaram uma jornada de 3.218 quilômetros rumo ao leste, até a cidadezinha de Novokuznetsk (que logo seria rebatizada Stalinski). A nova comuna funcionou bem, e em 1931 Anna Maloród conseguiu fundar a primeira e única escola tolstoísta na história da União Soviética. Embora os tolstoístas estivessem dispostos a fazer concessões e cooperar com as instituições estatais, as organizações locais do Partido garantiram que a escola tivesse vida curta: foi fechada em 1934. Em 1936 a comuna Vida e Trabalho celebrou seu aniversário de cinquenta anos, mas a essa altura prisões já estavam sendo feitas e as

autoridades regionais começaram a tratá-la como uma fazenda coletiva regular. Quando a última assembleia geral foi realizada em janeiro de 1939, quase não havia homens. Os membros remanescentes da comuna foram transferidos para fazendas estatais. Viviam na mais absoluta pobreza, mas isso não tinha importância, pois a prosperidade material jamais tinha sido sua prioridade.

Durante sua pesquisa, Mark Popóvski descobriu que os tolstoístas formavam um grupo bastante heterogêneo: nem todos eram vegetarianos, alguns fumavam e outros tinham inclusive ido para o *front* em 1941 — muitos jamais regressaram. Ainda que tivessem opiniões e estilos de vida divergentes, Popóvski ficou impressionado com o que tinham em comum: um profundo senso ético, uma acentuada sensibilidade em relação à injustiça e um profundo desejo de não praticar o mal. E eles tinham continuado leais a Tolstói, embora incapazes de seguir suas ideias de maneira prática. Em 20 de novembro de 1960 a ex-professora Anna Maloród escreveu em seu diário:

Hoje se completam cinquenta anos da morte de L. N. Tolstói, meu querido pai e professor para a vida. Ele ajudou-me a purificar os ensinamentos de Jesus Cristo das superstições que lhes foram sendo acrescentadas ao longo dos séculos. Ele ajudou-me a encontrar amigos queridos, uma família espiritual que, se não tem laços de sangue, é melhor, mais forte e mais genuína. Graças a Tolstói, eu me mudei da cidade para o campo, para viver em meio aos que lavram a terra, e eu mesma comecei a praticar o trabalho braçal na horta e no jardim, o que aprendi a amar. Tolstói ajudou-me a encontrar a verdadeira bondade na vida. Ele mostrou-me o verdadeiro caminho no amor e na unidade para o mundo todo. Ele mostrou as falhas e defeitos que dividem as pessoas, e por vezes chegam até mesmo a destruir a vida humana. O grande e ainda subestimado Tolstói!

Os tolstoístas soviéticos tinham uma profunda ligação com a palavra escrita: sem ela, suas histórias jamais teriam se tornado conhecidas. A partir da década de 1950, eles tentaram doar seus textos memorialísticos e sua correspondência ao Museu Tolstói, mas os arquivistas se recusaram a aceitá-los, compreensivelmente, por receio de represálias políticas. Os tolstoístas também defenderam ardorosamente Tolstói do que julgavam ser uma campanha de difamação por parte dos críticos literários soviéticos ortodoxos. Mesmo vivendo em um remoto vilarejo siberiano, Bóris Mazurin seguia particularmente de perto as publicações sobre Tolstói, e fazia questão de escrever esmeradas cartas recheadas de sólidos argumentos toda vez que sentia que algo precisava ser corrigido. Ele atacou, por exemplo, Bóris Meilakh, membro do Partido que em 1961 publicou um livro sobre a fuga final e a morte de Tolstói. “No seu livro o

senhor fala muitas vezes dos ‘pontos fracos’ da cosmovisão de Tolstói, qualificando-os como débeis em face de sua incompatibilidade com as concepções marxistas, particularmente no que concerne à possibilidade de melhorar a vida por meio da violência [...]”, ele escreveu na carta que enviou a Meilakh, que lhe deu crédito e respondeu, mas Mazurin não estava satisfeito, e escreveu novamente para discordar da ideia de que Tolstói tinha se envolvido em algum tipo de luta política para adquirir poder sobre ao povo. “É impossível imaginar Tolstói como uma figura do governo liderando e organizando o povo por meio dos necessários instrumentos de poder estatal. E é igualmente impossível imaginar que Tolstói permaneceria em silêncio em anos tão terríveis como 1937 e 1938”. É de fato difícil imaginar Tolstói em silêncio, mas é ainda mais difícil imaginar que ele teria sobrevivido aos expurgos. O mais provável é que ele simplesmente teria sido fuzilado na primeira oportunidade.

Os tolstoístas ficaram desapontados ao ver difamado o nome de Tchertkóv, tanto no livro de Meilakh como na nova edição do livro memorialístico de Valentin Bulgákov sobre Tolstói publicado em 1864. Mas para eles o golpe mais doloroso de todos foi o discurso proferido pelo escritor do *establishment* Leonid Leonóv para marcar o quinquagésimo aniversário da morte de Tolstói no Teatro Bolshoi em 19 de novembro de 1960. O texto foi reproduzido em todos os principais jornais soviéticos e também lançado em forma de volume separado no ano seguinte. Leonóv, ganhador dos prêmios Stálin e Lênin, herói do Partido Trabalhista e vice do Soviete Supremo, repetiu como um papagaio a visão estereotipada sobre Tolstói, sugerindo que eram as deficiências nas concepções religiosas e filosóficas do autor de *Guerra e paz* o motivo por que não existiam mais apóstolos ou acólitos fervorosos — exceto por alguns sectários espalhados pelo planeta — para dar continuidade às suas ideias. Depois de muitas discussões com colegas tolstoístas, que ficaram compreensivelmente indignados, em fevereiro de 1962 Mazurin escreveu a Leonóv uma longa carta de resposta e depois viajou com ela até Moscou, onde foi rechaçado por funcionários do governo quando tentou descobrir o endereço de Leonóv. Finalmente conseguiu fazer com que sua carta chegasse às mãos de Leonóv, e em setembro de 1962 recebeu de fato uma resposta. Como era de se esperar, Leonóv não respondeu às críticas de Mazurin. Muitos outros tolstoístas proclamavam vigorosamente sua existência como grupo e contestavam inverdades. Em 1975 Dmítri Morgatchév enviou uma carta a Aleksandr Klibanóv, com cópias para os jornais mais

importantes, depois que este publicou um livro sobre sectarismo religioso em que alegava, por exemplo, que os tolstoístas tinham se recusado a se juntar às fazendas coletivas porque eram essencialmente *kulaks*.

Quando, no início da década de 1980, James Billington, bibliotecário da Biblioteca do Congresso, perguntou a Mark Popóvski por que razão ele decidira pesquisar a história de um pequeno grupo cuja influência era insignificante, Popóvski respondeu que ficara impressionado pela maneira inteligente com que os tolstoístas tinham protestado contra o *status quo*: simplesmente vivendo vidas individuais de acordo com seus princípios morais. A paciência e a determinação dos tolstoístas em dar seu testemunho foram finalmente recompensadas alguns anos depois. Os estudos acadêmicos sobre Tolstói entraram em uma nova fase com a publicação, em maio de 1988, do artigo “O retorno de Tolstói, o pensador”, de Vladímir Lákchin. Era óbvio que Tolstói já não podia ser visto apenas como um espelho que refletia as contradições da Revolução de 1905, ele escreveu, uma vez que ele era um raio laser — um laser da humanidade. Com o início da *perestroika* e da *glasnost*, a história da obstinada luta dos tolstoístas para estabelecer comunas e trabalhar a terra no Éden comunista da União Soviética pôde finalmente ser contada tanto na Rússia como no ocidente. Tudo mudou na Rússia no final da década de 1980, com a chegada das reformas de Gorbachev e o fim da censura. Mazurin, aos 87 anos de idade, viveu para testemunhar o entusiasmo provocado pela publicação de suas memórias na mais prestigiosa revista literária do país, a *Novy mir*, que em 1988 tinha mais de um milhão de assinantes. Depois disso, seguiram-se muitos outros livros e artigos.

Tolstói não acreditava na ideia de uma vida após a morte no sentido cristão; a bem da verdade, a perspectiva de que a morte daria fim a sua existência — e a consciência de que não tinha controle sobre quando isso ocorreria — foi o maior problema contra o qual lutou. Ele não acreditava que suas obras seriam lembradas por muito tempo depois que morresse, tampouco julgava que tinha tantos seguidores assim. Desde o colapso da União Soviética em 1991 e a partir do momento em que os historiadores literários e culturais se viram livres dos grilhões da ideologia, uma importante posição na miríade de novas publicações sobre o legado de Tolstói na Rússia foi ocupada por um conjunto de materiais inéditos que vêm lançando luz sobre a vida dos que buscaram colocar em prática as ideias de Tolstói após a morte do escritor. Esses materiais possibilitaram não apenas a montagem do quebra-cabeça da complexa e fascinante história da “vida

póstuma” de Tolstói, mas mostraram também o quanto as ideias do escritor continuaram reverberando profundamente ao longo do século xx.

Em abril de 1990 um grupo de estudiosos de Tolstói fez uma solicitação às autoridades educacionais de Tula para fundar um instituto de pesquisas, Escola L. N. Tolstói, com o intuito de reintroduzir suas ideias pedagógicas na esfera do ensino e aprendizagem da Rússia contemporânea. Em 1998 as realizações do instituto no desenvolvimento de um programa educacional de três etapas, do jardim de infância ao ingresso na universidade, obtiveram reconhecimento oficial ao receber do governo russo o status de “Plataforma Experimental Federal”; em 2010 já havia centenas de escolas na Rússia e no exterior usando os métodos de Tolstói. A revitalização de escolas tolstoístas era a menina dos olhos de Vitali Remizóv, que em 2001 tornou-se diretor do Museu Tolstói em Moscou. Em uma entrevista concedida em 2005 ele explicou que as escolas visavam inculcar em seus alunos acima de tudo a independência, em uma atmosfera de liberdade, usando no nível elementar ou primário os textos desenvolvidos por Tolstói na década de 1870.

Em novembro de 1991, pouco depois da queda da União Soviética, a associação religiosa “Unidade Espiritual (a Igreja de Liev Tolstói)” foi registrada em Moscou junto ao Ministério da Justiça, passo que teria sido impensável na era soviética. Seus estatutos proclamavam que o objetivo da igreja era a disseminação da compreensão tolstoiana da religião e da vida espiritual. Sua organização central e tutelar levava o nome de Igreja da Unidade e fora inicialmente fundada por Charles e Myrtle Fillmore em Kansas City em 1889, sob a inspiração dos ensinamentos do escritor. A Igreja da Unidade descreve a si mesma como “um enfoque positivo, prático e progressista do cristianismo, baseado nos ensinamentos de Jesus e no poder da oração”, que reverencia as “verdades universais de todas as religiões e respeita o direito de todo indivíduo de trilhar seu caminho espiritual”. Em 1996 um novo Departamento de Herança Espiritual de Tolstói, com oito membros em seu corpo docente e técnico, abriu as portas no Instituto Pedagógico estatal de Tula.

Em 2000, três anos antes de morrer aos 78 anos de idade, a eminente acadêmica Lídia Gromova-Opulskaia, renomada estudiosa da obra tolstoiana, publicou o primeiro volume da nova edição das *Obras completas reunidas de Tolstói* da Academia de Ciências. Fundamentada em muitos materiais inéditos que vieram a lume desde a publicação da Edição do Jubileu, essa edição terá cem

volumes, e, como os editores fazem questão de apontar, será a primeira *verdadeiramente* completa, e não desfigurada por “omissões e restrições”, ao contrário da Edição do Jubileu. Assim que o projeto foi concebido no final da década de 1980, Gromova-Opulskaia comentou seus objetivos:

Tolstói é publicado e republicado em nosso país, com tiragens que chegam aos milhões. A edição em noventa volumes das *Obras completas reunidas*, publicada entre 1928 e 1958, é tão importante e monumental que ainda nos orgulhamos dela. Não obstante, no que tange à crítica textual o conjunto de estudos acadêmicos russos ainda não realizou por completo sua tarefa. Os textos de muitas obras desse grande escritor de ressonância mundial ainda carecem de cotejo, manuscritos foram publicados de maneira incompleta ou não sistemática. São essas as principais tarefas desta nova e genuinamente acadêmica edição, que provavelmente chegará a cem volumes, e cujos trabalhos agora se iniciaram.

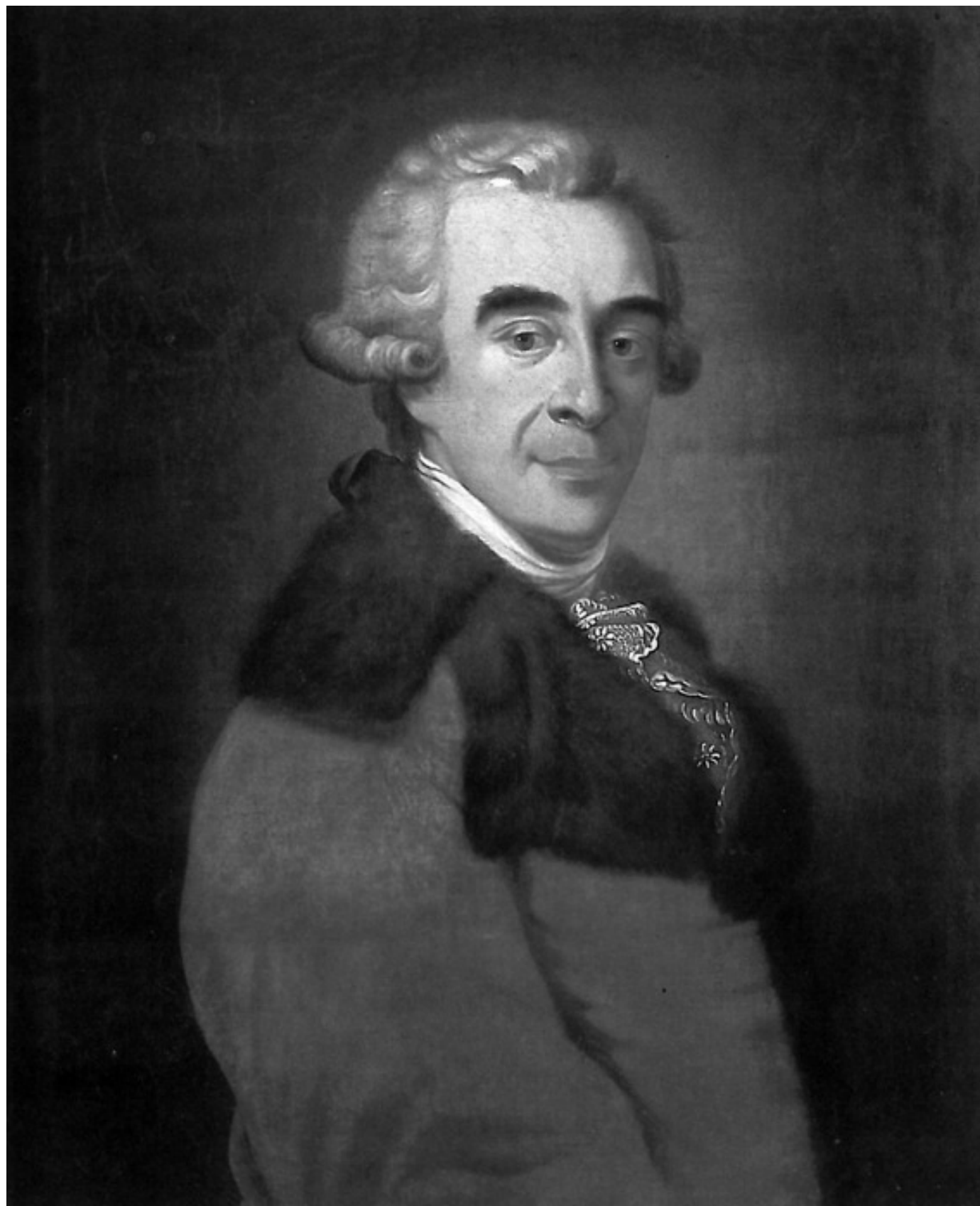
Se por um lado os estudos acadêmicos sobre a obra de Tolstói deixaram de ser reféns de mandatos políticos, a dura realidade da economia de mercado na Rússia contemporânea permite antever que o avanço dessa edição será lento.

Ao que parece a única instituição na Rússia que ainda se recusa a abrir suas portas a Tolstói é a Igreja Ortodoxa. Em 1994, o tataraneto de Tolstói, Vladímir Ilitch Tolstói, foi nomeado novo diretor de Iásnaia Poliana, que ainda é um dos mais famosos museus da Rússia. No início de janeiro de 2001 ele escreveu ao Patriarca de Moscou com a sugestão de que a Igreja refletisse sobre o significado da excomunhão, ocorrida cem anos antes. A recusa do Patriarca Aleksiei de discutir a questão criou alvoroço. Vladímir Tolstói certamente jamais duvidou da importância e das consequências da excomunhão. “Estou profundamente convencido”, ele declarou em entrevista dada à época, “de que foi um dos eventos mais importantes na história do Estado russo, que afetou, de maneira direta ou oblíqua, acontecimentos futuros e que dividiu a sociedade russa nos eixos horizontal e vertical.”

Talvez a expressão mais eloquente das profundas reverberações da excomunhão de Tolstói no que concerne à vida nacional russa seja o fato de que a primeira reunião oficial entre a Igreja Ortodoxa e estudiosos do legado de Tolstói ocorreu em 2006 — 105 anos após o evento. A ocasião foi uma conferência especial realizada em março daquele ano em Iásnaia Poliana, quando acadêmicos se reuniram com membros da Igreja Ortodoxa para debater o significado da excomunhão. Além de reexaminar as fontes do conflito original e os aspectos legais do decreto do Santo Sínodo, os participantes discutiram as dimensões morais, espirituais e sociais e as consequências da excomunhão,

incluindo a continuidade de suas ressonâncias públicas ainda hoje. A conferência teve ampla cobertura da imprensa russa, que apontou que o debate inaudito entre a Igreja e a comunidade literária foi “acalorado, para dizer o mínimo”. Como observou o escritor Aleksiei Varlamóv em um artigo, o conflito entre Tolstói e a Igreja foi um dos momentos mais dolorosos do século, e crucial para a causa da Revolução Russa. Outro debatedor, o padre Georgi Orekhanóv, que falou do aspecto espiritual da morte de Tolstói, defendeu as ações da Igreja em 1907, mas reconheceu que era importante entender por que motivo tantas pessoas haviam demonstrado apoio imediato ao escritor naquele “momento significativo” na história russa. À luz do colapso do comunismo e o subsequente ressurgimento do cristianismo, ele acrescentou, a questão da relação entre o povo russo e a Igreja Ortodoxa era novamente atual. O padre Orekhanóv proferiu outra conferência sobre Tolstói em janeiro de 2009 em um painel dedicado aos problemas na história da Igreja Ortodoxa, mas é improvável que essa discussão venha a ultrapassar os limites da esfera acadêmica. Para uma Igreja e um Estado que mais uma vez forjam laços estreitos na autoritária Rússia de hoje, os ensinamentos de Tolstói talvez pareçam mais problemáticos e mais perigosos do que nunca.

CADERNO DE IMAGENS



Retrato do avô materno de Tolstói, Nikolai Sergueievitch Volkonski.



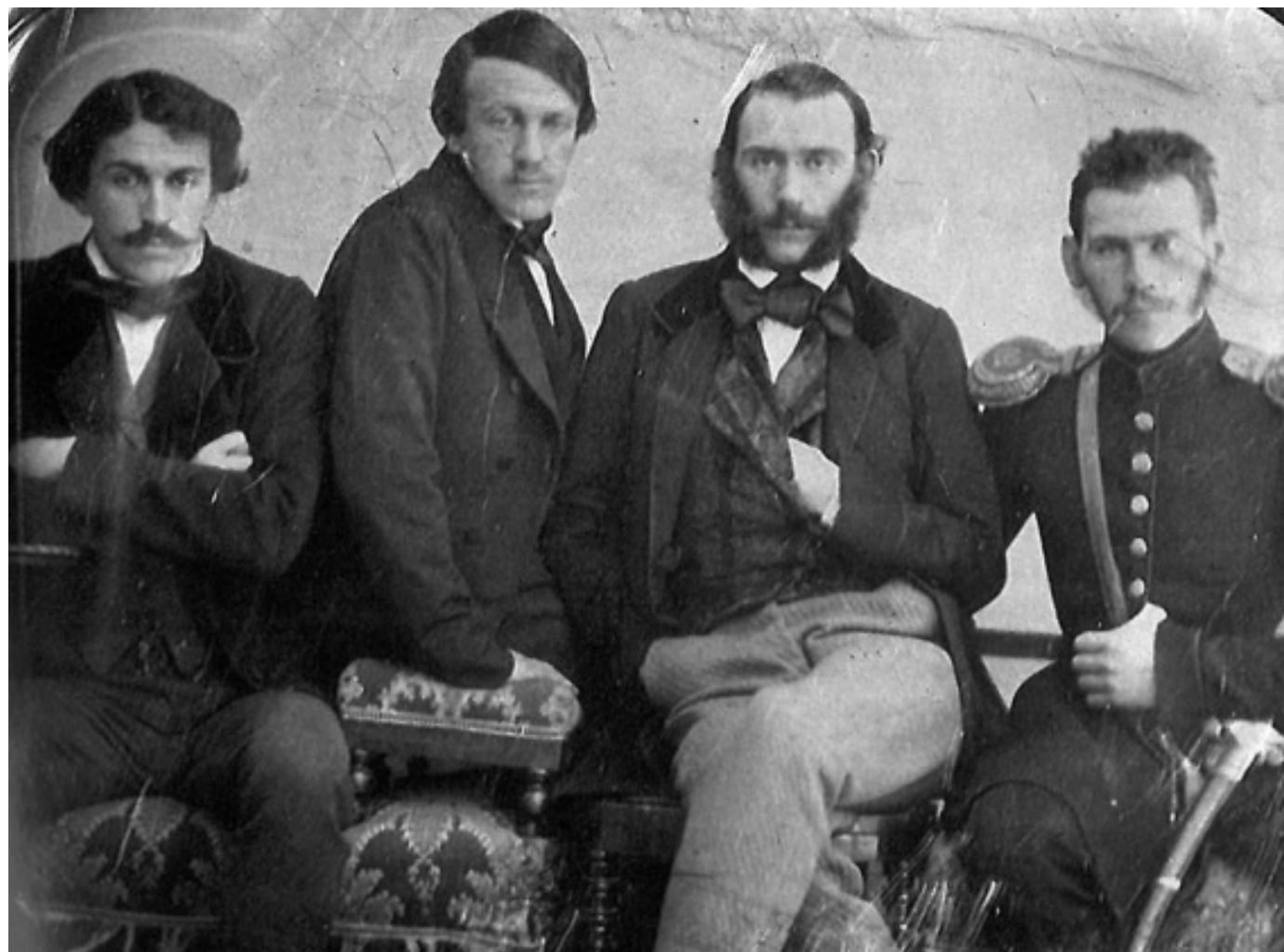
A casa da rua Pliushchikha, em Moscou, para onde Nikolai Ilitch levou a mãe, a irmã e os cinco filhos em 1837.



Tolstói em seu uniforme do exército, recém-promovido a oficial de carreira na patente de alferes em Moscou, em 1854, pouco antes de se transferir para o serviço ativo em Bucareste. Ele decidiu fazer a jornada desde o Cáucaso, onde estava aquartelado, via Iásnaia Poliana, o que implicou um desvio de mais de 960 quilômetros.



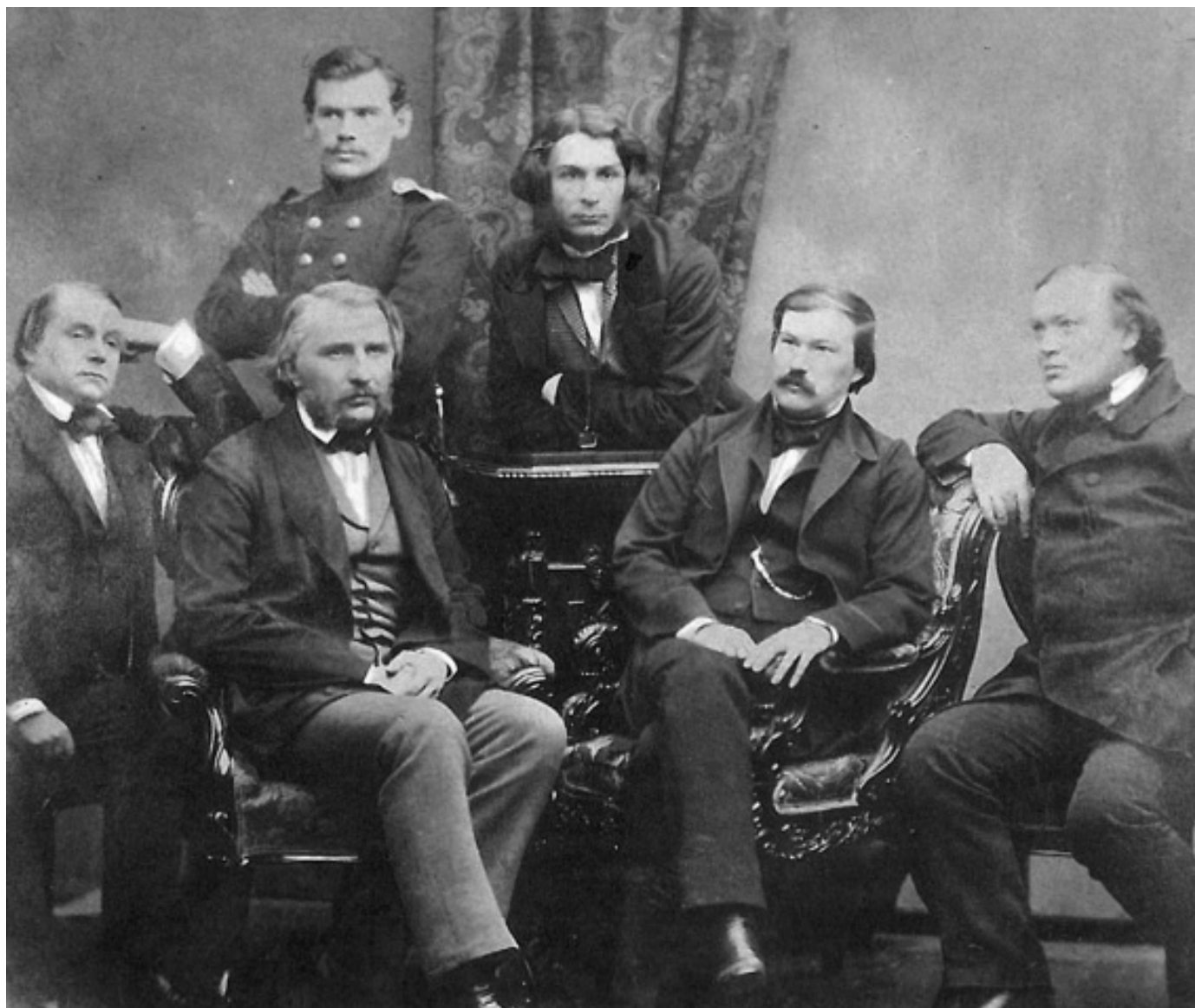
Tolstói com seu irmão Nikolai, em Moscou, pouco antes de viajar para o Cáucaso, onde se alistaria no exército, 1851.



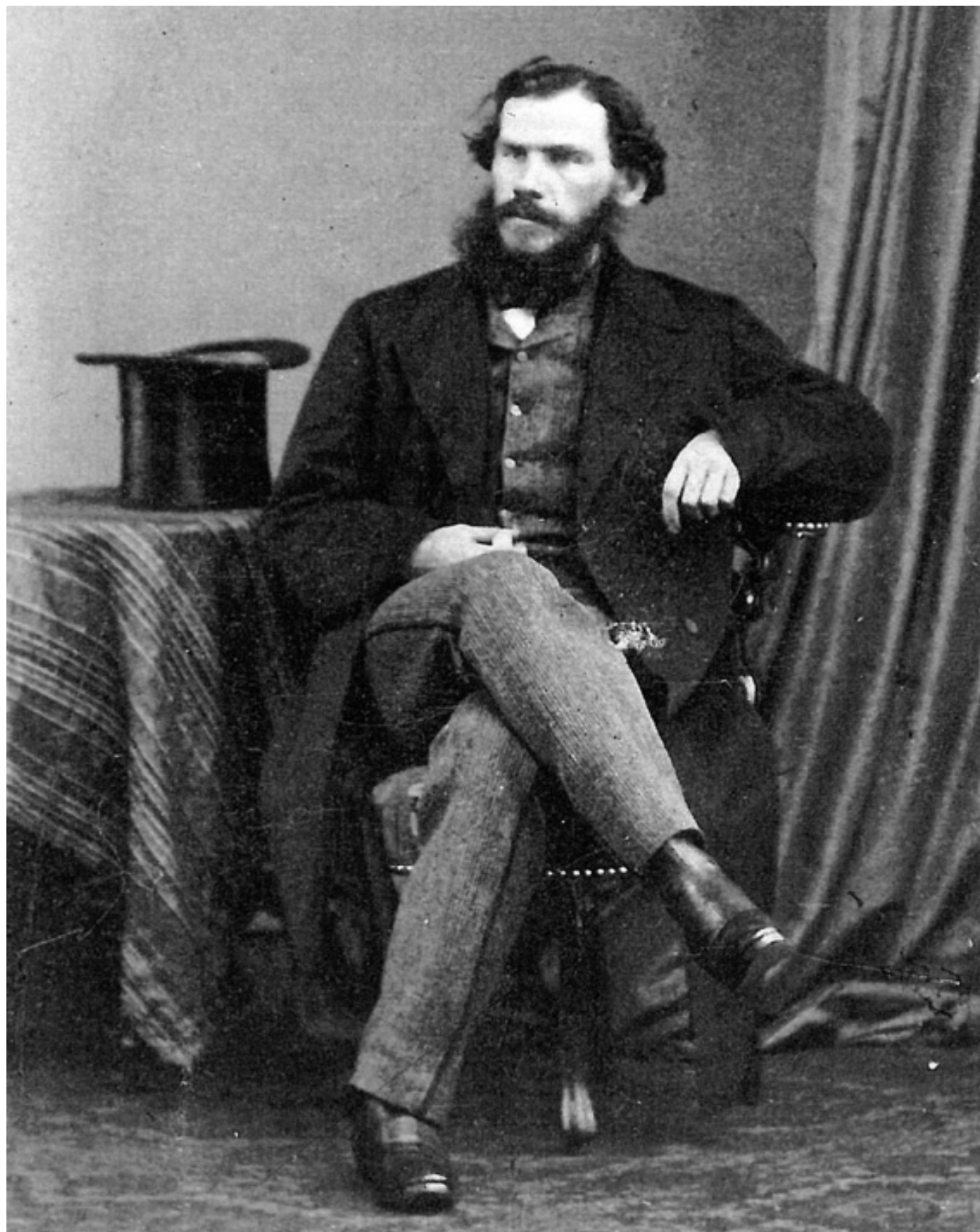
Serguei, Nikolai, Dmíttri e Liev Tolstói em Moscou, fevereiro de 1854. Foi a última vez que os quatro irmãos estiveram todos juntos. O encontro foi durante o mês de licença de Tolstói antes de rumar para o sul a fim de se juntar a sua nova brigada de artilharia na guerra contra a Turquia.



Caricatura mostrando Tolstói como um imponente gigante ao lado da figura diminuta do tsar Nicolau II, 1901.



Escritores ligados à revista literária O Contemporâneo, São Petersburgo, 1856. Da esquerda para a direita: Goncharov, Turguêniev, Grígorovitch, Druzhinin e Ostróvski. O retrato do grupo foi tirado pelo célebre “patriarca da fotografia russa”, Serguei Levitski; mais tarde, Tolstói emoldurou e pendurou a foto em seu estúdio em Iásnaia Poliana.



Tolstói em Bruxelas, março de 1861. A essa altura, Tolstói estava em vias de concluir sua segunda e última viagem ao exterior, numa jornada que durou nove meses. Nesse período, o escritor estudou métodos educacionais como preparação para desenvolver suas próprias atividades pedagógicas; na mesma época, seu irmão Nikolai morreu no sul da França.



Alexandra Andréievna Tolstáia (Alexandrine), década de 1860. Durante boa parte da vida, Tolstói manteve uma estreita amizade com a prima de seu pai, uma mulher atraente e de formidável intelecto. Dama de companhia na corte, mais tarde Alexandrine teve papel bastante útil atuando como intermediária e se incumbindo de encaminhar as cartas de apelo que Tolstói escreveu ao tsar depois que encampon a causa da injustiça religiosa; contudo, houve atritos, e a amizade entre os dois ficou estremecida tão logo Tolstói abandonou suas crenças ortodoxas.



A futura Sófia (Sônia) Tolstáia e sua irmã mais nova Tatiana (Tânia) Berhs, Moscou, 1861. Essa fotografia foi tirada um ano antes do casamento de Tolstói e Sônia. As irmãs continuaram muito próximas, e foi nas cartas que enviou a Tânia que Sônia escreveu os relatos mais honestos acerca de sua vida em Iásnaia Poliana.



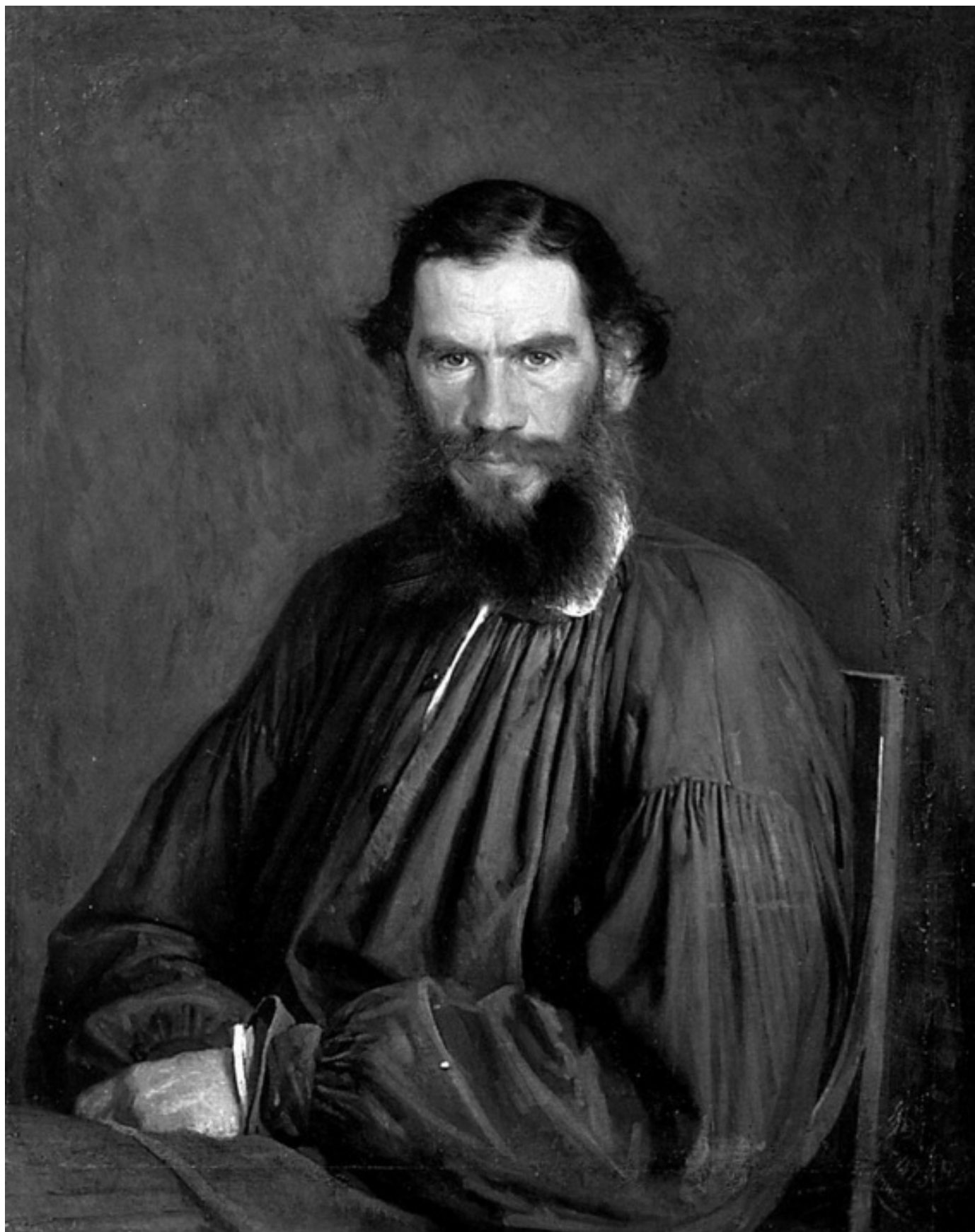
Sônia na sala de visitas em Iásnaia Poliana, 1902. Era neste canto da espaçosa sala que tradicionalmente a família e seus convidados se reuniam para o chá da tarde. Acima da cabeça de Sônia está o retrato do avô libertino de Tolstói, Ilia Andréievitch.



A mansão ancestral de Iásnaia Poliana, erguida por Serguei Volkonski, onde Tolstói nasceu em 1828; por causa de pesadas dívidas de jogo, em 1854, a casa principal teve de ser vendida a um senhor de terras das vizinhanças, que desmontou a mansão tijolo por tijolo e depois a reergueu em sua propriedade, a cerca de 32 quilômetros estrada abaixo, onde essa fotografia foi tirada em 1892.



A casa de Tolstói em Iásnaia Poliana antes da adição de uma última ala na década de 1890. Originalmente, o projeto visava reproduzir uma das duas alas idênticas que flanqueavam a antiga mansão. Embora jamais tivesse a finalidade de ser a casa principal, Tolstói instalou-se nessa ala depois de dar baixa do exército após a Guerra da Crimeia. Nas décadas de 1860, 1870 e 1890, foram acrescentadas novas extensões na casa de modo a acomodar a família cada vez maior e o séquito de tutores, preceptores e governantas.

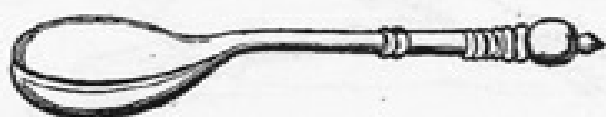


Ivan Kramskói, Retrato de Tolstói, Iásnaia Poliana, 1873. O retrato foi adquirido por Pável Trétiakov para sua coleção de arte russa. De início, Tolstói recusara os pedidos de Kramskói para posar, mas o escritor foi persuadido a mudar de ideia, graças ao charme pessoal do principal pintor da Rússia, que estava passando o verão na província de Tula em uma datcha bem próxima a Iásnaia Poliana.

К К К К к к



Л Л л л л л



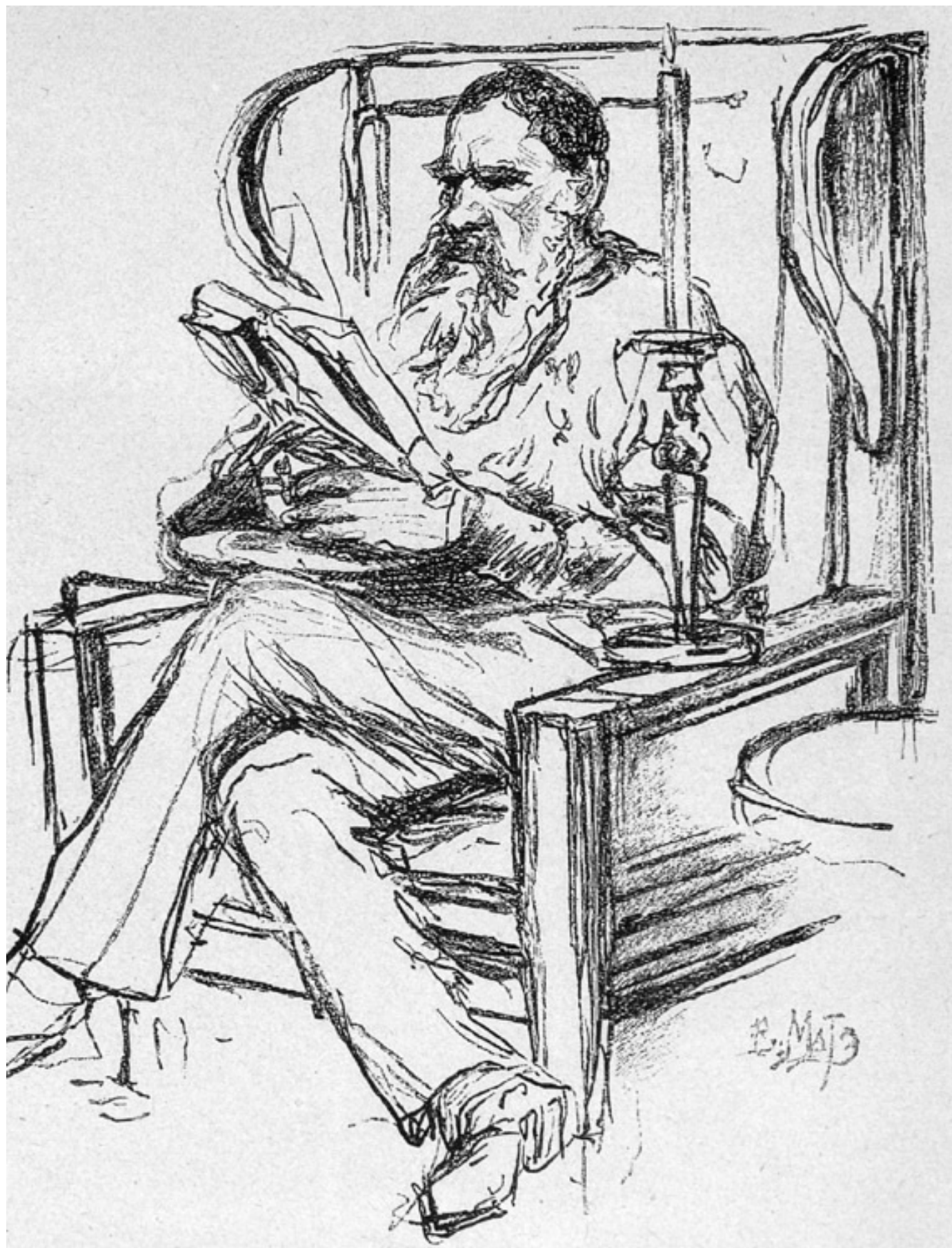
М М М М м м



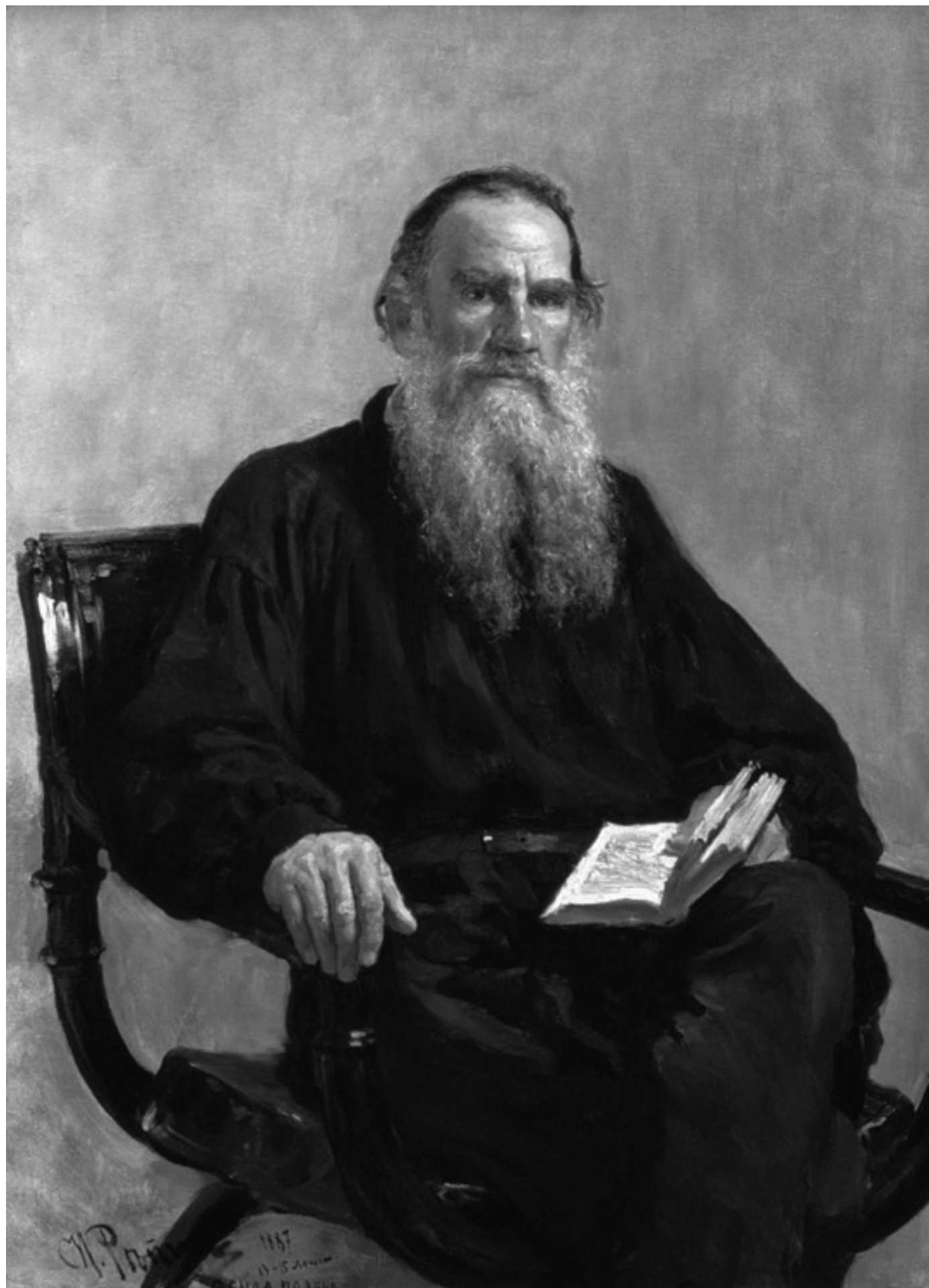
Página 8 da edição de 1872 da Cartilha de Tolstói, mostrando as letras “k” de kolokol (sino), “l” de lozhka (colher) e “m” de medved (urso).



Tolstói arando, Iásnaia Poliana, 1887. Tolstói começou a trabalhar nos campos ainda na juventude, na década de 1840, e progressivamente passou a atuar cada vez mais tempo ao lado dos camponeses, à medida que se exacerbavam seus sentimentos de culpa em relação à exploração dos mujiques. Depois de dar as costas à produção ficcional para as classes abastadas, pregou que cada pessoa deveria viver com o suor do próprio rosto, lavrando a terra. Estava prestes a completar sessenta anos quando este retrato foi pintado.



Tolstói lendo em sua poltrona favorita em Iásnaia Poliana, 1887; desenho a lápis de Repin.



O primeiro retrato de Tolstói pintado por Repin, 1887. Repin se encontrara pessoalmente com Tolstói em 1880, mas antes de tentar seu primeiro retrato quis conhecer melhor o escritor. A essa altura, Tolstói já tinha passado por sua “crise” espiritual e alcançara fama internacional graças a obras como Uma confissão e Em que acredito, ambas banidas da Rússia.



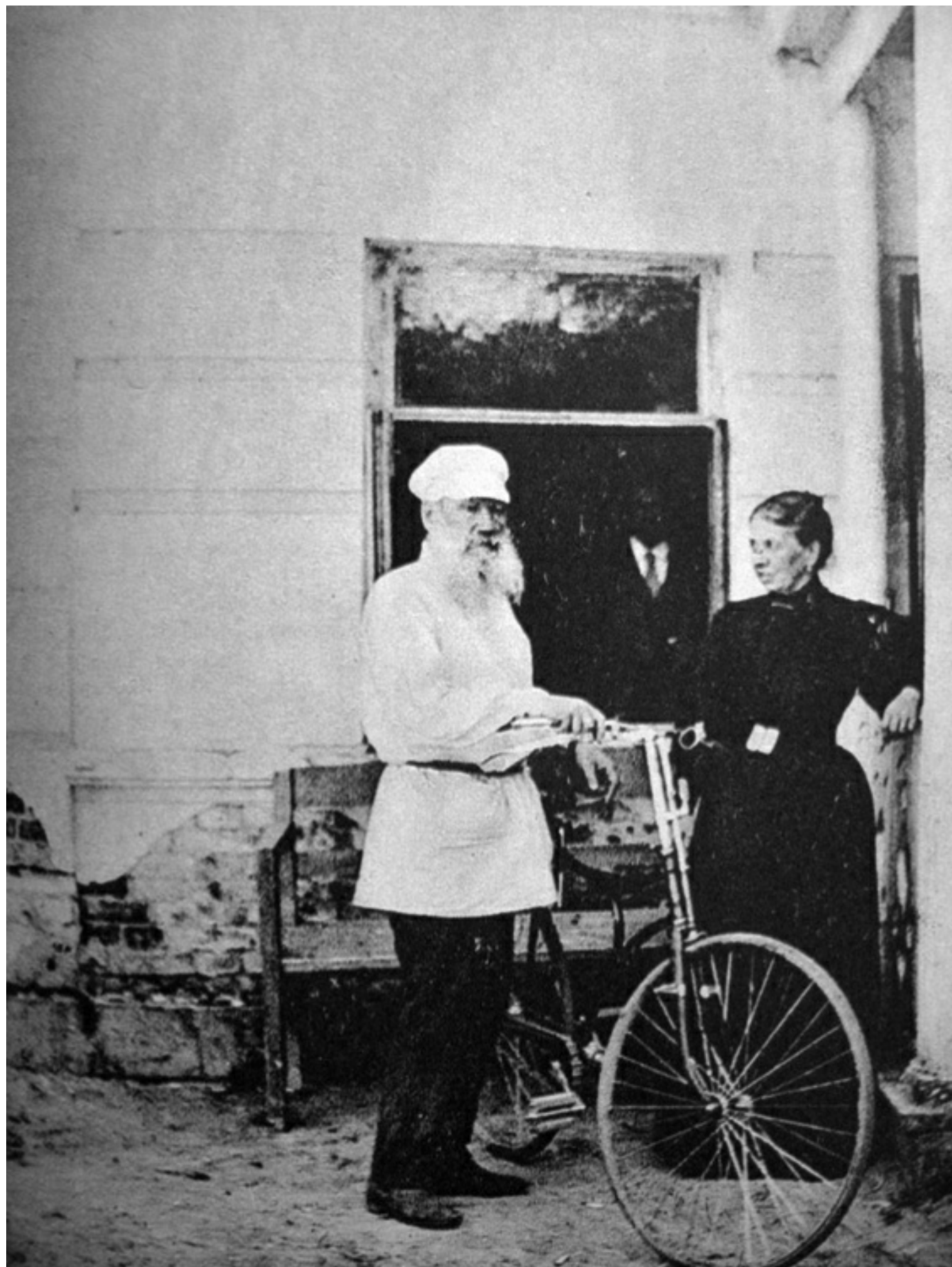
Repin, Tolstói em seu estúdio em Iásnaia Poliana, 1891. Tolstói deslocou diversas vezes seu estúdio em Iásnaia Poliana, mas foi ali — no mesmo cômodo abobadado que fazia as vezes de despensa e onde o velho príncipe Volkonski pendurava carne defumada — que Tolstói trabalhou no início da década de 1860 e de 1887 a 1902. Ali, Tolstói escreveu os primeiros capítulos de Guerra e paz e mais tarde redigiu A sonata a Kreutzer e Ressurreição.



Vladimir Tchertkóv na juventude, década de 1880.

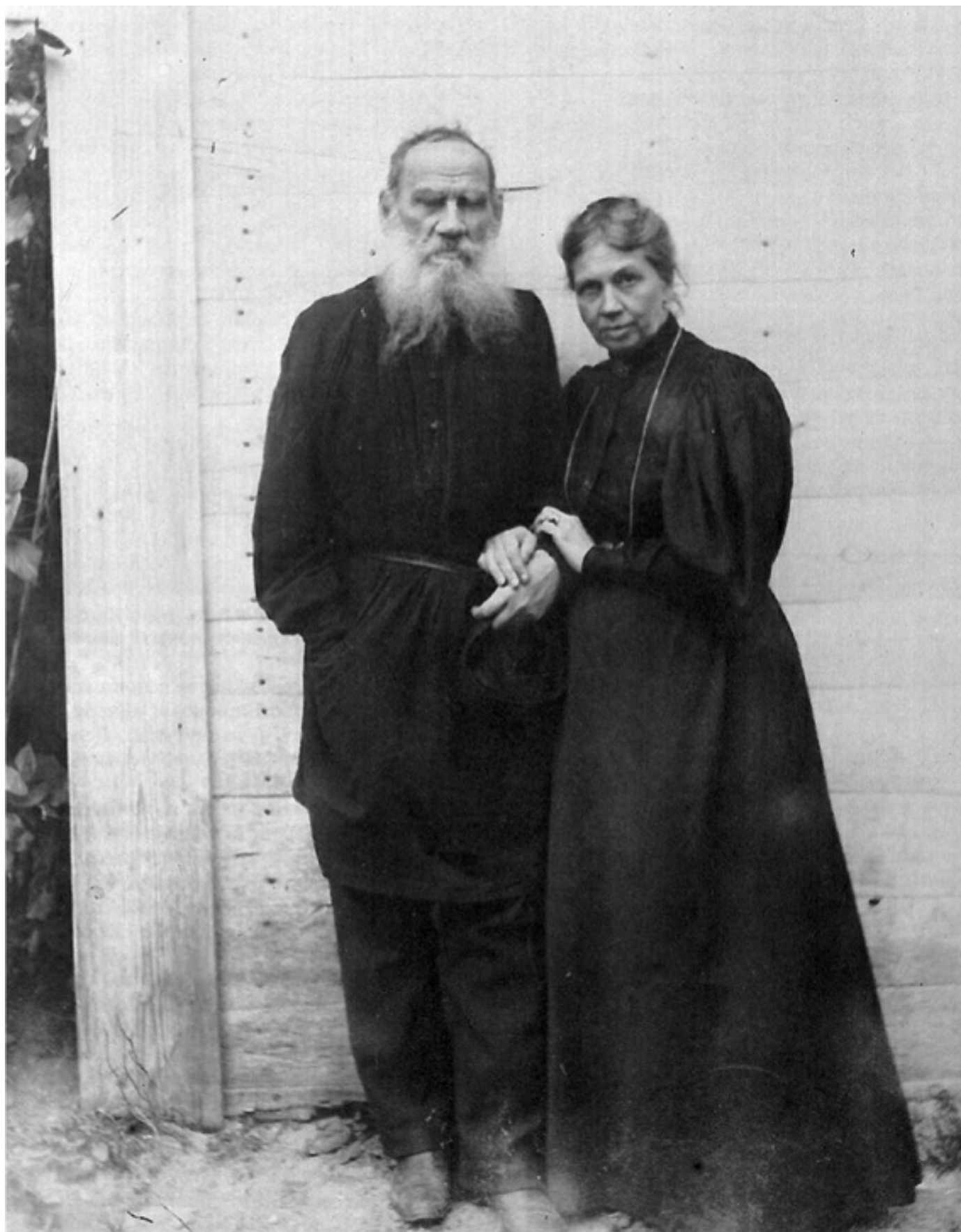


Sônia de pé junto ao retrato de seu filho Ivan (Vanechka), Iásnaia Poliana, 1897. Sônia ficou devastada pela morte de seu caçula Ivan, cujo retrato aqui aparece pendurado acima de um pequeno altar informal em sua memória. Após a morte do menino, Sônia entusiasmou-se pela fotografia e gostava de compor fotos em cenários como este, improvisado na varanda de Iásnaia Poliana.



Tolstói e sua bicicleta Starley Rover, 1895. Tolstói tinha um irreprimível apetite e entusiasmo por novas atividades e, aos 64

anos, após a morte de seu filho Vanechka, começou a praticar ciclismo. Depois de comprar uma bicicleta de fabricação inglesa, tomou aulas e obteve a licença para circular por Moscou.



Tolstói e Sônia, agosto de 1895. Vanechka, o caçula do casal, tinha morrido seis meses antes, por isso os dois ainda estavam de luto.



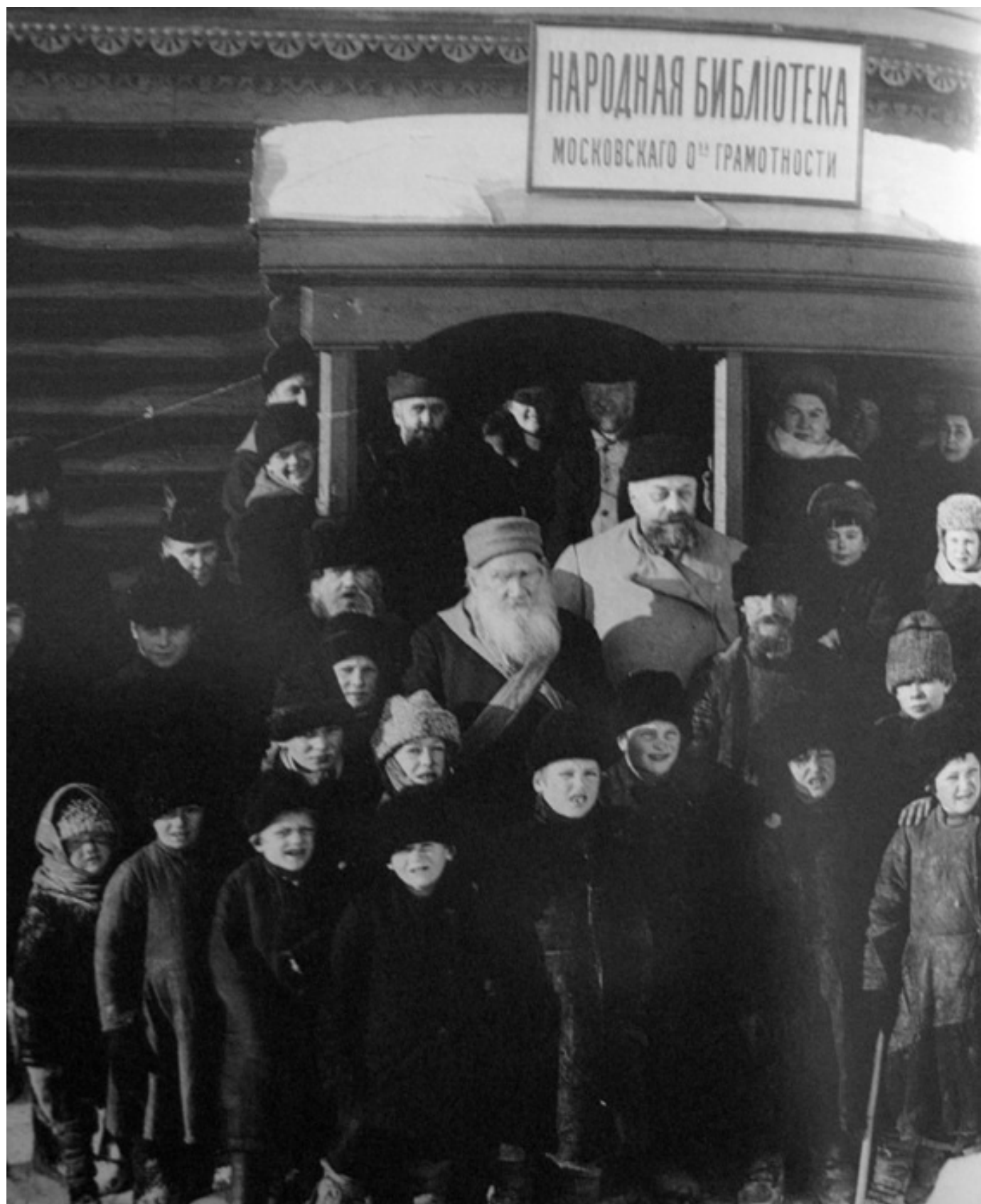
Os filhos de Tolstói com a mãe em Gaspra, Crimeia, 1902. Da esquerda para a direita: Ilia, Andrei, Tânia, Liev, Sônia, Micha, Macha, Serguei, Aleksandra. A partir de 1901, Tolstói passou um longo período adoentado e esteve à beira da morte, depois de ter sido excomungado. Apesar de odiar o luxo, aceitou o convite para passar o inverno em uma villa palaciana no clima mais temperado da Crimeia. Todos os seus familiares mais próximos foram visitá-lo, cientes de que estavam ali para se despedir e tomar parte do funeral do escritor. Em 1902, o filho mais velho de Tolstói, Serguei, tinha quarenta anos, ao passo que sua filha mais nova, Aleksandra, tinha deztoito.



Tolstói e sua irmã Mária (Macha), 1908. Apesar de Mária ter se tornado freira, Tolstói manteve com ela uma relação muito próxima. Antes de entrar para a vida religiosa, Mária passara por maus bocados e tivera uma vida infeliz: casou-se com um marido abusivo e sofreu o estigma de ter uma filha ilegítima.



Tolstói a cavalo nos arredores de Iásnaia Poliana, 1908. Desde a infância fora apaixonado pela montaria. No fim da vida, passou a considerar que até mesmo andar a cavalo era uma atividade autoindulgente, uma vez que ao seu redor havia milhares de camponeses morrendo de fome; chegou a cogitar a ideia de abandonar o lombo dos cavalos. Contudo, argumentou que seu cavalo estava velho, e continuou cavalgando.



Tolstói na inauguração da Biblioteca do Povo no vilarejo de Iásnaia Poliana, 31 de janeiro de 1910. Na juventude, ele encamponou ardorosamente a iniciativa de abrir escolas, pois inexistiam condições para que os camponeses recebessem educação formal. Essa biblioteca do vilarejo, organizada pela Sociedade Literária de Moscou, consistia de uma pequena sala com duas estantes de livros. Na fotografia, Tolstói está rodeado de alunos de sua primeira escola em Iásnaia Poliana.



Repin, Liev Tolstói descalço, 1901. Este famoso retrato de Tolstói “orando” no bosque nos arredores de Iásnaia Poliana foi exposto em uma galeria de São Petersburgo pouco depois do anúncio da excomunhão do escritor, e atraiu centenas de admiradores que instantaneamente o adornaram com flores, como se fosse um ícone popular. A fim de evitar distúrbios públicos, as autoridades decidiram retirar a pintura da exposição quando a mostra itinerante seguiu para Moscou e outras cidades nas províncias.



Tolstói e Tchertkóv em seu estúdio em Iásnaia Poliana, 1907.

BIBLIOGRAFIA DE TOLSTÓI NO BRASIL

DENISE BOTTMANN

LIEV TOLSTÓI passou a ser conhecido no Brasil nos lustros finais do século XIX, tanto em traduções francesas e portuguesas quanto em matérias e artigos culturais.[\[15\]](#)

Quanto a traduções e edições propriamente brasileiras de sua obra, a primeira, ao que tudo indica, foi *A sonata de Kreutzer*, em tradução de Visconti Coaracy, por volta de 1895. Não que a partir daí Tolstói adquirisse voo próprio nos catálogos nacionais: desde sua estreia em tradução brasileira, durante trinta e cinco anos as publicações de sua obra no Brasil serão ralas, tímidas e repetitivas. Basta dizer que, até 1930, teremos apenas cinco outros lançamentos em livro, entre eles mais três *Sonatas*!

Tal escassez, porém, não significava que não houvesse grande difusão da obra de Tolstói entre nosso público leitor. Desde o começo do século, várias editoras lusitanas, em especial a Viúva Tavares Cardoso, a Fluminense e a Guimarães, publicavam seus escritos, que chegavam ao Brasil com expressiva circulação entre nós.

A partir de 1930, devido à depressão econômica mundial e à forte desvalorização do mil-réis, tornam-se proibitivos os custos da importação livreira. Em vista disso, o setor editorial brasileiro passa a proceder a uma “substituição de importações”, com o que se tem um decisivo arranque na produção nacional de livros com traduções próprias. Desde então, consolidando-se uma indústria editorial no país, haverá, também no que concerne a nosso autor, um fluxo constante de novas traduções e edições, bem como várias reedições até a data presente.

Até os anos 1960, contavam-se nos dedos as traduções feitas diretamente do russo. A principal língua de interposição era o francês, mas encontram-se também algumas traduções a partir do inglês e do espanhol. Mesmo seu nome vinha variadamente grafado como Leão, Leon, Leo, Lev, Liev, Liév, Tolstoy, Tolstoi ou Tolstói. A partir dos anos 1960, esboça-se um maior empenho editorial em trazer à luz traduções diretas e, sobretudo nos últimos dez ou quinze anos, essa tendência vem se consolidando visivelmente. Por outro lado, diversos títulos lançados entre os anos 1940 e 1960 continuam em viçosa circulação.

A bibliografia listada abaixo, após apresentar a literal meia dúzia de publicações anteriores a 1930, está dividida por décadas e as obras estão arroladas por ordem cronológica, pelo ano da primeira edição.

PRIMÓRDIOS

- A sonata de Kreutzer*, trad. Visconti Coaracy. Rio de Janeiro: B.-L. Garnier, c.1895
A sonata a Kreutzer, trad. anônima. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1905.
A sonata a Kreutzer, trad. anônima. Rio de Janeiro: Empresa Romantica, 1909.
O que eu penso da guerra, trad. anônima. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1909.[\[16\]](#)
A sonata de Kreutzer, trad. anônima. São Paulo: Livraria Teixeira, 1913.
Amo e creado, trad. “A. F.”. Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1926.

DÉCADA DE 1930

- Anna Karenine*, trad. anôn. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, 1930 [Companhia Editora Nacional, 1930]
Sonata de Kreutzer, trad. anôn. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, c.1930
A palavra de Jesus, trad. anôn. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1931 (vide nota 2)
Resurreição, romance celebre, trad. Carlos Cintra. Rio de Janeiro: Americana, 1931 [Waissmann/Guanabara, 1935]
Khadji-Murat, trad. Georges Selzoff e Allyrio M. Wanderley. Coleção “Bibliotheca de Auctores Russos”. São Paulo: Cultura, 1931 (direto do russo)
Padre Sergio, trad. Georges Selzoff e Allyrio M. Wanderley. Coleção “Bibliotheca de Auctores Russos”. São Paulo: Cultura, 1931 (direto do russo)
Os cossacos, trad. Sérgio Azevedo. Rio de Janeiro: Livraria Marisa, 1931
Os cossacos, trad. anôn. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, 1932
O trabalho (com Timoteo Bondareff), trad. João Cabral. Rio de Janeiro: Livraria Marisa, 1934
O diabo branco (Khadji-Murat), trad. Antônio Sérgio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934
Resurreição, trad. anôn. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936

A tortura da carne, trad. anôn. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, c.1936
A escravidão moderna, trad. anôn. Coleção SIP, vol. 50. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937
Os martyres do dinheiro [Na floresta – novela (narrativa de um yunker) – 1854-1855], trad. anôn. Coleção SIP, vol. 56. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937
O canto do cisne, trad. anôn. Coleção SIP, vol. 59. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937

DÉCADA DE 1940

Duas novelas: O Príncipe Kassatsky e O diabo, trad. Caio Jardim. Rio de Janeiro: Universitária, 1940
O quinhão da mulher, impressionante relato da própria heroína, trad. João Cabral. Rio de Janeiro: Brasílica, 1940
A sonata a Kreutzer, trad. Amando Fontes. Coleção “Fogos Cruzados”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941
Guerra e paz, trad. Gustavo Nonnenberg. Coleção “Biblioteca dos Séculos”. Porto Alegre: Globo, 1942 [Tecnoprint, 1987; Ediouro, 1992; Prestígio, 2002]
Os cossacos, trad. Almir de Andrade. Coleção “Fogos Cruzados”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942
Ana Karênina, trad. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943 [Tecnoprint, 1985; Ediouro, 1992]
Ana Karenina, “tradução revista por Marques Rebelo”. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1943[\[17\]](#)
Homens e escravos, trad. Cira Neri. Coleção “As 100 Obras-Primas da Literatura Universal”. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1943 [In *Três novelas russas*, Pongetti, 1961; Edições de Ouro, 1965]
Diários íntimos (com Sofia Tolstoi), trad. Frederico dos Reis Coutinho. Rio de Janeiro: Vecchi, 1943.
Ressurreição, trad. Waldemar Cavalcanti. Coleção “Fogos Cruzados”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944
Memórias (infância, adolescência e juventude), trad. Rachel de Queiroz. Coleção “Memórias, Diários, Confissões”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944 [Global, 1983]
Polikuchka, trad. Henrique Cordeiro. Rio de Janeiro: Vitória, 1944.
Sebastopol, trad. F. J. da Silva Ramos. Coleção “Excelsior”. São Paulo: Livraria Martins, 1944
Três novelas da Rússia, com “O violinista Alberto”, “Um animal como poucos” e “Romance inacabado”, trad. anôn. São Paulo: Nosso Livro, 1944
O drama do padre Sérgio, trad. anôn. São Paulo: Nosso Livro, c.1944
“A carta extraviada” in *Os colossos do conto da velha e da nova Rússia*, trad. Frederico dos Reis Coutinho. Rio de Janeiro: Mundo Latino, 1944 [Reed. como *Os mais belos contos russos dos mais famosos autores*, Segunda Série. Rio de Janeiro: Vecchi, 1945]
“A morte de Ivan Ilitch”, trad. Marques Rebelo; “Alexis – o pote”, trad. Joracy Camargo; “Os três staretzi”, trad. Alfredo Mesquita, in *Os russos: antigos e modernos*, org. Rubem Braga. Coleção “Contos do Mundo”. Rio de Janeiro: Leitura, 1944[\[18\]](#)
Katia, trad. Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Panamericana, c.1944
Os cossacos, trad. anôn. São Paulo: Clube do Livro, 1944[\[19\]](#)
O diabo branco, “tradução revista”. São Paulo: Publicações Brasil, c.1944 [trata-se da tradução de Selzoff/Wanderley, Cultura, 1931]
A tortura da carne [De onde viria o castigo?], trad. anôn. São Paulo: A Bolsa do Livro, 1945
Senhor e servo, trad. anôn. Coleção Azul. Rio de Janeiro: Aurora, c.1946
A verdadeira vida, trad. Rossini Tavares de Lima. Coleção “Os Grandes Pensadores”. Rio de Janeiro: Vecchi, 1947
“Ivan, o imbecil” in *Três novelas russas*, trad. Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: A Noite, 1947
“Khadji-Murat” in *Três novelas russas*, “tradução revista”. Coleção “Grandes Romances Universais”. São Paulo: W. M. Jackson, 1947 [trata-se da tradução de Selzoff/ Wanderley, Cultura, 1931]
A morte de Ivan Ilitch e Amo e servidor, trad. Gulnara Lobato de Moraes. São Paulo: Saraiva, 1948 [Martin Claret,

2005]

A sonata a Kreutzer (romance), trad. Vicente Vaz. Rio de Janeiro: Miniatura, 1948

O diabo branco, trad. Boris Solomonov [pseud. de Boris Schnaiderman]. Coleção “Os maiores êxitos da tela”.

Rio de Janeiro: Vecchi, 1949 [Refundida em *Novelas russas*, Cultrix, 1963] (direto do russo)

Ressurreição, “tradução revista por Marina Salles Goulart de Andrade”. Rio de Janeiro: Cia. Brasil, s/d [anos 40]

DÉCADA DE 1950

Ana Karênina, trad. Rui Lemos de Brito. Rio de Janeiro: Lux, 1950 (direto do russo)

“As três palavras divinas”, in *Obras-Primas do Conto Universal*, trad. Almiro Rolmes e Edgard Cavalheiro. São Paulo: Livraria Martins, 1950

O pensamento vivo de Tolstói, org. Stefan Zweig, trad. Lígia Autran Rodrigues Pereira. Coleção “Biblioteca do Pensamento Vivo”. São Paulo: Livraria Martins, 1952

Senhor e servo, trad. anôn. São Paulo: Clube do Livro, 1953 (ver nota 4)

O enforcado, trad. Gália e Otto Schneider. Coleção “Novelas do Mundo”. São Paulo: Melhoramentos, 1956

Ressurreição, trad. Ilza das Neves e Heloísa Penteado. São Paulo: Livraria Martins, 1957

Guerra e paz, trad. Oscar Mendes. São Paulo: Livraria Martins, 1957 [Itatiaia, 1957 em diante]

Guerra e paz, trad. Alberto Denis. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1957 [Edigraf, 1958] (apresentada como direta do russo)

“Depois do baile”, in *Titãs do Amor*, trad. Silvia de Assis Falcão. São Paulo: El Ateneo do Brasil, 1957

“Deus vê a verdade, mas espera”, “tradução revista por T. Booker Washington”, in *Maravilhas do conto russo*. São Paulo: Cultrix, 1958[20]

“Os três anciãos” e “Depois do baile”, in *Mar de histórias*, v. 3, org. e trad. Aurélio Buarque de Hollanda e Paulo Rónai. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958 [Edições de Ouro, c.1974; Nova Fronteira, 1981; Ediouro, 1987]

Três novelas, a saber, “A felicidade conjugal”, “A morte de Ivã Ilitch” e “Sonata a Kreutzer”, trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Boa Leitura, 1959 [reed. em vários títulos e/ou volumes independentes pela Tecnoprint, Círculo do Livro, Ediouro e 34] (direto do russo)

DÉCADA DE 1960

Obra completa, trad. Natália Nunes, João Gaspar Simões, Lygia Azevedo, Oscar Mendes, Milton Amado. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960-61 [Nova Aguilar, 1976][21]

Guerra e Paz, trad. Lucinda Martins. Rio de Janeiro: Lux, 1960 [Círculo do Livro, 1974]

Antologia do Conto Russo, vol. IV (dedicado a Tolstói). Contém: “A morte de Ivan Ilitch”, trad. Ana Weinberg e Ary de Andrade [BUP, 1963]; “Manhã de um fazendeiro”, trad. Ana Weinberg e Augusto Souza Meyer; “Os cossacos”, trad. Zinaida Zilberman e Augusto Souza Meyer; “Dos apontamentos do príncipe D. Niekhlíúdob”, trad. Rebeca Elkind e Augusto Souza Meyer; “Alberto”, trad. Célio Bustamante e Augusto Souza Meyer; “O diabo”, trad. Zina Zilberman e Ouvar Davet; “Depois do baile”, trad. Tatiana Belinky [Paulinas, 1988]. Rio de Janeiro: Lux, 1962 (direto do russo)

“A tempestade de neve”, in *Contos russos*, sel. Jacob Penteado. Coleção “Primores do Conto Universal”. São Paulo: Edigraf, 1962

Polikushka, trad. Francisco Bittencourt. Coleção “Os Maiores Êxitos da Tela”. Rio de Janeiro: Vecchi, 1962
“Khadji-Murat” in *Novelas russas*, trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Cultrix, 1963 [Reed. em volume independente, Cultrix, 1985; Cosac Naify, 2009] (direto do russo)
Senhores e Servos, in *A morte de Ivan Ilitch e Senhores e Servos*, apres. Paulo Rónai, trad. Ana Weinberg e Ary de Andrade. Rio de Janeiro: BUP, 1963 (direto do russo)
“Alexis, o pote”, in *Obras-primas do conto russo*, org. Homero Silveira, não identificamos o tradutor. São Paulo: Livraria Martins, 1964
O diabo branco, “tradução especial de José Maria Machado”. São Paulo: Clube do Livro, 1969 (ver nota 5)

DÉCADA DE 1970

A manbã de um senhor, trad. João Gaspar Simões. Coleção “Biblioteca de Ouro da Literatura Universal”. Chile: Lord Cochrane/Minha, 1971 [\[22\]](#)
As estrelas da felicidade. A verdadeira felicidade, não identificamos o tradutor. São Paulo: Paulinas, 1975
Guerra e paz, trad. anôn. Coleção “Os Grandes Romances Históricos”. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978 [subsidiária da Amigos do Livro, Portugal]
Onde há amor, Deus aí está, não identificamos o tradutor. São Paulo: Paulinas, 1978

DÉCADA DE 1980

A morte de Ivan Ilitch, trad. Joaquim Campelo Marques e Manuel Borges. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981 (direto do russo)
Babine, o tolo, trad. Fernando Sabino. Coleção “Abre-te Sésamo”. Rio de Janeiro: Record, c.1983
As palavras de Jesus, trad. Paulo Silveira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1984
“A violência das leis” in *Os grandes escritos anarquistas*, org. G. Woodcock, trad. Júlia Tettamanzi e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1985.

DÉCADA DE 1990

O patinho que pescou a lua, não identificamos o tradutor. Coleção “Fábulas do Mundo Todo”. Belo Horizonte: Villa Rica, c.1990
A morte de Ivan Ilitch e outras histórias, a saber, “Senhor e servo”, “O prisioneiro do Cáucaso” e “Deus vê a verdade, mas custa a revelar”, trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Pauliceia, 1991 [L&PM, 2009; Amarilys, 2011] (direto do russo)
O Reino de Deus está em vós, trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994 [BestBolso, 2011]
Ana Karênina, trad. Mirtes Ugeda. São Paulo: Círculo do Livro, 1995 [em verdade, tradução de João Gaspar Simões com algumas alterações de superfície; Nova Cultural, 2003]
As três visitas de Deus, com “Onde está o amor, Deus está também”, “Os três eremitas” e “De que vivem os

homens”, trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995 [“Onde está o amor, Deus está também” reed. in *As obras-primas de Leon Tolstói*, Ediouro, 2000]

A aposta, trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1996 (direto do russo)

A morte de Ivan Ilitch, trad. Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997

A insubmissão, trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 1998

Calendário da sabedoria, trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999 [Reed. como *Pensamentos para uma vida feliz*, Prestígio, 2005]

DÉCADA DE 2000

O diabo e outras histórias, coord. Paulo Bezerra, com “O diabo”, trad. Beatriz Ricci; “Três mortes”, trad. Beatriz Morabito e Beatriz Ricci; “Kholstomér, a história de um cavalo”, trad. Beatriz Morabito e Maira Pinto; “Falso cupom”, trad. Beatriz Morabito; “Depois do baile”, trad. Beatriz Ricci. Coleção “Prosa do Mundo”. São Paulo: Cosac Naify, 2000 (direto do russo)

“Padre Sérgui”, in *Três gigantes da novela russa*, trad. Pedro Sérgio Lozar. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2000 (direto do russo)

“O salto”, in *Clássicos russos para jovens*, trad. Tatiana Belinky. Rio de Janeiro: Thex, 2000 (direto do russo)

Padre Sérgio, trad. Beatriz Morabito. Coleção “Prosa do Mundo”. São Paulo: Cosac Naify, 2001 (direto do russo)

Onde existe amor, Deus aí está, contendo também “Os três eremitas”, “Os dois anciãos”, “De quanta terra precisa o homem”, trad. Victor E. Selin (direto do russo), e “Trabalho, morte e enfermidade”, trad. Áurea G. T. Vasconcelos. Campinas: Verus, 2001

A morte de Ivan Ilitch, trad. Vera Karam. Porto Alegre: L&PM, 2002

O que é arte, trad. Bete Torii. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002

Sonata a Kreutzer, trad. Jorge Reis. São Paulo: Planeta DeAgostini, 2003 [licenciada da portuguesa Guimarães]

Contos da nova cartilha – Primeiro livro de leitura, trad. Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Cotia: Ateliê Editorial, 2005 (direto do russo)

Anna Kariênina, trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2005 (direto do russo)

“Uma história verdadeira” in *Contos de mistério e morte*, trad. João Armando Nicotti. Coleção “Leitura Jovem”. Porto Alegre: Leitura XXI, 2006

Histórias de Bulka, trad. Tatiana Belinky. Coleção Infante-Juvenil. São Paulo: 34, 2007 (direto do russo)

O cadáver vivo, trad. Elena Vássina e Graziela Schneider. Coleção “Grandes Dramaturgos”. São Paulo: Peixoto Neto, 2007 (direto do russo)

A felicidade conjugal / O diabo, trad. Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2008 (direto do russo)

Cristianismo e anarquismo, com “Sobre a Revolução”, “Os acontecimentos atuais na Rússia”, “Carta a Nicolau II”, “A importância de se negar ao serviço militar” e “Aos homens políticos”, trad. Railton S. Guedes. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008

“O prisioneiro do Cáucaso” in *Os melhores contos de aventura*, org. Flávio M. da Costa, trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2008 (direto do russo)

De quanta terra precisa o homem?, trad. CárcamO. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009

Fábulas, trad. Tatiana Mariz e Ana Sofia Mariz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009

DÉCADA DE 2010

- Ressurreição*, trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2010 (direto do russo)
- A insubmissão e outros escritos*, contendo também “Aos políticos” e “Sobre a Revolução”, trad. Plínio Augusto Coelho. Cotia: Ateliê Editorial, 2010
- Nota falsa*, trad. Tatiana Zabanova. Curitiba: Arte & Letra, 2010 (direto do russo)
- Guerra e paz*, trad. Rubens Figueiredo. São Paulo, Cosac Naify, 2011 (direto do russo)
- Os últimos dias de Tolstói*, org. Jay Parini, trad. Anastassia Bytsenko. São Paulo: Penguin/Companhia, 2011
- Patriotismo e governo: e outros escritos*, trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário : Expressão & Arte, 2011
- Contos de Sebastopol*, trad. Sonia Branco. São Paulo: Hedra, 2011 (direto do russo)
- Minha religião*, trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: A Girafa, 2011
- “Depois do baile” in *Nova antologia do conto russo (1792-1998)*, org. Bruno B. Gomide, trad. Graziela Schneider. Coleção “Leste”. São Paulo: 34, 2011 (direto do russo)
- Os cossacos*, trad. Sonia Branco. São Paulo: Iluminuras, 2012 [Livros da Matriz, 2012] (direto do russo)
- Os cossacos*, trad. Klara Gourianova. São Paulo: Amarilys, 2012 (direto do russo)
- Infância, adolescência, juventude*, trad. Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2013 (direto do russo)

CRÉDITOS DAS IMAGENS

(por ordem de aparição)

Museu Russo, São Petersburgo/The Bridgeman Art Library; Galeria Trétiakov, Moscou/The Bridgeman Art Library; Leah Bendavid-Val, *Song Without Words: The Photographs and Diaries of Countess Sophia Tolstoy*, Washington, 2007; M. Loginova et al., *L. N. Tolstoi: Dokumenty. Rukopisi. Fotografii*, Moscou, 1995; S. M. Tolstói, *Tolstoi i Tolstye. Ocherki iz istorii roda*, Moscou, 1990. L. N. Tolstói, *Polnoe sobranie sochinenii*, ed. V. G. Tchertkóv, 90 vols., Moscou, 1928-1958, vol. 20: 4, vol. 22; S. M. Tolstói, *Tolstoi i Tolstye. Ocherki iz istorii roda*, Moscou, 1990; P. N. Krasnov e L. M. Vol'f (eds.), *Gr. Lev Tolstoi: velikii pisatel' zemli russkoi v portretakh, grayurakh, zhivopisi, skul'pture, karikaturakh i t d*, Moscou, 1903; Yuiry Bitovt, *Graf L. N. Tolstoi v karrikaturakh i anekdotakh*, Moscou, 1908.

- [1]. Povo turcomano que habita algumas regiões da Rússia. (N. do T.)
- [2]. A *samizdat* era uma prática russa de difusão e publicação de ideias de matiz político, subversivo e revolucionário, na forma de material impresso copiado, que passava de mão em mão, fugindo assim à censura. (N. do T.)
- [3]. Em russo, “lutadores do espírito”. (N. do T.)
- [4]. Conjunto de três cavalos atrelados a um trenó ou a uma carruagem; a forma aportuguesada é troica. (N. do T.)
- [5]. 9 de setembro, pelo calendário atual. (N. do T.)
- [6]. Do russo *boyárin*, senhor feudal da aristocracia da Rússia e dos países eslavos cujo título, na hierarquia nobiliárquica, era inferior apenas ao dos príncipes reinantes. (N. do T.)
- [7]. Antiga festa religiosa eslava celebrada durante a última semana antes da Grande Quaresma — a sétima semana antes da Páscoa — e que marca a despedida do inverno e a esperança do calor e da renovação primaveril da natureza. (N. do T.)
- [8]. O elemento essencial da Maslenitsa são as bliny, panquecas russas que popularmente simbolizam o sol. Redondas e douradas, são feitas a partir de alimentos ricos permitidos durante essa semana pela tradição ortodoxa: manteiga, ovos e leite. (N. do T.)
- [9]. A *kasha* é um mingau de cereais cozidos na água ou no leite. (N. do T.)
- [10]. Cf. Romanos 9:29 “E como antes disse Isaías: Se o Senhor dos Exércitos nos não deixara descendência/ Teríamos nos tornado como Sodoma, e teríamos sido feitos como Gomorra”. (N. do T.)
- [11]. “Vila do tsar”, antiga residência da família imperial russa. (N. do T.)
- [12]. Pedro 2:22: “Deste modo sobreveio-lhes o que por um verdadeiro provérbio se diz: O cão voltou ao seu próprio vômito, e a porca lavada ao espojadouro de lama”. (N. do T.)
- [13]. Clássicos de grande sucesso na história das bicicletas, as *penny farthing* (como são conhecidas pelos ingleses) ou *grand bi* (como são conhecidas pelos franceses) são modelos de velocípedes cuja característica é o sistema de tração movido a pedal, que é fixo na roda dianteira — portanto, sem correntes. (N. do T.)
- [14]. Vestido longo sem mangas, de corte reto e sem cintura marcada. (N. do T.)
- [15]. Para um bom panorama da recepção e presença de Tolstói no Brasil, ver Bruno Barretto Gomide, *Da estepe à caatinga – O romance russo no Brasil (1887-1936)*. São Paulo: Edusp, 2012.
- [16]. A editora H. Antunes costumava publicar traduções portuguesas, sem dar as referências. Não é impossível que seja este o caso.
- [17]. A Irmãos Pongetti, nos anos 1940, recorreu com alguma frequência ao uso não autorizado de traduções publicadas por outras editoras, procedendo a algumas pequenas modificações nas páginas iniciais.
- [18]. Essa antologia passou para o catálogo da Tecnoprint/Ediouro nos anos 1960, sendo reeditada com títulos variados, e atualmente como *Contos russos: os clássicos*. “A morte de Ivan Ilitch” tem sido reeditada como volume independente pela Tecnoprint/Ediouro desde 1963 [Biblioteca Folha, 1998].
- [19]. As traduções publicadas pelo Clube do Livro eram, em sua maioria, tomadas a outras editoras, republicadas sem menção ao tradutor ou, muitas vezes, apresentadas como “tradução especial de José Maria Machado”.
- [20]. A Cultrix, em sua coleção de *Maravilhas do conto universal*, também tinha o costume de utilizar traduções publicadas por outras editoras sem créditos nem licença de uso. Na maioria dos casos, eram traduções de origem portuguesa.
- [21]. Natália Nunes e João Gaspar Simões são tradutores portugueses, os demais brasileiros. *Ressurreição* (NN) saiu pela Bruguera, Coleção “Livro Amigo”, c.1968; *Ana Karênina* (JGS), pela Abril Cultural em 1971, 1979 e 1982; pelo Círculo do Livro em 1973, 1987 e 1994; *Guerra e Paz* (JGS), pela L&PM em 2007.
- [22]. Mesmo sendo tradução portuguesa, cabe sua inclusão por ser uma edição especificamente destinada ao público brasileiro (reed. até 1988).